UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PERFORMANCES CULTURAIS

Giovanna Adriana Tavares Gomes

ENLAÇOS, CONFLITOS E PERFORMANCES NA ILHA GRANDE – RJ À LUZ DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Goiânia – GO
2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

[ ] Dissertação [x] Tese [ ] Outro*:_____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Giovanna Adriana Tavares Gomes

3. Título do trabalho

ENLAÇOS, CONFLITOS E PERFORMANCES NA ILHA GRANDE-RJ À LUZ DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:
a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.
Casos de embargo:
- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Vania Dolores Estevam De Oliveira**, **Usuário Externo**, em 17/03/2025, às 11:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Giovanna Adriana Tavares Gomes**, **Discente**, em 20/03/2025, às 15:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5237233** e o código CRC **6E351244**.

Giovanna Adriana Tavares Gomes

ENLAÇOS, CONFLITOS E PERFORMANCES NA ILHA GRANDE – RJ À LUZ DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Doutora em Performances Culturais.

Área de Concentração: Performances Culturais
Linha de pesquisa: Espaços, Materialidades e Teatralidades.

Orientadora: Dra. Vânia Dolores Estevam de Oliveira Coorientadora: Dra. Maria do Carmo Galiazzi

Goiânia
2025

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Gomes, Giovanna Adriana Tavares
ENLAÇOS, CONFLITOS E PERFORMANCES NA ILHA GRANDE – RJ À LUZ DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA [manuscrito] / Giovanna Adriana Tavares Gomes. - 2025.
CCCXXXIV, 334 f.

Orientador: Profa. Dra. Vânia Dolores Estevam de Oliveira; co orientadora Dra. Maria do Carmo Galiazzi.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, Goiânia, 2025.
Bibliografia. Apêndice.
Inclui siglas, lista de figuras.

1. Ilha Grande/RJ. . 2. Drama Social. . 3. Performances Culturais.. 4. Conflitos sociais. . 5. Turismo.. I. Oliveira, Vânia Dolores Estevam de , orient. II. Título.

CDU 316

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E INOVAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº 01 da sessão de Defesa de Tese de Giovanna Adriana Tavares Gomes, que confere o título de Doutora em Performances Culturais, na área de concentração em Performances Culturais.

Aos quatorze dias do mês de março do ano de dois mil e vinte e cinco, a partir das quatorze horas, por meio de webconferência, realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada: Enlaços, conflitos e performances na Ilha Grande - RJ: Comunidade da Terra e Nova Comunidade: 1994-2022. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora Vânia Dolores Estevam de Oliveira (UFG), com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora Juliana Medaglia Silveira (UFPR), membro titular externo, Professora Doutora Teresa Cristina de Miranda Mendonça (UFRRJ), membro titular externo; Professora Doutora Nádia Maria Weber Santos (PPGPC/UFG), membro titular interno; Professora Doutora Maria Meire de Carvalho Ferreira (UFG), membro titular externo; e da coorientadora, Professora Doutora Maria do Carmo Galiazzi - FURG, cuja participações ocorreram por meio de videoconferência. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão reservada a fim de concluir o julgamento da Tese, tendo sido a candidata aprovada pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora Vânia Dolores Estevam de Oliveira, Presidenta da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA

ENLAÇOS, CONFLITOS E PERFORMANCES NA ILHA GRANDE-RJ À LUZ DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Documento assinado eletronicamente por **Maria Meire De Carvalho Ferreira**, **Professora do Magistério Superior**, em 27/03/2025, às 13:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Juliana Medaglia Silveira**, **Usuário Externo**, em 31/03/2025, às 11:14, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Teresa Cristina de Miranda Mendonça**, **Usuário Externo**, em 31/03/2025, às 16:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Maria do Carmo Galiazzi**, **Usuário Externo**, em 01/04/2025, às 20:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **NÁDIA MARIA WEBER SANTOS**, **Usuário Externo**, em 01/04/2025, às 20:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

Documento assinado eletronicamente por **Vania Dolores Estevam De Oliveira**, **Usuário Externo**, em 09/04/2025, às 14:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020 .

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5263872** e o código CRC **09432FF2**.

Referência: Processo nº 23070.013794/2025-18 SEI nº 5263872

Dedico esta tese aos incansáveis trabalhadores da Ilha Grande, que vivem em uma eterna "segunda feira", na busca da sua sobrevivência no "paraíso".

“Quem olha para fora sonha,
quem olha para dentro desperta.”
(Carl Jung)

RESUMO

Situada em Angra dos Reis-RJ, Ilha Grande é palco de diversas performances cotidianas que constantemente ressignificam suas culturas e experiências, construindo sua identidade local sob influência de suas comunidades, da Terra e Nova Comunidade. Além de suas dinâmicas, intrínsecas ao cotidiano, a atividade turística se instalou em meio aos processos produtivos, transformando o território que por diversas outras fases abrigou um sistema de quarentena e penintenciário, finalizando em1994. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo compreender os processos das mudanças nas relações sociais, por meio de observações a partir de categorias analíticas das performances, conflitos de interesse, discursos das comunidades (da Terra e Nova Comunidade) no que se refere à ressignificação dos territórios sociais e identidades culturais desde a implosão do presídio, em 1994, e início da prática da atividade comercial turística. Para tanto, utiliza-se como aporte metodológico a Análise Textual Discursiva a fim de compreender os fenômenos sociais ali instaurados. Para esta análise, elegeu-se quatro comunidades que possuem núcleos de convívio específicos, interagindo com o território à própria luz dos seus desdobramentos. Os fenômenos são observados a partir das teorias de *Drama Social* de Victor Turner (1974), o qual perpassa a crise, ampliação da crise, regeneração e, por fim, rearranjo ou cisão.

Palavras-Chave: Ilha Grande/RJ. Drama Social. Performances Culturais. Conflitos sociais. Turismo.

ABSTRACT

Located in Angra dos Reis-RJ, Ilha Grande is stage for several daily performances that constantly resignify its cultures and experiences, building a local identity under the influence of its communities, called “Terra” and New community in this research. Furthermore, not only is tourism on the island intrinsic to its daily life, it also settled there in the midst of production processes, transforming the territory that, for several other phases, housed a quarantine and penitentiary system that ended in 1994. In this sense, this work aims to understand the processes of changes in social relations, established analytically, through observations based on analytical categories of performances, conflicts of interest, and discourses of the communities (Terra and New community) regarding the resignification of social territories and cultural identities since the implosion of the prison in 1994 and the beginning of the practice of commercial tourism activity. To this end, Discursive Textual Analysis is used as a methodological support in order to understand the social phenomena established there. For this analysis, 4 (four) communities were chosen that have specific coexistence centers, interacting with the territory in light of its own developments. The phenomena are observed based on Victor Turner's Social Drama theories (1974), which encompasses crisis, expansion of the crisis, regeneration and, finally, rearrangement or split.

Keywords: Ilha Grande-RJ. Social Drama. Cultural Performances. Social conflicts. Tourism.

.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Chegada a Vila do Abraão....16
Figura 2 – Ilha Grande/RJ....33
Figura 3 – Pavilhões destinados aos passageiros de 3ª classe no Lazareto da IG ...36
Figura 4 – Vila do Abraão....43
Figura 5 – Bananal....47
Figura 6 – Dois Rios....50
Figura 7 – Igreja da Assembleia de Deus....52
Figura 8 – Provetá....55
Figura 9 – As ruas de Abraão....56
Figura 10 – Geraldo e Sônia no cantinho dedicado à memória de Yumi....58
Figura 11 – Pousada Casa Nova....59
Figura 12 – Festival de Cultura Japonesa da Ilha Grande....61
Figura 13 – Pousada do Preto na Enseada do Bananal....62
Figura 14 – Dois Rios....64
Figura 15 – Montagem fotografias da exposição “Caldeirão do Diabo”....65
Figura 16 – Artesanato com materiais recicláveis produzido pela Marina....66
Figura 17 – Criança brincando na praia....71
Figura 18 – Visitas técnicas na IG....78
Figura 19 – Pesquisadora imersa na pesquisa....89
Figura 20 – Implosão do presídio, 1994....96
Figura 21 – Tenente Loretti....128
Figura 22 – Pousada-Hotel Angra dos Reis, Ilha Grande, no Rio de Janeiro....129
Figura 23 – Guest House Nossa Casa, propriedade do cartunista Ziraldo....146
Figura 24 – Compilado das Igrejas de IG....147
Figura 25 – Igreja São Sebastião, Vila do Abraão....148
Figura 26 – Placas divulgando aluguel por temporada....149
Figura 27 – Observando a IG e flanando pelas ruas, 2024....150
Figura 28 – Vista do presídio....152
Figura 29 – Placa de inauguração do Ecomuseu e vista....156
Figura 30 – Os pescadores de Provetá....168
Figura 31 – Grafites pela IG....180
Figura 32 – Temas-chave que surgiram no discurso dos entrevistados....186
Figura 33 – Visitas técnicas à IG....189
Figura 34 – Postagem sobre Provetá....190
Figura 35 – Postagem do portal em Vila do Abraão....190
Figura 36 – Nuvem de palavras....193
Figura 37 – Montagem de fotografias da última viagem de campo....201
Figura 38 – Bandeira feita à mão por mulheres caiçaras....204
Figura 39 – Carreteiro ao lado dos carrinhos da Vila do Abraão (à esquerda)
Marinheiro caiçara navegando da baía à Ilha Grande (à direita)....206

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
AD	Análise do Discurso
ANS	Agência Nacional de Saúde
APA	Área de Proteção Ambiental
ATD	Análise Textual Discursiva
C.A.T.	Centro de Atendimento ao Turista
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CNS	Conselho Nacional de Saúde
Conep	Comissão Nacional de Ética em Pesquisa
IG	Ilha Grande
PEA	Projeto de Educação Ambiental
PEIG	Parque Estadual da Ilha Grande
RJ	Rio de Janeiro
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UC	Unidade de Conservação
UERJ	Universidade Estadual do Rio de Janeiro
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 15
2 ILHA GRANDE: TERRITÓRIO E COMUNIDADES 33
2.1 VILA DO ABRAÃO 42
2.2 BANANAL 44
2.3 DOIS RIOS 48
2.4 PROVETÁ 51
2.5 VILA DO ABRAÃO, TERRITÓRIO DE NINGUÉM 55
2.6 BANANAL: UMA COMUNIDADE ABAFADA PELO PODER ECONÔMICO 57
2.7 DOIS RIOS 63
2.8 PROVETÁ: UMA COMUNIDADE DOMINADA PELA RELIGIÃO 70
2.9 AS PRAIAS E SUAS TRANSFORMAÇÕES 73
3 ILHA GRANDE À LUZ DAS PERFORMANCES CULTURAIS 75
3.1 ILHA GRANDE, HISTÓRIA E MEMÓRIA 90
3.2 TURISMO E IDENTIDADES CONSTRUÍDAS 98
3.3 AS TRANSFORMAÇÕES DO COTIDIANO DA ILHA GRANDE 110
4 RELATOS, ENLAÇOS E OLHARES SOBRE A ILHA GRANDE NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA 117
4.1 METATEXTO 1 – CRISE 123
4.2 METATEXTO 2 – AMPLIAÇÃO DA CRISE 135
4.3 METATEXTO 3 – REGENERAÇÃO 151
4.4 METATEXTO 4 – REARRANJO 161
4.5 METATEXTO 5 – CISÃO 174
4.6 METATEXTO INTEGRALIZADOR 183
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 195
REFERÊNCIAS 208
APÊNDICES 223

1 INTRODUÇÃO

Nas reuniões familiares, meu avô materno[1], João Tavares, sempre comentou e contou histórias da Ilha Grande e do presídio com grande fascínio. Esses momentos ficaram guardados nas minhas memórias, até que um dia, participando de um evento de operadoras de viagens, em São Paulo, deparei-me com um cartaz que anunciava um evento, 4º Encontro de Agentes de Viagens, na Ilha Grande/2006. Logo fiquei atônita e empolgada ao mesmo tempo e tratei de me informar para poder participar. Eu tinha enorme curiosidade de conhecer, por conta dos relatos do meu avô.

Na época, a internet não era acessível e não tive disponíveis imagens e informações prévias sobre o destino, a não ser a foto do cartaz de divulgação do evento. Na ocasião, fui de avião até o Rio de Janeiro, e lá um receptivo nos buscou no aeroporto. Recordo-me perfeitamente das palavras do guia que nos acompanhou no trajeto entre o aeroporto e Angra dos Reis: “sentem-se à direita os que querem vislumbrar montanhas e à esquerda os que querem ver o mar” – ele falava isso de forma vibrante, o que certamente me contagiou.

Escolhi o lado esquerdo e fui me deleitando, no caminho, com a paisagem exuberante que a região da Costa Verde nos proporciona. Ao chegar a Angra dos Reis, ficamos aguardando um barco no cais dos pescadores para que ele nos levasse até a Ilha. O barco demorou, e nossa travessia foi realizada à noite e com muita chuva. Nunca senti tanto medo na vida. Afinal, o barco balançava muito, e a fúria do mar fazia com que ficássemos muito molhados.

Após a tempestade, ao chegar próximo à Ilha, o marinheiro fez o anúncio. Porém, não havia iluminação e, quando nos aproximávamos, comecei a perceber tochas e pessoas com vestimentas típicas de uma festa havaiana. Fiquei impressionada com aquilo e, ao mesmo tempo, com medo de o barco virar. Desci na Ilha Grande, especificamente na Vila do Abraão

[1] Meu avô materno, João Tavares, sergipano, que ao se tornar adulto foi jogar no time profissional do Botafogo e depois desenvolveu habilidades e competências e começou a trabalhar como mestre de obras, exerceu seu ofício em barragens, como a Usina de Cachoeira Dourada (divisa de Goiás com Minas Gerais), Sobradinho (barragem localizada no rio São Francisco, no Estado da Bahia) e Furnas (localizada no curso médio do rio Grande, em Minas Gerais, no trecho denominado "Corredeiras das Furnas"). Boto, como era conhecido, tinha verdadeiro fascínio pela Ilha Grande e contava diversas histórias sobre inúmeros acontecimentos.

(Figura 1). Fui para a pousada e, logo depois, para o evento. Naquela noite, eu praticamente não dormi de tanta emoção. Afinal, estava em uma ilha, onde funcionou um presídio.

Na manhã seguinte, acordei com o silêncio local e, ao fundo, um canto de pássaros. Lembro-me de a dona da pousada (Pedacinho do Céu) exaltar o fato de estarmos tomando café e apreciando o pico do Papagaio (uma montanha com 990 metros de altitude e que tem o formato de um bico de papagaio). Ao sair para explorar o lugar, deparei-me com um vilarejo muito simpático, cheio de cor, e me senti em casa. A sensação era de que eu já tinha estado por ali, como um *déjà vu*.

Naqueles quatro dias, fartei-me com tanta exuberância, natureza, hospitalidade, simplicidade e energia do local. Tudo tão familiar, tão peculiar aos meus olhos, atentos a tudo e a todos. A comunidade de Abraão me envolveu de tal maneira que tive dificuldades emocionais. Na hora da partida, não queria voltar para minha realidade. O contato com a natureza e as pessoas, com seu modo de vida tranquilo e acolhedor, mexeram muito com meus sentimentos. O fato é que andei pelas ruas e recantos a observar o cotidiano da Ilha Grande (Abraão): ruínas, sua gente e – é claro! – a praia e o mar.

Figura 1 – Chegada a Vila do Abraão

Fonte: A autora, 2021.

Nada do que havia idealizado se comparava à tamanha beleza e simplicidade do local. Sem dúvida, foi marcante minha primeira passagem pela IG, por vários aspectos, principalmente pela identificação imediata com o local. A partir dessa primeira visita, fiquei articulando uma forma de voltar. Então, tive a ideia de desenvolver trabalhos pedagógicos com meus alunos dos cursos de Turismo, Hotelaria e Eventos.

Foram inúmeras incursões ao longo desses anos com o propósito de pesquisar a oferta turística da Vila do Abraão. Ressignifiquei o que havia idealizado e agora, realmente, tinha uma imagem real, a partir das minhas impressões e experiências como viajante. Por meio da sinergia que tive e tenho com a IG, voltei inúmeras vezes e comecei a explorar o lugar com mais tranquilidade e tempo.

As fotografias do passado e do presente, bem como minhas próprias experiências vivenciadas na IG, se entrelaçam ao longo da pesquisa; as observações, leituras e diálogos mantidos com a comunidade e suas histórias vividas e imaginadas perpassam toda a tese. A pesquisa começou antes mesmo do doutorado, com viagens como turismóloga, acompanhando grupos de turistas, com caderno de campo e as observações das memórias relatadas por meu avô. Desde 2006 vou à IG com o olhar de pesquisadora, com um gravador em mãos, com um roteiro de entrevista; não como turista, nem turismóloga, mas como observadora das performances.

As relações entre sociedade e natureza têm sido estudadas e observadas a partir da contemporaneidade e de seus fenômenos, no que envolve comunidades, conflitos, cidadania e justiça, entre outros elementos. Uma ilha é como uma aldeia, onde todos estão interligados, sendo suas comunidades (da Terra e Nova Comunidade)[2] protagonistas desses processos de performances cotidianas, promovendo ressignificações culturais e

[2] Para esta tese, considera-se como Nova Comunidade (NC) os moradores da Ilha Grande que não são nascidos no local; e para Comunidade da Terra (CT) os moradores nascidos e criados no território, os caiçaras. Os conceitos de Nova Comunidade e Comunidade da Terra são apresentados no decorrer da tese e utilizados para evidenciar as diferenças entre esses dois grupos. Os conceitos foram cunhados por mim em uma tentativa de deixar explícitas as diferenças entre os grupos que já habitavam a Ilha anteriormente e grupos mais recentes. Esses termos já estão presentes na minha dissertação, desenvolvida em 2010. GOMES, Giovanna Adriana Tavares. **Conflito de interesse e participação no desenvolvimento do turismo de base local de Pirenópolis e Cidade de Goiás.** 2010. 249 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2010.

experiências continuadas, muitas vezes vistos como um grupo coeso e com uma identidade homogênea. Antes de se tornarem objeto de desejo dos “investidores” do turismo e dos turistas, as Ilhas foram utilizadas pelos governos, em alguns casos, como fortes, fortalezas, presídios comuns e políticos, bases militares, leprosários e hospitais psiquiátricos, assumindo diversas identidades ao longo dos anos.

O Brasil se encontra em processo de crescimento da atividade do turismo, no que diz respeito a “exploração” de ilhas como atrativo turístico (Mendonça, 2008). Diante desse cenário, o objeto de estudo desta tese é a Ilha Grande (que também será aqui denominada de IG) e quatro de suas comunidades, com seus conflitos e performances, desde a desativação do presídio em 1994 e o crescimento da atividade turística.

A Ilha Grande está situada no Estado do Rio de Janeiro (RJ); é um distrito de Angra dos Reis, e dá nome à baía da Ilha Grande, da qual também fazem parte os municípios de Mangaratiba, Paraty e Angra. O território apresenta significativa relevância ambiental e, portanto, possui diversas unidades de conservação, como a área de proteção ambiental de Tamoios, o Parque Estadual da Ilha Grande e a Reserva Biológica Estadual da Praia do Sul, cujo acesso somente é permitido a pesquisadores e pessoas autorizadas pelo Instituto Estadual do Ambiente (Inea). A história da Ilha Grande começou a ser contada após sua colonização, em 1502, e desde então passou por diversas fases nestes 520 anos.

A partir da desativação do presídio – Instituto Penal Cândido Mendes (IPCM) – e da implosão de parte de suas edificações, em 1994, o turismo começou a ter maior representatividade para o local, e os conflitos socioambientais começaram a fazer parte do cotidiano dessas comunidades por conta das unidades de conservação, legislação ambiental e mecanismos de controle.

A Ilha Grande possui 18 núcleos sociais, sendo que, para esta tese, priorizaram-se quatro dessas comunidades: Abraão, Bananal, Dois Rios e Provetá. Minha escolha como pesquisadora se deu em função das culturas, diversidades, modos de vida e consequente organização social desses territórios, bem como da necessidade de fazer um recorte, tendo em vista que são muitas comunidades e não seria possível (por uma questão de tempo e

acessibilidade) abordar todas. Dessa forma, essas foram as escolhidas por serem as que mais têm atividade turística (Abraão) e a que era a sede do presídio (Dois Rios), por exemplo.

Essas quatro comunidades se destacam ainda pelas transformações territoriais ao longo do último século, devido aos eventos que os marcaram e que serão apresentados no decorrer da tese. São variados os eventos que marcaram a história da IG, desde o período da colonização, como abrigo de navegantes e piratas, com o cultivo de cana e café e centro de triagem de tráfico de escravos. Porém, os fatos que interessam nesta tese são sobretudo o da demolição do presídio e o fechamento das fábricas de sardinha, pois estes são os mais comentados nas entrevistas e que se manifestam nas falas presentes, principalmente nos metatextos “Crise” e “Ampliação da crise”, presentes nas seção 4.

Abraão foi escolhida por ser onde se concentra o maior fluxo de pessoas, e há muitas transformações ocorridas na arquitetura (aumento do número de casas e construções) da comunidade, aonde chegam os principais barcos e muitos turistas estrangeiros. É onde está a maior concentração de pessoas, sobretudo após o fechamento do presídio; é considerada a capital da Ilha Grande e possui um comércio diversificado.

Já Bananal foi escolhida pela particularidade de ser uma comunidade de descendentes de japoneses, onde estavam localizadas as antigas fábricas de sardinha. Hoje conta com pousadas que inclusive trazem símbolos japoneses em suas fachadas. O poder econômico de imigrantes japoneses e descendentes aparece nas entrevistas de caiçaras de maneira crítica, revelando que a comunidade foi “expulsa” para o morro.

Dois Rios foi escolhida pela representatividade do presídio, que funcionou por um século e que era a base da economia local. Tudo girava em torno disso, inclusive aparece nas entrevistas um saudosismo do presídio[3] e de tudo que foi construído (estradas, por exemplo), para servir de acesso a ele. Hoje restam as ruínas dessas construções (além disso, a vila é um registro do período do presídio).

Provetá é uma comunidade evangélica, mais especificamente da

[3] É importante esclarecer que esse saudosismo não é do prédio em si, da época do presídio ou de estar preso, mas sim da ideia em torno do que representava o presídio: emprego.

Assembleia de Deus, que vive de uma maneira diferente das outras. A presença do discurso religioso evangélico é marcante; as atividades ainda se baseiam em comércio local de pesca artesanal. Está voltada para o mar aberto, o que dificulta o acesso geográfico. Das comunidades escolhidas, é a única que não tem nenhuma igreja católica, o que é uma particularidade que influenciou na escolha.

Neste início, aproveito para fazer um breve descritivo desses grupos sociais, evidenciando algumas particularidades. Inicialmente, o recorte de pesquisa contava com 16 comunidades, porém, pensando a viabilidade e considerando a qualidade das entrevistas, análises e sínteses, foi feito um recorte para quatro comunidades.

A comunidade que habita a Vila do Abraão é a maior de todas na Ilha Grande, sendo a principal porta de entrada do turismo, assumindo o papel de "capital econômica" da IG. Já Bananal se caracteriza como uma comunidade de pescadores, com influência japonesa, cuja economia é alicerçada no turismo, transporte marítimo, pesca e serviço público.

A Vila de Dois Rios está localizada onde funcionou o presídio Colônia Penal de Dois Rios e hoje abriga a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que implementou no local um Centro de Estudos Ambientais de Desenvolvimento Sustentável e o Ecomuseu; há uma comunidade remanescente do presídio. Já a Vila de Provetá está habitada basicamente por pescadores, famílias de evangélicos e membros da igreja Assembleia de Deus.

Nessas áreas convivem diferentes grupos, como a Comunidade da Terra/caiçaras e a Nova Comunidade, as quais passaram a conviver no mesmo local. Essa experiência de convívio social tem influenciado as expressões culturais da Comunidade da Terra, reconfigurando e ressignificando o presente, levando muitas vezes ao rompimento com tradições passadas.

Para uma compreensão prévia sobre as comunidades estudadas, utilizo-me dos seguintes termos: Comunidade da Terra e Nova Comunidade, os quais emprego em minhas pesquisas desde a dissertação. A Comunidade da Terra se caracteriza por moradores caiçaras – a comunidade autóctone – e seus descendentes. A Nova Comunidade é considerada desde a chegada de indivíduos que transferiram sua residência para a Ilha Grande. Estes

trouxeram novas práticas ao cotidiano e estabeleceram novas relações com o território.

Sendo o turismo uma atividade própria de consumo – que combina ações públicas e privadas, com a exigência de grandes investimentos financeiros e tecnológicos, no fornecimento de bens e serviços aos turistas –, ele necessita de modelos de gestão e planejamento assentes nos princípios de base comunitária que fomentem a atividade. Desse modo, turistas e comunidades (da Terra e Nova Comunidade) podem conviver em harmonia e conseguir seu sustento de forma sustentável – ou seja, uma alternativa de renda que proporcione a valorização da cultura e da integração da nova geração ao modo de vida local.

Nessa convivência, o turismo ganha seu espaço enquanto atividade econômica e social, atraindo novos investimentos, moradores e, consequentemente, perturbações. Esses conflitos se baseiam em interesses econômicos, políticos, ambientais, pessoais e ideológicos. Para muitos, prevalece o interesse econômico de exploração do lugar (Nova Comunidade); e, para outros, o mais importante é o sentimento de pertencimento ao patrimônio (Comunidade da Terra/caiçaras/autóctones).

O turismo produz importantes efeitos na sociedade: econômicos (aumento da renda da comunidade, novos investimentos, carestia dos preços), sociais (novas relações sociais entre a Comunidade da Terra e Nova Comunidade, mas também desgaste psicológico, migração), ambientais (exploração dos atrativos naturais, depredação *versus* a ideia de preservação), políticos (disputa de poder, conflitos de interesse) e culturais (modificação nos costumes, tradições locais, sentimento de proteção da comunidade para com seu patrimônio). Isso traz não só benefícios para a comunidade local, mas também danos, principalmente quando essa atividade é desenvolvida de forma desordenada e sem planejamento adequado.

Normalmente o desenvolvimento do turismo se manifesta, em um primeiro momento, numa exploração exacerbada da localidade, sem preocupação com a Comunidade da Terra, com seu território, meio ambiente e cultura. Cada comunidade recebe essa interferência de uma forma diferente, sendo o tempo de adaptação relativo. É fundamentado nisso que nasceu o título da tese, pensando nas identidades construídas nas entrevistas, ora

se contrapondo à historiografia, ora não, permeadas por mudanças e permanências nas comunidades, nas características que são próprias de cada uma e que também as constituem como um todo. Identidades múltiplas que estão perpassadas pelo turismo enquanto atividade econômica e cultural.

A perspectiva inicial deste trabalho surgiu devido às memórias de minha infância, quando meu avô materno falava com certo arrebatamento da Ilha Grande e seus presídios; além de minhas recorrentes visitas, acompanhando expedições pedagógicas como professora universitária de cursos de Turismo, Hotelaria, Eventos e Gastronomia, desde 2006. O contato com a comunidade aguçou minhas percepções e impressões no que se refere aos conflitos; e, desde então, essas experiências e observações ampliaram meu interesse em pesquisar, de forma mais aprofundada, a cultura local, os conflitos, os dramas e seus desdobramentos, a contar do fechamento do presídio e início da atividade turística.

Com a aprovação no programa de doutorado das Performances Culturais, deparei-me com teorias, leituras e categorias de análises que muito me instigaram no que diz respeito às sensibilidades, perspectivas culturais e o imaginário que envolve as comunidades de Ilha Grande, extrapolando minha formação inicial e meu campo de atuação.

As leituras acadêmicas sobre performances (Carlson, 2009; Oliveira, 2018; Petronilio, 2015), cultura (Geertz, 1978; Pesavento, 2007), turismo, *Drama Social* e *communitas* (Turner, 1974,1999) e análise textual discursiva (Moraes; Galiazzi, 2016), dentre outras, me possibilitaram perceber a fonte de pesquisa com novos olhares.

Nesse sentido, busquei compreender as relações sociais estabelecidas de forma analítica por meio das teorias das performances, vivenciadas com a Nova Comunidade a datar do fim do período do presídio, em 1994[4], e a ampliação da prática da atividade turística nas seguintes comunidades da Ilha Grande: Abraão, Bananal, Dois Rios e Provetá.

Neste sentido, a problemática da pesquisa gira em torno da questão: como se dá a relação dos sujeitos entrevistados, considerando como marco inicial a desativação do presídio e o crescimento da atividade turística na Ilha?

[4] O presídio Cândido Mendes, na praia de Dois Rios, funcionou até 1994, quando os prédios foram implodidos no governo de Leonel Brizola.

De forma processual, os passos para compreender as performances dessas comunidades e da construção simbólica da história de IG foram delineados para analisar, diante do contato de antigas e novas narrativas, o choque entre culturas, bem como a desigualdade econômica e de interesses de exploração que se estabelecem nas comunidades; suas relações; e os conflitos vivenciados, além de perceber como se deu a mudança de uma comunidade que vivia em função do presídio e que precisou mudar para um comércio focado no turismo.

O objetivo geral desta tese é compreender os processos das mudanças nas relações sociais estabelecidas, de forma analítica, por meio de observações, trazendo um paralelo entre o discurso da NC e o da CT a partir das categorias de análise turneana. Para tanto, emprego as categorias analíticas das performances, dos conflitos de interesse e dos discursos das comunidades (da Terra e Nova Comunidade) no que se refere à ressignificação dos territórios sociais e identidades culturais pela implosão do presídio em 1994 e ampliação da prática da atividade comercial turística.

Os objetivos específicos pretendem: 1) discutir a forma como alguns elementos culturais foram ressignificados por meio do convívio social dessas comunidades e do desenvolvimento da atividade turística na Ilha, após o fim dos presídios; 2) analisar as Performances Culturais e suas implicações nas relações sociais dessas comunidades, considerando a atividade mercantil do turismo na IG; além disso, refletir sobre o modo de vida e os conflitos entre Nova Comunidade e Comunidade da Terra sob o olhar das teorias e categorias de análise das Performances Culturais, como os conceitos de *drama social* (seção 4), pensadas a partir da construção de múltiplas identidades das comunidades que compõem a Ilha Grande (seção 2); e, por último, 3) analisar o discurso das comunidades da Terra e Nova Comunidade para, assim, refletir sobre a relação do discurso com a ressignificação das práticas territoriais e identitárias e da leitura da paisagem cultural da comunidade, por meio da Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiazzi, 2016) e do conceito de *drama social*, de Victor Turner (2005b, 2005c): crise, ampliação, regeneração, e por fim, rearranjo ou cisão.

Desde o início da formação das sociedades, a relação entre a existência individual e dos grupos sempre esteve relacionada à percepção do

comportamento e dos significados que as sociedades atribuem à sua cultura (Gusmão, 2008). A interação humana no espaço e sua consequente transformação têm reconfigurado a construção representativa desse espaço, seu comportamento diante dele e da própria natureza. Afinal, é no espaço que a natureza se apresenta. A cada processo de transformação, muda-se também a relação dos indivíduos para com ele (Gusmão, 2008).

A sociedade contemporânea é marcada pela pluralidade e pela diversidade que se fundam em produções culturais híbridas. O sujeito é, certamente, um ser simbólico. Sua relação com o mundo se dá sempre revestida de uma significação, de uma valorização, sendo que seu encontro com o mundo é sempre mediado por relações simbólicas (Cassirer, 1972). Segundo esse entendimento, é preciso então considerar que todos os aspectos do indivíduo – sua relação com o ambiente, com a sociedade e consigo mesmo – serão mediados por elementos simbólicos, seja no âmbito da reflexão, da ação, do pensamento, do sistema de crenças, do comportamento, das atitudes ou da cultura (Santos, 2012).

A cultura se tornou alvo de muitos estudos e elucubrações do modo como a sociedade se forma, transforma e busca compreender o passado, o presente e seu pensar em possibilidades para o futuro. As relações de uma sociedade estão povoadas de conflitos e formas diferenciadas de convivência e controle, no sentido de como lidam e modificam os recursos naturais (Santos, 2012).

O conceito das performances, por sua vez, é interdisciplinar, nascido a partir da antropologia, das ciências sociais, do teatro e da história, que se propõem a compreender os fenômenos que se dão pelos embates das variadas culturas de forma anáilitica e/ou comparativa. Têm também como foco os processos que envolvem a composição da cultura e seus produtos culturais mediante sua diversidade (Singer, 1972 apud CAMARGO, 2013b).

As pesquisas no âmbito das Performances Culturais estabelecem um estreito diálogo com a história cultural. Segundo o historiador Peter Burke (2006), não há nem mesmo um consenso sobre o que seja cultura, mas existem linhas teóricas que sugerem e discutem o que é cultura. Portanto, os próprios estudos sobre cultura ainda estão sendo adaptados e formulados teoricamente.

No entanto, Sandra Pesavento (2005) aponta que já temos na História uma concentração de cerca de 80% das pesquisas sendo feitas dentro da história cultural (Pesavento, 2005, p. 9). Esta tese não está no campo da história cultural, porém, há uma estreita relação entre as performances e a historiografia, a antropologia e outras ciências. É com base nesses diálogos e nos autores de todas essas áreas que as leituras que compõem esta tese foram feitas, assim como as interpretações das entrevistas.

Cultura é compreendida aqui pelas leituras de Geertz (1972 apud Camargo 2013b) e Sandra Pesavento (2005), assim como tudo aquilo que pode ser percebido, mesmo que não seja material (palpável), mas que tenha significados produzidos a partir da leitura de mundo de um ou mais indivíduos, isto é, a produção de identidades e de formas simbólicas para as vivências experimentadas. Nesse sentido, acredito que as teorias desses autores contribuem para analisar as culturas presentes na Ilha Grande, que caracterizam grupos e comunidades diferentes que se relacionam dentro desse mesmo espaço geográfico, seja de forma harmônica, seja de forma conflituosa.

Para além de compreender esse microcosmo da Ilha Grande e as múltiplas identidades que caracterizam cada uma e todas essas comunidades, busquei trazer à tona conflitos das sociedades de forma processual, pela análise das divergências, obedecendo sempre a sequência de ações estabelecidas por Victor Turner (2008): crise, regeneração e rearranjo ou cisão, que passam a compor a representação das performances (Cavalcante; Rosso; Lima, 2018).

De modo a perceber as performances e conflitos na IG, adotei a abordagem hermenêutica, por meio da metodologia processual de Análise Textual Discursiva (ATD), cuja proposta é a compreensão do fenômeno estudado, sem adotar um posicionamento que julgue os sujeitos observados. A ATD é produzida a partir do meu olhar de pesquisadora nas entrevistas concedidas. Para que isso seja feito, os elementos principais são a desmontagem dos textos produzidos pelas entrevistas e a categorização e construção do metatexto (Moraes, 2003), presentes na seção 4.

A Ilha Grande vem se modificando ao longo dos anos e continuará a se modificar, pois é fruto do resultado das interações que ocorrem entre a

Comunidade da Terra (caiçaras) e da Nova Comunidade, a partir das migrações para lá ano a ano. Foi com a intenção de trazer as narrativas sobre a IG que realizei as entrevistas e análises, procurando destacar a trajetória da Ilha, marcada por violência, conflitos de interesse, trabalho e luta por sobrevivência, desde sua colonização (concomitante à chegada dos portugueses ao Brasil). O turismo como acontece hoje somente se iniciou em 1994, após a finalização das atividades penitenciárias.

Apesar da trajetória pessoal como pesquisadora turismóloga, o cerne desta pesquisa não foi sobre turismo na Ilha Grande, mas sim uma análise sobre os *dramas sociais* experenciados nas quatro comunidades escolhidas. Isso a partir das categorias elencadas por Turner no *drama social*. Algumas se revelam no turismo, porém, outras características aparecem, por exemplo, no discurso religioso.

O planejamento do turismo tem como premissa todas as formas possíveis de contribuição voltadas para o bem-estar das comunidades que habitam seus territórios, buscando integração e preocupação com o desenvolvimento sustentável do destino. Os moradores devem estar envolvidos nos processos de forma participativa, na busca de crescimento econômico e no desenvolvimento social de forma integrada, porque não se trata de um fim em si mesmo, e nos núcleos receptores existem as aspirações da sociedade e outras atividades econômicas (Petrocchi, 2009).

Mediante a perspectiva do contato de antigas e novas narrativas e do choque entre culturas, bem como a desigualdade econômica e de interesses de exploração que se estabelecem nas comunidades pesquisadas que habitam as praias da Ilha Grande, ressalto a necessidade deste estudo por meio das teorias de Performances Culturais, *Drama Social* e Análise Textual Discursiva. As entrevistas com atores locais (representantes da Comunidade da Terra e Nova Comunidade) permitem compreender e revelar seus objetos, signos do cotidiano e da cultura, imersos na experiência vivida por essas comunidades nos discursos presentes nas entrevistas.

Os caminhos teóricos e metodológicos adotados para a tese são compostos de reflexões sobre essas comunidades e de discursos proferidos pelos agentes sociais em um contexto pós-período do presídio, portanto, abrangendo um recorte temporal de 1994 (quando o presídio foi extinto) a

2022. Observei transformações, como o início da atividade turística e as influências da legislação ambiental em Ilha Grande.

A fim de compreender, com maior profundidade, as dinâmicas vivenciadas no território de Ilha Grande, empreendeu-se uma pesquisa de caráter qualitativo exploratório (Gil, 2002). Também há uma parte da pesquisa que é descritiva e explicativa, quando utilizo as entrevistas para explicar as categorizações das comunidades da Ilha e as identidades construídas em torno de cada uma (Gil, 2002), mais especificamente na seção 4.

Para a tese, as fontes consultadas são as mais diversas possíveis, procurando abranger informações sobre as comunidades que compõem a Ilha Grande: recortes de jornais, entrevistas e fotografias, entre outras. Também é compreendida a minha experiência como turismóloga, acompanhando visitas guiadas desde 2006. Tais visitas não constituem método de pesquisa, mas proporcionaram acesso a informações, livros e um primeiro contato com as pessoas que posteriormente seriam entrevistadas. Também possibilitou observar as comunidades e uma imersão no local que se tornou a pesquisa. Sendo assim, pretendo apresentar análises das narrativas e histórias experienciadas, vividas e contadas nas seções que se seguem.

O trabalho se inicia com a revisão da literatura, com base em teorias e conceitos sobre Performances Culturais e informações que contextualizam o objeto de estudo, por meio de documentos, livros, jornais, artigos científicos, teses, legislações, vídeos e filmes. Posteriormente, foram feitas as entrevistas com análises, interpretações e síntese.

Ainda em caráter de pesquisa de gabinete, foi realizado o levantamento de textos em plataformas audiovisuais, como os documentários sobre a Ilha Grande, impressos, o jornal *O Eco*, da Ilha Grande, artigos e legislações ambientais. Nesse momento, também elaborei um roteiro de entrevistas aberto, aplicado à comunidade (da Terra e Nova Comunidade), que depois foram realizadas e transcritas para análise.

Para fins de organização da pesquisa, as entrevistas foram registradas em meu aparelho de uso pessoal (celular). Para a tese, considero texto todo material coletado como fonte documental, isto é, 68 (sessenta e oito) entrevistas vocalizadas – 30 mulheres e 38 homens –, legislações, artigos de revistas e jornais e/ou documentários. Para empreender a análise dos dados coletados,

a metodologia eleita foi a Análise Textual Discursiva (Moraes; Galiazzi, 2016). Escolhi essa metodologia por atender o objetivo desta tese, visto que a Análise Textual Discursiva “cria espaços de reconstrução, envolvendo-se nisto diversificados elementos, especialmente a compreensão dos modos de produção da ciência e reconstruções de significados” (Moraes; Galiazzi, 2006, p. 118). Apliquei essa análise em oito entrevistas coletadas, referentes aos quatro núcleos sociais estudados, sendo dois de cada comunidade.

A Análise Textual Discursiva (ATD) transita entre as metodologias de Análise de Conteúdo (AC) e de Análise do Discurso (AD) (Moraes, 2016). Para compreender a ATD nesse entrelugar e em sua essência, apresento brevemente sua construção epistemológica com base no estudo de Gleny Terezinha Duro Guimarães e Marlúbia Corrêa de Paula (2020), na seção 4 da tese.

O processo de análise foi realizado em três etapas: 1) unitarização, 2) categorização das unidades de significado e 3) comunicação. A primeira etapa consiste na separação de textos em unidades de significado, ou seja, “examinar os materiais em seus detalhes, fragmentando-os no sentido de atingir unidades constituintes, enunciados referentes aos fenômenos estudados” (Moraes, 2003, p. 191). Aqui se delimita o corpus que se caracteriza como um conjunto de documentos a serem analisados, o qual em seguida é desfragmentado para evidenciar as unidades de significado. A unitarização tem como objetivo identificar o que está implícito ou contraditório no texto (Moraes; Galiazzi, 2006).

Moraes e Galiazzi (2006, p. 118), ao proporem a metodologia ATD, fragmentaram a narrativa, levando em conta os eventos e as performances apresentadas. Esse processo envolve dividir o texto em unidades de significado, reescrever cada uma para torná-la mais completa em si mesma e atribuir um título para cada unidade, utilizando numerais em ordem crescente.

Nesse sentido, aplicando essa metodologia a esta pesquisa, realizei a categorização (Moraes; Galiazzi, 2006, p. 118) das entrevistas, através do cruzamento das informações levantadas na fragmentação da narrativa, identificando assim aproximações e/ou distanciamentos nos textos. Para este trabalho, como fragmentação considerei o conceito de *Drama Social,* de Victor Turner (2008), que será aprofundado na seção 3. O processo chamado de

comunicação constrói o que se chama de metatextos analíticos que compõem o texto interpretativo (Moraes; Galiazzi, 2006, p. 118).

O metatexto tem por objetivo apresentar novas compreensões alcançadas após as duas etapas anteriores da análise. Além da reorganização das unidades de significado, as percepções na análise são traduzidas em linguagem, com profundidade de detalhes, de forma descritiva e interpretativa (Moraes; Galiazzi, 2006), com algumas entrevistas elucidando pontos da história de IG e as percepções de moradores, pesquisadores, trabalhadores e turistas sobre as mudanças de um local que abrigou um presídio e passou a ser destino turístico. Essa análise descritiva e interpretativa faz parte dos quadros dos discursos articulados (Apêndices), nos quais são colocados os discursos, as falas dos entrevistados e minha interpretação sobre eles. Por fim, realizei as análises dos metatextos (Moraes; Galiazzi, 2006) com foco na compreensão do fenômeno, através de uma leitura subjetiva do que se encontra implícito nos textos, mas que pode ser evidenciado por meio da interpretação do cruzamento dos dados analisados. Por fim, apresento no apêndice as falas dos entrevistados e os discursos articulados analisados segundo a metodologia de pesquisa ATD.

Para elaborar esta tese, adotei uma postura ética que prioriza a proteção dos informantes, de modo a garantir o rigor científico; desta forma, todos os nomes são fictícios, e características que permitem identificá-los foram omitidas. A importância da ética nesse tipo de estudo pode ser compreendida através de quatro diretrizes fundamentais: 1) obtenção de consentimento informado, 2) prevenção de fraudes, 3) respeito à privacidade dos informantes e 4) precisão da análise (Denzin; Lincoln, 2006). As três primeiras diretrizes são orientadas segundo a Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Para que o consentimento seja considerado informado, os incisos do artigo 9º da Lei nº 13.709/2018 (LGPD) devem ser considerados (Lima, 2020), quais sejam:

> Art. 9º O titular tem direito ao acesso facilitado às informações sobre o tratamento de seus dados, que deverão ser disponibilizadas de forma clara, adequada e ostensiva acerca de, entre outras características previstas em regulamentação para o atendimento do princípio do livre acesso:
> I - finalidade específica do tratamento;
> II - forma e duração do tratamento, observados os segredos

> comercial e industrial;
> III - identificação do controlador;
> IV - informações de contato do controlador;
> V - informações acerca do uso compartilhado de dados pelo controlador e a finalidade;
> VI - responsabilidades dos agentes que realizarão o tratamento; e
> VII - direitos do titular, com menção explícita aos direitos contidos no art. 18 desta Lei.
> § 1º Na hipótese em que o consentimento é requerido, esse será considerado nulo caso as informações fornecidas ao titular tenham conteúdo enganoso ou abusivo ou não tenham sido apresentadas previamente com transparência, de forma clara e inequívoca.
> § 2º Na hipótese em que o consentimento é requerido, se houver mudanças da finalidade para o tratamento de dados pessoais não compatíveis com o consentimento original, o controlador deverá informar previamente o titular sobre as mudanças de finalidade, podendo o titular revogar o consentimento, caso discorde das alterações.
> § 3º Quando o tratamento de dados pessoais for condição para o fornecimento de produto ou de serviço ou para o exercício de direito, o titular será informado com destaque sobre esse fato e sobre os meios pelos quais poderá exercer os direitos do titular elencados no art. 18 desta Lei (Brasil, 2018).

A seção 2 da LGPD trata das boas práticas e da governança em privacidade dos dados pessoais coletados. A manipulação correta dos dados pessoais e dados de pesquisa coletados evita possíveis fraudes em seu tratamento e nos resultados da pesquisa.

O direito de escolha em participar da pesquisa foi respeitado, incluindo a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem interferência ou solicitação a terceiros para dar prosseguimento. Apresentei aos informantes a proposta da pesquisa, a leitura dos objetivos e as explicações do percurso metodológico adotado, esclarecendo as dúvidas sobre o direito à confidencialidade da identidade deles. Destaco novamente que os entrevistados são identificados, ao longo da tese, com nomes fictícios para a preservação de suas identidades reais.

Garantidas as três primeiras diretrizes e respeitando o processo metodológico proposto, a precisão na análise é fomentada a fim de produzir resultados significativos para a tese.

Esta tese apresenta instrumentos que atendem às normas do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP/Conep)[5], da Agência Nacional de Saúde (ANS) e

[5] O CEP/Conep é formado pela Conep (instância máxima de avaliação ética em protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos) e pelos CEP (Comitês de Ética em Pesquisa), instâncias regionais dispostas em todo o território brasileiro. Esse sistema se responsabiliza pela análise ética de protocolos de pesquisa que envolvem seres humanos no Brasil. Para análise da

do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Goiás (UFG): Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 1) e Roteiro de Entrevistas (Apêndice 2). No desenvolvimento da pesquisa, surgiram dificuldades devido à pandemia da Covid-19.

O acesso às comunidades eleitas para a pesquisa, exceto a Vila do Abraão, que tem transporte regular, ficou mais restrito e limitado. Para ter acesso a Dois Rios, onde fiz quatro visitas (períodos manhã/tarde), contatei, por meio de uma amiga que estava passando uns dias em Abraão, a moradora local responsável por marcar o nome de quem vai e volta no ônibus da UERJ, o que facilitou minhas visitas. Para Bananal, onde passei 10 (dez) dias, tomei um barco, bem pequeno e inseguro, no cais dos pescadores que fica em frente ao Convento do Carmo, em Angra, que me levou até a enseada. Para Provetá, onde também fiquei por 10 (dez) dias, meu deslocamento se deu por meio de um barco traineira de pesca, no mesmo cais dos pescadores em frente ao Convento do Carmo.

Ao longo das minhas observações e interações com essas comunidades, percebi a importância do território e a ressignificação dos valores culturais a partir do crescimento da prática da atividade turística. Diante disso, reflito sobre como esses conflitos de interesses sobre as transformações advindas do exercício da atividade do turismo interferem na preservação da cultura local, e como isso é retratado nas entrevistas. Essas reflexões virão relatadas mais detalhadamente na seção 4 e estão presentes no Quadro 1 dos discursos (Crise), no Apêndice 2.

A presente tese tem como fio condutor os conflitos e performances das comunidades Vila do Abraão, Vila de Dois Rios, Enseada do Bananal e Vila do Provetá que habitam o território da Ilha Grande, e está dividida em quatro seções. Na seção 2, “Ilha Grande: território e comunidades”, apresento o território pesquisado por meio de recorte das praias/comunidades e relatos, como pesquisadora e outros papéis que desempenho: viajante, visitante e turista.

Em “Ilha Grande à luz das Performances Culturais”, tema da seção 3,

---

pesquisa perante as normas do CEP/Conep, é necessário o cadastro do pesquisador na Plataforma Brasil (https://plataformabrasil.saude.gov.br/login.jsf) e posterior cadastro do projeto, seguindo as instruções do *Manual do Pesquisador* (BRASIL, 2021). O projeto que orienta esta tese está cadastrado sob o número CAAE 39555520.4.0000.5083.

apresento conceitos que permeiam esta pesquisa, como identidades, culturas e memórias, e a relação com o turismo, articulando-os à grande área de pesquisa, que é o campo das Performances Culturais. Nas seções 2 e 3 são utilizadas entrevistas que compuseram a pesquisa mas que não foram selecionadas para a seção 4, bem como observações registradas nos diários de campo.

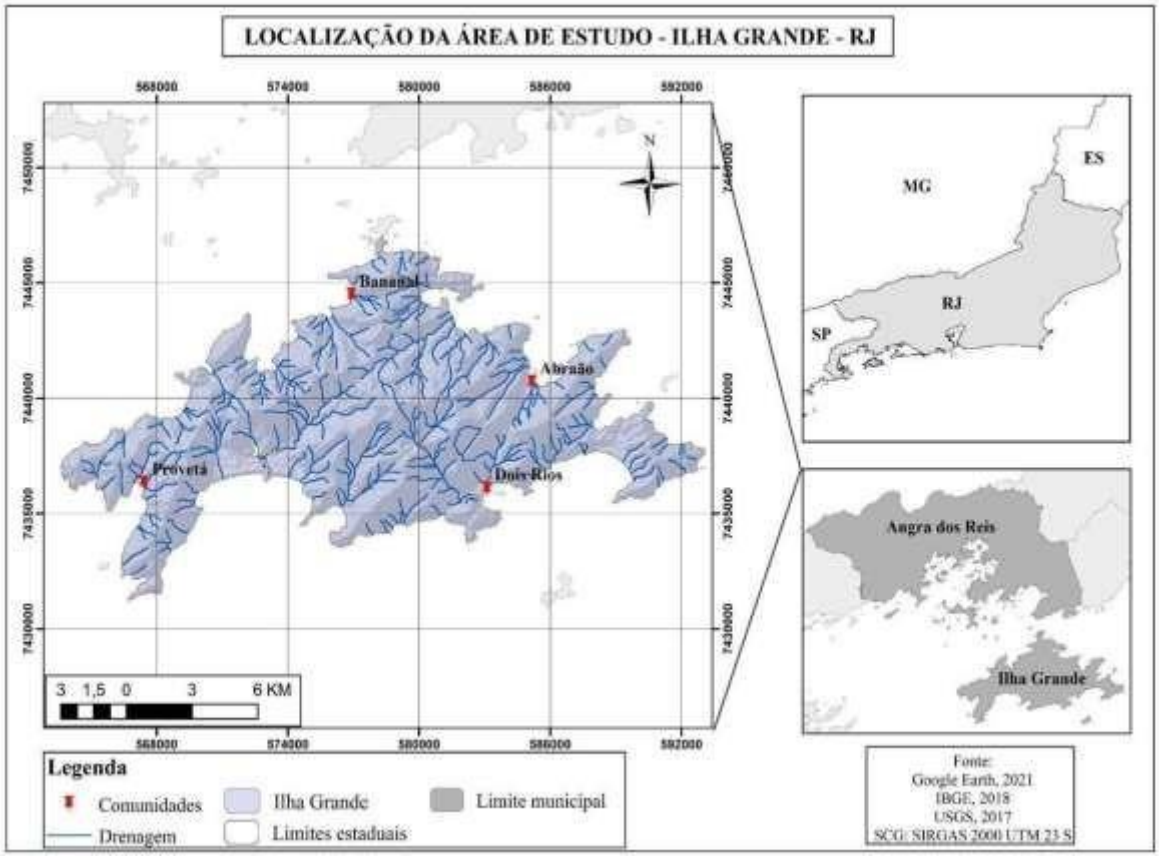
"Relatos, enlaços[6] e olhares sobre a Ilha Grande à luz da Análise Textual Discursiva" é a seção 4. Nesta, apresento as análises de oito entrevistas por meio da ATD como um processo de compreensão e interpretação do significado das vozes que se propuseram a participar da pesquisa, bem como o uso do *Drama Social*, de Victor Turner, como categoria de análise. É propriamente nessa seção que são apresentadas as fontes da pesquisa, contando com oito entrevistas; porém, nos capítulos anteriores já utilizo entrevistas de outras pessoas para elucidar aspectos do cotidiano nas comunidades.

[6] O "enlaço" tem como definição o ato de lançar o laço. No contexto da tese, o termo representa a captura e a percepção das performances intrínsecas, muitas vezes nebulosas e não óbvias, dos sujeitos observados. O termo "enlaço" é utilizado em contraste com o termo "enlace" que geralmente representa a união de dois seres ou objetos (DICIO, 2023).

2 ILHA GRANDE: TERRITÓRIO E COMUNIDADES

A Ilha Grande (Figura 2) pertence a um arquipélago de 187 ilhas e ilhotas na baía da Ilha Grande, costa oeste do Estado do Rio de Janeiro, região conhecida como Costa Verde. Juridicamente pertence a Angra dos Reis na qualidade de distrito, e sua sede é a Vila do Abraão. Estima-se, segundo seus gestores, que a população da IG é de aproximadamente 10 mil habitantes, agrupados em 18 núcleos sociais[7]. Os principais núcleos populacionais estão nas comunidades de Abraão e Provetá, sendo a IG a maior ilha do Estado do Rio de Janeiro e a sexta maior ilha marítima do Brasil, com uma área de 193 km² (Mendonça, 2008).

Figura 2 – Ilha Grande/RJ



Fonte: Elaborado por Aline Bentes (2021)[8].

[7] Núcleos sociais habitados/comunidades da Ilha Grande: Vila do Abraão, Vila de Dois Rios, Araçatiba, Palmas, Aventureiro, Longa, Enseada das Estrelas, Parnaioca, Meros, Castelanos, Jurubá, Praia Vermelha, Bananal, Sítio Forte, Saco do Céu, Provetá, Japariz e Freguesia de Santana (Ilha Grande, 2023).

[8] Estes mapas foram originalmente feitos para esta tese por Aline Bentes. Foi um trabalho contratado pela autora para representar a localização geográfica de cada comunidade.

Em seus primeiros registros históricos, por volta do século XV, a Ilha Grande tinha seu território dominado por indígenas da etnia Tamoio e era chamada de *Ipaum Guaçu*[9]. Antropófagos, sua comunidade era composta de 150 a 200 indígenas. Suas ocas eram fortificadas com estacas chamadas "caiçaras". O primeiro contato europeu com a Ilha Grande foi durante uma expedição, em 1502, liderada pelo navegador Gonçalo Coelho junto à baía de Angra dos Reis (Mendonça, 2008; Campato Júnior, 2022).

A colonização da Ilha Grande foi se desenrolar apenas na segunda metade do século XVI[10], durante o reinado lusitano, no período do Brasil Colônia. Os primeiros núcleos colonizadores foram a Fazenda do Holandês e Dois Rios[8], cuja posse era de Don Vicente da Fonseca (Mendonça, 2008; Campato Júnior, 2022).

Um dos entrevistados, por indicação da própria orientadora desta pesquisa, fez um resgate histórico da IG. Ele trabalha na UERJ e, portanto, muito de sua pesquisa e seu trabalho envolve conhecer também a história da região.

> Ali depois teve uma grande fazenda de café, cana-de-açúcar, que é a origem de Dois Rios. Temos até hoje um dos prédios, que é a sede do Museu do Meio Ambiente, que era ainda um dos barracões da antiga fazenda de café que existiu ali e que depois foi vendida para a coroa brasileira, para o Dom Pedro, na época de Dom Pedro. É uma região de muita disputa, de muito conflito. (João Lino, (VID_20230715_170654) 16/07/2021 14:18)[11].

Entre os séculos XVII e XIX, a Ilha Grande se tornou produtora de cana-de-açúcar e café, além de ser ponto estratégico para a pirataria espanhola e entreposto do tráfico negreiro até a abolição da escravatura em 1888. Com o encerramento do uso da mão de obra escravizada, o cultivo de café entrou em decadência, e a IG, gradualmente, tornou-se ponto estratégico militar e de saúde para o Estado do Rio de Janeiro, devido à sua localização geográfica privilegiada quanto à acessibilidade marítima (Schnoor, 2012). No período do Império foi construído um hospital de quarentena chamado Lazareto (Figura

[9] Informação sobre o nome da fazenda retirada de Morokawa et al., 1994, p. 1.
[10] A colonização tardia à chegada dos lusitanos às terras caiçaras se deu pela guerra da Confederação dos Tamoios, um conflito de resistência indígena contra a colonização portuguesa no litoral sudeste do Brasil. Ainda se envolveram no conflito colonizadores franceses e outros povos nativos do país (Campato Junior, 2022).
[11] Esta entrevista foi realizada pelo YouTube com João Lino (nome fictício) e gravada no meu Drive.

2) para controlar a entrada dos navios no continente e evitar que doenças tropicais (cólera, lepra) se propagassem. Hoje restam somente ruínas do hospital.

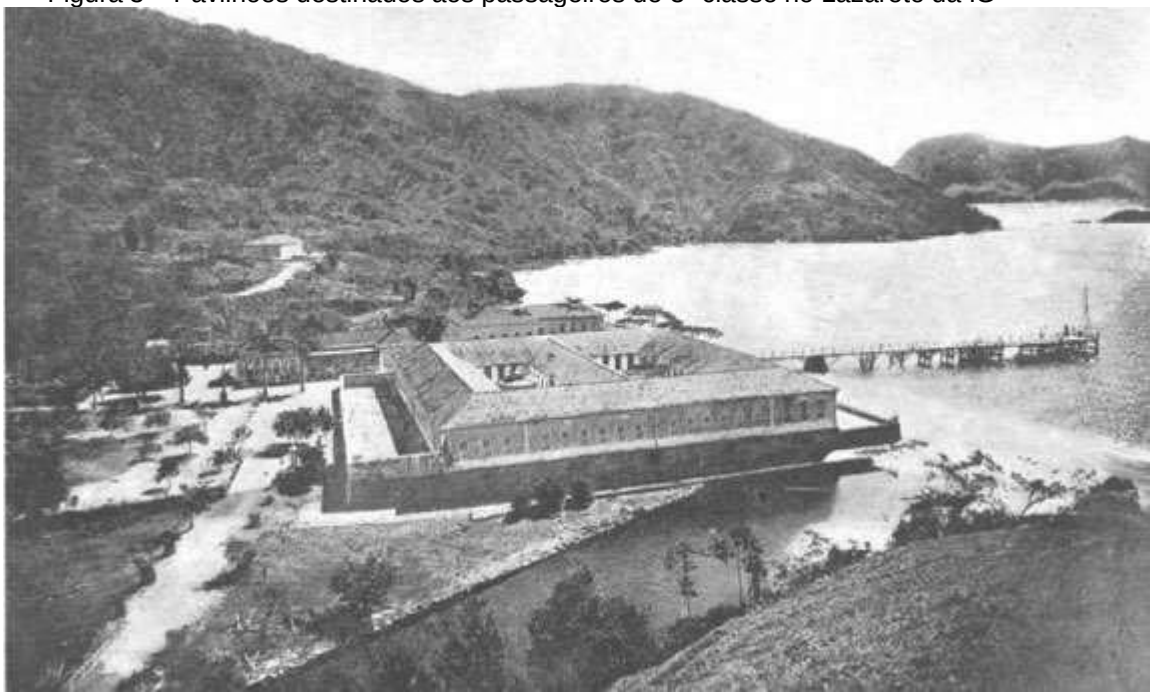
Para além da importância histórica de tais registros, há também as sensibilidades que envolvem a vida dos moradores dessas comunidades. Segundo Sandra Pesavento (2007), as cidades portam a sensibilidade, as ideias de pertencimento. Não é pretensão fazer aqui uma história da cidade ou da Ilha, porém, há elementos históricos que precisam ser destacados para que se compreenda a representatividade, o imaginário de cada comunidade aqui analisada e as mudanças que foram ocorrendo ao longo dos anos. A Ilha – tal como as cidades – comporta “atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos” (Pesavento, 2007, p. 4).

A Ilha Grande é um dos maiores patrimônios naturais do Estado do Rio de Janeiro, abrigando três unidades de conservação da natureza: o Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG), criado em 1971; a Reserva Biológica da Praia do Sul, criada em 1981; e a Área de Proteção Ambiental de Tamoios (APA de Tamoios), criada em 1982 (Mendonça, 2008).

O Parque Estadual da Ilha Grande possui acesso direto por trilha, localizada na Enseada do Abraão. Nesse Parque estão situadas as ruínas do Lazareto, um complexo que inicialmente serviu como hospital de controle de epidemias e, em outro momento, como cárcere. O Lazareto foi construído em 1884, a partir da Lei nº 3.228, de 3 de setembro de 1884, que autorizava a Secretaria de Estado dos Negócios do Império a direcionar recursos na construção de um hospital de quarentena como medida de prevenção contra a contaminação do cólera-morbo nas terras do Império, que já se propagava do Mediterrâneo para diversos países.

A Enseada do Abraão se destacou como a mais vantajosa para receber o Lazareto devido ao clima favorável e ao espaço suficiente para mais de um ancoradouro, além do terreno apropriado para a construção de diversos edifícios (Figura 3) para leitos, áreas de desinfecção de bagagens, isolamento dos enfermos e serviços administrativos (Santos, 2007, p. 1.177).

Figura 3 – Pavilhões destinados aos passageiros de 3ª classe no Lazareto da IG



Fonte: (Barbosa; Rezende, 1909). Legenda: o Lazareto estava situado na Enseada do Abraão/RJ.

Em 1894[12], nesse espaço da Fazenda Dois Rios, criou-se a Colônia Correcional de Dois Rios. No mesmo ano, as instalações do Lazareto em Abraão passaram a ser utilizadas também como prisão. O complexo, até 1925, continuou desempenhando seu papel no controle da saúde dos viajantes que chegavam aos portos, sendo utilizado como presídio em algumas ocasiões nesse período, como em 1917, quando foram internados diversos prisioneiros alemães devido à declaração de guerra do Brasil à Alemanha (Santos, 2007).

Em 1925, o Lazareto foi transformado em uma prisão militar privativa para acusados de crimes políticos. A prisão militar foi extinta em 1927; porém, a anistia para os acusados só foi declarada com a tomada do poder por

[12] Período do governo de Prudente de Morais (1894-1898). Em seu governo, Prudente de Morais herdou do governo de Floriano Peixoto (1891-1894) a Segunda Revolta da Armada, que foi deflagrada, em 6 de setembro de 1893, pela cúpula da Marinha, no Rio de Janeiro, se opondo ao governo do marechal Floriano Peixoto. Em novembro de 1891, o marechal Floriano Peixoto, na circunstância como vice-presidente, assumiu a presidência após a renúncia do então presidente marechal Deodoro da Fonseca (1889-1891), sem convocação das eleições, o que contrariava a Constituição Federal à época. Para conter os revoltosos, o governo tomou medidas contra os insurretos, que foram perseguidos, presos e executados. Em 1894, o governo de Prudente de Morais decreta a proibição do envio de prisioneiros ao presídio de Fernando de Noronha, e que estes indivíduos fossem tratados pelas autoridades de seus respectivos estados. Com a superlotação das prisões, todo e qualquer estabelecimento que pudesse servir de cárcere, inclusive hospitais e navios de guerra, foi ocupado com esse fim (Santos, 2007).

Getúlio Vargas, em 1930 (Santos, 2007).

Em 1932, ainda durante o governo Vargas (1930-1945), o Lazareto foi reaberto e funcionou como presídio político até 1954, mantendo-se em tal função até quando os presos políticos foram transferidos para Dois Rios, onde havia sido instalado o Instituto Penal Cândido Mendes, em 1938, onde era a Colônia Correcional de Dois Rios. A edificação do Lazareto foi demolida em 1962 por tiros de canhão, restando somente memórias e ruínas (Santos, 2007).

Segundo esse mesmo autor, os dois presídios receberam, em sua história, ilustres "hóspedes", como: Orígenes Lessa (participante da revolução constitucionalista de 1932), em Lazareto; Graciliano Ramos e Agildo Barata (líderes do partido comunista na Era Vargas), na Colônia Correcional de Dois Rios. Já o Instituto Penal Cândido Mendes recebeu Fernando Gabeira, Nelson Rodrigues Filho, Lúcio Flávio, Zé Bigode, Mariel Mariscot (militantes contra a Ditadura Civil Militar instaurada em 1964), assim como criminosos comuns, como Madame Satã e José Carlos do Reis Encina – o Escadinha –, Natal da Portela e Castor de Andrade (banqueiros do jogo do bicho).

João Lino explica que havia vários motivos para o fechamento e a implosão do presídio, como as condições desumanas dos presos – um modelo superado de instituição correcional, que não era mais admitido, uma "vergonha pública" –; a fuga do preso Escadinha, que foi transmitida em rede nacional; e, por fim, a questão turística.

> Havia planos de se transformar a Ilha Grande num grande resort para receber turismo estrangeiro. Afinal de contas, ela fica num local privilegiadíssimo entre Rio e São Paulo. Então, tinha tudo para a especulação imobiliária estar ali e se construir resorts de qualidade. E o presídio era o impedimento a isso. (João Lino[13] (VID_20230715_170654) 16/07/2021 14:45).

Outro fato de importância é que a Falange, ou Comando Vermelho, como é chamado hoje, nasceu na Ilha, no ano de 1970, quando assaltantes de banco foram presos e condenados pela Lei de Segurança Nacional, depois enviados para a Colônia Prisional Cândido Mendes, onde presos comuns se misturaram a presos políticos e absorveram discursos e práticas de

[13] Nome fictício.

organização política e tática semelhantes.

Nessa época, as atividades não se restringiam somente à pesca e a pequenos comércios, pois grande parte das pessoas trabalhava no presídio ou em fábricas de sardinha. A ida e vinda se dava por meio de pequenas embarcações, mas o fluxo de pessoas não estava relacionado ao comércio, como passou a ser após a implosão do presídio. Uma das embarcações mais famosas era a Tenente Loretti, responsável por transportar os presos por mais de 60 anos.

Para outro entrevistado, Roberto, a economia da Ilha baseava-se principalmente na pesca e nas fábricas de sardinha antes do foco na atividade turística. Para ele,

> A quantidade de sardinha era muita. Muita sardinha. Entendeu? [...] Essa sardinha, praticamente, eles faziam de farinha. Faziam tipo um adubo. Alguns enlatavam, entendeu? O que prestavam... [...] Eles enlatavam farinha, quer dizer, tipo um farelo que fazia tipo um adubo. Pra jogar nas plantações, entendeu? Porque nós falamos lá farinha. Mas, nesse sentido, também tem... Eles enlatavam, entendeu? Pra vender sardinha enlatada. Aqueles latões de 5 litros. [...] Mas a quantidade de sardinha era muita. Agora, o porquê, eu não posso explicar, porque a gente não tem essa... Era muita sardinha. A quantidade de sardinha era muito grande. Depois, com a preservação, sumiu sardinha. (Roberto (VID_20230816_170655) 14/07/2021 17:18).

Ele também aponta que atualmente os barcos pesqueiros são muito maiores, fazendo uma pesca comercial, e não mais a praticada pelos caiçaras, o que impede que cardumes cheguem próximo à ilha, o que acaba trazendo um prejuízo econômico para quem ainda sobrevive da pesca.

A fala de Roberto retrata uma incongruência, pois afirma que, após a intervenção de órgãos de preservação, a sardinha sumiu; isto é, para os pequenos barcos pesqueiros, está cada vez mais difícil encontrá-las. Em outro momento, fica claro que, na verdade, não foi a preservação que fez com que as sardinhas sumissem, mas sim o fato de barcos maiores fazerem a pesca em alto mar, impedindo que os peixes se aproximem mais da Ilha.

> E essa quantidade de barco que tem, a quantidade de barco que tem agora, são barcos de 250 toneladas. E esses barcos de 250 toneladas, eles fazem congelamento. Quer dizer, nossos barcos pequenos, aqueles barcos que não tiverem estruturados os aparelhos, vai ficar perdido no meio deles. (Roberto (VID_20230816_170655) 14/07/2021 17:25).

Em 1994, as instalações carcerárias do Instituto Penal Cândido Mendes foram desativadas, e deu-se início à formalização da atividade turística na Ilha Grande; nesse momento, personalidades e outros atores sociais, muitos estrangeiros, mudaram-se para a Ilha Grande em busca de trabalho e qualidade de vida (Prado, 2003; Mendonça, 2007). A Comunidade da Terra se entrelaça com uma Nova Comunidade, composta por muitos nordestinos e estrangeiros[14] que acabam se estabelecendo permanentemente na Ilha.

Em sua dissertação, Flávio Brito (2001) aponta essa mudança com relação ao turismo após dois fatos marcantes: 1) a construção do trecho Rio-Santos da BR101 e a implosão do presídio na Ilha Grande.

> O declínio das "salgas" e a construção da Rodovia Rio-Santos (BR-101) aconteceram no mesmo período que a implantação do turismo no Município. Vários proprietários transformaram as antigas fábricas de salga em pousadas, adaptando apenas o uso do espaço para abrigar um turismo popular vindo principalmente de São Paulo. Da mesma forma, com a desativação do presídio houve um aumento significativo nas consultas informais à Prefeitura de potenciais empreendedores sobre as possibilidades de investimentos nas várias localidades da Ilha Grande. O número de licenças para construção também aumentou: 136 em 1993, 143 em 1994 e 159 em 1997. Observa-se neste ponto que a vigência da legislação ambiental funciona como fator inibidor da expansão imobiliária. Um indicador do aumento de turistas que procuram a Ilha Grande pode ser demonstrado pelo Relatório Anual de Demanda de Passageiros da BARCAS S. A. (CONERJ, 1998) (Brito, 2001, p. 20).

Em 5 de julho de 2019, a Ilha Grande foi elevada pela Unesco a Patrimônio Cultural e Natural da Humanidade, juntamente a Paraty, que se tornou o primeiro sítio misto (natural e cultural) do Brasil com o título (Paraty, 2019).

Um dos mais recentes ordenamentos turísticos de Angra dos Reis foi a instituição da taxa turística para desembarque em cais públicos do município, no valor de R$ 10,30 em moeda corrente na data da sua implantação. A criação da taxa se deu pela Lei nº 1.671, de 13 de fevereiro de 2006, e foi implantada com seu valor atualizado no Decreto nº 12.911, de 3 de fevereiro de 2023. A tarifa não é cobrada de moradores do município de Angra dos Reis, prestadores de serviço e turistas ocupantes de ônibus, micro-ônibus e vans que já tenham

[14] Como algumas pessoas da CT se referem a descendentes de japoneses, por exemplo.

pagado pelo acesso ao município. A taxa é destinada para a manutenção de pontos turísticos, promoção turística do município, saúde, educação e segurança (Turistas [...], 2023).

> A Comunidade Caiçara[15] – Comunidade da Terra – tem modo de vida particular, lida aqui, a partir das performances do cotidiano (Schechner, 2013) que mescla a pesca, a pequena agricultura, o artesanato e o extrativismo vegetal, além de um conhecimento profundo sobre o ambiente em que vive. Como resultado dessa relação com a natureza, que se estende por muito tempo, a comunidade construiu práticas, saberes e fazeres que refletem o conhecimento empírico sobre o que o território e sua mata atlântica tropical podem oferecer.
>
> Para Mendonça (2008), as comunidades caiçaras passaram por mudanças em seus modos de vida, memórias, valores e formas de trabalho, além de ritos e tradições. As antigas comunidades caiçaras têm grande importância na história e no conjunto patrimonial da Ilha, destacando-se uma qualidade muito singular quanto aos seus modos de vida, integrados com o ambiente. As comunidades caiçaras são muitas vezes negligenciadas, vilipendiadas pelo poder público, pelos turistas e principalmente pela Nova Comunidade, que desconhece a cultura local – a cultura caiçara (Rosso, 2010; Cavalcante; Rosso; Lima, 2018).

Muito frequentemente, o imaginário de outros lugares e de outros povos está profundamente enraizado e é decorrente das primeiras e íntimas experiências pessoais no seio da família ou do mundo, com pessoas e lugares, e até mesmo na escola primária (Graburn, 2000), por exemplo, das comunidades caiçaras. O imaginário pode ser tanto individual quanto familiar, culturalmente compartilhado. Ele pode ser gravado ainda na tenra idade, fazendo parte das atitudes inconscientes que Bourdieu chama de *habitus* (Bourdieu, 1984), e acredito que pode também perpassar as memórias coletivas (Halbwachs), como, por exemplo, quando pessoas da Nova Comunidade se “recordam” de tempos não vividos, mas sim aprendidos por ouvirem contar, ou por relatos passados de

[15] As comunidades caiçaras têm sua origem no início da colonização a partir da miscigenação cultural entre indígenas, negros e portugueses que habitavam o litoral e tinham seu sustento à base de insumos do mar (Oliveira; Brandão, 2021). “Na Ilha Grande, de um modo geral, as pessoas usam o termo caiçara quando querem marcar que se trata de alguém ‘verdadeiramente do lugar’, ‘nativo da Ilha Grande’” (Prado, 2006, p. 9).

geração em geração sobre o presídio, ou presos em específico e suas fugas, sobre a comunidade caiçara ou, ainda, sobre a pesca.

Já o imaginário turístico permite aos indivíduos e aos grupos representarem um lugar como destino turístico, de forma virtual, pois cria desejo de conhecê-lo e o torna atrativo, colaborando para concretizar um plano de viagem (tanto por interferir na escolha do lugar visitado quanto nas práticas *a priori* associadas à viagem realizada). Ele reduz a distância do lugar turístico e ajuda a criar familiaridade com o seu caráter exótico (Staszak, 2008), ao mesmo tempo que ajuda a construí-lo. Ele intervém não só na escolha do destino, mas também das práticas turísticas, direcionando, determinando ou fazendo evitar algumas delas. E, se a experiência for negativa, ela determina a exclusão dos referidos destinos.

O imaginário turístico promove também a transição entre o aqui e o distante, o próximo e o exótico, o conhecido e o desconhecido. Ele intervém decisivamente na viagem. Sem o imaginário turístico, que seleciona, a partir de uma gama de destinos mais desejados, o mais atraente ou o mais encantador, não pode haver qualquer projeto de viagem.

O imaginário turístico representa uma parte específica da visão de mundo dos indivíduos ou de grupos sociais de outros lugares que não aquele de sua residência principal, referindo-se aqui ao contexto territorial da Vila do Abraão pela sua potencialidade turística, com as ruínas do Lazareto e a área propícia para ancoragem de barcos e navios. Sendo assim, o imaginário turístico pode ser definido como imaginário espacial, no que se refere à potencialidade de um lugar enquanto destino turístico. O imaginário espacial representa uma forma de se relacionar com o espaço físico, gerando significações e ressignificações sem, contudo, determinar estritamente comportamentos e projeções desse espaço (Bachelard, 1957).

> O espaço [...] é vivido. E é vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação. Em particular, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que protegem. O jogo do exterior e da intimidade não é, no reino das imagens, um jogo equilibrado. Por outro lado, os espaços de hostilidade são apenas evocados nas páginas que seguem. Esses espaços do ódio e do combate não podem ser estudados senão referindo-se a matérias ardentes, às imagens de apocalipse (Bachelard, 1957, p. 196).

Com efeito, o papel do imaginário turístico é, nesse sentido, incontornável, uma vez que ele permite que os indivíduos se aproximem do lugar turístico em suas várias dimensões, sem que seja perdida sua dimensão material e simbólica, segundo textos apresentados na conferência “Turismo Imaginário/Imaginário Turístico”, realizada em fevereiro de 2011, em Berkeley, pela *Équipe Interdisciplinaire de Recherches Sur Le Tourisme* (EIREST) e pela *Tourism Studies Working Group* (TSWG) (Gravari-Barbar; Grabum, 2012). Para melhor compreensão do imaginário turístico na Ilha Grande, são apresentados, a seguir, os quatro territórios estudados: Vila do Abraão, Bananal, Dois Rios e Provetá, para contextualizar parte da história local e, posteriormente, aprofundar nas análises (nas seções 3 e 4).

2.1 VILA DO ABRAÃO

A Vila do Abraão é um local repleto de história e importância cultural. Essa pequena vila tem uma trajetória que reflete a transformação de uma área remota de um destino turístico. Inicialmente habitada pelos Tupinambás, antes da chegada dos colonizadores portugueses no século XVI, a Ilha foi utilizada para defesa e comércio, aproveitando sua posição estratégica no litoral brasileiro (Schnoor, 2012).

Em 1884, foi construído o Lazareto, uma instalação dedicada ao isolamento e tratamento de imigrantes e pessoas com doenças contagiosas, especialmente a febre amarela. O Lazareto foi uma medida sanitária adotada com o objetivo de conter a propagação de doenças no continente (usado como um local de quarentena) durante um período de grande imigração para o Brasil. Essa característica se repetiu mais recentemente durante a pandemia causada pela Covid-19. A Ilha foi utilizada como local de apoio a cruzeiros e viajantes que ficavam em quarentena antes de entrarem no continente.

O Lazareto funcionou até 1913, quando foi desativado e, posteriormente, reutilizado como colônia penal, conhecida como Colônia Penal Cândido Mendes, que operou até 1954 (Santos, 2007). Com o fechamento do Lazareto e da colônia penal, a Vila do Abraão entrou em um período de transição. A economia local, que era basicamente sustentada pela pesca e pela agricultura, começou a se diversificar lentamente. A vila

permaneceu relativamente isolada até a segunda metade do século XX, quando suas belezas naturais começaram a atrair a atenção de turistas e de pesquisadores.

Na década de 1970, a Vila do Abraão começou a se transformar em um destino turístico popular, mas é somente após 1994 que se torna mais forte o turismo, com pousadas e movimentação de pessoas. A infraestrutura turística se desenvolveu rapidamente para acomodar o crescente número de visitantes, oferecendo uma ampla variedade de hospedagens, restaurantes e serviços turísticos. Esse desenvolvimento trouxe um impulso econômico significativo para a região, mas também apresentou desafios relacionados à sustentabilidade e à preservação ambiental (Ribeiro et al., 2013).

A Vila do Abraão é a maior de toda a Ilha Grande e a principal porta de entrada do turismo, assumindo o papel de “capital econômica”, sendo detentora do maior porto da IG. Grande parte dos seus moradores têm sua renda baseada na atividade turística, poucas famílias tiram o sustento da pesca; ou trabalham na construção civil, comércio e setor público ou fazem carretos. A população é de aproximadamente 7 mil habitantes. Em Abraão, localizam-se as sedes da subprefeitura e dos órgãos de controle do meio ambiente, como o Instituto Estadual do Meio Ambiente (Inea). A enseada possui seu entorno recortado com 14 praias e cinco ilhotas, conforme mapa a seguir (Figura 4):

Figura 4 – Vila do Abraão

Fonte: Elaborado por Aline Bentes (2021).

A Vila do Abraão é vista como uma das regiões mais turísticas pois é a que recebe o maior número de turistas. Segundo o entrevistado José da Silva,

> Conheço mais ou pouquinho a coisa, mas dá pra conhecer um pouquinho. Abraão também. Abraão acho que é uma das praias aí, mais [sic] melhor que tem aí na Ilha Grande, a praia é o Abraão, né? Lá tem muita gente. Lá diz que tem mais de não sei quantas pousadas. (José da Silva (VID_20240745_170667) 15/05/2021 14:05).

Para os autores Chueiri, Fortunato e Sauzeau (2021), a história da IG está dividida em quatro eventos: 1) os primeiros registros de presença humana quando era habitada por sambaquis; 2) a construção dos presídios (a colônia penal e o instituto penal), desativados em 1994; 3) após a demolição da colônia penal; 4) a conservação ambiental. Segundo os autores, esse momento histórico ocorre após a implosão do presídio de Dois Rios, em 1994; é caracterizado pelo fenômeno do turismo e "é marcado pela ressignificação da identidade dos locais, considerados como população tradicional" (Chueiri, Fortunato, Sauzeau, 2021, p. 7).

2.2 BANANAL

A Enseada do Bananal é um lugar de grande importância histórica e cultural, marcado por uma série de eventos e influências que moldaram sua identidade ao longo do tempo. Desde o início do século XX, a presença da comunidade japonesa na região deixou um legado significativo, com várias pousadas de propriedade de japoneses, como Noriko e Preto, que desempenham um papel ativo na administração e operação desses estabelecimentos.

A história da Enseada do Bananal é rica e diversificada, remonta a tempos anteriores à instalação das pousadas de turismo na região. Antes de se tornar um destino turístico popular e antes da chegada dos japoneses, era uma região predominantemente habitada por comunidades caiçaras, compostas por pescadores e agricultores locais. Essas comunidades tinham uma relação estreita com o ambiente marinho e florestal ao seu redor, dependendo da pesca e da agricultura de subsistência. Outro ponto importante é que devido ao fato de a região ter sido a maior produtora de bananas da Ilha, nos séculos XVIII e XIX e até mesmo depois, a praia ficou conhecida como

Bananal. A comunidade é composta por seis praias: do Bananal (principal), do Bananal Pequeno, da Baleia, do Matariz, de Jaconema e Ubatubinha.

A atividade pesqueira era especialmente relevante, dada a abundância de peixes na região. Os caiçaras utilizavam técnicas tradicionais de pesca para capturar uma variedade de espécies marinhas, incluindo sardinha, tainha, robalo e outros peixes comuns na costa brasileira. Além disso, a Enseada do Bananal também era conhecida por suas belas praias e pela exuberante vegetação que a cercava, proporcionando um ambiente propício para o desenvolvimento de uma vida comunitária e cultural única.

As fábricas de sardinha foram estabelecidas no início do século XX, aproveitando a presença abundante desse peixe na região. Essas instalações industriais desempenharam um papel significativo na geração de empregos e na dinamização da economia local, atraindo trabalhadores de diversas partes do país em busca de oportunidades de trabalho nas fábricas de conserva de pescado (Soares, 2005). A presença delas também deixou um legado cultural e histórico na região, com muitos moradores locais ainda lembrando com nostalgia dos tempos em que a atividade pesqueira e industrial dominava a paisagem da enseada.

Embora não haja uma data específica para a chegada desses primeiros imigrantes japoneses[16], é possível datar esse movimento migratório a partir da segunda metade do século XX, com um aumento gradual da comunidade japonesa ao longo dos anos. Xarlos Neto e Savendra (2015) citam que os japoneses começaram a chegar à enseada por volta da década de 1960. Essa migração foi motivada por uma série de fatores, incluindo oportunidades de trabalho nas próprias fábricas e a busca por melhores condições de vida (Xarlos Neto; Savedra, 2015). Ao longo das décadas seguintes, a presença da comunidade japonesa cresceu significativamente, com muitos se estabelecendo na região e tornando-se parte integrante da vida local.

Um dos episódios mais marcantes na história recente da Enseada do Bananal é a tragédia do deslizamento de terra que ocorreu em 2010, afetando gravemente a Pousada Sankay e resultando na perda de vidas humanas,

[16] Os primeiros japoneses eram imigrantes, porém, depois chegaram migrantes de outras regiões do Brasil e descendentes.

incluindo a filha dos proprietários do estabelecimento, fato que apareceu algumas vezes nas entrevistas com pessoas dali. Essa tragédia deixou um profundo impacto na comunidade e na infraestrutura local, destacando a necessidade de medidas de prevenção e segurança, pois foi um evento que abalou os moradores.

A tragédia causou danos significativos não apenas à pousada, mas também à infraestrutura local, ressaltando a vulnerabilidade da região a eventos naturais extremos, além do impacto emocional. Diante da magnitude da tragédia, a Enseada do Bananal enfrentou um período de recuperação e reconstrução, marcado pelo esforço conjunto da comunidade e das autoridades locais para restaurar a normalidade e fortalecer as medidas de proteção contra desastres naturais.

Apesar dos desafios enfrentados, a enseada continua sendo um destino turístico popular na Ilha Grande, atraindo visitantes com suas belas paisagens e oferta de hospedagem. No entanto, a presença dominante de pousadas de propriedade japonesa levanta questões sobre o controle econômico e social da região, com alguns moradores locais expressando insatisfação com essa dinâmica (Prado, 2003).

Bananal (Figura 5) é uma enseada calma, com uma população aproximada de 180 pessoas. Sua população teve influência japonesa e tem sua economia baseada no turismo, transporte marítimo e serviço público municipal.

Figura 5 – Bananal

Fonte: Elaborado por Aline Bentes (2021).

As antigas fábricas de sardinha foram construídas a partir de 1950 pelos imigrantes japoneses, e em 1970 a enseada já contava com sete processadoras de pescado.

É importante ressaltar que a existência das fábricas de sardinha na IG se deu concomitantemente à existência do presídio. Durante muitos anos, a região foi o principal polo pesqueiro do Rio de Janeiro, que, segundo estudos realizados pela prefeitura de Angra, iniciou-se com a imigração japonesa.

> A atividade teve seu auge na década de 1950, e chegaram a ser registradas na Ilha Grande, 20 de 30 fábricas de sardinha que haviam em Angra dos Reis. A última fábrica de sardinha em funcionamento na nossa querida ilha, foi na vila de Matariz, chamada EBRAPESCA, que encerrou as atividades em janeiro do ano de 1992 (MENDES, 3 maio, 2018, n.p.)[17].

A decadência da atividade pesqueira na região não tem um registro específico histórico, mas é apontada a década de 1970 como o período de declínio. Para Mendes (2018), “a principal causa dessa diminuição do peixe foi em virtude da pesca predatória” (Mendes, 3 maio, 2018). A partir dessa fase,

[17] Para mais informações: http://ilhagrandehumanidades.com.br/sites/default/files/Produto_III_Ilha_Grande_final.pdf. Acesso em: 17 dez. 2024.

pescadores trocaram suas canoas a remo e suas redes de barbante cozidas na resina da aroeira por barcos a motor e redes de nylon. Com o passar dos anos, a partir da pesca predatória e consequente escassez da matéria-prima, as fábricas fecharam e, com o fim do presídio e o advento do turismo na Ilha, surgiram as primeiras pousadas adaptadas nos prédios das antigas fábricas. Atualmente, a comunidade se reduziu muito, contando com aproximadamente 150 moradores que trabalham ou no serviço público ou nas pousadas.

2.3 DOIS RIOS

A Vila de Dois Rios é um local repleto de história e significados diversos. A vila recebe esse nome devido à confluência de dois rios que deságuam na praia local, criando uma paisagem singular e atraente. A história da vila está intimamente ligada à do presídio que ali funcionou durante muitos anos, deixando marcas profundas na cultura e na memória da região. Conforme dito anteriormente, as primeiras ocupações da Ilha datam do período de colonização e posteriormente do século XIX, quando foi utilizada para quarentena, com o Lazareto.

O momento mais marcante da história de Dois Rios começou em 1903, com a construção da Colônia Penal de Dois Rios, que, em 1940, foi transformada no Instituto Penal Cândido Mendes. O presídio se tornou notório ao longo das décadas, especialmente durante o regime militar, quando abrigou presos políticos e criminosos de alta periculosidade. Entre os presos famosos, destaca-se o escritor Graciliano Ramos, que narrou sua experiência na obra *Memórias do cárcere*, um clássico da literatura brasileira.

A presença do presídio moldou a vida da comunidade local. A economia da vila girava em torno do funcionamento da penitenciária, com muitos moradores trabalhando como funcionários ou prestadores de serviços. Apesar da função inicialmente repressiva, a penitenciária acabou por criar uma comunidade relativamente estruturada, com escolas, comércio e até atividades culturais promovidas pelos próprios detentos (Farias; Da Gama, 2019).

Em 1994, o presídio foi desativado, após anos de denúncias de maus-tratos e condições desumanas. O fechamento trouxe mudanças significativas para a Vila de Dois Rios e para a Ilha como um todo. Sem a principal fonte de

renda e estrutura, muitos moradores deixaram a vila em busca de novas oportunidades (Santos, 2005).

Atualmente, a vila é um ponto turístico conhecido pela sua beleza natural e tranquilidade. As ruínas do antigo presídio tornaram-se uma atração histórica, visitada por turistas que chegam para conhecer suas histórias e apreciar a natureza exuberante (Mello, 2024).

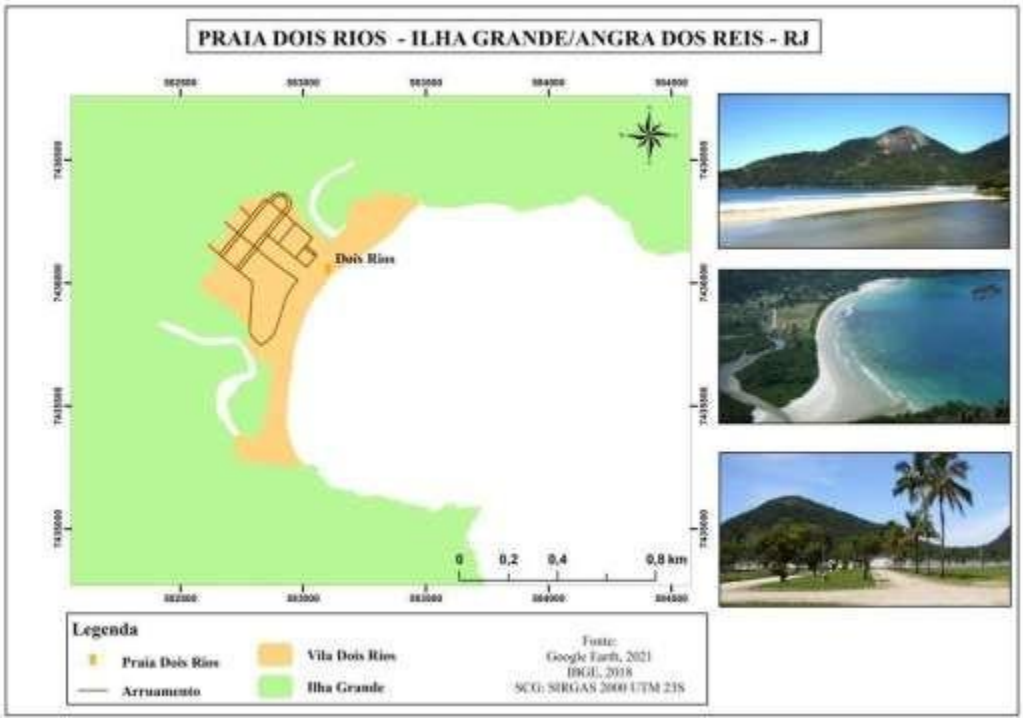
A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) mantém, desde 1996, um centro de estudos ambientais na vila, que realiza pesquisas voltadas para a preservação do meio ambiente e o desenvolvimento sustentável da região. Esse centro contribui para a disseminação do conhecimento e a conscientização ambiental, além de atrair estudantes e pesquisadores de diversas áreas (Callado et al., 2019).

Apesar das belezas naturais e da rica história, a vila enfrenta desafios, como a necessidade de infraestrutura básica e a preservação ambiental. O turismo, se não for bem gerido, pode representar uma ameaça ao ecossistema local. No entanto, iniciativas de ecoturismo e projetos de desenvolvimento sustentável têm surgido como soluções viáveis para equilibrar a preservação ambiental e o desenvolvimento econômico (Casemiro et al., 2023).

A história da Vila de Dois Rios é um testemunho da resiliência e capacidade de adaptação de sua comunidade. De colônia penal a um centro de pesquisa e turismo, a vila se transformou ao longo do tempo, sempre mantendo um vínculo profundo com seu passado. As ruínas do presídio são um lembrete constante da complexa história do local, enquanto a exuberante natureza ao redor aponta para um futuro promissor, no qual preservação e desenvolvimento possam coexistir harmoniosamente.

Dois Rios (Figura 6) é uma praia de aproximadamente um quilômetro de extensão que tem um rio em cada uma de suas extremidades. A praia se encontra em mar aberto, sendo propícia para a prática de *surf* e pescaria. O funcionamento do extinto Instituto Penal Cândido Mendes foi talvez o maior responsável pela preservação da Ilha Grande, porque inibiu, até 1994, a atividade turística formal.

Figura 6 – Dois Rios



Fonte: Elaborado por Aline Bentes (2021).

Desde 1994, por meio do Termo de Cessão de Uso nº 21, de 18/10/1994, o território está sendo administrado pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), que construiu o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS) e o Ecomuseu[18].

De acordo com o próprio site do CEADS, esse é um espaço de desenvolvimento de pesquisas, parte da Reserva da Biosfera daUnesco, incluído na Área de Proteção Ambiental dos Tamoios, bem como do Parque Estadual da Ilha Grande, onde cerca de mil pesquisadores desenvolvem pesquisas anualmente.

O Ecomuseu, por sua vez, é um museu a céu aberto formado por quatro núcleos, sendo eles: o Museu do Cárcere (dedicado à memória do sistema carcerário da IG, ocupando o prédio do antigo Instituto Penal Cândido Mendes), o Museu do Meio Ambiente (localizado na Fazenda Dois Rios, dedicado a pesquisas científicas sobre biodiversidade e sustentabilidade), o Parque Botânico e o Centro Multimídia (mais voltado a pesquisas historiográficas e produções midiáticas).

Para João Lino, a criação desses museus pela UERJ tem sua

[18] Para saber mais: http://ceads.pr2.uerj.br/.

importância para a comunidade. Ele explica que

> O ecomuseu foi criado com quatro unidades, que era o Museu do Cárcere, que se propunha a fazer a história dos 100 anos de presídio na ilha. O Museu do Meio Ambiente, que pretendia pensar essa relação do homem com a natureza, essa ocupação da ilha. Um centro multimídia de preservação, da documentação e de incentivo à produção de documentários sobre a ilha. E um parque botânico, cujo principal objetivo era o registro das espécies endêmicas dali, da Ilha Grande. (João Lino (VID_20230715_170654) 16/07/2021 15:25).

A Vila de Dois Rios acolhe cerca de cem moradores, dos quais uma boa parcela trabalha na UERJ e outros são remanescentes, moradores dos tempos do presídio (parentes de ex-detentos, ex-funcionários ou parentes de ex-funcionários do presídio, e tinha até mesmo um ex-detento, agora falecido), ocupando as antigas casas padronizadas, hoje em péssimo estado de conservação.

2.4 PROVETÁ

A praia de Provetá (Figura 7) quase não tem movimentação de turistas, sendo o principal acesso terrestre para as praias do Aventureiro e Meros; fica do lado oceânico da Ilha Grande. A Vila Evangélica de Provetá abriga a segunda maior comunidade e possui a segunda maior economia da IG. É habitada basicamente por pescadores, e a atividade pesqueira profissional ainda é bastante ativa.

A história de Provetá está entrelaçada com a fundação da igreja Evangélica Assembleia de Deus (Figura 7), Ministério de Provetá. Fundada em 30 de junho de 1935, pelo casal de pioneiros Deoclécio Luiz das Neves e Helena Martins das Neves, sua esposa, a igreja transformou a comunidade desde suas primeiras pregações. Enfrentando o mar agitado e doenças locais, o casal, junto com seu filho Samuel, navegou de canoa a remo do bairro Camorim até a praia de Provetá, na Ilha Grande. Esse trajeto foi protegido, conforme acreditavam, pela providência divina, que os guiou sob uma nuvem que cobria a canoa (Assembleia de Deus Provetá, 2024).

Figura 7 – Igreja da Assembleia de Deus

Fonte: A autora.

Ao chegarem, Deoclécio e Helena encontraram uma comunidade de pescadores, isolada e afetada por diversas doenças. No entanto, a perseverança e a fé do casal trouxeram mudanças significativas. A palavra de Deus, conforme acreditam os locais, trouxe cura para enfermidades e calma para o mar, que antes era frequentemente agitado, muitas vezes fechando o porto por até nove dias. Na fala dos moradores locais, esse milagre inicial reforçou a fé dos novos convertidos e estabeleceu a igreja como um pilar central da comunidade (Assembleia de Deus Provetá, 2024).

A jornada de Deoclécio e Helena não foi isenta de desafios, pois enfrentaram resistência e perseguição, incluindo ameaças de morte. Um incidente notável envolve um homem que sofria de uma dor de cabeça insuportável. Ele desafiou Deoclécio dizendo que se Jesus o curasse, ele permitiria a pregação. Segundo seus relatos, após a oração, a cura ocorreu instantaneamente; e o homem, juntamente com sua família, se converteu. Esse evento solidificou ainda mais a presença da igreja na região (Assembleia

de Deus Provetá, 2024).

A região é composta por várias congregações espalhadas pela Ilha Grande, incluindo praias como Aventureiro, Araçatiba e Abraão. A influência da igreja moldou não apenas a espiritualidade, mas também os costumes e o estilo de vida dos moradores (Assembleia de Deus Provetá, 2024).

O Instituto Estadual do Ambiente (Inea) desempenha um papel crucial na preservação ambiental da Ilha Grande, incluindo Provetá, sendo responsável pela implementação de políticas ambientais que visam proteger a biodiversidade local, regulamentar a pesca e monitorar o desenvolvimento sustentável da região. Em Provetá, o Inea trabalha para garantir que as práticas pesqueiras sejam sustentáveis, promovendo a conservação dos recursos marinhos essenciais para a economia local. Além disso, o Inea tem investido em projetos de educação ambiental para essa comunidade. Essas iniciativas incluem workshops e palestras que visam conscientizar os moradores sobre a importância da preservação ambiental e o impacto das atividades humanas no ecossistema. A participação da comunidade é incentivada, e muitos moradores têm se tornado aliados importantes na conservação da Ilha.

O Inea também colabora com outras organizações e com a própria comunidade evangélica para promover um modelo de turismo sustentável. Esse turismo busca minimizar os impactos ambientais enquanto valoriza a cultura local. A ideia é atrair visitantes que respeitem as tradições e os valores da comunidade de Provetá, contribuindo para a economia local sem comprometer os recursos naturais da região. No entanto, o relacionamento entre o Inea e a comunidade não é isento de conflitos. Muitos moradores e líderes religiosos percebem as ações do Inea como uma interferência nas suas tradições e modo de vida. A implementação de regras ambientais mais rígidas, especialmente aquelas que limitam a pesca, principal atividade econômica de Provetá, gerou descontentamento. Segundo os moradores, essas restrições ameaçam sua subsistência e são vistas como uma imposição externa que não leva em conta as particularidades locais (Santos, 2005).

Os conflitos se intensificaram com a criação de áreas de proteção ambiental que limitam o acesso e a exploração dos recursos naturais pela comunidade. Líderes religiosos da Assembleia de Deus argumentam que

essas medidas desconsideram a história e a cultura da comunidade, tratando-os de forma genérica como infratores ambientais. O sentimento de ser alvo de injustiças e o desrespeito às tradições locais contribuíram para a percepção dos moradores em relação ao Inea como uma entidade adversária (Santos, 2021). A resistência ao Inea é expressa em reuniões comunitárias e em ações coletivas, nas quais líderes religiosos desempenham um papel crucial na articulação das demandas dos moradores. Esse embate revela as complexas interações entre conservação ambiental e direitos das comunidades tradicionais, evidenciando a necessidade de um diálogo mais inclusivo e sensível às especificidades culturais de Provetá (Santos, 2021).

Em Provetá ficam os maiores barcos pesqueiros de alto mar da região, que descarregam na cidade de Angra dos Reis. Também a pesca manual com linha e rede é muito praticada. Grande parte da comunidade é evangélica e possui costumes bem particulares, como tomar banho de mar com roupas que cobrem braços, pernas e tronco. A igreja Assembleia de Deus fica situada no centro da vila e destaca-se facilmente das demais construções. Ela foi construída em uma praça, local de amplo acesso, e é mais alta que o restante das construções.

A partir dessas contextualizações e narrativas que aparecem nas entrevistas e no diário de bordo, inicia-se uma vivência, destacando a minha passagem pela Ilha Grande, bem como as impressões acumuladas ao longo de anos de pesquisa e convivência, considerando as comunidades Abraão, Bananal, Dois Rios e Provetá.

Após essa breve contextualização das quatro comunidades escolhidas para este estudo, aprofundarei minhas análises por meio de fragmentos de entrevistas que revelam as transformações históricas ocorridas em cada local.

Figura 8 – Provetá

Fonte: Elaborado por Aline Bentes (2021).

2.5 VILA DO ABRAÃO, TERRITÓRIO DE NINGUÉM

Abraão me fascina e emociona até hoje, sobretudo pelo que representa para suas comunidades (Comunidade da Terra e Nova Comunidade) e pela sua estética e movimento (Figura 9): a organização das casas, a harmonia das cores e a aparência bucólica da vila, mas que nem sempre foi assim. Para o entrevistado Marcos da Silva, antigamente Abraão era feio, sem atrativos, mal frequentado:

> Pensei que nunca mais fosse voltar à Ilha Grande. Achei o lugar horrível, na verdade, o Abraão era muito feio, muito feio mesmo, porque ainda peguei as construções das fábricas de sardinha, em 1986. Abraão parecia um pequeno porto, sujo, com pessoas rudes, porque era frequentado praticamente só pelas visitas de presos. Não tinha nenhum tipo de atrativo no Abraão. O turismo era zero, até tomar uma cerveja era muito difícil. (Marcos da Silva (VID_20210414_183213) 14/04/2021 18:32).

Ao longo destes 15 anos de visita à Vila do Abraão, tenho acompanhado suas modificações, a partir das edificações, personagens e performances. A vila vive repleta de conflitos e harmonia ao mesmo tempo. Pessoas circulam para lá e para cá, indo e vindo, chegando ou indo embora.

Comunidades e turistas se confundem em meio à simpática Vila do Abraão, e tenho acompanhado essa mudança de uma comunidade rude, como a descrita pelo Sr. Marcos da Silva, para uma praia mais harmônica, com calçadões, e preparada para receber turistas.

Figura 9 – As ruas da Vila do Abraão

Fonte: Reprodução da internet.

Como sempre, fico flanando, observando os grupos, suas discussões e impasses. Os carreteiros, geralmente caiçaras, transportam as malas dos viajantes até o seu local de hospedagem, além de materiais de construção, mercadorias diversas que chegam do continente. Observar aqueles homens suados, empurrando aqueles carrinhos pesados, fazendo tanto esforço físico por alguns trocados é de impressionar e me fez refletir sobre as condições trabalhistas.

Outro grupo marcante é formado pelos donos de *táxi boat,* que, na informalidade, se agrupam no fim da rua da padaria e ficam lá abordando quem passa, oferecendo seu trabalho e concorrendo com as agências cadastradas. Eles falam tão alto que parecem estar brigando, mas ficam ali, com suas tabelas de preço na mão, tentando persuadir quem passa a comprar seus passeios. Sem dúvida, uma cena que incomoda muito, não só pela

abordagem, sem o menor tato, como também pela forma como xingam e parecem estar discutindo e esbravejando o tempo todo.

O comércio é bem sortido de lojinhas, supermercados, padarias, bares, restaurantes e poucos ambulantes (carrinhos de doce, aluguel de *snorkel*[19], pé de pato e câmera GoPro). Há duas feiras, uma com barraquinhas de artesanato, que funciona todos os dias; outra com foco na economia criativa e comercialização de produtos locais. Em uma arquitetura um pouco desordenada, temos ruas sem tamanho padrão onde comércio (embaixo) e moradia (em cima) dividem os mesmos prédios, com cores diferentes.

Abraão é ocupada por caiçaras, baianos[20], cariocas, paulistas, argentinos e pessoas de diversos outros territórios e nacionalidades, desenvolvendo uma dinâmica territorial múltipla e sem característica específica.

2.6 BANANAL: UMA COMUNIDADE ABAFADA PELO PODER ECONÔMICO

Sempre tive curiosidade de conhecer Bananal, por sua comunidade de descentes de japoneses, movimentos culturais de resgate da cultura japonesa, as fábricas de sardinha e, principalmente, pela tragédia causada pelo deslizamento, que destruiu a Pousada Sankay em 2010 e ceifou a vida de três pessoas, incluindo a filha, de 18 anos de idade, dos proprietários do estabelecimento.

Em 2010, deslizamentos de encostas causados por fortes chuvas deixaram 50 mortos nas regiões de Angra dos Reis e Ilha Grande, atingindo principalmente o Morro da Carioca (Angra), no qual 11 pessoas de uma mesma família perderam a vida, e a Enseada do Bananal, local de turismo, onde 14 hóspedes de um mesmo grupo morreram. O entrevistado Artur Augusto relembra que

> Havia ali uma situação, principalmente na Ilha Grande, de uma catástrofe que não tinha sido provocada basicamente pela destruição do homem, por mau uso da floresta ou por invasões. Havia uma área preservada que escorregou por uma tromba d'água terrível. (Artur Augusto (VID_20230414_18468) 15/04/2021 18:32).

[19] Equipamento de respiração subaquática para mergulho livre.

[20] Este é um termo utilizado pelos moradores da IG para referirem-se aos migrantes da Bahia que começaram a ir para o local em busca de trabalho (nas construções, auxiliar de serviços gerais, carregadores de bagagem, nos *táxi boats).*

Mais de cinco anos depois do episódio – ao qual Geraldo chama de “tragédia”, e Sonia, de “acidente” –, o casal Faraci fala com tranquilidade dos tempos tenebrosos que passaram.

Na sala da residência atual da família há um espaço dedicado a preservar a memória da filha, morta no deslizamento, com fotografias, instrumentos e objetos que pertenciam à menina. A seguir, a fotografia de Geraldo e Sônia no cantinho dedicado à Yumi (Figura 10), feito em Minas Gerais, local de residência deles: medalhas, troféus, instrumentos musicais, cinzas da menina e terra de Ilha Grande materializam a memória.

Como dito anteriormente, o deslizamento destruiu não só a pousada, mas também residências no entorno, levando à morte de muitas pessoas, incluindo turistas, moradores e, dentre eles, a filha do casal[21].

Figura 10 – Geraldo e Sônia no cantinho dedicado à memória de Yumi

Fonte: Leandro Couri/EM/D. A Press, disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0201201001.htm. Acesso em: 29 jun. 2024.

Para chegar a Bananal, durante a pesquisa de campo do doutorado, vivi uma pequena aventura, pois o barco era pequeno e sem segurança. Ao

[21] Para ler a reportagem na íntegra relatando o incidente, consultar: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0201201001.htm

chegar, deparei-me com uma bela enseada e fiquei impressionada com a imponente Pousada do Preto, onde me hospedei. O prédio da pousada (Figura 11), onde funcionava uma fábrica para conservação de sardinha em lata, foi totalmente adaptado e transformou-se em uma belíssima estrutura turística, com mais de 30 apartamentos, que possui seu próprio píer. O casal de japoneses Noriko e Preto cuida pessoalmente dos serviços oferecidos a seus clientes.

As outras cinco pousadas de Bananal também são de propriedade de japoneses. Nas fachadas são colocados símbolos do Japão. Em suma, eles é que têm o comando do lugar, pois possuem postos de trabalho para oferecer aos caiçaras. Todos trabalham por diária e em horários que desafiam as leis trabalhistas brasileiras, sem carteira assinada[22], nem mesmo MEI[23]. Os caiçaras trabalham sem direitos trabalhistas, o que significa não ter acesso ao INSS, portanto, sem direito ao décimo terceiro, férias remuneradas ou aposentadoria.

Como não podem pescar (pesca predatória) nem plantar (pequenas lavouras), continuam trabalhando nessas condições.

Figura 11 – Pousada Casa Nova

Fonte: https://www.pousadacasanovah.com/. Acesso em: 16 dez. 2024.

O Festival de Cultura Japonesa da Ilha Grande (Figura 12), que não ocorre desde 2011, era um dos eventos mais marcantes, totalmente organizado pela “japonesada” (forma como a Comunidade da Terra se refere aos japoneses).

Em 2008 foi realizado o primeiro festival em comemoração ao

[22] Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).
[23] Microempreendedor individual (MEI).

centenário da colonização japonesa no Brasil. Em 2011 foi realizado o último, na Enseada do Bananal, com atrações culturais e gastronômicas.

A pequena vila possui uma lanchonete/restaurante, uma padaria/mercearia e uma birosca/mercearia. A igreja que predomina é a Assembleia de Deus e seu pastor é um dos poucos trabalhadores que prestam serviços para a subprefeitura da IG na limpeza de Bananal (Figura 13).

Ao andar pela vila, nos dez dias em que fiquei por lá, percebi que os 180 moradores vivem uma vida pacata. A vegetação cobriu grande parte da área onde ocorreu o deslizamento de terra. Portas, janelas e madeiras foram retiradas da pousada Sankai. O turismo é a principal fonte de renda da comunidade, que também foi prejudicada pela pandemia. As seis pousadas da praia tiveram ocupação baixa durante os anos de 2020 e 2021. Conversando com Sueko Nakamashi, ela me confessou: “a gente espera que 2022 venha com tudo. Que o pessoal se anime novamente a vir apreciar o que a Ilha Grande tem para oferecer, que é tudo de bom”, disse, esperançosa, a dona da pousada.

Figura 12 – Festival de Cultura Japonesa da Ilha Grande

Fonte: http://ilhagrande.org/pagina/festival-de-cultura-japonesa-ilha-grande (reprodução da internet).
Acesso em: 16 dez. 2024.

Encantei-me com duas jovens, representantes da comunidade, cheias de energia e idealismo. A partir da participação em um curso de base comunitária, começaram a questionar o poder do capital que é imposto pelos japoneses. Embora tenham certa dificuldade de dar voz ao que pensam e sentem, pois acham que devem favor (obrigação aos japoneses), como na fala de Suzana da Silva:

> Nasci em outra praia, a Aripeba. E minha certidão é assinada de lá. E aí depois nós viemos morar aqui no Bananal. Aí já tinham as fábricas dos japoneses quando nós chegamos aqui, aí depois a gente foi crescendo, a minha mãe trabalhando na roça, o meu pai também trabalhava na roça, aí depois o nosso ganho, para nós

> ganharmos alguma coisa, foi trabalhar aqui no japonês, nas fábricas. [...]. Comecei a trabalhar criança, porque os nossos pais não tinham muitas condições, sabe? Trabalhava em roça, e o meu pai, ele bebia muito. Às vezes trabalhava, mas não ajudava bem em casa por causa da bebida. Aí eu comecei a trabalhar nova. Depois que fui tomando conta de criança, de criança, aí eu voltei já trabalhar, ser a cozinheira, voltei a ser cozinheira, depois da cozinheira aí eu voltei a trabalhar na fábrica, aí da fábrica no trabalho mesmo comecei a trabalhar com 11 anos do trabalho me casei com 22 anos no trabalho. [...] Na Fábrica de sardinha quem trabalhava e enlatasse mais lata de sardinha de 10 kg, ganhava mais, quem não enlatava, ganhava menos. Tinha mais empregado homem para poder salgar as sardinhas no tanque e aí depois ia para a lata. (Suzana da Silva (VID_20210715_170653) 15/07/2021 17:06).

Figura 13 – Pousada do Preto na Enseada do Bananal

Fonte: A autora, 2021.

Nas conversas realizadas com os entrevistados, percebi certo rancor dos caiçaras em relação aos japoneses, pelo tom de voz nas entrevistas e pelo tom pejorativo para referirem-se aos donos de pousada, como quando José da Silva os chama de “japonesada”.

O subtítulo referente a essa comunidade e o que foi retratado nas entrevistas: o que restou do caiçara hoje está dominado pela Nova Comunidade (baianos, estrangeiros, argentinos), relatos sobre o domínio da comunidade pelos japoneses, por isso abafada pelo poder econômico das pousadas.

2.7 DOIS RIOS

Sempre tive fascínio pela história de Dois Rios (Figura 14), envolvendo a criação e o funcionamento do presídio e seus desdobramentos. Embora eu frequente a Ilha Grande há muito tempo, só fui conhecer a comunidade em 2020, já durante a pesquisa, por conta da minha dificuldade de caminhar na trilha de 18 km (considerando ida e volta). Apenas após o início da pesquisa doutoral pude ter acesso à comunidade de Dois Rios, pois o transporte (fornecido pela UERJ) atende somente moradores ou pesquisadores, então a oficialização do doutorado pela UFG me proporcionou o acesso à comunidade sem ser pela trilha.

Mesmo sem ter ido anteriormente, sempre incentivei a participação dos grupos de turistas que acompanhava, devido à oportunidade de contemplar as belezas da paisagem ao longo da experiência da caminhada, por conta de tudo o que Dois Rios representa na memória da Ilha Grande e da história política do país.

Em minha primeira visita fui de ônibus escolar, com a anuência de uma moradora da vila, e fiquei muito emocionada, pois ia conhecer, finalmente, o Caldeirão do Diabo, mesmo que em ruínas. A estrada de chão que leva à vila é cheia de curvas, buracos e Mata Atlântica, de beleza exuberante. A expectativa era grande! Ao chegar, vi a guarita de entrada e, à medida que o ônibus foi entrando, percebi uma vila deserta e muito descuidada.

Caldeirão do Diabo é como foi chamado o complexo penitenciário Cândido Mendes pelo fotógrafo André Cypriano, que realizou um ensaio fotográfico documental oito meses antes da demolição (Figura 15). Em 1999, o Caldeirão do Diabo, lançado em livro homônimo pela editora Cosac Naify, foi premiado pela fundação Mother Jones International Fund for Documentary Photography, da Califórnia, uma das mais respeitadas instituições de incentivo à fotografia documental (Denise Camargo, 2006).

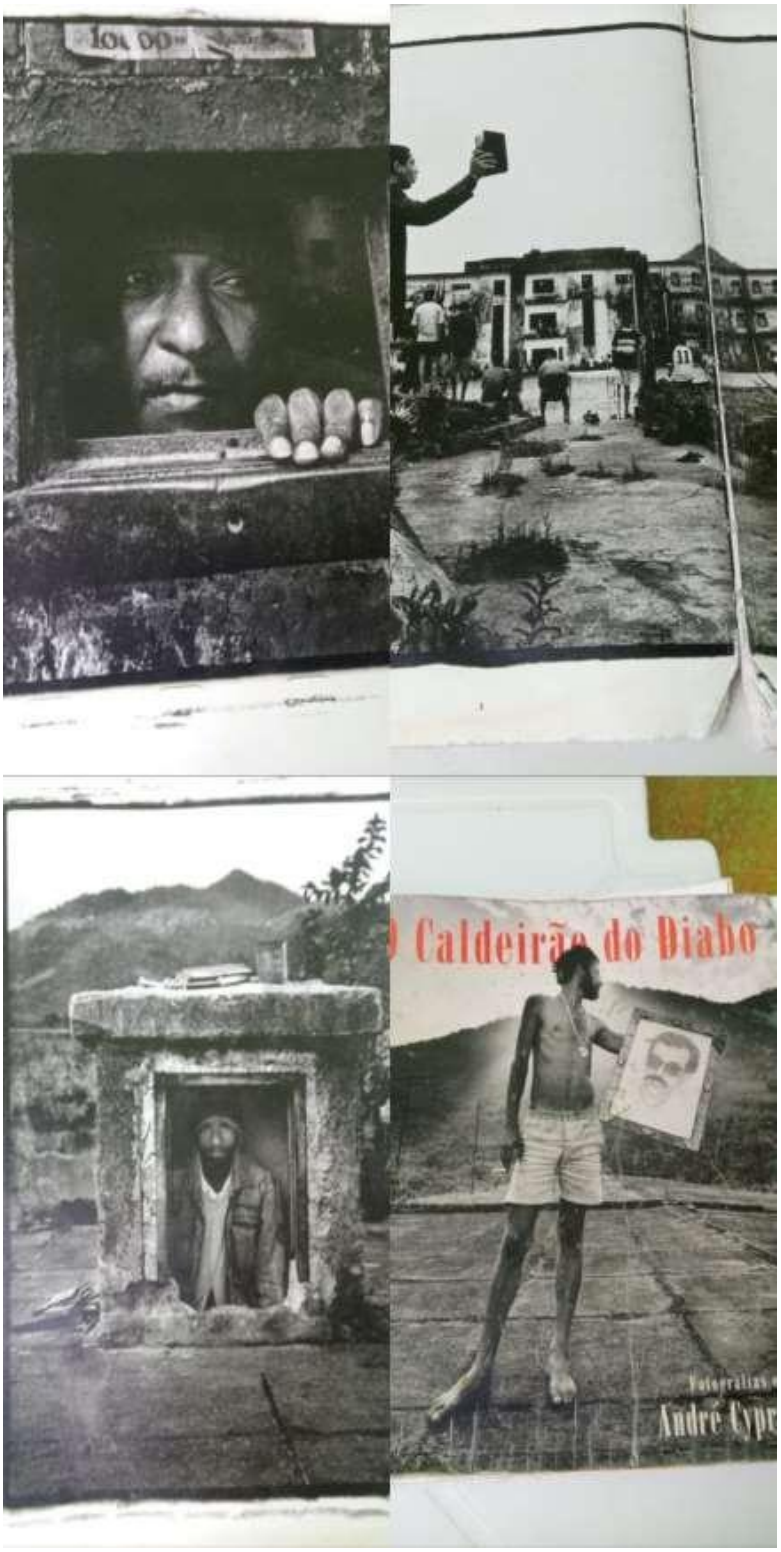
Figura 14 – Dois Rios

Fonte: A autora, 2021.

Essas fotografias eu reproduzi do próprio livro enquanto conversava com a entrevistada Helena (nome fictício) em seu bar/restaurante, ainda em uma conversa informal, apresentando a tese e a pesquisa e comentando sobre as entrevistas formais.

A minha primeira impressão foi de estar em uma cidade fantasma, como aquelas dos emblemáticos filmes de *western*, dos *cowboys*, do Velho Oeste Americano. As casas tinham uma aparência de abandono, ruas vazias, quintais com mato grande e uma praia totalmente deserta. Fui à residência da minha anfitriã, a artesã Marina, viúva de um policial que trabalhava no presídio. Entrei na casa onde ela vive na companhia de seus gatos, livros e lembranças. Marina se dedica ao artesanato com garrafas pet (Figura 16).

Figura 15 – Montagem de fotografias da exposição “Caldeirão do Diabo”



Fonte: Reprodução do livro.

Figura 16 – Artesanato com materiais recicláveis produzido pela Marina

Fonte: A autora, 2021.

Ela me levou para conhecer o prédio da escola onde ela trabalha como auxiliar de serviços gerais. Fomos andando na vila e, ao entrar na rua da escola, Marina me disse que, nos tempos do presídio, era chamada de rua dos “bacanas”, pois tem as melhores casas, que eram ocupadas pelos “chefões do presídio”, provavelmente pelas autoridades militares que residiam no local. Encantei-me com a rua e senti uma familiaridade enorme com o local. A arquitetura e as imensas árvores movimentaram meus pensamentos e, de novo, eu tive a sensação de já ter visto tudo aquilo.

Marina é uma das entrevistadas que afirma que a Ilha era mais segura antes, com o presídio, do que hoje em dia. Em uma longa conversa, ela relata que chegou à Ilha no carnaval de 1989. A prima era enfermeira no presídio e ela se mudou para morar com a família.

> Sabe que na época do presídio, a gente tinha muito mais segurança do que tem agora. Naquela época, Abraão era algumas casas, não tinha aquele monte de pensão, de hotel, de pousada, essas coisas todas, não tinha. Era uma aqui, outra ali, pouquíssimos moradores nativos, né? Era só os nativos mesmo. Aqui em cima só tinha os funcionários que trabalhavam no presídio,

> que são os guardas, os PMs, a minha prima que era enfermeira. Mas tinha muita segurança. Os presos, que tinha muito preso livre, que trabalhava na vila, que fazia a limpeza da vila. Tinha os presos que eram mais bonzinhos, que trabalhavam nos quintais das casas, dos moradores que limpavam os quintais. Tinha os presos que saíam pra estrada. Tanto que a estrada naquela época não era essa porcaria que é hoje. Era uma estrada ótima, muito bem conservada. Tinha os presos que saíam pro mato pra buscar lenha. E a gente tinha segurança, porque tinha muito policial. E os presos, eles tinham mais respeito pelos moradores do que os próprios policiais. (Marina (VID_20240715_180653) 16/07/2021 11:20).

Diante de tantas histórias e sensações, as duas semanas em que ali visitei me impressionaram muito, por conta da forma como aquela pequena comunidade ainda resiste, mesmo sem escola, padre e posto de saúde, com instabilidade de energia elétrica e falta de mobilidade (dependem dos carros da UERJ e da subprefeitura para se locomover – ir até a comunidade do Abraão, para pegar a barca e fazer compra de suprimentos, no continente), e a completa inexistência de vida social, como a entendemos. Eles não têm nada e, ao mesmo tempo, têm tudo. Lutam bravamente pela permanência no território, antes dominado pelo presídio e agora pela universidade, como poderemos ver mais à frente com a entrevista da Maria da Silva, na seção 4.

Segundo o discurso desses moradores, conforme se verá no último capítulo da tese, suas vidas são controladas, tanto no uso das casas quanto até mesmo da praia. Não podem promover qualquer modificação em suas residências, como pintura e reforma, entre outras mudanças na estrutura ou na forma predial. Na praia é proibida a pesca e qualquer comércio ambulante. A sobrevivência é o lema dos moradores da Comunidade Dois Rios, que vivem das lembranças dos tempos do presídio, quando a instituição carcerária dava tudo a eles, do “pão”, todas as manhãs, à segurança, no dia a dia.

Sentem-se abandonados, jogados à própria sorte e dependentes da UERJ que, na visão da comunidade residente, não provê o sustento como o sistema carcerário provia. O Instituto Estadual do Ambiente (Inea), órgão do governo do Estado do Rio de Janeiro, vinculado à Secretaria Estadual do Meio Ambiente, também os persegue e não permite que plantem nem recolham as folhas que caem das árvores. Não sei até quando eles vão conseguir sustentar a permanência na vila, mas o fato é que os moradores têm representatividade (Associação de Moradores da Vila de Dois Rios) e vivem em uma espécie de guerra, entre eles mesmos, por conflitos de interesses e contra a universidade,

que tem a concessão do uso do território.

Apesar da fala das pessoas, durante a pesquisa não foi possível encontrar regulamentos oficiais que proibissem reformas ou mudanças nas casas de Dois Rios. Por outro lado, outros autores também apontam essa disputa que gira em torno principalmente da questão ambiental. Na dissertação de Flávio Brito (2001) há uma referência à Lei Orgânica de Angra proibindo os loteamentos na IG, mas não especifica o que os entrevistados apontaram com relação ao controle do Inea ou da UERJ com relação às reformas e/ou mudanças estruturais em suas próprias residências. Há uma incongruência entre as falas dos entrevistados e a ausência de legislações que as corrobore, porém, o fato é que o sentimento de que não podem mexer em suas próprias residências existe – o sentimento da proibição.

Mesmo nas diretrizes gerais da Lei nº 1.754[24] sobre o território da Ilha Grande, não estão especificadas essas questões. O Plano Diretor do Município de Angra, responsável pela gestão da Ilha, feito em 1991, estabelece um controle da construção civil, limitação de zoneamentos e construção de imóveis, porém, não é respeitado (Brito, 2001, p. 66). A própria IG é uma Unidade de Conservação e Dois Rios é um Parque, o que altera a utilização do território e a possibilidade de moradias, por exemplo.

Para a entrevistada Cristina, moradora da Vila do Abraão, há um abandono no cuidado com as partes públicas, que deveriam ser responsabilidade da UERJ:

> [...] está abandonado! eu fui há 1 mês atrás mais ou menos, fazia muito tempo que eu não ia. Eu fiz uma caminhada com o meu filho pra lá e eu até comentei: gente, isso aqui estava um matinho baixo bonito, agora está cada matagal perto daquela praça bonita. um matagal medonho. eu achei estranho. (Cristina (VID_20460715_190680) 16/07/2021 14:23).

Por outro lado, na opinião do entrevistado Marcos da Silva, a UERJ faz um importante trabalho de resgate das memórias, culturas e festas religiosas:

> A Universidade realiza um trabalho de resgate da memória das manifestações culturais, patrimônio e festas religiosas. A UERJ tem um acervo de filmes, que eram exibidos para a comunidade. Muita coisa, exposições aqui na Casa de Cultura, muita coisa da cultura aqui da ilha foi mantida pela própria UERJ. Acho que a comunidade

[24] Para saber mais: http://www.ilhagrande.org/pagina/diretrizes-gerais-sobre-territorio-ilha-grande. Acesso em: 02 dez. 2024.

> deve isso à UERJ. Mas, muita coisa se perdeu, especialmente aqui no Abraão. Nem a festa de Três Bocas, uma tradição de muito sucesso, que chegou ao fim, ao ser descaracterizada. O que se preservou foi a memória do presídio, porque estava ligado ao Estado. Porque o Abraão pertence ao município de Angra, o próprio município já tinha perdido todas as suas características culturais. (Marcos da Silva (VID_20210414_183213) 14/04/2021 19:00).

Apesar de destacar a importância da universidade, Marcos critica, apontando que ficou muito mais focado na preservação da memória do presídio, enquanto outras coisas foram negligenciadas, como as festas regionais, por exemplo a festa de Três Bocas. Esta é uma festa que ocorre em Vila do Abraão e já havia um tempo que não ocorria, mas foi retomada em 2013, com apoio da Fundação Cultural de Angra dos Reis (Cultuar). O nome é devido ao fato de acontecer entre três ruas (bocas de ruas). É uma festa com apresentações de coral e forró, aberta para moradores e turistas[25].

Para o entrevistado João Lino, a presença da UERJ sempre foi vista com certa desconfiança:

> Porque a população que ficou lá três anos desassistida, sem transporte, sem luz, sem água, sem nada, num movimento de resistência muito grande, e recebe a UERJ com uma ambiguidade bastante grande e compreensível. Por um lado, a UERJ aparecia como a salvadora da pátria. Estava assumindo aquilo ali, a responsabilidade, a guarda dos espaços, cuidar da ilha. (João Lino (VID_20230715_170654) 16/07/2021 15:40).

A Vila de Dois Rios é território dentro do Parque Estadual da Ilha Grande e possui em seu plano de manejo normas gerais a serem seguidas, as quais se destacam: 1) “São proibidas a caça, a pesca, a coleta e a apanha de espécimes da fauna e da flora, em todas as zonas de manejo, ressalvadas aquelas com finalidades científicas, desde que previamente autorizadas peloInea”; 2) “A introdução ou a reintrodução de espécies da flora ou da fauna somente serão permitidas quando autorizadas pelo setor responsável, orientadas por projeto específico, segundo as indicações do plano de manejo” (Inea, 2013, p. 69).

A história e a preservação da Ilha Grande de certa forma dependiam da continuidade do Instituto Penal Cândido Mendes, que funcionou de 1903 até

[25] Para mais informações sobre a Festa de Três Bocas, consultar: https://www.angra.rj.gov.br/noticia.asp?vid_noticia=26791&IndexSigla=imp. Acesso em: 02 dez. 2024.

1994, do ponto de vista da maior parte dos entrevistados. Se, por um lado, o presídio trouxe para Dois Rios uma população que trabalhava na estrutura de suas instalações, por outro, reduziu, durante muito tempo, o potencial turístico da Ilha. Por isso, a imagem que se construiu sobre ele é emblemática: por um lado, mantenedor/provedor da comunidade que ali era empregada; mas, por outro lado, inibiu o comércio turístico. O presídio inibiu investidores e ajudou na preservação desse paraíso. Mesmo com a desativação, em 1994, Dois Rios se manteve intocada, e desde então está sob o comando da UERJ e dentro do PEIG[26].

2.8 PROVETÁ: UMA COMUNIDADE DOMINADA PELA RELIGIÃO

Em Angra dos Reis, em 2021, dirigi-me ao cais dos pescadores para pegar a embarcação. Andei alguns metros, em meio a diversos barcos e pássaros que circulavam em busca de restos de peixes. Ao chegar ao barco de pesca[27], me apresentei, paguei a passagem e entrei para esperar a hora do embarque. Era minha primeira vez em Provetá e tinha ouvido muitas histórias sobre o lugar e sua comunidade evangélica.

Enfim, cheguei a Provetá, um lugar interessante do meu ponto de vista. Para chegar há muita dificuldade, devido à localização do barco, à mudança de horário, à desorganização. Em um primeiro olhar, vi uma pequena vila, bem simpática, cheia de gente na rua, crianças brincando, jogando futebol, nadando na praia (Figura 17).

O acesso à Provetá é complicado, o que comprometeu a pesquisa; quando desci na praia já não tinha mais bateria em meu telefone. Isso me impediu de registrar, por exemplo, essas primeiras impressões com fotografias. Essa visão da vila não foi somente minha, pois se encontram em sites de viagens imagens parecidas da vida cotidiana, da simplicidade, de

[26] "O Governo do Estado do Rio de Janeiro concedeu à UERJ, por meio do Termo de Cessão de Uso nº 21, de 18/10/1994, toda a área e benfeitorias ocupadas pelo Instituto Penal Cândido Mendes. A cessão da área física compreende o período de 50 anos, com possibilidade de renovação, e estabeleceu, dentre os compromissos assumidos pela UERJ, a implantação de um Centro de Estudos Ambientais com o objetivo de inventariar e preservar a diversidade local e de um Museu para documentação e divulgação dos recursos naturais existentes e dos vários aspectos que envolvem a memória e as características locais" (CEADS, 2023).

[27] O acesso à comunidade ou se faz por barco de pesca, às vezes utilizado como *táxi boat*, ou por embarcação particular.

crianças nas ruas brincando.

Figura 17 – Criança brincando na praia

Fonte: Reprodução da internet.

Era um dia chuvoso e foi possível perceber que todos que entravam no barco tinham um vestuário que se associa ao jeito de vestir de pessoas evangélicas, com tecidos mais pesados e cobrindo corpo e membros, como saias longas, calças compridas e mangas longas, cabelos longos em rabo de cavalo ou em coque, e sempre com a Bíblia na mão ou embaixo do braço. Fiquei a observar e aproveitar o visual da viagem. Em Provetá, o píer fica longe da praia. Tive que contratar um nativo para levar minha bagagem, pelo que me cobrou R$ 30,00. Atravessamos uma longa passarela e adentramos na cidade, tudo muito discreto e pacato.

A vila parecia vazia e logo chegamos ao meu destino, uma casa confortável, em frente a uma praia deserta e limpa. Comecei minha exploração do lugar e logo percebi a importância da igreja Assembleia de Deus para a comunidade. As pessoas me olhavam de forma desconfiada. Eu não me intimidei e comecei a explorar as ruas e a compreender a dinâmica da comunidade.

> A melhor coisa que tem aqui em Provetáé a igreja. Não tem coisa melhor do que a igreja. A igreja é um hospital, é tudo! Por exemplo, eu sou missionária, eu atendo pessoas de todo o nível dentro da igreja. Deus faz cura maravilhosa, que muitas vezes o médico não consegue fazer. Então em matéria de tudo a igreja é o melhor que tem aqui dentro da comunidade. Uma vez fui no Abraão e fiquei horrorizada. Eu gosto muito de paz e esse lugar aqui Provetá é para quem gosta de paz, sossego, vir com a família, saber que o filho não vai ser estuprado, que o filho não vai ser roubado. Tem a praia, a gente vai pra praia, de noite vem para a praça, é para comodismo. É um lugar de sossego. Tomara que nunca mude, eu espero que não mude. Eu vim para cá – Provetá – e foi Deus que me mandou. Aqui eu gostei e fiquei e já estou aqui há 30 anos, eu e meus filhos. Aqui tem muita coisa boa, entendeu. Muita coisa boa mesmo. (Maria Joana (VID_20210406_124023) 06/04/2021 12:40).

Muitos dos entrevistados locais apresentam resistência às perguntas, respondendo em monossílabos, como “sim”, “não”, “é...”, “aham”, sobretudo em Provetá. Houve resistência em continuar as conversas, em estabelecer diálogos comigo no papel de pesquisadora. Por outro lado, pessoas de fora, turistas e passantes, tinham mais abertura e renderam mais tempo nas entrevistas e mais informações. Nas outras comunidades, moradores também trouxeram muitos pontos interessantes em suas falas.

Exemplo dessa resistência na fala em Provetá foi a entrevista com Cristiano, que apenas respondia com monossílabos, tornando a conversa “truncada” e o diálogo impossível. Além disso, as falas das entrevistas, nessa comunidade em específico, são muito marcadas pelo discurso religioso evangélico.

Uma comunidade com mais de mil habitantes, aparentemente dominada pela igreja e suas regras. Um lugar que só tem uma religião, um pastor, uma vila, em todos os aspectos. As mulheres são donas de casa. Os homens, em sua maioria, atuam na pesca.

Ao longo das entrevistas, fui vivenciando mais o cotidiano das pessoas e, à medida que realizava a coleta de dados e as conversas, fui percebendo certa crise entre a comunidade e as embarcações profissionais de pesca, por causa da concorrência com embarcações bem estruturadas, que acabam com os peixes, deixando muito pouco para os pescadores locais. No metatexto Crise (seção 4.1), trechos das entrevistas realizadas com Mário (Comunidade da Terra) e Simone (Nova Comunidade) elucidam essas questões da disputa pela pesca, principalmente nas falas de Mário, ex-pescador.

Para o entrevistado Roberto, a economia do peixe deve ser preservada:

> Bom, ela tem que ser preservada, claro. Mas tem alguns sentidos, entendeu? O pescador, ele percebe que tem a parada da pesca no mês de agosto ou de setembro pra... Não, de dezembro pra janeiro é a força da sardinha, entendeu? Só que eles estão deixando aí praticamente quase seis meses. (Roberto (VID_20230816_170655) 14/07/2021 17:28).

O pastor cogita aceitar o turismo, desde que seja evangélico. A bela praia não é frequentada por ninguém, pois eles não podem colocar roupa de banho (nem biquíni nem sunga), principalmente as mulheres. Apesar de tudo isso, senti-me acolhida e respeitada por todos, mesmo não seguindo a religião deles. Foi somente depois da entrevista com o pastor que consegui acessar os demais habitantes. Pela fala de Maria Joana, é possível compreender o forte apelo religioso em Provetá. Na comunidade, a vida gira em torno da igreja, e palavras como: paz, sossego e família se ligam a esse discurso.

2.9 AS PRAIAS E SUAS TRANSFORMAÇÕES

As comunidades que vivem em Abraão, Bananal, Dois Rios e Provetá passaram por transformações de grande impacto no que se refere ao registro da forma de viver social da Comunidade da Terra, suas memórias familiares, valores, forma de trabalho, ritos e tradições.

O fenômeno do turismo sempre foi tratado como típico da sociedade capitalista pós-revolução industrial e apresenta interligações espaciais e territoriais transformadoras, passíveis de análise. A atividade do turismo vem sofrendo significativas mudanças na forma como vem sendo construída e em como vem sendo consumida por turistas. O perfil desse consumidor busca novas formas de vivenciar as experiências, de forma autônoma ou tradicional (Coriolano, 2003). Ressalto ainda a importância de um olhar reflexivo, antropológico, sociológico, humanista, civilizatório e mais cuidadoso no que se refere às transformações, aos fenômenos sociais, patrimoniais, socioambientais, culturais e econômicos ocasionados pela prática da atividade turística em comunidades como Abraão, Bananal, Dois Rios e Provetá. Para Luzia Coriolano, geógrafa com ênfase em Turismo, Arranjos Produtivos Locais, Espaços públicos e privados do Lazer e Turismo,

> As transformações econômicas, sociais e políticas que determinam a organização das pessoas e atividades, em um dado momento, no tempo e no espaço, decorrem sobremaneira de uma política urbana adequada, a qual não pode ser concebida de forma isolada. O desafio da requalificação da cidade em um contexto geral está em compreender de forma sistêmica o modo como ocorrem os novos fluxos e conexões das atividades urbanas em um cenário atual, de forma que a cidade possa exibir em sua zona central uma boa qualidade arquitetônica e urbanística (Coriolano, 2003, p. 93).

Portanto, faz-se importante promover a coleta dessas memórias, discursos dos sujeitos, descrição de todos os elementos que norteiam sua cultura e, aí sim, compreender qual o papel e a representatividade dessa Nova Comunidade nessa fase de exploração da Ilha por meio da prática da atividade do turismo. Nas minhas andanças, percebi dramas e conflitos constantes e um desejo enorme de sobreviver, mesmo diante das dificuldades, que corroboram os pontos levantados na introdução da tese, de que há uma relação entre os indivíduos e o local, de que as comunidades são marcadas pela pluralidade e diversidade e que a história da IG é perpassada pelas construções das memórias dos entrevistados, por exemplo.

A próxima seção é dedicada a explorar as relações entre o turismo, a história da Ilha Grande e suas comunidades e as Performances Culturais, para em seguida trazer as entrevistas selecionadas utilizando a metodologia ATD e as teorias de Victor Turner sobre *Drama Social*.

3 ILHA GRANDE À LUZ DAS PERFORMANCES CULTURAIS

No Brasil, a atividade turística e o uso de ilhas como produto turístico se encontram em processo de crescimento e desenvolvimento. A Ilha Grande[28] é um dos maiores patrimônios naturais do Estado do Rio de Janeiro e do Brasil. Além disso, tem enfrentado problemas de adaptação referente aos conflitos entre comunidades[29] da Terra e Nova Comunidade, advindas da exploração da atividade turística e das transformações culturais.

O meu encontro com as pessoas que vivem na Ilha começou em 2006. Desde então, tenho realizado estudos empíricos como turismóloga, que envolvem o modo de viver dessas comunidades, sobretudo promovendo uma análise crítica por meio da observação. Ainda não foram publicadas partes da pesquisa, ou artigos que sejam sobre esta pesquisa doutoral em específico, mas foram realizados estudos sobre a gastronomia local, turismo, hotelaria, eventos e visitas técnicas de trabalhos de disciplinas ministradas em cursos superiores em Goiânia, pelas faculdades Cambury, Senac, Lions e Instituto Federal.

Essas pesquisas são feitas com diversas faculdades em Goiânia, e há visitas técnicas desenvolvidas, como pode ser observado na Figura 18, a seguir; um compilado de algumas das diversas visitas realizadas à Ilha para desenvolver pesquisas desses cursos de ensino superior.

[28] A Ilha Grande (IG) é a maior ilha do Estado do Rio de Janeiro e a sexta maior ilha marítima do Brasil, com uma área de 193 km^2, Ilha Grande – Angra dos Reis – RJ.

[29] De modo geral, as pessoas usam o termo caiçara quando querem marcar que se trata de alguém “verdadeiramente do lugar”, nativo da IG, ou seja, Comunidade da Terra. Por outro lado, a Nova Comunidade (formada por pessoas que vieram morar na Ilha em busca de maior qualidade de vida, ou que vieram fazer turismo e por ali ficaram) é formada por moradores considerados “não nativos”. Após o fechamento do presídio (a partir de 1994) é que começou a se formar essa Nova Comunidade de maneira mais expressiva.

Figura 18 – Visitas técnicas na IG

Fonte: A autora.

No âmbito das Performances, é necessário pensar também o simbólico e as simbologias que envolvem a Ilha Grande e suas diversas comunidades, cada qual com suas próprias características. Conforme Robson Camargo (2013a), as diferentes comunidades se relacionam e estabelecem várias formas de existir, se comunicar e conflitar. Apesar de não fazer referência às

comunidades da IG, percebi que cada uma dessas comunidades, mesmo fazendo parte do todo que é a Ilha, possuem suas próprias formas de existir também, de se comunicar, e inclusive de conflitar, como exposto nos metatextos “Crise” e “Ampliação da crise”.

O fio condutor desta tese tem como foco as Performances Culturais e sua relação com as memórias construídas sobre essas comunidades, a sensação das pessoas entrevistadas, as vivências das comunidades da Terra e as novas comunidades.

A cultura, de acordo com Clifford Geertz (1978), é uma experiência compartilhada que está em constante transformação. Sendo assim, a interpretação das Performances Culturais não deve se distanciar dos fatos e recomenda-se ser compreendida com o auxílio da etnografia. Entende-se que as performances ocorrem por meio das transformações na relação com o outro. Na visão de Geertz (2001, p. 15):

> [...] o homem é um ser amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu, sendo assim, revela a cultura como sendo essas teias; portanto não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura de significados.

Geertz (2001, p. 22) afirma que o conceito de cultura é “[...] instável, enciclopédico e normativamente carregado [...]”. Os múltiplos aspectos das discussões conceituais possibilitam a compreensão de que a cultura reflete a somatória dos valores culturais imbricados nas reduzidas relações sociais existentes e produzidas entre os indivíduos (Geertz, 2001 apud Roseto, 2006). O ato comportamental é uma ação simbólica, sendo que o fluxo do comportamento (ação social) faz com que as formas culturais se modifiquem. O significado torna-se claro aos que vivenciam. No estudo da cultura, os sinais são simbólicos e a proposta é compreender os conflitos por meio dos discursos dessas comunidades percebidos nas entrevistas.

Ainda, segundo o autor, a cultura é um sistema simbólico e modela o ser humano ao longo da história (Geertz, 1978, p. 38). Ela é composta fundamentalmente por representações da realidade (Hoyos, 2005, p. 353) e depende do contexto histórico social.

Performance Cultural é uma área do conhecimento interdisciplinar e seu conceito plural tem como premissa estudar de forma analítica as comunidades, sua cultura e o comportamento performático dos atores

sociais diante dos acontecimentos no cotidiano. Nesse sentido, Camargo (2013a, p. 1) ressalta que:

> Performances Culturais é um conceito que, primeiramente, está inserido numa proposta de metodologia interdisciplinar e que pretende ser o estudo comparativo das civilizações em suas múltiplas determinações concretas. Visa também o estabelecimento do processo de desenvolvimento destas e de suas possíveis contaminações; assim como o entendimento das culturas através de seus produtos "culturais" em sua profusa diversidade, ou seja, como o homem elabora, as experimenta, as percebe e se percebe, sua gênese, sua estrutura, suas contradições e seu vir-a-ser.

Trata-se dos estudos e entendimentos das culturas e dos produtos culturais em suas diversas formas e sob diversos olhares, conforme aponta Camargo (2013a, p. 4):

> As performances culturais são formas simbólicas e concretas que perpassam distintas manifestações revelando aquilo que não é evidenciado pelos números, entrevistas, mas atingidos plenamente pela experiência, pela vivência, pela relação humana [...].

Além do que foi posto, transparece nas sensibilidades, ou seja, pelo não dito, pelo entremeio, pelo que está posto no limiar, nas impressões. Nas palavras de Carlson (2009, p. 22):

> O termo "performance", tal como encontrado hoje, em departamentos e programas de estudo de performance nos EUA, deve muito à terminologia e às estratégias teóricas desenvolvidas durante os anos 1960 e 1970 nas ciências sociais e, particularmente, na antropologia e na sociologia.

Já o termo Performances Culturais é "amplamente encontrado em escritos antropológicos e etnográficos, foi cunhado por Milton Singer em uma introdução a uma coleção de ensaios sobre a cultura da Índia que ele editou em 1959" (Carlson, 2009, p. 22).

As performances são representações que se estabelecem nas relações humanas, nas conexões entre quem performa e quem assiste, visualiza. Elas estão, portanto, diretamente articuladas com o imaginário social e transpassam essa tese no que tange à elaboração de uma (ou várias) imagem(ns) construída(s) sobre a Ilha Grande e suas múltiplas comunidades que se articulam em torno de um único espaço geográfico, mas também nas próprias entrevistas e no fazer da pesquisa. Segundo Camargo (2013a, p. 22):

> As performances culturais [...] são registros de unidades

> condensadas de observação. Então atenção, não é qualquer fenômeno da vida cotidiana, onde tudo pode ser “performances”, mas de acontecimentos que condensam determinado fato cultural para sua observação.

Para Richard Schechner (2014, p. 171), os estudos sobre a performance surgem da premissa de que tudo pode ser estudado como performance: “as ferramentas dos estudos da performance são retiradas de outras disciplinas e ainda não se consolidaram em uma singularidade coerente”. Diante disso, analisar a Ilha Grande e suas comunidades à luz das Performances Culturais permite acessar simbolismos, sensibilidades, emoções, principalmente nas entrevistas realizadas. Estas muitas vezes apresentam noções que não estão postas em outras fontes, em outros documentos, quando apresentam, por exemplo, o sentimento em relação aos presos, lembranças da época do presídio.

Como para o entrevistado Luiz da Silva[30]:

> [...] assim, a coisa que eu sempre percebia nos presos era que a gente não tinha medo, mas a gente tinha respeito por eles. E uma coisa que eles falavam, que os meus avós falavam: ah, fugiu o preso, então muitas pessoas se trancavam dentro de casa, não saía à noite. Mas alguns dos presos, eram os presos políticos, quando eles chegavam na sua casa, eles batiam na porta. Eles não arrombavam a sua casa, entendeu. Então os meus avós sempre me contavam que para eles fugirem da ilha por outro lado, a única coisa que eles faziam era roubar as canoas que as pessoas tinham, e aí eles roubavam e levavam e pediam água, comida, meus avós sempre me falavam isso. (Luiz da Silva (VID_20210420_201618.mp4) 13/04/2021 11:25).

Estudar as comunidades que compõem a Ilha Grande sob o olhar das Performances Culturais permite acessar, como Camargo (2013a, 2013b) e Schechner (2014) afirmam, o cotidiano, as singularidades, as particularidades e as características que conferem identidade à Ilha, atravessando a fronteira do que está dito e mergulhando no que está presente no imaginário, nos simbolismos.

É na narrativa do sensível do cotidiano que as comunidades da Ilha Grande foram se desenhando na pesquisa, com seus dramas, conflitos, divergências, dificuldades, crises e reconstruções, apresentadas sob meu

[30] Marinheiro, pai de três meninos e filho de um caiçara, pescador, nascido e criado na Ilha Grande.

ponto de vista como pesquisadora, frequentadora da Ilha. Além disso, as narrativas que posteriormente se delinearam nas entrevistas foram vivenciadas por mim, conforme será exposto na seção que se segue.

Entrevistas como a de Suzana da Silva[31] não somente permitem ver o cotidiano, o íntimo e a história familiar, como também trazem o contexto mais amplo da história do lugar, da Ilha e da comunidade. Ela começa relatando seu início como trabalhadora, desde a infância, e depois relembra quando e em que condições trabalhava na fábrica de sardinha. A entrevista é reveladora da própria história e do lugar:

> [...] Minha família é unida e eu criei tudo aqui na roça, cortando banana e vendendo banana pra fora. Eu trabalhava na fábrica e na roça, fazia horta. Hoje até para cortar um pau é difícil, para arrumar uma casa, botar um tijolo, tem que pedir licença, mesmo se está pagando IPTU, essas coisas, não pode. Se quiser botar um tijolo ainda tem que pedir licença e a gente paga IPTU tão caro! Não pode queimar lixo, não pode desmatar. (Suzana da Silva (VID_20210715_170653) 15/07/2021 17:06).

Esse trecho da entrevista de Suzana da Silva traz sua visão da comunidade de Bananal e grande parte de sua história de vida. Ela revela que antes não havia tantas restrições em relação ao meio ambiente, por exemplo. Acredito que as Performances Culturais me permitem sair de meu campo de pesquisa inicial (o turismo) e extrapolar essa fronteira por meio de análises do ponto de vista da cultura. Desse modo percebo, para além do turismo, como se dão as relações estabelecidas entre as comunidades, entre as pessoas que habitam e as que frequentam a IG. Além disso, é possível estudar os discursos produzidos e reproduzidos, a performação desses sujeitos e suas próprias histórias que perpassam as fontes de pesquisa com suas sutilezas e sensibilidades.

As performances aparecem como um campo híbrido, plural, polissêmico e complexo (Petronilio, 2015), o que permite olhar para a Ilha Grande além do turismo e das atividades econômicas ali desenvolvidas, para compreender os sujeitos e sua relação com o mundo, mergulhando no sensível:

> [...] toda performance compõe uma multiplicidade. [...] numa performance, há linhas de articulações, fluxos, devires, intensidades, estratos, territorialidades, pois cada performer é um

[31] Nome fictício.

> signo a ser decifrado, traduzido, interpretado (Petronilio, 2015, p. 57-58).

E não é diferente quando olhamos para a Ilha Grande com suas várias comunidades. Há uma multiplicidade de arranjos, grupos e discursos que ora se distanciam e ora se aproximam.

Conforme apontado anteriormente, para o autor Schechner (2014), todas as atividades humanas podem ser estudadas sob a ótica das performances, isto é, tratando objetos, trabalhos e produtos como produções humanas que se relacionam com outros objetos e seres. Dessa forma, também cabe aqui a interpretação da vida dessas comunidades escolhidas como fontes para a presente tese e as memórias construídas em torno desse espaço, as sensibilidades que perpassam a vida dessas pessoas e como a vida privada se mistura à vida pública à medida que o turismo avança na Ilha; esses foram os pontos colocados, durante a banca de qualificação, pela professora Nádia Maria Weber Santos. Apesar de não ser o objetivo desta tese, foi colocada na qualificação a possibilidade de caminhar pela vertente das memórias construídas nas comunidades da Ilha Grande, o que, por si só, seria outro trabalho de pesquisa, e, com certeza, perpassa também este trabalho e as entrevistas coletadas.

Na opinião de Bruno Soares, ao analisar as teorias de Victor Turner e Richard Schechner, a performance “é uma experiência social ou individual em que elementos de um passado (geralmente incorporados em imagens, formas e significados pensados como ‘tradicionais’) são representados no presente” (Soares, 2012, p. 193). Isto é, as performances que aparecem nas entrevistas perpassam e constroem a história das comunidades e revelam a cultura local.

As performances permitem mergulhar no universo dessas comunidades e perceber no nível não palpável, isto é, no nível simbólico, como se dão as relações, como são construídas essas comunidades e suas respectivas características. A Ilha Grande não é somente o espaço geográfico, o território, mas também sensibilidades, espaços de significados e de produção de imagens, discursos e representações sociais e turísticas que se revelaram nas entrevistas desenvolvidas (as quais serão analisadas na seção 4), inclusive a imagem construída sobre o presídio ou, ainda, os conflitos das

comunidades. Na fala de Luiz da Silva, por exemplo, percebi o olhar para o turismo como um “mal necessário”. Ele também destaca o papel policial de “vigiar” os turistas, passantes. Essa é uma prática comum até os dias de hoje, de “interrogarem” informalmente os turistas, as pessoas de fora, numa atitude protecionista.

> Aqui já não tem mais pesca, não tem mais nada de caiçara. Aqui tinha um policial bem antigamente que quando a barca chegava o que ele fazia revistava aquelas pessoas que ele considerava estranha ele levava para o DPO e perguntava quanto tempo ia ficar e o local de hospedagem e isso era uma coisa boa e porque isso acabou. Algumas pousadas se sentiam incomodadas e reclamaram dizendo que constrangia o turista. Nós temos um pouco de conflito com as pessoas que vieram morar aqui, principalmente para quem é nativo mesmo é uma coisa diferente, estranha. Então para a gente que trabalha com turismo tivemos que aceitar. Se a gente perceber, 80% da população da Ilha é tudo de fora. (Luiz da Silva (VID_20210420_201618.mp4) 13/04/2021 12:05).

As Performances Culturais também permitem fazer diferentes leituras sobre as fontes estudadas, trazendo aspectos do cotidiano, do sensível, do imaterial, e inclusive comparar informações das entrevistas com a história “dita” oficial. Exemplo disso é a entrevista com Osíris Duarte[32], que contradiz dados oficiais, pois traz novas leituras e releituras sobre os fatos, bem como as entrevistas de Marcos da Silva e do professor da UERJ (na seção 4). Para uns, a UERJ tem um papel fundamental de resgate da memória local; para outros, como a entrevistada Cristina, há um abandono por parte da universidade, como já apontado.

Também é possível perceber sutilezas, como o dia a dia, as relações de trabalho, a noção de comunidade, os discursos marcados (como o discurso religioso, muito presente na comunidade de Provetá) e até mesmo relatos trágicos, como o deslizamento que resultou na morte de pessoas:

> No dia do desabamento da pousada Sankay só não levou ela a minha filha, se salvou por pouco. E quando ela chegou que eu estava pensando nela ela disse: mãe, já não está dando mais para atravessar do lado da casa do Geraldo, estão botando o saco de Areia para a água não entrar pra dentro de casa. Quer dizer que na casa do Geraldo se acabou o lado da cozinha. O lado do quarto que estavam os 30 e poucos turistas não atingiu. Atingiu assim que uma Pedra rolou e entrou, parou num corredor de uma varanda, mas os turistas estavam dentro do quarto. Morreu a filha e um casal de turistas que veio com a filha. O quarto que a filha ficava a água não

[32] Nome fictício.

> atingiu e esse quarto que a filha entrou pra dormir, foi a primeira vez. (Suzana da Silva (VID_20210715_170653) 15/07/2021 17:26).

Fala-se muito na morte da filha do dono da pousada Sankay, porém, o deslizamento gerou a morte de 13 pessoas, da mesma família caiçara. Muitos se mudaram devido a essa catástrofe. As memórias são vivas na descrição de Suzana da Silva, lembrando de pedras que rolaram pelo corredor da varanda, por exemplo.

Sandra Pesavento (2007), ao discorrer sobre as cidades, afirma que estas são sensíveis, pensadas, imaginárias e que não é possível estudar somente os processos econômicos e sociais, mas é necessário estudar também

> [...] as representações que se constroem *na* e *sobre* a cidade, ou seja, com o imaginário criado sobre ela. Em outras palavras, os estudos de uma história cultural urbana se aplicam ao resgate dos discursos, imagens e práticas sociais de representação da cidade (Pesavento, 2007, p. 5).

Acredito que tais reflexões se aplicam também à Ilha Grande. Embora não seja um grande centro urbano e aproxime-se mais do meio rural, com suas comunidades, cada uma com suas próprias características, elas acabam criando uma ideia de todo, construindo identidades ao longo do tempo e da história, o que confere sentimento de pertencimento ao lugar ou à comunidade.

Cada cidade, e a Ilha Grande também, “são palimpsestos de histórias contadas sobre si mesma, que revelam algo sobre o tempo e sua construção e quais as razões e as sensibilidades que mobilizaram a construção daquela narrativa” (Pesavento, 2007, p. 7). São esses palimpsestos, esses significados que tocam o sensível, que se projetam na imagem da Ilha Grande e ainda na construção da ideia do que é a Ilha, do que são essas comunidades, na identidade local e na identidade construída pelo turismo.

A IG sofreu significativa mudança cultural após o encerramento das atividades do presídio e início do turismo. Esse sistema penitenciário que antes era assustador aos olhos dos visitantes passou a ser contemplado como parte da história (museu) e inserido em uma Ilha com uma beleza natural, o que atrai grandes fluxos de investidores e, consequentemente, de turistas. Com isso, além do florescimento da hotelaria e outros tipos de prestação de serviços, o destino passou a ser considerado um paraíso natural; e hoje detém

o título, juntamente com Paraty, de Patrimônio Mundial Misto Cultural e Natural da Humanidade concedido pela Unesco[33].

As comunidades da IG aqui apresentadas podem ser lidas do ponto de vista do conceito de *communitas* (Turner, 2005). Apesar das diferenças que as cercam, cada conjunto de pessoas se agrupa de uma maneira, de modo a terem características que as diferenciam e as aproximam, tornando possível dividir entre as comunidades de Abraão, Bananal, Dois Rios e Provetá, conforme proposto.

Para uns, a IG pode ser um todo, mas, para Clarisse da Silva, não há muita união entre os grupos que residem ali:

> A comunidade é muito desunida porque não tem uma organização por exemplo: tem muitas associações de moradores, ao invés de uma só. Não é centralizado, entendeu? Aí tem a associação dos barqueiros e do táxi boat, aí tem a associação da galera da lancha, a associação da escuna. Não é a associação do marítimo da Ilha Grande, é cada um defendendo os seus interesses particulares. Entendeu? Falta a coisa de uma visão global entendeu? Tipo assim, olha... Somos todos marítimos aqui na Ilha Grande, então a gente tem que se reunir. E o pior é que eles sabem disso. É porque assim, eu considero que moro aqui há pouco tempo, né? Tem gente que acha que é muito, eu acho que é pouco. Eu sou muito recente aqui e mais ainda na área que eu estou né e eu sou uma das poucas mulheres nessa área. Então quando você me pergunta: como você acha que eu atuo nisso? Eu acho que eu atuo dentro desse contexto, do contexto marítimo. A Ilha Grande para mim é amor mesmo, entendeu? De toda forma que eu puder contribuir, eu vou contribuir se eu puder, se estiver dentro do meu alcance, se me chama para ação eu vou, se me chamam para discutir alguma outra coisa eu vou. Existe resistência! O pessoal vai lá e faz escarcéu no cais, faz e acontece, entendeu? Mas, tipo assim, agora está mais conflituoso com o poder público, mas tipo o pessoal sempre reclama que Angra não investe aqui e não investe. E a Ilha Grande dá muito dinheiro para Angra. Quando vem esses navios gigantes que deixam 2.000 pessoas aqui, em 1 dia de *day use* que fazem, claro que dá dinheiro para a galera? Dá dinheiro! Mas faz um estrago, porque uma ilha como essa que recebe sei lá quantas pessoas por dia e aí de repente, recebe mais de 2.000 pessoas aqui e esse dinheiro fica lá em Angra. (Clarisse da Silva (VID_20210408_165459) 08/04/2021 16:54).

Na entrevista de Clarisse, percebi também uma denúncia, que é a destinação do dinheiro arrecadado com o turismo que, segundo ela, vai para Angra dos Reis (responsável pela IG), mas o estrago feito pelo turismo fica na Ilha. Ela aponta em sua entrevista um conflito acerca do turismo, como a

[33] Conforme a Lei nº 1.754/2006, que trata das diretrizes territoriais da Ilha Grande e dispõe sobre o uso sustentável dos recursos.

recepção de 2 mil pessoas em um único dia[34]. No estudo “Concepção do Sistema de Ordenamento Turístico Sustentável da Ilha Grande e Sistema de Sustentabilidade Financeira das UC que a compõem Produto III – Diagnóstico da Situação Atual do Saneamento das Comunidades de Ilha Grande” (2012), há dados estatísticos que corroboram a análise da população flutuante da Ilha, que pode chegar a 2 mil *day users*.

Se, por um lado, há entrevistados que falam contra esse turismo “predatório”, em que, num único dia, muitas pessoas visitam a Ilha, por outro lado, há turistas que a visitam mais de uma vez, se encantam, acabam ficando e se estabelecem, como é o caso de Marta Coelho, vinda da Argentina, para quem a Ilha hoje é uma casa. Ela fala de seu lugar de residência, mas trata sua comunidade como se fosse todo o território, o sentimento de pertencimento e de carinho em sua fala refere-se à Ilha.

> A Ilha para para mim é uma casa, é essa a sensação, porque eu sou de uma cidade que nunca senti como um lugar, eu adoro, adoro minha família, meus amigos, adoro tudo, mas essa cidade, eu não tinha uma conexão especial com minha cidade, e eu viajava por muitos lados, mas, ainda assim, este é o lugar que quando eu chego, eu sinto como em casa, essa é a minha sensação, eu adoro. (Marta Coelho (VID_20250409_165459) 07/04/2021 16:12).

Para a entrevistada, a Ilha é o local de moradia, onde se sente em casa, acolhida. Segundo Oliveira, as cidades comportam um cenário que envolve “ruas, praças, avenidas, mas em verdade é fruto de muitos outros detalhes e componentes” (Oliveira, 2024, p. 9). Dessa forma, o local que se escolhe para viver é visto como a casa no mundo (Oliveira, 2024). A cidade, portanto,

> constitui-se assim um organismo vivo, em constante devir, composta de corpos que a produzem, alteram e sofrem suas interferências; composta também de instituições e organizações formais e informais que causam nela outro tanto de modificações (Oliveira, 2024, p. 9).

Acredito que as ideias de Victor Turner (2005a, 2005b, 2005c) se aplicam também à Ilha Grande, principalmente quando o autor explica o conceito de *Drama Social*, liminaridade e *communitas*:

> É como se houvesse neste caso dois “modelos” principais de

[34] Essa informação pode ser confirmada na pesquisa de Diagnóstico da Situação Atual do Saneamento das Comunidades de Ilha Grande, disponível em: http://ilhagrandehumanidades.com.br/sites/default/files/Produto_III_Ilha_Grande_final.pdf. Acesso em: 02 dez. 2024.

> correlacionamento humano, justapostos e alternantes. O primeiro [liminaridade] é o da sociedade tomada como um sistema estruturado, diferenciado e frequentemente hierárquico de posições político-jurídico-econômicas, com muitos tipos de avaliação, separando os homens de acordo com as noções de “mais” ou de “menos”. O segundo [communitas], que surge de maneira evidente no **período liminar**, é o da sociedade considerada como um “comitatus” não-estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais (Turner, 2005, p. 118-119, grifo do autor).

Ele ainda acrescenta que o conceito de *communitas* não é lido de maneira apenas biológica, mas sim do ponto de vista cultural, o que inclui a vida em sociedade, as experiências, as memórias construídas, por meio do simbólico, do sensível e do imaginário popular.

Alguns elementos permitem identificar as comunidades escolhidas como fonte de pesquisa nesta tese, como a diversidade cultural, a organização política em comunidades e a própria evidência de um conjunto de características comuns que as diferenciam dos demais grupos (seja pelo idioma, sotaque regional ou jeito de falar – como o barrer e o inté que apareceram em algumas entrevistas). Além disso, há o sentimento de pertencer ao grupo e perceber-se de uma mesma origem, que tanto as diferenciam entre si quanto as agrupam em torno da ideia de território da Ilha Grande.

As performances permitem o estudo dessas “misturas”, dessas “contaminações”, que perpassam os territórios e comunidades que compõem a Ilha Grande. Essa diversidade já está posta na seção 2 da tese, sob meu ponto de vista como pesquisadora, porém, se revela também nas entrevistas: “Estudar as Performances Culturais significa entender as formas de sua [do indivíduo] imersão e atuação neste universo simbólico e, muitas vezes, memorial dos seres humanos” (Santos; Camargo, 2019, p. 10-11). Para Além disso, “o estudo das sensibilidades implica na percepção e na tradução sensível da experiência humana no mundo, pelas práticas sociais e culturais, discursos, imagens e materialidades, tais como espaços e objetos construídos” (Santos; Camargo, 2019, p. 12).

Será preciso então considerar aspectos do indivíduo e sua relação com o ambiente e a sociedade que são mediados por elementos simbólicos, no âmbito da reflexão ou da ação, do pensamento e do sistema de crenças ou do

comportamento e das atitudes. Esses aspectos estão intrinsecamente ligados à experiência turística na Ilha, moldando tanto a percepção do turista quanto a identidade da comunidade local.

Nas palavras de João Lino, há uma percepção de que não existe uma comunidade, pois isso pressupõe uma certa homogeneidade, mas a Ilha passou por diversas transformações. É um território de disputa, muita história e muita memória:

> Enfim, estou querendo te dar uma noção de como o conceito de comunidade pressupõe uma homogeneidade que está longe de existir na realidade. Sem dúvida, é longe, longe. Porque o seu trabalho fala desses conflitos, desse pessoal da terra e dessa Nova Comunidade que surge... (João Lino (VID_20230715_170654, 16/07/2021 16:00).

A Ilha Grande passou e passa por transformações de grande impacto no viver social do caiçara, suas memórias familiares, formas de trabalho e seus valores, ritos e tradições. A pesquisa doutoral – ao coletar os discursos dos sujeitos e descrições de elementos, por meio das fotografias, da minha própria convivência, das entrevistas que permeiam a cultura caiçara – permite interpretar a Ilha Grande de uma maneira ampla, além das particularidades de cada comunidade, e compreender qual o papel e a representatividade da Nova Comunidade nessa fase de exploração da IG por meio da atividade do turismo.

Tais transformações alteraram também o modo de vida e interferiram no âmbito privado e nas percepções do local, como aponta Luiz da Silva na entrevista, que traz um tom saudosista do passado e da Ilha antes da atividade turística. Filho de caiçara, nascido e criado na Ilha, Luiz relata que o turismo alterou o cotidiano da IG. Se antes havia espaço para um forró – local da interação, momento de a comunidade criar laços, hoje há baladas noturnas:

> Aqui mudou muita coisa. Por exemplo, assim: uma coisa que a gente tinha muito aqui era as coisas pé de serra, os forrós pé de serra que era nativo aqui, hoje a gente não tem mais. Hoje a gente vai ver que aqui é igual uma balada de cidade grande. São boates fechadas, entendeu? Aqui tinha um lugar que a gente chamava “forró do Nilson”, era o melhor forró que tinha aqui no Abraão. Vinha gente de tudo que é lugar da Ilha Grande para esse forró. Hoje a gente não tem mais! Essa cultura que a gente tinha antigamente acabou! Acabou muita coisa. O negócio de pesca que a gente tinha muito. As pessoas antigamente, em frente ao cais, as pessoas tinham um lugarzinho onde pescadores tinham um lugarzinho onde vendiam os seus peixes para todo mundo e hoje já não tem mais. Então muita coisa acabou. (Luiz da Silva (VID_20210420_201618.mp4) 13/04/2021 12:37).

Historicamente, o termo região era utilizado para nomear uma área de comando militar, como nos tempos do Império Romano (Albuquerque Júnior, 2008b), também definida como território e área de centralização do poder (como no feudalismo). Na modernidade, se consolida o conceito de estado-nação. Região pode ser vista como local em que um determinado governo ou grupo exerce domínio quanto à localidade, como sinônimo de lugar.

Quando me refiro à Ilha e suas múltiplas comunidades pelo termo região, pretendo evidenciar as relações de poder aí estabelecidas, as disputas políticas, seja por meio de leis e decretos de preservação do meio ambiente, por exemplo, seja nas relações interpessoais. De acordo com Albuquerque Júnior (2008a, p. 61): “A região é também modos de pensar, modos de querer, modos de falar, modos de gostar, modos de preferir, modos de amar, modos de desejar, modos de olhar, de escutar, de cheirar, de sentir sabor e de sentir dor.” Ela, além disso, se expressa em “jeitos de corpos, em gestos, em modos de vestir, de se alimentar, de beber, de dançar, de andar, de se pôr de pé ou de sentar” (Albuquerque Júnior, 2008a, p. 61), o que nos permite, por exemplo, identificar as mulheres da comunidade de Provetá, pois geralmente portam saias longas, em que predominam cores neutras (marrom, bege, branco), e mantêm o cabelo longo.

Segundo Robson Camargo (2013a), as Performances Culturais são o próprio registro das impressões humanas deixadas, impressas, no cotidiano; é parte da história de vida desses indivíduos que compõem comunidades, que juntas conferem identidades variadas à Ilha Grande, que variam de uma comunidade para outra, num único e amplo território. São 18 comunidades com suas 123 praias que constituem a Ilha Grande. Cada uma possui características próprias, como foi apontado na seção 2, e agrupadas fazem parte do todo que é a Ilha Grande. Por exemplo, Provetá é majoritariamente evangélica; Bananal, muito marcada pela cultura japonesa.

Este trabalho de pesquisa se mistura à minha história de vida, conforme apontado na Introdução. Eu convivo com a região e as pessoas desde 2006, tanto pelas histórias contadas e repassadas na família como pelas viagens realizadas periodicamente à Ilha a trabalho, como turismóloga.

Há aqui, antes das entrevistas, um mergulho no universo da Ilha

Grande feito antes mesmo do início da pesquisa doutoral. Foi flanando pelas ruas, pelas comunidades, conversando e tecendo relações que este trabalho se tornou possível e que nasceu o desejo pela pesquisa no campo das Performances Culturais (Figura 14). Por causa do convívio com as pessoas, foi possível que as entrevistas fossem realizadas e que as representações da Ilha Grande e as sensibilidades locais aflorassem. Tais entrevistas são fontes de pesquisa para a próxima seção e trarão mais detalhes sobre as comunidades aqui escolhidas como recorte. São reveladoras do imaginário popular, do sensível e das representações da Ilha Grande.

A fotografia foi tirada em 2019 (Figura 19), logo após a aprovação no programa de pós-graduação em Performances Culturais. O sentimento era uma mistura de felicidade e preocupação. Ao perambular pelos recantos da IG (píer do Aquário Hostel), ficava a pensar como desenvolveria a tese, como seria contar esta história a partir da voz e memórias das comunidades da Terra (badjecos, população tradicional da Ilha Grande – os caiçaras) e Nova Comunidade (“estrangeiros” que vieram morar na Ilha, como: argentinos, pessoas de outros países e pessoas de outros estados brasileiros) e as impressões dos turistas.

Figura 19 – Pesquisadora imersa na pesquisa

Fonte: (BETA, 2019).

3.1 ILHA GRANDE, HISTÓRIA E MEMÓRIA

As performances constituem um campo em constante mudança, com conceitos que não são estanques, mas que estão sujeitos a essas mudanças. Eles “Se constituem pela identificação, registro e análise de determinado fenômeno em sua múltipla configuração, em seu processo contraditório de formação, de constituição” (Camargo, 2013, p. 19), como é o caso de Ilha Grande e suas comunidades.

A memória perpassa toda a história de Ilha Grande e constrói inclusive parte dessa história. As entrevistas são reveladoras da memória construída, da história criada sobre o local, com base em eventos, mas também em percepções reveladas por meio das fontes coletadas para a pesquisa. A importância da memória foi apontada ao longo da pesquisa e reforçada durante a banca de qualificação. Apesar de não ser o caminho traçado, a metodologia adotada nesta tese, foi importante uma contextualização das memórias que constituem a Ilha Grande.

Segundo Leonardo Azevedo, só havia uma forma de chegar à Ilha, e era por meio das embarcações. Ele relata que chegou no dia de visita ao presídio, portanto, assim como os demais passageiros da embarcação, ele também foi revistado. Sua primeira viagem foi para “paquerar”. Ele acompanhou a demolição do presídio, a criação do Parque e outros fatores da história do local:

> Então, o novo que veio, no início, ele era sempre ligado ao velho. Não houve nada novo. Ele só surgiu já praticamente em 2000. Começaram a chegar as primeiras pessoas interessadas em explorar aqui o turismo e sem vínculo com a Ilha Grande. Foi na época, que foi muito comentado, foi na época que o Gugu Liberato chegou com as pousadas. Foi na época que houve a intenção de se ter um cassino aqui, porque já se falava nisso a nível federal da liberação dos cassinos. Acabou não acontecendo, mas criou-se uma expectativa [...]. Até então, todo mundo que construía aqui tinha alguma ligação com a ilha. Era a mulher do médico que veio trabalhar no posto de saúde. Era o meu caso, por exemplo, que não era de família aqui da ilha, mas que casei com uma caiçara. Enfim, eram pessoas que, de certa forma, tinham alguma ligação aqui com a ilha. E o Gugu, na verdade, através de uma outra pessoa, de um advogado do grupo, ele adquiriu algumas pousadas. (Leonardo

Azevedo (VID_20260456_201622.mp4) 19/04/2021 11:15).

A entrevista de Leonardo, dono da Pousada Telhado Azul, é repleta de trechos da história da Ilha Grande que se confundem à memória do próprio entrevistado.

Segundo Paul Ricoeur (2007), a memória é um *sous venir*, um vir de baixo, uma lembrança que brota do inconsciente, mas não é uma percepção "pura" do real, é um acesso ao passado. O trabalho de rememoração (relembrar, retomar) é despertado pelo presente.

Em alguns momentos, me emocionei como pesquisadora e me entristeci ao ver falas dolorosas sendo contidas (principalmente na Comunidade da Terra). Já na Nova Comunidade, o discurso me pareceu um pouco diferente, quando um entrevistado afirma, por exemplo, que as pessoas da Comunidade da Terra não gostam deles, mas que precisam deles, em Bananal. Exemplo disso é a fala de Mateus:

> Fiquei desempregado quando morava em Volta Redonda e aí fui para Angra em busca de um emprego. Fiquei três meses morando em um quarto alugado e aí depois o dinheiro acabou e eu fui morar na rua e fiquei mais uns três meses ali vagando e dormindo no cais. Ai conheci o Mauricio dono do estacionamento onde o pessoal das pousadas deixam o carro. Aí ele me viu trabalhando e ganhando gorjeta, gostou de mim e me deixou carregar as mercadorias das pousadas e me deixou dormir em um quartinho com banheiro no estacionamento. Neste tempo que fiquei na rua eu vivia de doação de pastores que levavam comida e eu ganhava um dinheirinho fazendo estes carregamentos. Aí um dia o Preto perguntou ao Mauricio quem é esse Negão aí e aí ele colocou o dele na reta e disse que eu era gente boa e aí no outro dia eu fui trabalhar com ele no Bananal. Eu nem acreditei. E hoje já faz oito meses que estou aqui. Eles são gente boa demais, me arrumou quarto bom, eu ganhei roupa e ganhei até perfume e creme. Eu não tinha nada, aí comprei meu radinho e meu celular. E eu não tinha nada disso. Quase tudo que ganho eu mando para meus filhos porque aqui nem tem onde gastar. Sempre fui bem recebido aqui e eles me tratam bem, são muito humildes. Aqui eles vivem do turismo, pesca, criação de mariscos e passeios. A japonesada é quietinha, eles ficam na deles e não se misturam não. Eu ajudo também, não tem tempo ruim não. Aqui não tem briga mas tem muita fofoca. O Preto gostou de mim e ele ficou me observando quando eu estava carregando um caminhão de brita e ferragem e eu estava ganhando meu dinheirinho. Aqui eu trabalho por diária, me sinto em casa. (Mateus (VID_20210416_201621.mp4) 16/04/2021 10:00).

Em Abraão, por outro lado, a relação de trabalho é outra. A rotina deles é como se todos os dias fossem segundas-feiras. Eles trabalham diariamente, pois recebem turistas todos os dias da semana, barcos chegam o tempo todo.

Observei isso nos dias em que passei lá como pesquisadora e entrevistadora. Muitos trabalham sem carteira assinada, por demanda, por diárias, ou como *freelancers*. Enquanto para eles todo dia é útil, para os turistas, todos os dias é como se fosse fim de semana. Percebi na IG uma diferença na sensação do tempo também. Ao sair do Rio de Janeiro e entrar na Ilha, local sem carros, sem tráfego, sem o barulho da cidade, o tempo parece ter outra dimensão, outro significado.

Como toda pesquisa, fazer as entrevistas trouxe alguns limitadores. A começar pelo momento em que foram realizadas durante a pandemia, o que me trouxe a necessidade de cuidados com a minha saúde e dos/as entrevistados/as.

As pessoas foram muito receptivas e não houve recusas quanto às entrevistas, exceto em Provetá, que precisei primeiramente entrevistar o pastor para depois conseguir falar com outros habitantes da comunidade. Os olhares direcionados a mim criaram um bloqueio no início, mas após explicações sobre a pesquisa e tranquilizá-los/as sobre os seus objetivos, as conversas tornaram-se mais abertas. Por isso, as entrevistas constituem fonte importante para este trabalho doutoral.

A partir dos estudos de Halbwachs (1990), podem-se fazer leituras da própria história da Ilha. As memórias dessas pessoas são construídas a partir do próprio lugar, de suas comunidades, das relações de poder, das ideologias e de memórias coletivas adaptadas e apropriadas. Há relatos de entrevistadores que não viveram o período do presídio, mas se lembram como se tivessem vivido; ou vivenciaram, por exemplo, a fala do Sr. Luiz, que relembra quando havia o forró pé de serra e que hoje não há mais certas celebrações.

A identidade é construída culturalmente e não biologicamente, o que nos leva a analisar a Ilha Grande, portanto, tomando a cultura como ponto de partida. Além disso, perceber como o turismo e o aumento de visitas de fora da Ilha influenciam na construção da história, da memória, da identidade do local, da ideia que se quer produzir e reproduzir sobre e da Ilha Grande e na própria propaganda turística.

Quem é responsável pela promoção do turismo na Ilha Grande é a Fundação de Turismo de Angra dois Reis, pois a IG é distrito. O turismo não

é estático, mas é algo construído de acordo com as demandas do mercado. Nem sempre na IG o marketing turístico foi o mesmo. Hoje há uma apropriação das imagens de praias da Ilha, de mergulhos e serviços que são ofertados e são atrativos para os turistas que então divulgam em redes sociais.

Segundo a entrevistada Antonia Maria, em Provetá, turistas são acolhidos e passam a fazer parte da comunidade, sempre destacando o papel da igreja:

> Quando o turista vem para Provetá ele se apaixona, ele gama. Aí quer comprar uma casa, quer ficar aqui porque é um lugar calmo, de sossego. É um lugar de paz. Eu durmo de porta aberta, entendeu. E eu acho maravilhoso, meus filhos adoram, meu marido [...]. Ninguém quer ir embora. [...]. Muitos turistas vêm para cá dilacerado, até eu mesma já trouxe um jovem que a mãe mandou. A mãe não sabia mais o que fazia e chegou aqui na igreja ele aceitou Jesus e Deus mudou a vida dele. Hoje ele é casado, tem filhos e é uma bênção, entendeu. [...]. (Antonia Maria (VID_20250498_165532) 19/04/2021 13:53).

Em outro momento, ela afirma que gosta de todo mundo e conhece todo mundo, porém essa visão não é compartilhada por turistas. Marta Coelho, por exemplo, revela em sua fala que percebe a distinção entre as pessoas que já são da comunidade e as pessoas “estrangeiras”, de fora:

> [...] eu acho que sempre, eu acho que tem alguma distância entre a gente local e os turistas, porque você conhece talvez alguma pessoa, mas não tem muito relacionamento com a gente local, quando você vai ficando mais, você conhece alguma pessoa, trabalha com alguém, então você começa a conhecer mais gente daqui. Eu nunca tive um problema com ninguém, ao contrário, sempre conheci gente boa, e à medida que eu ia ficando mais também, ao conhecer a gente, surgiam algumas oportunidades, ou de trabalho, ou de arrumar uma casa linda, mas isso conhecendo a gente, quando a gente chegou, tudo isso não existia, eles só olhavam a gente só olhava nós como turistas, mas isso foi cambiando com o tempo. (Marta Coelho (VID_20250409_165459) 07/04/2021 16:32).

Na Ilha, há vários tipos de turismos desenvolvidos, como o Ecoturismo e o de natureza: sol e praia, trilhas, turismo náutico e, bem pouco, o turismo cultural (não é foco da propaganda turística). Não é um destino de massa por vários motivos: não ter a opção de transporte de carro (uber, táxi), hotéis de luxo e resorts não são opções, mas sim pousadas, Airbnb e campings, o que restringe o público do turismo na IG, que acaba mais voltado para *backpackers*

e turistas internacionais. À medida que a IG foi se distanciando do tempo do presídio, o carioca também começou a buscar viagens para lá como uma opção, pois antes havia ainda muito marcado o estigma da prisão. Há praias mais movimentas e outras mais desertas, como Abraão e Provetá, respectivamente; porém, o turismo não tem um dado oficial da quantidade de turistas que passam ou que visitam a ilha por dia ou por ano.

As imagens construídas sobre o turismo e que constituem as identidades das comunidades também compõem a história da IG. Essas memórias se manifestam em diversas atividades turísticas, permeando todas as suas modalidades e sendo reveladas nos relatos de turistas que decidiram se estabelecer na IG. Pode parecer algo individual, entretanto, pode ser um episódio vivido por tabela (Pollack, 1992), como, por exemplo, o relato de entrevistados/as que trazem à tona momentos históricos que não viveram, que não fazem parte da história de vida individual, mas que estão no imaginário popular, no simbólico, social e culturalmente construídos (como a demolição do presídio), marcados na memória coletiva. Também quando alguns moradores revelam que foram à Ilha como turistas e acabaram se encantando pelo local, começaram a morar e a trabalhar ali, ficando até os dias atuais, como é o caso da entrevistada Marta Coelho.

Halbwachs, em *A memória coletiva* (1990), também coloca que a memória pode equivocar-se, por exemplo, quando uma pessoa se lembra de um lugar de maneira diferente das outras, pois depende da emoção (o engajamento, o significado do lugar para cada uma dessas pessoas, os acontecimentos e o interesse, entre outros sentimentos). Tais contradições da memória aparecem sutilmente nas entrevistas, às vezes trazendo, inclusive, lembranças de um tempo não vivido na pele, mas experienciado pelo coletivo, como no caso do Sr. Marcos da Silva. Ele não morava na Ilha, mas após chegar, se apropriou das memórias; inclusive participou de fatos marcantes da história, como quando assistiu a implosão do presídio (Figura 20):

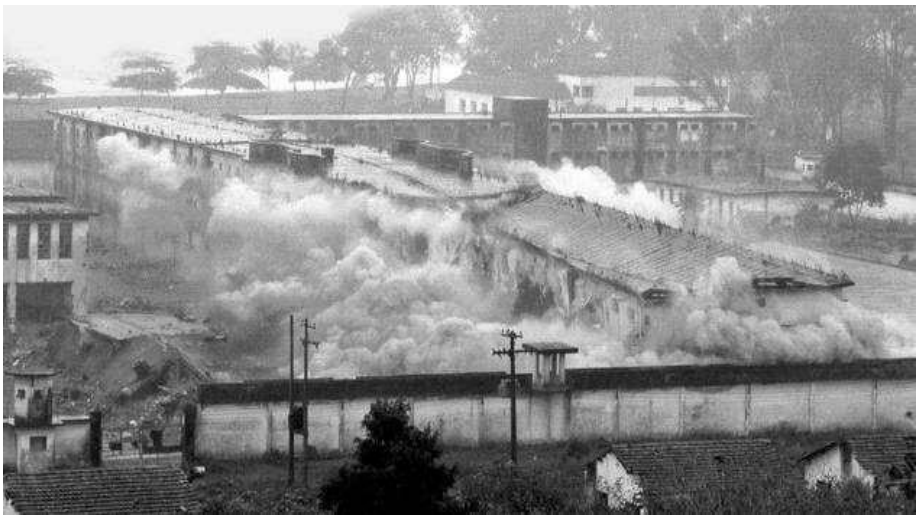
> No dia da implosão do presídio eu estava aqui. O que determinou o fechamento do presídio foi a fuga do preso Escadinha, de helicóptero, o que atraiu a imprensa internacional, exigindo uma solução pelo Governo Estadual. Houve a declaração do próprio governador Leonel Brizola de que o presídio deveria ser fechado por falta de segurança. Depois dessa declaração, ocorreram algumas manifestações contra e, uma forma que ele teve para a

> coisa não polemizar mais, tendo em vista que já envolvia a Prefeitura de Angra dos Reis, já envolvia boa parte da comunidade, foi implodir. E a implosão foi quase secreta. A imprensa não foi avisada, para evitar manifestações. Eu só fiquei sabendo, porque tinha pessoas na família ligadas ao presídio. E eu tentei acompanhar a implosão. Fui até Dois Rios, caminhando, e quando cheguei no trecho que afunila para entrar no presídio, tinha um cordão de homens da Polícia Militar impedindo qualquer acesso, inclusive pelo mato. Não foi permitido fotografar. Na época, ainda falei que a minha ideia era só registrar, mas nada podia ser registrado. Logo depois, houve uma manifestação muito grande, por parte da população, porque quase 100%, pelo menos aqui, das pessoas do Abraão viviam direta ou indiretamente do presídio. O impacto econômico foi grande e a reabertura foi uma das promessas de campanha do novo governador, Garotinho. As entidades ambientais e outras entidades foram contra, pois vislumbravam o turismo como o futuro da Ilha Grande. Criou-se uma polarização dentro do Abraão, onde as pessoas mais antigas, mais conservadoras, queriam a volta do presídio Cândido Mendes e os mais jovens, com ideias ambientalistas, que queriam trabalhar com turismo, defendiam a extinção completa do presídio. (Marcos da Silva (VID_20210414_183213) 14/04/2021 19:22).

Quando Halbwachs escreve sobre memória coletiva, explica que ela precisa ser partilhada para acontecer. As entrevistas realizadas ao longo desta pesquisa permitem o acesso às construções coletivas da memória e da história da IG, de cada uma dessas comunidades, especificamente as quatro trabalhadas aqui: Abraão, Dois Rios, Bananal e Provetá. As memórias acontecem como performances, elas precisam da interação entre pessoas, do público.

A própria demolição do presídio pode ser vista como uma tentativa de apagamento da memória e da história da IG quando servia como uma fortaleza. Ao demolir a prisão, há uma tentativa de fazer da Ilha um local turístico, porém, a memória sobrevive, no cotidiano, nas falas dos entrevistados, na própria lembrança dos moradores.

Figura 20 – Implosão do presídio, 1994



Fonte: https://ilhagranderj.wordpress.com/2018/04/12/vila-dois-rios-parte-2/. Acesso em: 17 dez. 2024.

O trabalho de observação e de entrevistas permite acessar esse simbólico, compreender melhor o que está no imaginário coletivo e perceber como a memória do lugar vai se construindo em torno da história dita oficial.

Além disso, a forte presença da memória e de lembranças e as marcações de eventos traumáticos nas vidas dessas pessoas revelam elementos constitutivos das identidades e da própria história, da sua trajetória. Essas entrevistas são reveladoras tanto de uma memória quanto de uma saudade (Sacks, 1992, p. 114).

Quando a entrevistada Clarisse da Silva relata sobre o desenvolvimento da Ilha, relembra como aos poucos foi sendo construído e diz que isso se deu de maneira desorganizada e sem controle. Além disso, os nativos e a tradição foram os mais prejudicados com esse desenvolvimento desordenado. Sua fala também revela desejos, como o de que a cultura local fosse mais preservada:

> O desenvolvimento na Ilha é desordenado, né! É um desenvolvimento, como que eu posso dizer, desorganizado. A coisa acontece e as pessoas não têm controle disso, principalmente o nativo, né. O nativo perdeu muito espaço aqui. E a tradição também. Então é um turismo que poderia ser mais bem estruturado. Mais que preservasse a cultura local. Não que fosse um desenvolvimento com resort e com toda essa estrutura que acaba abafando a cultura local entendeu que é a proposta da Parceria Público-Privada do Brasil. Isso eu acho que seria um crime, entendeu? (Clarisse da Silva (VID_20210408_165459) 08/04/2021 17:13).

Os pontos mais marcantes para a memória são os pontos que tocam

na emoção. É por isso que nas entrevistas aparecem mais e mais vezes referências a eventos da história de Ilha Grande, ou locais (como o presídio) significativos, ou ainda figuras que se destacaram na história e as festas. A memória, portanto, existe e é evocada dentro da comunidade afetiva (Gondar, 2016), diante do que mais evoca e provoca emoção nos/as entrevistados/as.

As entrevistas, além da memória e da história de vida, também apresentam críticas, como as de Clarisse da Silva[35] quando afirma que é necessário que Angra dos Reis destine mais dinheiro à preservação da IG; ou quando Gema da Silva[36] denuncia que não há remédios, não há posto de saúde e faltam investimentos em escolas. Ao mesmo tempo que trazem críticas e denúncias, as entrevistas também trazem uma fala comum, que é a de que a Ilha é perfeita como está e não precisa de mais pessoas, ou que esperam que a Ilha nunca mude, uma ideia de paraíso, também construída no coletivo e reforçada no dia a dia:

> Aqui tem problemas, por exemplo: A coisa de saúde é precária demais. O posto de saúde não tem remédio, não tem nada, mas não se discute, entendeu? Não se briga por isso. Eu não vejo ninguém brigando por isso, pelas escolas eu não vejo esse movimento na ilha. Esse movimento não tem aqui. Aí vem um para fazer isso e tem uma guerra sabe, eu sinto que é uma guerra de disputa, eu falo mais, ou eu falo menos, não sei. Eu vejo assim! Mas para mim, a ilha está perfeita do jeito que está! Não tem que entrar mais ninguém. (Gema da Silva (VID_20210411_222411) 11/04/2021 22:24).

Para Gema da Silva, há alguns pontos que afetam a realidade das comunidades, como a precariedade do sistema de saúde, com falta de remédios, por exemplo. Ela apresenta um posicionamento contraditório, pois ao mesmo tempo que critica, também emenda dizendo que a Ilha é perfeita como está. Além disso, aponta que não é possível mais pessoas na Ilha para não sobrecarregar o ecossistema ou as comunidades.

Para além de perceber as múltiplas identidades da IG, que compõem um todo, agrupadas pelas 18 comunidades, é necessário abordar também como as memórias construídas perpassam o turismo e o comércio local, bem como a construção de identidades conflitantes que aparecem nas entrevistas, para, por fim, na seção 4, trazer a metodologia ATD e os

[35] Clarisse da Silva (VID_20210408_165459) 08/04/2021 16:54.
[36] Gema da Silva (VID_20210411_222411) 11/04/20.21 22:24.

discursos do corpus documental.

3.2 TURISMO E IDENTIDADES CONSTRUÍDAS

Para Delgado Ruíz (2000, 2002), o turismo pode ser percebido como tecnologia da produção social de territórios turísticos, ou melhor, um negócio que mercantiliza a cultura. Nesse sentido, a atividade turística promove o movimento de viagens por meio da criação de fluxos, sendo o turismo um elemento ideológico de imagens, iconografias, rituais e performances a partir da diversidade cultural e sendo os seus atrativos fixos construídos para apresentar e representar umas comunidades às outras (Ruíz, 2000, 2002).

Na IG temos diversas práticas de turismo, e para esta tese destacamos o Ecoturismo, também conhecido como turismo de natureza, que tem como premissas: incentivar a conservação do patrimônio natural e cultural, promover o bem-estar das comunidades locais, minimizar os impactos ambientais e socioculturais, gerar benefícios econômicos para as comunidades anfitriãs e educar os visitantes/turistas sobre a importância da conservação ambiental.

O ecoturismo é um segmento especializado do turismo que se caracteriza por uma clara propensão, demonstrada por seus praticantes, em viagens que os coloquem em íntimo contato com a natureza mediante seu desfrute, seja por uma simples observação, seja por meio de um estudo sistemático. É a realização de uma viagem a áreas naturais que se encontram relativamente sem distúrbios ou contaminação com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a paisagem juntamente com sua fauna e flora, assim como qualquer manifestação cultural (passada ou presente) que ocorra nessas áreas (Ceballos-Lascurain, 1987). Em se tratando da IG, isso implicaria um contato com a cultura local caiçara, características impostas pela Nova Comunidade e regras impostas pelo Inea - Instituto Estadual do Ambiente (administrador do Parque Estadual da Ilha Grande, que é uma área de domínio público, protegida por lei com o objetivo de realizar o encontro pacífico entre o homem e o meio ambiente).

Ressaltando que o ecoturismo é uma forma de ecodesenvolvimento que representa um meio prático e efetivo de atrair melhorias sociais e

econômicas para todos os países, e é um poderoso instrumento para a conservação das heranças naturais e culturais pelo mundo (Ceballos-Lascurain, 1987). Geralmente é desenvolvido em regiões com potencial ecológico, de forma conservacionista, procurando conciliar a exploração turística e o meio ambiente, ao mesmo tempo que fornece ao turista a possibilidade de contato com os recursos naturais e culturais, em busca de criar uma consciência ecológica amplificada.

Ruschman (1995 apud Brito, 2001) vê o ecoturismo como viagens realizadas por empresas especializadas com o objetivo de proporcionar ao turista o convívio direto com a natureza, respeitando os princípios do desenvolvimento socioeconômico das destinações, promovendo a educação ambiental e a sustentabilidade dos meios visitados. O turismo ecológico, por sua vez, supõe abordagens científicas, estéticas e filosóficas, embora o turista ecológico não precise ser um profissional cientista, artista ou filósofo.

Para Groom et al. (1991), o turismo na natureza é uma maneira não destrutiva de utilizar a vida selvagem para o benefício das populações humanas. Já para Wiler e Davis (1993), o turismo fundamentado na natureza é definido como a viagem que está primeiramente preocupada com o desfrute direto de alguns fenômenos da natureza relativamente pouco alterados.

Já o desenvolvimento do turismo de base comunitária nas diferentes comunidades da IG dependeu de algumas intervenções e políticas públicas. De acordo Graciano e Holanda (2020),

> O Turismo de Base Comunitária é uma proposta para o planejamento e o desenvolvimento das localidades através da atividade turística, fundamentada nos conceitos de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável, promovendo a emancipação social das comunidades por meio do protagonismo da população na autogestão de seus bens, serviços e capital social, para assim atingir a melhoria da qualidade de vida de seus moradores e a conservação de seu patrimônio ambiental, histórico e cultural (GRACIANO; HOLANDA, 2020, s/p).

O TBC (Turismo de Base comunitária) iniciou suas atividades na IG na Vila do Aventureiro devido à necessidade de se repensarem as relações com o processo de recategorização da área para a criação da Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS), criada em 2014. A partir dessa ação, o turismo foi promovido e organizado pela *comunidade tradicional* em busca da

garantia dos seus direitos sobre o território também nas outras comuidades pesquisadas nesta tese (FERREIRA, 2014, p. 361).

Apesar das diferenças que cercam essas comunidades, cada conjunto de pessoas se agrupa de maneira a terem características que as diferenciem e as aproximem. Por outro lado, há também um limiar entre cada uma dessas comunidades que nos permite colocá-las dentro de um espaço geográfico único, que é a Ilha Grande, e perceber essas pessoas como habitantes dessa região, desse território.

Outro conceito que se aplica às análises sobre as comunidades da IG é o de *liminaridade*. Esta se dá quando as comunidades se encontram no limite ou entre dois estados diferentes de existência (Turner, 1974). Na IG, em função de diversos acontecimentos, como o encerramento do sistema carcerário de Cândido Mendes, esse estado entre um acontecimento e outro é bem visível se observadas as alterações ao longo do tempo, desde a implosão do presídio e a prática do turismo como atividade econômica por meio dessas comunidades. As mudanças provocadas pelo encerramento da soberania do presídio gerou uma liminaridade entre a história anterior e posterior ao presídio.

O modelo normal de expansão do turismo como atividade econômica se organiza por um ritmo de investimentos e empreendedorismo diferentes do tempo das comunidades nativas. Os conflitos se estabelecem porque, enquanto nativos se organizam para se adaptar às oportunidades que chegam, os investidores de fora, já experientes à prática do turismo, chegam em maior velocidade, ocupam os espaços locais, sem necessariamente corresponder ao tempo das comunidades ou gerar empregos e oportunidades para seus moradores. Para melhor compreender esses conflitos, recorro a Turner e a sua teoria do *Drama Social*, por compreender que toda a história da Ilha é entremeada dessas características:

> Uma sucessão encadeada de eventos entendidos como perfis sincrônicos que conformam a estrutura de um campo social e cada ponto significativo de parada no fluxo do tempo [...] representam uma complexa interação entre padrões normativos estabelecidos no curso de regularidades profundas de condicionamento e da experiência social e as inspirações imediatas, ambições ou outros objetivos e lutas conscientes de grupos ou indivíduos no aqui e no agora (Turner,1996 apud Cavalcanti, 2007, p. 127-137).

Mesmo que o conceito de *communitas* proposto por Turner (1996 apud

Cavalcanti, 2007) possibilite análises em torno das 18 comunidades da Ilha Grande ou das quatro escolhidas para comporem o corpus documental desta tese, é no conceito fundamental de *Drama Social* que analiso eventos que marcam a história da Ilha.

O conceito de *Drama Social* dá conta de estudar a IG porque essas comunidades passaram pelas fases descritas por Turner. Primeiro, passaram por uma crise quando o presídio foi demolido, de modo que foi necessário se recriarem, focando no turismo, criando rearranjos para permanecerem no território. Algumas dessas relações, devido ao conflito de interesses entre a Comunidade da Terra e a Nova Comunidade, mostram a cisão dentro da própria Ilha, bem como o fim das fábricas de sardinha, que se encaixam na Crise. Esse conceito tem como premissa analisar os conflitos como um mecanismo produtor da dinâmica e da unidade da vida social, permitindo uma avaliação processual da vida social das comunidades (Gluckman, 1990). Cada comunidade da Ilha sofreu os impactos do fim do presídio de maneira distinta, mas somente quatro delas foram analisadas nesta tese, e as entrevistas elucidam o ponto de vista a partir da comunidade que habitam.

Turner (2005b) percebeu uma sequência de fases que denominou *Drama Social*, o qual perpassa a crise, a ampliação, regeneração e, por fim, rearranjo ou cisão.

> Se bem-sucedidos, os esforços da fase anterior implicam um rearranjo e redefinições de posições e relações e, se malsucedidos, configuram o rompimento do grupo aldeão, traduzido na sua cisão que segue as clivagens de parentesco e na criação de uma nova aldeia organizada, contudo, seguindo os mesmos princípios estruturais (Cavalcanti, 2013).

Seguindo o modelo proposto por Turner (2005b), apresento abaixo uma análise do ponto de vista do *Drama Social* na Ilha Grande. É possível perceber essas fases, uma vez que esta pesquisa se estende por anos, e diante da quantidade de dados extraoficiais, coletados via observação ainda em momentos de flanar, e não de início da pesquisa estruturada dentro das performances, ou com o viés de análise posteriormente proposto, com base na metodologia de Roque Moraes e Maria do Carmo Galiazzi (2006).

Antes da demolição do presídio, a economia e a vida das comunidades (praias) giravam em torno disto, o comércio, inclusive dos *táxis boats*, utilizados para transportar familiares que visitavam os presos – moradores da

Ilha eram parentes de detentos ou ex-detentos. Com o fim do presídio, a vida dessas pessoas foi reformulada. A crise se apresenta com a passagem do tempo e o fim da era dos presídios na Ilha Grande. Surgem tensões em função da ocupação de uma Nova Comunidade, que chega com outros propósitos, principalmente com o intuito de instalar empreendimentos turísticos, e, assim, gera uma crise ao se relacionar com a Comunidade da Terra. Esses conflitos aparecem sutilmente no dia a dia, no cotidiano, nas relações de trabalho (com as pousadas, por exemplo) e até mesmo no trato entre as comunidades e turistas e a atividade turística.

Segundo o registro da fala de uma moradora no diário de campo:

> Meu marido trabalhava no presídio e logo após o fechamento ele faleceu e eu tive que trabalhar para criar meus três filhos na fábrica de sardinha e barrendo [sic] quintais de Abraão. Ganhava pouquinho, pouquinho – me sentia explorada… mas não tinha outra coisa pra fazer por aqui (GOMES, 2020).

Já no momento de ampliação da crise, percebo que a abordagem das situações que podem gerar conflitos de interesse tem merecido uma atenção especial de pesquisadores, ambientalistas, gestores públicos e privados, principalmente no que diz respeito ao interesse de preservação e à essência da cultura de comunidades, como as que vivem e convivem na Ilha Grande. Esses conflitos normalmente são constituídos por fatores que geram disputas, tais como: preservação ambiental e turismo (aumento do número de novas comunidades, turistas/degradação do meio ambiente, tradições), meio ambiente e política (disputa de territórios/espaço e status) e sua ameaça de exploração econômica, como apontado, a seguir, sobre a interdição da fábrica de sardinha devido à fiscalização:

> Trabalhei nas fábricas de sardinha e quando fechou por causa da fiscalização e também porque começou a faltar sardinha no mar eu fui trabalhar nas pousadas desse povo que veio de fora barrendo [sic] quintal e limpando..... foi muito difícil .... meus filhos chegaram a passar fome e aí a solução foi eles começar a trabalhar também..... barrer [sic] quintal e servir nos restaurantes. Não gosto de turismo, ele trouxe carestia, vandalismo com a natureza, só que hoje é o sustento da Ilha (Gomes, 2020)[37].

Já momentos de regeneração da crise, à luz das leituras de Turner

[37] Registros do diário de bordo.

(1996), tem-se o projeto *Voz Nativa*[38] – uma experiência de comunicação e turismo de base comunitária na IG – e o jornal *O Eco Ilha Grande*. Esses são alguns dos sujeitos/atores envolvidos que se mobilizam em prol de soluções e esforços de informação e conciliação com ações focadas para a coletividade.

O jornal *O Eco Ilha Grande* pertence a Palma e é voltado a temas como ecologia, cultura, meio ambiente, turismo e participação comunitária. É um fórum permanente de discussões para elucidar os fatos que envolvem a Ilha Grande. Tem a participação de todos os interessados, e dessa discussão surge a razão. Tem grande credibilidade e é lido pela esmagadora maioria da Ilha. São muito militantes e defendem seus interesses quando precisam.

Já o projeto *Voz Nativa* nasceu em 2002 e foram sete edições. Ao longo dos anos, esses projetos foram se perdendo e hoje se mantém somente o da Brigada Mirim, que existe desde 1989, acumulando mais de 30 anos de educação ambiental. Eles atuam em Vila do Abraão, Abraãozinho, Bananal, Saco do Céu, praia da Longa, Dois Rios e Palmas. Dentre as comunidades estudadas nesta tese, a única em que eles não atuam é Provetá.

A Brigada foi fundada em 1989 por iniciativa dos próprios moradores que, em razão do crescimento desordenado e predatório do turismo, sentiram a necessidade de preservar seu ambiente e sua cultura social. Atua com jovens de 14 a 17 anos que se dedicam durante três horas diárias em atividades de cunho educativo, social e ambiental, mediante a concessão de uma bolsa-auxílio. A Brigada Mirim proporciona trabalho, saúde, educação e cidadania aos jovens, melhorando sua formação e aprimorando o exercício de seus deveres e direitos como cidadãos. Ao mesmo tempo, em suas atividades, prestam serviços de extrema relevância à preservação, à sociedade local e ao turismo. É o único projeto que se mantém até hoje:

> [...] com o passar dos anos muita coisa mudou por aqui. O povo tem projeto comunitário e aí minhas filhas participam ensinando a costurar e fazer algum artesanato. Eu já estou velha demais... só fico aqui na minha casa barrendo [sic] meu próprio quintal..... não me misturo com esse povo novo nem com turistas.... meu passeio é ir na igreja ..... sou evangélica há vinte anos. Eu não saio da IG ... aqui é meu lugar ... minha casinha é tudo que tenho para deixar

[38] Sites para visitar sobre o projeto: https://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/voz-nativa/jornal-voz- nativa/#google_vignette. E também o site: http://www.alternativaterrazul.org.br/voz-nativa/.

> para minhas filhas..... muita gente vendeu suas casas e foi embora aqui a IG está cheia de baianos eles vêm pra trabalhar e têm costume muito diferente da gente..... eles trabalham bastante aqui ... isso é fato (Gomes, 2020[39]).

Alguns entrevistados apontam que a vida mudou, que muita gente saiu da IG e vendeu suas casas. Não é um registro formal a quantidade de casas vendidas ou desabitadas, mas é uma expressão do sentimento das pessoas que ali residem, o sentimento de abandono, de desaparição de vizinhos, das mudanças nos hábitos e costumes. Como afirma Fratucci (2008, p. 8), "a partir da chegada do turista e do turismo, o morador redefine seus espaços de estar e de circular, observando o estar e o circular do turista"; ou seja, tudo na vida cotidiana se altera a partir do início do turismo, inclusive a venda de imóveis e o "abandono" do local.

Por fim, há o rearranjo ou cisão. Performances e conflitos estão sempre em processo de rearranjo ou cisão, pois não têm fim, ressignificam-se após novos impasses entre Comunidade da Terra e Nova Comunidade na IG. Os conflitos são dinâmicos e as comunidades dividem-se e organizam-se, sendo bem-sucedidas e malsucedidas, configurando um rompimento entre grupos.

Um exemplo atual é a divisão do grupo da igreja católica, que se repartiu por questões ideológicas. Um dos grupos ficou sem espaço dentro da igreja tradicional (igreja de São Sebastião), da Vila do Abraão, e começou a realizar seus encontros religiosos em outro espaço, promovendo assim a cisão e a criação de uma nova "aldeia" dentro da mesma comunidade:

> [...] sou evangélica mas estou sabendo dessa briga deles aí por conta de padre... fico triste porque lá na igreja que eu congrego não temos esse tipo de briga. Essa separação não é boa porque já estamos muito de lado por conta do Turismo – os caiçara têm que ficar bem aqui na IG e nos unir pela religião, trabalho e fé... até porque já perdemos muito da nossa liberdade aqui (Gomes, 2020[40]).

Abraão é uma das comunidades mais afetadas pelo turismo. É o local onde ocorrem interações entre o território, os turistas e os moradores (anfitrião), que "irão permitir um contato direto, sem barreiras (físicas ou simbólicas) entre eles e o reconhecimento da existência do outro, recíproca e simultaneamente". (Fratucci, 2000a, p. 65 apud Fratucci, 2008, p. 9).

[39] Registro de diário de bordo.
[40] Registro do diário de bordo.

Vários elementos podem identificar essas comunidades, como a diversidade cultural, a organização política em comunidades culturais e a própria evidência de um conjunto de características comuns que as diferenciam dos demais grupos. Isso inclui idioma, sotaque regional e cultura, bem como o sentimento de pertencer ao grupo e a autopercepção de uma mesma origem. Esse sotaque regional aparece no “barrer”, no “inté”, por exemplo, na fala de Suzana Silva, além de outras falas que fogem à norma culta, marcadas pela oralidade.

As experiências que descrevem o discurso social permeiam esta tese e, a partir dessa investigação, foi preciso considerar aspectos do indivíduo e sua relação com o ambiente, com a sociedade e consigo mesmo, os quais foram mediados por elementos simbólicos, no âmbito da reflexão, da ação, do pensamento e do sistema de crenças ou do comportamento e das atitudes. No estudo da cultura, os sinais são simbólicos e a proposta da pesquisa era justamente compreender os conflitos por meio dos discursos dessas comunidades.

Assim, observando o cotidiano e as manifestações culturais tradicionais e não tradicionais, como a Festa das Três Bocas, Calango/Forrós/“Arrasta-pé”, Festa da Longa, em louvor a São Pedro, e a Procissão de São Sebastião, entre outras, foi possível verificar qual a dimensão dos significados que as simbologias desses congraçamentos representam tanto para a Comunidade da Terra quanto para a Nova Comunidade. Por outro lado, há também o desaparecimento de algumas festividades, como bem aponta João Lino:

> Muita coisa desapareceu. As folias de Reis acabaram, porém tem algum registro. Não tem mais folia de reis no território da ilha. O catolicismo popular, que já foi uma coisa forte, todas as 11, 12 vilas de lá tinham sua igrejinha, etc., cada dia é menos. Em Dois Rios, hoje, que tem uma população de 80 pessoas, talvez, por aí, não me lembro certo os números. (João Lino (VID_20230715_170654) 16/07/2021 16:15).

O turismo produz importantes efeitos na sociedade, conforme afirma Rita de Cássia da Cruz (2005, p. 30): “a crescente importância econômica do turismo é causa e consequência de sua ampliada necessidade de intervenção espacial”. Foi a década de 1990 que marcou a ampliação do turismo no Brasil como atividade econômica: “Após longos anos na marginalidade da

administração pública, o turismo passa a ocupar lugar de destaque no planejamento governamental, processo este que culmina, em 2003, com a criação do Ministério do Turismo" (Cruz, 2005, p. 29).

O turismo é uma atividade própria de consumo que combina ações públicas e privadas com a exigência de grandes investimentos financeiros e tecnológicos no fornecimento de bens e serviços aos turistas. Ele necessita de modelos de gestão e planejamento que fomentem a atividade, de modo que turistas e comunidades (no caso da IG, Comunidade da Terra e Nova Comunidade) convivam em harmonia e que efetivamente possam conseguir seu sustento de forma responsável e sustentável (Gomes, 2010[41]).

O desenvolvimento do turismo manifesta, em primeiro momento, uma exploração exacerbada da localidade sem preocupação com a comunidade, bem como seu território, meio ambiente e cultura. Cada comunidade recebe essa interferência de uma forma diferente, sendo o tempo de adaptação concernente à sua realidade e interpretação dos fatos (Gomes, 2010). Nas palavras de Rita Cruz (2005), "somente faz turismo quem tem condições para isto; assim sendo, o turismo expressa didaticamente as diferenças sociais entre indivíduos e grupos de indivíduos" (Cruz, 2005, p. 38).

Apesar de fazer um estudo específico sobre a região de Natal (Rio Grande do Norte), Abreu e Costa (2017, p. 343) explicam que as mudanças provocadas pelo turismo transformam a paisagem a ser consumida, influindo até mesmo na renda dos moradores. Porém, é uma atividade controversa: "é inegável o potencial que a 'indústria do turismo' tem na dinamização da economia, mas também o é sua capacidade de ocasionar problemas sociais e econômicos por onde ela se alastra" (Abreu; Costa, 2017, p. 344).

Para Ramuz (1998), se hoje o turismo é a principal atividade econômica da IG, é preciso trazer benefícios financeiros à população. Segundo ele, o problema do turismo na Ilha é a falta de infraestrutura básica: "Cabe à prefeitura de Angra dos Reis (por estar mais próxima da realidade local) monitorar aplicações de investimentos públicos ou mesmo privados" (Ramuz, 1998, p. 118).

A interação humana no espaço e sua consequente transformação tem

[41] Registros do diário de bordo.

reconfigurado sua construção representativa do próprio espaço, seu comportamento diante dele e da própria natureza. Afinal, é no espaço que a natureza se apresenta. A cada processo de transformação desse espaço, a relação dos indivíduos para com eles mesmos muda. E há uma tentativa forte em estabelecer um turismo voltado para a natureza nas comunidades da IG, o Ecoturismo:

> [...] é uma forma expressiva que os atos culturais assumem, ela possibilita a criatividade e, por isso mesmo, também a transformação. Voltada às teorias que interpretam a dinâmica social como um espaço de relações sociais, o foco naquilo que os agentes sociais fazem é primordial na interação dos sujeitos (Duarte; Menezes, 1974, p. 47).

A sociedade contemporânea é marcada pela pluralidade e pela diversidade, que se funde em produções culturais híbridas. A relação das pessoas que ali habitam e convivem e o mundo que as cerca é revestida de uma significação, de uma valorização, mediada por relações simbólicas. Segundo Cassirer (1972, p. 50-51):

> O homem não pode fugir à própria consecução. Não pode deixar de adotar as condições da própria vida. Já não vive num universo puramente físico, mas num universo simbólico. [...] São vários os fios que tecem a rede simbólica, a teia emaranhada da experiência humana [...].

A partir desse entendimento, é preciso então considerar que todos os aspectos do indivíduo em sua relação com o ambiente, com a sociedade e consigo mesmo serão mediados por elementos simbólicos que permeiam os processos de reflexão, ação, pensamento, crenças, comportamento, atitudes e cultura.

Nesse sentido, pensar a apropriação que uma dada sociedade faz de um determinado ambiente é pensar além dos elementos concretos dessa apropriação. É pensar, sobretudo, nos elementos simbólicos e subjetivos que justificaram ou que motivaram aquela apropriação em sua forma e função.

O paradigma das comunidades na IG atualmente é dado pela exploração turística dos recursos naturais disponíveis no local, tendo esta como a sua principal fonte de renda, entrando em choque com os princípios de conservação propostos pelos órgãos fiscalizadores da IG. Contudo, há a interação e até mesmo a sensação de necessidade de retribuição, como na

fala de Marcos da Silva:

> Algumas pessoas me ajudaram muito, cada uma naquilo que podia, e eu comecei a pensar em uma contrapartida, em uma forma de retribuir. Participei da organização das primeiras manifestações turísticas e das iniciativas para promoção dos primeiros cursos para os trabalhadores dos restaurantes e pousadas. Já se vão 21 anos e acabei modificando minha carreira. Na verdade, agradeço demais por ter tido essa iniciativa. Tem dado muito certo, superamos os desafios e a pousada está mantendo minha família. Tenho amor pela Ilha Grande e respeito por seus moradores (Marcos da Silva (VID_20210414_183213) 14/04/2021 20:00).

Outro ponto de relevância é que, mediante a perspectiva do contato de antigas e novas narrativas e do choque entre culturas, a desigualdade econômica e de interesses de exploração se estabeleceu nas comunidades que habitam a IG após o início da exploração do turismo.

As Performances Culturais permitem perceber a Ilha Grande e seus objetos, signos do cotidiano, imersos na experiência vivida por essas comunidades, bem como seus discursos, as histórias que não puderam ser contadas, a voz nativa das comunidades e dos “vencidos” e “vencedores”.

Os discursos que perpassam as entrevistas são reveladores de uma cultura simbólica sobre as comunidades, as identidades pessoais e o território, que é formado por várias comunidades, cada uma com sua especificidade, e por vezes eles misturam a comunidade específica com a ideia do todo (a própria Ilha). Aqui foram apresentadas apenas quatro das 18 comunidades, porém, quando se tem a possibilidade de mergulhar no universo da Ilha Grande, seja como turista, seja como pesquisadora, a cada viagem mais e mais características vão se mostrando e vêm à tona as especificidades locais.

Nas entrevistas, o fio condutor questionador foi sobre até que ponto aquilo que foi desconstruído na Ilha destruiu a própria imagem que se tem dela por seus habitantes e por aqueles que vêm de fora – os turistas, por exemplo. Como esse embate de narrativas revela a história, memória, sensibilidades e, por fim, identidades da Ilha; como reconstroem no presente (nas entrevistas, nas conversas locais) o passado e a memória assimilada e construída, e até mesmo sobre o crescimento desordenado do turismo, como já apontado pela entrevistada Clarisse da Silva, moradora de Abraão:

> [...]. Não pode simplesmente abrir a porta só para o turismo por exemplo: ah, agora é só turismo então vamos colocar um monte de hotel aqui e não sei o quê. Por exemplo, ali no campo da praia no

> ano retrasado tem tipo um estaleiro ali que o pessoal sobe os barcos e aí uma das pousadas começou a achar que aquele visual não era legal para ela sabe. Aí queria aplicar uma lei, uma forma de tirar aquilo dali. Mas não pode. Isso é caiçara, isso é um conhecimento ancestral, é protegido por lei entendeu? (Clarisse da Silva (VID_20210408_165459) 08/04/2021 17:23).

Ela aponta que o desenvolvimento da Ilha não pode ser desordenado, que deveria haver mais preservação da cultura local. Também diz que há resistência dos moradores ao avanço desordenado do turismo, que se fazem representar por meio das associações. Infelizmente, segundo ela, há muitas associações quando deveria haver uma só que pudesse se manifestar a favor de todas as solicitações dos moradores da Ilha, independentemente da profissão (se são barqueiros, ou se são da escuna, ou se são do *táxi boat*). Concordando com Clarisse da Silva, outra entrevistada, Eliza da Silva, também aponta que a falta de fiscalização é um problema. A moradora de Abraão afirma que há muitas ocupações e construções ilegais:

> [...] e eu acho que na Ilha tem um problema muito grande de fiscalização, tipo, não existe fiscalização, então as pessoas saem construindo loucamente né assim, a gente sabe que o problema aqui com o esgoto é enorme e mais um monte de construção ilegal. (Eliza da Silva (VID_20250416_170946) 20/04/2021 17:02).

Um ponto comum em todas as entrevistas é a descrição da Ilha como um ambiente calmo, ou, melhor dizendo, um “paraiso”. Apesar de haver entrevistas que se contradizem, que trazem diferentes pontos de vista sobre a atuação da UERJ, por exemplo (como o Sr. Antônio e a Cristina), ou ainda sobre o presídio, sobre a pesca, sobre as atividades turísticas ou sobre os próprios turistas (nem sempre bem-vistos em Provetá), há uma visão unânime que perpassa todas as entrevistas – a Ilha é um mundo à parte, um local paradisiaco. Em todas as entrevistas, seja de turistas, seja de moradores (antigos e novos), em todas as comunidades, todos apresentam a IG como esse espaço de paz. São frequentes os qualificativos (calmo, uma paz, um paraíso) nas falas dos entrevistados em contextos e até mesmo em comunidades diferentes. Há conflitos, há cisões na história, porém, há uma reconstrução quando veem esse espaço diverso como um paraíso, e viver ali como um benefício[42].

[42] Sobre isso, recomendo a leitura da tese de Teresa Mendonça (2010), Que paraíso é esse? A turismização da Ilha Grande.

Uma das poucas moradoras que fala na contramão do discurso de que a Ilha é um paraíso é Hérica, moradora de Provetá. Para ela, se pudesse, iria embora:

> Ai, tem certas coisas que desanimam. O povo mesmo daqui desanima a gente, sabe? Com certas coisas. Eu, particularmente, se eu pudesse ir embora daqui, eu ia. É muita fofoca. Apesar que todo lugar tem isso, mas aqui, por ser uma comunidade pequena, parece que explode mais, assim, sabe? O pessoal daqui, eu falando por mim, o pessoal daqui trata melhor a pessoa de fora do que a gente que é morador daqui. E, tipo assim, eles preferem tratar a senhora melhor, que não é daqui, do que eu, que sou daqui. Eu não sou daqui, mas eles, assim mesmo, preferem tratar a senhora melhor, que chegou agora, do que eu, que já estou aqui há muito tempo. Aqui é bem complicado. (Hérica (VID_20260410_165459) 05/04/2021 09:12).

Apesar do discurso comum, nem todas as pessoas se sentem à vontade em suas praias e, consequetemente, comunidades.

3.3 AS TRANSFORMAÇÕES DO COTIDIANO DA ILHA GRANDE

A Ilha Grande é reconhecida como um lugar de grande beleza natural e rica história. Ao longo dos anos, transformou significativamente suas performances do cotidiano (Macedo; Pereira, 2020), que se desenvolveram para a criação de lugares que evocam as memórias das pessoas que ali viveram, nos quais os moradores e visitantes podem reviver e preservar a história e a cultura da própria Ilha.

Certos lugares se tornaram símbolos que evocam a memória coletiva da Ilha, incluindo, como testemunhas dos eventos e transformações que moldaram sua história, o museu de curadoria da UERJ, o Parque, as ruínas do presídio e a própria história oral que apareceu nas entrevistas, trazendo à tona as simbologias de como os moradores/as percebem cada um, a seu próprio modo, a comunidade que habitam e o todo que é a IG. Atualmente, tais locais fazem parte também de roteiros turísticos para quem está interessado na história local.

A história da Ilha possui marcos temporais distintos, já transcorridos anteriormente nesta tese, como o presídio de Dois Rios, as ruínas das antigas fazendas de café, os caminhos e trilhas ancestrais, as praias e belezas naturais e as comunidades tradicionais, aqui referenciadas como Comunidade

da Terra, que representam a memória viva da Ilha. Observando o turismo perante as representações e performances cotidianas na Ilha Grande, a atividade turística não apenas a transforma, mas também reconfigura a maneira como as pessoas locais representam seu próprio ambiente, como afirma Dean MacCannell (apud Brictson, 2018) em seus estudos, que, acredito, servem para pensarmos também a IG.

Durante todo seu processo de povoamento e ocupação, a Ilha Grande passou por diversos ciclos econômicos, como o plantio de cana-de-açúcar e de café (a partir do século XIX), e, posteriormente (década de 1920), o beneficiamento de sardinha, em diversas fábricas instaladas por japoneses em algumas de suas praias, mas que nos anos 1970 já estavam praticamente extintas. As culturas de cana e café foram abandonadas devido ao esgotamento do solo e ao alto custo de transporte dos produtos, por estarem localizadas em uma ilha oceânica.

Durante a maior parte do século XX, as atividades econômicas na Ilha Grande, além dessas fábricas, concentravam-se basicamente em uma pequena agricultura voltada ao autoconsumo e à pesca. A quantidade de peixes, no litoral sul do Estado do Rio de Janeiro, reduziu-se de maneira decisiva devido aos métodos predatórios de grandes empresas de pesca (Bastos; Callado, 2009).

A partir de então, em quase todas as localidades da Ilha, principalmente em sua face voltada para o continente, e de forma mais intensa na Vila do Abraão, começa a crescer continuamente o número de pousadas, restaurantes e lojas, empregando a grande maioria dos trabalhadores locais, além de atrair um fluxo de moradores vindo do continente. Hoje, de acordo com o Inventário Turístico de Angra dos Reis (Angra dos Reis, 2013), existem na Ilha 460 empreendimentos turísticos, entre meios de hospedagem e de alimentação, sendo 95 pousadas apenas na Vila do Abraão, disponibilizando 890 quartos ao todo.

O turismo tem se utilizado do discurso sobre patrimônio, tanto no que concerne à criação de atrativos, produtos e roteiros quanto nos projetos de planejamento de destinos. No âmbito do debate sobre patrimônio e conservação, insere-se, ainda, a busca por formas alternativas de turismo, baseadas na noção de sustentabilidade e no paradigma do desenvolvimento

com base local ou comunitária e na valorização das culturas locais, tradicionais e rurais. Os processos de patrimonialização, acionados tanto pelo *ambientalismo* como pelo turismo, articulam lógicas, visões de mundo e práticas diversas e concorrentes, que se expressam nos trabalhos dos *fóruns participativos,* conforme elaborado por Ferreira (2010) e também Mendonça (2010).

À medida que o turismo na Ilha Grande cresceu ao longo dos anos, suas representações do dia a dia passaram por adaptações, como as construções de restaurantes e pousadas para atender os turistas. A Ilha Grande, que se destaca pela singular natureza, praias paradisíacas e rica herança cultural, tornou-se um destino atraente para turistas em busca de experiências únicas. No entanto, essa crescente afluência de visitantes trouxe transformações econômicas para a Ilha que desencadearam mudanças nas representações e na vida dos habitantes locais.

Uma das adaptações mais visíveis é a transformação do cenário comercial. Lojas, restaurantes, pousadas e outras empresas voltadas para o turismo surgiram para atender às demandas dos visitantes. Essas mudanças comerciais espelham as expectativas dos turistas em relação à infraestrutura e comodidades disponíveis.

Além disso, as representações culturais também se adaptaram para acomodação do interesse turístico. Eventos culturais, festivais e atividades tradicionais muitas vezes são reconfigurados para atrair visitantes e tornarem-se atrações, como, por exemplo, o festival de cultura japonesa, que aparece na fala da entrevistada Cristina de maneira crítica, pois procura substituir a cultura caiçara, as festividades locais, por culturas que não são próprias da IG, que não são da Comunidade da Terra. Essas adaptações podem ser vistas não somente como uma forma de preservar e compartilhar a cultura local, como também podem criar desafios na preservação da cultura, porque competem com a cultura caiçara. Na seção 4, por exemplo, as falas de Ramos e Jonas se contrapõem em uma disputa sobre as festividades religiosas. Para além das questões culturais, na IG há também um embate em torno da preservação do próprio ambiente. Brito (2001) comenta a respeito das Unidades de Preservação Ambiental na IG e o embate que por vezes geram com as populações locais herdeiras da cultura caiçara. Esse autor lembra que:

> [...] é um pressuposto constitucional levar em consideração a forma peculiar de posse da terra das populações, assim como sua forma especial de utilizar os recursos naturais, assegurando o seu modo de fazer e viver em comunidade e sua identidade cultural (Benalti, 1996, p. 35 apud Brito, 2001, p. 66).

Na disputa pelo território entre as populações tradicionais e outros grupos, Brito (2001, p. 2), citando Luchiari (1999, p. 67), aponta: “Entretanto, é importante colocar que as populações tradicionais não têm poderes ou direitos que se sobrepõem aos de outros grupos sociais [...]”, pois o papel desempenhado pelo imaginário coletivo na configuração da Ilha Grande como destino turístico se destaca. Conforme enfatizado por Castoriadis, Guy e Fortes (1982), o imaginário coletivo abrange um conjunto de imagens, símbolos e mitos compartilhados por um grupo social, moldando suas percepções, valores e aspirações. Dessa maneira, a adaptação das atividades econômicas locais para atender às demandas do turismo fizeram muitos moradores se envolverem na atividade turística, oferecendo hospedagem, passeios, artesanato e culinária local.

As transformações ocorridas na Ilha Grande, impulsionadas pelo turismo, pelo crescimento urbano e pelas mudanças culturais, resultaram na criação de lugares que evocam a memória, por vezes provocando um saudosismo, como o próprio museu, as ruínas do presídio. No entanto, a memória, principalmente a transmitida pela oralidade, ao contar esses lugares, não é essencialmente fruto de uma preservação da história da Ilha, mas da história e identidade dos habitantes locais, moldadas ao interesse da geração de significados à experiência dos visitantes (Maffesoli, 1999; Aragão; Macedo, 2011). Diante da afirmação dos autores e aplicando-se à IG, tais aspectos tornam a própria Ilha um destino consumível; como afirma Hugo Serra (2007), o próprio espaço passa a ser parte do pacote de consumo. Maffesoli (1999) argumenta que o consumo contemporâneo não se limita apenas à aquisição de bens, mas também inclui a busca por experiências e emoções. Tal afirmação me permite interpretar as mudanças que o turismo trouxe para a IG, pois ela se enquadra nessa moldura, por oferecer uma variedade de experiências turísticas que vão desde mergulho em recifes de coral até caminhadas em trilhas naturais e históricas e interações com comunidades locais. A ideia de escapar para um lugar

paradisíaco, onde se pode relaxar, se aventurar e vivenciar um estilo de vida mais simples, é promovida como um produto turístico consumível.

Para transformar a Ilha Grande em um produto turístico consumível, é essencial que ele seja percebido como autêntico e genuíno (Aragão; Macedo, 2011). Nesse sentido, a Ilha Grande se beneficia de sua história cultural, de algumas tradições e ambientes naturais preservados. Os visitantes envolvem-se em festejos locais, buscam experiências gastronômicas e conectam-se, mesmo que superficialmente, à história da Ilha. As experiências apresentadas contribuem para a construção do imaginário coletivo da Ilha Grande como um destino turístico autêntico.

No entanto, é importante destacar que a transformação da Ilha Grande em um produto turístico consumível não está isenta de conflitos, como afirma Maffesoli (1999). Isso se aplica à IG, ao turismo. Em sua face negativa, pode gerar uma manipulação descabida do meio ambiente e a descaracterização cultural.

A Ilha Grande surge como um destino turístico que pode transformar seu imaginário coletivo em um produto consumível, ao mesmo tempo que enfrenta os desafios de preservação cultural, ambiental e de sobrevivência. Na seção 4, para uma reflexão sobre relatos, enlaços e olhares sobre a Ilha Grande, utilizo a metodologia Análise Textual Discursiva (ATD), desenvolvida por Moraes e Galiazzi (2016), para apresentar os confrontos das comunidades de IG. Foram selecionadas para essa seção duas entrevistas de cada comunidade aqui analisada, totalizando oito, de um universo de 68 entrevistas.

É a experiência afetiva desses entrevistados que aos poucos foi tecendo, em minha pesquisa e em minhas percepções, uma Ilha que é formada por várias comunidades com discursos comuns. Além disso, apresento pontos que vão na contramão desses discursos, como a fala de Hérika, a percepção sobre o presídio, as construções de casas ou até mesmo do próprio turismo.

Para Turner (1974), a vida social é um processo dialético que põe em diálogo uma experiência de alto e baixo, de homogeneidade e diferenciação, de igualdade e desigualdade. É esse movimento que constitui um todo chamado Ilha Grande. Nas palavras do autor:

> Prefiro a palavra latina communitas à comunidade, para que se possa distinguir esta modalidade de relação social de uma "área de vida em comum". A distinção entre estrutura e "communitas" não é apenas a distinção familiar entre "mundano" e "sagrado", ou a existente por exemplo entre política e religião (Turner, 1974, p. 119).

Ao passo que há uma imagem da Ilha que se queira construir para atrair turistas, há também o não dito, que acabou transparecendo nas entrevistas: conflitos, disputas (de discursos, de terra, de território, de mando), que pretendo aprofundar na próxima seção, tomando por base a metodologia ATD e as teorias de Turner sobre *Drama Social*.

Os fenômenos sociais não atingem os indivíduos de maneira isolada, e sim no coletivo de uma sociedade, ou pelo menos em uma parte significativa desse coletivo. Esta pesquisa, embasada no conceito de *Drama Social* criado por Victor Turner, tem como premissa compreender conflitos a partir de análises processuais da vida em sociedade. Nessa perspectiva, busquei compreender o transcorrer da vida das comunidades da Terra e Nova Comunidade em: Bananal, Dois Rios, Provetá e Vila do Abraão, tendo como sujeitos representantes dos órgãos reguladores em funcionamento, empresários do setor turístico, prestadores de serviços, membros de diferentes denominações religiosas (católicos e evangélicos) e turistas. A intenção é compreender as dinâmicas sociais, os impasses, os conflitos de interesse e as dificuldades apresentadas desde o fechamento e a implosão do presídio Cândido Mendes no governo Brizola, na praia de Dois Rios, em 1994, e o início das atividades comerciais do turismo em grande parte dos núcleos sociais da Ilha até 2022.

A escolha da categoria de análise *Drama Social*, proposta por Turner, deu-se por dois motivos: nas aulas do programa foram apresentadas pelos professores(as) das disciplinas cursadas as fases estabelecidas pelo autor (Crise, Ampliação da Crise, Regeneração, Rearranjo e Cisão). Na minha compreensão como pesquisadora, o *Drama Social* daria conta de responder seus questionamentos, considerando as performances cotidianas das comunidades estudadas da Ilha Grande a partir dos seus conflitos e particularidades. Nesta tese optei por separar rearranjo e cisão, por entender que explicaria melhor os fatos por meio de seus desdobramentos.

Na seção que se segue, apresento cinco quadros (na respectiva ordem dos conceitos) de análises das entrevistas selecionadas, fazendo contrapontos a partir dos conflitos, disputas, regeneração, rearranjo e cisões. A pesquisa foi feita por meio de gravações de áudio com o meu celular pessoal. Posteriormente, os programas *Turboscript* e *Reshape* foram usados para transcrever os áudios das 68 entrevistas; algumas compõem exclusivamente as análises da seção 4, os trechos das demais procurei trazer ao longo das outras seções da tese, elucidando pontos da história e das construções da memória de cada uma dessas pessoas e das comunidades que compõem a Ilha Grande. Essas ferramentas foram escolhidas por sua capacidade de transformar informações auditivas em texto escrito de forma precisa e eficiente, garantindo a precisão e qualidade das transcrições obtidas das gravações.

4 RELATOS, ENLAÇOS E OLHARES SOBRE A ILHA GRANDE NA PERSPECTIVA DA ANÁLISE TEXTUAL DISCURSIVA

Esta seção tem como propósito compreender a confluência entre Fenomenologia, Hermenêutica e Análise Textual Discursiva (ATD) e, em seguida, apresentar e analisar oito entrevistas realizadas com *performers* que habitam o território da IG, considerando a categoria de análise do *Drama Social* (Turner, 1996) e a ATD como ferramenta analítica (Moraes, 2003; Moraes; Galiazzi, 2006) das entrevistas dos sujeitos por comunidades e por serem pertencentes à Comunidade da Terra e Nova Comunidade. Conforme explicitado na introdução, as comunidades escolhidas foram Dois Rios, Vila do Abraão, Provetá e Bananal.

A Performance Cultural configura expressões sociais, enlaços, experiências, signos, significados, contextos e interações que se entrelaçam de maneira complexa, e pode proporcionar uma lente teórica abrangente para compreender e interpretar os conflitos performáticos do cotidiano da IG.

Dentro das Performances Culturais, foram as teorias turneanas que mais chamaram minha atenção para o diálogo com o objeto de pesquisa. Victor Turner (1920-1983) foi um importante antropólogo britânico que dedicou suas pesquisas à compreensão das simbologias e rituais, dando assim contribuição significativa à compreensão das práticas rituais ao aprimorar a noção de liminaridade e elaborar, a partir dela, o conceito de *communitas*. Segundo Turner, a vida social se mobiliza pelo movimento dialético argumentativo, envolvendo estrutura social e *communitas,* estrutura e antiestrutura, e é alimentada pelo cotidiano e suas práticas rituais.

Ao conceito turneano de ritual associou-se o interesse pela performance e pela experiência, articulado em seus últimos e/ou póstumos trabalhos (Turner, 1982, 1985, 1986, 1987), que alimentaram o diálogo interdisciplinar entre a antropologia e as artes cênicas e narrativas, configurando a área interdisciplinar dos estudos de performance. Cavalcanti (2012, p. 105) também ressalta a importância dos conceitos turneanos para os estudos antropológicos:

> Também os ressonantes temas da *communitas* e da antiestrutura (Turner, 1974a; Turner; Turner, 1978) – uma contribuição central à

> antropologia das religiões (DE BOECK; DEVISH, 1994; DEFL em, 1991; WEBER, 1995) – derivam da expansão da abordagem do ritual aos processos sociais como um todo.

As leituras desse autor foram fundamentais, uma vez que ele aborda temas como fluxo do tempo, finitude, doença, aflições, cura, contradições e tensões, bem como as afeições dos dramas sociais, emoções e ações que apareceram ao longo da pesquisa, das entrevistas e da imersão nesse universo que é a Ilha Grande.

Tais leituras elucidaram as reflexões feitas, pois, com o início da atividade turística formal na Ilha Grande (1994), logo após a implosão do Instituto Penal Cândido Mendes (construído em 1926 e ampliado em 1940 no período do Estado Novo) houve um fluxo de migração, com escritores, estrangeiros e outras pessoas em busca de trabalho e qualidade de vida, atraídos pela afeição à natureza e calmaria do lugar.

Com a vinda dessa Nova Comunidade, o cotidiano dos ilhéus (caiçaras) sofreu muitas interferências culturais. Essas diferentes comunidades passaram a conviver no mesmo território, e essa experiência de convívio social tem influenciado as expressões culturais da Comunidade da Terra, reconfigurando e ressignificando o presente. Isso levou muitas vezes ao rompimento com tradições passadas, como as festas, conforme apontado na entrevista de Ramos (CTVA), ou ainda com festivais da cultura japonesa, como apresentado nas seções anteriores.

Nessa convivência, o turismo ganhou seu espaço enquanto atividade econômica e social, atraindo novos investimentos, moradores e, consequentemente, perturbações (lixo, exploração de locais naturais, construções ilegais que causam desabamentos, poluição).

Esta seção se dedica especificamente a abordar a metodologia de análise escolhida, a ATD, que pressupõe uma análise do discurso, trazendo as entrevistas para dialogar com o objeto de pesquisa. Tais análises serão feitas para as cinco categorias de Turner do *Drama Social*, fazendo um estudo do fenômeno social. A ATD é uma ferramenta analítica, cuja abordagem de análise de dados “transita entre duas formas consagradas de análise na pesquisa qualitativa, que são a análise conteúdo e a análise do discurso” (Moraes, Galiazzi, 2006, p. 118).

Os processos de análises aqui feitos são hermenêuticos, visto que reinterpretam os fatos ocorridos nas diversas comunidades da Ilha Grande, mas sob a ótica dos entrevistados, pessoas da terra, pessoas da Nova Comunidade, moradores, turistas, caiçaras, descendentes de ex-funcionários do presídio. Há aqui um estudo do fenômeno, daquilo que aparece, do que é mostrado, nas falas do dia a dia registradas em diário de bordo (Gomes, 2020), e principalmente nas entrevistas analisadas nesta seção a partir das categorias propostas por Turner.

A Fenomenologia, ao valorizar a experiência subjetiva, constitui uma ferramenta fundamental para a ATD. Ao adotá-la, foi possível acessar a essência das vivências dos entrevistados durante as performances, compreendendo seus significados a partir de sua própria perspectiva.

Merleau-Ponty, em sua obra *Fenomenologia da percepção* (1999), ressalta a importância do indivíduo e da coletividade na apreensão do mundo e na experiência cotidiana. Na Performance Cultural, os atores sociais estão imersos em um espaço compartilhado, onde a interação entre o indivíduo, as dinâmicas sociais e o ambiente contribui para a criação de significados. A Fenomenologia oferece uma lente para analisar como esses corpos se relacionam e como a percepção é moldada por essa interação; ela também destaca a importância da temporalidade na experiência cotidiana. Durante uma Performance Ccultural há uma vivência temporal única, em que o tempo não é apenas uma medida objetiva, mas também uma dimensão vivida e subjetiva.

Um aspecto crucial da Fenomenologia na análise das Performances Culturais é a compreensão dos significados compartilhados. Durante o desenrolar de um fato considerado como performance, há uma comunicação não verbal e simbólica que transcende as palavras, na qual os atores sociais podem compartilhar e interpretar os significados da experiência cotidiana de maneiras variadas. A Fenomenologia oferece uma perspectiva para compreender como esses significados são gerados e interpretados no contexto da performance.

As entrevistas foram marcadas pela oralidade, houve muita interação entre mim e os entrevistados. Eles responderam às perguntas e ficaram à vontade para acrescentar falas e expressões em suas narrativas; todavia, em

alguns momentos se certificavam de que o que foi dito realmente estava “protegido” pelo anonimato. Ressalto que as principais características das entrevistas semiestruturadas se configuram em um texto informativo e/ou opinativo, com presença do entrevistador e dos entrevistados, numa linguagem dialógica e oral (em que prevalece principalmente o discurso direto), com marcas de subjetividade e mescla da linguagem formal e informal. Essa interação entre pesquisador e entrevistados traz à tona também performances. Estar diante de um gravador e ser colocado no papel de entrevistado também implica ter um público que posteriormente terá acesso às informações das entrevistas.

De acordo com Muylaert et al. (2014, p. 194):

> As entrevistas narrativas se caracterizam como ferramentas não estruturadas, visando a profundidade de aspectos específicos, a partir das quais emergem histórias de vida, tanto do entrevistado como das entrecruzadas no contexto situacional. Esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado (informante) a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social. Tendo como base a ideia de reconstruir acontecimentos sociais a partir do ponto de vista dos informantes, a influência do entrevistador nas narrativas deve ser mínima. Nesse caso, emprega-se a comunicação cotidiana de contar e escutar histórias. [...] a importância de o entrevistador utilizar apenas a linguagem que o informante emprega sem impor qualquer outra forma, já que o método pressupõe que a perspectiva do informante se revela melhor ao usar sua linguagem espontânea. Essas asserções se assentam na compreensão de que a linguagem empregada constitui uma cosmovisão particular e, portanto, é reveladora do que se quer investigar: o “aqui” e o “agora” da situação em curso.

O método qualitativo de pesquisa caracteriza-se pela abordagem das particularidades narradas pelos entrevistados. Por meio da narrativa, compreende-se os conflitos e dramas da sociedade, que normalmente emergem nas falas, nos fatos e nas experiências vividas. Essas narrativas vão além do repasse de informações, pois revelam os fenômenos, a partir da compreensão tanto das informações obtidas do sujeito entrevistado individualmente como do contexto em que está inserido (Moraes, 2003).

A Análise Textual é um ciclo que envolve unitarização, categorização e produção de metatextos a serem comunicados. Para isso, quatro passos devem ser seguidos: a desmontagem do texto, a decupagem, o

estabelecimento de relações entre as unidades de base das fontes, a análise do todo e, por último, um processo auto-organizado que faça uma descrição e interpretação dos resultados.

Na desmontagem, é preciso fazer leituras que sejam sobre os referenciais teóricos da fonte em questão para atribuir sentidos e significados às análises. Em seguida, fazer uma análise do corpus documental, ou os dados obtidos na pesquisa (fotografias, recortes de jornal e, no caso da presente tese, principalmente, as entrevistas). Posteriormente, foram divididos em unidades de análise, com códigos (CTBA, NCBA, CTDR, NCDR, CTPR, NCPR, CTVA, NCVA, sendo CT para Comunidades da Terra e NC para Novas Comunidades).

Após a decupagem e a codificação em siglas, foram selecionadas duas entrevistas por comunidade (uma para a Nova Comunidade e outra para a da Terra); em seguida, foram colocados os fenômenos situados, as categorias de análise (se é crise, rearranjo etc.), os discursos predominantes, as palavras-chave e as unidades de significado.

Elaborar essas análises dos discursos das entrevistas selecionadas é escrever com uma certa insegurança (Moraes, 2003); é preciso “deixar que os fenômenos se manifestem a partir das múltiplas vozes dos textos que se analisam [o pesquisador]. Esse é um processo que exige conviver com a insegurança de um caminho a ser construído” (Moraes, 2003 apud Galiazzi; Sousa, 2021, p. 80). O processo de escrita dos metatextos foi, portanto, permeado de insegurança.

No processo de categorização, são estabelecidas as relações em um segundo momento da análise, mostrando os discursos presentes nas entrevistas, as unidades de significados e os discursos articulados para, por fim, se fazer uma articulação entre todos os metatextos, no chamado texto integralizador, encerrando dessa forma a tese. Aqui são feitas análies dos elementos semelhantes às fontes que aparecem nos quadros anexados no apêndice[43].

Os metatextos seguem a seguinte ordem, de acordo também com as próprias definições de Turner: crise, ampliação da crise, regeneração e, por

[43] Todos os quadros com as respectivas unidades de significado estão no apêndice para leitura.

fim, por uma escolha metodológica, optei por separar em rearranjo e cisão os dois últimos metatextos. O primeiro, rearranjo, refere-se a um término bem-sucedido de organização das comunidades; já o segundo, cisão, refere-se a uma separação de fato, um fim malsucedido para os conflitos[44].

Maria Laura Cavalcanti (2013) explica as categorias de Turner como um processo hermenêutico que se inicia com a crise, que irrompe no cotidiano, aumentando as tensões que já existem nas relações ou interações sociais. Ela se amplia gradualmente, envolvendo cada vez mais pessoas; chega à regeneração, na qual os sujeitos procuram soluções e conciliação; e, por fim, há o rearranjo ou cisão. Todo esse processo perpassa o *Drama Social*, "as tensões entre princípios contraditórios da vida social" (Borges, 2019, p. 2).

Nos estudos de Turner,

> [...] se bem-sucedidos, os esforços da fase anterior [regeneração] implicam um rearranjo e redefinições de posições e relações e, se malsucedidos, configuram um rompimento do grupo aldeão, traduzido na sua cisão que segue as clivagens de parentesco e na criação de uma nova aldeia organizada, contudo, segundo os mesmos princípios estruturais (Cavalcanti, 2013, p. 416).

A partir das categorias de Turner, apresento nesta seção cinco metatextos temáticos e um metatexto integrativo, estabelecendo pontes entre os discursos dos entrevistados e a teoria. Para fins de organização, apresento o Quadro 1 com os nomes fictícios e as comunidades correspondentes:

Quadro 1 – Nomes fictícios

Enrica	Comunidade da Terra	Bananal
Robson	Nova Comunidade	Bananal
Helena	Comunidade da Terra	Dois Rios
Paulo	Nova Comunidade	Dois Rios
Mário	Comunidade da Terra	Provetá
Simone	Nova Comunidade	Provetá
Jonas	Comunidade da Terra	Vila do Abraão
Ramos	Nova Comunidade	Vila do Abraão

Fonte: Elaborado pela autora.

[44] É importante explicitar que Turner não separa rearranjo de cisão, esta foi uma escolha minha por entender que, em alguns momentos, as comunidades conseguem se reorganizar e conviver, porém em outros não, gerando uma cisão de fato.

4.1 METATEXTO 1 – CRISE

A partir do Quadro I (Apêndice), que representa a categoria de análise “crise”, foi possível perceber fundamentos, concepções e conceitos que se mostram nos textos fragmentados das entrevistas, considerando os discursos da Comunidade da Terra (CT) e Nova Comunidade (NC): Bananal (CTBA e NCBA), Dois Rios (CTDR e NCDR), Provetá (CTPR e NCPR) e Abraão (CTVA e NCVA). Na introdução desta tese, adotei os termos Comunidade da Terra para os sujeitos caiçaras ou descendentes e Nova Comunidade para as pessoas que vieram de fora para morar na Ilha Grande e estabeleceram-se ali por algum motivo.

De acordo com Santos (2012), o desenvolvimento da humanidade está marcado por relações de conflitos entre modos diferentes de organizar a vida social, de se apropriar de recursos naturais e transformá-los e de conceber a realidade e expressá-la. Já Geertz (1978) elucida o conceito de cultura como a relação de reconhecimento, teia esta que amplia horizontes, une a comunidade, símbolo de acordo com o olhar de cada *performer*, e promove interação, reciprocidade e interpretação de significados, permeadas por relações de poder. Para Santos (2012, p. 80):

> Podemos entender cultura como uma dimensão do processo social e utilizá-la como um instrumento para compreender as sociedades contemporâneas. O que não podemos fazer é discutir sobre cultura ignorando sobre as relações de poder dentro de uma sociedade ou entre sociedade. Notem bem: o estudo da cultura não se reduz a isso, mas é uma realidade que sempre se impõe. Assim é porque as próprias preocupações com cultura nasceram associadas às relações de poder.

Desse modo, torna-se fundamental trazer a definição de cultura a partir do conceito defendido por Clifford Geertz (1989), o de que o ser humano está amarrado à teia de significados feita por ele mesmo.

Também destaco para a análise da categoria “crise” (Turner, 1996) autores como Gastal e Moesch (2007) e Coriolano (2006), para pensar o turismo, o desenvolvimento de base local, as políticas governamentais, o meio ambiente e as realidades, com seus conflitos e resistências. Para Gastal e Moesch (2007, p. 47-48):

> A concepção sistêmica do turismo é o desenvolvimento de base local com ênfase na cidadania e deve vir acompanhado de um planejamento turístico que assegure o bem viver, ao qual a própria comunidade definirá os limites espaciais de interação do visitante, garantindo trocas simbólicas. Porque o turismo é um conjunto de partes que produz qualidade e propriedades como destino turístico (lugar, mais serviços, cultura) é a vivência humana, a hospitalidade, o encontro entre os trabalhadores e empreendedores do turismo, e os turistas. O desenvolvimento de base local, por sua vez, pressupõe a participação engajada e efetiva da comunidade residente nas iniciativas de planejamento, no processo de produção de bens e serviços e na gestão de um complexo político empresarial.

Ainda se tratando da relevância de uma política pública de turismo bem elaborada e que salvaguarde o território da comunidade, as autoras argumentam que:

> Uma política pública de turismo será eficiente e democratizante se for implantada por uma estrutura administrativamente leve e economicamente ágil. Mais capacitada portanto para ouvir e incorporar a participação do trade turístico da comunidade local. Para maior eficiência, na busca de uma gestão compartilhada, é indicado organizar e implantar um sistema público de Turismo, cuja composição ideal seria formada por um conselho de Turismo, por fundos de financiamento e por agências de desenvolvimento. Esse sistema teria como função consolidar a imagem da cidade/localidade como um destino turístico qualificado; desencadear um processo de sensibilização da comunidade para o turismo enquanto fenômeno humano e econômico, e das potencialidades da cidade/localidade para atender a essas demandas. Outro objetivo seria o de ampliar e aprofundar as parcerias sobre o setor público, o privado e a sociedade civil e o cidadão, buscando desenvolver produtos e serviços a partir de uma concepção global dos interesses da cidade por meio do aporte do conhecimento e tecnologia existentes no mercado, mas sua maior rentabilidade. Também é importante buscar, no horizonte de ações, o atendimento aos cidadãos de todas as classes sociais e raízes culturais em suas vivências de lazer (Gastal; Moesch, 2007, p. 50).

Para Coriolano (2006), o turismo é um processo de acumulação, que vem produzindo novas configurações geográficas e materializando os territórios a partir de ações do Estado, das empresas, comunidades residentes (sejam elas da Terra ou Nova Comunidade, como é o caso da IG) e dos turistas. Compreender essa dinâmica significa entender as relações produtivas do espaço e o exercício de poder do Estado, das classes empresariais e trabalhadoras que estão em movimento e em conflito. Coriolano (2006, p. 7) ainda complementa, dizendo que:

> As práticas sociais e políticas dos governos e dos grandes empresários primeiros conflitaram depois coincidiram com as das

> comunidades e dos pequenos empreendedores. Os focos de interesses específicos, a princípio divergentes –para os primeiros, o centro é a acumulação de capital e para os outros o enfoque é humanista– foram redirecionados para a solidariedade entre povos e lugares. É certo que não na maioria dos lugares e territórios, mas a minoria mostrou que é possível e viável atender a interesses múltiplos. Ideias dominantes foram divulgadas até a formação de um discurso coletivo e quase todos os lugares passaram a afirmar ser o turismo gerador de emprego e renda. Constatou-se na prática que o discurso de que todos ganham com o turismo é superficial, pois *mascara* contradições e as diversas formas de exploração do trabalho que, às vezes, acirram as contradições entre o capital e o trabalho.

Especificamente sobre a Ilha Grande, Mendonça (2010), em sua tese, retrata o contraste da beleza à luz de todos os acontecimentos que permearam sua história. A Ilha não pode nem deve ser apartada, ou melhor, isolada das ações e projetos do município de Angra dos Reis e da região do litoral sul do Estado do Rio, esteja em que campo estiver: econômico, social, cultural, político-organizacional ou tecnológico. A transformação da Ilha Grande em local turístico tem origem de olhares de fora da Ilha, de políticas estratégicas exógenas, atravessadas pela lógica da sociedade contemporânea na sua busca pelos “paraísos”, símbolos do natural e de sua singularidade.

> A paisagem da Ilha Grande – o azul do mar e o verde da mata – marcava a todos que tinham algum contato com o lugar, fossem moradores, visitantes, trabalhadores temporários ou prisioneiros, o que dava a Ilha a grande possibilidade de se tornar um destino turístico. Um sonho que passava pelos moradores, pelo poder público e até mesmo pelos prisioneiros que, diante do inferno da vida penitenciária, estavam rodeados pelo “paraíso” representado pela beleza cênica do lugar. O presídio, presente durante cerca de 100 anos no paraíso insular, marca a história e a imagem da Ilha Grande assim como influencia na trajetória do turismo. Uma fase que escondeu e amorteceu a força de seus elementos naturais como fator de divulgação de sua imagem como “Ilha paraíso-natureza” e fez aflorar a visão da “Ilha presídio-inferno” (Mendonça, 2010, p. 97).

A história da Ilha Grande se materializa por meio dos documentos e discursos daqueles que por ali passaram, e principalmente pelas memórias deixadas pelo presídio, que permaneceu em funcionamento por 100 anos. Hoje está personificado em seus museus e edificações, ou no que restou delas, e que habitam Dois Rios, sob o comando da UERJ.

> Da mesma maneira que a destruição de grandes complexos penitenciários por quilos de dinamite procura destruir os traços do passado e apontar para o futuro, uma exposição pode transformar a violência em espetáculo, e um discurso historiográfico congelar um momento do passado. Apesar desses riscos, quando uma

> história é esquecida, a reconstituição de fatos, eventos e instituições que foram deixados à margem é sempre um desafio (Santos, 2018, n/p.).

Para as performances, as obras do professor Camargo (2013a, 2013b) foram guias nas leituras dessas entrevistas, destacadas no quadro da “crise”, pois permitem pensar as comunidades, as “contaminações” entre a Nova Comunidade e a Comunidade da Terra, as contradições e, principalmente, os conflitos (pela terra, por exemplo, de interesses – econômicos, inclusive).

> Na análise da cultura e de suas manifestações em performance, como performance, pois a cultura se manifesta de outras formas, se estabelecem simetrias, assimetrias, analogias, semelhanças e dessemelhanças, estruturas e gêneses. A questão objetiva e subjetiva que se coloca, ao se procurar analisar a forma das performances culturais, é que ela surge e acontece como evento em si e como representação, como comunicação, como ato estético, ato simbólico e, principalmente, *locus* de experiência para quem o olha e para quem é olhado. O reconhecer da performance como palavra substantiva e com múltiplos significados, sem seus adjetivos, impede seu entendimento como hermenêutica da vida. A forma da performance se estabelece como ação no tempo e impregna a vida das pessoas (Camargo, 2015, n/p.).

A partir dos discursos analisados da categoria “crise”, observa-se o sentido das palavras, e como as interpretações são diferentes conforme o olhar de quem observa e de quem é observado.

Pelas siglas, é possível acompanhar os discursos dentro da crise, de Comunidade da Terra (CT) e Nova Comunidade (NC), as contraposições entre as histórias e as narrativas de vida. Os discursos da crise são marcados por conceitos, situações, categorias, como mistura de assuntos e relatos da memória local. Além disso, há um segundo ponto, que são os conflitos de interesses ou conflitos pela terra, presentes por exemplo na categorização de *“*A japonesada*”.* A própria nomenclatura explicita uma diferenciação entre nós (Comunidade da Terra) e eles (Nova Comunidade), bem como o tom pejorativo do tratamento. As lembranças são muito marcadas pela representatividade dos prédios locais, como as edificações, ou melhor, ruínas dos presídios e as fábricas de sardinha.

Na categoria de análise “crise”, tudo começa com o reconhecimento de um conflito que invade o cotidiano, tornando manifestas tensões latentes, inerentes a relações e interações sociais. A partir da compreensão da narrativa, através de um diálogo entre o pesquisador e o fenômeno que se

busca compreender, realiza-se a construção de um metatexto, que transmite a compreensão do fenômeno apresentado (Moraes; Galiazzi, 2016).

Enrica (CTBA), uma jovem caiçara, em seu discurso, inicia seus relatos e reflexões abordando os desdobramentos das fábricas de sardinha; logo depois, traz o relato da falta de luz elétrica e, na mesma fala, já emenda o assunto dos presos em Bananal e o medo que eles provocavam na comunidade a partir de suas fugas recorrentes. Há uma grande mistura de eventos e de lembranças, concluindo com uma fala catártica: “foi isso que eu sei” (CTBA/ I-1), como se tudo anteriormente tivesse sido um desabafo sobre toda a trajetória, toda a história de vida, tanto pessoal quanto da Ilha e da praia de Bananal.

Depois vêm os relatos que foram passados pelas gerações: “como minha tia me contou, meu pai me contou, assim, na época...” (CTBA/ I-2);ela relembra nomes e a tragédia da pousada Sankay, que deixou 53 mortos e um desaparecido. A partir disso, faz uma ligação com o tema seguinte. Traz os conflitos e disputas territoriais, pelo espaço, pela falta do reconhecimento dos caiçaras, pela exploração dos trabalhadores e pela hegemonia do poder econômico da “japonesada”: “a questão da terra também é um problema” (CTBA/ I-8), “eu já estou no nível que eu sei que eu sou caiçara, eu sou daqui, eu nasci aqui, eu, eu amo este lugar, antes de eu ser eu já era daqui” (CTBA/ I-8), e, por fim, ela conclui: “eu não aguento. Pronto, falei!” (CTBA/ I-8).

Robson (NCBA), japonês, empreendedor na área da hospedagem, inicia seus relatos a partir de uma recordação histórica de quando a família chegou pela primeira vez, em 1933, e comenta sobre o presídio e a importância do Tenente Loretti (Figura 21) nos tempos do presídio:

> Aquele barco, o Tenente Loretti, vinha em todas as comunidades, praia em praia, e deixava dois guardas que a gente falava volante, com um alimento e eles ficavam num rancho até o preso vir em alguma das praias e ai pegar o preso ou mesmo ele se entregar (NCBA/ II -1).

Figura 21 – Tenente Loretti

Fonte: https://www.ilhagrande.com.br/ilha-grande/historia/tenente-loretti/. Acesso em: 28 set. 2024.

Em seguida, sua própria história de vida se mistura à de Bananal, quando vai para São Paulo estudar e depois volta para trabalhar e ajudar o pai doente em sua fábrica de sardinha: “Eu vim pra cá, na fábrica, para ajudar meu pai, porque meu pai ficou doente e eu era filho único” (NCBA/ II - 5); Ele fica e forma família na Ilha. Sobre o fechamento das fábricas, por conta de uma fiscalização do governo federal e órgãos especializados mais ostensiva, e de escassez da sardinha, Robson se pronuncia: “E foi exigência aqui, exigência ali, e a sardinha mais rara ainda, então não teve jeito, a maioria fechou” (NCBA/ II - 5).

Logo, após o fechamento do presídio, começa a empreender no setor do turismo, com sua pousada, e a proporcionar empregos à comunidade de Bananal: “Aqui não tem trabalho praticamente. Se não trabalhar nas pousadas... (risos). É isso ou em Angra dos Reis, né!!” (NCBA/ II - 2). A seguir, fotografias (Figura 22) de uma das pousadas.

Figura 22 – Pousada-Hotel Angra dos Reis, Ilha Grande, no Rio de Janeiro

Fonte: https://www.pousadadopreto.com.br/?pgid=jf7hyjv3-b6b654b9-b289-4a09-8f34-84971cdf4c1d. Acesso em: 28 set. 2024[45].

Na sua visão, existe uma exploração exacerbada da Ilha, falta de zelo e muita exploração, desprezo dos políticos e inexistência de caiçaras legítimos: “O poder público aqui agora está tentando descobrir o restante das comunidades da Ilha Grande. Para eles, é só Abraão, né?” (NCBA/ II - 11), “eu acho que ninguém quer saber de preservar a Ilha Grande” (NCBA/ II - 7), “não tem mais tradição, porque agora não existe mais caiçara, né? O caiçara típico da minha infância não tem mais, não existe” (NCBA/ II - 8).

Tanto no discurso I (CTBA) quanto no discurso II (NCBA), há uma sequência linear nas lembranças: presídio, fábricas de sardinha, história de vida se misturando aos dois assuntos e conflitos. No discurso I (CTBA), o conflito explícito é a luta pela terra e pelo respeito aos caiçaras e suas tradições; no discurso II (NCBA), a imposição pelo poder econômico da

[45] Além deste site da pousada, é possível obter mais informações sobre o dono no site: https://www.pousadadopreto.com.br/historia-1. Acesso em: 14 nov. 2024.

“japonesada”, e que pessoas “de fora” não estão interessadas na preservação, mas sim em “ganhar dinheiro” na Ilha Grande e que não permanecem ali por “amor à terra”.

O discurso III é de Helena (CTDR), caiçara, comerciante, nascida e criada na Ilha Grande e residente da Vila de Dois Rios. Ela revela o conflito de um evento específico, que é o da implosão do presídio: “A gente fez de tudo para que não colocassem o prédio no chão. A gente queria o presídio, é porque é história.” (CTDR/ III - 1). Além da implosão, ela faz referência à memória do espaço e da importância que ele ocupava na vida das famílias que ali residiam, geralmente empregadas pelo próprio presídio, pelas obras realizadas pelos presos, vistas como benfeitorias: “você nem imagina no passado o quanto aqui era lindo” (CTDR/ III - 2). Outro ponto de destaque era a “rua dos bacanas”, que literalmente segregava a comunidade caiçara dos oficiais que ocupavam cargos de destaque no presídio: “ali morava quem tinha os cargos melhores no presídio, os oficiais, digamos assim” (CTDR/ III - 3).

Ainda criança, ela presenciou fatos importantes, como os conflitos entre a Falange do jacaré e a da zona norte e o surgimento da Falange Vermelha, que logo depois passou a se chamar Comando Vermelho:

> [...] eu era criança naquela fase onde a falange do jacaré e falange zona norte brigavam pelo mando do presídio. Foi aí que surgiu a falange vermelha com o grupo do fundão. Uma mistura de presos políticos e assaltantes de banco […]. Quando a gente começou a entender, já existia a nova facção, o comando vermelho (CTDR/ III - 4).

Outro ponto de conflito é a partir do momento em que a UERJ assume a responsabilidade de cuidar da Vila de Dois Rios no lugar do presídio:

> A gente não está aqui porque a UERJ quer. A gente está aqui porque já estávamos e o documento que eles assinaram para assumir esse espaço, para eles fazer os estudos, as pesquisas deles, tinham que concordar com essas famílias, que existiam na época do presídio (CTDR/ III - 5).

Embora ela afirme, em seus relatos, viver em harmonia com a UERJ, percebe-se um certo saudosismo e uma revolta. Argumenta que, no tempo em que o presídio tinha o comando, ele fazia tudo pela comunidade, tudo funcionava muito bem. Ela exalta também sua indignação, porque a UERJ não dá conta das responsabilidades assumidas e, portanto, atropela os

direitos da comunidade que permanece no território. Helena aponta tudo isso na entrevista, mas conclui sua fala dizendo: “mas eu não tenho problema com ninguém não” (CTDR/ III - 5).

O discurso IV de Paulo (NCDR) retrata a fala de um trabalhador ligado à UERJ, órgão que tem como premissa o desenvolvimento de ensino, pesquisa e extensão. Com o fechamento do presídio, a UERJ assumiu a gestão de Dois Rios com uma nova política de gerenciamento da vila, o que incomoda profundamente a comunidade local:

> Quando foi feita a desativação do presídio, teve algumas coisas meio conflituosas, meio nebulosas. Havia uma parte da comunidade que tinha interesse no museu. A ideia era implodir, colocar abaixo, apagar esta memória. (NCDR/ IV - 1)

Paulo afirma que os caiçaras tinham vergonha de sua origem e que eram considerados preguiçosos e que não gostam de trabalhar: “Caiçara era alguém preguiçoso que não queria trabalhar [...]. Na verdade, a maioria ainda continua não querendo” (NCDR/ IV - 4). Há uma dificuldade da universidade no gerenciamento da região, que, em outro momento, o entrevistado aponta ser uma questão não só da comunidade, mas também governamental: “Houve um momento difícil em que a UERJ não pôde ocupar e o presídio não existia mais” (NCDR/ IV - 6).

O discurso de Helena (CTDR) é o mais apaixonado, com muitos adjetivos e falas de afirmação, exaltando que a comunidade fez tudo o que estava ao seu alcance para que o presídio permanecesse. Ela traz também um certo descontentamento com a gestão da UERJ. Não deixa explícito o problema, não aprofunda, deixa indícios de que ele existe por meio de suas palavras, como “desconfiança”. É um discurso que se contrapõe ao de representantes da UERJ.

Já o discurso IV (NCDR) inicia com uma explicação como se fosse contradizer o que está no “dito popular”, fazendo uso de vários marcadores discursivos – “olha só”, “bom”, “vamos lá” – para chamar a atenção sobre a informação que está sendo veiculada; além das palavras “conflituosas”, “nebulosas”, tudo isso a respeito do museu, da instalação da UERJ na vila. Há também uma tentativa de justificar que nem tudo o que foi proposto foi realizado, devido a “momentos difíceis”. Eles não são diretos em suas falas, mas rodeiam o problema sem expor exatamente qual é o conflito entre a comunidade e a

universidade.

O discurso V de Mario (CTPR) aponta descontentamento com o fim do presídio por conta do bom relacionamento que a comunidade tinha com os presos: “a gente teve alguns prejuízos, [...] a nossa praia era a preferida deles” (CTPR/ V-1). Provetá já tinha uma comunidade eminentemente evangélica e por isso não permitia nenhum tipo de violência contra os presos. A comunidade respeitava os fujões e os tratava como cidadãos livres. A preferência dos presos se dava pelo tratamento e por conta da quantidade de barcos que ficavam na praia, o que facilitava a fuga: “Quando fugiam vinham pra cá, onde eram respeitados e tratados como cidadãos”, “encontravam facilidade para atravessar para o lado de lá” (CTPR/ V-2).

No discurso VI, de Simone (NCPR), socióloga e diretora da escola estadual, ela exalta, em sua visão, problemas da Ilha Grande e destaca inexistência de transporte público, fanatismo religioso, comunidades sem energia elétrica e a especulação imobiliária, que vem retirando o caiçara do seu território: “a questão religiosa dificulta um pouco nosso trabalho em Provetá” (CTPR/ VI-1).

Para Mário (CTPR), a desativação do presídio trouxe prejuízos a Provetá, que, por conta de sua religião, tinha bom relacionamento com os presos que por ali passavam em busca de uma embarcação para sua fuga. Já Simone apresenta os problemas de infraestrutura no território e o fanatismo religioso como foco dos conflitos. No discurso VII, de Ramos (CTVA), o caiçara fala do seu medo de as tradições e festas da Ilha acabarem e, por conta disso, foi ocupando esses espaços: “Eu gosto do forró, gosto da festa de folia de reis, [...] das celebrações de Natal, fim de ano” (CTVA/ VII - 1); “Quando eu quiser uma festa dessa não vai ter mais ninguém para fazer, porque já morreu ou se mudou [...] então acabei ocupando o lugar destas pessoas” (CTVA/ VII - 1).

Sua fala contundente, revoltada e apaixonada traz à tona conflitos relacionados à igreja de São Sebastião com a chegada de um padre novo. A queixa é que, sem conhecer a tradição e a comunidade, o padre promove mudanças radicais, como derrubada de altares e mudança na rotina do funcionamento da paróquia, entre outras ações descabidas, que afastaram a comunidade tradicional da igreja de São Sebastião, causando muita dor, tristeza e revolta aos fiéis: “Eu fazia de tudo, desde a limpeza até a restauração das

imagens” (CTVA/ VII - 2):

> Infelizmente veio pra cá um padre que não gosta nada de tradição, não gosta de nada de cultura, que não gosta de história, não conhece a história da Ilha Grande e nem do povo daqui e começou a fazer as suas mudanças (CTVA/ VII - 2).

Em outro momento, ele afirma que:

> Lá dentro não tem mais nada de original; Então ele não respeitou; Quem tomou parte para reformar aqueles altares foi o doutor Hermínio Ouropretano que era que organizava o presídio na época e aí ele separou alguns presos de boa conduta para trabalharem dentro da igreja; Então foi pessoal nosso, foi família nossa, foi sangue nosso doado para poder construir e ser destruído assim de uma hora para outra do nada; Então eu fiquei muito triste com isso [...] então é impossível eu trabalhar num ambiente desse (CTVA/ VII - 3).

Jonas (NCVA), estrangeiro e empresário no ramo de jornalismo, chegou à Ilha Grande logo após o fechamento do presídio e presenciou a revolta da comunidade local que preferia continuar trabalhando para o sistema penitenciário; afinal, quem sustentava as famílias que ali viviam era o presídio. Ao fazer suas palestras na Ilha, teve apoio do pastor da comunidade de Provetá. Assim, descobriu que a grande crise daquele território completamente dominado pela religião eram as drogas que invadiram a tradicional comunidade evangélica:

> Quando eu cheguei ainda estava o fervor do fechamento do presídio, porque a comunidade tinha uma certa razão, ela não era a favor; Porque o econômico da ilha era na verdade o presídio; Eles queriam o presídio de volta e eu não tiro a razão deles; (NCVA / VIII - 8). Conversei com ele (o pastor) e ele botou 40 pessoas na minha palestra; Então o grande problema que eles tinham naquele momento eram as drogas (NCVA / VIII - 2).

Os discursos VII e VIII ressaltam o sentimento de proteção que o presídio provocava pelo fato de serem os empregadores e prover os moradores da Ilha, independentemente da praia em que morassem. Outro ponto de destaque é a crise causada pelo novo padre e suas intervenções no cotidiano da igreja na Vila do Abraão. A consequência disso é o descontentamento da comunidade e o abandono de grande parte dos fiéis. Já em Provetá, comunidade dominada pelos evangélicos, a grande questão percebida era o avanço do uso de drogas no território.

Em cada um desses discursos, a crise se apresenta de maneiras

diferentes: o conflito entre passado e presente, como a memória do que representa[va] o presídio; o poder econômico; a gestão de Dois Rios; e a criação do museu, assumidos pela UERJ. Além disso, a crise aparece nas disputas de espaço e luta pela terra ou pelo mar, pelas construções novas de pousadas das "japonesadas" ou dos próprios turistas. Os conflitos, a partir de ações descompromissadas dos religiosos com a cultura e a memória local, também são latentes em alguns dos discursos/falas dos entrevistados. As Performances Culturais são sempre plurais e pressupõem um estudo comparativo, pois "colocam em foco determinada produção cultural humana e, comparativamente, a partir delas, em contraste, procuram entender-se com as outras culturas com a qual dialogam, afirmativamente ou negativamente" (Camargo, 2013a, p. 2). Procurei, desta forma, analisar os discursos da Comunidade da Terra em contraposição aos da Nova Comunidade, a partir do conceito de crise de Turner, explicitando quais crises são retratadas nos discursos, quais tipos de conflitos aparecem e marcam as falas, assim como as histórias dessas pessoas, seja positiva, seja negativamente.

Há conflitos/crises que perpassam toda a IG, como a demolição do presídio, que afetou a todas as comunidades e seus moradores. Para além da implosão do presídio, há conflitos econômicos, como a proibição da pesca, o início da atividade turística e, com ela, a criação de pousadas, por exemplo. A esses se juntam conflitos mais específicos (que podem ser um por comunidade ou mais de um), como em Bananal, a disputa pelo trabalho; em Provetá, a disputa velada do discurso religioso; em Dois Rios, o embate entre a comunidade e a universidade; e, em Vila do Abraão, a disputa entre caiçaras e não caiçaras.

Turner não diferencia tipos de crises, porém, ao analisar o contexto da IG, pude perceber vários fatos que levam a conflitos/crises nas comunidades. A maior delas foi a demolição do presídio, a qual desencadeou outras, tais como: o fechamento das fábricas, a falta de peixe, o que interfere na pesca, as leis ambientais que alteram o cotidiano dessas pessoas, as questões religiosas e a criação do Ecomuseu, entre outras crises, que vão se acirrando ao longo dos anos e da convivência.

4.2 METATEXTO 2 – AMPLIAÇÃO DA CRISE

Apesar de utilizar as categorias de Turner, não é objetivo desta tese reconstruir os ritos e cerimônias realizadas na Ilha Grande como o autor o fez com relação a Lunda (Silva, 2009, p. 4), mas utilizar a Análise Textual Discursiva (ATD) e as categorias do *Drama Social* para "compreender" o fenômeno a partir dos discursos elaborados por habitantes da Ilha, sejam eles pertencentes a uma Nova Comunidade ou à Comunidade da Terra. No primeiro metatexto apresentei a(s) crise(s) presentes nesses discursos. Aqui apresento a ampliação, ou aprofundamento, dessa(s) crise(s) para analisar posteriormente como se deram as reconstruções.

O maior drama observado ao longo das entrevistas é o embate entre quem é considerado da terra, os caiçaras, vistos como legítimos donos do território e de tudo que ele permite ter: emprego, mar, turismo, posse; *versus* os que vieram de fora, a Nova Comunidade. A ideia de nós (da Terra) e os outros (Nova Comunidade) gera um conflito de interesses, uma disputa pelo local, pelo comércio, pelo direito de pertencer e de propriedade. Assim como nos estudos de Turner, nos quais "cada personagem e sua personalidade influenciavam no desdobramento do drama social" (Silva, 2009, p. 7), na Ilha Grande e suas comunidades também.

A crise, e consequentemente os dramas sociais, aparecem tanto no individual quanto na comunidade como um todo, o que pude perceber no discurso comum (em falas que de certa forma se repetem), como quando fazem referência à fábrica de sardinha, ao presídio ou, ainda, sobre a proibição da pesca e o rigor das leis ambientais. Segundo Andréia Silva (2009, p. 8),

> [...] o drama [Turner] é o desenvolvimento natural de um sistema social. [...]. Será através dele que haverá o movimento dinâmico da estrutura no tempo e no espaço. Neste percurso, pode haver um realinhamento de relações nos pontos mais críticos do sistema, mas, por outro lado, pode acontecer a manipulação dos conflitos para a vantagem de interesses de alguns.

Pensando no contexto das comunidades estudadas nesta tese, o maior conflito identificado, a ruptura entre o antes e o depois, pode ser a mudança de uma estrutura que tem a presença do presídio, das fábricas de sardinha, para uma estrutura voltada para o crescimento desordenado da atividade turística, controles ambientais, religião e exploração da mão de obra caiçara.

Atualmente, o turismo é a principal atividade econômica da Ilha Grande, sendo que a maioria das outras atividades converge para o turismo – direta ou indiretamente (Araújo, 2010, p. 2).

Segundo Araújo (2010), a implosão do Instituto Penal Cândido Mendes transformou a Ilha Grande em um destino turístico de massa (Araújo, 2010, p. 5), passando a fazer parte dos roteiros de turismo nacionais e principalmente internacionais, destacando-se as praias desertas e as trilhas entre a Mata Atlântica; porém, outros autores apontam que não, que ainda é um turismo incipiente. Em entrevista realizada por Carolina de Araújo (2010), um dos moradores afirma que, no ano 2000, a previsão era receber pelo menos 80 mil pessoas, o que significaria dez vezes mais a população local; ou seja, tal mudança foi vista por moradores como a "chegada do progresso", porém, não há um registro formal, por exemplo, da quantidade de turistas que passam pela Ilha.

Em Bananal, uma das questões ponderadas pelos entrevistados para esta tese foi o fato de os caiçaras não terem voz na comunidade e, ao mesmo tempo, estarem começando a se organizar de maneira jurídica, legalizada, buscando ocupar os espaços que antes não sabiam ou não se sentiam aptos a ocupar. Conforme demonstra a fala de Enrica, empregada de uma pousada e representante da comunidade em reuniões externas:

> [...] muitos caiçaras que não se sentem aptos. Ou não se sentem capazes por serem caiçaras. Não ter tido um estudo. Igual, por exemplo, a nossa associação é composta por nós. Agora nessa chapa, de agora só vai ter mulher nessa chapa. Mas teve, por exemplo, o Ademir. Ele também é uma pessoa muito engajada na comunidade. Sempre tá aqui. É um caiçara daqui. Só que ele fala que não atua porque não tem estudo. Então, não é só ele. Eu tenho e os mais antigos também que se colocam nessa posição de não sou capaz. Eu não posso porque não tenho estudo. Não posso porque eu não sei ler (CTBA / I-2).

Outro agravamento, ou melhor, ampliação da crise colocado por Enrica diz respeito a questões ligadas ao fato de a Comunidade da Terra ter dificuldade em compreender e lutar por seus direitos como caiçara por conta do pouco estudo. Eles se sentem prejudicados por não possuirem bens materiais por conta de a Ilha, em 2019, ter se tornado Patrimônio Cultural e Mundial, mediante decisão do comitê do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas:

> Alguns moradores até se lamentam, às vezes, de não conseguir

> conquistar algumas coisas. Porque é muito difícil aqui na ilha, ainda mais agora que virou patrimônio. E a gente com tantas leis, sabe? A gente mesmo, sendo caiçara, a gente não conhece todos os nossos direitos. A gente se submete a coisas porque a gente não sabe que a gente poderia ter lutado contra isso, sabe? A gente se submete a várias situações (CTBA / I-5).

Além dessas questões, existem embates sobre a proibição da pesca para subsistência e para a criação de negócios pelos caiçaras em um "maretório" que sempre foi deles:

> Não podemos mais pescar dentro daquelas boias ali. Porque já é uma fazenda marinha. Aqui antigamente era um ponto de lula. A gente pegava muita lula aqui. Não dá para pescar mais porque tem uma piscicultura. A gente fica nessa questão. E se a gente vai tentar fazer alguma coisa. Não pode porque é prejudicado. Então a gente fica nesses impasses. E aí a gente não sabe às vezes a maneira de lutar. De pedir o nosso direito. De como cobrar. Principalmente quem tem barco de pesca. Meu pai, por exemplo, é um pescador artesanal. Quantas vezes ele não pode pescar aqui perto. Porque o barco dele não pode. Mas aí vem um barco de lá não sei aonde. Pesca bem aqui. O seu Ademir tem um arrastão de camarão. Ele às vezes tem que ir lá para não sei onde. Porque não pode pescar aqui. Então tudo tem esses contratempos e conflitos. Não só do território. Mas tem a questão do "maretório". Porque o fulano pode fazer? Mas o beltrano não pode. Tem esses conflitos (CTBA / I - 9).

Em outro momento, complementa:

> O irmão de Isabela teve problema com ele (japonês dono do Bananal pequeno). Porque ele falou que não queria nada na frente da casa dele. Que ele tem um projeto de fazer coisas para o futuro. E que ali ia dar muita lancha. Só que não era nem perto da casa dele. Só que ele falou que não. E como é uma pessoa de poder. Só que ele não é de abaixar a cabeça. Aí a mãe dele falou. Nossa, a gente do lugar. A gente que é nascido e criado aqui. A gente não consegue. E vem uma pessoa de fora. Querendo embargar uma coisa. E eles não têm nem direito sobre isso. Então foi muito conversado. Mesmo ele tendo já legalizado. Ela ficou com aquele receio. De futuramente ele fazer alguma coisa. Para prejudicar, por exemplo. Então mesmo tendo a licença. Chegou a conclusão com o sócio dele. De fazer uma troca. E negociaram. E aí eles fizeram uma troca. Ele conseguiu liberar outro espaço. Ele vai fazer nesse outro espaço. Mas é isso que é chato. Ele é de fora. Ele veio depois. Os conflitos existem (CTBA / I - 8).

Ao mesmo tempo que há esses empecilhos, parte da comunidade caiçara procura participar de todos os espaços de discussão possíveis:

> Estamos tentando participar dos espaços de decisões, das reuniões. Por exemplo, houve aqui uma reunião sobre a Parceria Público-Privada (PPP). Se não fosse os caiçaras se juntarem, participando daquele espaço, como é que seria (CTBA / I-7).

Na entrevista com Enrica, a moradora de Bananal, além do fenômeno

da disputa pelo território (ou maretório) e a questão caiçara, comentou-se sobre as dificuldades com relação ao trabalho. Segundo ela, a jornada de trabalho não é de 8 horas, mas de 12 horas:

> Muita gente não aceita a forma de trabalhar. Tem pessoas que já falam, ah, eu não preciso disso. Eu tenho o meu ganho. Igual, por exemplo, a Elizia[46] tem o ganho dela lá no spa, mas nem todo mundo tem. Meu pai, ele é gari atualmente. Minha mãe é merendeira, mas não está tendo aula[47]. Aí igual o pai dela está na peleja lá. Aí o pai dela é pedreiro, trabalha quando tem. A mãe dela não está podendo trabalhar agora. Mas nem todo mundo tem, assim, um serviço igual a minha tia Edineia. Ela é diarista e vive disso (CTBA I-14).

Na entrevista de Robson, japonês, empresário, hoteleiro, muitos problemas, que trato aqui como ampliação da crise, são apontados, como a finalização das atividades do presídio, que aparece bastante em outros discursos também, o fechamento das fábricas de sardinha, “A última fábrica foi lá no Matariz” (NCBA / II - 3), que fechou por volta de 1995 ou 1996, segundo a memória do entrevistado. Outro problema apresentado logo em seguida em nossa conversa foi o da ausência de festas, pois antes eram as folias de reis, muito comuns, mas que sumiram: “não existe mais isso aí. Acabou tudo. Acabou tudo, tudo tudo” (NCBA - II-6).

Percebo, pela unidade de discursos quanto ao antes e ao agora, que o entrevistado apresenta um certo saudosismo, marcado pela repetição das palavras “tudo” e “acabou”, referente ao antes e ao que ele representava: o presídio, as fábricas de sardinha, os caiçaras tradicionais, as festas de folia de reis, em contraposição à atualidade, que é a ausência disso tudo e a presença de pessoas de fora:

> Em Matariz, a maioria do pessoal é de fora que veio morar lá, olha o lugar perfeito pra se fazer um empreendimento, na época que estava só os caiçaras mesmo, que era a época da fábrica. Um lugar perfeito pra se fazer uma coisa bonita de turismo, bem-organizada, bonita e que ia dar emprego, renda para todos eles lá. Hoje lá “favelou” tudo. Meu deus do céu. Acabou. (NCBA II-7).

As palavras “favelou”, o vocativo “meu deus do céu” e o fim da frase com “acabou” demonstram, juntamente com o tom de voz do entrevistado,

[46] Mesmo que a entrevistada se refira a uma terceira pessoa, foi utilizado aqui nome fictício também.

[47] No momento da fala da entrevistada as aulas estavam suspensas devido à pandemia Covid-19.

tristeza em como está a Ilha Grande atualmente e como era anteriormente. Esse intervalo entre o antes e o agora é o que compreendo por ampliação da crise, analisando esses discursos à luz da teoria turniana.

Na Ilha Grande, apesar de ser um território único, cada comunidade ou praia é um universo à parte, com suas disputas, suas caracterizações, suas relações. Segundo Turner (2005 apud Cavalcanti, 2013), é no momento das relações cotidianas que se percebem os laços, ou as crises, que unem ou acirram as disputas entre as pessoas (ampliação da crise).

Em Dois Rios, o discurso da ampliação da crise se mistura à resistência quando a entrevistada Helena diz que foi a única que ficou e que era importante ficar no local para preservar a história. O maior conflito apresentado em seu discurso gira em torno da identidade do eu (caiçara, da terra, dono da terra e da história local) *versus* o outro (o "estrangeiro", UERJ):

> Hoje a situação que aconteceu com esse cara é "novo". [refere-se ao motorista do carro que faz o transporte das pessoas]. Ele chegou aqui antes de ontem. Ele não conhece nada aqui, ele ainda não está familiarizado com a gente. Ele não conhece ninguém. Ele não foi apresentado à Marilda, e eu também não conheço ele (CTDR – III - 4).

Helena, caiçara e proprietária de restaurante, traz em sua fala estranhamento e desconfiança com a presença do novo integrante da comunidade. Mediante o desconforto e a indignação da caiçara por conta de um desentendimento corriqueiro, é importante entender sobre o conceito de estranhamento:

> O estranhamento está presente no inconsciente das pessoas, em situações de vida no cotidiano e no imaginário coletivo. Esta análise envolve a questão da subjetividade de interpretação do sujeito receptor, está diretamente associado ao seu repertório de imagens e situações, e também a sua experiência de vida, pois o que é "estranho" para uma determinada pessoa pode não ser para outra, esse fator está relacionado diretamente com o "novo", pois quando algo é muito exposto, seu caráter de estranhamento é diluído se tornando muitas vezes algo banal e cotidiano para as pessoas (Nogueira, 2014, p. 1).

Esses embates ficam ainda mais acirrados quando Helena se pronuncia e não recebe resposta do forasteiro:

> Só vi ele dirigindo ontem e hoje. [...] Ele poderia ter dado a volta e me levar até lá em cima. Eu perguntei pra ele se ele poderia me levar na esquina, ele nem me respondeu. Mas são situações que a gente não precisa passar (CTDR- III-4).

O tema desse relato tive a oportunidade de presenciar, pois estava indo

no carro rumo a Dois Rios e logo depois realizei a entrevista com Helena e outros moradores e trabalhadores da UERJ. Atualmente, restam somente 120 pessoas residindo em Dois Rios, que são de alguma forma (direta ou indiretamente) trabalhadores da UERJ, herdeiros dos trabalhadores e presos do presídio (filhos de guardas, esposas de guardas, ex-guardas e esposa e filhos do último preso da Ilha Grande). É perceptível como essas pessoas se sentem muito acuadas e indignadas com o sistema, o que aparece em suas falas.

A entrevistada, apesar de perceber os conflitos, não se cala, pelo contrário: revela a disposição de reivindicar seus direitos, inclusive afirma que somente será detida se for com a força policial, no caso, polícia militar (PM). Ela sabe que, como moradora e caiçara, possui direitos, como o de ir e vir, que não estão sendo respeitados. Helena afirma que:

> [...] a UERJ tem que dar conta da manutenção da estrada, da água e da luz. Esse espaço continua sendo administrado pela faculdade, que é do estado, e o estado não tem verba. Tudo que é do estado é devagar. Eles não têm interesse. A prioridade deles é tirar os moradores, assim, na base da pressão. Isso que eles querem (CTDR - III-9).

Para a entrevistada, não só a UERJ não administra bem Dois Rios, como também quer expulsar a população local.

Já o entrevistado Paulo se contrapõe à fala dela ao dizer que a responsabilidade pela má gestão tem a ver com as pessoas locais, com trabalhadores estrangeiros (argentinos e baianos) e com a prefeitura de Angra. Porém, para justificar as falhas da gestão, ele verbaliza como se as questões de Abraão fossem as mesmas de Dois Rios:

> A minha crítica tem a ver com a própria visão oficial de turismo da Prefeitura de Angra dos Reis, que muitas vezes quer explorar apenas o turismo náutico, com os passeios, sem considerar que tem todo um elemento cultural envolvendo as comunidades caiçaras (NCDR - IV-2).

Afirma que outras pessoas não se identificam com o local: “desde baianos a argentinos que vêm para trabalhar nas pousadas e passam a se identificar com essa forma de vida” (NCDR - IV-3). Critica a falta de empenho da prefeitura de Angra que, a seu ver, só valoriza o turismo náutico (praticado em demasia em Abraão) e não o turismo cultural desenvolvido pelo Ecomuseu de Dois Rios. Além disso, aponta que o responsável pelo conflito entre a

comunidade e a UERJ está no desinteresse da própria comunidade: “Aqui em Dois Rios até participam, mas a gente percebe que falta o básico, que é o interesse, aqui é um pouco mais frio” (NCDR - IV-9).

A escolha pela fala desses dois entrevistados foi justamente para mostrar o contraponto entre as comunidades que convivem em Dois Rios, a visão de quem é Comunidade da Terra, representada pela caiçara, dona do restaurante, e a Nova Comunidade. Na fala deles, há uma cobrança por parte da comunidade de que a UERJ, vista como representante do governo, providencie manutenção, estradas e água; por outro lado, a fala do entrevistado (Nova Comunidade) revela que não é simplesmente a UERJ, mas há vários outros atores envolvidos, por exemplo, a prefeitura de Angra.

O critério para seleção desses dois discursos no rol das entrevistas deu-se com base justamente nessa contraposição das falas, na revelação do conflito entre a comunidade que não quer a UERJ presente ali; ou ainda na UERJ, que também percebe a frieza da comunidade e tenta expulsar a Comunidade da Terra do local, como apontado pelos entrevistados. Essa disputa acirra ainda mais a crise.

Em Provetá, a ampliação da crise se apresenta de uma maneira diferente. Tudo nas entrevistas sempre gira em torno da religião e da forte presença e mando da igreja Assembleia de Deus na comunidade. Outro conflito gritante é sobre o uso do mar para sobrevivência (pesca), como denunciado pela entrevista com Mário (ex-pescador e atual pastor).

A crise colocada pelo fechamento seguido da implosão do presídio não está revelada somente nas falas dos entrevistados selecionados para esta pesquisa. Em artigo publicado no *Caderno Virtual de Turismo* (2010), Carolina de Araújo diz que “a dicotomia entre a lógica do trabalho existente à época do funcionamento do Instituto Penal Cândido Mendes contrapõe-se à nova ordem do ócio, do lazer, para os ex-funcionários residentes na Vila de Dois Rios (VDR)” (Araújo, 2010, p. 7).

O fim do presídio não somente alterou o cotidiano da comunidade, como também gerou uma “perda da identidade cultural do lugar” (Araújo, 2010, p. 8). É o que se apresenta na fala do entrevistado Mário, ex-pescador, caiçara e pastor da igreja evangélica Assembleia de Deus Ministério de Provetá: “particularmente, eu percebo que com o presídio era bem melhor” (CTPR - V-

1).

A vida das pessoas de Provetá gira em torno de pesca, roça e atividades propostas pela Assembleia de Deus. A questão da pesca *versus* a sua proibição também aparece na fala dele, porém, de maneira bem mais "escancarada", ao afirmar que "os pescadores são perseguidos pelo meio ambiente, pelo Ibama e pelo Inea. Somos perseguidos; não somos um povo destruidor, nós somos um povo conservador" (CTPR - V-2).

O entrevistado Jonas, empresário, representante da Nova Comunidade de Abraão, também revela essas questões ambientais ao dizer que a "APA é um mal necessário" (NCVA-VIII-15) e que teve vários enfrentamentos. Para ele,

> [...] a lei ambiental é até boa. O problema são as pessoas que trabalham com a lei ambiental. Por exemplo, nós, pra derrubar aqui 19 resorts, nós tivemos que derrubar o secretário de Estado, que foi o Correia, que tá preso até hoje. E ele com os auspícios do Garotinho, que é o governo do Estado, e a mulher do Garotinho, que é a superior advogada, era advogada do assunto. Olha a briga que a gente teve (NCVA - VIII-17).

Sua fala mostra a macropolítica do Rio de Janeiro, e como isso estava interferindo nos pormenores na Ilha Grande no que diz respeito às leis de proteção ambiental.

Em outro momento, Mário coloca:

> [...] o pessoal do meio ambiente [órgãos fiscalizadores] acha que nós estamos degradando. Nós não estamos fazendo isso, estamos trabalhando, só que nós precisamos de orientação. Eles não têm esse tipo de conversa com a gente. Já chegam de arma em punho, com brutalidade (CTPR-V-4).

Mário se mostra preocupado e indignado com os barcos de outros estados que vêm pescar no "maretório" da Ilha Grande:

> Eles têm capacidade para vir extrair os peixes aqui. Então, de certo modo, eles não estão proibidos pelo Ibama, nem pelos órgãos federais. Nós pensamos que deveria ser cada um no seu estado. Eu me sinto acuado quando vejo um barco com capacidade para 200 toneladas de peixes, enquanto o meu pega só 20 toneladas. Então, dentro desse conceito, a gente acha que eles não deveriam trabalhar aqui (CTPR - V-7).

Ocorre uma ampliação da crise gerada por meio da concorrência desleal na pesca e por uma legislação que privilegia os de fora em detrimento dos de dentro, que precisam sustentar suas famílias. Para o entrevistado, são seis meses parados, sem receber, e sem auxílio do governo:

> Temos a concorrência de empresas de pesca de sardinha, vindas do

> Vale do Itajaí, em Santa Catarina, com grandes barcos e equipamentos modernos. Eu fico entre a cruz e a espada nesse assunto. A Licença do Ibama permite trabalhar em Vitória, no Espírito Santo e também no Rio Grande do Sul. Tanto eles podem trabalhar aqui, como eu posso trabalhar lá também (CTPR / V-5). [...] Então, são seis meses sem ganhar um centavo, porque o pessoal tá parado e não recebe nada. Não recebe do governo. O seguro da pesca que a televisão fala é para o pescador artesanal. Quem é o pescador artesanal? São os pescadores que ficam em terra de canoa. Pescador de sardinha nenhum recebe o fundo do governo, porque não é artesanal, nós somos da pesca industrial (CTPR / V-8).

Além disso, as fábricas de sardinha fecharam devido às mudanças na legislação e à falta de incentivo, o que diminuiu os empregos: “As fábricas de sardinha também foram embora por falta de incentivo, de impostos e de mudanças na legislação ambiental. Elas davam um suporte muito grande, geraram empregos” (CTPR / (V-10).

Já a entrevistada Simone, de Provetá, escolhida para representar nesta análise a Nova Comunidade, não é evangélica e, portanto, fica claro em suas falas o distanciamento entre “eles” (“assembleianos”) e “ela”. A problemática acontece quando, por não comungar dos valores da igreja evangélica Assembleia de Deus Ministério de Provetá, encontra dificuldade aos olhos das pessoas que a veem como “independente e atrevida” (NVPR VI-1).

Ela revela que alguns assuntos são difíceis de serem abordados em sala de aula, pois há uma interferência da igreja e do discurso religioso no seu trabalho pedagógico:

> Um antigo pastor chegou a proibir a frequência dos alunos na escola durante uma campanha de conscientização. Também há dificuldade em abordar questões referentes a religiões de matrizes africanas, evolucionismo e costumes e mitos da Grécia Antiga. Sempre tem confusão e levam tudo para o aspecto religioso, e a doutrina, na Igreja, é muito forte (NVPR - VI-2).

A entrevistada mostra outro aspecto da vida em Provetá no que se refere, por exemplo, ao uso da praia e às atividades vinculadas à prática do turismo. A praia não é isolada, porém, não é permitido banho de biquíni pelo pastor: “A igreja ainda tem forte poder sobre a mentalidade das pessoas aqui” (NVPR - VI-3), “o machismo é declarado” (NVPR - VI-5), bem como o “racismo” (NVPR - VI-8) e a “homofobia” (NVPR - VI-9).

A comunidade é tão fechada e controlada no cotidiano pelo discurso religioso que Simone não encontra brechas para estreitar essa relação. “Você

nunca é convidada para os eventos sociais da comunidade, dizem que você não é nativa. Todos participam das festas. E você nunca está lá" (NCPR / VI-15). Muitas pessoas da Comunidade da Terra nem sequer conhecem outras comunidades (praias/bairros) dentro da própria Ilha Grande: "O único lazer aqui é a igreja e os moradores não conhecem as outras comunidades da Ilha Grande. Muitos nunca foram a Abraão" (NCPR/ VI -12). Fica claro em seu discurso que aqueles que discordam da doutrina da igreja em Provetá não são bem-vindos. Simone afirma que "Morar aqui é difícil, mais que [em] outras praias da Ilha" (NVPR/ VI-15).

Os entraves impostos pela igreja aparecem e são sentidos pela professora. Não há convite para festas, não podem participar de cursos de marinheira, por exemplo:

> Todos falam que a igreja é tranquila, que não obriga a nada, mas mesmo que não dê uma ordem clara exigindo algum comportamento, ela gera uma pressão social, tem um poder ideológico fortíssimo sobre a mentalidade dos moradores (NCPR / VI-10).

Em Provetá foi onde encontrei mais barreiras para realizar as entrevistas. Foi necessário repensar meu modo de vestir, pedir "permissão" ao pastor para conseguir realizar o trabalho. Ele precisou ser um dos primeiros a dar entrevista para que outras pessoas aceitassem participar da pesquisa. Somente após sua entrevista, com a explicação da pesquisa e do meu trabalho, é que foi possível acessar outros sujeitos da comunidade.

Em Abraão, a última comunidade, também se revela a presença da igreja, tanto evangélica como católica; porém, desta vez, a igreja católica se torna protagonista, e a presença dos novos padres se torna ponto de debate e indignação. O primeiro entrevistado, Ramos, caiçara, sanfoneiro, não é padre, porém, trabalhou mais de 15 anos na igreja de São Sebastião. Sua influência na comunidade é forte, e o que ele representa também. Assume responsabilidades de eventos e tudo aquilo que a igreja propõe, participa de um trio de músicos (trio caxadaço), é sanfoneiro e ainda se mantém muito religioso.

Ele relata que houve problemas na igreja; a comunidade não se sentiu à vontade com a forma como o novo padre se dirigiu a eles e pararam de frequentá-la. Para que os moradores não deixassem a fé de lado, ele

disponibilizou a própria casa e seu altar particular devotado a São Jorge para as novenas e círculos bíblicos. Para alguns, ele estava “inventando um padroeiro” (CTVA / VII-8), mas ele se defende: “não estou inventando, eu tenho devoção a São Jorge, mas eu tenho por causa dos oficiais e tenho em particular, e mantenho essa tradição” (CTVA / VII-8):

> O padre jogou as memórias da igreja no lixo e eu peguei, porque se fosse por ele, se eu não tivesse juntado as coisas metade da história da igreja tinha se perdido. Não só eu não, a minha amiga dona Sílvia também, que era uma das que trabalhava muito, se empenhou pela aquela igreja junto com o seu marido Constantino (sanfoneiro falecido), que era o nosso sanfoneiro, também fez a mesma coisa de recolher (CTVA / VII-8).

A entrevista com Ramos foi realizada no interior da casa de Ziraldo (o cartunista). Ele se emocionou muito ao entrar no recinto e deparar-se com quadros que retratam a Vila do Abraão desde a construção da igreja (Figura 23); lembrou, inclusive, das cores com que eram pintadas as igrejinhas da Ilha Grande e falou sobre essas mudanças: “Então a primeira coisa que se mudou ali na igreja foi a cor, a cor original da igreja sempre foi branca. Todas as igrejas da Ilha Grande, todas são brancas” (CTVA / VII - 4).

Ramos traz em suas falas contundentes, eloquentes, apaixonadas, imbuídas de sentimentos de devoção, amor e ódio em sua relação com a igreja, párocos e comunidade: “Quero fazer o bem, trabalhar com amor, e os outros querendo trabalhar só pensando no próprio umbigo” (CTVA-VII - 3):

> Os padres modernos não querem ter trabalho. Isso é uma verdade. Eu não sou padre, mas trabalhei ali mais de 15 anos e eu sei que cansa, é muito cansativo você cuidar de uma igreja. Você tem que estar ali, você tem que dar atenção pro povo, você tem que cuidar da arquitetura, da limpeza, manutenção e muitas outras coisas. Então quanto menos coisas tiver para se fazer melhor. É muito mais fácil você morar ali e ir lá só no domingo celebrar a missa. Uma missazinha e 1 hora, 1 hora e meia está muito bom. Muito fácil isso! Agora, você manter, você trabalhar o ano inteiro fazendo uma festa, você trabalhar meses e meses para arrecadar fundos e juntar o povo para poder movimentar a igreja, isso ninguém quer (CTVA / VII - 3).

Figura 23 – Pintura da Guest House Nossa Casa, propriedade do cartunista Ziraldo

Fonte: Fotografia tirada pela autora. Legenda: a casa de Ziraldo se localiza na Vila do Abraão.

O fato é que, na compreensão de Ramos, o novo padre foi abusado e desdenhou da importância e representatividade da memória de todos os fatos vivenciados pela comunidade na igreja de São Sebastião. Isso acarretou uma ampliação de crise sem precedentes para os ilhéus, que já vinham de uma crise com o fechamento das fábricas de sardinha e do presídio:

> O padre jogou as memórias da igreja no lixo e eu peguei, porque se fosse por ele, se eu não tivesse juntado as coisas, metade da história da igreja tinha se perdido. Não só eu não, a minha amiga dona Sílvia também, que era uma das que trabalhava muito, se empenhou pela aquela igreja junto com o seu marido Constantino[48], que era o nosso sanfoneiro também fez a mesma coisa de recolher. O padre jogou o presépio da igreja fora, no lixo, como se fosse papel. Se ainda fosse alguma imagem que estivesse corroída, destruída até tudo bem! você vai lá e descarta. Mas também o certo nem é fazer isso! Tem uma coisa própria que se faz, você enterra ou termina de quebrar a imagem, faz ela em pó e depois joga fora, não se descarta assim como qualquer coisa. Então eu tenho coisa guardada, tenho livro guardado que foi de catequista da Praia de Lopes Mendes, do tempo que Lopes Mendes tinha Vila e a igreja de lá funcionava bem. Na época quem trabalhava aqui na Ilha Grande era o frei Ângelo, tem a assinatura dele no livro né (CTVA / VII - 10).

Em um discurso acalorado, ele aponta que se distanciou das missas.

[48] Recentemente Constantino foi homenageado e deu o nome à Casa de Cultura Constantino Cokotós, na Vila do Abraão, que teve a última etapa da revitalização concluída e foi aberta para a população com a exposição “No ritmo do mar — Constantino Cokotós, entre o leme e a sanfona”, em memória do marinheiro e sanfoneiro.

Relembra com certa tristeza que as coisas não foram preservadas, nem mesmo as músicas, por exemplo:

> Não frequento nenhuma missa mais. Eu só vou assim, se eu for convidado para algum batizado, algum casamento, aí eu vou lá. agora ir lá… (CTVA - VII -5). Não preservaram nem os cantos! Nem a oração do padroeiro eles preservaram mais. até o padroeiro eles arrancaram o de cima do trono dele e colocaram lá na fachada da igreja. uma imagem de 100 anos está lá pegando chuva, pegando sol. Estão destruindo a imagem do Santo. Uma imagem centenária. Então é muita destruição (CTVA / VII-6). Na época aconteceu uma reunião, foi no dia 13 de maio e essas pessoas todas estavam reunidas junto com o padre da época para resolver todas essas questões que não tava tendo mais isso, mais aquilo que o povo queria era a igreja de volta. Só que ele foi muito mal educado, muito!! Falou muita coisa que o povo não gostou, tipo falta de educação mesmo e a partir de então o povo decidiu não ir mais à igreja. Então nós não vamos mais se é para acontecer isso (CTVA / VII-7).

A seguir (Figuras 24 e 25), as fotografias das igrejas católicas da IG, que foram muito comentadas na fala de Ramos. Sua fala está atrelada ao discurso VII apontado no metatexto 1 – crise (CTVA).

Figura 24 – Compilado das Igrejas de IG

Fontes: arquivo pessoal da autora.

Figura 25 – Igreja São Sebastião, Vila do Abraão

Fonte: Reprodução da internet.

A fala de Jonas, da Nova Comunidade, foi uma das entrevistas mais intensas, porque, a partir de seu olhar, trouxe detalhes da construção do turismo, da escola, dos eventos de dança ou de Natal, da identidade caiçara e do presídio.

Segundo ele, muito se perdeu na Ilha Grande devido à globalização e às informações rápidas de hoje: “Às vezes parece que eles [caiçaras] têm estímulo até demais, quando se interessam” (NCVA -/ VIII-8); “Eu atribuo muito mais à globalização e à informação muito rápida hoje” (NCVA / IX-9).

Para Jonas, a comunidade caiçara não se importa com a cultura; ele e outro grupo de pessoas de fora é que batalham pela preservação dos espaços, ou melhor, a valorização cultural da Ilha Grande:

> Não sei se é vergonha de ser caiçara. Fora disso, não dão nenhum valor para a cultura, porque nós trabalhamos seis anos para a cultura caiçara, eu e um grupo de pessoas aqui interessadíssimas nisso. E envolvíamos muito pouca gente nisso. E por aí vai. Tudo se começa aqui e, quando separa, não dá continuidade. (NCVA -/ VIII-8)

Sobre o turismo, ele é a única pessoa entrevistada que traz pontos negativos. Fala do turismo promíscuo de pessoas que frequentam e hospedam-se em casas de família da Ilha Grande em busca de algum relacionamento com gente da comunidade local:

> E junto com esse turismo de casa para alugar e suíte é um outro problema sério. Porque turismo promíscuo. O cara vem na casa do sujeito, se hospeda ali. O cara é elegante. Acaba namorando a filha do dono da casa. Ou ensina a usar droga. O turismo se deu de forma

> muito irregular e eu tenho até uma palestra sobre. Eram casas pousadas transformadas em pousadas, falta de conhecimento do turismo. Ele começou precariamente, entendeu? E depois ele foi evoluindo. Hoje já é bastante mais selecionado. Agora, pelo bom que deveria ser a Ilha Grande, pela qualidade da Ilha Grande, até que deu para segurar. Nós brigamos muito para segurar isso também. Nós derrubamos a construção do resort, tomamos a Praia de Lopes Mendes e veio ser parque. Então, lutamos muito para que a Ilha Grande se conservasse (NCVA / VIII- 10).

A fala dele ganha força quando flano pelas ruas da comunidade e observo as placas divulgando aluguel por temporada (Figura 26), algo que para mim poderia passar despercebido em outros momentos, mas que, após a entrevista, compreendi melhor a dimensão do problema.

Figura 26 – Placas divulgando aluguel por temporada

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Segundo a professora Nádia Santos (2013), é através da *flânerie* pelas ruas locais que as paisagens se descortinam e permitem redescobrir uma cidade e sua identidade: “O flaneur é o errante, o vadio, o caminhante ou o observador. Flânerie é o ato de passear.” (Santos, 2013, p. 20). A possibilidade de caminhar pelas ruas das comunidades da Ilha Grande em diversas ocasiões trouxe inúmeras contribuições para o desenvolvimento desta tese. Em momentos como turismóloga, o meu olhar era um, mas, como pesquisadora das performances, os olhares são outros (Figura 27).

Figura 27 – Observando a IG e flanando pelas ruas, 2024

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Cada entrevistado/a revela problemas nas comunidades a partir de suas realidades: seja na pesca, na responsabilidade da terra ou do maretório, no uso dele(a), no antes (das fábricas de sardinha e do presídio) e no depois, nos constantes conflitos com a UERJ, padre, pastor, órgãos reguladores do meio ambiente, educadores, japonesada, Comunidade da Terra/caiçaras, Nova Comunidade/forasteiros ou do próprio crescimento desordenado do turismo.

Os conflitos se revelam na ampliação da crise entre o “eu” e o “outro”, quando há um discurso compartilhado na Nova Comunidade sobre a falta da identidade caiçara (em todas as comunidades escolhidas), ou o discurso comum (tanto na Nova Comunidade como na Comunidade da Terra) sobre a importância do presídio e o saudosismo dessa época, mesmo para quem não vivenciou isso (por ser Nova Comunidade, por exemplo). Há também uma barreira sobre o turismo e o que significa a criação de *resorts*, apontado veementemente na fala de Jonas: “nós brigamos muito para segurar isso também. Nós derrubamos a construção do resort, tomamos a praia de Lopes Mendes, que veio ser Parque. Então, lutamos muito para que a Ilha Grande se conservasse” (NCVA /1-VIII).

> Então, é uma situação muito crítica. Então, tivemos essas brigas todas. Nós fizemos um jornal com 72 páginas, onde incluímos todos, matéria de jornal, meu editorial, coisas de outras pessoas, todo mundo escreveu, tinha muita gente, sabe, escrevendo, mapa que os caras fizeram, que mostraram na reunião, eu copiei. Depois

> o cara disse, mas você não podia publicar. Cara, você apresentou na reunião, eu copiei. Público, entendeu? Público. E não conseguiu. Aí, queriam saber quem financiou o jornal, porque já foram 10 mil exemplares, um jornal dessa loucura. Aí, ninguém ficou sabendo quem financiou. Ninguém. Quem financiou, vamos lá juntar um grupinho aqui e pagamos o jornal. Entendeu? Aquele jornal é um fato histórico muito sério. E, a partir dali, foi patinando. Os resorts não saíram e estão brigando até hoje (NCVA - / 18-VIII).

Como afirma Turner (2005c, p. 177): “todos os atos humanos estão impregnados de significado, e significado é difícil de ser mensurado, embora possa ser compreendido, mesmo que apenas de modo fugaz e ambíguo”, e a vida cotidiana acontece em meio ao senso comum e à racionalidade (Turner, 2005c). Essas entrevistas revelam o cotidiano e as disputas que acontecem no dia a dia de cada comunidade, disputas que se ampliam com o passar do tempo.

Dois conflitos grandes foram acirrados na IG, a demolição do presídio e a proibição da pesca, o que levou também ao fechamento das fábricas de sardinha. Mas outras questões ampliam a crise nas comunidades; o próprio dia a dia, a convivência, fez com que disputas se acirrassem. Desses conflitos, é preciso regenerar, reconstruir, reformular a vivência com duas saídas possíveis: ou o rearranjo, a possibilidade da convivência; ou a cisão, o rompimento final.

4.3 METATEXTO 3 – REGENERAÇÃO

Após analisar algumas das crises presentes nas comunidades estudadas nesta tese, com seu aprofundamento e ampliação, apresento as entrevistas sob a ótica da regeneração (Turner, 1996); em seguida, abordarei rearranjo e cisão.

Para o professor Robson Camargo (2015), tecendo uma interpretação de Turner, a performance é uma expressão que completa a experiência. Nas comunidades estudadas, as experiências giram em torno do presídio, que podemos interpretar a partir de três fases (na primeira fase [Figura 28], é visto como mantenedor da comunidade; na segunda, seu funcionamento; por último, demolição), da preservação da memória local (o presídio e o ecomuseu), da manutenção da cultura caiçara (conflitos entre a Comunidade da Terra e Nova Comunidade e a identidade caiçara), da pesca (proibição,

regras e sua concorrência), do meio ambiente e preservação da Mata Atlântica (preservação, controle e regras), da Comunidade da Terra *versus* a Nova Comunidade, ou seja, perpassam vários conflitos de interesses e caminham para a regeneração.

Figura 28 – Vista do presídio

Fonte: Arquivo Nacional, disponível em: https://www.belacasailhagrande.com/lazareto. Acesso em: 27 jan. 2025.

A regeneração é um recomeço, não é só uma ressignificação dos conflitos. Atualmente, as teorias do turismo também fazem referência ao conceito de turismo regenerativo, que

> [...] incide naquilo que é mais importante, procurando beneficiar o todo sem prejuízo das partes. As abordagens de turismo regenerativo fomentam opções mais conscientes, com claros benefícios para a comunidade. Neste sentido, também se aplicam os princípios de um turismo sustentável e responsável, com especial atenção para a gestão cuidada e os impactos locais (Duxbury et al., 2020, p. 110).

Constatam-se, nas discussões que existem na Ilha Grande, iniciativas e esforços das comunidades, sobretudo voltadas às esferas social, cultural, ambiental e turística, de modo a minimizar os impactos e transformações advindas do exercício da atividade turística em consonância com os paradigmas da sustentabilidade. Mediante a relevância desse conceito, os autores Matias e Pinheiro (2008, p. 141) definem:

> O Desenvolvimento Sustentável é o desenvolvimento de uma sociedade em todos os seus aspectos integrando este com a natureza sem agredi-la nem interferir em seu funcionamento [...]. O Desenvolvimento Sustentável foi e continua sendo apresentado como uma proposta e tentativa de solucionar os problemas decorrentes da crise ambiental e do aumento de consciência dessa crise.

Toda sociedade possui fluxos cíclicos, por isso se faz importante

associar essa regeneração aos princípios da sustentabilidade de modo a garantir sua sobrevivência. Dessa forma, futuras gerações poderão usufruir de seus recursos naturais e práticas culturais serão estimuladas, respeitadas, visitadas e revisitadas a partir do exercício da preservação das memórias dessas comunidades.

Aqui, os trechos dos discursos escolhidos, por vezes, contrapõem-se aos apresentados no metatexto anterior (ampliação da crise), por exemplo, enquanto a entrevistada Enrica afirma que não há conflito religioso: “não tem conflito religioso, aqui é muito respeitoso. Aqui a gente se respeita igual. A minha tia católica, que mora lá perto de casa, sempre ajuda a gente na igreja também. Ela precisa de ajuda, a gente ajuda” (CTBA I-8); Simone (NCPR) já aponta o contrário, que há um discurso religioso e normas veladas.

Sobre a relação com os japoneses, quando se trata do território, a fala de Enrica é ambígua, pois ao mesmo tempo que “acha” que não existe desgosto por parte da maior parte da comunidade, em seguida se contradiz dizendo que a prosperidade e a posse da terra pode ser um ponto de conflito: “[...] sobre os japoneses, ‘eu acho’ que nem todos os caiçaras têm mágoa né? De repente por conta da terra, por conta da prosperidade” (CTBA I-9). Ela também não comunga do discurso dos entrevistados anteriores sobre a carga horária de trabalho, segundo a entrevistada: “a gente nunca pensou em colocar isso em pauta na associação. Não, eu acho que a gente nunca pensou” (CTBA I-10).

Outro ponto importante da regeneração fica ressaltado na fala de Enrica sobre como ela enxerga o ser caiçara e como a mentalidade dela mudou a partir da participação em projetos de fortalecimento das comunidades pesqueiras e outras reuniões envolvendo outros povos no que se refere às suas lutas e direitos:

> Então, assim, o que é o fortalecimento dentro disso, né? É a identidade caiçara, é o que que a gente fazia, o porquê que a gente não faz mais. A organização comunitária, que é a força que tem uma associação de moradores. No entanto, a gente não sabia (CTBA I-2).

Outra fala que reforça o empoderamento da Comunidade da Terra é:

> [...] acho que a palavra caiçara remete muito à cultura de fazer rede, de fazer canoa, de pescar, de tudo isso. Sim, é porque as coisas foram modernizando muito. A gente foi se adaptando a esse novo mundo. E aí com os trabalhos agora que a gente tem realmente, a gente não seguiu com a tradição igual os índios. O que me

> despertou foi a partir do PEA - Programa de Educação Ambiental. Eu comecei a ter uma visão a partir do projeto (CTBA I-1).

Por outro lado, compartilha das ideias de que a identidade caiçara se perdeu ou se encontra ameaçada. De maneira generalizada, essa identidade é vista como uma tradição a ser resgatada e protegida, a qual gira em torno da pesca, da produção artesanal de redes e barcos, por exemplo.

A entrevistada coloca que foi somente após o Projeto de Educação Ambiental (PEA) que sentiu um despertar para compreender a identidade caiçara e procurar fazer parte dela, buscar lutar pelo direito à terra, ao pertencimento e à preservação das tradições. No Entanto, a seu ver, é um longo caminho a ser percorrido, pois o "povo daqui não entende o título de patrimônio que recebeu. Na Ilha toda não entenderam nada" (CTBA I-11). Algumas práticas nunca mudam.

Em Provetá, o antigo pastor usava megafone[49] para seus avisos e chamamentos; o pastor atual mantém a comunicação com seus assembleianos por meio de um microfone, conforme afirma em sua fala: "falando um pouco de Provetá quando ele chama no microfone todo mundo participa" (CTBA I-12). Aqui ela se refere ao microfone e caixa de som que estão instalados no topo da Assembleia de Deus em Provetá, utilizado pelos pastores para se comunicarem com os assembleianos ou mesmo reprimi-los no que se refere a questões de comportamento da comunidade e suas regras.

Robson traz outro retrato da vida em Bananal, do declínio das fábricas de sardinha ao início do turismo na vila, com o improviso da hospedagem no antigo prédio da fábrica do seu pai:

> [...] começaram a vir para cá. E eu recebia isso aqui na fábrica mesmo, naquela época, entendeu? Pra botar o colchonete no chão. Não tinha nada, banho frio, era gerador, não tinha luz elétrica direto, né? Era gerador, o gerador ligava às 6 horas, 22 horas parava, todo mundo com lanterna, lampião, bem improvisado mesmo. A mulher dormia do lado, homem do outro. Começou assim (CTBA I-1).

Ao que se lembra, sua pousada começou informalmente em 1987, mas somente na década de 1990 foi regularizada e legalizada em Bananal. Ele

[49] A imagem do megafone e transmissões de informações aparecem na reportagem veiculada na TV Manchete e pode ser vista no curto trecho disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rKMpsqCJHoU. Acesso em: 07 out. 2024.

reconhece que essa praia precisa de um ordenamento turístico e que houve uma perda da identidade caiçara entre o fechamento do presídio, implantação e funcionamento das fábricas de sardinha e início da atividade turística:

> O Caiçara era aquele que batalhava aqui. Ele vivia, ele tinha roça. Eles plantavam mandioca, feijão e um monte de coisa. A subsistência mesmo deles era da terra. [...] Todo mundo criava galinha, tinha onça, vivia da caça também, peixe, pescaria, jogava rede, entendeu? Aí chegava a noite assim, todo mundo reunia num botecozinho assim, numa vendinha, tinha umas três ou quatro, ficava jogando sueca, baralho, tomando as pinga deles. E tudo isso aí no escuro, só com lampião a gás ou senão com vela mesmo, né? Jogando conversa fora, andava com aquelas calças remendadas, não tem? (CTBA II- 5).

Em Dois Rios, a problemática também gira em torno da posse da terra e da identidade, de acordo com Helena: “Quando eles vieram, a gente já estava. A gente tem a nossa história. Eles vão passar por aqui, muitos virão. Eles não vão ficar até o resto da vida. A gente não. A gente vai ficar aqui até quando Deus permitir e nos der saúde” (CTDR / III-1).

O discurso marcado por Helena, da Comunidade da Terra, pelo “nós” e “eles”, revela o local de fala da entrevistada caiçara. Já o discurso de Paulo, pertencente à Nova Comunidade, procura trazer a regeneração a partir da preservação local por meio do Ecomuseu (Figura 29).

Figura 29 – Placa de inauguração do Ecomuseu e vista

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Bruno Brulon Soares (2012), em um texto que analisa a performance museal, explica que, nas visões de Turner e Schechner, uma performance é uma experiência social ou individual na qual elementos do passado são representados no presente (Soares, 2012, p. 193). Partindo-se dessa análise, o Ecomuseu procura trazer elementos do passado da Ilha Grande, da história das comunidades, ao mesmo tempo que preserva a cultura local e o meio ambiente. Na fala de Paulo: “A ideia é preservar o patrimônio histórico, cultural e ambiental. E a gente pega todos esses aspectos, elementos, como parte da história, da memória da própria comunidade” (CTDR / IV-1). “Foi preciso inovar, a partir da iniciativa pioneira da Myrian Sepúlveda, de criar não apenas um museu tradicional, mas um Ecomuseu, que tivesse esse envolvimento com a comunidade e o território” (CTDR / IV-2).

Paulo retrata parte da história do Ecomuseu e coloca que a UERJ atua em vários projetos em parceria com a comunidade. Logo em seguida, na

entrevista, aponta que muitas vezes esse contato com a comunidade (da Terra) é difícil por que há resistência: “Quando o Ecomuseu apareceu, especialmente a partir de 2010, sobretudo a partir de 2015, a universidade passou a atuar em diferentes frentes junto à comunidade, alcançando uma percepção mais positiva” (NCDR/ IV-9).

Para Myrian dos Santos (2005, p. 384), “um dos objetivos do Ecomuseu Ilha Grande é articular a preservação do meio ambiente ao bem-estar dos moradores”, mas nem sempre isso é percebido pelos moradores. Para o entrevistado Paulo, precisa haver a mediação entre a universidade e a comunidade, que, segundo ele, é privilegiada por ter o museu: “Eu sempre faço a mediação e, por um lado, acho que a comunidade tem claro direito de cobrar estas coisas e, segundo, não pode esquecer que até certo ponto é privilegiada” (NCDR/ IV-10).

Além de destacar o privilégio da comunidade de Dois Rios, o entrevistado também revela que parte do problema é o saudosismo das pessoas com relação ao presídio, às memórias do presídio e à história do local e do que ele representa(ou):

> Ela [a comunidade de Dois Rios] tem essa memória prisional, ela tem esse passado que é muito forte no presente. Isso é bom, é positivo. Mas tem um caráter peculiar e tem um caráter que, por outras vezes, traz conflitos também do passado que dificultam, muitas vezes, essa organização, essa articulação política para a construção de um futuro comum (NCDR/ IV-16).

Ao passo que há conflitos e resistências, há agentes em todas as comunidades que atuam na comunicação, no estabelecimento do diálogo entre as pessoas da terra e as novas na mediação dos conflitos. No caso de Dois Rios, a presença do Ecomuseu é um ponto muito importante a ser considerado e que aparece nas entrevistas, ou seja, não é negligenciado nem do ponto de vista da Comunidade da Terra nem da Nova Comunidade.

Para Bruno Soares (2012, p. 195), os museus são poderosos

> por serem versões subjetivas da realidade e de nós mesmos (como plateias), [...] poderíamos facilmente dizer que os museus apresentam performances. É no museu que as pessoas esperam encontrar o autêntico, a realidade, por isso é um espaço de disputas que aparecem nas falas dos entrevistados.

Em Provetá, por sua vez, o entrevistado Mário ressalta a unidade da comunidade caiçara, seus projetos e mudanças promovidas ao longo do

tempo, de acordo com as necessidades de cada um. Na atualidade, Provetá se encontra com uma infraestrutura melhor, de modo que os caiçaras, que tinham ido embora, estão voltando ao convívio da comunidade e retomando, ou melhor, dando vida nova à sua forma de viver e ser caiçara:

> Somos uma comunidade muito unida, em Provetá. Temos aqui um projeto de horticultura. Somos pescadores, caiçaras e temos uma média de 1.500 moradores. Um grupo desse pessoal foi para Angra, para estudar e trabalhar e as casas estão fechadas. Como agora melhorou, temos telefone e luz, alguns estão voltando (CTPR/ V -2).

Para Simone, da Nova Comunidade, uma tentativa em resgatar a cultura caiçara é compreender a codificação da sua linguagem:

> Outra questão importante é a linguagem, o vocabulário caiçara, que tentamos inserir nas aulas. Um dos nossos alunos teve a ideia de elaborar um dicionário. Temos um grupo de alunos e professores engajados na pesquisa do vocabulário. Desenvolvemos junto com alguns professores um interessante trabalho sobre a cultura caiçara na Ilha Grande (CTPR/ V -4).

Em Abraão, a questão caiçara/pertencimento/lugar também é o ponto central de conflito da comunidade. Sem colocar nomes, nem deixar claro, Ramos expõe as mesmas questões já apontadas antes nas outras comunidades: do lugar *deles versus* o *nosso* (da Terra): “Então no nosso tempo a gente não deixava, qualquer coisinha a gente ia lá e reclamava, se colocava no nosso lugar e colocava também as pessoas no lugar delas. [...] Fazer uma cerca e aquilo ali para mim é deprimente” (NCVA/ VII-2).

Em Abraão, as mudanças vêm acontecendo a partir de muita dor e descontentamento da Comunidade da Terra que, ao longo do tempo, vem enfrentando uma batalha com uma nova política da igreja católica:

> Gente que conhecia a ilha, chegava lá na igreja dava de cara com a situação que estava não tinha mais isso, não tinha mais aquilo: ah, foram lá para o canto, na minha casa. Todo mundo foi pra lá rezar e assim foi, o povo foi, domingo, todo dia Santo, toda novena, toda oração, toda a ladainha o povo estava lá. Tudo, tudo junto! Daí chegou um certo dia que não cabia mais ninguém dentro de casa porque o pessoal tanto ocupava o quarto onde ficava o oratório, como ocupavam o corredor, ocupava a sala, ocupava a varanda, ocupava a parte de fora para assistir pela janela e até que eu tive a ideia de colocar, fazer o segundo altar móvel e colocar na varanda que era para o povo ficar mais acomodado, mais fresco mais arejado e assim foi por muito tempo e as pessoas iam e participavam e fazia Festa de São Sebastião. Tudo o que acontecia na igreja, o padre disse que não era para fazer e não queria mais, a gente fazia na nossa Capela e era uma coisa assim que você via o amor do povo, a vontade que as pessoas tinham de sair das suas casas que eram perto da igreja para ir para um lugar muito mais longe. Tinham

> que andar metade do Abraão inteiro e eram pessoas de idade (NCVA / VII-3).

Em um discurso emocionado e marcado pela religiosidade, Ramos mostra e comenta sobre pontos importantes da história da Ilha Grande que não são devidamente valorizados, referindo-se ao Lazareto. Trata-se de um hospital de quarentena que foi construído em 1884 com o objetivo de receber visitantes e imigrantes de outros países. Funcionou como um centro de triagem e isolamento, cuja missão era impedir a propagação de enfermidades infecciosas no Brasil, mas hoje não passa de ruínas:

> É, tem muita coisa pra se contar. Aquilo ali começou com uma fazenda, depois de fazenda passou para um hospital e depois de hospital passou a ser o presídio e depois acabaram construíram o lá de cima. Tem muita coisa, muita coisa para se contar se eu botar no papel, acho que só vai perder para a Bíblia Sagrada (CTVA/ VII-6).

A respeito do novo caminho trilhado pelos fiéis descontentes que acabaram encontrando alento para continuar praticando sua fé na casa de Ramos, o sanfoneiro abriu seu quarto e dividiu o seu oratório com fiéis e turistas, relatando que:

> Era aqui nessa casa onde nós nos reuníamos e fazíamos de tudo. Enfeitamos a rua, fazíamos procissão, queima de fogos, festa de São Sebastião, festa de São Jorge e aí acabou trocando. Como o padroeiro do meu altar é São Jorge, o povo passou também a celebrar Jorge, o que também não é uma tradição nova, é também uma tradição antiga porque São Jorge era celebrado pelos oficiais que trabalhavam no presídio né. Eles eram responsáveis pela festa de São Jorge. Tanto é que fizeram um altar só para São Jorge, que era um altar lateral, era um altar à direita de quem entra e à esquerda de quem sai. Então era um altar de São Jorge porque os oficiais realizaram a festa de São Jorge aqui no Abraão (CTVA/ VII-4).

Jonas, estrangeiro e representante da Nova Comunidade, relata como as praias foram recuperadas e transformadas em áreas de preservação, considerando primeiramente a exuberante praia de Lopes Mendes:

> Acontece que naquela praia foi feita uma inscrição de posse em poucos dias. Então, ali foi o gancho forte de derrubar aquilo. E aí o Banco Safra comprou essa praia. Aí, depois, à custa de muita luta, saiu o Banco Safra e o Bradesco comprou. Aí, depois, mais um período de luta gigantesca. Então, o parque, por força do grande número nosso que estava dentro do parque também, transformou aquela área toda em parque. Então, foi salvo a Lopes Mendes desta maneira (NCVA/ VIII - 2).

Depois a do Sul e a do Leste:

> E a Praia do Sul e do Leste que só não é um grande episódio hoje porque cinco minutos antes de chegar o pessoal que ia tratar do assunto com o governador do Rio, entrou uma senhora que era uma acadêmica que lutava por isso aí e conseguiu transformar aquilo em área biológica junto com o governador. Quando os caras entraram, disseram, não, acabei de transformar aquilo em área biológica. Também foram salvas (NCVA/ VII - 2).

Sua fala traz as preservações das praias em contraposição à expansão do turismo, confirmando, a partir da sua compreensão, que a cultura caiçara ficou menor, pouco preservada, que perderam espaço após o *boom* do turismo.

O rearranjo se dá em torno da reconstrução da identidade caiçara, ou do resgate, seja por meio da linguagem e conteúdos aprendidos na escola, da influência da religião no modo de vida da comunidade e redução da pesca de Provetá, por conta da concorrência ou das rígidas regras impostas aos pescadores.

Em Bananal, o que se sobressai é a descoberta da nova geração, que passa a compreender o que é ser caiçara e, assim, começa a ocupar espaços de luta, discussões, reflexões e revolta. Embora tenham lembranças do tempo em que conviviam em plena harmonia com os caiçaras e até os admirava pelo modo simples de viver, a japonesada, após o fim das fábricas de sardinha, teve que recomeçar, e o turismo foi a maneira que encontraram de aproveitar as construções que já tinham e continuar sobrevivendo na Ilha.

Já em Dois Rios, o que se destaca é a perseverança da Comunidade da Terra, que permanece no local mesmo disputando espaço. Buscam manter seu vigor nesta vida que se renova todo o tempo. A Nova Comunidade aproveita para refletir como o Ecomuseu transformou e transforma a vida da comunidade em Dois Rios a partir de ações educativas em busca da recuperação das memórias dos caiçaras.

Na Vila do Abraão, a Nova Comunidade tem contribuído com a preservação do bioma da Mata Atlântica, participando ativamente de lutas em defesa do território que são importantes para a manutenção do arquipélago. No mesmo ritmo de luta, a Comunidade da Terra se regenera a partir do embate com a igreja e seus desmandos, a ponto de eles migrarem para outro espaço, de modo a dar continuidade a suas rezas, novenas e reuniões bíblicas.

A regeneração aparece nas falas de maneira a tentar amenizar as

crises cotidianas, que foram se construindo ao longo da história da IG. A criação do Ecomuseu, de curadoria da UERJ, a convivência na escola entre Simone (diretora) e a comunidade, compreender-se como caiçara, como pertencente à terra, como donos da terra e da herança, da história que ela representa: tudo isso faz parte do processo de regeneração, de tentativa de convivência neste universo pequeno, porém, cheio de diversidades entre as comunidades. A regeneração aponta para um recomeço, e não uma reciclagem dos conflitos, momento no qual os sujeitos procuram soluções paraeles.

4.4 METATEXTO 4 – REARRANJO

A categoria rearranjo destaca momentos nos quais as comunidades da Ilha Grande estudadas nesta tese buscam se restabelecer da crise instaurada pelo fechamento das fábricas de sardinha, pelo fim do presídio e pelo início de uma era de mais controles ambientais, sobretudo pelo início desordenado do turismo. É uma tentativa de conseguirem conviver sem voltarem às problemáticas iniciais (as crises).

Em Bananal, os entrevistados revelam questões do dia a dia por meio da fala da Nova Comunidade representada nesta análise por Enrica. A representante da Comunidade da Terra retrata com carinho suas memórias, afetividades, sensibilidades e performances cotidianas e de como era sua praia:

> Até hoje tem os locais. Onde era a casa da minha mãe. Que antigamente era bem mais para cima indo para o mirante, era muito longe. Que a nossa casa agora atualmente é bem mais baixa e antes era na mata fechada, indo para o mirante. Tem a antiga igreja do Divino que era dos escravos. Tem uma estrutura lá de pedras. Até uma arvorezinha tem uma escadinha de pedras assim, né. Tem um pé de tangerina com uma pedra que dá para identificar a casa do meu avô que morava com a minha mãe, assim. Aí é demarcado por essas coisas mesmo. Ali era casa de fulano tinha um pé de banana. Fulano tinha um pé de tangerina. Ainda tem a estrutura desta escada de pedra e não só lá em cima. Mas com a gente seguindo para o Bananal Pequeno. Tem cavas de casa. O Ivan, o pessoal do Coco azedo, né. O pessoal do Lício, o tio do Ivan e os mais antigos moravam lá (CTBA / I-1).

Ela contou sua história de vida e como foi se rearranjando ao longo dos anos para completar seus estudos por conta de dificuldades relacionadas

principalmente aos deslocamentos. Também ressalta sua vocação para participação política quando já liderava sua turma:

> Para estudar, principalmente, sabe, quem mora aqui, não encontra muito recurso. Muita gente foi embora para conseguir um emprego digno, assim, né? Então, eu no meu caso, assim, eu estudei aqui na ilha desde sempre. Eu fiz o ensino fundamental aqui e terminei o ensino fundamental em Araçatiba do 6º ano ao 9º ano. E lá em Araçatiba eu participava do conselho de classe, aí fui para Provetá fazer o ensino médio. Aí no ensino médio, eu já ficava responsável por alguns eventos. Eu falava o nome da classe, eu puxava a turma. Eu sou assim dada. Minha irmã fala que sou dada desde pequena. Aí logo eu terminei a escola e tive uma professora também, a Isabela. Lá no Provetá, a Isabela, ela foi minha professora. Sofre lá, né? Porque a comunidade lá também é um pouco acomodada. Obedecem uma religião. Uma tradição (CTBA / I-2).

Após terminar a escola, começa a ter voz na comunidade e a representar os interesses do povo do Bananal:

> Aí a gente começou a participar desses espaços. Teve uma... Como é que fala? Em Paraty? Uma audiência pública, lembrei. Eu fui representar a Ilha Grande, a educação caiçara na IG, e eu li uma carta e foi muito emocionante. Participei também do fórum e do encontro dos jovens (CTBA/ I-3).

Já Robson, representante da Nova Comunidade, afirma viver integrado e em comunidade; vem se reorganizando com a ajuda dos filhos, que já começam a ajudar na administração do negócio da família, que é a pousada que funciona no antigo prédio da fábrica de sardinha:

> Graças a Deus aqui vivemos integrados. Sem problema algum. Todo mundo fazendo seu trabalho. É trabalho de verdade. Empresa familiar é isso aí, né? Eu com a minha esposa. Vamos tentar até o final do ano mais um pouquinho. Minha filha, essa é a minha filha, tem outra, mas essa que tá aqui está morando, ela se formou... Isso, essa aí é vir de Campinas. Então, ela vai começar a trabalhar aqui comigo, eu com a minha esposa, já começou, já... A Roberta já pegou, assim, essa parte de vender, que antes eu que fazia, né? Então, já... começo a fazer as coisas ali por trás, as coisas que eu gosto de fazer, né? Mexer com madeira, fazer umas bobagenzinhas né? (NCBA / II-8).

Assim como todos os moradores entrevistados, Robson também está ligado à terra e não pretende sair dela:

> Nascemos aqui e queremos continuar aqui, sou a terceira geração, tenho filhos que são da quarta geração e um neto da quinta geração. Sou pousadeiro e hoje estou sobrevivendo. Aqui a gente paga muito caro pelo IPTU e outras taxas. Eu tenho isso aqui porque é herdado. Quero continuar morando, conservando e trabalhando. Quando meu avô comprou ninguém queria morar aqui por causa do presídio (NCBA / II-11).

Sobre o convívio com os caiçaras, com os filhos e descendentes, ele

considera harmônico: “Entre japoneses e caiçaras nunca houve conflito. Uma absorveu um pouquinho da cultura do outro” (NCBA / II-4); “acho que tem bem poucas comunidades que têm ainda a raiz, mas é difícil, cara, difícil” (NCBA/II-5). A religião também não é uma questão em Bananal, na visão do entrevistado: “não tem conflito religioso aqui no Bananal, aqui tem a católica, tem a evangélica aqui” (NCBA / II-6).

Já o discurso apaixonado pelo tempo em que o presídio funcionava “de vento em popa”, a caiçara e o comerciante de Dois Rios exaltam uma infância feliz e segura e o convívio harmônico que tinham com os filhos dos presos: “A gente teve uma infância boa, normal. Porque antigamente a gente sabia quem era o bandido e quem não era. E a gente também era criado com os filhos dos presos, que tinham bom comportamento e moravam aqui” (CTDR / I-3).

Mário, pertencente à Nova Comunidade, comenta sobre pessoas que vivem na Ilha e tinham ou mantêm ainda alguma relação com o presídio:

> O cozinheiro do diretor da cadeia era um preso de nome Júlio e ele foi preso em 1958, oficialmente sua pena terminou em 2014, e ele viveu em Dois Rios até 2018, onde pescava e consertava redes – sua família ainda vive aqui (CTDR / III-1).

O saudosismo aparece ainda mais quando relembra que os presos “faziam tudo”: “tudo aqui funcionava, eram os presos que faziam” (CTDR / II-2). Comenta indignada sobre a seletividade na contratação promovida pela UERJ, que emprega poucas pessoas da comunidade: “Os empregos que a UERJ oferece são meio ‘selecionados’. Tem que ter uma certa seleção. Não sei como explicar. É como se ele olhasse pra você e falasse: ‘você não serve’, ‘você vai’” (CTDR / III-3). Outro ponto a destacar é que a entrevistada se orgulha de morar na Ilha por ter crescido ao lado do presídio e considera sua vida muito boa:

> Eu não me incomodo de viver aqui, vivo muito bem. E agradeço a Deus por estar aqui nesse lugar. É um privilégio ter nascido aqui, muito tranquilo. Que por mais que tivéssemos crescido perto de um presídio, a gente teve uma vida muito boa (CTDR / II -7).

Por outro lado, Paulo, representante da Nova Comunidade, começa afirmando que “A gente é um Ecomuseu” (NCDR / I-4), ou seja, abrange todas as pessoas que ali vivem, ressaltando que trabalhos desenvolvidos pela universidade dizem respeito a toda a Ilha Grande e não somente a Dois Rios,

onde está a sede.

Também explica que as ações são pensadas não somente para o turismo, mas para englobar a comunidade também, para pensar no meio ambiente e no desenvolvimento sustentável, de onde surge o CEADES (já abordado nas seções anteriores).

Sua fala também mostra como pessoas que não são caiçaras chegaram à Ilha e hoje são exemplos de resgate da cultura caiçara:

> E aqueles que não são de nascimento, mas que adotam esses elementos da cultura, que se identificam, passam também a se autodenominar como Caiçara. E hoje nós temos vários exemplos. A Marilda, o Gesiel não nasceram aqui, mas se identificam e adotaram os valores da comunidade tradicional, ou seja, do caiçara (NCDR / IV-7).

Contrapondo-se à fala de Helena, o entrevistado aponta que a equipe do museu é formada por pessoas da própria comunidade:

> [...] nossa equipe é formada principalmente por pessoas da própria comunidade. Moradores daqui e que trabalham para o Ecomuseu, mas não basta ser daqui, é preciso que eles tenham uma formação e que tenham consciência do lugar onde estão e do papel que precisam ter e da responsabilidade para com a comunidade porque eles fazem parte desta comunidade juntamente com o Ecomuseu (NCDR / IV-25).

Apesar de não aprofundar os debates e conflitos existentes, Paulo argumenta que “conflitos existem, mas trabalhamos diretamente com os moradores na busca de soluções” (NCDR / IV17), porém, vez ou outra, sua fala reconhece que há conflitos com a comunidade de Dois Rios, como quando afirma que “a universidade não impede as pessoas de morar, desde que continuem tendo vínculo com o lugar” (NCDR / IV-20), ou ainda quando diz que há sempre uma busca de diálogo por parte da universidade: “por aqui, no Ecomuseu, já passaram outros, só que não tiveram tanta paciência e entrosamento como eu. Talvez os outros não tiveram desprendimento e uma forma de interação franca, direta e permanente que eu tenho tentado ter” (NCDR / IV-22). Para ele, os interesses devem estar conectados; e os limites, respeitados, pois o ranço anterior atrapalha o entendimento: “então, este é o principal problema que a gente ainda não consegue resolver, mesmo com todo o diálogo, e tem o ranço anterior, como eu falei, e, por isso, precisamos construir tudo isso juntos” (NCDR / IV-28).

O entrevistado acredita que a grande contribuição da universidade para a comunidade local é a sala de artesanato: “a comunidade ganhou a sala do artesão, que Marina trabalha, um importante espaço para exposição dos trabalhos produzidos pelas pessoas da comunidade e também uma biblioteca comunitária” (NCDR / IV-16). Desse modo, os caiçaras começarem a se valorizar a partir das exposições e ações extensionistas do museu: [...] “de alguns anos pra cá, o Ecomuseu da Ilha Grande, com sua exposição, contribuiu com a mudança desta visão e com a valorização da cultura e do modo de ser caiçara” (NCDR / IV-6); “[…] a gente passou a ver uma clara forma de valorização da identidade, e as pessoas hoje têm orgulho de serem Caiçaras” (NCDR / IV-6).

Muitas vezes, alguns trechos de suas falas estão na defensiva, talvez pelos conflitos gerados com o fim do presídio e, posteriormente, com a administração da universidade. Quando acabou o presídio, a universidade recebeu o termo de cessão dessa área, que é gigantesca, não é apenas aqui em Vila de Dois Rios: “Essa cidade prisional inclui uma parte do território que vai desde Parnaioca até Lopes Mendes” (NCDR / IV-10); “os moradores que trabalhavam no presídio tinham transporte, limpeza das ruas, tinham parte da alimentação, emprego, e ficaram sem esses benefícios” (NCDR / IV-11); “posteriormente, a universidade inaugurou o centro de pesquisa e a comunidade voltou a ter a logística de transporte, de limpeza e de outros serviços. Mas o ressentimento ficou meio que enraizado” (NCDR / IV-12).

O entrevistado tem um sentimento de dever cumprido e acredita que o Ecomuseu e outras ações têm feito o melhor para Dois Rios e todas as comunidades da Ilha Grande: “a melhor contribuição que a gente tem tentado dar é a valorização da própria comunidade e o reconhecimento que a comunidade tem que ter dela mesma enquanto identidade e do próprio valor” (NCDR / IV-23); “resgatamos o Centro de Convivência, lugar de encontro, de festa, de reunião, de tudo, e que ficou durante anos fechado e abandonado e conseguimos recuperar junto com o apoio da comunidade e é aberto” (NCDR / IV-15).

Em Provetá, Mário retrata aspectos sobre a pesca, o turismo e a relação com a igreja. Myrian dos Santos (2005, p. 385) explica essa questão da falta de peixes:

> Houve uma diminuição drástica da oferta de peixes na região, causada pela poluição e pela pesca industrial de grande porte, entre outros fatores. Atividades desenvolvidas por moradores locais, no passado, como pesca, caça, agricultura, queimadas e construção de canoas, tornaram-se práticas condenadas. Diversos planos diretores foram criados por órgãos governamentais, muitos deles apresentando o turismo ecológico como atividade prioritária a ser desenvolvida.

O ex-pescador retrata a readaptação dos pescadores a partir de um novo cenário por conta da dependência econômica da pesca e dos novos concorrentes no mar com seus equipamentos mais modernos:

> [...] aumentou o volume de barcos e de aparelhos. Não damos espaço para o peixe sair, desovar, crescer. Temos a parada, mas a parada não é suficiente. São seis meses sem pescar, mas alguns desobedecem. O pescador profissional tem que dar baixa na carteira de trabalho, no período, para conseguir o seguro-desemprego, o que prejudica sua aposentadoria (CTPR / V-1).

"Hoje, praticamente todo o trabalho da comunidade é com pesca. Todo tipo de pesca" (CTPR / V-6). A praia de Provetá e sua comunidade têm buscado restaurar sua forma de viver (Figura 30), mantendo suas tradições, como pesca artesanal, consertos das redes, manutenção de algumas roças e culinária caiçara:

> [...] tanto a pesca artesanal, como a profissional e a manutenção de barcos e das redes de pesca, lá na ponte, tudo faz parte do trabalho do pescador. Já até me ofereci para dar aulas, de graça, no colégio, para os nossos jovens sobre a fabricação e manutenção das redes artesanais (CTPR/V-7).

Ele ainda acrescenta:

> [...] Além das redes para o trabalho dos pescadores, temos os barquinhos de madeira, que são lindos para oferecer aos turistas. A gente precisa de um espaço para expor o artesanato, inclusive as roupas de nosso curso de costura e a farinha, feita com a mandioca de nossas roças, uma tradição mantida por dois produtores, em Provetá. As roças são antigas. Aqui tem mandioca e muita cana. Quem tem, tem e quem não tem, não pode fazer mais, é proibido. Eu acho um prejuízo para nossa comunidade Caiçara, que vive aqui, nasceu aqui e não pode fazer uma roça. Muita gente quer fazer uma roça para alimentar a família, mas não pode, porque a multa é pesada (CTPR /V-8).

Praticamente tudo em Provetá gira em torno do Ministério da Assembleia de Deus, que exerce uma influência inegável na comunidade: "então, a gente tem essa identidade e praticamente todos os moradores são evangélicos de berço" (CTPR / V- 2). Em um vídeo publicado na reportagem feita pela TV Manchete, um dos entrevistados, Alexandre Guimarães, afirma

que “a igreja tem um poder muito grande sobre a comunidade, de um modo geral, social e político”. Na mesma reportagem, o pastor Manoel Clementino, líder da igreja de Provetá por mais de 40 anos, concedeu uma entrevista. Para o narrador, a interpretação da Bíblia, pelo pastor, é a lei em Provetá, que tenta impedir a entrada do mundo de fora. Nas palavras do pastor, transcritas diretamente da reportagem: “essas coisas mundana [sic], cinema, teatro, como vocês sabem, e outras coisas mais, é do diabo, não é de Deus[50].”

Apesar da tentativa de “proteger” Provetá das coisas “mundanas” e evitar o contato com o mundo exterior, atualmente já não é possível mais se fechar ao turismo, por exemplo. Por esse motivo, Mário pensa no turismo evangélico: “sobre o turismo, pensamos no turismo evangélico, onde podemos começar com pouca estrutura. O ambiente é tão bom que tem gente que vem passear e não quer mais ir embora” (CTPR / V-3).

[50] Essa reportagem faz parte de uma coleção de vídeos editados a partir do programa Documento Verdade, exibido pela extinta TV Manchete. Eles fazem parte do blog Caminhos da Ilha Grande (http://caminhosdailhagrande.blogspot. .....)Trecho disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=rKMpsqCJHoU. Acesso em: 07 out. 2024.

Figura 30 – Os pescadores de Provetá

Fonte: Reprodução da internet por meio do Instagram[51].

Diferentemente do que foi dito por outros entrevistados, Mário

[51] A terceira imagem da primeira fila refere-se ao filme que retrata a história do pescador João Pereira de Souza, que resgatou um pinguim. Para mais informações, consultar: https://conexaoplaneta.com.br/blog/meu-amigo-pinguim-a-historia-real-de-amizade-entre-um-pinguim- de-magalhaes-e-um-pescador-brasileiro-chega-aos-cinemas-em-12-9/#:~:text=Esta%20hist%C3%B3ria%20linda%20e%20comovente,estado%20do%20Rio%20de%20Ja neiro. Acesso em: 14 nov. 2024.

afirma que não é proibido entrar de biquíni na praia:

> As pessoas podem ficar com roupas de banho na praia, mas é difícil encontrar um dos moradores(as) com os mesmos trajes, por causa do nosso modo de viver. Não é proibido entrar na praia de biquíni, não é proibido andar na rua de biquíni, só que o povo que vem já sabe que aqui é uma comunidade evangélica e respeita (CTPR / V-4).

Porém, a questão apontada por outras pessoas não gira em torno da proibição legalizada ou direta, mas sim da coibição velada, o que é revelado na fala de Simone: “é uma praia linda, mas o turista acha a coisa mais estranha do mundo. Há moradores que não têm esse pensamento, sendo da igreja ou não sendo da igreja. Só que elas são engolidas pelo senso comum, que reina aqui. (NCPR / VI-3)”

O entrevistado procura elucidar como funcionaria o turismo evangélico do ponto de vista deles:

> [...] se o turismo entrar aqui vai ser de Deus, nós estamos orando para isso. O turismo tem que entrar sim. O turismo evangélico, concordando com a cultura do lugar, porque somos uma comunidade caiçara e se somos quase todos evangélicos, então não cabe outra cultura. Trabalhar com turismo deve ajudar nosso pessoal, que sempre atuou na pesca (CTPR / V-5).

Ele conclui amarrando os dois assuntos que pairam sobre as entrevistas realizadas com representantes da Comunidade da Terra em Provetá:

> Sempre me doei para esta comunidade. Falou em fazer o bem pra comunidade, estou sempre junto e trabalho por amor. De dois anos para cá eu recebi uma proposta do meu pastor presidente para mudar de profissão, que é uma mudança drástica, pois eu sempre trabalhei com o grupo de homens e continuei trabalhando com pessoas e eu tive que abandonar a pesca que eu amava. Já tem dois anos e quatro meses que estou dedicado à igreja. Meu pai foi o pastor presidente mais falado aqui pelo respeito que ele tinha e eu tenho isso no meu sangue e no meu coração (CTPR / V-14).

Fica claro que o que torna ele realizado é a dedicação à comunidade por meio da pesca e de sua atuação na igreja em Provetá.

Simone também apresenta Provetá com base na pesca e a igreja, mas traz um resgate histórico em sua fala:

> Há 30 anos, Provetá era apenas uma vila de pescadores, tendo a pesca como maior fonte de renda, tanto que continua como a maior vila de pescadores da Ilha Grande. As pessoas vivem bem. É uma comunidade pacata, tranquila e com valores evangélicos (CTPR / VI-2).

A entrevistada traz outras referências de Provetá, mais relacionadas à

sua atuação na educação pública da comunidade, como os projetos de visita a outras comunidades; mostra culinária caiçara, o projeto Voz Ativa, por meio do qual se realizaram entrevistas com moradores mais antigos, e o projeto de Educação Ambiental, desenvolvido pela Petrobras, dentre outros:

> Temos um programa de passeios com os alunos, onde visitamos as comunidades do Abraão, de Dois Rios e o Ceads, que é da UERJ. Também trabalhamos a valorização da cultura caiçara, trazendo os saberes tradicionais para dentro da escola, buscando um link com as teorias científicas, para que os jovens não esqueçam a importância de sua própria cultura (NCPR /IV-4); Um dos resultados foi a Mostra Culinária Caiçara, onde a comunidade escolar trouxe café de cana, peixe com banana, paçoca de banana verde e mingau de farinha. Entrevistamos moradores antigos, fizemos vídeos e realizamos um concurso de fotografias da praia e também um trabalho sobre os cartazes caiçaras. Conseguimos espaço no Jornal *O Eco* (CTPR / VI-5); Criamos o projeto Voz Ativa, onde realizamos entrevistas com os moradores. Percebemos que nossas lendas estão atreladas à história do presídio, geralmente retratando fugas (NCPR / VI-6); A gente participa de um projeto de Educação Ambiental, desenvolvido pela Petrobras, que visa o fortalecimento da comunidade, em atendimento aos anseios dos moradores (NCPR / VI-7).

Por vezes, ela é excluída das participações na comunidade, como já ponderado no aprofundamento da crise, mas às vezes ela encontra espaços de colaboração e reconhecimento pela comunidade:

> Como sou de fora e naturalmente excluída, estranhei quando fui convidada para fazer parte da Associação de Moradores. Tenho poucos amigos em Provetá, mesmo morando aqui há 7 anos. [...] tento manter sempre uma política de colaboração. Meu desejo é que entendam meu compromisso de trabalhar para melhorar a comunidade, lutar junto com eles por direitos (NCPR / VI-10).

Mesmo sendo de fora e tendo que discutir muito para conseguir espaço na comunidade, Simone, na escola, vem se rearranjando de modo que se entende como parte dessa comunidade e coloca-se na luta por melhorias, pensando no bem comum da praia de Provetá. O fato de enfrentar dificuldades veladas e sensíveis (não explícitas) não fazem com que ela deixe de trabalhar em prol de uma educação pública voltada à comunidade. Segundo ela, recentemente teve a escola reconhecida como Escola do Campo pelo MEC: “no ano passado, conseguimos o título de Escola do Campo, concedido pelo MEC” (NCPR / VI-7).

Em Abraão, Ramos se sente responsável por manter tradições, cultura, história e, assim, salvaguardar a Ilha e seus tesouros:

> Olha, me vejo como um guardião da história da cultura da Ilha Grande, porque é um tesouro que eu recebi do pessoal nosso, da nossa ilha, e se existe um tesouro enterrado na Ilha Grande o tesouro é esse: é a cultura, a história, a musicalidade, são as danças, o povo daqui, a cultura que se tem aqui, esse é o tesouro da ilha (CTVA / VII-1).

O entrevistado, num tom amargurado, relembra com muito saudosismo o antes e o agora do presídio: “O presídio daqui derrubaram e o que ficou em pé a natureza terminou de derrubar” (CTVA / VII-24), e da igreja católica de São Sebastião:

> Eles estão tirando a cor anterior, estão fazendo uma reforma porque disseram que na torre da igreja havia uma rachadura, o que eu não acredito, porque aquela torre foi muito bem construída. Foi construída pelos presos. Aquela torre demorou uns 5 anos para ficar pronta, porque ela não ficava pronta de jeito nenhum. Às vezes ela pendia para um lado, para outro, até que conseguiram de maneira certa e edificaram a torre bem-feita. A igreja é toda feita de tijolo dobrado né. Tijolos feitos, fabricados aqui na Ilha Grande. Nada veio de fora, foi tudo fabricado no presídio, na Olaria que tinha que era ali em cima do campo de futebol, onde antigamente era o cemitério da Vila. Então aquilo tudo foi construído muito bem-feito, então eu não acredito que tenha rachadura naquilo ali. Mas até agora de todos esses anos, o melhor serviço que eles fizeram foi esse de reformar pelo menos a fachada da igreja (CTVA/ VII-9).

Relembra sua história de vida, de criação católica, a necessidade de manter viva a tradição da Ilha Grande, os conflitos, a “baderna”:

> Com todos esses conflitos, com toda essa baderna que está por aí, toda essa tristeza que eu vejo aí nessa igreja, eu sou feliz. Isso aqui é um paraíso, um universo paralelo, não faz parte do Brasil, não faz parte de Angra dos Reis, não faz parte do mundo. Ilha Grande é outra coisa (CTVA/ VII-20).

O entrevistado esbraveja dizendo que as igrejas da Ilha Grande estão abandonadas, jogadas às traças, e como ele e a comunidade têm se “remendado” a partir dos acontecimentos e conflitos cotidianos do povo da praia Abraão:

> Parei de frequentar. Sinto muita falta do que era antigamente. Agora eu não tenho vontade nenhuma. Ah, nossa que vontade de ir lá na igreja, eu não tenho. Não tenho porque eu vou entrar lá e não vou ver nada do que era, não vou ver o meu povo, não vou ver minha gente, não vou ouvir os meus cantos que eu aprendi desde criança a cantar, que os antigos cantavam. Não tem mais nada! (CTVA / VII-12); [...] agora botaram outro padre, mas é todo mundo da mesma turma (CTVA / VII-11).

É somente quando ele se refere ao seu amor à Ilha Grande que seu tom muda e torna-se mais alegre e eloquente: “Tanto o meu amor pela Ilha

Grande, quanto pelas pessoas daqui me colocaram no meu lugar, mas também o povo me colocou aqui [...]" (CTVA / VII- 5), e quando diz que

> isso aqui é um paraíso, um universo paralelo, não faz parte do Brasil, não faz parte de Angra dos Reis, não faz parte do mundo. Ilha Grande é outra coisa. É outro mundo, é um universo todo diferente principalmente quando a gente está ligada à história. (CTVA / VII-20).

Já Jonas, da Nova Comunidade, traz mais aspectos sobre o presídio, mesmo o prédio não fazendo parte da Vila do Abraão, onde ele vive: "Mas o presídio daqui eu tenho que admitir que foi um exemplo de presídio em relação aos de hoje. Porque aqui, veja, durante o dia, o cara trabalhava aqui, nos serviços gerais, o preso. Ou então, do outro lado, trabalhava na lavoura" (NCVA / VIII-1).

Relembra presos ilustres, como Graciliano Ramos, e as histórias que o povo contava:

> Graciliano ficou aqui 18 dias. Inclusive, me consta aqui, que ele chegou aqui embriagado e tomou outro porre e foi embora. Isso me contaram, gente que é história viva. Porque não faz muito tempo isso. Então, na verdade, ele foi um preso comum. No próprio filme, se você olhar, não tem nada de maus tratos com ele na Ilha Grande. Tinha algumas promiscuidades lá que ele não gostava e tal (NCVA / VIII-2).

Segundo relatos, a Falange Vermelha – o Comando Vermelho, como conhecemos hoje – nasceu na Ilha Grande a partir da mistura no mesmo ambiente de presos comuns com presos políticos; sobre isso existem muitas opiniões controversas, como:

> A ideia é que o preso político ensinou os outros como se organizava o Comando Vermelho. Não é verdade. O preso comum começou a observar. Eles trabalhavam em conjunto, estudavam. Todos tinham a mesma ideologia. Então, era fácil tratar entre eles. Então, faziam um grupinho, tratavam. O preso comum, que estava lá fora, não estava aí. Aí, começaram a chegar à conclusão de que se a gente se organizar, a gente pode fazer uma força. Então, eles se organizaram, se espelhando neles, mas o preso político não tinha nenhum contato com eles e eles tinham medo do preso comum. Tinham medo. Porque não é criminoso. O cara não é malandro, não é nada. Ele só tem outra ideologia, o preso político, de pessoas como Julião (preso político), biólogo, o Escadinha (caso noticiado em rede nacional) (NCVA / VIII-9).

Além disso, toca no ponto da criação do Comando Vermelho também, tema inclusive de filmes, como *400 contra 1 – uma história do crime organizado*.

Vila do Abraão é descrita por Pedro Ramuz (1998, p. 113) como:

> [...] a localidade que centraliza a vida social de praticamente toda a

> Ilha Grande. E esta condição advém de um passado histórico, expresso por distintos momentos de relações espaciais institucionalizadas materialmente por novas estruturas que vêm compor sua paisagem, novos prédios, novos usos de prédios antigos que sintetizam novas relações sociais, ou uma nova relação entre o homem e o seu lugar.

Ramos conta do seu início na Ilha Grande: “no começo, sim. No começo, eu era intruso, eu era de fora. Vim aqui, botei um jornal e fui logo para o centro com um meio de hospedagem” (NCVA/ VIII-14). Ele relembra seus feitos, em ONGs, na UZIG, como foi bem-recebido pela comunidade, o reconhecimento de seu nome e a trajetória na defesa dos interesses da Ilha Grande:

> Da comunidade eu recebo muito carinho, porque onde eu vou para a rua, eu sou seu Márcio, se eu vejo que você entra ali para pegar um sol na praça ali, aí todo mundo fala, oi. Você sente que o pessoal gosta, eu sinto que o pessoal gosta de mim, me trata muito bem. Às vezes, chego mais tarde, que eu vou para a praia jantar aí, volto mais tarde lá, é, à noite, às vezes, às vezes, tomando uma caipirinha a mais. Até os drogados, oi, seu Palma, oi, oi, oi. Então, eu estou muito bem na comunidade em termos de relacionamento. Eles reconhecem isso (NCVA/VIII-13).

Apesar de dizer que a cultura caiçara desapareceu, percebo que ainda existe resistência, é uma saída para o próprio turismo, os *táxi boats*, as pousadas; porém, aponta os problemas do *day use*, por exemplo, que aumenta a quantidade de lixo na comunidade:

> Bom, até então, sim, temos resistência (NCVA / VIII-15); O Caiçara não é animado e o caiçara não gosta de patrão. O Caiçara nunca teve patrão. O Caiçara sempre viveu de uma pesquinha, alguma coisinha de mandioca no fundo, a vida é saudável. Mas na vida, aquele era dono de tudo. A produção era dele, acabou. Essa é a cultura do Caiçara. Ou então era empregado público (NCVA / VIII-20). O perfil do caiçara hoje piorou. Piorou pelo seguinte. O que é o objetivo do jovem do Abraão? É ter um táxi-boat. É isso aí um táxi-boat. Então, esse é o objetivo do jovem. Por quê? É lúdico dirigir, cheio de gente, menininha a bordo e tal, vai lá. Então, cria para eles uma coisa muito lúdica, profissional. E dá um bom empreguinho também, todo esse transporte público, toda a marinha ajudou aqui para tirar a carteira desse pessoal e tal. Então, eles veem nisso aí a solução de tudo. Então, está por aí o negócio. Por exemplo, aqui tem um produto interessantíssimo na ilha, que é a produção de algas. Foi fantástico isso aí. O Brasil importa esse produto de algas, 98% (NCVA / (VIII -21).

Outro ponto levantado pelo entrevistado é a convivência entre Comunidade da Terra e baianos. Em sua opinião, não existe conflito, e os que existem são entre os próprios baianos, na sua maioria por conta de assuntos

passionais: “Sinto que todos estão integrados e os conflitos são até mais entre eles mesmos – os baianos – do que com os nativos. Houve mortes aí e principalmente passionais” (CTVA / VIII-25).

Os discursos abordados aqui no rearranjo trazem saudosismo, relembram o passado, trazem tons tristes, mas apontam para a catarse. Cada entrevistado relembra aquilo que mais lhe diz respeito, ou que lhe toca no aspecto do sensível, de sua história ou das performances cotidianas: a japonesada e seu poder econômico, em Bananal; a escola, a pesca, os pescadores e o turismo evangélico, em Provetá; o presídio, associações, igreja católica, padres, festas, baianos, cultura, costumes e performances.

A fala de Jonas é excelente para pensar essa trajetória da crise e sua ampliação; por fim, perceber uma saída, um rearranjo, uma renovação. Depois de apontar problemas com o lixo na IG, problemas de desaparecimento da cultura caiçara, problemas de emprego, do turismo, de fanatismo religioso, de disputas políticas, ele conclui em tom catártico:

> A Ilha Grande é um dos melhores lugares do mundo ainda. Não existe outra ilha no mundo intacta como aqui. Aqui ainda é bastante bom. A Ilha Grande tem uma energia que segura as pessoas. Significa tudo para mim. Aqui eu tenho sempre uma atividade. Em relação a qualidade de vida é dez. Aqui tem encanto (CTVA / VIII-26).

Ou seja, apesar dos problemas advindos da contemporaneidade, a Ilha Grande vem se reorganizando e ainda é vista e retratada como um paraíso por seus moradores, sejam eles Comunidade da Terra ou Nova Comunidade. Muitas vezes, o rearranjo acontece nas memórias do passado, no saudosismo e nas lembranças de outros tempos.

4.5 METATEXTO 5 – CISÃO

Esta é a última análise dos discursos articulados desta tese, para a qual as entrevistas convergem e encontram-se para uma melhor construção de um quadro da Ilha Grande. A cisão foi o despertar para a retomada e a valorização da cultura caiçara. Da cisão, duas saídas são possíveis: ou uma nova ideia, ou retomar o que era antes, sob uma nova ótica. Portanto, ao que me parece, foi o despertar para o reconhecimento da cultura caiçara.

Para Robson, não há mais cultura caiçara, somente os descendentes:

> Aqui é uma das praias onde praticamente só tem pessoas que moravam aqui mesmo, os caiçara próprios, ou filhos de caiçara. Hoje está tudo modificado. Tem quem fala que é Caiçara, porque mora aqui, né? É filho de Caiçara, é descendente, tem descendência de caiçara, mas o Caiçara, aquele caiçara não existe mais (NCBA /II-1).

Por outro lado, Enrica entende que projetos como o PEA, em parceria com a Petrobras, aproximou a comunidade da cultura caiçara e, inclusive, a fez se reconhecer como tal:

> A gente acordou. Vamos dizer assim, a gente acordou. Como assim, gente! A gente é caiçara. A gente diz para todo mundo que a gente é caiçara. Gente, eu sou caiçara. Eu amo esse lugar. Eu amo aqui. Sabe! Essa aqui é minha terra, Eu amo. (CTBA / I-2).

O reconhecer-se como caiçara, a identidade, traz também junto o amor pelo local, pela terra, a ideia de pertencimento e de se manter em movimento, na ativa, em prol do que consideram importante para a comunidade local: “A gente é jovem, a gente ainda bate um pique, igual a gente falou, né? A gente se reúne, faz alguma coisa, se junta e tal. Tá sempre ativo aqui no bananal” (CTBA / IV-4). Essa esperança na fala, esse olhar para o futuro, revela a vontade de pessoas da Comunidade da Terra em resgatar a cultura caiçara e a identidade local, em reconstruírem uma comunidade mais unida e menos passiva e omissa a partir dessas reflexões e questões.

Mesmo que muitas pessoas não existam mais, mesmo que o local também já não exista (como é o caso do presídio), Helena diz: “muitos moradores já morreram. Tem poucas pessoas daquela época do presídio. São muito poucos. Muitos tiveram que sair por causa do trabalho, para estudar mais, ter uma profissão melhor e trabalhar também” (CTDR / III-1).

O Ecomuseu, apesar de suas contradições e do olhar desconfiado da Comunidade da Terra, é uma forma de resgatar a cultura local e preservar a história e a memória do presídio e de outras características que marcam a vida na Ilha Grande, dos caiçaras, da historicidade do prédio e das narrativas, e de se criar um turismo em cima desses fatos. Paulo afirma em seu discurso inflamado na ocasião da entrevista que:

> Somente a partir da criação do Ecomuseu é que você passa a ter um crescimento no turismo. Sua forma de organização foi um atrativo poderoso, que fez com que as pessoas quisessem, buscassem conhecer mais a Vila Dois Rios, a comunidade, sua

> história, além da praia em si. Conhecer o museu, conhecer as ruínas do museu, conhecer o Museu do Cárcere, foi um apelo significativo (NCDR/ IV-1).

Do ponto de vista dos entrevistados, Bananal e Dois Rios apresentam um certo diálogo e uma saída para os problemas; em Provetá, isso não é possível. A ideia de mudar, de abandonar o local e ir para outro local é possível para quem é da Nova Comunidade, mas não para quem é da terra, como o pastor Mário:

> Eu só quero ser pastor agora. Eu estou mudando minha história, embora eu tenha nascido no berço evangélico. Nos meus 18 anos, por conta de amigos, eu saí e depois voltei e casei. Eu fiz um propósito com Deus de terminar meus últimos dias doando minha vida à comunidade de Provetá (CTPR / V-1).

Simone não vê um futuro promissor. Há muito enfrentamento e muita dificuldade em estabelecer diálogo com a comunidade, então, a saída do conflito, a resolução para ela talvez seja partir para uma cisão definitiva e ir embora de vez de Provetá, mas não da Ilha: “Estou pensando em me mudar, talvez para Aventureiro. Já conheci algumas praias de viver e morar. Eu sei a diferença entre uma e outra. Morei em Araçatiba por três anos e conheci muitas comunidades” (NCPR / VI-1).

Ela persiste nessa convivência estranha com uma comunidade que não aceita o diferente, porém, tem lutado para construir uma escola mais aberta e que não se confronte o tempo todo com os argumentos religiosos, como acontece em Provetá: “Só que, em determinadas circunstâncias, a gente precisa entrar em combate. Não dá para sempre fazer a política de boa vizinhança. Mas eu quero acreditar que vamos conseguir uma escola diferente e uma comunidade mais aberta a mudanças” (NCPR - VI-2).

Complementando as ideias de preservação da memória e da história de Ilha Grande, Ramos aponta que o turismo tomou conta da região de maneira desordenada, e muitas pessoas se mudaram, foram embora, venderam seus terrenos. Há os prós e os contras do turismo na Ilha:

> Tem muita coisa boa porque gera emprego, faz o lugar crescer. Tem esse fluxo muito bom de pessoas vindo conhecer a Ilha Grande porque é um lugar bonito, é um lugar muito bom, mas é uma coisa assim que também como eu costumo dizer: antes do presídio nós tínhamos muito mais coisa do que hoje, com o turismo não temos mais nada porque, olha só, no tempo do presídio nós tínhamos, vou dizer assim coisas do nosso dia a dia: nós tínhamos cinema, nós

> tínhamos 2 clubes para fazer festas, nós tínhamos cassino, nós tínhamos 2 farmácias, nós tínhamos 3 açougues, tínhamos correio, tínhamos cartório, nós tínhamos até a nossa energia que era feita aqui, era por conta nossa. [...] Então aí o turismo cresceu e nós não temos mais nada disso. Nada disso existe mais, muito pelo contrário, só diminui. Hoje em dia nem correio a gente tem. [...] perdeu-se muita coisa (NCDR / VIII-3).

Com o início da profissionalização da atividade turística no país, outros atores (muitos estrangeiros) se mudaram para a Ilha em busca de trabalho e qualidade de vida. Com a ida dessa Nova Comunidade, o cotidiano dos ilhéus (caiçaras) sofreu muitas interferências culturais.

Essas comunidades passaram a conviver nesse território, e a experiência de convívio social tem influenciado as expressões culturais da Comunidade da Terra, reconfigurando e ressignificando o presente, levando muitas vezes até ao rompimento com tradições passadas. Nisso se apresenta o meu fascínio pelas categorias das performances, pois estão sempre em um movimento plural, o que induz a produzir estudos analíticos no viés das observações, analisando lados opostos. Por isso Singer, o criador do termo, define performance como uma análise de um acontecimento e seus participantes (Camargo et al., 2015, p. 29-30).

Pedro Ramuz (1998), em um estudo sobre o avanço do turismo em Ilha Grande, revela que, na década de 1980, houve uma dinamização da prática do turismo no país, com investimento em hotéis, pousadas etc.; mas na IG, especificamente, foi na década seguinte, com a desativação do presídio, que houve a afirmação do turismo (Ramuz, 1998, p. 114). Nesse momento, as leis de preservação ambiental brasileiras já se encontravam mais consolidadas, o que, por um lado, protegeu a Ilha da exploração e especulação imobiliária, tendo mais de dez parques e reservas de proteção (Ramuz, 1998, p. 116).

> Se o turismo é hoje a principal atividade econômica da Ilha Grande, cujo potencial turístico é altíssimo, por que não traz os eventuais benefícios, pelo menos financeiros, à sua população? [...] O problema do turismo em questão é o problema da falta de infraestrutura básica (saneamento, educação, saúde, comunicação...); que por sua vez é um problema do Estado, pois ao Estado cabe o desenvolvimento desta que, embora não seja necessariamente destinada aos turistas, mas à população da Ilha também, em muito contribui para o seu desenvolvimento (Ramuz, 1998, p. 118).

Jonas, representante do jornal *O Eco*, relata também problemas que aparecem com o turismo, como as drogas:

> [...] fiquei sabendo também o seguinte. Começou a entrar a droga nessa época. E aí entrou através da escola. Coisa louca isso, através da escola. Porque na escola, basta ter um professor pelo lado errado, depois estraga toda a parte da escola, entendeu? (NCVA / VIII-1).

Outras pessoas também comentaram, sem aprofundamento, sobre esse assunto em outras entrevistas e ocasiões, mas nenhum entrevistado deu mais detalhes a respeito.

Myrian dos Santos (2005, p. 385) coloca que:

> Embora as atividades mais lucrativas, hoje, sejam aquelas associadas ao turismo, nem sempre os moradores locais têm condições de competir em investimentos com os que chegam de fora. A defesa do meio ambiente coloca limites a práticas anteriores, desvalorizando-as e causando ressentimento entre os locais. A chegada maciça de jovens de classe média, com hábitos e valores diferentes, muitas vezes associando a natureza ao consumo de drogas e nudez, representa nova fonte de conflitos.

Para ele, sua contribuição para a comunidade foi o próprio jornal, que se mantém firme apesar de outros terem já desaparecido: “O jornal *O Eco* ainda vive como o pequeno jornal, os outros jornais morreram quase todos depois do advento da internet. Os pequenos jornais morreram. O Eco pretende encerrar suas atividades em breve” (NCVA/VIII-2).

Jonas conclui sua fala em tom de despedida, dizendo que deixou um legado, e que a população reconhece isso:

> [...] a minha melhor contribuição para a comunidade é o jornal onde todos podem participar. Eu tive que sair um pouco porque não podia ser a mesma pessoa à frente das coisas. Outros têm que entrar para substituir. Tem muita gente contra o Adriano da capoeira por exemplo e é por inveja. Eu estou com 84 anos, eu fiz muito. A população de forma geral eu sinto que me quer bem. Eu deixei um legado por meio do jornal. Preservar a natureza, respeitar a vida e garantir o espaço das gerações futuras. Esta frase do meu pai resume tudo o que fiz por aqui (NCVA / VIII-3).

A Ilha Grande está se ressignificando e, aos poucos, as comunidades estão aprendendo a [con]viver com as mudanças trazidas pelo fim do presídio e início do turismo. Em todas as falas há o tom do saudosismo, um tom melancólico relembrando o passado, os tempos do presídio, a memória de pessoas que faleceram, a perda da história local, das tradições, das festas, da falta de emprego, da exploração dos trabalhadores e das pousadas que

“tomam conta das praias”.

Em contraposição, um tom de aceitação quando se refere ao novo, aos conflitos e à necessidade do diálogo, de estabelecerem conversas e procurarem soluções para problemas, como: legislações ambientais, concorrência desleal na pesca (artesanal *versus* a comercial), dominação da igreja (do discurso religioso evangélico, por exemplo), convivência com baianos e outros, exploração do trabalho, finalização do jornal e as relações com a universidade.

Ramos é um dos personagem mais marcantes nas entrevistas. Seu tom é alegre e descontraído ao referir-se à Ilha como um paraíso, o que marca a vontade de manterem-se ali, de continuar na luta pela terra, pela preservação da cultura caiçara, da Mata Atlântica, dos ritos da igreja de São Sebastião, da história e da memória.

Nádia Santos (2013) faz uma análise da cidade de Quebec (Canadá), que também pode se aplicar à IG após os conflitos, acirramento deles e cisões que ocorreram em cada uma das comunidades analisadas:

> A paisagem urbana tem um sentido, portanto, de representação, de construção simbólica, onde os traços são visíveis não só na materialidade dos espaços como nas produções sensíveis, onde encontram suas expressões: poesias, cartões postais, itinerários culturais, rotas turísticas e seus significados, exposições em museus, nos patrimônios materiais e imateriais, nas fotografias dos turistas, nos traços grafados em pichações ou *grafittis*, nas obras de arte... (Santos, 2013, p. 14).

Nesse sentido, as paisagens de cada comunidade retratam parte da história, da memória local e as produções sensíveis de cada local, que juntas compõem um território maior que o da Ilha Grande, seja nas obras de Marilda, moradora de Dois Rios (a que marca o nome das pessoas para usarem o carro que leva moradores e pesquisadores de Abraão a Dois Rios, e vice versa, pela estrada que foi construída pelos presos), com as garrafas pet, seja nas pinturas e restaurações das igrejas, seja nos grafites dos muros (Figura 31).

Figura 31 – Grafites pela IG

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Essas pinturas, registradas nos muros da Vila do Abraão, trazem à tona a pescaria, o pescador, o caiçara, a fauna, as marcas do local e das pessoas que compõem essa praia. Ao analisar as artes grafitadas em Goiânia, Danila Mello e Vânia Oliveira (2024, p. 176-177) escrevem que:

> A prática de grafitar e pichar, presente nas ruas e nos espaços públicos, está ligada diretamente aos movimentos sociais, pois compreende contextos históricos-sociais que tratam de lutas das minorias e se reinventa, constantemente, como necessidade de compreensão e expressão, ressignificando cores, atualizando sua identidade e se fazendo cultura, sobretudo aos jovens.

Pensando a partir dessa fala das autoras, nos grafites da IG, é possível perceber a tentativa de ressaltar as associações de moradores, bem como a fauna e flora e, ainda, as pessoas que compõem a comunidade, sobretudo pescadores, que aparecem nos grafites também desenhados ao lado de redes de pescar, peixes e barcos. Também uma tentativa de expor aos turistas, por exemplo, o cotidiano, a coletividade das comunidades da IG, que se mostram no próprio fazer do grafite (Mello; Oliveira, 2024, p. 193).

Ramos, por sua vez, fala com saudosismo do presídio e comenta que, após sua demolição, o turismo ainda não conseguiu trazer o que a comunidade esperava na nova fase, quando afirma que o turismo deveria trazer muito mais coisas boas.

> Olha só, o turismo era para trazer muito mais coisas boas do que tem, mas acontece que quando o presídio acabou é o povo daqui ficou muito desgostoso e não se via sem o presídio, pois era o presídio que fazia muita coisa pela vila: manutenção, ajudava na escola, posto de saúde tudo era por conta deles né. O diretor do presídio que organizava todas essas coisas. Então muita gente ficou desgostosa e quem trabalhava no presídio tiveram realmente que ir embora para outros lugares, eles foram mandados. Aí foram vendendo, trocando o terreno e o turismo foi tomando conta sem uma direção, sem um norte né, foi crescendo assim e foi tomando um rumo meio desesperado. Tem muita coisa boa porque gera emprego, faz o lugar crescer (CTVA / VII-2).

Ramos lamenta que, com o fim do presídio, muitos foram embora em busca de sustento. A Nova Comunidade veio para o paraíso para trabalhar com o turismo, sendo que não se interessa pelos acontecimentos passados da Ilha.

> Então o que que acontece, foi muita gente embora como eu já disse e essas pessoas que vieram novas para Ilha Grande para trabalhar com o turismo, elas não se interessaram por nada disso e pelo contrário elas acham que falar de presídio, falar dessas coisas todas repele o turista. Muito pelo contrário, a história tem que ser contada por quem viveu, por quem conheceu, então não custava nada você aprender um pouco aqui, um pouco ali, como eu fiz quando era criança. Muita coisa que eu falo hoje, às vezes eu falo de coisas que aconteceram há 80 anos atrás como se eu estivesse lá eu não estava lá, mas eu escutei muito bem uma pessoa que estava lá e contou para mim todos os detalhes. Então as pessoas não aproveitaram nada disso, muito pelo contrário, quiseram criar coisas novas em cima da Ilha Grande. Nomes novos para poder achar que isso chama atenção. Então não se aproveita nada da Ilha Grande, do seu original, do seu histórico (CTVA / VII-4).

Para ilustrar a importância, descrevo aqui uma curiosidade interessante

sobre a Ilha Grande. Sabe-se que o nome da Ilha surgiu por intermédio dos índios Tamoios, que a chamavam de "Ipaum Guaçu" (que significa Ilha Grande). A Ilha era o local elegido pelos mareantes portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e holandeses para navegar. Assim, a Ilha Grande foi coadjuvante da história do Brasil desde a época da colonização: “hoje em dia, infelizmente, não se lida mais com a memória da Ilha Grande” (CTVA / VII-5).

Outro ponto de indignação é a fragmentação sofrida pelo grupo de fiéis da igreja de São Sebastião, devido a uma nova gestão religiosa que desrespeitou tradições e destruiu um altar. Segundo Ramos, isso trouxe violência e diversos outros problemas para a Ilha:

> Falando bem a verdade, para mim a igreja já acabou. Esse período assim, essa briga toda, essa guerra que eu fazia, isso acabou na hora que destruiu os altares da igreja, porque eu sou um estudioso católico. A minha vida inteira foi dedicada a estudar a minha religião. Eu só posso amar aquilo que eu conheço, então dentro da nossa religião, a partir do momento que se destruiu os altares da igreja, de uma igreja, você destroi ali de dentro daquele lugar a presença de Deus, porque Deus se encontra no altar, no sacrário lá dentro. Então se você destroi o altar, destroi o sacrário para nós católicos, Deus não se encontra ali, porque quando se vai construir uma sociedade, já dizia o grande frei Damião de Bozano, a primeira pedra que se ergue é o altar de Deus. E se você destroi o altar de Deus, você quebra toda a sociedade. Você põe uma sociedade toda em ruínas, exatamente o que aconteceu aqui no Abraão. A partir do momento que esse altar foi destruído, uma leva de coisas ruins assim aconteceram, coisas que a gente nunca imaginou aconteceu nesse lugar. A violência só aumentou, a descrença, a falta de respeito, a falta de amor só aumentou, porque o principal ponto de referência que era o altar, foi destruído por qualquer coisa (CTVA / VII-6).

Sobre a Nova Comunidade, Ramos diz não se incomodar, desde que eles respeitem e valorizem o local onde ganham a vida:

> Os baianos que vêm morar aqui não me incomodam - eu não tenho problema nenhum com quem vem de fora morar aqui. Eu tenho problema com quem é de fora, vem morar aqui e não tem amor por essa terra, não valoriza esse lugar. Muita gente vem pra cá, mora aqui, trabalha aqui, se faz aqui e não gosta daqui, fala mal daqui, cospe no prato que come (CTVA / VII / 8).

Embora tenha havido o rompimento e o afastamento do entrevistado com as atividades da igreja por conta das desavenças com o novo padre, Ramos não se vê apartado das festas: “Eu preciso fazer, é uma coisa que eu não me vejo sem fazer, por exemplo, vai chegar agora janeiro, Festa de São Sebastião, padroeiro da Vila do Abraão. Eu nasci e cresci vendo essa festa

acontecer"; "Eu consigo ficar sem fazer? não consigo! Eu vou ter que fazer alguma coisa" (CTVA / VII-8). Com a atividade do turismo, muitas festas tradicionais acabaram, como a Festa das Três Bocas. A Festa das Três Bocas possui esse nome pois acontecia tradicionalmente na esquina de três ruas, ou bocas de ruas da Ilha: Alice Cury, Presidente Vargas e a Rua do Campo.

> O turismo acabou com a festa das 3 bocas, porque eles se aproveitaram de uma festa que era totalmente de graça, feita pelo povo daqui para poder ganhar dinheiro, vender pacote e o turista vinha. A culpa não é do turista, o turista é um cego no tiroteio, mas quem é o dono, quem faz o negócio acontecer, vendia o que era de graça e o turista, coitado, ia lá pegar comida de graça, inocente e acabou a festa. Era tudo dado de graça, era tudo doado, tudo dado assim a balde. Comida que se fazia para 10 dias de festa. Eu lembro das primeiras festas das 3 bocas e era uma coisa assim de outro mundo, era uma panela de quentão imensa, uma panela de cachorro-quente enorme, canjica, e não era panela pequena, era panela grande e eram panelas que foram até usadas no presídio, que ficaram assim pra trás e as pessoas distribuíram, deram aos presos que trabalhavam bem né, que era chamado presos de boa conduta (NCVA / VII-9).

Sobre Dois Rios, Ramos critica o abandono e a falta de cuidado da UERJ, e o fato de a instituição tentar expulsar as pessoas que permaneceram após o fim do presídio:

> Quem viu aquela colônia a gente chama de colônia né, quem viu aquela colônia e vê hoje, pelo amor de Deus aquilo é um filme de terror! Um lugar daquele que era lindo, era incrível aquele lugar, parecia um lugar de cenário de filme de tão bonito que aquilo era. Vai lá hoje! Eu mesmo fui com um amigo meu que foi policial no presídio lá, fazia não sei quantos anos que ele não ia, mais de 20 e poucos anos, quase 30 anos quando ele deixou de trabalhar ele voltou lá comigo, ele chorou. Falou: eu não estou no lugar onde eu trabalhei, isso aqui não é Dois Rios, isso aqui é outro lugar. Porque está acabado, o lugar está acabado. Como é que você fala que você pega para cuidar assim desse jeito? Isso aí qualquer um faz (CTVA / VII-12); Ficam tentando expulsar o povo de lá de Dois Rios. Agora eu digo: pra quê? O que se ganha com isso? (CTVA / VII-13).

Cada comunidade, ou melhor, praia, possui suas desarmonias, divergências, rupturas na medida dos acontecimentos e performances cotidianas de seus atores, sejam eles Comunidade da Terra ou Nova Comunidade.

4.6 METATEXTO INTEGRALIZADOR

O processo de realização desta pesquisa envolveu muitos aspectos, desde a decisão por ingressar no doutorado em Performances Culturais, uma

área totalmente nova para mim, até a definição do projeto, do escopo das perguntas e da realização das entrevistas.

Nesta parte da seção, elucido como as entrevistas foram realizadas e o processo de análise e escrita seguindo a metodologia ATD. Faço uma síntese dos demais metatextos, mostrando como as categorias do discurso estão integradas em um único local, que é a Ilha Grande. Esta, apesar de estar dividida em várias comunidades/vilas, todas estão integradas, interligadas e pensam no bem comum que seria a implementação da atividade turística, por exemplo.

As entrevistas foram realizadas entre 2020 e 2021, durante o período da pandemia. Em Provetá, conforme já exposto anteriormente, houve dificuldade de acesso às pessoas, que se mostraram muito resistentes à primeira abordagem. Somente após entrevistar o pastor que consegui acessar outras pessoas da comunidade. Foi necessário repensar meu vestuário para me inserir na comunidade. Em Provetá e Bananal houve dificuldade no acesso físico às comunidades, as embarcações são pequenas e inseguras. Em Dois Rios foi necessária a autorização da UERJ para acessar tanto o local quanto as pessoas. Em Bananal e Provetá foram realizadas em 2020, e nas demais, no ano seguinte. Vila do Abraão foi a comunidade mais acessível para a realização das entrevistas.

A organização desta seção foi pensada a partir da teoria de Turner, no que diz respeito ao *Drama Social*. Dessa forma, organizei em cinco metatextos que reúnem a crise, ampliação da crise (intensificação da crise), regeneração, rearranjo (uma ação reparadora) e cisão, um desfecho que pode levar ou à harmonia, ou à ruptura.

Pensando nisso, trouxe trechos das entrevistas que dialogassem com esses aspectos da teoria turniana. Victor Turner cunhou o termo *Drama Social*: “[...] o conceito de Turner é definido não por sua estrutura ou marca, nem por sua dinâmica física particular, mas por sua estrutura organizacional” (Camargo et al., 2015, p. 29-30).

Turner aponta em suas pesquisas que há uma crise tanto individual quanto grupal, dependendo da relação do sujeito com a comunidade, mas o que é imperativo é que o “drama social sempre revela uma crise” (Silva, 2009, p. 7), e que para resolvê- la é necessária uma autorreflexão, que gera uma

mudança, podendo ser a acomodação (regeneração) ou quebra (cisão) (Silva, 2009, p. 7). Essas mudanças se projetam no próprio indivíduo e na comunidade.

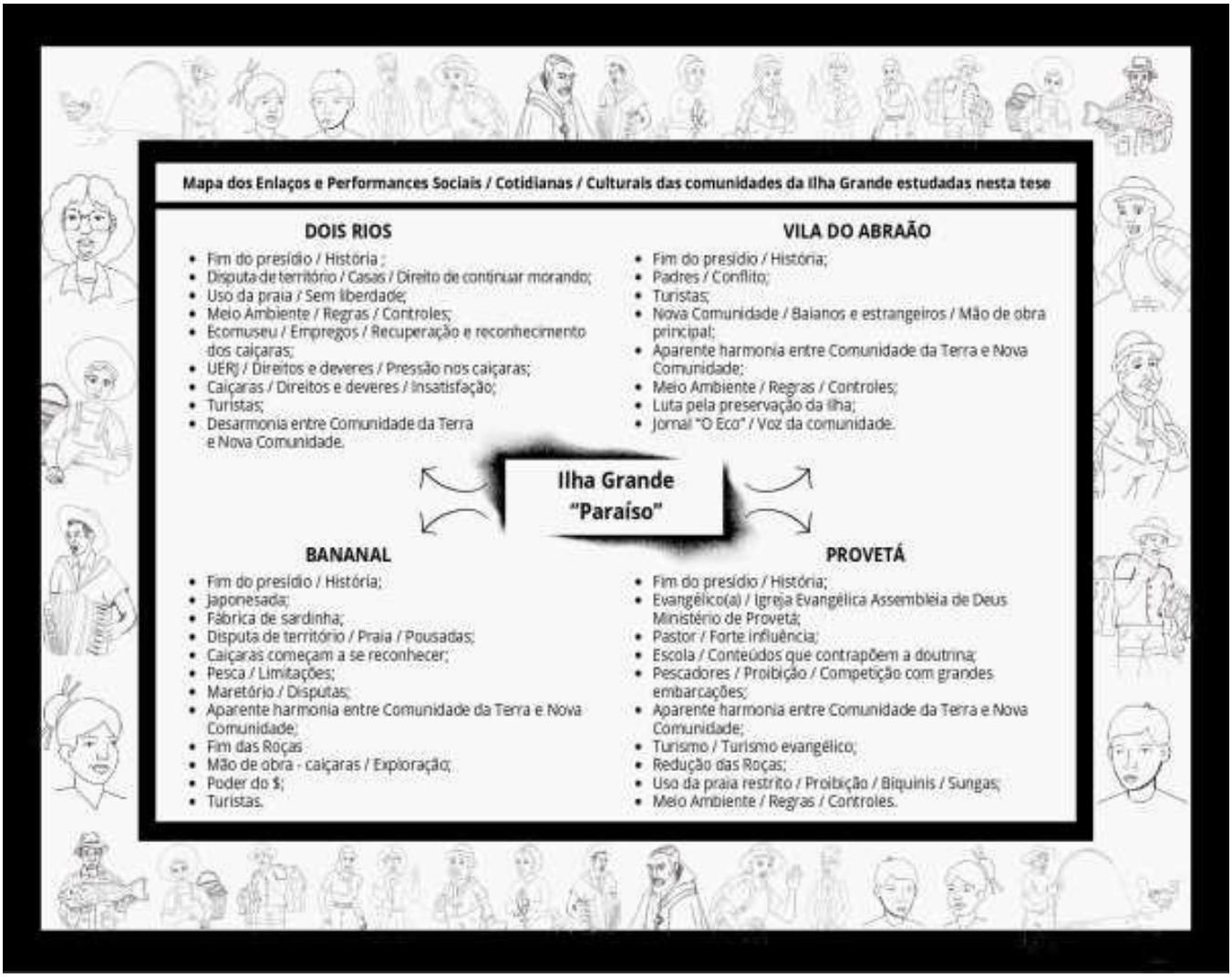
Ao analisar as comunidades da Ilha Grande, pude constatar que as mudanças, como a implosão do presídio e a proibição da pesca, afetaram no individual, econômica e psicologicamente, e no coletivo:

> O drama é o desenvolvimento natural de um sistema social: pode ser index ou veículo de mudança. Será através dele que haverá o movimento dinâmico da estrutura no tempo e no espaço. Neste percurso, pode haver um realinhamento de relações nos pontos mais críticos do sistema, mas, por outro lado, pode acontecer a manipulação dos conflitos para a vantagem de interesses de alguns (Silva, 2009, p. 8).

O movimento proposto por Turner no *Drama Social* é hermenêutico e sempre pressupõe uma mudança, seja ela para positivo ou negativo, por isso, a escolha pela separação dos metatextos Rearranjo e Cisão. Na IG, a necessidade da convivência acaba levando a um efeito congregador entre as comunidades.

A fim de melhor explicitar os caminhos percorridos na tese, as análises que foram feitas a partir das entrevistas, destaco o quadro abaixo (Figura 32) contendo os principais temas-chave que surgiram ao longo das entrevistas.

Figura 32 – Temas-chave que surgiram no discurso dos entrevistados



Fonte: Lucas Oliveira; Reginaldo Soares de Azevedo, 2024[52]. Legenda: trata-se de uma síntese do que foi pesquisado para a tese sobre a Ilha Grande e suas comunidades.

Neste quadro é onde aparecem os conflitos, as comparações desses conflitos, que foram retratados nas falas dos entrevistados. Para a comunidade, um tipo de conflito ou de embate, seja em torno da pesca, seja uma disputa de um discurso religioso evangélico (como em Provetá), seja pela implosão do presídio, o que afetou de certa maneira cada um das comunidades estudadas.

O objetivo é retratar os fenômenos que se destacaram nas entrevistas realizadas, as organizações sociais, as consequências/efeitos causados. Esta é uma ferramenta visual que permite compreender sinteticamente o que foi

[52] O Lucas Oliveira foi contratado como designer para realizar o layout do mapa, e Reginaldo de Azevedo é o responsável pelos desenhos na moldura.

discutido nesta seção da tese, as estruturas de cada comunidade, os processos. A margem do mapa está ilustrada com desenhos, feitos por Reginaldo de Azevedo, das personagens que compõem os discursos aqui trazidos sobre a IG.

A demolição do presídio e o fechamento das fábricas de sardinha afetaram todas as comunidades, o que gerou a crise e, consequentemente, sua ampliação. A criação do Ecomuseu possibilita a regeneração ou o rearranjo. As atividades ali desenvolvidas proporcionaram inclusive o entendimento do [descendente do] caiçara como pertencente ao local, contribuíram para a construção da memória e da ideia de pertencimento. Já a escola, em Provetá, atua ao mesmo tempo como ambiente gerador da crise, por ser onde a população convive (CT e NC), mas também da convivência e possivelmente do rearranjo. Por fim, o investimento no turismo pode ser uma possibilidade de cisão com o passado, marcado pelo presídio; e o rearranjo, pois aponta para um futuro diferente, com uma economia embasada na atividade turística. Até mesmo Provetá vê o turismo (evangélico) como uma possibilidade.

O fato de o presídio ter finalizado alterou a vida de todas essas pessoas, que antes eram sustentadas por ele. Essa dinâmica da vida precisou mudar. Essas comunidades da IG foram afetadas pelo fim do presídio e algumas pessoas ainda se encontram na fase de “lamento” do seu fechamento. Esse discurso é repetido até mesmo por quem não viveu essa época, como, por exemplo, Jonas (o dono do jornal). Até para ele, uma pessoa que mudou para a IG após a história do presídio, tem em seu discurso o saudosismo de que “no tempo do presídio que era bom”. Essas falas que relembram o presídio trazem um saudosimo não do prédio em si, ou da situação estar preso, mas sim dos empregos gerados pelo sistema carcerário.

O presídio ficou na IG durante cem anos, e sua influência foi latente na vida das pessoas que ali viviam. As mudanças afetaram a posição social dessas comunidades, e isso foi doloroso, ainda é. Vila do Abraão foi engolida pela modernidade pelo contato com pessoas de fora, mas as outras comunidades ainda se ressentem de uma época em que o presídio era visto como mantenedor.

O fechamento do presídio alterou profundamente o cotidiano dessas

pessoas, gerou uma ruptura muito grande e uma necessidade de ajustes que nem sempre foram bem-recebidos. Os caiçaras tiveram que se adaptar a uma nova forma de trabalho.

Em Vila do Abraão, até gostam de que os “estrangeiros” (baianos, argentinos) estejam ali para atuar no turismo. Mas tiveram que se adaptar a esse novo mundo contemporâneo, que antes era sustentado pelo presídio. Apesar de isso ter acontecido há muito tempo (década de 1990), houve uma permanência das famílias que estavam acostumadas com o presídio. Cada uma dessas comunidades precisou encontrar seu próprio caminho nas mudanças exigidas no dia a dia. Os efeitos dos fenômenos na IG são coletivos, conforme desenhado no mapa conceitual (Figura 32), porque interferiu em todas as suas comunidades.

Foram várias fases de pesquisa para chegar ao fim da elaboração destes metatextos, desde as disciplinas, as leituras, a definição do projeto e as necessidades de ajustes até a realização das entrevistas. Em todos esses momentos, mantive minhas visitas técnicas à IG (Figura 33), antes como turismóloga e agora como pesquisadora das Performances Culturais. Em minha última visita, foi possível coletar mais informações e dados iconográficos para compor a tese.

Atualmente, na IG estão em exposição, na Casa de Cultura em Abraão, arquivos sobre a história local.

> A exposição traz objetos pessoais, retratos e depoimentos sobre a vida do mestre Constantino e a história da embarcação Tenente Loretti, como forma de homenageá-lo por sua generosidade e espírito de perseverança e paixão, que continuam a inspirar e a ressoar nos corações daqueles que o conheceram (Angra dos Reis, 2024)[53].

Na própria cidade, as vilas são reveladoras da história, da cultura, das misturas existentes nesta Ilha, como, por exemplo, por meio dos grafites (Figura 31) ou, ainda, nas redes sociais (Figuras 34 e 35).

[53] Para saber mais: https://www.angra.rj.gov.br/noticia.asp?vid_noticia=68968&indexsigla=imp. Acesso em: 30 out. 2024.

Figura 33 – Visitas técnicas à IG

Fonte: A autora.

Figura 34 – Postagem sobre Provetá

Fonte: Reprodução da internet.

Figura 35- Postagem do portal em Vila do Abraão

Fonte: Reprodução da internet.

A Figura 34 é um portal com os dizeres “amei Provetá”; ao fundo há o mar e as embarcações na areia. Como afirmam Henri-Pierre Jeudy e Paola Jacques (2006), a cultura é a maneira das cidades de promoverem uma imagem, uma marca. O portal com os dizeres, nesse sentido, está articulado à mesma propaganda feita por vários outros pontos turísticos do Brasil, com letreiros grandes com o nome da cidade ou do local, para que turistas possam fotografar e postar em redes sociais. Em uma similar, há também o portal em Vila do Abraão (Figura 35), que também imita uma cabana e com algumas placas indicativas, visando atrair turistas.

> As arquiteturas monumentais, as obras de arte nas ruas, os festivais, as festas esporádicas, os próprios equipamentos culturais, tudo concorre para colocar a cidade numa perspectiva de animação cultural que parece lhe conceder o certificado de garantia de ser uma “verdadeira” cidade (JEUDY; JACQUES, 2006, p. 8).

A imagem é uma tentativa de divulgação e promoção da própria comunidade de Provetá e do turismo local, conforme já colocado nas falas dos entrevistados.

O processo de escrita desta tese foi uma longa jornada, até chegar ao fim; foi resultado de anos de pesquisa, muitas viagens técnicas à Ilha Grande, entrevistas e leituras, para compreender o universo que é a IG, com suas comunidades, suas praias, cada grupo com costumes, hábitos e histórias diferentes que perpassam o cotidiano, as construções culturais, as festas e as religiosidades. Os entrevistados são tratados aqui como *performers*, pois suas atuações, suas entrevistas e suas falas são performáticas da vida e da história em cada uma dessas comunidades.

É a partir da subjetividade própria de autora e pesquisadora que escolhi a temática de pesquisa, realizei as entrevistas e, posteriormente, selecionei as que fariam parte da escrita da tese. Foi necessário fazer vários recortes para conseguir abordar o universo da IG, como, por exemplo: temporalidade, localidade (não foram todas as comunidades/praias que compuseram o universo de pesquisa) e, dentro das comunidades escolhidas (as quatro), um/a entrevistado/a representando a Comunidade da Terra e um representando a Nova Comunidade.

Para se chegar a esta seção, primeiro foi necessário definir a pesquisa,

realizar as entrevistas e, depois do total de mais de 60 realizadas, escolher apenas oito para comporem as análises. Em um primeiro momento, haviam sido selecionadas dez entrevistas, porém, por uma questão de estrutura metodológica, optei por selecionar duas de cada comunidade, uma representando a Nova Comunidade e outra representando os da Terra.

Após a transcrição das entrevistas, seguindo a metodologia ATD, separei os discursos (decupagem) e os coloquei em uma tabela, na qual foi possível analisar as aproximações e distanciamentos nas falas. Posteriormente, fiz a categorização por meio do *Drama Social* de Turner, seguindo as categorias já apresentadas.

Na Vila de Dois Rios, por exemplo, o fenômeno que levou à crise foi o fechamento do presídio, que se aprofundou quando a vila ficou por mais de três anos sem administração, por exemplo. Em seguida, a UERJ assumiu a responsabilidade pela vila, e o Ecomuseu foi fundado como um divisor de águas entre antes do fechamento do presídio e depois da implosão. É por meio da relação educativa com a comunidade que os laços foram restabelecidos.

As entrevistas revelam como as comunidades queriam o presídio ainda funcionando, daí o “saudosimo” em relação ao período em que ele funcionava; e, diante da promessa do governo de ter um museu que preservasse a memória local, o Ecomuseu foi criado.

Há uma tentativa de se manter uma sinergia com a comunidade, porém, as falas revelam também o ranço e o ressentimento já estabelecidos quando houve a implosão e o museu não foi construído tão logo.

Atualmente, o turismo acontece de maneira mais recorrente devido ao museu, que passa a compor a atratividade de Dois Rios. Os entrevistados também apontam uma disputa quanto ao fato de as casas não pertencerem documental e juridicamente à comunidade. A teoria turniana, por meio das fases do *Drama Social*: crise, ampliação da crise, regeneração, rearranjo ou cisão, dá conta de compreender os conflitos sociais que ocorrem de forma cíclica. Desse modo, *performers* vivem disputas de território, demonstram suas expectativas e reivindicam o que acreditam ser seus direitos.

Nas outras comunidades, além da implosão do presídio, há também a disputa pela posse da terra e pela economia (em Bananal), pelo discurso religioso (em Provetá) e pelo pertencimento (em Vila do Abraão).

Por fim, gostaria de encerrar com uma nuvem de palavras (Figura 36) elaborada a partir dos discursos aqui presentes ou que perpassam outros trechos da tese, feita em formato do mapa da Ilha Grande. É um quadro que diz muito sobre as conversas entre mim, como pesquisadora, e os entrevistados. A nuvem de palavras é um método de visualização a partir da frequência e do valor das palavras observadas nas narrativas (Helic et al., 2011), ou seja, as que mais foram exaltadas nas entrevistas estão presentes no mapa da IG a seguir.

Figura 36 – Nuvem de palavras

Fonte: Elaborado pela autora.

Por vezes, parece que cada comunidade em si é uma ilha. São quatro ilhas dentro da própria IG. A grande mudança ocorrida na IG foi o fechamento do presídio, e tal ação incidiu em todas as comunidades. Hoje, o que pode ser visto como um ponto conciliador, congregador entre todas as comunidades, é o desejo de preservarem o local que eles chamam de paraíso. Independentemente da comunidade, independentemente de serem caiçaras (da Terra) ou Nova Comunidade, todos querem se manter ali, a despeito das

crises, dos conflitos. Querem permanecer no local, mesmo que isso signifique se adaptar à dinâmica de uma nova vida e tudo que ela representa: o turismo, os “estrangeiros”, as leis ambientais, as regras, a UERJ, os japoneses.

Em Vila do Abraão, por exemplo, todos os dias são dias de trabalho, todos os dias têm turistas. Se tem sol, tem turismo, têm passeios, tem trabalho. É uma rotina pesada, que se contrapõe à tranquilidade que gostariam que retornasse. Todos os discursos respiram o passado. Esse grande fenômeno, que foi o fechamento do presídio, interferiu no cotidiano das pessoas.

Hoje, essa ressignificação se apresentou inclusive na própria comunidade, trazendo portais, por exemplo, para interagir com turistas (Figuras 34 e 35), como em Provetá e Abraão. Para Flávio Brito (2001, p. 49), o tempo caiçara estava relacionado à compreensão do universo (natureza), o que conduzia o dia a dia, as atividades cotidianas e tradicionais. Hoje há um domínio do tempo mercantil, o que transformou a vida e o trabalho.

De certa forma, essas pessoas estão presas no paraíso. Para turistas, ali é sim um paraíso, mas para esses trabalhadores não há folga. Apesar disso, todos, em algum momento da entrevista, afirmam que vivem no paraíso, um local sem violência. Esse é um discurso comum. No fim das contas, todos querem viver no paraíso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrever cada uma dessas comunidades e as experiências ao longo dos anos de pesquisa é em si um ato de performance, uma vez que também participo dessas histórias, vivo e revivo esses relatos contados por meu avô, meu trabalho como turismóloga, até o desenvolvimento da pesquisa doutoral. Flanar por essas regiões, conhecer os detalhes de cada uma dessas comunidades: as pessoas, suas características próprias e identitárias, bem como as características que as unem em torno da Ilha. Ser recebida, participar em diversas ocasiões do cotidiano e posteriormente retornar como pesquisadora com o viés das Performances Culturais, e não somente do turismo, foi uma experiência que extrapolou o próprio doutorado. Tecer amizades, construir pontes e depois realizar entrevistas propiciaram o desenvolvimento desta pesquisa.

Conheci a IG pessoalmente em 2006 e, a partir daí, comecei a nutrir o desejo de levar estudantes para fazer trabalhos pedagógicos intitulados “projeto integrador” (projeto de investigação interdisciplinar com o objetivo de estudar os equipamentos turísticos, funcionamento e dificuldades enfrentadas). Em 2010 iniciei as viagens e em 2018 as encerrei. Foram diversas turmas de algumas das Faculdades nas quais tive a oportunidade de trabalhar, como: Faculdade de Tecnologia Senac Goiás (Curso de Gestão de Turismo), Faculdade Lions (Cursos de Bacharelado em Turismo e Hotelaria), IFG – Instituto Federal de Goiás (Cursos de Planejamento Turístico, Gestão de Turismo e Hotelaria) e UniCambury (Cursos de Eventos e Gastronomia). Esses trabalhos me incentivaram a conhecer mais sobre os conflitos percebidos à medida que visitávamos os locais e conhecíamos seus trabalhadores e gestores.

Esta tese foi resultado de uma longa pesquisa desenvolvida desde 2019 e vinculada à minha área de trabalho e atuação profissional – o turismo. Foi pensando nas performances do cotidiano das Comunidades da Terra e Nova Comunidade da Ilha Grande que procurei aprofundar minhas observações e impressões, usando entrevistas como fontes principais dessa investigação. Os depoimentos coletados dos habitantes da Ilha Grande foram analisados por meio da metodologia Análise Textual Discursiva (ATD), com o

objetivo de entender os conflitos e fenômenos provocados pelo fim do presídio e início do turismo na Ilha Grande, à luz das teorias de Victor Turner, precisamente o *Drama Social*.

Procurei demonstrar como o cotidiano da Nova Comunidade e da Comunidade da Terra estão entrelaçados, construídos e reconstruídos ao longo da história, marcada por eventos distintos, como o funcionamento do presídio por cem anos, sua implosão e finalização; pesca da sardinha, principal espécie explorada na baía da Ilha Grande; fábricas de sardinha do seu auge à decadência; tragédia natural; religião; disputas de território/maretório; e turismo.

As comunidades, principalmente os caiçaras, têm presenciado mudanças de acordo com as fases e os momentos históricos da IG, que se tornam espaço simbólico de construção de identidade que essa comunidade pesqueira e tradicional tem vivenciado após sua povoação (ritos de separação, margem e segregação).

De acordo com os registros históricos desde 1937, os ciclos, estágios da vida e situações sociais dessas comunidades apresentam importância histórica, coincidindo com a colonização do Brasil. Há registros de que habitavam na Ilha povos indígenas Tamoios, que a chamavam *Iapum Guaçu*, do tupi guarani, Ilha Grande.

Muitas fases marcam a história da Ilha, que, apesar de ser um território relativamente pequeno se comparado com o continente, inclui muitas mudanças, como a colonização dos portugueses, as lavouras de cana e café, o Lazareto (hospital de quarentena), os presídios, a indústria de pesca da sardinha e o turismo.

De acordo com o Centro de Estudos Ambientais e Desenvolvimento Sustentável (CEADS), a Ilha Grande é a terceira maior ilha brasileira e a maior do Estado do Rio de Janeiro, com 193 km^2 de área, tendo 13 km em sua maior largura e 36 km no maior comprimento. Possui numerosos cabos e enseadas e mais de cem praias distribuídas em seus 155 km de contorno. Está inserida no bioma Mata Atlântica e apresenta um diversificado conjunto de habitats associados. Predomina a Floresta Ombrófila Densa (montana e submontana) e, em menor proporção, ocorrem as áreas de formação pioneira de influência marinha (restinga), flúvio-marinha (mata alagadiça e manguezal) e os

afloramentos rochosos[54].

Essa multiplicidade de ambientes, determinada por variáveis geológicas, climáticas e hidrográficas, confere considerável diversidade biológica à Ilha, com inúmeras espécies endêmicas da flora e da fauna, algumas das quais ameaçadas de extinção em outras regiões do Estado.

De acordo com Cynthia Caroline Cavalcante (pesquisadora) e Thereza Cristina de Almeida Rosso (coordenadora), do MuMA-Ecomuseu Ilha Grande-UERJ, no conjunto patrimonial da Ilha, destaca-se uma qualidade muito singular dessa região, muitas vezes negligenciada, vilipendiada pelo poder público, pelos turistas e principalmente pela Nova Comunidade, que desconhece a cultura local – caiçara (Cavalcante; Rosso, 2018).

A comunidade caiçara tem modo de vida particular que mescla a pesca artesanal, a agricultura familiar, o artesanato e um conhecimento profundo sobre o ambiente onde vive. A Ilha Grande passou por transformações de grande impacto no que se refere ao registro da forma de viver do caiçara: suas memórias familiares, valores, forma de trabalho e seus ritos e tradições.

Portanto, na tese, propus pesquisas do cotidiano da sociedade que habita a Ilha Grande, retratando a convivência entre nativos e a Nova Comunidade, sendo que as quatro comunidades escolhidas para este estudo foram: Bananal, Dois Rios, Provetá e Abraão.

A observação das comunidades, em seu dia a dia, mostrou as dificuldades que essas quatro praias (bairros) enfrentam ao compartilharem um mesmo território: turistas e comunidades, cada qual com seus objetivos e conflitos diários. A comunidade trabalha de sol a sol, independentemente do dia da semana, enquanto o turista exerce seu direito à prática do lazer e ao uso do seu tempo livre em que todos os dias na Ilha parece um sábado de sol. Essa rotina me encantou, intrigou e provocou ao mesmo tempo. Foi o que me fez querer pesquisar mais e mais sobre os aspectos dessas comunidades que, a princípio, seriam 18. No entanto, por uma questão de viabilidade e sugestão da minha orientadora, optei por retratar somente quatro dessas comunidades, pensando na possibilidade de realização da pesquisa.

Analisei as relações territoriais estabelecidas de forma analítica por

[54] Para mais informações sobre a fauna e flora, consultar: Bastos; Callado, 2009.

meio das performances do cotidiano, conflitos de interesse, participação e discursos da Comunidade da Terra e Nova Comunidade na ressignificação dos territórios sociais e identidades culturais a partir do fim do presídio (1994) e início da profissionalização do turismo, a relação entre a comunidade caiçara e novos integrantes. Para Milton Singer (apud Camargo, 2013b), a performance é como uma análise de um acontecimento e seus participantes. É nessa perspectiva que analiso as performances cotidianas, e me utilizo das categorias das performances, que estão sempre em um movimento plural e nos induzem a produzir estudos comparativos no viés das observações analisando lados opostos.

Em visita técnica à Ilha em julho de 2023, percebi o quanto ainda tem a ser pesquisado. O próprio censo está desatualizado, o que impacta diretamente as atividades turísticas e, por consequência, econômicas do local.

Para turistas que preferem visitar locais históricos e museus, o Centro Cultural Constantino Cokotós conta a história da Ilha, com resgates imagéticos da embarcação que, por exemplo, fazia o transporte dos presos; da antiga fábrica de sardinhas; e de pessoas ilustres que passaram pela Ilha, como o preso político Luiz Carlos Prestes, o dramaturgo Nelson Rodrigues e Madame Satã (transformista e capoeirista). É possível também visitar o Parque Estadual, com informativos sobre a Ilha e sobre o bioma. Outros pontos históricos importantes para a visitação são o aqueduto (construído em 1893 a pedido de D. Pedro II, levava água do córrego do Abraão para o antigo posto que recebia imigrantes europeus no fim do século XIX) e o Museu do Cárcere – o Ecomuseu, em Dois Rios (registro do sistema penitenciário da Ilha Grande, comandado pela UERJ). Há divulgações de atividades turísticas a serem realizadas em forma de propaganda turística: passeios de barco, windsurf, canoagem, escalada, surf, caminhadas e trilhas, passeios de bicicleta e praia.

Atualmente há novos *banners* procurando fazer uma propaganda turística da Ilha, trazendo informações sobre a história, desde a colonização da região até os dias atuais, destacando o plantio de café, o período da escravidão, o presídio, a fábrica de sardinha, a atividade pesqueira (comercial e de subsistência). Há também divulgação do Parque Estadual da Ilha Grande (com 12 mil hectares) e do CEADS, com as praias que existem, bem como a quantidade de habitantes (dados desatualizados), sendo a Vila do Abraão a

maior, seguida por Provetá e Araçatiba.

O investimento nessas novas exposições, com *banners* e com resgates históricos, demonstra uma procura por ampliação das atividades turísticas na Ilha. Contudo, percebi também nas entrevistas uma tentativa de se manterem a essência e a emoção de prédios que representam a história da Ilha Grande, como o presídio, ou do que ele significou na memória e no dia a dia dessas comunidades: ele era o provedor e mantenedor para elas. Havia ali uma sensação de protecionismo e uma política paternalista forte que hoje não existe mais após a implosão de parte do prédio. Junto com as ruínas do presídio, as fábricas de sardinha, as pousadas, todas essas construções ressaltam a história local.

A Ilha Grande é um emaranhado de pessoas e culturas, gente da terra, caiçara, gente de fora e que hoje se considera de lá, pescadores, artesãos de garrafa pet, associação de moradores, locais coloridos, recém-pintados e locais abandonados, descascados. São heranças do presídio, que hoje são museus que guardam essa história da Ilha e do Brasil.

Cada viagem (Figura 37) à IG como turismóloga trouxe mais informações, mais conhecimento. Fiz contato com pessoas das mais diversas origens e profissões, pude dialogar com elas sobre suas concepções do espaço, do turismo, da história local e a própria história desses/as indivíduos, que, em algum momento, passaram a viver na Ilha (ou nasceram lá). Por isso, acredito que a presente tese permitiu mergulhar no universo da Ilha Grande sob outros olhares, sob a ótica das Performances Culturais. Frequento a Ilha desde 2006, e muitas das mudanças descritas nas seções anteriores vivenciei com as comunidades. Minhas escolhas pelas entrevistas, em sua grande maioria, foram por pessoas que não eram óbvias, e sim que eram comuns, pessoas do dia a dia.

Em suma, nas entrevistas aparecem os conflitos das comunidades, o que envolve um grande fenômeno – a demolição do presídio e as decorrências disso. Ele foi, segundo as falas dos próprios entrevistados, a era de ouro, e o fim desse período configurou o sofrimento em uma reorganização da vida, do ritmo de trabalho.

Hoje, muitos se reconhecem como caiçaras e refletem sobre a ancestralidade e o significado da representatividade, da identidade caiçara,

de retomada de povos originários; inclusive, é uma temática que está atrelada a discussões atuais realizadas no nosso país, como o G-20 social, realizado no Rio em 2024.

Elaborar este documento foi um longo processo, porque me aventurei por uma área diferente da qual tenho formação – que são as Performances Culturais –, e com a pretensão inicial de abarcar todas as comunidades da Ilha. E como já dito, foi feito o recorte de somente quatro praias para comporem a seção 4. Dentre estas, apenas duas falas de cada comunidade (Terra e Nova Comunidade) foram usadas: uma representando a Comunidade da Terra e outra a Nova Comunidade. Por uma questão do que era possível ser realizado ou desenvolvido, usei a metodologia Análise Textual Discursiva, que visa compreender discursos e fenômenos.

Figura 37 – Montagem de fotografias da última viagem de campo

Fonte: A autora. Legenda: registros feitos em julho de 2024.

O recorte se deu também temporalmente, quando o presídio foi implodido e deu-se início ao turismo formal na Ilha Grande, em 1994, o que levou as comunidades a se reinventarem e se adaptarem às novas formas de vivência com o local, principalmente voltado para o turismo.

Foi também durante o andamento da pesquisa que tive acesso à metodologia de pesquisa criada por Roque Moraes e minha coorientadora Maria do Carmo Galiazzi, a ATD. Nisso, percebi a possibilidade de amarrar esse caminho com as categorias do *Drama Social*, do teórico Victor Turner. Nessa metodologia, aponto os acontecimentos/performances da IG que se destacaram nas entrevistas com esses *performers* ao longo da pesquisa e da história da própria Ilha: o funcionamento do presídio, as fábricas de sardinha, a influência da religião, a chegada de novos entrantes e a ruptura com esse estilo de vida, que abriu espaço para o aprofundamento do turismo, algo ainda em construção.

As entrevistas foram analisadas com o intuito de se revelar o fenômeno por meio da metodologia de Análise Textual Discursiva, proposta por Galiazzi:

> Entende-se que o processo da Análise Textual Discursiva não está inteiramente sob o controle do pesquisador. É auto-organizado. mesmo sem conhecer o ponto de chegada, entretanto, é um modo de intervir na realidade, assumindo-se o pesquisador como sujeito histórico, capaz de participar na reconstrução de discursos existentes (Moraes, Galiazzi, 2020, p. 159).

Já o *Drama Social* foi minha primeira escolha teórica após as disciplinas cursadas no programa de Performances Culturais da UFG e as leituras sobre Victor Turner. Com o aval da orientadora, optei por seguir com o conceito e fases do *Drama Social* por dialogar melhor com a tese e sentir mais proximidade com o tema escolhido. Para a autora Andreia Silva (2009, p. 9),

> [...] o drama tem quatro fases recorrentes: quebra, crise, mecanismo regressivo e resolução da crise. Sua forma é processual, ou seja, cada fase sucede a anterior. Nesse movimento, só existem duas possibilidades finais para o conflito, a reintegração ou o cisma. [...] Seu efeito é sempre uma mudança.

No verbete elaborado por Laís Borges (2019, p. 2), *Drama Social* na perspectiva turniana é explicado como “tensões entre princípios contraditórios da vida social”. Essas contradições foram apontadas nas entrevistas.

A pesquisa se estendeu desde 2019 até o presente momento, passando por um obstáculo, que foi a pandemia pela Covid-19, em um período que dificultou a realização das entrevistas, por exemplo. As leituras realizadas nas disciplinas do curso de Doutorado em Performances Culturais contribuíram para compreender as mudanças ocorridas na IG sob o olhar dos sabatinados, realizar as visitas técnicas e participar do cotidiano das pessoas. O que permitiu também imergir em suas performances e trazer os conflitos, as crises vividas (crise e ampliação da crise), experienciadas e vivificadas (regeneração), bem como as saídas encontradas (a cisão ou o rearranjo).

Nas comunidades estudadas, encontrei conflitos diferentes, como se tivessem quatro ilhas distintas dentro da Ilha Grande. Em Bananal, as desavenças se dão por conta do poder econômico da “japonesada”, que se apropriou da praia, construiu pousadas e que, segundo os locais, explora a mão de obra caiçara. Caiçara este que se sente subjugado porque precisa sobreviver, porém, uma nova geração vem apresentando resistência frente a essa realidade.

Em Dois Rios, a falta de entendimento se dá pela disputa de território entre a instituição mantenedora e a comunidade que ocupa as casas da antiga vila do presídio e que sente sua permanência no local ameaçada.

Já em Provetá, o enfrentamento fica por conta das imposições da igreja evengélica em contraponto a conteúdos e posicionamentos da escola. Além disso, aparece nas questões relacionadas à pesca, que está ameaçada pelos grandes barcos que vêm de outros estados pescar no “maretório” que pertence à baía da Ilha Grande.

Em Abraão, o confronto é protagonizado pela igreja católica que, do ponto de vista do entrevistado Ramos, mantém uma postura de descaso no que se refere às memórias dos caiçaras e à invasão da Nova Comunidade (baianos, estrangeiros). A queixa é que estes ocupam cada vez mais os postos de trabalho na IG, especialmente na Vila do Abraão e suas cercanias (Abraãozinho e Crena, por exemplo).

O único ponto que as une são os embates e as discussões por conta de questões ambientais permeadas pelo controle do Instituto Estadual do Ambiente (Inea), que é responsável pelo gerenciamento de unidades de conservação estaduais, como: Parque Estadual da Ilha Grande e Reserva

Ecológica Estadual da Juatinga – Baía de Ilha Grande. O Inea realiza com frequência ações de fiscalização, monitoramento, licenciamento, educação ambiental e gerenciamento de recursos hídricos. Em conjunto com a prefeitura de Angra dos Reis, o Inea realiza operações na Ilha Grande de modo a fiscalizar construções irregulares, que não possuem licença ambiental. Outros órgãos de controle também circulam em proteção à pesca predatória, como ICMBio, Ibama e Polícia Federal.

O morador da Ilha Grande, principalmente o caiçara, teve que abandonar suas roças e pesca artesanal e aprender novos ofícios, como: fazer trabalhos manuais e artesanais; trabalhar como carreteiro, levando malas ou mercadorias que chegam do continente; ser marinheiro de embarcações (lanchas, barcos, táxi boat); atuar no comércio como balconista e/ou atendente, garçons/garçonetes, músicos; exercer cargos operacionais na hotelaria; atuar como guia de turismo; vender bilhetes dos passeios em agências de receptivo, além de monitoria em museu; e ser anfitrião de hospedagens, entre outras atividades.

Na Figura 38, mulher caiçara expõe uma bandeira confeccionada por ela e outras mulheres no formato da Ilha Grande, procurando resgatar a cultura e a história local.

Figura 38 – Bandeira feita à mão por mulheres caiçaras

Fonte: A autora.

A Figura 39 retrata o trabalho cotidiano desempenhado na Ilha, que precisou dar um novo sentido por causa do turismo. Trabalhos estes que não faziam parte do cotidiano dos caiçaras, mas que hoje fazem, conforme explicitam os autores Maldonado, Cunha e Pritchard, citados por Flávio Brito (2001, p. 49) em sua dissertação:

> Pela relação/apropriação dos ciclos da natureza, os caiçaras reconstruíram o tempo natural permeado pelo tempo mercantil e por uma dinâmica social própria, transformando os ajustes ecológicos (calendários das atividades) em criação cultural.

Em 2019 foi publicada uma notícia relevante a respeito da IG e a questão da responsabilidade na preservação do dito “paraíso”. Nesse ano, a Ilha conquistou o título de Patrimônio Mundial da Unesco – sítio misto juntamente com Paraty, por conta dos atributos culturais e naturais de ambos. De acordo com o Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina, no perímetro do novo sítio misto de Paraty e Ilha Grande existem duas terras indígenas, dois territórios quilombolas e 28 comunidades caiçaras. Essas comunidades seguem vivas a partir da sua relação com a natureza, da pesca artesanal e do manejo sustentável de espécies da biodiversidade, onde cerca de 85% da cobertura vegetal nativa é bem conservada, e a área também forma o segundo maior remanescente florestal do bioma Mata Atlântica no Brasil.

Figura 39 – Carreteiro ao lado dos carrinhos da Vila do Abraão (à esquerda) e marinheiro caiçara navegando da baía à Ilha Grande (à direita)

Fonte imagem 1: Reprodução da internet, disponível em: https://www.viagensvamosnessa.com.br/2013/03/ilha-grande-o-paraiso-e-aqui.html.
Fonte imagem 2: a autora.

Esse reconhecimento foi autenticado pelo Comitê do Patrimônio Mundial da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), durante reunião promovida em Baku, Azerbaijão.

> "O reconhecimento traz uma esperança de que as comunidades, que fazem a sua cultura ser viva a partir da natureza, possam ser respeitadas por todos, pois sem essa relação entre os povos e a natureza não existiria a possibilidade de conseguir um título tão importante", destaca Marcela Cananéa, liderança caiçara de Paraty que integra a coordenação do Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra dos Reis, Paraty e Ubatuba (FCT) e do Observatório de Territórios Sustentáveis e Saudáveis da Bocaina (Carvalho, 2019, s/p[55]).

O povo da Ilha tem aprendido lições importantes e significativas com o passar do tempo, pelos acontecimentos e adversidades. A importância de estarem atentos e solidários para continuar mantendo sua cultura e sobretudo sua sobrevivência é fundamental para a longevidade das comunidades e de sua cultura. Militam, repartem, multiplicam, agregam, compartilham, apoiam, fortalecem e são solidários aos problemas das comunidades/praias/bairros que fazem parte deste universo de valor imensurável. Com esta tese, espero

[55] Mais informações em: https://www.otss.org.br/. Acesso em: 02 jan. 2025.

provocar reflexões acerca do uso do território pela Comunidade da Terra e Nova Comunidade, com suas dores, ambições e desejos futuros, a partir do uso de teorias das performances, considerando o *Drama Social* e a ATD como categorias de análise desses discursos.

Aprendi com esta pesquisa que cada grupo da Ilha defende seus próprios interesses; porém, quando se trata do território, se percebe, grosso modo, que as comunidades (Terra e Nova Comunidade) se unem para se defender. Além disso, eles têm como lema: “Nenhum de nós é tão bom quanto todos juntos.” Enfim, o intento maior das comunidades (Terra e Nova Comunidade) é manter o que todos os participantes desta pesquisa chamaram em algum momento das entrevistas de “paraíso”.

6 REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. Desenvolvimento sustentável: qual a estratégia para o Brasil? **Novos Estudos**, CEBRAP, n. 87, São Paulo, 2010, p. 97-113.

ABREU, Luciano M.; COSTA, Aline N. Turismo e Litoral: Transformações Espaciais, Fragmentação Urbana e Exclusão Social no Nordeste do Brasil. **Thésis**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 334-356, jan./out. 2017. Disponível em: https://thesis.anparq.org.br/revista-thesis/article/view/73/pdf_45. Acesso em: 23 dez. 2024.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. O objeto em fuga: algumas reflexões em torno do conceito de região. **Fronteiras**, Dourados-MS, v. 10, n. 17, jan.-jun, 2008a. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/view/62/72. Acesso em: 08 fev. 2023.

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. Receitas Regionais: a noção de região como um ingrediente da historiografia brasileira ou o regionalismo como modo de preparo. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA ANPUH-RIO, IDENTIDADES, 13., 2008b,
Rio de Janeiro. **Anais...** Disponível em: http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/durval.pdf. Acesso em: 08 fev. 2023.

ALMEIDA, Maria Geralda de. Fronteiras, territórios e territorialidades. **Revista Anpege**, v. 2, n. 2, Jan. 2005. Disponível em: https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6617/3616. Acesso em: 23 dez. 2024.

ANGRA DOS REIS. **Fundação de Turismo de Angra dos Reis** (Turisangra). 2013. https://angra.rj.gov.br/secretarias/fundacao-de-turismo-de-angra-dos-reis.
ANGRA DOS REIS. Casa de Cultura de Ilha Grande Inaugura nova exposição. **Notícia**, 31/3/2024. Disponível em: https://www.angra.rj.gov.br/noticia.asp?vid_noticia=68968&indexsigla=imp. Acesso em 30 out. 2024.

ARAGÃO, Ivan Rêgo; MACEDO, Janete Ruiz de. Turismo e consagração dos —Lugares de Memóriall nas cidades coloniais e imperiais brasileiras. **Turismo & Sociedade**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 91-106, abril de 2011.

ARAÚJO, Carolina Dutra de. A invenção da Ilha Grande: a influência do Instituto Penal Cândido Mendes na turistificação local. **Caderno Virtual de Turismo**, v. 10, n. 2, p. 1-12, 2010.

ARTES de Pesca Artesanal Empregadas na Baía da Ilha Grande. Disponível em: https://angra.rj.gov.br/spe-artedepesca.asp?IndexSigla=SEAAP&vNomeLink=Arte%20de%20Pesca%20Artesa nal. Acesso em: 31 out. 2024.

ASSEMBLEIA DE DEUS PROVETÁ. Nossa História. Disponível em: https://www.adproveta.com/nossa-hist%C3%B3ria. 2024.

BARBOSA, Plácido; REZENDE, Cassio Barbosa (orgs.) **Os serviços de saúde pública no Brasil especialmente na cidade do Rio de Janeiro de 1808 a 1907:** esboço histórico e legislação. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1909. Disponível em: https://www.obrasraras.fiocruz.br/media.details.php?mediaID=243. Acesso em: 20 fev. 2023.

BASTOS, Marcos; CALLADO, Cátia Henriques (orgs.). **O ambiente da Ilha Grande.**
Rio de Janeiro: UERJ/ CEADS, 2009.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. Sobre a Fenomenologia. *In*: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha (org.). **A pesquisa qualitativa em educação:** um enfoque fenomenológico. Piracicaba: Editora Unimep, 1994. p. 15-22.

BORGES, Laís Gomes. Victor Turner. *In*: **Enciclopédia de Antropologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, Departamento de Antropologia, 2019. Disponível em: https://ea.fflch.usp.br/sites/ea.fflch.usp.br/files/inline-files/Victor%20Turner.pdf.

BRASIL. UNIDADE TÉCNICA PLATAFORMA BRASIL. **Manual do Pesquisador**.
3.3. [*s.l.*]: Plataforma Brasil, 2021. Disponível em: http://www.conselho.saude.gov.br/images/1.1_-_Manual_Pesquisador_-_Vers%C3%A3o_3.3.PDF. Acesso em: 20 fev. 2023.

BRICTSON, R. C. The Tourist: A New Theory of the Leisure Class. By Dean MacCannell. **Journal of Leisure Research**, v. 9, n. 1, p. 67-69, 2018. https://doi.org/10.1080/00222216.1977.11970309
BRITO, Flavio D'Assumpção. **Estudo das transformações sócio-ambientais na Ilha Grande, RJ**: Uma abordagem sobre o turismo. 2001. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) – PPGCA-UFF, Niterói, 2001. Disponível em: http://ilhagrandehumanidades.com.br/sites/default/files/Fl%C3%A1vio%20Brito%20-%20disserta%C3%A7%C3%A3o%20%281%29.pdf. Acesso em: 23 dez. 2024.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CALLADO, Cátia Henriques; BASTOS, Marcos; MANÃO, Carla Y Gubaú; ALBARELLO, Norma. CEADS: um centro de pesquisa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e sua contribuição para a melhoria das condições humanas e ambientais. **Interagir:** pensando a extensão, Rio de Janeiro, v. 1, n. 26, p. 34-45, 2019. DOI: 10.12957/interag.2018.39718. Disponível em: https://www.e- publicacoes.uerj.br/interagir/article/view/39718. Acesso em: 9 jan. 2025.

CAMARGO, Robson Corrêa de. Performances Culturais, os limiares de uma nova tradição. *In*: CONGRESSO DA ABRACE, 7., Porto Alegre, 2012. **Anais [...]** Tempos de Memória, Porto Alegre, 2012. Disponível em: https://www.portalabrace.org/viicongresso/completos/textosmesas/Mesa%20VIII%20
-%20Performances%20Culturais%20CAMARGO%20Correa.pdf

CAMARGO, Robson Corrêa de. Performances Culturais: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. *In*: **KARPA Revista de Teatralidades e Cultura**, v. 6, 2013a. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/378/o/Performances_Culturais_Um_conceito_i nterdisciplinar_e_uma_metodologia_de_an%C3%A1lise-Robson_Camargo.pdf.
Acesso em: 20 nov. 2022.

CAMARGO, Robson Correa de. **Milton Singer e as Performances Culturais**: Um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. 2013b. Califórnia State University. Disponível em: <http://web.calstatela.edu/misc/karpa/KARPA6.1/Site%20Folder/KARPA6.1.html>. Acesso em: 18 jul. 2019.

CAMARGO, Robson Corrêa de. Per-formance e performance art: superar as velhas traições. *In*: CAMARGO, R. et al. (orgs). **Performances da Cultura:** Ensaios e Diálogos. Goiânia, Kelps, 2015. p. 19-30. [Apresentado no III Colóquio Antropologias em Performance, UFSC 2015.] Disponível em: https://performancesculturais.emac.ufg.br/up/378/o/robson-performance_superar_velhas_traies_14pgs_28nov15.pdf. Acesso em 18 jul. 2019.

CAMPATO JUNIOR, João Adalberto. **A Confederação dos Tamoios**: gênese, retórica e ideologia da epopeia do segundo reinado. Curitiba: CRV, 2022.

CARDOSO, Ciro Flammarion. Repensando a construção do espaço. **Revista de História Regional**, [*s. l.*], v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2050/1532. Acesso em: 08 fev. 2023.

CARLOS NETO, Marcionilo Euro; SAVEDRA, Mônica Maria Guimarães. A imigração japonesa no estado do Rio de Janeiro: história, colonização e o ensino de japonês. *In:* SEMINÁRIO DOS ALUNOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE LETRAS DA UFF – ESTUDOS DE LINGUAGEM, 6., 2015, Rio de
Janeiro. **Anais** [...]. Estudos de linguagem, UFF, n. 1, 2015. Disponível em: https://www.mhijrio.com.br/Arquivo/IJRJ.pdf

CARLSON, Marvin. **Performance**: uma introdução crítica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

CARVALHO, Vinícius**. Mais de 30 comunidades tradicionais de Paraty e Ilha Grande se tornam Patrimônio Mundial da Unesco**. 5 jul. 2019. Disponível em: https://www.otss.org.br/post/mais-de-30-comunidades-de-paraty-e-ilha-grande- passam-a-integrar-patrimonio-mundial-da-unesco. Acesso em: 02 jan. 2025.
CASEMIRO, Ítalo de P.; SIMÕES, B. F. T.; MORAES, C. M. dos S.; NASCIMENTO,
N. T. A.; ENDO, G. Y. Percepções sobre Um Paraíso – Uma Análise a partir do Olhar do Visitante do Parque Estadual da Ilha Grande (PEIG) e de seus Atrativos. **Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo**, v. 17, n. 2,
p. 92-123, 2023. https://doi.org/10.61564/raoit.v17n2.7492

CASSIRER, Ernerst. **Linguagem e Mito**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1972.

CASTORIADIS, Cornelius; REYNAUD, Guy; FORTES, Luiz Roberto. **A instituição imaginária da sociedade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Rumos da Cultura Moderna, 52).

CAVALCANTE, Cynthia Caroline Espírito Santo; ROSSO, Thereza Cristina de Almeida; LIMA, Ricardo Gomes. Iniciativas socioculturais para a preservação do meio ambiente na Ilha Grande, RJ. **Interagir: pensando a extensão**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 119-132, 2018. DOI: 10.12957/interag.2017.26171. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/interagir/article/view/26171. Acesso em: 9 jan.
2025.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. Luzes e sombras no dia social: o símbolo ritual em Victor Turner. **Horizontes Antropológicos**, ano 18, n. 37, p. 103-131, 2012.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. Drama, ritual e performance em Victor Turner. **Sociologia e antropologia**, v. 3, n. 6, p. 411-440, 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/sant/v3n6/2238-3875-sant-03-06-0411.pdf. Acesso em 17 ago. 2019.

CEADS. CENTRO DE ESTUDOS AMBIENTAIS E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (Rio de Janeiro). Universidade Estadual do Rio de Janeiro. História. Disponível em: http://ceads.sr2.uerj.br/ceads-spring-portal/historia#:~:text=A%20conforma%C3%A7%C3%A3o%20geomorfol%C3%B3gi
ca%20representada%20por%20uma%20enseada%20delimitada,moradores%20exis
tente%20na%20%C3%A1rea%20do%20CEADS%2CVila%20Dois%20Rios.. Acesso em: 22 fev. 2023.

CEBALLOS-LASCURAIN, H. Ecological and Cultural Tourism in Mexico as a Means of Conservation and Socioeconomic Development. *In*: **Proceedings of the International Forum 'Conservation of theAmericas'**, held in Indianapolis, November 18-20, 1987. Partners for Livable Places, Washington, DC, USA.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica**: antropologia e literatura no século
XX. 1° reimpressão. Rio de janeiro: Editora UFRJ, 2002.

CORIOLANO, Luzia Neide (org.). **Turismo comunitário e responsabilidade socioambiental**. Fortaleza: EdUECE, 2003.

CORIOLANO, Luzia Neide. Turismo: prática social de apropriação e de dominação de territórios. *In*: Amalia Inés Geraiges de Lemos, Mónica Arroyo, María Laura Silveira (orgs.). **América Latina**: cidade, campo e turismo. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, San Pablo. Diciembre 2006.

CORIOLANO, Luzia Neide M. T; VASCONCELOS, Fábio Perdigão. **O Turismo e a Relação Sociedade-Natureza:** realidades, conflitos e resistências. Fortaleza: EdUECE, 2007.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Política de turismo e território.** São Paulo: Contexto, 2000. (Coleção Turismo).

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. Políticas públicas de turismo no Brasil: território usado, território negligenciado. **Geosul**, Florianópolis, v. 20, n. 40, p. 27-43, dez. 2005.

DELGADO RUÍZ, Manuel. Trivialidad y trascendencia. Usos sociales y políticos del turismo cultural. *In*: HERRERO PRIETO, Luis César (coord.). **Turismo cultural:** El patrimonio histórico como fuente de riqueza. Valladolid: Fundación del Patrimonio Histórico de Castilla y León, 2000. p. 31-52.

DELGADO RUÍZ, Manuel. **Disoluciones urbanas**. Medellín: Universidad de Antioquia, 2002.

DENISE CAMARGO. Galeria Zoom de Fotografia de Paraty. **7 EXPOSIÇÃO: CALDEIRÃO DO DIABO:** de André Cypriano. 2006. Disponível em: http://galeriazoom.com/exposicao/caldeirao-do-diabo/. Acesso em: 22 fev. 2023.

DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, Norman; LINCOLN, Yonna (orgs.). **O Planejamento da pesquisa qualitativa**: teorias e abordagens. Porto Alegre: ArtMed, 2006. p.15-41. https://bds.unb.br/handle/123456789/863
DICIO. **Enlaço**. 2023. Disponível em: https://www.dicio.com.br/enlaco/. Acesso em: 27 fev. 2023.

DUARTE, Alexandre Ambiel Barros Gil; MENEZES, Celso Vianna Bezerra. Antropologia da performance: a liminaridade e as contradições do social. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS, 8., 2010, Londrina. **Anais**
[...], Eduel, 2010. p. 42-53. Disponível em:
https://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/antropologia_da_performanc

e_a_liminaridade_e_as_contradicoes_do_social.pdf

DUXBURY, Nancy; BAKAS, Fiona; CASTRO, Tiago Vinagre; SILVA, Sílvia. Turismo regenerativo. *In:* REIS, José (Coord.). **Palavras para lá da pandemia:** cem lados de uma crise. Um trabalho coletivo do Centro de Estudos Sociais (CES) Universidade de Coimbra. Julho 2020. p. 110.

FARIAS, Ana Beatriz Costa; DA GAMA, Sonia Vidal Gomes. O fantasma do cárcere: percepção ambiental da enseada de Dois Rios, Ilha Grande (RJ). **Geografares**, Vitória, n. 29, p. 91-113, 2019. DOI: 10.7147/GEO29.26017. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/geografares/article/view/26017. Acesso em: 16 jan. 2025.

FERREIRA, Helena Catão Henriques. Turismo comunitário, tradicionalidade e reserva de desenvolvimento sustentável na defesa do território nativo: Aventureiro-

Ilha Grande/RJ. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, São Paulo, v. 8, n. 2,
p. 361-379, maio/ago. 2014. Disponível em: https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/689. Acesso em: 15 jan. 2025. DOI: 10.7784/rbtur.v8i2.689.

FERREIRA, H.C.H. **A dinâmica da participação na construção de territórios sociais e do patrimônio ambiental da Ilha Grande**, Tese de Doutorado, CPDA, UFRRJ, Rio de Janeiro, 2010.

FRAGA, Jorge (diretor e produtor). **PARNAIOCA é meu nome**. Roteiro: Eudes Santos. Youtube, 16 nov. 2016. 1 vídeo (16 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=mC4UaknVKIc&ab_channel=eudesconfio. Acesso em: 25 nov. 2022.

FRATUCCI, Aguinaldo César. **O ordenamento territorial da atividade turística no Estado do Rio de Janeiro:** processos de inserção dos lugares turísticos nas redes do turismo. 2000. 179 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2000.

FRATUCCI, Aguinaldo César. Refletindo a dimensão espacial do turismo a partir das lógicas de apropriação dos espaços dos seus agentes sociais. *In:* SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO, 5.,
2008, Belo Horizonte. **Anais [...].** Belo Horizonte – MG, 25-26 ago. 2008. Disponível em: https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/5/65.pdf. Acesso em: 23 dez. 2024.

GALIAZZI, Maria do Carmo; SOUSA, Robson Simplicio. O que é isso que se mostra: o fenômeno na análise textual discursiva? **Revista Atos de Pesquisa em Educação**, Blumenau, v. 15, n. 4, p. 1167-1184, out./dez. 2020 Disponível em: https://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2020v15n4p1167-1184. Acesso em: 31 out.

2024.

GALIAZZI, Maria do Carmo; SOUSA, Robson Simplicio. O fenômeno da descrição na análise textual discursiva: a descrição fenomenológica como desencadeadora do metatexto. **VIDYA,** v. 41, n. 1, p. 77-91, jan./jun. 2021 - Santa Maria, 2021.
Disponível em: https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/3588. Acesso em: 31 out. 2024.

GALIAZZI, Maria do Carmo; SOUSA, Robson Simplicio. **Análise Textual Discursiva:** uma ampliação de horizontes. São Geraldo, RS: Ed. Unijuí, 2022.

GASTAL, Susana; MOESCH, Marutschka. **Turismo, políticas públicas e cidadania.** São Paulo: Aleph, 2007. (Coleção ABC do Turismo).

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** LTC: Rio de Janeiro, 1989.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2002.

GLUCKMAN, Max. O material etnográfico na antropologia social inglesa. *In*: Zaluar, Alba (org.). **Desvendando máscaras sociais.** Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1990.

GOMES, Giovanna Adriana Tavares. **Conflito de interesse e participação no desenvolvimento do turismo de base local de Pirenópolis e Cidade de Goiás.** 2010. 249 f. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2010.

GOMES, Giovanna Adriana Tavares. **Diário de Campo 01**: Visita à Vila do Abraão. Ilha Grande, Angra dos Reis-RJ. Dezembro 2020.

GONDAR, Jô. O que é memória social? Cinco proposições sobre memória social. **Morpheus:** revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, Edição Especial 'Por que Memória Social?' v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: http://www.memoriasocial.pro.br/painel/pdf/publ_19.pdf.

GRAVARI-BARBAS, Maria; GRABURN, Nelson. Imaginários turísticos. **Via Tourism Review**, [*s.l.*], n. 1, 16 mar. 2012. OpenEdition. http://dx.doi.org/10.4000/viatourism.1189. Disponível em: http://journals.openedition.org/viatourism/1189. Acesso em: 21 fev. 2023.

GROOM, Martha J. et al. Tourism as a sustained use of wildlife: a case study of Madre de Dios, southeastern Peru. **Conservation Biology**, v. 5, n. 2, p. 290-

299, 1991.

GUIMARÃES, G. T. D.; PAULA, M. Corrêa de. Análise textual discursiva: entre a análise de conteúdo e a análise de discurso. **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 8, n. 19, p. 677-705, 2020. Disponível em: https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/380/233.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia, Estudos Culturais e Educação: desafios da modernidade. **Pro-Posições**, v. 19, n. 3 (57), p. 47-82, set./dez. 2008.

GRACIANO, Pollyanna Fraga; HOLANDA, Luciana Araújo de. Análise bibliométrica da produção científica sobre turismo de base comunitária de 2013 a 2018. **RBTUR,** São Paulo, 14 (1), p. 161-179, jan./abr., 2020. Disponível em: https://rbtur.org.br/rbtur/article/view/1736. Acesso em: 20 mar. 2025.
HELIC, Denis et al. Are tag clouds useful for navigation?: a network-theoretic analysis. **International Journal Of Social Computing And Cyber-Physical Systems**, [*s.l.*], v. 1, n. 1, p. 33-55, jan. 2011. Inderscience Publishers. http://dx.doi.org/10.1504/ijsccps.2011.043603.

HOYOS, Alejandro Jaramillo. Estudios culturales. Construcción de identidad y participación. *In:* EDUARDO, Jaime; JIMÉNEZ, Jaramillo. **Cultura identidad y saberes fronterizos.** Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 2005.

ILHA GRANDE. **Praias da Ilha Grande**. Disponível em: https://www.ilhagrande.com.br/praias/. Acesso em 05 mar. 2023.

IMPLOSÃO do Presídio da Ilha Grande. Rio de Janeiro: Rede Globo, 2013. 1 vídeo (3 min.), color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5gM2mgXc2Io&ab_channel=ManezinhodaImplos
%C3%A3o. Acesso em: 25 nov. 2022.

INSTITUTO ESTADUAL DO AMBIENTE (Inea). **Parque Estadual da Ilha Grande:** plano de manejo (fase 2)/resumo executivo./Instituto Estadual do Ambiente. Rio de Janeiro: INEA, 2013.

JEUDY, Henri Pierre; JACQUES, Paola Berenstein (orgs.). **Corpos e cenários urbanos**: territórios e políticas culturais. Salvador: EDUFBA; PPG-FAUFBA, 2006.

LIGIÉRO, Zeca. **Performance e Antropologia de Richard Schechner.** Rio de Janeiro: Mauad, 2012.

LIMA, Lindamaria. Os 10 princípios para tratamento de dados da LGPD. **Tripla**. 13 de janeiro de 2020. Disponível em: https://triplait.com/principios-para-tratamento-de- dados-dalgpd/. Acesso em 4 jun. 2023.

MACEDO, André de Souza; PEREIRA, Diana Araujo. Etnoperformance: uma metodologia de pesquisa para a fronteira. **Pitágoras 500**, Campinas, v. 10, n.

2, p. 88-108, 2020. DOI: 10.20396/pita.v10i2.8660177. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/pit500/article/view/8660177. Acesso em: 15 jan. 2025.

MAFFESOLI, Michel. **No fundo das aparências**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MATIAS, H. J.D.; PINHEIRO, J. de Q. Desenvolvimento sustentável: um discurso sobre a relação entre desenvolvimento e natureza. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 20,
n. 1, abr. 2008.

MEMÓRIA E NEUROCIÊNCIA. *In:* Bernd, Zilá, Kayser, Patricia, Bruscatto, Underleia. **E-mnemon E-Dicionário de Expressões da Memória Social, dos Bens Culturais e da Cibercultura**. Canoas: EditoraUnilasalle, 2011. Disponível em: http://edicionario.unilasalle.edu.br/. Acesso em 12 nov. 2020.

MELLO, Carl Egbert Hansen Vieira de. História da Ilha Grande – Angra dos Reis – RJ. **Ilhagrande.org**. Vila do Abraão. 2024.
MELLO, Danila Laiana da Silva; OLIVEIRA, Vânia Dolores Estevam de. Murais e mulheres de muitas cores: ensaio sobre a representação da mulher no grafite do setor sul de Goiânia. *In:* OLIVEIRA, Vânia Dolores de; SANTOS, Nádia Maria Weber; TAMASO, Isabela. **Urbano palco:** estudos de performances urbanas. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2024. Disponível em: https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/view/604/577/2371. Acesso em: 05 dez. 2024.

MENDES, Marcus P. **Fábricas de sardinha**. 3 maio 2018. Disponível em: https://ilhagranderj.wordpress.com/2018/05/03/fabricas-de-sardinha/. Acesso em: 23 dez. 2024.

MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. Ilha Grande: turismo, atores sociais e traduções locais (Vila do Abraão e Vila do Aventureiro). *In*: SEMINÁRIO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM TURISMO,
4., 2007. **Anais [...]**. UAM– 27 a 28 de agosto de 2007. Disponível em: https://www.anptur.org.br/anais/anais/files/4/84.pdf?utm_source=chatgpt.com.

MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. O turismo que se tem e o turismo que se quer: discursos e significados a propósito do turismo na Vila do Abraão - Ilha Grande (Angra dos Reis, RJ). *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO
MERCOSUL, 5., 2008, Caxias do Sul. **Anais Turismo**: Inovações da Pesquisa na América Latina Universidade de Caxias do Sul – UCS, Caxias do Sul, RS, Brasil, 2008.

MENDONÇA, Teresa Cristina de Miranda. **Que paraíso é esse?** a turismização da Ilha Grande. 2010. 343 f. Tese (Doutorado) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro,

2010. Disponível em: https://www.bdtd.uerj.br:8443/bitstream/1/8331/1/Tese%20Teresa%20Cristina.pdf.
Acesso em: 11 nov. 2023.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7064849/mod_resource/content/1/Fenomeno logia%20da%20percep%C3%A7%C3%A3o.pdf

MORAES, Roque. Uma Tempestade de Luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. Análise Textual Discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 12, n. 1, p. 117- 128, 2006.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do Carmo. **Análise Textual Discursiva**. 3. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2016. (Coleção educação em ciências).
MOROKAWA, Tokitika. et. al. Plano diretor do parque estadual da Ilha Grande. **Floresta Ambiental**, ano 1, p. 174-177, Jan-Dez, 1994. Disponível em: https://www.scielo.br/j/floram/a/YGTQyhLJGJntBXty5r49JVt/?lang=pt#. Acesso em: 02 dez. 2024.

MUYLAERT, Camila Junqueira *et al*. Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, [*s.l.*], v. 48, n. 2, p. 184-189, dez. 2014. FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0080-623420140000800027. Disponível em: https://www.scielo.br/j/reeusp/a/NyXVhmXbg96xZNPWt9vQYCt/?lang= pt & format=pdf. Acesso em: 28 nov. 2022.

NOGUEIRA, Antonio. Teoria do estranhamento**.** 11º congresso brasileiro de pesquisa e desenvolvimento em design, Gramado, RS. **Blucher Design Proceedings**, v.1, n. 4, dez., 2014. Disponível em: https://pdf.blucher.com.br/designproceedings/11ped/00479.pdf. Acesso em: 20 out. 2024.

NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. **Projeto história,** São Paulo, v. 10, dez., 1993. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4359786/mod_resource/content/1/Entre%20 a%20memo%CC%81ria%20e%20a%20%20histo%CC%81ria%20-%20Pierre%20Nora.pdf. Acesso em: 20 nov. 2022.

NUNES, Mônica. **‘Meu Amigo Pinguim’**: A história real de amizade entre um pinguim de Magalhães e um pescador brasileiro chega aos cinemas em 12/9. Conexão planeta, 22 ago. 2024. Disponível em: https://conexaoplaneta.com.br/blog/meu-amigo-pinguim-a-historia-real-de-amizade- entre-um-pinguim-de-magalhaes-e-um-pescador-brasileiro-chega-aos-

cinemas-em- 12-9/#:~:text=Esta%20hist%C3%B3ria%20linda%20e%20comovente,estado%20do%20 Rio%20de%20Janeiro. Acesso em: 31 out. 2024.

OBSERVATÓRIO DE TERRITÓRIOS SUSTENTÁVEIS E SAUDÁVEIS DA BOCAINA (OTSS). Disponível: https://www.otss.org.br/observatorio.
O COORDENADOR do Ecomuseu Ilha Grande, professor Gelsom Rozentino, conta um pouco da história da Ilha Grande. Facebook. **Ecomuseu Ilha Grande**.
Publicação de 17 maio 2021. Disponível em: https://www.facebook.com/ecomuseuilhagrande/videos/o-coordenador-do-ecomuseu-ilha-grande-professor-gelsom-rozentino-conta-um-pouco-/479844059961473/. Acesso em: 06 fev. 2023.

OLIVEIRA, Juliana Fernandes Silva de; BRANDÃO, Juzânia Oliveira da Silva. Comunidade caiçara da Vila do Aventureiro, Ilha Grande, Brasil: uma análise do padrão e produção alimentar. **Revista Mangút**: Conexões Gastronômicas, Rio de Janeiro, v. 1 n. 2, p. 147-163, dez. 2021.

OLIVEIRA, Vânia Dolores Estevam de; ALEXANDRIA, Genilda. [orgs.]. **Urbano palco:** estudos de performances urbanas. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018. Disponível em: https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_9ddcaf17aad7483390f9823430534ead.p df. Acesso em: 23 dez. 2024.
OLIVEIRA, Vânia Dolores Estevam de; SANTOS, Nádia Maria Weber; TAMASO, Izabela [orgs.]. **Urbano palco:** estudos de performances urbanas. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2024. Disponível em: https://portaldelivros.ufg.br/index.php/cegrafufg/catalog/view/604/577/2371. Acesso em: 23 dez. 2024.

PARATY E Ilha Grande (RJ) recebem título de Patrimônio Mundial da Unesco. **IPHAN**. Notícias, 4 de julho de 2019. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/5164/paraty-e-ilha-grande-rj-ganham-titulo-de-patrimonio-mundial-da-unesco/#:~:text=Paraty%20e%20Ilha%20Grande%20(RJ)%20foram%20reconhecido s%20nesta%20sexta-,s%C3%ADtios%20de%20excepcional%20valor%20universal.

PARNAIOCA o resgate da nossa história. Rio de Janeiro: **Amotap** - Associação de Moradores Tradicionais e Amigos da Parnaioca, 2012. Vídeo (47 min.), son., P&B. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Zmh7sJ-7Vik. Acesso em: 25 nov. 2021.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. 2ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. Dossiê: Cidades. **Revista Brasileira de História**, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbh/a/BXNmGmrvkWDkdVR4VPskmLJ/?lang=pt#:~:text=A

s%
20cidades%20fascinam.,escrita%2C%20os%20primeiros%20assentamentos%20urb anos. Acesso em: 20 nov. 2022.

PETROCCHI, M. **Turismo**: planejamento e gestão. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2009.

PETRONILIO, Paulo. As palavras e as coisas das performances culturais. *In*: CAMARGO, Robson Corrêa de; CUNHA, Fernanda; PETRONILIO, Paulo (orgs.). **Perfomances da cultura**: ensaios e diálogos. Goiânia, Kelps, 2015. p. 53-59.

POLLACK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**: Revista da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%202. pdf. Acesso em: 17 nov. 2019.

PRADO, Rosane M. Tensão no Paraíso: aspectos da Intensificação do turismo na Ilha. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 1-9, 2003. Disponível em: https://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/article/view/25/23.

QUEIROZ, Danielle Teixeira *et al*. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. **R Enferm Uerj**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 15,
p. 276-283, jun. 2007.
RAMUZ, Pedro Francisco. Os Caminhos do Turismo na Ilha Grande. **Geo UERJ**, [*s. l*.], n. 3, p. 111, 2020. DOI: 10.12957/geouerj.1998.48994. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/geouerj/article/view/48994. Acesso em: 16 jan.
2025.

REPORTAGEM antiga sobre a comunidade de Provetá – Ilha Grande, Angra dos Reis – RJ. Rio de Janeiro: Tvramuz [Extinta], 1992. **Youtube**, 22 jan. 2017. 1 vídeo (5 min.). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=boo3XGdx4_Q&ab_channel=Doisdedosdeprosac omoProfessorIsrael. Acesso em: 25 nov. 2022.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o** esquecimento. Campinas: Ed. Da Unicamp, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão veredas.** Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

SACKS**,** Oliver. A paisagem dos seus sonhos. *In*: **Um antropólogo em marte.** SP: Cia das Letras, 1995. p. 165-197.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 2012. (Coleção Primeiros Passos; 110).

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Os conflitos entre natureza e cultura na implementação do Ecomuseu Ilha Grande. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 12 (suplemento), p. 381-400, 2005. https://www.scielo.br/j/hcsm/a/gwdBmWvLLTrcmYd6gyVrn9R/?format=pdf&lang=pt

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Lazareto da Ilha Grande: isolamento, aprisionamento e vigilância nas áreas de saúde e política (1884-1942). **História, Ciências, Saúde-Manguinhos**, [*s.l.*], v. 14, n. 4, p. 1173-1196, dez. 2007.
FapUNIFESP (SciELO). http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702007000400005.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Quatro histórias, duas vilas, uma ilha**. Myrian Sepúlveda dos Santos, Yves Ribeiro Filho. 1. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2018.

SANTOS, Nádia Maria Weber. Rastros memoriais de paisagens urbanas: a identidade em palimpsesto da cidade de Québec/ Canadá. **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo, v. 2, n. 7, p. 54-74, set. 2013. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/view/332/233. Acesso em: 10 out. 2024.

SANTOS, Nádia Maria Weber; CAMARGO, Robson Corrêa de (orgs.). Apresentação. *In*: **Performances Culturais:** Memórias e Sensibilidades. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. Volume 1. p. 9-19. Disponível em: https://www.editorafi.org/741performances. Acesso em: 07 nov. 2023.

SANTOS, Nádia Maria Weber; REINATO, Eduardo José; CAMARGO, Robson Corrêa de (orgs.). Apresentação. *In*: **Performances Culturais:** Memória e Sensibilidades. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Volume 2. p. 11-13. Disponível em: https://www.editorafi.org/70performances. Acesso em: 07 nov. 2023.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies:** an introduction. 3. ed. New York: Routledge, 2013.

SCHECHNER, Richard. Podemos ser o (novo) Terceiro Mundo? **Revista Sociedade e Estado**, v. 29, n. 3, p. 711-726, set./dez. 2014.

SCHNOOR, Eduardo Cavalcanti. Escravos e cidadãos na Ilha Grande: a alvorada republicana demorou a chegar. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos,** [*s.l.*], v. 19,
n. 1, p. 233-258, dez. 2012. FapUNIFESP (SciELO).
http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59702012000500013. Disponível em:
https://www.scielo.br/j/hcsm/a/484HpCzjvvRKT8dLLXrtVft/?lang=pt. Acesso em: 22 fev. 2023.

SERRA, Hugo Rogério Hage. **A concepção de turismo e de sua espacialidade no Plano de Desenvolvimento de Turismo do Pará (PDT-PA).** 2007. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Belém, 2007.
Disponível em: http://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/4998. Acesso em: 23 dez. 2024.

SILVA, Andréia Vicente da. A crise do pertencimento: ritual e drama social na obra e na vida de Victor Turner. **Cadernos da FaEL**, v. 2, p. 1-18, 2009.

SILVA, Hélio Alexandre da. Thomas Hobbes: política, medo e conflitos sociais. **Cadernos de Ética e Filosofia Política**, São Paulo, v. 1, n. 30, p. 143-164, out. 2017. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/138747. Acesso em: 11 nov. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn (orgs.). **Identidade e diferença.** A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SOARES, Bruno Brulon. Entre o reflexo e a reflexão: por detrás das cortinas da performance museal. *In*: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM MUSEOLOGIA DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA E ESPANHOLA, 4., 2012. Petrópolis. **Anais [...]** MAST/UNIRIO, 2012.

TBT 50 por 1 | Ilha Grande: conheça um presídio desativado digno de filme de terror!. Realização de Domingo Espetacular. Intérpretes: Alvaro Garnero. Rio de Janeiro: Record Tv, 2022. **Youtube**, 28 abr. 2022. 1 vídeo (3 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=huU8lKAkU6I&ab_channel=DomingoEspetacular. Acesso em: 24 nov. 2022.

TURISTAS que chegam nos cais de Angra começam a ser taxados. Rio de Janeiro**:** Diário do Vale, 2023. Disponível em: https://diariodovale.com.br/tempo-real/turistas- que-chegam-nos-cais-de-angra-comecam-a-ser-taxados/. Acesso em: 22 fev. 2023.
TURNER, Victor. **O Processo Ritual**. Petrópolis: Vozes, 1974.
TURNER, Victor. Simbolos en el ritual ndembu. *In:* **La selva de los símbolos**. Aspectos del ritual ndembu, 1999. Madrid. p. 21-35.

TURNER, Victor. Betwixt and between: o período liminar nos ritos de passagem. *In*:
Floresta de símbolos. Niterói: EdUFF, 2005a. p. 137-158.

TURNER, Victor. **Floresta de símbolos:** aspectos do ritual Ndembu. Rio de Janeiro: Eduff, 2005b.

TURNER, Victor. Dewey, Dilthey e Drama: um ensaio em antropologia da experiência (primeira parte), de Victor Turner. **Cadernos de Campo**, São

Paulo, n. 13, p. 177-185, 2005c. Disponível em: http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50265. Acesso em: 10 out. 2024.

TURNER, Victor. **Dramas, Campos e Metáforas**. Niterói: Eduff, 2008.

UERJ. **Ceads recebe ônibus para auxiliar pesquisas.** 2019. Disponível em: https://www.uerj.br/noticia/ceads-recebe-onibus-para-auxiliar-pesquisa/. Acesso em: 14 fev. 2023.

WEILER, Betty; DAVIS, Derrin. An exploratory investigation into the roles of the nature-based tour leader. **Tourism Management**, v. 14, n. 2, p. 91-98, abr. 1993. Disponível em: https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/026151779390041I.

Sites consultados: https://www.otss.org.br/

APÊNDICES

APÊNDICE 1

Roteiro de Entrevistas

ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA DE ACORDO COM A CATEGORIA DOS RESPONDENTES

BLOCO A - Turistas

Núcleos sociais: Dois Rios, Bananal, Provetá e Vila do Abraão

Obs. A formulação das perguntas será adaptada ao perfil do respondente

1. Data da Pesquisa: ___/___/_____.

2. Núcleo social: ( ) Dois Rios ( ) Bananal ( ) Vila do Abraão ( ) Provetá

3. Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino

3.1 Identidade de Gênero: ( ) Homem ( ) Mulher

3.2 Orientação Sexual: ( ) Homo ( ) Bi ( ) Hétero ( ) Outro(a)s_____

4. Idade: _____ 4.1 Profissão:_____ 4.2 Renda:_____

5. Procedência/Cidade: _____ Estado:_____ País:_____

6. Qual a principal fonte de informação para a escolha da Ilha Grande como destino turístico?

( ) Já conhecia ( ) Agência de Viagem ( ) Internet, redes sociais ou sites especializados ( ) Anúncios / campanha publicitárias ( ) Indicação de amigos e parentes ( ) Outra(s)_____

6.1 Se assinalou a alternativa "já conhecia" quantas vezes já esteve na IG:____

Roteiro de entrevista semiestruturada

Como está sendo seu contato com a comunidade local?

Durante sua estadia na Ilha Grande, percebeu algum tipo de conflito entre as comunidades (comunidade da terra/caiçaras e nova comunidade/moradores de outros estados ou países)? Faça sua narrativa/conte sua história/experiência.....

BLOCO B - Agentes de desenvolvimento do turismo local e agentes sociais da IG.

Núcleos sociais: Dois Rios, Bananal, Provetá e Vila do Abraão.

Representantes dos órgãos/entidades reguladores/fiscalizadores em funcionamento, empresários, prestadores de serviços turísticos, e membros de igrejas católicas e evangélicas.

Obs. A formulação das perguntas será adaptada ao perfil do respondente

1. Data da Pesquisa: ___/___/_____.

2. Núcleo Social: ( ) Dois Rios ( ) Bananal ( ) Vila do Abraão ( ) Provetá

3. Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino

3.1 Identidade de Gênero: ( ) Homem ( ) Mulher

3.2 Orientação Sexual: ( ) Homo ( ) Bi ( ) Hétero ( ) Outro(a)s_____

4. Idade: _____ 4.1 Profissão:_____ 4.2 Renda:_____

5. Representante de:_____

Roteiro de entrevista semiestruturada

O que o desenvolvimento do turismo, após a desativação do presídio em 1994, trouxe para Ilha Grande ?

O que você acha que esse crescimento econômico, por meio do turismo, tem provocado na IG?

Você acha que esse contato direto ou indireto com a comunidade local, nova comunidade e turista influencia em quê?

Com o início das atividades do turismo na Ilha, o que se manteve, ou foi modificado, no que diz respeito às manifestações culturais, patrimônios, tradições, festas religiosas, entre outros aspectos?

O que você considera vital para a sobrevivência da identidade cultural da IG?

De que forma as comunidades (da terra e nova comunidade) participam do desenvolvimento do turismo e nos processos decisórios na IG?

- Em caso de resposta negativa, você acha que esse tipo de segregação poderia resultar no isolamento dessas comunidades (da terra é nova comunidade)?

No seu ponto de vista, de que forma as igrejas (católicas e evangélicas) tem conduzido seu papel de agente social na IG?

De que forma você percebe as relações sociais entre os atores que convivem na IG:

-Comunidade da terra e Nova Comunidade
-Empresários e Comunidade da terra
-Empresários e Nova Comunidade
-Comunidade da terra e Turistas
-Nova Comunidade e Turistas
-Poder público (agentes de desenvolvimento local) e Comunidades (da terra e nova comunidade)
-Poder público (agentes de desenvolvimento local) e Turistas
-Poder público (agentes de desenvolvimento local) e Igrejas (católicas e evangélicas)
-Igrejas (católicas e evangélicas) e Comunidade da terra
-Igrejas (católicas e evangélicas) e Nova Comunidade

Em relação à integração social, entre a nova comunidade e a comunidade da terra, você acredita que há grande integração? Ou as coisas ainda se encaminham para um maior entrosamento?

Qual seria a melhor e pior contribuição dos agentes de desenvolvimento do turismo local e agentes sociais para a IG?

No que se refere à convivência, entre as comunidades (da terra e nova), agentes do turismo local e agentes sociais, o que identificou? Faça sua narrativa/conte sua história/experiência.....

BLOCO C - Comunidade da Terra

Núcleos sociais: Dois Rios, Bananal, Provetá e Vila do Abraão

Caiçaras: Comunidade da terra/habitantes tradicionais/autóctones

Obs. A formulação das perguntas será adaptada ao perfil do respondente

1. Data da Pesquisa: ___/___/_____.

2. Núcleo Social: ( ) Dois Rios ( ) Bananal ( ) Vila do Abraão ( ) Provetá

3. Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino

3.1 Identidade de Gênero: ( ) Homem ( ) Mulher

3.2 Orientação Sexual: ( ) Homo ( ) Bi ( ) Hétero ( ) Outro(a)s_____

4. Idade: _____ 4.1 Profissão:_____ 4.2 Renda:_____

Roteiro de entrevista semiestruturada

O que o desenvolvimento do turismo, após a desativação do presídio em 1994, trouxe para Ilha Grande ?

O que você acha que esse crescimento econômico, por meio do turismo, tem provocado na IG?

Você acha que esse contato direto ou indireto com a comunidade da terra, nova comunidade e turistas influencia em quê?

Com o início das atividades do turismo na Ilha, o que se manteve ou foi modificado, no que diz respeito às manifestações culturais, patrimônios, tradições, festas religiosas, entre outros aspectos?

O que você considera vital para a sobrevivência da identidade cultural da IG?

De que forma as comunidades (da terra e nova comunidade) participam do desenvolvimento do turismo e nos processos decisórios na IG?

- Em caso de resposta negativa, você acha que esse tipo de segregação poderia resultar no isolamento dessas comunidades (da terra é nova comunidade)?

De que forma você percebe as relações sociais entre os atores que convivem na IG:

-Comunidade da terra e Nova Comunidade
-Empresários e Comunidade da terra
-Empresários e Nova Comunidade
-Comunidade da terra e Turistas
-Nova Comunidade e Turistas
-Poder público (agentes de desenvolvimento local) e Comunidades (da terra e nova comunidade)
-Poder público (agentes de desenvolvimento local) e Turistas
-Poder público (agentes de desenvolvimento local) e Igrejas (católicas e evangélicas)
-Igrejas (católicas e evangélicas) e Comunidade da terra
-Igrejas (católicas e evangélicas) e Nova Comunidade

Em relação à integração social, entre a nova comunidade e a comunidade da terra, você acredita que há grande integração? Ou as coisas ainda se encaminham para um maior entrosamento?

Qual seria a melhor e a pior contribuição da comunidade da terra para perpetuação dos costumes e tradições da IG?

No que se refere a essa convivência, entre as comunidades (da terra e nova), o que identificou? Faça sua narrativa/conte sua história/experiência.....

BLOCO D - Nova Comunidade Ilha Grande – RJ

Núcleos sociais: Dois Rios, Bananal, Provetá e Vila do Abraão

Nova Comunidade: Investidores, empresários, estrangeiros, migrantes brasileiros que passaram a morar na Ilha Grande a partir do fechamento do presídio em 1994.

Obs. A formulação das perguntas será adaptada ao perfil do respondente

1. Data da Pesquisa: ___/___/_____.

2. Núcleo Social: ( ) Dois Rios ( ) Bananal ( ) Vila do Abraão ( ) Provetá

3. Gênero: ( ) Masculino ( ) Feminino

3.1 Identidade de Gênero: ( ) Homem ( ) Mulher ( ) Outro(a)_____

3.2 Orientação Sexual: ( ) Homo ( ) Bi ( ) Hétero ( ) Outro(a)s_____

4. Idade: _____ 4.1 Profissão:_____ 4.2 Renda:_____

Roteiro de entrevista semiestruturada

O que o desenvolvimento do turismo, após a desativação do presídio em 1994, trouxe para Ilha Grande ?

O que você acha que esse crescimento econômico, por meio do turismo, tem provocado na IG?

Você acha que esse contato direto ou indireto com a comunidade local, nova comunidade e turista influencia em quê?

Com o início das atividades do turismo na Ilha, o que se manteve ou foi modificado, no que diz respeito às manifestações culturais, patrimônios, tradições, festas religiosas, entre outros aspectos?

O que você considera vital para a sobrevivência da identidade cultural da IG?

De que forma as comunidades (da terra e nova comunidade) participam do desenvolvimento do turismo é nos processos decisórios na IG?

- Em caso de resposta negativa, você acha que esse tipo de segregação poderia resultar no isolamento dessas comunidades (da terra e nova comunidade)?

APÊNDICE 2

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Discurso - I **CTBA:** Tenho poucas memórias, porque os mais antigos já morreram. Então a gente lembra muito, do que eles falavam bastante da época da fábrica de sardinha. Que eles trabalhavam na roça, aí quando a fábrica de sardinha se instalou, eles começaram a trabalhar com a salga. Vinham muitos presos e as pessoas ficavam assustadas, e eles se escondiam no mato. Não tinha luz na época, então era uma situação bem complicada. Enfim a comunidade tinha medo, porque sabiam que existia um presídio aqui na Ilha Grande. Quando passavam os presos, as pessoas tinham medo, porém aqui no Bananal, dos mais velhos que me falaram, eles nunca fizeram mal para a comunidade. Mal assim, nenhum tipo de violência, nada desse tipo. Eles só passavam mesmo pedindo informação e é isso, é bem pouco que eu tenho de lembrança que os mais velhos falavam. O que a minha avó me contava é que ela morava na Freguesia de Santana na época e o irmão dela era um dos coronéis lá do presídio, e aí eles fugiam, passavam pela casa dela, só que ela não tinha medo, porque realmente eles não passavam esse medo a ela. Eles pediam um café, alguma coisinha, ela ia no pé mesmo, pegava uma fruta pão, fazia já para eles ali. E como o irmão dela sabia que ela era muito boa, sabia também que eles fugiam, pegavam o caminho para o Bananal e vinham pra cá. E aí o irmão dela vinha logo após, e perguntava se eles tinham passado por ali, e ela dizia que não, e ele sabia que eles já tinham passado por lá. Mas aí ela não contava, por medo também de entregar, enfim, mas eles não passavam esse medo nela, era assim como ela me dizia. Foi isso que eu sei. Como minha tia me contou, meu pai me contou, assim, na época, até então a gente morava até mais alto. A	**Unidade de Significado D - I** **1.** A gente lembra que os antigos que já morreram falavam bastante da época da fábrica de sardinha. Que eles trabalhavam na roça, aí quando a fábrica de sardinha se instalou, eles começaram a trabalhar com a salga. Vinham muitos presos e as pessoas ficavam assustadas, e eles se escondiam no mato. Não tinha luz na época, então era uma situação bem complicada. Enfim a comunidade tinha medo, porque sabiam que existia um presídio aqui na Ilha Grande. Quando passavam os presos, as pessoas tinham medo, porém aqui no Bananal, dos mais velhos que me falaram, eles nunca fizeram mal para a comunidade. Mal assim, nenhum tipo de violência, nada desse tipo. Eles só passavam mesmo pedindo informação e é isso, é bem pouco que eu tenho de lembrança que os mais velhos falavam. O que a minha avó me contava é que ela morava na Freguesia de Santana na época e o irmão dela era um dos coronéis lá do presídio, e aí eles fugiam, passavam pela casa dela, só que ela não tinha medo, porque realmente eles não passavam esse medo a ela. Eles pediam um café, alguma coisinha, ela ia no pé mesmo, pegava uma fruta pão, fazia já para eles ali. E como o irmão dela sabia que ela era muito boa, sabia também que eles fugiam, pegavam o caminho para o Bananal e vinham pra cá. E aí o irmão dela vinha logo após, e perguntava se eles tinham passado por ali, e ela dizia que não, e ele sabia que eles já tinham passado por lá. Mas aí ela não contava, por medo também de entregar, enfim, mas eles não passavam esse medo nela, era assim como ela me dizia. Foi isso que eu sei. **(I -1)**. **2.** Morávamos no alto do morro assim como minha tia e meu pai me contaram. Não moramos à beira mar, porque a gente vivia da roça. Então não fazia sentido a gente morar na praia e ter uma roça lá no morro. Por isso que a	**Discurso Articulado - Sujeito 1 / S-1** **S-1** Tem lembranças saudosas repassadas pelos familiares que contam como Bananal funcionava antes e depois das fábricas de sardinha. Os caiçaras viviam de suas roças é pesca artesanal até que surgem a japonezada que toma conta da praia é constrói suas fábricas de sardinha. Neste tempo os caiçaras abandonam suas roças e começam a trabalhar com a salga de sardinha. Tempos difíceis por conta do presídio e suas fugas, além de não ter energia elétrica. Os presos pediam um café, uma fruta e os moradores os serviam, eles iam embora ou eram capturados nos matos. . Os caiçaras moravam no alto do morro por conta destas roças é com a vinda das fábricas eles enxergaram uma oportunidade é passaram a trabalhar nas fábricas é era um trabalho pesado. Realmente era muito puxado, era um serviço muito custoso, era um serviço braçal que exigia muito esforço físico. Por uma questão de esvaziamento da sardinha, concorrentes, mercado, vigilância sanitária e outras questões as fábricas fecharam. Logo após vieram as pousadas dos japoneses que já dominavam as fábricas e que agora iam atuar no ramo da hospitalidade. Depois da tragédia Sankay muita gente foi embora de Bananal, os que ficaram continuaram suas vidas passando de praia em praia até chegar na escola em Provetá. As coisas demoraram um pouco a normalizar em Bananal e as pousadas demoraram um pouco para retomar suas atividades. Bananal ficou conhecida pela tragédia e economicamente ficou muito abalada porque os empregos que temos aqui são provenientes das pousadas da japonezada é por conta do poder econômico que eles têm acabam conseguindo tudo o que querem. Temos dificuldade até de empreender

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
gente não mora à beira mar, porque a gente vivia da roça. Então não fazia sentido a gente morar na praia e ter uma roça lá no morro. Por isso que a maioria das casas dos moradores dos caiçaras estão lá em cima. E quando chegou a fábrica de sardinha para cá, os moradores, os caiçaras, né? Viram uma oportunidade de serviço e vieram começar a trabalhar. Não só as caiçaras, mas assim, outras pessoas também trabalhavam nas fábricas. Realmente era muito puxado, era um serviço muito custoso. Então era um serviço braçal que exigia muito esforço físico, né? Mas assim, os caiçaras, como a gente já era acostumado a fazer serviço braçal, que era roça, carregar lenha na cabeça, né. Então pra gente não era um serviço tão puxado, entre aspas, né (risos). Pelo que eu sei, aqui na Ilha Grande na praia do Bananal, não tem mais ninguém com roça. A gente tem, assim, os vestígios de roça, que era a roça do tio Milton, ali para lá era a roça do seu Zé, ali para cima, a roça do vô da Yasmin, ali era uma plantação de banana do fulano de tal, uma casa de farinha que tinha de ciclano. É que na verdade a roça era de uns e a casa de farinha era de outros. Mas geralmente quem tinha roça, tinha apetrechos para fazer a farinha. E nisso veio a fábrica de sardinha, onde minha tia é meu pai trabalhou. Meu pai era pescador na época. E começaram a trabalhar ali. Só que aí com o tempo a fábrica veio a enfraquecer, né. E fechou por causa da vigilância sanitária. E começou a demandar muitas coisas e fechou. Em seguida foram abertas as pousadas da japonezada. Yasmim, minha melhor amiga, foi embora depois da tragédia da pousada Sankay que teve ali, 13 pessoas da família de Yasmin morreram. Parte de mãe e pai. E aí, nesse tempo, ela foi morar na cidade, né? Infelizmente ela não conseguiu estudar aqui. Porque ela tinha muita vontade, sabe? Via meu irmão e eu,	maioria das casas dos moradores dos caiçaras estão lá em cima. E quando chegou a fábrica de sardinha para cá, os moradores, os caiçaras, né? viram uma oportunidade de serviço e vieram começar a trabalhar. Não só as caiçaras, mas assim, outras pessoas também trabalhavam nas fábricas. Realmente era muito puxado, era um serviço muito custoso. Então era um serviço braçal que exigia muito esforço físico, né? **(I -2)**. **3.** Os caiçaras já estavam acostumados a fazer serviço braçal, que era roça, carregar lenha na cabeça, né. Então pra gente não era um serviço tão puxado, entre aspas, né (risos). Pelo que eu sei, aqui na Ilha Grande na praia do Bananal, não tem mais ninguém com roça. A gente tem, assim, os vestígios de roça, que era a roça do tio Milton, ali para lá era a roça do seu Zé, ali para cima, a roça do vô da Yasmin, ali era uma plantação de banana do fulano de tal, uma casa de farinha que tinha de ciclano. É que na verdade a roça era de uns e a casa de farinha era de outros. Mas geralmente quem tinha roça, tinha apetrechos para fazer a farinha. E nisso veio a fábrica de sardinha, onde minha tia é meu pai trabalhou. Meu pai era pescador na época. E começaram a trabalhar ali. Só que aí com o tempo a fábrica veio a enfraquecer, né. E fechou por causa da vigilância sanitária. E começou a demandar muitas coisas e fechou. Logo em seguida foram abertas as pousadas da japonezada. **(I - 3)**. **4.** Minha melhor amiga, foi embora depois da tragédia da pousada Sankay que teve ali, 13 pessoas da família da minha amiga Yasmin morreram. Parte de mãe e pai. E aí, nesse tempo, ela foi morar na cidade, né? Infelizmente ela não conseguiu estudar aqui. Porque ela tinha muita vontade, sabe? Via meu irmão e eu, sabe? E os outros indo para pegar o barco aqui cedinho. Passava de praia em praia. Tinha três horas para chegar lá, mais ou menos. Para ensino médio era em Provetá e em Araçatiba era o ensino fundamental. E ela não teve essa	porque eles se sentem donos do mar é pelo que sabemos o mar não é terra de ninguém. A terra sempre foi uma questão por aqui é os caiçaras ou melhor os jovens caiçaras estão começando a mudar este paradigma é começam a se reconhecer como caiçaras de fato. Convivem bem com a japonezada, porém são reféns de trabalhos temporários para sobreviver em um território com limitações impostas pelo INEA onde não podem retomar suas roças e nem pescar. Por conta da gratidão os conflitos ficam obscuros, mas estas dores existem e incomodam esta comunidade que se sente humilhada e incomodada.

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
sabe? E os outros indo para pegar o barco aqui cedinho. Passava de praia em praia. Tinha três horas para chegar lá, mais ou menos. Para ensino médio era em Provetá e em Araçatiba era o ensino fundamental. E ela não teve essa oportunidade, infelizmente, né? Por todo o abalo, enfim, a família dela precisou sair. Mas aí ela estudou na cidade de Angra dos Reis. Morou em um bairro lá. E aí é aquela coisa totalmente diferente do que ela vivia aqui. Sentiu muita falta, muita falta. E ela só foi se acostumar com isso em 2016. Passou seis anos sofrendo. Estudava lá, tinha amizades. Mas para ela nada era como isso aqui. Nada colocava acima do que é viver aqui. Ela me dizia que gostava disso aqui, de estar na praia. E aí lá não tinha isso, né? Ela voltou em 2018 e cursou inglês, informática básica, manicure e marketing pessoal. E hoje estuda espanhol e ainda somos muito amigas. Após a tragédia de Sankai as pousadas ficaram muito tempo sem pegar hóspedes, né? Quase um ano. Aí em seguida que conseguiu pegar até aquela de lá de Araçatiba. Que foi a que ficou de base para pegar os corpos, né? Ele recolheu o pessoal das outras pousadas. Ela ficou mais tempo fechada. Essas daqui não ficaram tão afetadas igual a dela. E lá ela demorou um pouco mais. Com medo também, né? Porque é bem próximo. Foi muito triste porque o Bananal ficou conhecido pela tragédia. Pelo poder que a gente não tem, vamos dizer, econômico, todo mundo fala que os japoneses ou melhor a japonezada (risos) conseguem tudo. Porque tudo para eles é fácil. O irmão da Yasmin está fazendo um empreendimento local para ele. É aquele flutuante ali. Ele está montando um restaurante. Graças a Deus o irmão dela	oportunidade, infelizmente, né? Por todo o abalo, enfim, a família dela precisou sair. Mas aí ela estudou na cidade de Angra dos Reis. Morou em um bairro lá. E aí é aquela coisa totalmente diferente do que ela vivia aqui. Sentiu muita falta, muita falta. E ela só foi se acostumar com isso em 2016. Passou seis anos sofrendo. Estudava lá, tinha amizades. Mas para ela nada era como isso aqui. Nada colocava acima do que é viver aqui. Ela me dizia que gostava disso aqui, de estar na praia. E aí lá não tinha isso, né? Ela voltou em 2018 e cursou inglês, informática básica, manicure e marketing pessoal. E hoje estuda espanhol e ainda somos muito amigas. **(I - 4)**. **5.** Após a tragédia de Sankai as pousadas ficaram muito tempo sem pegar hóspedes, né? Quase um ano. Aí em seguida que conseguiu pegar até aquela de lá de Araçatiba. Que foi a que ficou de base para pegar os corpos, né? Ele recolheu o pessoal das outras pousadas. Ela ficou mais tempo fechada. Essas daqui não ficaram tão afetadas igual a dela. E lá ela demorou um pouco mais. Com medo também, né? Porque é bem próximo. Foi muito triste porque o Bananal ficou conhecido pela tragédia. **(I - 5)**. **6.** Pelo poder que a gente não tem, vamos dizer, econômico, todo mundo fala que os japoneses ou melhor a japonezada (risos) conseguem tudo. Porque tudo para eles é fácil. **(I - 6)**. **7.** O irmão da Yasmin está fazendo um empreendimento local para ele. É aquele flutuante ali. Ele está montando um restaurante. Graças a Deus o irmão dela conseguiu juntamente com o sócio dele. Ele conseguiu um cantinho lá na baleia. O dono do Bananal Pequeno encrencou porque é em frente a casinha verde dele. Porque ele falou que mais tarde ele tem um projeto futuro naquele local. Só que o mar não é terra de ninguém! **(I - 7)**.	

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
conseguiu juntamente com o sócio dele. Ele conseguiu um cantinho lá na baleia. O dono do Bananal Pequeno encrencou porque é em frente a casinha verde dele. Porque ele falou que mais tarde ele tem um projeto futuro naquele local. Só que o mar não é terra de ninguém! Por exemplo, a questão da terra também é um problema. E eu já estou no nível que eu sei que eu sou caiçara, eu sou daqui. Eu nasci aqui. Eu amo este lugar. Antes de eu ser, eu já era daqui. Entendeu? Então, assim, essas questões ficam meio escondidas ou obscuras mesmo. É muito minucioso, é bem complicado, sabe? Mas eu sinto, sim, que não só eu, mas outras pessoas. Em relação ao trabalho, em relação ao território. Tipo assim, hoje a gente convive bem. Só que, a gente sempre tem uns conflitos. Por mais pequenos que sejam, eles machucam, às vezes. A gente tem um conflito só que não fala e guarda. A gente tenta levar numa boa. E quando esta situação começa a apertar incomoda pra caramba! Eu não aguento. Pronto falei!	**8.** A questão da terra também é um problema. E eu já estou no nível que eu sei que sou caiçara, sou daqui. nasci aqui. Eu amo este lugar. Antes de eu ser, eu já era daqui. Entendeu? Então, assim, essas questões ficam meio escondidas ou obscuras mesmo. É muito minucioso, é bem complicado, sabe? Mas eu sinto, sim, que não só eu, mas outras pessoas. Em relação ao trabalho, em relação ao território. Tipo assim, hoje a gente convive bem. Só que, a gente sempre tem uns conflitos. Por mais pequenos que sejam, eles machucam, às vezes. A gente tem um conflito só que não fala e guarda. A gente tenta levar numa boa. E quando esta situação começa a apertar incomoda pra caramba! Eu não aguento. Pronto falei! **(I - 8)**.	
Discurso - II **NCBA:** Minha família chegou em 1933. Então, na minha época de infância no presídio, quando havia fuga de preso, por exemplo, o que que acontecia? Aquele barco, o Tenente Loretti, vinha em todas as comunidades, praia em praia, e deixava dois guardas, que a gente falava volante, com um alimento, e eles ficavam num rancho até o preso vir ou alguma das praias pegar o preso ou mesmo ele se entregar. Normalmente, os presos se entregavam	**Unidade de Significado D - II** **1.** Minha família chegou em 1933 é na minha infância no presídio, quando havia fuga de preso, por exemplo, o que que acontecia? Aquele barco, o Tenente Loretti, vinha em todas as comunidades, praia em praia, e deixava dois guardas, que a gente falava volante, com um alimento, e eles ficavam num rancho até o preso vir ou alguma das praias pegar o preso ou mesmo ele se entregar. Normalmente, os presos se entregavam naquela época. Ficavam uma semana no mato e aí já não tinha como mais se manter ali **(II - 1)**.	**Discurso Articulado S 2 - Sujeito 2 / S-2** **S-2** relata que a família chegou em 33 é conviveu com a fase do presídio é o medo pairava quando tinha fuga, porém não existe registro de violência nesta praia. Os volantes davam conta dos presos fujões até que eles fossem capturados ou se entregassem. Os caiçaras que moravam no morro tinham mais medo dos presos que almejavam fugir a nado. Antes do fechamento das fábricas de sardinha e da escassez da sardinha, as fábricas do bananal

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
naquela época. Ficavam uma semana no mato e aí já não tinha como mais se manter ali. Quando o pessoal falava, ah, tem preso no mato. Então, o pessoal aí ficava temeroso. Principalmente quem morava no morro, né? Ficava com medo. A vantagem aqui, em toda a comunidade, é que se aparecia um cara estranho, você já sabia. Pô, o cara não é daqui... De onde que é? Porque a correnteza que passa por ali, na Petrobras, ali é muito forte. Ali não tem como passar a nado. Também é fato porque a gente ultimamente, antes das fábricas de sardinha fecharem, a gente só entrava no mercado quando dava muita oferta de sardinha. O pessoal não tinha onde descarregar, aí vinham para fábricas de sardinha, entendeu? Porque antes, por exemplo, eu vou dar um exemplo pra você. Antigamente, nessa região aqui, dava sardinha, bastante sardinha. Então os barcos vinham de Santos, Santa Catarina, vinham tudo pescar nessa região. E não tinha onde escoar o que pescaram, porque eles não iam voltar daqui até Santos para descarregar lá e depois voltar novamente. É que eu passei uns 11 anos estudando em São Paulo. Eu vim pra cá, na fábrica, pra ajudar meu pai, porque meu pai ficou doente, né? Eu era filho único, eu vim pra cá pra trabalhar com ele. E a minha esposa, ela tinha uma prima que morava em São Paulo que tinha muitos amigos jovens. E no final de semana, os jovens queriam acampar, eles queriam coisas diferentes, né? Então pensei, ah, eu vou levar pra lá. No caso trazer aqui para a praia do Bananal na Ilha Grande.	**2.** Quando o pessoal falava, ah, tem preso no mato. Então, o pessoal aí ficava temeroso. Principalmente quem morava no morro, né? Ficava com medo. A vantagem aqui, em toda a comunidade, é que se aparecia um cara estranho, você já sabia. Pô, o cara não é daqui... De onde que é? **(II - 2)**. **3.** Porque a correnteza que passa por ali, na Petrobras, ali é muito forte. Ali não tem como passar a nado. **(II - 3)**. **4.** Antes das fábricas de sardinha fecharem, a gente só entrava no mercado quando dava muita oferta de sardinha. O pessoal não tinha onde descarregar, aí vinham para fábricas de sardinha da Ilha Grande. Antigamente, nessa região aqui, dava sardinha, bastante sardinha. Então os barcos vinham de Santos, Santa Catarina, vinham tudo pescar nessa região. E não tinha onde escoar o que pescaram, porque eles não iam voltar daqui até Santos para descarregar lá e depois voltar novamente **(II - 4)**. **5.** Passei 11 anos estudando em São Paulo. Eu vim pra cá, na fábrica, pra ajudar meu pai, porque meu pai ficou doente. Era filho único e eu vim para trabalhar com meu pai. E a minha esposa, ela tinha uma prima que morava em São Paulo que tinha muitos amigos jovens. E no final de semana, os jovens queriam acampar, eles queriam coisas diferentes, né? Então pensei ah, eu vou levar pra lá. No caso trazer aqui para a praia do Bananal na Ilha Grande **(II - 5)**. **6.** A fábrica era grande pois meu pai tinha acabado praticamente de construir dez anos antes, ou seja, ele tinha feito esse prédio. Como era uma fábrica de sardinha, eles sofriam fiscalização federal. Então, todo ano tinham várias exigências e ao passar do tempo as exigências aumentaram. Com a criação do Ibama, começou também a dificultar. Eles alegavam que estávamos jogando	serviam para o escoamento de barcos grandes vindo de Santos. Aos poucos a fábrica se transformou em hospedagem para jovens paulistas interessados em aventura e vivenciar experiências diferentes. Muitas questões fizeram com que as fábricas fossem desativadas e com a criação do IBAMA a situação piorou. A ilha tem sido muito explorada é pouco preservada é a nova comunidade não tem compromisso com a IG é se instalaram somente para ganhar dinheiro. Não temos mais tradição e muito menos caiçaras típicas. Pessoas de fora vem se estabelecer aqui é quando honram a convivência nós aceitamos é até fazemos amizade. Políticos interessados em votos têm vindo a Bananal ultimamente. Antes somente Abraão, Proveta e Araçatiba tinham estas visitas. Temos na atualidade um gestor da IG o Kazu que ajuda a reivindicar nossos direitos. O trabalho por aqui é escasso e a comunidade tem que trabalhar nas pousadas para garantir sua sobrevivência. Somente no verão temos algum movimento noturno em Bananal.

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
A fábrica aqui é grande. Porque o meu pai tinha acabado praticamente de construir, dez anos antes ele tinha feito esse prédio, né? Como era a fábrica de sardinha, eles sofriam, assim, como posso dizer, uma fiscalização federal. Então, todo ano era exigência, exigia o teto, não sei o quê, pá, pá, pá, e foi cada vez mais... Por outro lado, com a criação do Ibama, começou também a dificultar, né? Ah, vocês estão jogando salmoura no mar, não pode... E foi, exigência aqui, exigência ali, e a sardinha mais rara ainda, então não tem jeito. Então, a maioria fechou. Eu acho que ninguém quer saber de preservar a Ilha Grande, ninguém quer saber de preservar isso. Eles querem explorar. Tanto é que se você for no Abraão, a maioria que tá no Abraão hoje é de fora. Pessoal não tem compromisso nenhum. Esse pessoal de fora, não tem compromisso nenhum com a preservação da Ilha Grande. Estão aqui pra quê? Pra ganhar dinheiro. Eu não tô aqui por amor à terra. Não tem mais tradição. Porque agora não existe mais Caiçara, né? O Caiçara típico da minha infância. Não tem mais. Não existe. É quando vem alguém de fora. Aí você vê, né? Se o cara quiser honrar, eu acho que é bem aceito, né? Mas tem muita gente que o pessoal é muito desconfiado. Os mais novos não, né? Depois de um certo tempo de amizade, você deixa se levar sim. Os mais velhos, que são mais desconfiados. Aquele Caiçara desconfiado mesmo, é isso era próprio deles mesmo. Mas depois que você pegar confiança de um pessoal antigo aí deslancha. O poder público aqui agora está tentando descobrir o restante das comunidades da Ilha Grande. Para eles, é só Abraão, né? Porque é Abraão que dá mais votos	salmoura no mar. E foi, exigência aqui, exigência ali, e a sardinha mais rara ainda, então não teve jeito a maioria das fábricas fechou. **(II - 6)**. **7.** Ninguém quer saber de preservar a Ilha Grande. Eles querem explorar. Tanto é que se você for no Abraão, a maioria que está no Abraão hoje é de fora. Pessoal não tem compromisso nenhum. Esse pessoal de fora, não tem compromisso nenhum com a preservação da Ilha Grande. Estão aqui pra quê? Pra ganhar dinheiro. Eu não tô aqui por amor à terra **(II - 7)**. **8.** Não tem mais tradição. Porque agora não existe mais Caiçara. O Caiçara típico da minha infância não tem mais, não existe. **(II - 8)**. **9.** É quando vem alguém de fora. Aí você vê, né? Se o cara quiser honrar, eu acho que é bem aceito, né? Mas tem muita gente que o pessoal é muito desconfiado. Os mais novos não, né? Depois de um certo tempo de amizade, você deixa se levar sim. Os mais velhos, que são mais desconfiados. Aquele Caiçara desconfiado mesmo, é isso era próprio deles mesmo. Mas depois que você pegar confiança de um pessoal antigo aí deslancha **(II - 9)**. **10.** O poder público aqui agora está tentando descobrir o restante das comunidades da Ilha Grande. Para eles, é só Abraão, né? Porque é Abraão que dá mais votos e tem também Proveta seguido de Araçatiba, enfim só essas três praias. Tirando esses três, a gente sobra aqui. De vez em quando aparece um gato pingado dando as caras, mas é difícil. **(II - 10)** **11.** O Gestor da Ilha Grande é o Kazu. E tem esse pessoal que limpa aí e atende a prefeitura de Angra. Aqui não tem	

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
e tem também Proveta seguido de Araçatiba, enfim só essas três praias. Tirando esses três, a gente sobra aqui. De vez em quando aparece um gato pingado dando as caras, mas é difícil. Kazu é o Gestor da Ilha. E tem esse pessoal que limpa aí e atende a prefeitura de Angra. Aqui não tem trabalho praticamente. Se não trabalhar nas pousadas…(risos). É isso, ou em Angra dos Reis, né? Está fraco agora, né? No verão até que aqui em Bananal de noite tem movimento.	trabalho praticamente. Se não trabalhar nas pousadas (risos). É isso, ou em Angra dos Reis, né? **(II - 11)**. **12.** Está fraco agora só que no verão até que aqui em Bananal de noite tem movimento. **(II - 12)**.	
Discurso - III **CTDR:** A gente fez de tudo para que não colocassem o prédio no chão. A gente queria o presídio de pé, porque é história! Você nem imagina, no passado, o quanto aqui era lindo. Aquele murinho de pedra ali vinha até aqui. Era tudo limpinho, era tudo gramadinho, era tudo pintadinho de branco. O forte era todo pintadinho de branco. As casas eram pintadas de branco e as janelas de azul. Ali naquela rua do meio morava o pessoal, que era da parte dos Pms. Essa rua era chamada de "Rua dos Bacanas". Ali morava quem tinha os cargos melhores no presídio, os oficiais, digamos assim. As casas são maiores, têm três quartos, era a rua mais bonita que tinha aqui. Eu era criança naquela fase onde a falange do Jacaré e falange zona norte brigavam pelo mando do presídio. Foi aí que surgiu a Falange Vermelha com o grupo do fundão, uma mistura de presos políticos e assaltantes	**Unidade de Significado D - III** **1.** Fizemos de tudo para que não colocassem o prédio no chão. A gente queria o presídio de pé, porque é história! **(III - 1)**. **2.** No passado aqui era lindo. Aquele murinho de pedra ali vinha até aqui. Era tudo limpinho, era tudo gramadinho, era tudo pintadinho de branco. O forte era todo pintadinho de branco. As casas eram pintadas de branco e as janelas de azul **(III - 2)**. **3.** Naquela rua do meio morava o pessoal, que era da parte dos Pms. Essa rua era chamada de "Rua dos Bacanas". Ali morava quem tinha os melhores cargos no presídio, os oficiais, digamos assim. As casas são maiores, têm três quartos, era a rua mais bonita que tinha aqui **(III - 3)**. **4.** Era criança naquela fase onde a falange do Jacaré e falange zona norte brigavam pelo mando do presídio. Foi aí que surgiu a Falange Vermelha com o grupo do fundão, uma mistura de presos políticos e assaltantes de bancos. E logo depois passou a se chamar Comando Vermelho,	**Discurso Articulado Sujeito 3 / S-3** **S-3** Considerava tudo muito belo em Dois Rios embora compreendesse perfeitamente as diferenças sociais apresentadas por conta dos privilégios e moradias do pessoal que trabalhava no presídio. Sempre conviveu de forma harmônica com seus familiares, famílias dos presos e PMs. Quando criança presenciou conflitos entre falange do Jacaré e falange zona norte, até que passou a se chamar falange vermelha quando misturaram presos comuns (assaltantes de banco) a presos políticos, Após uma rebelião e muitas mortes passou a se chamar comando vermelho. Lutou muito para que o presídio permanecesse funcionando, porém a mando do governador da época foi implodido é a UERJ foi designada para cuidar de Dois Rios, suas ruínas é comunidade. Compreende que a UERJ teve que aceitar a comunidade que ali residia por conta do acordo assinado para que eles desenvolvessem pesquisa e abrissem um museu. Acredita não ter problemas com ninguém e se mantém firme no território e trabalhando.

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
de bancos. E logo depois passou a se chamar Comando Vermelho, após a rebelião em 1979, onde tivemos muitas mortes no presídio. Quando a gente começou a entender, já existia a nova facção, o Comando Vermelho. A gente não está aqui porque a UERJ quer. A gente está aqui porque já estávamos e o documento que eles assinaram para assumir esse espaço, para eles fazer os estudos, as pesquisas deles, tinham que concordar com essas famílias, que existiam na época do presídio. Mas eu não tenho problema com ninguém não. Eu continuo do mesmo jeito, fazendo meu trabalho. Já passaram tantos aqui. É normal a gente ter desconfiança. Na verdade, eles ficaram, assumiram esse espaço aqui, porque eles concordaram de ficar com essas famílias, da época do presídio.	após a rebelião em 1979, onde tivemos muitas mortes no presídio. Quando a gente começou a entender, já existia a nova facção, o Comando Vermelho **(III - 4)**. **5.** Não estamos aqui em Dois Rios porque a UERJ quer. A gente está aqui porque já estávamos e o documento que eles assinaram para assumir esse espaço, para eles fazer os estudos, as pesquisas deles, tinham que concordar com essas famílias, que existiam na época do presídio. Mas eu não tenho problema com ninguém não. **(III -5)**. **6.** Continuo do mesmo jeito, fazendo meu trabalho. Já passaram tantos aqui. É normal a gente ter desconfiança. Na verdade, eles ficaram, assumiram esse espaço aqui, porque eles concordaram de ficar com essas famílias, da época do presídio. **(III - 6)**.	
Discurso - IV **NCDR:** Olha só, bom, vamos lá, quando foi feita a desativação do presídio, teve algumas coisas meio conflituosas, meio nebulosas, porque poderia ter sido transformado em museu. Havia parte da comunidade que tinha interesse em um museu e na proposta do governo, naquele momento, mas não foi feito. A ideia era implodir, colocar abaixo, apagar essa memória. Se você me perguntasse isso há 20, 30 anos, ser caiçara era algo pejorativo. Ser um badjeco, como era conhecida a população tradicional da Ilha Grande, era algo negativo.	**Unidade de Significado D - IV** **1.** Quando o presídio foi desativado, teve algumas coisas meio conflituosas, nebulosas, porque poderia ter sido transformado em museu. Havia parte da comunidade que tinha interesse em um museu é na proposta do governo, naquele momento, não foi feito. A ideia era implodir, colocar abaixo, apagar essa memória **(IV - 1)**. **2.** Há 20, 30 anos, ser caiçara era algo pejorativo **(IV - 2)**. **3.** Ser badjeco, como era conhecida a população tradicional da Ilha Grande, era algo negativo **(IV - 3)**.	**Discurso Articulado Sujeito 4 / S-4** **S-4** Afirma que quando o presídio foi desativado houve muitos conflitos, pois, parte da comunidade de Dois Rios. A comunidade demonstrou interesse na proposta do governo de transformar as edificações do presídio em museu, só que naquele momento o que aconteceu foi a implosão como uma ação cruel e premeditada de acabar com a memória do presídio. Sobre os caiçaras ou melhor, os badjecos sempre foram considerados preguiçosos porque não se interessavam em trabalhar nas atividades do turismo. Dois Rios sempre foi considerado um território super cobiçado e de muito valor, a UERJ quando assinou o termo de concessão não

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Era alguém preguiçoso, que não queria trabalhar em pousada, restaurantes etc. Na verdade, a maioria ainda continua não querendo. Dois Rios é uma área grande, muito cobiçada e extremamente valorizada, só que a UERJ não tinha condições de imediato de assumir tudo aquilo que foi pensado, previsto e que era feito até então pelo presídio. Houve um momento difícil, em que a UERJ não pôde ocupar e o presídio não existia mais, foi embora.	**4.** Considerado alguém preguiçoso, que não queria trabalhar em pousada, restaurantes etc. Na verdade, a maioria ainda continua não querendo **(IV - 4)**. **5.** Dois Rios é uma área grande, muito cobiçada e extremamente valorizada, só que a UERJ não tinha condições de imediato de assumir tudo aquilo que foi pensado, previsto e que era feito até então pelo presídio **(IV - 5)**. **6.** Houve um momento difícil, em que a UERJ não pôde ocupar e o presídio não existia mais, foi embora **(IV -6)**.	conseguiu assumir imediatamente as responsabilidades e atividades que o presídio.
Discurso - V **CTPR:** Dois Rios, era onde ficava o presídio, como colônia. Depois que o presídio saiu daqui, em 1994, a gente teve alguns prejuízos, porque quando os presos estavam aqui, a nossa praia era a preferida deles. Em Provetá, o povo era ainda é evangélico, e não deixava os policiais baterem neles. Quando fugiam, vinham para cá, onde eram respeitados e tratados como cidadãos. Aqui ficavam muitos barcos e era onde encontravam alguma facilidade para atravessar para o lado de lá.	**Unidade de Significado D - V** **1.** Dois Rios, era onde ficava o presídio, como colônia. Depois que o presídio saiu daqui, em 1994, a gente teve alguns prejuízos, porque quando os presos estavam aqui, a nossa praia era a preferida deles. **(V - 1)**. **2.** Em Provetá, o povo era e ainda é evangélico, e não deixava os policiais baterem neles. Quando fugiam, vinham para cá, onde eram respeitados e tratados como cidadãos. Aqui ficavam muitos barcos e era onde encontravam alguma facilidade para atravessar para o lado de lá **(V - 2)**.	**Discurso Articulado Sujeito 5 / S-5** **S-5** Considerou o final do presídio um prejuízo inestimável para o território. Os presos tinham a praia de Provetá como sua preferida e eram bem recebidos e respeitados pela comunidade. Com princípios evangélicos muito rígidos a comunidade não permitia que os policiais agredissem os presos fugitivos. Em Provetá os ariscos presos encontravam barcos é portanto facilidades para fazer a travessia para o continente.
Discurso - VI **NCPR:** Moro na Ilha Grande desde fevereiro de 2014. Sou socióloga, solteira e diretora da Escola Estadual, na comunidade de Provetá. Tenho dois cachorros e minha mãe sempre passa uns dias comigo aqui. Um dos principais problemas da Ilha Grande é a falta de	**Unidade de Significado D - VI** **1.** Socióloga, solteira e diretora da Escola Estadual, na comunidade de Provetá, moro na Ilha Grande desde fevereiro de 2014. Tenho dois cachorros e minha mãe sempre passa uns dias comigo aqui. Um dos principais problemas da Ilha Grande é a falta de transporte público.	**Discurso Articulado Sujeito 6 / S-6** **S-6** Socióloga, solteira e diretora da Escola Estadual é vê o transporte público é o fanatismo religioso como um dos principais pontos de conflito em Proveta. Algumas comunidades da Ilha sequer têm energia elétrica. Outro ponto crucial é a especulação

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
transporte público. Algumas comunidades, como a do Aventureiro e de Palmas, até hoje, não contam com serviço de energia elétrica. Tem também a especulação imobiliária que, nas últimas décadas, acabou expulsando muitos caiçaras da Ilha Grande. A questão religiosa dificulta um pouco o nosso trabalho em Proveta. Não há boa aceitação de campanhas educativas sobre temas de tabu como gravidez na adolescência.	Algumas comunidades, como a do Aventureiro e de Palmas, até hoje, não contam com serviço de energia elétrica. Tem também a especulação imobiliária que, nas últimas décadas, acabou expulsando muitos caiçaras da Ilha Grande **(IV - 1)**. **2.** A religião dificulta um pouco o nosso trabalho em Proveta. Não há boa aceitação de campanhas educativas sobre temas de tabu como gravidez na adolescência. **(IV - 2)**.	imobiliária que de uma forma ou de outra expulsou caiçaras do seu território. ,O fanatismo religioso tem dificultado o trabalho da escola municipal, por conta do rechaço da comunidade a campanhas educativas com tabus como gravidez na adolescência.
Discurso - VII **CTVA:** Eu gosto do forró, gosto da Folia de Reis, gosto da Festa de São Sebastião, eu gosto dos forrós que acontecem nas casas, das festas de junho, do Carnaval, das celebrações de Natal, fim de ano. Aqui o pessoal foi morrendo, é outros mudando de lugar, eu pensava: e aí, o que vai ser do futuro? Quando eu quiser uma festa dessa não vai ter mais ninguém pra fazer porque já morreu ou se mudou. Quem vai ficar? Então acabei ocupando o lugar dessas pessoas. Eu trabalhei muitos anos na igreja de São Sebastião. Eu chamo hoje antiga igreja de São Sebastião, porque não se tem mais nada da igreja de São Sebastião original, infelizmente. Então de uns 16 anos pra cá eu já não trabalho mais na igreja como eu trabalhava, né. Eu fazia de tudo, desde a limpeza até a restauração das imagens, tudo! Só não subo na torre para pintar porque eu tenho medo de altura. Mas se pudesse eu também faria. Infelizmente veio para cá um padre que não gosta nada de tradição, que não gosta nada de cultura, que não gosta de história, não conhece a história da Ilha Grande e nem do povo daqui e começou a fazer as suas mudanças. Não quero isso,	**Unidade de Significado D - VII** **1.** Gosta de forró, Folia de Reis é Festa de São Sebastião, particularmente gosta dos forrós que acontecem nas casas, das festas de junho, do Carnaval, das celebrações de Natal e fim de ano. Aqui o pessoal foi morrendo, e outros mudando de lugar, eu pensava: e aí, o que vai ser do futuro? Quando eu quiser uma festa dessa não vai ter mais ninguém pra fazer porque já morreu ou se mudou. Quem vai ficar? Então acabei ocupando o lugar dessas pessoas. **(VII -1)**. **2.** Trabalhou muitos anos na igreja de São Sebastião. Ela chama hoje. antiga igreja de São Sebastião, porque não se tem mais nada da igreja de São Sebastião original, infelizmente. Então de uns 16 anos pra cá eu já não trabalho mais na igreja como eu trabalhava, né. Eu fazia de tudo, desde a limpeza até a restauração das imagens, tudo! Só não subi na torre para pintar porque eu tenho medo de altura. Mas se pudesse eu também faria. Infelizmente veio para cá um padre que não gosta nada de tradição, que não gosta nada de cultura, que não gosta de história, não conhece a história da Ilha Grande e nem do povo daqui e começou a fazer as suas mudanças. Não quero isso, não quero aquilo, isso não se usa mais, isso	**Discurso Articulado Sujeito 7 / S-7** **S-7** Gosta de forró é de outras festas populares que acontecem nas casas da comunidade da IG. Os mais antigos foram morrendo e outros foram se mudando do lugar, é pensando no futuro viu-se ocupando esse espaço e se tornando protagonista. Por conta de uma preocupação futura ele assumiu a liderança destes eventos e consequentemente se tornou muito importante para esta comunidade. Trabalhou na Igreja de São Sebastião, se dedicando desde a limpeza até a restauração de imagens. Com a chegada de um padre que ignorou tradições e memórias, começou a implementar mudanças que mexeram significativamente com seus fiéis. A partir destas atitudes, de um dia para o outro perdeu- se cerca de oitenta ovelhas do seu rebanho. Por conta da sua ignorância e desconhecimento do povo, da história da ilha a aversão do religioso a cultura e tradição local acabou conseguindo apartar pessoas que frequentavam religiosamente a igreja de forma organizada e participativa. A forma como o religioso lidou com a comunidade e seus costumes causou estranhamento e insatisfação da comunidade de Abraão. A igreja já não tem mais nada original porque

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
não quero aquilo, isso não se usa mais, isso não se faz mais, isso não me agrada, isso não é do meu gosto e foi cortando, cortando, cortando, até que chegou um ponto que não só eu como cerca de 80 pessoas da comunidade se afastaram da igreja de São Sebastião. Isso em um só dia, né! Eu ainda tentei ficar, segurar as pontas, mas infelizmente eu não consegui porque é impossível você ver a igreja de um jeito e tipo, do dia para a noite aquela igreja toda se desmorona e aquilo tudo se acaba. Então pra mim também foi um choque muito grande, porque aconteceram coisas assim em sequência que me causaram também muita tristeza, porque você ver uma igreja organizada, você vê uma igreja bonita, você vê uma igreja participativa e ativa dentro da comunidade da Vila do Abraão e aquilo tudo se acaba do dia para noite. Lá dentro não tem mais nada de original. Infelizmente o padre da época no dia 8 de dezembro fechou as portas da igreja e mandou derrubar todos os altares. Isso foi em 2013 se eu não me engano. 2013, 2014, porque ele não queria, não achava que era do gosto dele e tinha que ser do jeito que ele queria. Então ele não respeitou. E as pessoas que trabalharam anos para doar dinheiro para aquilo, para a construção. Aquele altar foi reconstruído em 1960 e foi reinaugurado em 1961. Quem tomou parte para reformar aqueles altares foi o doutor Hermínio Ouropretano Sardinha que era quem organiza o presídio na época é ele separou alguns presos de boa conduta para trabalharem dentro da igreja e construíram altares que na época eram feitos de madeira, ele mandou fazer igual em alvenaria porque os de madeira estavam caindo, estava tudo ruindo e não se sustentava mais. Então, foi pessoal nosso, foi família nossa, foi sangue nosso doado ali para poder construir e ser destruído assim de uma hora pra outra, do nada, sem necessidade nenhuma porque não	não se faz mais, isso não me agrada, isso não é do meu gosto e foi cortando, cortando, cortando, até que chegou um ponto que não só eu como cerca de 80 pessoas da comunidade se afastaram da igreja de São Sebastião. Isso em um só dia, né! Eu ainda tentei ficar, segurar as pontas, mas infelizmente eu não consegui porque é impossível você ver a igreja de um jeito e tipo, do dia para a noite aquela igreja toda se desmorona e aquilo tudo se acaba. Então pra mim também foi um choque muito grande, porque aconteceram coisas assim em sequência que me causaram também muita tristeza, porque você ver uma igreja organizada, você vê uma igreja bonita, você vê uma igreja participativa e ativa dentro da comunidade da Vila do Abraão e aquilo tudo se acaba do dia para noite **(VII - 2)**. **3.** Não tem mais nada de original na igreja porque Infelizmente o padre da época no dia 8 de dezembro fechou as portas da igreja e mandou derrubar todos os altares. Isso foi em 2013 se eu não me engano. 2013, 2014, porque ele não queria, não achava que era do gosto dele e tinha que ser do jeito que ele queria. Então ele não respeitou. E as pessoas que trabalharam anos para doar dinheiro para aquilo, para a construção. Aquele altar foi reconstruído em 1960 e foi reinaugurado em 1961. Quem tomou parte para reformar aqueles altares foi o doutor Hermínio Ouropretano Sardinha que era quem organiza o presídio na época é ele separou alguns presos de boa conduta para trabalharem dentro da igreja e construíram altares que na época eram feitos de madeira, ele mandou fazer igual em alvenaria porque os de madeira estavam caindo, estava tudo ruindo e não se sustentava mais. Então, foi pessoal nosso, foi família nossa, foi sangue nosso doado ali para poder construir e ser destruído assim de uma hora pra outra, do nada, sem necessidade nenhuma porque não estava caindo, não era feio. Muito pelo contrário, era uma arquitetura muito bonita e era cópia do original né. Então eu fiquei muito triste com isso,	o padre um dia fechou as portas e mandou derrubar os altares porque ele não gostava da aparência deles. Não respeitou todo o esforço de uma comunidade e muito menos o legado deixado por Hermínio Ouropretano Sardinha que trouxe os presos de bom comportamento para fazer o serviço utilizando o material de alvenaria.

Quadro 1: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
estava caindo, não era feio. Muito pelo contrário, era uma arquitetura muito bonita e era cópia do original né. Então eu fiquei muito triste com isso, muito triste! E infelizmente eu não trabalho mais porque eu gosto de trabalhar com amor porque eu tenho amor ao próximo, eu tenho respeito ao próximo sabe, então é impossível eu trabalhar num ambiente desse.	muito triste! E infelizmente eu não trabalho mais porque eu gosto de trabalhar com amor porque eu tenho amor ao próximo, eu tenho respeito ao próximo sabe, então é impossível eu trabalhar num ambiente desse **(VII - 3)**.	
Discurso - VIII **NCVA:** Quando eu cheguei ainda estava um fervor do fechamento do presídio, que a comunidade tinha uma certa razão, porque ela não era a favor. Porque o econômico da ilha, na verdade, era o presídio. Que quem não tinha emprego no presídio, ele era caguete, ele era alguma coisa ligada ao presídio. E foi daí que se criou aqui uma cultura policialesca muito difícil de se lidar com ela. E eles queriam o presídio de volta. E eu não tiro a razão deles, porque, finalmente, o econômico deles era o presídio. Era o emprego, era tudo. Então, a comunidade reagiu muito sobre isso aí. Já em Proveta o antigo pastor era radical, mas eu transitava bem com ele. Uma vez, fui fazer um trabalho para a Petrobras. E eu tinha uma palestra a fazer lá. E fui lá primeiro, conversei com ele e tal. Ele botou 40 pessoas na palestra. E lá é que eu fiquei sabendo um monte de dificuldades que eles tinham que jamais eu podia saber. Digo porque tu não abrias o verbo ali e tal. E nós passamos isso para o relatório e tal. Então, o grande problema que eles tinham naquele momento era a droga. E achando que o mundo contemporâneo estava chegando lá com força.	**Unidade de Significado D - VIII** **1.** Na minha chegada ainda estava um fervor do fechamento do presídio, que a comunidade tinha uma certa razão, porque ela não era a favor. Porque o econômico da ilha, na verdade, era o presídio. Que quem não tinha emprego no presídio, ele era caguete, ele era alguma coisa ligada ao presídio. E foi daí que se criou aqui uma cultura policialesca muito difícil de se lidar com ela. E eles queriam o presídio de volta. E eu não tiro a razão deles, porque, finalmente, o econômico deles era o presídio. Era o emprego, era tudo. Então, a comunidade reagiu muito sobre isso aí **(VIII - 1)**. **2.** Em Proveta o antigo pastor era radical, mas eu transitava bem com ele. Uma vez, fui fazer um trabalho para a Petrobras. E eu tinha uma palestra a fazer lá. E fui lá primeiro, conversei com ele e tal. Ele botou 40 pessoas na palestra **(VIII - 2)**. **3.** Fiquei sabendo um monte de dificuldades que eles tinham que jamais eu podia saber. Digo porque tu não abrias o verbo ali e tal. E nós passamos isso para o relatório e tal. Então, o grande problema que eles tinham naquele momento era a droga. O mundo contemporâneo estava chegando lá com força. **(VIII - 3)**.	**Discurso Articulado Sujeito 8 / S-8** **S-8** Na ocasião do fechamento do presídio a comunidade era a favor da permanência do presídio na Ilha Grande. Como a economia da Ilha girava em torno do presídio e suas atividades, era mais do que natural que os moradores absorvessem esta cultura "policialesca". O sustento de grande parte da comunidade vinha dos empregos gerados pelo presídio. Quem não trabalhava no sistema prisional atuava como caguete. O fato é que o presídio era o protagonista por conta do domínio capital. Já em Proveta todos os conflitos giravam em torno das ações de um pastor idolatrado por seus assembleianos. Mesmo não sendo adepto dessa religião, nosso entrevistado tinha bom acesso ao pastor ao ponto dele apoiar suas palestras trazendo público para participar destas atividades. A grande questão de Provetá na ocasião do meu contato era a droga é nosso entrevistado permanecia discreto porém crítico ao fato da contemporaneidade ter chegado a IG é com ela veio outros problemas.

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Discurso - I **CTBA:** Tem muitos caiçaras que não se sentem aptos. Ou não se sentem capazes por serem caiçaras. Não ter tido um estudo. Igual, por exemplo, a nossa associação é composta por nós. Agora nessa chapa só vai ter mulher. Mas tem moradores igual o pai dela, o primo dela o Ademir, o Gilberto, pessoas que não podem mesmo por causa dos afazeres. Tem muitas possibilidades. Mas teve, por exemplo, o Ademir. Ele também é uma pessoa muito engajada na comunidade. Sempre tá aqui. É um caiçara daqui. Só que ele fala que não atua porque não tem estudo. Então, não é só ele. Eu tenho os mais antigos também que se colocam nessa posição de não sou capaz. Eu não posso porque não tenho estudo. Não posso porque eu não sei ler. Mas você para pra conversar com os mais antigos, tia Dalva, com a tia Carmen, né? Ah, é muito bom. A nossa família, a minha, a dela, a gente vem de uma cultura, assim, que não é que se perdeu. Elas estão, assim, escondidas. Então, assim, quando a gente começa a ter uma informação. Quando a gente começa a ter a informação. Que aí a gente começa a ver com outros olhos a nossa realidade. E em espaços assim, por exemplo, em reuniões. Eu vou por exemplo, em uma reunião tal, porque teve situações de professores, outras caiçaras, representantes de outras comunidades. Que participavam em reuniões e tinha pessoas que falavam. Ah, mas na Ilha Grande não tem mais caiçara. Mas existem pessoas que fazem essa fala. Na Ilha Grande não existe mais caiçara.	**Unidade de Significado D – I (Bananal - CT)** **1.** Muitos caiçaras que não se sentem aptos. Ou não se sentem capazes por serem caiçaras. Não ter tido um estudo. Igual, por exemplo, a nossa associação é composta por nós. Agora nessa chapa, de agora só vai ter mulher nessa chapa. Mas tem moradores igual o pai dela. O primo dela o Ademir. O Gilberto. Tem umas pessoas que não podem mesmo por causa dos afazeres. Tem muitas possibilidades. Mas teve, por exemplo, o Ademir. Ele também é uma pessoa muito engajada na comunidade. Sempre tá aqui. É um caiçara daqui. Só que ele fala que não atua porque não tem estudo. Então, não é só ele. Eu tenho os mais antigos também que se colocam nessa posição de não sou capaz. Eu não posso porque não tenho estudo. Não posso porque eu não sei ler. Mas você para pra conversar com os mais antigos, tia Dalva, com a tia Carmen, né? Ah, é muito bom. A nossa família, a minha, a dela, a gente vem de uma cultura, assim, que não é que se perdeu. Elas estão, assim, escondidas. **(I-1)** **2.** Quando começamos a ter uma informação começamos a ver com outros olhos a nossa realidade. E em espaços assim, por exemplo, em reuniões. Eu vou, em uma reunião tal, porque teve situações de professores, outras caiçaras, representantes de outras comunidades que participaram em reuniões e tinham pessoas que falavam - Ah, mas na Ilha Grande não tem mais caiçara. Mas existem pessoas que fazem essa fala. Na Ilha Grande não existe mais caiçara. **(I-2)** **3.** Todo ano eles faziam festividades da cultura japonesa e foi aí que conheci Yumi. Eu acho legal, mas não tem uma coisa nossa. Então, é isso que a gente sentiu.	**Discurso Articulado - Sujeito 1 / S-1** **S1.** Em sua fala cheia de revolta ressalta que os caiçaras não se sentem preparados para assumir as lideranças por se sentirem inferiorizados por conta de pouco estudo e até por não saber ler e escrever. Quando ela representa os caiçaras em reuniões externas, pessoas falam que na Ilha Grande não existem mais caiçaras e isso a incomoda muito. Exalta Relata a sabedoria dos mais velhos de sua família e faz questão de afirmar que a cultura existe, porém se encontra escondida ou melhor reprimida. A "japonezada" faz festividades todos os anos e S1 sente falta de algo que represente a cultura caiçara. No ano passado foi até convidada por uma das organizadoras para participar é assim colocar uma barraquinha com comida caiçara é também fazer um ofício solicitando a cobertura da festa, só que como a associação ainda não tinha sido legalizada aí declinou. A praia foi tomada por pousadas e lanchonete que pertencem às famílias dos japoneses, portanto Bananal é reconhecido pela cultura japonesa e não pela cultura caiçara. S1 argumenta que não existe valorização do artesanato local e conta a saga de seu pai que ao tentar vender seus barquinhos de madeira para turistas que transitam em suas lanchas pela baía da Ilha Grande. Os turistas não compram, ou seja, não fortalecem o caiçara e, portanto, não valorizam a produção artesanal local. Os caiçaras entendem que a partir do momento que a Ilha adquiriu o título de patrimônio mundial (natural e cultural) pela Unesco junto com Paraty a vida deles ficou ainda mais difícil porque aumentou o número de regras que eles não compreendem porque têm que submeter. Não conhecem seus direitos, por isso acreditam que

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Eu conheci a Yumi por causa dos festivais da cultura japonesa. Todo ano eles faziam. Eu acho legal, mas não tem uma coisa nossa. Então, é isso que a gente sentiu. Depois, agora, né? A gente sentiu essa falta, essa pegada da nossa barraquinha. Até no ano passado, antes da pandemia, a Betta conversou, perguntou pra gente se a gente poderia fazer um oficio para fazer a estrutura. A gente estava logo no processo de formar a associação, né? A gente não tinha a associação formada, legalizada ainda. Ela conversou com a gente e disse que poderíamos fazer nossa barraca com certeza. E nisso eu propus a ela que se a gente pudesse colocar uma barraquinha nossa caiçara. Aí nisso entrou a pandemia, e também a gente não pôde ajudar tanto, porque a nossa associação não era legal. Eu acho que assim como tem o Festival da Cultura Japonesa, é uma coisa de fora que vem se instalou aqui. E aí fica reconhecido muito, também, por conta disso. A primeira praia também, pra você ver que você... Todas as pousadas e lanchonete são das japonesas. E aí a gente não tem, não teve nenhum festival da nossa cultura caiçara. Tinha o do Frutos do Mar. Aqui teve do peixe também e outros. Em Araçatiba já teve do caiçara. O meu pai fazia barquinho de madeira pra vender. E isso era o que alimentava o meu irmão, né. A venda desses barquinhos, sabe? E aí com o tempo ele foi... Ele atualmente é pescador na carteira e pedreiro, né? Ele trabalha como pedreiro atualmente. E aí foi se perdendo isso. Essa coisa dele fazer os barquinhos, sabe? Aí até um tempo ele fez. E eu saí com ele num botinho pra vender ali pela baleia. A gente foi conseguir vender numa lancha. E tem outras lanchas que já... Que acham legal, mas acham caro. Porque não valorizam isso. Porque meu pai falou, nossa, é o trabalho, né? Da mão de moldar tudo aquilo. É a tinta	Depois, agora, né? A gente sentiu essa falta, essa pegada da nossa barraquinha. Até no ano passado, antes da pandemia, a Betta conversou, perguntou pra gente se a gente poderia fazer um ofício para fazer a estrutura. A gente estava logo no processo de formar a associação, né? A gente não tinha a associação formada, legalizada ainda. Ela conversou com a gente e disse que poderíamos fazer nossa barraca com certeza. E nisso eu propus a ela que se a gente pudesse, colocar uma barraquinha nossa caiçara. Aí nisso entrou a pandemia, e também a gente não pôde ajudar tanto, porque a nossa associação não era legal. Eu acho que assim como tem o Festival da Cultura Japonesa, é uma coisa de fora que vem se instalou aqui. E aí fica reconhecido muito, também, por conta disso. A primeira praia também, pra você ver que você... Todas as pousadas e lanchonetes são dos japoneses. E aí a gente não tem, não teve nenhum festival da nossa cultura caiçara. Tinha o do Frutos do Mar. Aqui teve festival do peixe também e outros. Em Araçatiba já teve festival do caiçara. **(I-3)** **4.** Os barquinhos de madeira que meu pai fazia era que sustentava meu tava o meu irmão. A venda desses barquinhos, sabe? Atualmente meu pai é pescador na carteira e pedreiro. Ele trabalha como pedreiro atualmente. E aí foi se perdendo isso. Essa coisa dele fazer os barquinhos, sabe? Aí até um tempo ele fez. E eu saí com ele num botinho (bote bem pequeno) pra vender ali pela baleia. A gente foi conseguir vender numa lancha. E tem outras lanchas que já... Que acham legal, mas acham caro. Porque não valorizam isso. Porque meu pai falou, nossa, é o trabalho, né? Da mão de moldar tudo aquilo. É a tinta que compra para pintar. É tudo aquele trabalho. Muito delicado. E todo mundo fala, nossa, em Paraty vende, mas não é tão bem feito quanto aqui. Entendeu? E quem ensinou pra ele foi um tio dele lá da freguesia de Santana, mais antigo. Ele ainda... Seria	passam por situações que não deveriam passar. Às vezes recebem políticos que exaltam que Banana só tem importância ou recebe atenção por conta das pousadas que pertencem às famílias dos japoneses. A S1 gostaria que isso fosse diferente é que os políticos tivessem um olhar mais interessado nas famílias caiçaras que ali vivem e sobrevivem é que estão aos poucos tentando participar dos espaços de discussão sobre o território. S1 quer criar seus filhos em Bananal é por isso entrou nesta batalha é clama por ter sua voz caiçara é de sua comunidade reconhecida e respeitada pelas instâncias de governança e poder público. Os japoneses se sentem donos do Bananal ao ponto de impedir que um caiçara monte seu negócio no mar (restaurante flutuante) por entender que o restaurante ficaria na frente da casa dele. Por medo os caiçaras acabam recuando é acatando as exigências dos japoneses que vieram depois é são considerados de fora, ou seja, os conflitos existem, os caiçaras são subjugados pela força do capital dos japoneses é não podem sequer pescar nas proximidades do Bananal. Os jovens de Bananal se revoltam com tanta subserviência e humilhação praticadas de forma sutil mais cruel pelo controle da "japonesada". S1 se sente ousada por falar o que pensa a respeito da submissão dos caiçaras e por terem perdido direitos simples como o de pescar para sustento de suas famílias. Existe claramente uma exploração da mão de obra local, ou seja, dos caiçara pelo empresários japoneses que impõe a eles uma carga horária de trabalho que não condiz com a legislação brasileira. Todos trabalham como diaristas e têm uma carga horária de trabalho de aproximadamente 12 horas. Os caiçaras têm uma ligação de gratidão com os japoneses que além de ofertar as vagas como diaristas lhes dão outras ajudas materiais, isso faz

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
que compra pra pintar. É tudo aquele trabalho. Muito delicado. E todo mundo fala, nossa, em Paraty vende, mas não é tão bem feito quanto aqui. Entendeu? E quem ensinou pra ele foi um tio dele lá da freguesia de Santana, mais antigo. Ele ainda. Seria até legal você conversar com o Didi. E ele tem muitas histórias. E... E foi ele que ensinou. E aí meu pai viveu disso, assim, na época, assim, né? Porque alimentava o meu irmão. Mas era bem mais valorizada antigamente. Porque vinham muitos famosos pra Ilha Grande. A freguesia era uma praia muito rica, assim. Compravam muito e tal. Hoje em dia as pessoas já não ligam tanto pra isso, sabe? Não fortalecem. Alguns moradores até se lamentam, às vezes, de não conseguir conquistar algumas coisas. Porque é muito difícil aqui na ilha, ainda mais agora que virou patrimônio. E a gente com tantas leis, sabe? A gente mesmo, sendo caiçara, a gente não conhece todos os nossos direitos. A gente se submete a coisas porque a gente não sabe que a gente poderia ter lutado contra isso, sabe? A gente se submete a várias situações. Até hoje a gente teve... Até a gente levou o vereador nos pontos que a gente estava mais crítico da comunidade. E ele falou, assim, tem lugares que é muito pior do que aqui. Assim, a estrutura, né? Só não é... Só não é pior por causa da visibilidade das pousadas. Ele falou... Ele falou que a visibilidade das pousadas ajuda muito vocês, porque traz o interesse. E por que o interesse teria que ser as pousadas e não, sabe? algo nosso. Que está tentando participar dos espaços de decisões, das reuniões. Por exemplo, a PPP, ela teve aqui, teve uma reunião. Se não fosse os caiçaras se juntarem,	até legal você conversar com o Didi. E ele tem muitas histórias. E... E foi ele que ensinou. E aí meu pai viveu disso, assim, na época, assim, né? Porque alimentava o meu irmão. Mas era bem mais valorizada antigamente. Porque vinham muitos famosos para Ilha Grande. A freguesia era uma praia muito rica. Compravam muito e tal. Hoje em dia as pessoas já não ligam tanto pra isso, sabe? Não fortalecem. **(I-4)** **5.** Alguns moradores até se lamentam, às vezes, de não conseguir conquistar algumas coisas. Porque é muito difícil aqui na ilha, ainda mais agora que virou patrimônio. E a gente com tantas leis, sabe? A gente mesmo, sendo caiçara, a gente não conhece todos os nossos direitos. A gente se submete a coisas porque a gente não sabe que a gente poderia ter lutado contra isso, sabe? A gente se submete a várias situações. **(I-5)** **6.** Hoje levamos um vereador nos pontos que estava mais crítico da comunidade. E ele falou, assim, tem lugares que são muito piores do que aqui. Assim, a estrutura, né? Só não é pior por causa da visibilidade das pousadas. Ele falou que a visibilidade das pousadas ajuda muito vocês, porque traz o interesse. E por que o interesse teria que ser as pousadas e não, sabe? algo nosso. **(I-6)** **7.** Estamos tentando participar dos espaços de decisões, das reuniões. Por exemplo, houve aqui uma reunião sobre a Parceria Público-Privada (PPP). Se não fosse os caiçaras se juntarem, participando daquele espaço, como é que seria. A gente tem, mas só que pela OIT-69, né? A gente tem que estudar. Sobre a Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho trata sobre Povos Indígenas e Tribais. A gente não tem o conhecimento dos nossos próprios direitos, sabe? Muitas vezes a gente se cala, porque diante de situações assim, ah, eu vou fazer	com que esta relação se perpetue por tanto tempo, mesmo que os caiçaras estejam insatisfeitos e se sintam explorados. Os caiçaras às vezes presenciam situações que não são permitidas pela lei mais se acuam é não denunciam e acabam dependendo de S1 que é presidente da associação e que às vezes não consegue resolver prontamente. S1, afirma que em Bananal não tem traficantes mas tem consumidores de drogas e recentemente a Polícia Federal reformou uma casa antiga e que vai se instalar por lá.

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
participando daquele espaço, como é que seria. A gente tem, mas só que pela OIT-69, né? A gente tem que estudar. É o OIT-69, que é mais... Convenção n° 169 da OIT sobre Povos Indígenas e Tribais. A Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho. A gente não tem o conhecimento dos nossos próprios direitos, sabe? Muitas vezes a gente se cala, porque diante de situações assim, ah, eu vou fazer isso e tal. Mas aí a gente vai e ficar quieta, porque, ah, fulano pode, né? É além, vai além. Vai além disso. Eu quero criar meus filhos aqui, entendeu? Essa é uma necessidade que eu sinto. Yasmim entrou na associação depois ocupando um lugar de um amigo que foi embora. Uma pessoa saiu e ele entrou. Já temos o CNPJ há dois anos. E aí o irmão da Yasmim teve problema com ele. Porque ele falou que não queria. Nada na frente da casa dele. Que ele tem um projeto de fazer coisa para o futuro. E que ali ia dar muita lancha. Só que não era nem perto da casa dele. Só que ele falou que não. E como é uma pessoa de poder. Só que ele não é de abaixar a cabeça. Aí a mãe dele falou. Nossa, a gente do lugar. A gente que é nascida e criada aqui. A gente não consegue. E vem uma pessoa de fora. Querendo embargar uma coisa. E eles não tem nem direito sobre isso. Então foi muito conversado. Mesmo ele tendo já legalizado. Ela ficou com aquele receio. De futuramente ele fazer alguma coisa. Para prejudicar, por exemplo. Então mesmo tendo a licença. Chegou à conclusão com o sócio dele. De fazer uma troca. E negociaram. E aí eles fizeram uma troca. Ele conseguiu liberar outro espaço. Ele vai fazer nesse outro espaço. Mas é isso que é chato. Ele é de fora. Ele veio depois. Os conflitos existem.	isso e tal. Mas aí a gente vai e fica quieta, porque, ah, fulano pode, né? Ele vai além. Vai além disso. Eu quero criar meus filhos aqui, entendeu? Essa é uma necessidade que eu sinto. Yasmim entrou na associação depois ocupando um lugar de um amigo que foi embora. Uma pessoa saiu e ele entrou. Já temos o CNPJ há dois anos. **(I-7)** **8.** O irmão de Yasmim teve problema com ele (japonês dono do Bananal pequeno). Porque ele falou que não queria. Nada na frente da casa dele. Que ele tem um projeto de fazer coisas para o futuro. E que ali ia dar muita lancha. Só que não era nem perto da casa dele. Só que ele falou que não. E como é uma pessoa de poder. Só que ele não é de abaixar a cabeça. Aí a mãe dele falou. Nossa, a gente do lugar. A gente que é nascido e criado aqui. A gente não consegue. E vem uma pessoa de fora. Querendo embargar uma coisa. E eles não tem nem direito sobre isso. Então foi muito conversado. Mesmo ele tendo já legalizado. Ela ficou com aquele receio. De futuramente ele fazer alguma coisa. Para prejudicar, por exemplo. Então mesmo tendo a licença. Chegou à conclusão com o sócio dele. De fazer uma troca. E negociaram. E aí eles fizeram uma troca. Ele conseguiu liberar outro espaço. Ele vai fazer nesse outro espaço. Mas é isso que é chato. Ele é de fora. Ele veio depois. Os conflitos existem. **(I-8)** **9.** Não podemos mais pescar dentro daquelas boias ali. Porque já é uma fazenda marinha. Aqui antigamente era um ponto de lula. A gente pegava muita lula aqui. Não dá para pescar mais porque tem uma psicultura. A gente fica nessa questão. E se a gente vai tentar fazer alguma coisa. Não pode porque é prejudicado. Então a gente fica nesses impasses. E aí a gente não sabe as vezes a maneira de lutar. De pedir o nosso direito. De como cobrar. Principalmente quem tem barco de pesca. Meu	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Se você olhar. A gente não pode mais pescar dentro daquelas boias ali. Porque já é uma fazenda marinha. Aqui antigamente era um ponto de lula. A gente pegava muita lula aqui. Não dá para pescar mais porque tem uma psicultura. A gente fica nessa questão. E se a gente vai tentar fazer alguma coisa. Não pode porque é prejudicado. Então a gente fica nesses impasses. E aí a gente não sabe as vezes a maneira de lutar. De pedir o nosso direito. De como cobrar. Principalmente quem tem barco de pesca. Meu pai por exemplo é um pescador artesanal. Quantas vezes ele não pode pescar aqui perto. Porque o barco dele não pode. Mas aí vem um barco de lá não sei aonde. Pesca bem aqui. O seu Ademir tem um arrastão de camarão. Ele as vezes tem que ir lá para não sei aonde. Porque não pode pescar aqui. Então tudo tem esses contratempos e conflitos. Não só do território. Mas tem a questão do maretório. A questão do espaço. O que o Fulano pode fazer. Mas o Beltrano não pode. Tem esses conflitos Ah, eu estou numa situação que... Tipo assim, igual, por exemplo, eu, a Yasmin, o companheiro dela, o meu irmão são a juventude. A gente, a Lidiana, a Alessandra. A gente sente que a gente consegue mais ir além do que a gente pode. Do que a gente está submetido a ser. A gente pode ir muito além. Eu posso ser uma advogada, posso ser uma juíza, posso ser o que eu quiser. Sou triste, eu acho. Triste não ousada. Então, é essas questões que nos limitam. Igual, por exemplo, tem situações de moradores aqui, caiçaras daqui, que me matam por dentro. Eu fico para morrer, sabe? Tipo assim, gente, como assim você não consegue isso? Como assim a pessoa não faz isso por você? Como assim não tem essa... Não consegue te ajudar nisso? Você vai ficar quanto tempo assim? É isso que me magoa, é isso que me deixa triste. Igual,	pai, por exemplo, é um pescador artesanal. Quantas vezes ele não pode pescar aqui perto. Porque o barco dele não pode. Mas aí vem um barco de lá não sei aonde. Pesca bem aqui. O seu Ademir tem um arrastão de camarão. Ele às vezes tem que ir lá para não sei onde. Porque não pode pescar aqui. Então tudo tem esses contratempos e conflitos. Não só do território. Mas tem a questão do maretório. A questão do espaço. O que o fulano pode fazer. Mas o beltrano não pode. Tem esses conflitos. **(I-9)** **10.** A gente pode ir muito além do que é submetido a ser. Ah, eu estou numa situação que... Tipo assim, igual, por exemplo, eu, a Yasmin, o companheiro dela, o meu irmão são a juventude. A gente, a Lidiana, a Alessandra. A gente sente que a gente consegue mais ir além do que a gente pode. A gente pode ir muito além. Eu posso ser uma advogada, posso ser uma juíza, posso ser o que eu quiser. Sou triste, eu acho. Triste não, sou ousada. Então, essas questões que nos limitam. Igual, por exemplo, tem situações de moradores aqui, caiçaras daqui, que me matam por dentro. Eu fico para morrer, sabe? Tipo assim, gente, como assim você não consegue isso? Como assim a pessoa não faz isso por você? Como assim não tem essa... Não consegue te ajudar nisso? Você vai ficar quanto tempo assim? É isso que me magoa, é isso que me deixa triste. Igual, por exemplo, eu estava conversando com a minha tia ali. É uma situação, sim, desconfortável para a comunidade. Porque se a gente pegar... Vou falar mesmo? Sou dessas. Vou falar sobre isso. Porque assim, é uma situação que se a gente for botar na ponta do lápis. A gente não trabalha somente oito horas. Trabalhamos doze horas. Então, assim, é uma questão que se não trabalha, não come. Porque essas pessoas mais antigas vão para onde? Se a gente não vive mais da roça, a pesca tá fraca, não tem peixe no mar. Vão para onde? Tem que sair daqui. Antes, era igual	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
por exemplo, eu estava conversando com a minha tia ali. É uma situação, sim, desconfortável para a comunidade. Porque se a gente pegar. Vou falar mesmo? Sou dessas. Vou falar sobre isso. Porque assim, é uma situação que se a gente for botar na ponta do lápis. A gente não trabalha oito horas. Trabalhamos doze horas. Então, assim, é uma questão que se, como você falou se não trabalha, não come. Porque essas pessoas mais antigas vão para onde? Se a gente não vive mais da roça, a pesca tá fraca, não tem peixe no mar. Vão para onde? Tem que sair daqui. Antes, era igual a minha mãe fala. Meu avô ia aqui, pegava um peixe para o almoço. Meia horinha. Pegava de novo para janta. Tem uma pressão psicológica, tem muitos caiçaras que tem precisado de acompanhamento de psicólogo. Ela, por exemplo, a Lidiana, ela é muito esperta, mas é muito difícil você ver ela aqui na praia. A gente vê isso, então a gente, tipo assim, é tanta demanda, é tanta coisa que realmente, às vezes, igual eu falo para Yasmim é tanta coisa que tem hora que parece que eu vou explodir, ou eu quero fugir, ou eu quero correr. É porque às vezes a gente não consegue dar conta de tudo. Sobre a carga horária de trabalho aqui na Ilha Grande e no Bananal então, mas esse não é um só incômodo meu. É um incômodo já de pessoas igual, por exemplo, tem o Heleno. A esposa dele não é daqui. Só que o Heleno é caiçara daqui. Filho até do que fazia canoa. Ela acha um absurdo. Como que pode? Como assim, gente? Ela viveu na cidade e ela nunca viu isso. Sim falamos porque a gente já é ousada. Igual, a gente conseguiu ali... A gente não, né? Veio a Polícia	a minha mãe fala, meu avô ia aqui, pegava um peixe para o almoço e meia horinha pegava de novo pra janta. **(I-10)** **11.** Muitos caiçaras que tem precisado de acompanhamento de psicólogo. Ela, por exemplo, a Lidiana, ela é muito esperta, mas é muito difícil você ver ela aqui na praia. A gente vê isso, então a gente, tipo assim, é tanta demanda, é tanta coisa que realmente, às vezes, igual eu falo para Yasmim é tanta coisa que tem hora que parece que eu vou explodir, ou eu quero fugir, ou eu quero correr. É porque às vezes a gente não consegue dar conta de tudo. **(I-11)** **11.** Sobre a carga horária de trabalho aqui na Ilha Grande e no Bananal então, mas esse não é um só incômodo meu. É um incômodo já de pessoas igual, por exemplo, tem o Heleno. A esposa dele não é daqui. Só que o Heleno é caiçara daqui. Filho até do que fazia canoa. Ela acha um absurdo. Como que pode? Como assim, gente? Ela viveu na cidade e ela nunca viu isso. **(I-12)** **12.** A polícia federal conseguiu uma casa de veraneio que era de um criminoso e vai transformar em sua sede aqui em Bananal. Ganhou na justiça é será sua base, No momento estão fazendo reforma lá para atuar. É a base dele. Porque, igual, no Japariz teve assalto. No Abraão, por exemplo, era pra ser... Lá era top antigamente, assim. Hoje a gente fala que a estrutura é horrível. Tem muita coisa quebrada. Atuam com dois policiais. Isso quando tem um... Então, isso que eles falaram para a gente. Eles falaram que está fraco e também inauguram lá em Provetá. E aí eles conseguiram e tal. Vamos fazer uma base ali. Enfim. Aí colocaram aquelas boias ali. Que é uma coisa que ajuda a gente. Porque é para nadar livre.	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Federal, né? Vim aqui, fiz uma reunião e tal. E consegui um ponto que era... Era uma casa... Ele não era morador, o Glaucio, né? Não. Era uma casa de veraneiro, se for assim. Só que descobriram o crime dele, foi preso, né? Não tá nem mais no Brasil. É. Ali na prainha ali dentro. É uma casa de veraneiro. Tem uma casinha lá em cima. Aí a Polícia Federal ganhou aqui uma justiça e fez como um ponto ali. Como base. E vai atuar, né? Eles estão fazendo reforma lá para atuar. É uma base dele. Porque, igual, no Japariz teve assalto. No Abraão, por exemplo, era pra ser... Lá era top antigamente, assim. Hoje a gente fala que a estrutura é horrível. Tem muita coisa quebrada. Atuam com dois policiais. Isso quando tem um... Então, isso que eles falaram para a gente. Eles falaram que está fraco e também inauguram lá em Provetá. E aí eles conseguiram e tal. Vamos fazer uma base ali. Enfim. Aí colocaram aquelas boias ali. Que é uma coisa que ajuda a gente. Porque é para nadar livre. Porque muitos de longe chegavam e aí descobriram a praia do Demo, que é uma prainha legal. Virou ponto de parada de lancha e escuna, principalmente no verão. É coisa que não pode, né? Que não pode pela lei. Aí eles colocaram aquelas boias ali para nado livre e tal. Mas as boias estão até afundando. Tem que fazer manutenção. E aí uma moradora viu, né? Que uma lancha ultrapassou a boia. Entrou na praia. E ao invés dela... Ela ter esse entendimento que ela tem voz, ou seja, propriedade pra chegar lá e falar com o responsável por exemplo, que é o secretário da ilha. Podia ter falando para tirar a lancha e meter o pé. Ligaram para mim para que eu pudesse tomar as providencias. Eu nem estava aqui eu estava na Tapera com meu namorado. Aí ela mandou a mensagem. Mandou a foto da lancha. Só que nesse processo e com essa demora toda, até eu ver o celular, até eu falar com o secretário Kazu. Até vir a lancha foi embora.	Porque muitos de longe chegavam e aí descobriram a praia do Demo, que é uma prainha legal. Virou ponto de parada de lancha e escuna, principalmente no verão. É coisa que não pode, né? Que não pode pela lei. Aí eles colocaram aquelas boias ali para nado livre e tal. Mas as boias estão até afundando. Tem que fazer manutenção. E aí uma moradora viu, né? Que uma lancha ultrapassou a boia. Entrou na praia. E ao invés dela... Ela ter esse entendimento que ela tem voz, ou seja, propriedade para chegar lá e falar com o responsável por exemplo, que é o secretário da ilha. Podia ter falado para tirar a lancha e meter o pé. Ligaram para mim para que eu pudesse tomar as providências. Eu nem estava aqui, eu estava na Tapera com meu namorado. Aí ela mandou a mensagem. Mandou a foto da lancha. Só que nesse processo e com essa demora toda, até eu ver o celular, até eu falar com o secretário Kazu. Até vir a lancha foi embora. Teve situações assim aqui. Né? Na época que o turismo estava proibido. **(I-12)** **13.** O Cazu, deu muito a cara a tapa. E aí ele até arrumou até segurança e pela família dele também. Porque estava se instalando muitas pessoas de fora lá no Matariz e aí fizeram uma casa de bambu e uma mulher com filhos e esses traficantes. Aqui no Bananal não tem traficantes mais tem usuários. O Bananal não tem estrutura. Aqui tem 150 moradores e lá em Matariz tem 250 pessoas. A gente é caiçara de morar aqui o ano inteiro. Na temporada vem outras pessoas para cá. **(I-13)** **14.** Muita gente não aceita a forma de trabalhar. Tem pessoas que já falam, ah, eu não preciso disso. Eu tenho o meu ganho. Igual, por exemplo, a Yasmim tem o ganho dela lá no spa, mas nem todo mundo tem. Meu pai, ele é gari atualmente. Minha mãe é merendeira, mas não está tendo aula. Aí igual, o pai dela está na peleja lá. Aí o pai dela é pedreiro, trabalha quando tem. A mãe dela não	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Teve situações assim aqui. Né? Na época que o turismo estava proibido. O Cazu, por exemplo. Ele deu muito a cara a tapa. E aí ele até arrumou até segurança e pela família dele também. Porque estava se instalando muitas pessoas de fora lá no Matariz e aí fizeram uma casa de bambu e uma mulher com filhos e esses traficantes. Aqui no Bananal não tem traficantes mais tem usuários. O Bananal não tem estrutura. Aqui tem 150 moradores e lá em Matariz tem 250 pessoas. A gente é caiçara de morar aqui o ano inteiro. Na temporada vem outras pessoas para cá. Muita gente não aceita a forma de trabalhar. Entendeu? Tem pessoas que já falam, ah, eu não preciso disso. Eu tenho o meu ganho. Igual, por exemplo, a Yasmim tem o ganho dela lá no spa, mas nem todo mundo tem. Meu pai, ele é gari atualmente. Minha mãe é merendeira, mas não está tendo aula. Aí igual, o pai dela está na peleja lá. Aí o pai dela é pedreiro trabalha quando tem. A mãe dela não está podendo trabalhar agora. Mas nem todo mundo tem, assim, um serviço igual a minha tia Edineia. Ela é diarista e vive disso. É, porque é aquela questão, tipo assim, você trabalha pra mim. Ah, fulano leva isso aqui. Ah, então eu fico, tipo assim, ah, me ajuda, né? Criamos um vínculo afetivo. Eu gosto muito deles. E você tem medo de ser ingrato. Isso. Você fica na posição de ingratidão. É, e fica naquele negócio afetivo, né? Eu gosto muito deles. Gosto demais, mas... Só que essa é a questão, a gente tem que separar a questão sentimental da questão profissional, entendeu? Eu não consigo falar não para eles. E aí, pra dizer que não quero mais,	está podendo trabalhar agora. Mas nem todo mundo tem, assim, um serviço igual a minha tia Edineia. Ela é diarista e vive disso. **(I-14)** **15.** Porque é aquela questão, tipo assim, você trabalha pra mim. Ah, fulano leva isso aqui. Ah, então eu fico, tipo assim, ah, me ajuda, né? Criamos um vínculo afetivo. Eu gosto muito deles (japonezada). E você tem medo de ser ingrato. Você fica na posição de ingratidão. É fica naquele negócio afetivo, né? Eu gosto muito deles. Gosto demais, mas... Só que essa é a questão, a gente tem que separar a questão sentimental da questão profissional, entendeu? Eu não consigo falar não para eles. E aí, pra dizer que não quero mais, preciso arrumar outra coisa pra fazer. Falo assim para justificar, porque trabalho para eles desde os 12 anos e eu estou com 23 agora. Os pais da Yasmim nunca deixaram ela trabalhar para eles. **(I-15)** **16.** A melhor contribuição da comunidade japonesa é que tem serviço e a pior é a exploração de mão de obra. **(I-16)**	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
preciso arrumar outra coisa pra fazer. Falo assim para justificar. Trabalho para eles desde os 12 anos e eu estou com 23 agora. Os pais da Yasmim nunca deixaram ela trabalhar para eles. A melhor contribuição da comunidade japonesa é que tem serviço e a pior é a exploração de mão de obra		
Discurso - II **NCBA:** É, mesmo de outra praia, você sabia quem é quem de outra praia. Você conhecia praticamente todo o pessoal da ilha. Então, não tinha como. Eles ficavam no mato. Então, eu já vi várias vezes passando presidiário aqui fugitivo. Eles mesmos se identificavam. Eu sou fugitivo, eles procuravam ir pra Freguesia de Santana. Que é mais perto do continente. Só que pra atravessar a nado,não dava mesmo. O problema da gente aqui é você estar na ponte, perto de um barco. Eles vinham, pegavam você de surpresa, aí faziam você atravessar eles para o continente. Mas era muito raro acontecer isso. Eu acho que a última fábrica foi lá no Matariz. Eu não sei o ano que foi, o presídio acabou em 94 e em 87 eu parei com a fábrica de sardinha aqui, foi uma das últimas. Aí ficou só lá do Matariz. A de Matariz também acho que foi até 95 ou 96. Porque eles diziam que era um alimento rápido e eles gostavam de coisa salgada, né? E só tinha esse	**Unidade de Significado D - II (Bananal - NC)** **1.** Você conhecia praticamente todo o pessoal da ilha. A gente sabia quem é quem e de outra praia. Então, não tinha como. Os fugitivos ficavam no mato. Então, eu já vi várias vezes passando presidiários aqui, os fugitivos. Eles mesmos se identificavam. Eu sou fugitivo é aí eles procuravam ir pra Freguesia de Santana. Que é mais perto do continente. Só que pra atravessar a nado, não dava mesmo. **(II-1)** **2.** O problema da gente aqui era você estar na ponte, perto de um barco. Eles vinham, pegavam você de surpresa, aí faziam você atravessar eles para o continente. Mas era muito raro acontecer isso. **(II-2)** **3** A última fábrica foi lá no Matariz. Eu não sei o ano que foi, o presídio acabou em 94 e em 87 eu parei com a fábrica de sardinha aqui, foi uma das últimas. Aí ficou só lá do Matariz. A de Matariz também acho que foi até 95 ou 96. **(II-3)** **4.** A sardinha era um alimento rápido e eles gostavam de coisa salgada, né? E só tinha esse mercado em São	**Discurso Articulado S 2 - Sujeito 2 / S-2** **S2.** O presídio acabou em 1994, aqui em Bananal a última fábrica fechou em 1987 ela em Matariz foi até aproximadamente 1996. S2 afirma que independente da praia (bairros para eles) todos se conheciam e que no tempo do presídio era muito fácil identificar quem eram os fugitivos. Estes presos passavam por Bananal e seguiam rumo a praia de Freguesia de Santana porque que era mais fácil de concretizar sua a fuga, pois atravessar a nado para o continente não era possível por conta das correntezas. Só acontecia quando eram pegos de surpresa por estarem próximos a seus barcos e aí eram obrigados a atravessar os fujões. A crise se ampliou por conta das mudanças do mercado da sardinha e do aumento da concorrência é também do modo como este processo começou a se dar a partir da entrada dos caminhões que escoavam com mais agilidade para o Rio de Janeiro - RJ ou Santos - SP. S2 comenta em sua fala que Bananal tinha muitas festividades como: folia de reis é que tudo foi se perdendo ao longo do tempo é na atualidade está modificado ou melhor acabado. S2 tem um certo apego a Matariz, praia próxima ao Bananal e que segundo ele poderia ter sido melhor aproveitada pelo turismo ampliando inclusive a oferta de emprego e

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
mercado em São Paulo. AÍ começou a entrar frango, outros alimentos, né? Pro Boia Fria. Então eles escoavam o máximo aqui nas fábricas. Aí o que aconteceu? Começaram a entrar os caminhões frigoríficos, vinham onde o barco estava. Porque antes não tinha esse caminhão frigorífico pra levar a pesca daqui pro Rio, entendeu? Se tinha, era bem pouco. Aí nós começamos a sofrer esse tipo de concorrência também do pessoal que tinha caminhão, vendia, levava pro mercado do Rio, levava pras fábricas do Rio, levava pra Santos. O barco de Santos ia pra cá, as fábricas de lá mandavam o caminhão deles buscar o peixe aqui, entendeu? Então eles tinham onde escoar. Daí que a gente só comprava quando tinha muita oferta. Que sobrava sardinha. Barateava mais e a gente entrava. Antes tinha, folia dos reis, tinha um pessoal que tocava, casa em casa, né? Com a bandeira, vinha pessoal de Paraty. Pessoal daqui mesmo, alguns faziam, pegava o cavaquinho, o violão, ficava recolhendo em casa, tomando pinga, pegava um dinheirinho, recolhia de casa em casa. Pessoal da bandeira, acho que vinha de Paraty daqui, né? Casa em casa também, ficava, não existe mais isso aí. Acabou tudo. Acabou tudo, tudo, tudo. Em Matariz a maioria do pessoal é de fora que veio morar lá, olha o lugar perfeito pra se fazer um empreendimento, na época que estava só os caiçaras mesmo, que era a época da fábrica. Um lugar perfeito pra se fazer uma coisa bonita de turismo bem organizada, bonita e que ia dar emprego, renda pra	Paulo AÍ começou a entrar frango, outros alimentos, né? Pro Boia Fria**. (II-4)** **5.** Escoavam o máximo aqui nas fábricas. Aí o que aconteceu? Começaram a entrar os caminhões frigoríficos, vinham onde o barco estava. Porque antes não tinha esse caminhão frigorífico pra levar a pesca daqui pro Rio, entendeu? Se tinha, era bem pouco. Aí nós começamos a sofrer esse tipo de concorrência também do pessoal que tinha caminhão, vendia, levava pro mercado do Rio, levava pras fábricas do Rio, levava pra Santos. O barco de Santos ia pra cá, as fábricas de lá mandavam o caminhão deles buscar o peixe aqui, entendeu? Então eles tinham onde escoar. Daí que a gente só comprava quando tinha muita oferta. Que sobrava sardinha. Barateava mais e a gente entrava. **(II-5)** **6.** Tínhamos folia dos reis, tinha um pessoal que tocava, casa em casa, né? Com a bandeira, vinha pessoal de Paraty. Pessoal daqui mesmo, alguns faziam, pegava o cavaquinho, o violão, ficava recolhendo em casa, tomando pinga, pegava um dinheirinho, recolhia de casa em casa. Pessoal da bandeira, acho que vinha de Paraty daqui, né? Casa em casa também, ficava, não existe mais isso aí. Acabou tudo. Acabou tudo, tudo, tudo. **(II-6)** **7.** Em Matariz a maioria do pessoal é de fora que veio morar lá, olha o lugar perfeito pra se fazer um empreendimento, na época que estava só os caiçaras mesmo, que era a época da fábrica. Um lugar perfeito pra se fazer uma coisa bonita de turismo, bem organizada, bonita e que ia dar emprego, renda pra todos eles lá. Hoje lá favelou tudo. Meu Deus do céu. Acabou. **(II-7)**	renda se as pessoas de fora que foram morar por lá tivessem um olhar mais empreendedor. Considera que a praia (bairro de Matariz) se tornou uma favela e de forma contundente afirma que o local acabou. S2 faz ainda uma crítica a atuação do INEA - Instituto Estadual do Ambiente junto a praia de Dois Rios, onde a foram derrubados diversos coqueiros que foram plantados no tempo de presídio. Percebe-se uma catarse de emoções e tensões reprimidas em seu discurso discreto desordenado.

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
todos eles lá. Hoje lá favelou tudo. Meu Deus do céu. Acabou. Sobre o INEA é difícil eles virem pra cá. Fica mais lá em Dois Rios. Lá em Dois Rios eles ficam em cima. Eles tiraram os coqueiros e como pode isso derrubar o que foi plantado na época do presídio.	**8.** O INEA - Instituto Estadual do Ambiente é difícil eles virem pra cá. Fica mais lá em Dois Rios. Lá em Dois Rios eles ficam em cima. Eles tiraram os coqueiros e como pode isso derrubar o que foi plantado na época do presídio. **(II-8)**	
Discurso - III **CTDR:** Eu fui a única que fiquei. Eu falei: se eu for embora, a gente vai acabar a nossa história. É importante eu ficar no local. Eu cresci aqui, eu fui muito feliz com meu pai, minha mãe, meus irmãos. A gente teve uma infância boa. Assim com dificuldade porque meu pai ganhava pouco, mas ralava aí no comércio para ajudar. Mas graças a Deus temos coisas boas que a gente lembra daqui. Então eu não vou embora agora. A gente passou aperto quando o presídio fechou, três anos andando a pé, carregando compras para cá. Quando o presídio acabou, a gente carregava as compras nas costas. A UERJ só assumiu isso aqui três anos depois que eles abriram a estrada de novo, que foi funcionar. Hoje a situação que aconteceu com esse cara é 'novo'. Ele chegou aqui antes de ontem. Ele não conhece nada aqui, ele ainda não está familiarizado com a gente. Ele não conhece ninguém. Ele não foi apresentado à Marilda, e eu também não conheço ele. Só vi ele dirigindo, ontem e hoje. Porque o dia que eu	**Unidade de Significado D - III (Dois Rios - CT)** **1.** Fui a única que fiquei. Eu falei: se eu for embora, a gente vai acabar a nossa história. É importante eu ficar no local. Eu cresci aqui, eu fui muito feliz com meu pai, minha mãe, meus irmãos. A gente teve uma infância boa. Assim com dificuldade porque meu pai ganhava pouco, mas ralava aí no comércio para ajudar. Mas graças a Deus temos coisas boas que a gente lembra daqui. Então eu não vou embora agora. A gente passou aperto quando o presídio fechou, três anos andando a pé, carregando compras para cá. **(III - 1)** **2.** Quando o presídio acabou, a gente carregava as compras nas costas. **(III -2)** **3.** A UERJ só assumiu isso aqui três anos depois que eles abriram a estrada de novo, que foi funcionar. **(III - 3)** **4.** A situação que aconteceu com esse cara é 'novo'. Ele chegou aqui antes de ontem. Ele não conhece nada aqui, ele ainda não está familiarizado com a gente. Ele não conhece ninguém. Ele não foi apresentado à Marilda, e eu também não conheço ele. Só vi ele dirigindo, ontem e hoje. Porque o dia que eu vim no carro da comunidade, vi por alto. Aos poucos, as pessoas vêm trabalhar, vão	**Discurso Articulado Sujeito 3 / S-3** **S3.** Foi a única da família dela que ficou em Dois Rios após o fechamento do presídio. Tem lembranças do tempo que viveu com seus pais. Sua família viveu modestamente na Ilha Grande tocando um comércio e conta que o aperto começou com o final do presídio. Nos três anos que ficaram completamente abandonados eles carregavam suas compras de mantimentos nas costas, percorrendo 9 km para ir é 9 km para voltar, totalizando 18 km e quando a UERJ assumiu de fato a gestão de Dois Rios é que abriram a estrada novamente. Estrada essa, que liga Dois Rios a Abraão (de onde saem os barcos para o continente) e que tinha sido construída e mantida pelos presos durante os 100 anos que o presídio funcionou em Dois Rios. Luta pelos seus direitos como caiçara é moradora de Dois Rios é quando se vê acuada ou incomodada com alguma atitude, protesta e faz valer seus direitos de moradora, exemplo o uso do carro que leva e traz os moradores até Vila do Abraão que é um direito garantido. Embora ela viva de fazer refeições para moradores e turistas, afirma que não tem como sobreviver considerando o parco movimento de turistas em Dois Rios, pois o movimento de turistas se concentra em janeiro e fevereiro somente. S3 entende que a UERJ

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
vim no carro da comunidade, vi por alto. Aos poucos, as pessoas vêm trabalhar, vão aprendendo os esquemas. Ele poderia ter dado a volta e me levar até lá em cima. Eu perguntei pra ele se ele poderia me levar na esquina, ele nem me respondeu. Mas são situações que a gente não precisa passar. Quando tem coisas que eu não concordo, que eu me sinto incomodada, eu vou e reclamo, porque é direito meu. Se eu não reclamar, ninguém mais reclama por mim. Se eu acho que estou sendo sufocada, eu vou lá e resolvo. Porque vai ter que tomar uma atitude. Se tentarem me tirar do carro, eu vou para a delegacia. Porque se você está marcado, você é morador, e se eles mandarem você descer, isso aí, não pode. A gente não pode aceitar! Mas eu como moradora, eu entrei no carro, sentei e fiquei. E falei pra ela, não vou sair. Se tiver que sair, vou descer do carro e vou ligar lá pra PM, porque eu sou moradora. Tenho direito de ir e vir, se eu estou marcada no carro, eu não aceito isso. E falei mesmo, não aceito. Olha só. A gente aqui não pode dizer que sobreviveu só do Turismo. Não tem como, porque o turismo aqui é janeiro e fevereiro. O resto do ano é pingando. É só morador. Você tem que vender um refrigerante. Mas é muito pouco. São turistas que vêm aqui comprar um prato de refeição, para repartir em três, quatro. Eles são “duristas” mesmo! Vêm ‘duro’ pra cá! Manutenção de estrada, água, luz, tudo é da UERJ. Esse espaço continua sendo administrado pela faculdade, que é do estado e o estado não tem verba.	aprendendo os esquemas. Ele poderia ter dado a volta e me levar até lá em cima. Eu perguntei pra ele se ele poderia me levar na esquina, ele nem me respondeu. Mas são situações que a gente não precisa passar. **(III - 4)** **5.** Quando tem coisas que eu não concordo, que eu me sinto incomodada, eu vou e reclamo, porque é direito meu. Se eu não reclamar, ninguém mais reclama por mim. Se eu acho que estou sendo sufocada, eu vou lá e resolvo. Porque vai ter que tomar uma atitude. **(III - 5)** **6.** Se tentarem me tirar do carro, eu vou para a delegacia. Porque se você está marcado, você é morador, e se eles mandarem você descer, isso aí, não pode. A gente não pode aceitar! **(III - 6)** **7.** Como moradora, eu entrei no carro, sentei e fiquei. E falei pra ela, não vou sair. Se tiver que sair, vou descer do carro e vou ligar lá pra PM - Polícia Militar, porque eu sou moradora. Tenho direito de ir e vir, se eu estou marcada no carro, eu não aceito isso. E falei mesmo, não aceito. **(III - 7)** **8.** A gente aqui não pode dizer que sobrevive só do Turismo. Não tem como, porque o turismo aqui é janeiro e fevereiro. O resto do ano é pingando. É só morador. Você tem que vender um refrigerante. Mas é muito pouco. São turistas que vêm aqui comprar um prato de refeição, para repartir em três, quatro. Eles são “duristas” mesmo! Vêm ‘duro’ pra cá! (III - 8) **9.** A UERJ tem que dar conta da manutenção de estrada, água, luz. Esse espaço continua sendo administrado pela faculdade, que é do estado e o estado não tem verba. Tudo que é do estado é devagar. Eles não têm interesse.	deve assumir o que ficou acordado, ou seja, manutenção da estrada, água, luz, posto de saúde é que não deve ter como sua prioridade máxima retirar os moradores de Dois Rios com base de intimidação é do cerceamento de seus direitos.

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Tudo que é do estado é devagar. Eles não têm interesse. A prioridade deles é tirar os moradores, assim, na base da pressão. Isso que eles querem. O posto de saúde, por enquanto, funciona mais ou menos. De vez em quando o médico de família vem, faz o atendimento, a UERJ, quando está funcionando, tem duas enfermeiras para o posto de saúde. Porque é assim... O padre não está aí. Às vezes vinha. Mas agora não está vindo mais. A UERJ colocava o carro para trazer o padre e as pessoas pra fazer as missas. Aí eles pararam de vir.	A prioridade deles é tirar os moradores, assim, na base da pressão. Isso que eles querem. **(III - 9)** **10.** O posto de saúde, por enquanto, funciona mais ou menos. De vez em quando o médico de família vem, faz o atendimento, a UERJ, quando está funcionando, tem duas enfermeiras para o posto de saúde. O padre não está aí. Às vezes vinha. Mas agora não está vindo mais. A UERJ colocava o carro para trazer o padre e as pessoas pra fazer as missas. Aí eles pararam de vir. **(III - 10)**	
Discurso - IV **NCDR:** Havia dificuldades de acesso e as pessoas vinham para cá, em geral, pela estrada, a pé, duas horas, duas horas e meia de caminhada, para vir à praia, para conhecer a Vila Dois Rios. A minha crítica tem a ver com a própria visão oficial de turismo da Prefeitura de Angra dos Reis, que muitas vezes quer explorar apenas o turismo náutico, com os passeios, sem considerar que tem todo um elemento cultural envolvendo as comunidades caiçaras. Você tem outras pessoas que fazem parte só que não se identificam também. Estou falando de quem? Desde baiano a argentinos que vêm para trabalhar nas pousadas e passam a se identificar com esta forma de vida.	**Unidade de Significado D - IV (Dois Rios - NC)** **1.** Havia dificuldades de acesso e as pessoas vinham para cá, em geral, pela estrada, a pé, duas horas, duas horas e meia de caminhada, para vir à praia, para conhecer a Vila Dois Rios. **(IV - 1)** **2.** A minha crítica tem a ver com a própria visão oficial de turismo da Prefeitura de Angra dos Reis, que muitas vezes quer explorar apenas o turismo náutico, com os passeios, sem considerar que tem todo um elemento cultural envolvendo as comunidades caiçaras. **(IV -2)** **3.** Você tem outras pessoas que fazem parte só que não se identificam também. Estou falando de quem? Desde baiano a argentinos que vêm para trabalhar nas pousadas e passam a se identificar com esta forma de vida. **(IV -3)**	**Discurso Articulado Sujeito 4 / S-4** **S4.** Em sua fala, afirma que o acesso a Dois Rios era complicado e cheio de dificuldades. Houve um tempo que não tinha transporte, limpeza e outros cuidados e a comunidade gerou um certo ressentimento no que se refere a isso. Segundo S4 representantes da UERJ não compartilham da dor destes caiçaras é trabalhadores do presídio que ficaram após sua finalização. A falta de sensibilidade do novo provedor dificultou e dificultou as relações com a comunidade. Outra questão levantada por S4 é que Angra dos Reis somente explora o turismo náutico deixando de lado os elementos culturais da IG é a comunidade caiçara. Sem contar que os baianos são argentinos que vem morar aqui em busca de emprego e passam a compor também esta comunidade. A comunidade tem uma associação de moradores, mas não conseguem se organizar e nem superar esse ranço que tem da administração da UERJ. A UERJ precisa aprender a ouvir a comunidade e assim tentar viver em harmonia com eles, embora todos saibamos que

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
A comunidade, que já tinha uma associação de moradores, não conseguiu se organizar totalmente e superar. Então, foi um tempo em que não havia transporte, nem limpeza e outros cuidados, o que gerou um certo ressentimento por parte dos moradores mais antigos em relação à Universidade. E, por outro lado, muitas vezes alguns representantes da UERJ não têm sensibilidade de ouvir a comunidade. Porque não é só chegar e falar e, por isso, precisamos saber ouvir. As casas nunca foram deles, eram do presídio. E nem sempre a universidade consegue trabalhar dessa forma e resolver desse jeito. Nosso maior problema com as comunidades, em geral, está no desinteresse. Aqui em Dois Rios até participam, mas a gente percebe que falta o básico, que é o interesse, aqui é um pouco mais frio.	**4.** A comunidade, que já tinha uma associação de moradores, não conseguiu se organizar totalmente e superar. **(IV - 4)** **5.** Foi um tempo em que não havia transporte, nem limpeza e outros cuidados, o que gerou um certo ressentimento por parte dos moradores mais antigos em relação à Universidade. **(IV -5)** **6.** Alguns representantes da UERJ não têm sensibilidade de ouvir a comunidade. Porque não é só chegar e falar e, por isso, precisamos saber ouvir. **(IV - 6)** **7.** As casas nunca foram deles, eram do presídio. **(IV - 7)** **8.** E nem sempre a universidade consegue trabalhar dessa forma e resolver desse jeito. **(IV -8)** **9.** Nosso maior problema com as comunidades, em geral, está no desinteresse. Aqui em Dois Rios até participam, mas a gente percebe que falta o básico, que é o interesse, aqui é um pouco mais frio. **(IV -9)**	posse das casas são o ponto crucial deste conflito, sabemos também que estas casas não são deles. Por conta de toda essa mágoa não temos a participação efetiva deles nas atividades propostas pelo museu.
Discurso - V **CTPR:** Depois que o presídio saiu daqui tivemos muito prejuízo em volta da Ilha Grande inteira. Hoje existem muitas placas de propriedade particular. Antes, a gente atravessava de lado a lado, hoje não pode passar mais. Também não existiam muros e nossas casas eram cercadas com flores. Só que hoje, o turismo chegou em todas as áreas e você tem que dividir,	**Unidade de Significado D - V (Provetá - CT)** **1.** Depois que o presídio saiu daqui tivemos muito prejuízo em volta da Ilha Grande inteira. Hoje existem muitas placas de propriedade particular. Antes, a gente atravessava de lado a lado, hoje não pode passar mais. Também não existiam muros e nossas casas eram cercadas com flores. Só que hoje, o turismo chegou em todas as áreas e você tem que dividir, colocar cerca.	**Discurso Articulado Sujeito 5 / S-5** **S5.** S5 comenta que com o fechamento do presídio Provetá sofreu um enorme prejuízo e que as casas que antes eram cercadas por flores, agora têm que ter cercas, tem que ser divididas. Muitos compraram áreas na IG, o que impediu o fluxo dos caiçaras dentro da própria ilha por conta de propriedades particulares e suas placas de proibição de passagem. Uma questão que incomoda os pescadores é o fato

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
colocar cerca. Então, particularmente, eu percebo que com o presídio era bem melhor. Nossos pescadores são perseguidos pelo meio ambiente e pelo Ibama e pelo INEA. Somos perseguidos, não somos um povo destruidor, nós somos um povo conservador. Se a nossa Ilha Grande está com suas matas conservadas, quem conservou foi o povo, é o morador local, é a comunidade que preserva, não as entidades ambientais, que estão lá fora. Quem conserva a ilha, somos nós. Eles têm que ensinar nossa comunidade, com ações em cada local de trabalho, deixando claro o que pode ser feito. Por exemplo, se eu trabalho na pesca, estou pescando em área proibida, eu tenho que ter consciência dos motivos e benefícios da proibição. Se eu pegar meu barco hoje e chegar aqui por fora do Lopes Mendes, ali por terra, por fora da ilha do Jorge grego e jogar minha rede (cercar), sou filmado, sou fotografado. Isso aconteceu agora, na semana passada, com um pescador nosso, que cercou aqui e o pessoal, de longe, filmou o barco e ligou para o setor de Meio Ambiente do Abraão, para vir pegar o rapaz, um pescador nativo. Então os pescadores nativos, todos morando aqui a 50, 60, 70 anos de idade, todos na Ilha Grande, conhecem Ilha Grande de fio a pavio. Sabemos o que é bom, o que é ruim para o povo da comunidade da Ilha Grande e o pessoal do meio ambiente acha que nós estamos degradando. Nós não estamos fazendo isso, estamos trabalhando, só que nós precisamos de orientação. Eles não têm esse tipo de conversa com a gente. Já chegam de arma em punho, com brutalidade.	Então, particularmente, eu percebo que com o presídio era bem melhor. **(V-1)** **2.** Nossos pescadores são perseguidos pelo meio ambiente e pelo Ibama e pelo INEA. Somos perseguidos, não somos um povo destruidor, nós somos um povo conservador. Se a nossa Ilha Grande está com suas matas conservadas, quem conservou foi o povo, é o morador local, é a comunidade que preserva, é não às entidades ambientais, que estão lá fora. Quem conserva a ilha somos nós. Eles têm que ensinar nossa comunidade, com ações em cada local de trabalho, deixando claro o que pode ser feito. **(V-2)** **3.** Se eu trabalho na pesca, estou pescando em área proibida, eu tenho que ter consciência dos motivos e benefícios da proibição. Se eu pegar meu barco hoje e chegar aqui por fora do Lopes Mendes, ali por terra, por fora da ilha do Jorge grego e jogar minha rede (cercar), sou filmado, fotografado. Isso aconteceu agora, na semana passada, com um pescador nosso, que cercou aqui e o pessoal, de longe, filmou o barco e ligou para o setor de Meio Ambiente do Abraão, para vir pegar o rapaz, um pescador nativo. **(V-3)** **4.** Pescadores nativos, todos morando aqui na Ilha Grande a 50, 60, 70 anos é são todos da Ilha Grande, conhecem Ilha Grande de fio a pavio. Sabemos o que é bom, o que é ruim para o povo da comunidade da Ilha Grande e o pessoal do meio ambiente acha que nós estamos nos estamos degradando. Nós não estamos fazendo isso, estamos trabalhando, só que nós precisamos de orientação. Eles não têm esse tipo de conversa com a gente. Já chegam de arma em punho, com brutalidade. **(V-4)**	de não poderem pescar em determinados locais, por serem perseguidos pelos órgãos reguladores. Segundo S5 os caiçaras conhecem a ilha de fio a pavio e são eles que ajudam a preservar. Os relatos são de que os fiscais são violentos e já chegam de arma em punho impedindo que o pescador artesanal continue pescando. Na opinião do S5, o grande conflito de Provetá são as empresas de pesca de sardinha que vem pescar no território deles e que são barcos muito bem equipados, ou seja, gera uma concorrência desleal com o caiçara. Os pescadores da IG são considerados pescadores industriais por conta da sardinha, e não recebem nenhum tipo de subsídio do governo, ou seja, trabalham por seis meses e os outros seis meses precisam viver de suas reservas. S5 sempre viveu no mar e se considera um pescador nativo ressaltando que as fábricas de sardinha foram embora da IG por falta de incentivo do governo, excesso de impostos e mudanças drásticas na legislação ambiental. As fábricas de sardinha geravam emprego é quando elas foram embora veio o turismo que é mais difícil de lidar é tem dois lados. S5 se orgulha do pescador que foi e do seu amor pela igreja e comunidade de Provetá.

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Também temos a concorrência de empresas de pesca de sardinha, vindas do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, com grandes barcos e equipamentos modernos. Eu fico entre a cruz e a espada nesse assunto. A Licença do Ibama permite trabalhar de Vitória, no Espírito Santo e também no Rio Grande do Sul. Tanto eles podem trabalhar aqui, como eu posso trabalhar lá também. Então eles podem trabalhar, nós também, só que nós não temos potenciais, nossas embarcações não são tão potentes para trabalhar, quanto as deles. Então, eles têm capacidade para vir extrair os peixes aqui. Então de certo modo, eles não estão proibidos pelo Ibama, pelos órgãos federais. Nós pensamos que deveria ser cada um no seu estado. Eu me sinto acuado quando vejo um barco com capacidade para 200 toneladas de peixes, enquanto o meu pega só 20 toneladas. Então, dentro desse conceito, a gente acha que eles não deveriam trabalhar aqui. Por exemplo, uma área de 10.000 m² com 10.000 toneladas de peixe, todos morrem, pois os barcos, inclusive os nossos, têm tecnologia para a localização dos peixes. É uma concorrência desleal. Nossa região é rica em sardinha. Muita gente pesca com isca viva e tem também os pescadores de atum (atuneiros). Então, são seis meses sem ganhar um centavo, porque o pessoal tá parado e não recebe nada. Não recebe do governo. O seguro da pesca que a televisão fala é para o pescador artesanal. Quem é o pescador artesanal? São os pescadores que ficam em terra de canoa. Pescador de sardinha nenhum recebe o fundo do governo, porque não é artesanal, nós somos da pesca industrial. No meu modo de entender, o governo	**5.** Temos a concorrência de empresas de pesca de sardinha, vindas do Vale do Itajaí, em Santa Catarina, com grandes barcos e equipamentos modernos. Eu fico entre a cruz e a espada nesse assunto. A Licença do Ibama permite trabalhar em Vitória, no Espírito Santo e também no Rio Grande do Sul. Tanto eles podem trabalhar aqui, como eu posso trabalhar lá também. **(V-5)** **6.** Então eles podem trabalhar, nós também, só que nós não temos potenciais, nossas embarcações não são tão potentes para trabalhar, quanto as deles. **(V-6)** **7.** Eles têm capacidade para vir extrair os peixes aqui. Então de certo modo, eles não estão proibidos pelo Ibama, nem pelos órgãos federais. Nós pensamos que deveria ser cada um no seu estado. Eu me sinto acuado quando vejo um barco com capacidade para 200 toneladas de peixes, enquanto o meu pega só 20 toneladas. Então, dentro desse conceito, a gente acha que eles não deveriam trabalhar aqui. Por exemplo, numa área de 10.000 m 2 com 10.000 toneladas de peixe, todos morrem, pois os barcos, inclusive os nossos, têm tecnologia para a localização dos peixes. É uma concorrência desleal. Nossa região é rica em sardinha. Muita gente pesca com isca viva e tem também os pescadores de atum (atuneiros). **(V-7)** **8.** São seis meses sem ganhar um centavo, porque o pessoal tá parado e não recebe nada. Não recebe do governo. O seguro da pesca que a televisão fala é para o pescador artesanal. Quem é o pescador artesanal? São os pescadores que ficam em terra de canoa. Pescador de sardinha nenhum recebe o fundo do governo, porque não é artesanal, nós somos da pesca industrial. No meu modo de entender, o governo deveria cadastrar todos os pescadores profissionais e parar a pesca por 2 ou 3 anos.	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
deveria cadastrar todos os pescadores profissionais e parar a pesca por 2 ou 3 anos. Outro problema é o dos atravessadores, pois mesmo o consumidor pagando muito, o pescador recebe pouco. Sempre fui apaixonado pelo mar, pela igreja e por nossa comunidade. Era um guerreiro no mar, onde vivia a maior parte do tempo, como a maioria dos pescadores. Dos 365 dias do ano, eu passava 65 com a família e 300 dias no mar. Sou um pescador nativo, eu tenho isso no coração, no sangue. Eu só fico bravo quando eu vejo alguém falando mal da pesca. A nossa classe, por esse mundão aí, é uma classe muito baixa, mas pra mim, é uma das classes mais altas. O que eu aprendi e sei da pesca não é ensinado no papel, isso é ensinado o dia-a-dia, com a experiência que a gente tem. Nossa região é rica em sardinha. As fábricas de sardinha também foram embora por falta de incentivo, de impostos e de mudanças na legislação ambiental. Elas davam um suporte muito grande, geravam empregos. A chegada do Turismo foi positiva por um lado, mas por outro, foi prejudicial para a comunidade. Trabalhar com turismo é mais difícil. Antigamente, com as fábricas de sardinha, todo mundo trabalhava: a mulherada, jovens, era fácil trabalhar. Eu tirava muito peixe para a fábrica do Bananal, o japonês do Paulo, o pessoal do João, o japonês do Otaka.	Outro problema é o dos atravessadores, pois mesmo o consumidor pagando muito, o pescador recebe pouco. **(V- 8)** **9.** Sempre fui apaixonado pelo mar, pela igreja e por nossa comunidade. Era um guerreiro no mar, onde vivia a maior parte do tempo, como a maioria dos pescadores. Dos 365 dias do ano, eu passava 65 com a família e 300 dias no mar. Sou um pescador nativo, eu tenho isso no coração, no sangue. Eu só fico bravo quando vejo alguém falando mal da pesca. A nossa classe, por esse mundão aí, é uma classe muito baixa, mas pra mim, é uma das classes mais altas. O que eu aprendi e sei da pesca não é ensinado no papel, isso é ensinado no dia-a-dia, com a experiência que a gente tem. **(V-9)** **10.** Região é rica em sardinha. As fábricas de sardinha também foram embora por falta de incentivo, de impostos e de mudanças na legislação ambiental. Elas davam um suporte muito grande, geraram empregos. A chegada do Turismo foi positiva por um lado, mas por outro, foi prejudicial para a comunidade. Trabalhar com turismo é mais difícil. Antigamente, com as fábricas de sardinha, todo mundo trabalhava: a mulherada, jovens, era fácil trabalhar. Eu tirava muito peixe para a fábrica do Bananal, o japonês do Paulo, o pessoal do João, o japonês do Otaka. **(V-10)**	
Discurso – VI **NCPR:** Não sou evangélica, mas convivo bem com os estudantes e tenho dificuldade com as pessoas da	**Unidade de Significado D – VI (Provetá - NC)** **1.** Não sou evangélica, mas convivo bem com os estudantes e tenho dificuldade com as pessoas da Igreja	**Discurso Articulado Sujeito 6 / S-6** **S6.** S6 é professora e desde que veio para Provetá vem sofrendo preconceito da comunidade evangélica

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Igreja Assembleia de Deus de Provetá, pois acham que sou independente e atrevida. Um antigo pastor chegou a proibir a frequência dos alunos, na escola, durante uma campanha de conscientização. Também há dificuldade de abordar questões referentes a religiões de matrizes africanas, evolucionismo e costumes e mitos da Grécia Antiga. Sempre tem confusão e levam tudo para o aspecto religioso e a doutrina, na igreja, é muito forte. É proibido tomar banho de praia, de biquíni. A igreja ainda tem forte poder sobre a mentalidade das pessoas aqui. A praia é isolada e fica muito vazia. Quando cheguei aqui, a escola estava um caos, sem água e sem luz. Fui para a praia de biquíni e o pastor logo chegou lá para verificar. Sempre há conflitos com quem chega para trabalhar aqui, principalmente por causa do visual. Eu cheguei aqui com o cabelo rosa. Tenho tentado dialogar com a igreja, com os moradores mais antigos, sobre isso, mas é muito difícil. Percebo que eles têm uma discriminação muito grande com as mulheres. O machismo aqui é declarado. Até mesmo as mulheres da comunidade reforçam esse machismo. A primeira vez que minha mãe tomou banho na praia, ela também usou biquíni. A praia estava deserta e logo tinha um monte de gente enfileirada, olhando pra ela. Minha mãe se sentiu assediada, envergonhada e, depois disso, só toma banho de short, maiô ou com roupa por cima.	Assembleia de Deus de Provetá, pois acham que sou independente e atrevida. **(VI -1)** **2.** Um antigo pastor chegou a proibir a frequência dos alunos, na escola, durante uma campanha de conscientização. Também há dificuldade em abordar questões referentes a religiões de matrizes africanas, evolucionismo e costumes e mitos da Grécia Antiga. Sempre tem confusão e levam tudo para o aspecto religioso e a doutrina, na igreja, é muito forte. **(VI -2)** **3.** É proibido tomar banho de praia, de biquíni. A igreja ainda tem forte poder sobre a mentalidade das pessoas aqui. A praia é isolada e fica muito vazia. **(VI -3)** **4.** Quando cheguei aqui, a escola estava um caos, sem água e sem luz. Fui para a praia de biquíni e o pastor logo chegou lá para verificar. Sempre há conflitos com quem chega para trabalhar aqui, principalmente por causa do visual. Eu cheguei aqui com o cabelo rosa. **(VI - 4)** **5.** Tenho tentado dialogar com a igreja, com os moradores mais antigos, sobre isso, mas é muito difícil. Percebo que eles têm uma discriminação muito grande com as mulheres. O machismo aqui é declarado. **(VI - 5)** **6.** Até mesmo as mulheres da comunidade reforçam esse machismo. A primeira vez que minha mãe tomou banho na praia, ela também usou biquíni. A praia estava deserta e logo tinha um monte de gente enfileirada olhando pra ela. Minha mãe se sentiu assediada, envergonhada e, depois disso, só toma banho de short, maiô ou com roupa por cima. **(VI -6)** **7.** Existe um comando da igreja. Até a participação em cursos é controlada. Já fiz três vezes a inscrição para o	que a enxerga como uma pessoa independente e atrevida. Percebeu o forte poder que a igreja exerce na comunidade por conta de diversas restrições impostas pelo pastor, como: é proibido tomar banho na praia de biquini, na escola conteúdos de matrizes africanas, evolucionismo, costumes e mitos da Grécia antiga não são bem vindos é os pais acabam misturando os temas curriculares com questões religiosas porque a doutrina aqui tem muita força. Os conflitos em Provetá são evidentes principalmente com a nova comunidade que chega e traz consigo comportamentos muito diferentes dos que lá vivem. A comunidade é super machista e as mulheres são subjugadas pelos homens é aceita como um fato normal. A igreja comanda a comunidade e tudo é controlado por eles, desde a inscrição para um curso, até convites para as festinhas. A comunidade é extremamente preconceituosa, ressaltando o preconceito contra pretos e homossexuais. Todos dizem que a igreja é tranquila, porém segundo S6 é perceptível o exercício do seu poder ideológico perante a comunidade de Provetá. Na escola fica claro a discriminação e segregação dos que são evangélicos com os que não são evangélicos. Os moradores em sua grande maioria não conhecem outras praias (bairros). Os mais jovens têm até vergonha de ser caiçaras é a comunidade é sempre muito arisca e não permite o avanço das relações interpessoais com a comunidade de fora que vem morar aqui. Embora o pastor faça falas exaltando a importância da valorização do caiçara a partir da sua vivência como pastor, evangélico é caiçara.

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Existe um comando da igreja. Até a participação em cursos é controlada. Já fiz três vezes a inscrição para o Curso da Capitania, que habilita a pessoa como marinheira, com carteira. Parece que a listinha já vem pronta e a maioria é homem, mesmo muitas mulheres tendo feito a inscrição. Reclamei na igreja e a desculpa foi que a pessoa teria que estar trabalhando. A maioria das mulheres não trabalha com barco, justamente por falta da carteira. Em toda a Ilha Grande só tem seis marinheiras, que atuam nos barcos de turismo, sendo uma no Bananal, outra em Araçatiba, duas em palmas e duas no Abraão. Um destaque é a Adriele, que foi minha aluna e trabalha bem, melhor que muitos homens. Há também o racismo na Praia. Existem poucos negros na comunidade. A gente tinha uma professora negra, com a pele bem escura e ela sofreu muito com manifestações racistas. Certa vez, na hora do almoço, uma criança disse que não queria comer perto dela. Mas criança não nasce fazendo isso, ela aprendeu. A homofobia também é muito forte. Os homossexuais se escondem. Todos falam que a igreja é tranquila, que não obriga nada, mas mesmo que não dê uma ordem clara, exigindo algum comportamento, ela gera uma pressão social, tem um poder ideológico fortíssimo sobre a mentalidade dos moradores. A grande maioria só estudou até a quinta série do ensino fundamental e não têm o costume de ler. Como os alunos já vêm com essa doutrina, desde a infância, desconstruir essas barreiras, dentro da escola, é muito difícil. E sem falar na discriminação das pessoas que não são da igreja, que são segregadas, sem dó nem piedade. No colégio,	Curso da Capitania, que habilita a pessoa como marinheira, com carteira. Parece que a listinha já vem pronta e a maioria é homem, mesmo muitas mulheres tendo feito a inscrição. Reclamei na igreja e a desculpa foi que a pessoa teria que estar trabalhando. A maioria das mulheres não trabalha com barco, justamente por falta da carteira. Em toda a Ilha Grande só tem seis marinheiras, que atuam nos barcos de turismo, sendo uma no Bananal, outra em Araçatiba, duas em Palmas e duas no Abraão. Um destaque é a Adriele, que foi minha aluna e trabalha bem, melhor que muitos homens. **(VI -7)** **8.** Há também o racismo na Praia. Existem poucos negros na comunidade. A gente tinha uma professora negra, com a pele bem escura e ela sofreu muito com manifestações racistas. Certa vez, na hora do almoço, uma criança disse que não queria comer perto dela. Mas a criança não nasce fazendo isso, ela aprendeu. **(VI - 8)** **9.** A homofobia também é muito forte. Os homossexuais se escondem. **(VI -9)** **10.** Todos falam que a igreja é tranquila, que não obriga nada, mas mesmo que não dê uma ordem clara, exigindo algum comportamento, ela gera uma pressão social, tem um poder ideológico fortíssimo sobre a mentalidade dos moradores. A grande maioria só estudou até a quinta série do ensino fundamental e não têm o costume de ler. Como os alunos já vêm com essa doutrina, desde a infância, desconstruir essas barreiras, dentro da escola, é muito difícil. E sem falar na discriminação das pessoas que não são da igreja, que são segregadas, sem dó nem piedade. No colégio, temos poucos servidores e colaboradores católicos, espíritas, ateus e seguidores das religiões de	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
temos poucos servidores e colaboradores católicos, espíritas, ateus e seguidores das religiões de matriz africana (Candomblé e Umbanda), mas eles não falam de suas religiões. Embora afirmem que 99% dos moradores integram a Igreja Assembleia de Deus de Provetá, acredito que são cerca de 90%. No morro tem outra igreja, com a mesma denominação, só que ainda mais rígida. O único lazer aqui é a igreja e os moradores não conhecem as outras comunidades da Ilha Grande. Muitos nunca foram à Abraão. Percebemos que a geração mais jovem não valoriza e até parece ter vergonha de ser caiçara. O próprio pastor Manuel participa do projeto, demonstrando seu orgulho de ser evangélico, caiçara e pescador. É difícil deles se aproximarem da gente. Colocam uma barreira. Até onde você pode ir. Ficamos revoltadas com a história de uma professora que teve a filha convidada para uma festa, desde que sem a presença da mãe. Você nunca é convidada para os eventos sociais da comunidade, dizem que você não é nativa. Todos participam das festas. E você nunca está lá. Morar aqui é difícil, mais que em outras praias da Ilha.	matriz africana (Candomblé e Umbanda), mas eles não falam de suas religiões. **(VI -10)** **11.** Embora eles afirmam que 99% dos moradores integram a Igreja Assembleia de Deus de Provetá, acredito que são cerca de 90%. No morro tem outra igreja, com a mesma denominação, só que ainda mais rígida. **(VI -11)** **12.** O único lazer aqui é a igreja e os moradores não conhecem as outras comunidades da Ilha Grande. Muitos nunca foram à Abraão. **(VI -12)** **13.** Percebemos que a geração mais jovem não valoriza e até parece ter vergonha de ser caiçara. O próprio pastor Manuel participa do projeto, demonstrando seu orgulho de ser evangélico, caiçara e pescador. **(VI -13)** **14.** É difícil deles se aproximarem da gente. Colocam uma barreira. Até onde você pode ir. Ficamos revoltadas com a história de uma professora que teve a filha convidada para uma festa, desde que sem a presença da mãe. **(VI - 14)** **15.** Você nunca é convidada para os eventos sociais da comunidade, dizem que você não é nativa. Todos participam das festas. E você nunca está lá. Morar aqui é difícil, mais que em outras praias da Ilha. **(VI -15)**	
Discurso - VII **CTVA:** Bom, fulano não faz, eu aprendi com ele, eu sei fazer. Então eu fui fazendo, fui lutando, fui mantendo.	**Unidade de Significado D – VII (Abraão - CT)** **1.** Bom, fulano não faz, eu aprendi com ele, eu sei fazer. Então eu fui fazendo, fui lutando, fui mantendo. Agora	**Discurso Articulado Sujeito 7 / S-7** **S7.** S7 é um eterno revoltado como os novos padres que assumiram a paróquia e destruíram altares e

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Agora quem me colocou no lugar onde eu estou hoje foi o povo da Ilha Grande. Aquilo tudo é destruído por uma pessoa que não tem amor ao próximo e não tem amor pela Ilha Grande, porque quem tem amor pelo próximo pela Ilha Grande, primeiro, ele quer conhecer a pessoa para entendê-la e depois, ele quer manter bem o lugar onde ele está. Eu, se eu for para qualquer lugar residência eu não vou querer que mude, eu quero que continue daquele jeito se eu gosto das pessoas que estão ali, se eu gosto daquele lugar eu quero que mantenha. Eu não sei como eles construíram aquilo e para construir uma igreja, para se construir uma comunidade que era foi a custo de muito suor, foi muito trabalho entendeu. Você fechar uma igreja à noite e colocar lá pessoas para derrubarem todos os seus altares que foram meses, anos de trabalho para você construir e colocar aquilo no lugar. Eu querer fazer o bem, trabalhar com amor e os outros querendo trabalhar só pensando no próprio umbigo. Os padres modernos não querem ter trabalho. Isso é uma verdade. Em todas as paróquias, todas as igrejas católicas no mundo inteiro, os padres eles não querem ter trabalho, porque cansa eu sei. Eu não sou padre, mas trabalhei ali mais de 15 anos e eu sei que cansa, é muito cansativo você cuidar de uma igreja. Você tem que estar ali, você tem que dar atenção pro povo, você tem que cuidar da arquitetura, da limpeza, manutenção e muitas outras coisas. Então quanto menos coisas tiver para se fazer melhor. É muito mais fácil você morar ali na casa e ir lá só no domingo celebrar a missa. Uma missazinha e 1 hora, 1 hora e meia está muito bom. Muito fácil isso! Agora, você manter, você	quem me colocou no lugar onde eu estou hoje foi o povo da Ilha Grande. **(VII - 1)** **2.** Aquilo tudo é destruído por uma pessoa que não tem amor ao próximo e não tem amor pela Ilha Grande, porque quem tem amor pelo próximo pela Ilha Grande, primeiro, ele quer conhecer a pessoa para entendê-la e depois, ele quer manter bem o lugar onde ele está. Eu, se eu for para qualquer lugar, residência eu não vou querer que mude, eu quero que continue daquele jeito se eu gosto das pessoas que estão ali, se eu gosto daquele lugar eu quero que mantenha. Eu não sei como eles construíram aquilo e para construir uma igreja, para se construir uma comunidade que era foi a custo de muito suor, foi muito trabalho entendeu. Você fechar uma igreja à noite e colocar lá pessoas para derrubarem todos os seus altares que foram meses, anos de trabalho para você construir e colocar aquilo no lugar. **(VII - 2)** **3.** Quero fazer o bem, trabalhar com amor e os outros querendo trabalhar só pensando no próprio umbigo. **(VII - 3)** **4.** Os padres modernos não querem ter trabalho. Isso é uma verdade. Em todas as paróquias, em todas as igrejas católicas no mundo inteiro, os padres não querem ter trabalho, porque cansa eu sei. Eu não sou padre, mas trabalhei ali mais de 15 anos e eu sei que cansa, é muito cansativo você cuidar de uma igreja. Você tem que estar ali, você tem que dar atenção pro povo, você tem que cuidar da arquitetura, da limpeza, manutenção e muitas outras coisas. Então quanto menos coisas tiver para se fazer melhor. É muito mais fácil você morar ali na casa e ir lá só no domingo celebrar a missa. Uma missazinha e 1 hora, 1 hora e meia está muito bom. Muito fácil isso! Agora, você manter, você trabalhar o ano inteiro fazendo	documentos que simbolizam a história da Igreja de São Sebastião. Estão destruindo a igreja, tiraram da missa a oração do padroeiro e pegaram sua imagem centenária e colocaram na fachada da igreja onde está pegando chuva é sol. Os padres literalmente jogaram a memória no lixo é S7, Dona Silvia é seu esposo o sanfoneiro Constantino personagens emblemáticos da comunidade recolheram tudo do lixo para preservar os documentos. S7, afirma veementemente que os padres não querem trabalhar, organizar festas para arrecadação de fundos para igreja, cuidar da limpeza, manutenção e preservação da arquitetura, eles se contentam em fazer algumas missas e pronto. A primeira grande mudança foi alterar a cor da igreja original porque todas as igrejas da IG sempre foram brancas, e isso já foi uma grande ofensa à comunidade. A relação da comunidade com o padre novo está extremamente abalada por conta de suas falas mal educadas e desrespeitosas. Chegou ao ponto de S7 oferecer sua casa e seu altar de São Jorge particular para que os encontros, missas e novenas fossem realizados lá. A preocupação de que os fiéis se dispersassem para outras religiões e atividades foi tanta que ele se ofereceu para liderar estas rezas. O movimento cresceu tanto que já não cabe mais a quantidade de adesões tanto da comunidade quanto de turistas em sua casa. O seu santo de devoção é São Jorge e então foi ligeiramente criticado por alguns membros da comunidade por estar proclamando um novo padroeiro, porém ele justifica que sua devoção tem influência do tempo dos oficiais do presídio. As outras igrejas de outros núcleos sociais da Ilha Grande mal funcionam e os padres não se dispõem a ir porque são poucos fieis e isso não gera dinheiro para eles. S7, tem feito este papel de ir até essas comunidades e promover momentos de reza e congraçamento

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
trabalhar o ano inteiro a fazer uma festa, você trabalhar meses e meses para arrecadar fundos e juntar o povo para poder movimentar a igreja, isso ninguém quer. Então a primeira coisa que sei mudou ali na igreja foi a cor, a cor original da igreja sempre foi branca. Todas as igrejas da Ilha Grande, todas são brancas. Não frequento nenhuma missa mais. Eu só vou assim, se eu for convidado para algum batizado, algum casamento, aí eu vou lá. agora ir lá... Não preservaram nem os cantos! Nem a oração do padroeiro eles preservaram mais. até o padroeiro eles arrancaram o de cima do trono dele e colocaram lá na fachada da igreja. uma imagem de 100 anos está lá pegando chuva, pegando sol. Estão destruindo a imagem do Santo. Uma imagem centenária. Então é muita destruição. ...na época aconteceu uma reunião, foi no dia 13 de maio e essas pessoas todas estavam reunidas junto com o padre da época para resolver todas essas questões que não tava tendo mais isso, mais aquilo e o povo queria a igreja de volta. Só que ele foi muito mal educado, muito!! Falou muita coisa que o povo não gostou, tipo falta de educação mesmo e a partir de então o povo decidiu não ir mais à igreja. Então nós não vamos mais se é para acontecer isso. O padre, ele tem que ouvir, tratar bem e acertar os ponteiros do relógio, não fazer o que está fazendo. O povo não foi mais. Eu ainda tentei mais uns dias, não consegui e saí na igreja. E esse povo preocupado, que tinha saído, que batia pé firme e que para a igreja não voltava, eu como sou religioso eu pensei para onde esse povo vai? O quê esse povo vai fazer? Vai ficar em casa vendo televisão? Vai se debandar para outras	uma festa, você trabalhar meses e meses para arrecadar fundos e juntar o povo para poder movimentar a igreja, isso ninguém quer. Então a primeira coisa que sei mudou ali na igreja foi a cor, a cor original da igreja sempre foi branca. Todas as igrejas da Ilha Grande, todas são brancas. **(VII - 4)** **5.** Não frequento nenhuma missa mais. Eu só vou assim, se eu for convidado para algum batizado, algum casamento, aí eu vou lá. agora ir lá... **(VII - 5)** **6.** Não preservaram nem os cantos! Nem a oração do padroeiro eles preservaram mais. até o padroeiro eles arrancaram o de cima do trono dele e colocaram lá na fachada da igreja. uma imagem de 100 anos está lá pegando chuva, pegando sol. Estão destruindo a imagem do Santo. Uma imagem centenária. Então é muita destruição. **(VII - 6)** **7.** ...na época aconteceu uma reunião, foi no dia 13 de maio e essas pessoas todas estavam reunidas junto com o padre da época para resolver todas essas questões que não tava tendo mais isso, mais aquilo que o povo queria era a igreja de volta. Só que ele foi muito mal educado, muito!! Falou muita coisa que o povo não gostou, tipo falta de educação mesmo e a partir de então o povo decidiu não ir mais à igreja. Então nós não vamos mais se é para acontecer isso. O padre, ele tem que ouvir, tratar bem e acertar os ponteiros do relógio, não fazer o que está fazendo. O povo não foi mais. Eu ainda tentei mais uns dias, não consegui e saí na igreja. E esse povo preocupado, que tinha saído, que batia pé firme e que para a igreja não voltava, eu como sou religioso eu pensei para onde esse povo vai? O quê esse povo vai fazer? Vai ficar em casa vendo televisão? Vai se debandar para outras religiões? Não pode! Eu, como na minha casa	entre os católicos independentemente da quantidade de fieis. Outro ponto que S7 levanta é que quando era estudante na escola da Vila do Abraão existia muito preconceito das crianças filhas dos moradores de Abrão com as crianças que vinham de outras praias (bairros) para estudar. Isso era por conta das diferenças sociais é que ele sempre combateu este comportamento de discriminação.

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
religiões? Não pode! Eu, como na minha casa tenho um oratório particular, um altar privado, reuni o povo e disse: gente se vocês quiserem, vocês podem se reunir na minha casa nos mesmos dias que se reuniam na igreja, no mesmo horário e pra mim não será incômodo nenhum. Então a partir da semana seguinte o povo já estava indo para minha casa no mesmo horário, fazer a celebração da palavra na época, rezar o terço às terças e sextas-feiras, às quintas-feiras a gente ia nas outras casas para rezar o círculo bíblico, fazer as novenas, então foi uma coisa que tipo assim no final do mês já não cabia todo mundo em casa porque não era só morador, era turista também. Então não é uma coisa da minha cabeça como muita gente abriu a boca para falar, ah, tá inventando um padroeiro! Não, eu não estou inventando, eu tenho devoção a São Jorge, mas eu tenho por causa dos oficiais e tenho em particular e mantenho essa tradição. Quando eu estudei os nossos professores que em sua maioria eram filhos da Ilha Grande, era fomentado isso no nosso meio. Lembro que eu reivindicava muito do pessoal do Abraão, assim com a educação moderna que estava tendo, as crianças tinham muito preconceito com as crianças das outras praias e eu achava isso o fim da picada. Então eu brigava muito, eu falava que não podia fazer isso. Que era horrível você viver na mesma ilha e ter preconceito com as outras que são mais simples porque não assistem televisão todo santo dia, porque não tem a roupa da moda, porque não tem um caderno bom, entendeu. Esse negócio de separar, nunca gostei disso, então eu brigava por um monte de	tenho um oratório particular, um altar privado, reuni o povo e disse: gente se vocês quiserem, vocês podem se reunir na minha casa nos mesmos dias que se reuniam na igreja, no mesmo horário e pra mim não será incômodo nenhum. Então a partir da semana seguinte o povo já estava indo para minha casa no mesmo horário, fazer a celebração da palavra na época, rezar o terço às terças e sextas-feiras, às quintas-feiras a gente ia nas outras casas para rezar o círculo bíblico, fazer as novenas, então foi uma coisa que tipo assim no final do mês já não cabia todo mundo em casa porque não era só morador, era turista também. **(VII - 7)** **8.** Não é uma coisa da minha cabeça como muita gente abriu a boca para falar, ah, tá inventando um padroeiro! Não, eu não estou inventando, eu tenho devoção a São Jorge, mas eu tenho por causa dos oficiais e tenho em particular e mantenho essa tradição. **(VII - 8)** **9.** Quando eu estudei os nossos professores que em sua maioria eram filhos da Ilha Grande, era fomentado isso no nosso meio. Lembro que eu reivindicava muito do pessoal do Abraão, assim com a educação moderna que estava tendo, as crianças tinham muito preconceito com as crianças das outras praias e eu achava isso o fim da picada. Então eu brigava muito, eu falava que não podia fazer isso. Que era horrível você viver na mesma ilha e ter preconceito com as outras que são mais simples porque não assistem televisão todo santo dia, porque não tem a roupa da moda, porque não tem um caderno bom, entendeu. Esse negócio de separar, nunca gostei disso, então eu brigava por um monte de coisa, discutia por um monte de coisa, falava por um monte de coisa. **(VII - 9)** **10.** O padre jogou as memórias da igreja no lixo e eu peguei, porque se fosse por ele, se eu não tivesse juntado	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
coisa, discutia por um monte de coisa, falava por um monte de coisa. O padre jogou as memorias da igreja no lixo e eu peguei, porque se fosse por ele, se eu não tivesse juntado as coisas metade da história da igreja tinha se perdido. Não só eu não, a minha amiga dona Sílvia também, que era uma das que trabalhava muito, se empenhou pela aquela igreja junto com o seu marido Constantino, que era o nosso sanfoneiro também fez a mesma coisa de recolher. O padre jogou o presépio da igreja fora no lixo como se fosse papel. Se ainda fosse alguma imagem que estivesse corroída, destruída até tudo bem! você vai lá e descarta. Mas também o certo nem é fazer isso! Tem uma coisa própria que se faz, você enterra ou termina de quebrar a imagem, faz ela em pó e depois joga fora, não se descarta assim como qualquer coisa. Então eu tenho coisa guardada, tenho livro guardado que foi de catequista da Praia de Lopes Mendes, do tempo que Lopes Mendes tinha Vila e a igreja de lá funcionava bem. Na época quem trabalhava aqui na Ilha Grande era o frei ngelo, tem a assinatura dele no livro né. ...as outras igrejinhas dos outros núcleos sociais, não funcionam. falando o português claro: mal e porcamente. Padre não vai a Dois Rios porque não tem dinheiro, verdade seja dita. Você não tem o número de fiéis para ofertar, não vale para ele. Eu ia muito para aquela igreja de lá. No meu tempo tinha mais. Eu cheguei há um ano lá quando eu fui a primeira vez, tinha 15 pessoas que ficaram felicíssimas de uma pessoa ir lá rezar na igreja depois de tanto tempo.	as coisas metade da história da igreja tinha se perdido. Não só eu não, a minha amiga dona Sílvia também, que era uma das que trabalhava muito, se empenhou pela aquela igreja junto com o seu marido Constantino, que era o nosso sanfoneiro também fez a mesma coisa de recolher. O padre jogou o presépio da igreja fora no lixo como se fosse papel. Se ainda fosse alguma imagem que estivesse corroída, destruída até tudo bem! você vai lá e descarta. Mas também o certo nem é fazer isso! Tem uma coisa própria que se faz, você enterra ou termina de quebrar a imagem, faz ela em pó e depois joga fora, não se descarta assim como qualquer coisa. Então eu tenho coisa guardada, tenho livro guardado que foi de catequista da Praia de Lopes Mendes, do tempo que Lopes Mendes tinha Vila e a igreja de lá funcionava bem. Na época quem trabalhava aqui na Ilha Grande era o frei Ângelo, tem a assinatura dele no livro né. **(VII - 10)** **11.** ...outras igrejinhas dos outros núcleos sociais, não funcionam. falando o português claro: mal e porcamente. **(VII - 11)** **12.** Padre não vai a Dois Rios porque não tem dinheiro, verdade seja dita. Você não tem o número de fiéis para ofertar, não vale para ele. Eu ia muito para aquela igreja de lá. No meu tempo tinha mais. Eu cheguei há um ano lá quando eu fui a primeira vez, tinha 15 pessoas que ficaram felicíssimas de uma pessoa ir lá rezar na igreja depois de tanto tempo. **(VII - 12)** **13.** Foi um evento sabe, eu fui recebido, me levaram para casa de um senhor que preparou um almoço para todo mundo, porque ele ficou muito feliz em ver a igreja que ele foi batizado, cresceu, casou, voltar a funcionar. Aí chega hoje um e diz que não vai lá rezar, porque ele já disse isso, eu sei porque teve gente de lá de dentro mesmo que	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Foi um evento sabe, eu fui recebido, me levaram para casa de um senhor que preparou um almoço para todo mundo, porque ele ficou muito feliz em ver a igreja que ele foi batizado, cresceu, casou, voltar a funcionar. Aí chega hoje um e diz que não vai lá rezar, porque ele já disse isso, eu sei porque teve gente de lá de dentro mesmo que disse: por que o senhor não vai lá rezar? Eu não vou porque lá só tem 2. Aí eu digo: vai lá na Bíblia Sagrada e Jesus Cristo disse: onde tem um ou 2 reunidos em meu nome, eu estarei lá no meio, ou seja, se não ganha, se não tem vantagem, não se vai.	disse: por que o senhor não vai lá rezar? Eu não vou porque lá só tem 2. Aí eu digo: vai lá na Bíblia Sagrada e Jesus Cristo disse: onde tem um ou 2 reunidos em meu nome, eu estarei lá no meio, ou seja, se não ganha, se não tem vantagem, não se vai. **(VII - 13)**	
Discurso – VIII **NCVA:** Bom, o turismo... Tenho até uma palestra sobre isso aí. Ele se deu de forma muito irregular. Eram casas pousadas transformadas em pousadas, falta de conhecimento do turismo. Ele começou precariamente, entendeu? E depois ele foi evoluindo. Hoje já é bastante mais selecionado. Agora, pelo bom que deveria ser a Ilha Grande, pela qualidade da Ilha Grande, até que deu para segurar. Nós brigamos muito para segurar isso também. Nós derrubamos a construção do resort, tomamos a Praia de Lopes Mendes e veio ser parque. Então, lutamos muito para que a ilha se conservasse. A vila era dos policiais. E hoje se mesclou um pouco. Mas havia um racha aí no meio que sempre houve. Então, isso criou uma cultura policialesca, em que a lei é pros outros e eu aplico a lei. Até hoje acontece uma coisa interessante. Quando o cara veste aqui, eu vejo o nativo, quando ele veste um	**Unidade de Significado D - VIII (Abraão - NC)** **1.** O turismo se deu de forma muito irregular e eu tenho até uma palestra sobre. Eram casas pousadas transformadas em pousadas, falta de conhecimento do turismo. Ele começou precariamente, entendeu? E depois ele foi evoluindo. Hoje já é bastante mais selecionado. Agora, pelo bom que deveria ser a Ilha Grande, pela qualidade da Ilha Grande, até que deu para segurar. Nós brigamos muito para segurar isso também. Nós derrubamos a construção do resort, tomamos a Praia de Lopes Mendes e veio ser parque. Então, lutamos muito para que a ilha grande se conservasse. **(VIII -1)** **2.** A vila era dos policiais. E hoje se mesclou um pouco. Mas havia um racha aí no meio que sempre houve. Então, isso criou uma cultura policialesca, em que a lei é pros outros e eu aplico a lei. **(VIII -2)** **3.** Até hoje acontece uma coisa interessante. Quando o cara veste um uniforme aqui, eu vejo o nativo, quando ele veste um uniforme qualquer do posto médico, de coisas	**Discurso Articulado Sujeito 8 / S-8** **S8.** S8 lutou muito pela Ilha Grande principalmente para que ela se conservasse. Brigou com todos, especialmente com os advogados e retirou-se como pessoa física e jurídica (Jornal o ECO é OSIG Organização para sustentabilidade da Ilha Grande) do processo de discussão por conta de entender que o ambiente estava corrompido por representações extremamente mal-intencionadas. S8 chegou no final do presídio e presenciou o quanto esta instituição era importante para a comunidade. Afinal foram 100 anos de presídio, ou seja, é uma cultura muito forte. Participou de grandes lutas na Ilha Grande como seu projeto do Natal Ecológico que era feito com base em lixos recicláveis. O projeto contava com programação diversificada desde caminhadas ecológicas até show comemorativo. S8 afirma que o turismo na Ilha Grande se deu de forma muito irregular e que hoje se encontra um pouco mais organizado, porém existe uma competitividade dos que investiram na hotelaria tradicional com os que enveredaram por alugar suas próprias casas e construir suítes. Foram muitas lutas

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
uniforme qualquer do posto médico, de coisas que não têm nada a ver, na verdade, com a polícia, ele se sente autoridade. Isso é reflexo do presídio. E que é natural. É natural que seja. O cara criou um brio por aquilo ali. Isso é natural na humanidade. Não condeno eles por isso. E o presídio ficou aqui quase 100 anos, né, Muito forte, né? Quase 100 anos. É, quase 100 anos ficou o presídio. Porque o presídio começou logo no início do século passado. E acabou no fim do século passado. Eu lutei durante seis anos consecutivos aqui com o Natal Ecológico, que era um Natal feito com coisa de lixo. Sim, sim. Mas era muito show. E que começava às dez horas da manhã, entre palestras de vôlei na praia e caminhadas ecológicas, enfim, e depois acabava com a noite e começava o show na praça, que era exatamente para a cultura caiçara, o show, e ia até meia-noite para a notícia rápida. Interessante. E de cultura caiçara era difícil eu ter, porque eu só tinha a banda do Constantino, que de vez em quando apresentava... Sempre apresentou, aliás, coisas de cultura caiçara. Mas a maior parte era cultura do Rio, de outras partes, e não era daqui, não era caiçara também, não. Porque havia um certo estímulo da coisa de fora. Até hoje. Está entrando o funk rachando agora aqui. Nada contra o funk, mas não era a cultura da ilha. A minha cultura aqui na ilha era... Catereté, essas coisas do passado, essas músicas que tinham aqui, o caranguejo, dança de roda. Isso que era aqui. Nós tentamos desenvolver isso há muito tempo. A escola aqui, no início, também fez vários eventos com danças daqui, as típicas daqui. Na verdade, aqui a dança pertencia ao fandango. Como toda a costa	que não têm nada a ver, na verdade, com a polícia, ele se sente autoridade. Isso é reflexo do presídio. E que é natural. É natural que seja. O cara criou um brio por aquilo ali. Isso é natural na humanidade. Não condeno eles por isso. **(VIII -3)** **4.** O presídio ficou aqui quase 100 anos, né, Muito forte, né? Quase 100 anos. Porque o presídio começou logo no início do século passado. E acabou no fim do século passado. **(VIII -4)** **5.** Eu lutei durante seis anos consecutivos aqui com o Natal Ecológico, que era um Natal feito com coisas de lixo. Mas era muito show. E que começava às dez horas da manhã, entre palestras e atividades de vôlei na praia e caminhadas ecológicas, enfim, e depois acabava com a noite e começava o show na praça, que era exatamente para a cultura caiçara, o show, e ia até meia-noite. Interessante. E de cultura caiçara era difícil eu ter, porque eu só tinha a banda do Constantino, que de vez em quando apresentava... Sempre apresentou, aliás, coisas de cultura caiçara. Mas a maior parte era cultura do Rio, de outras partes, e não era daqui, não era caiçara também, não. Porque havia um certo estímulo da coisa de fora. Até hoje. Está entrando o funk rachando agora aqui. Nada contra o funk, mas não era a cultura da ilha. A minha cultura aqui na ilha era... Catereté, essas coisas do passado, essas músicas que tinham aqui, o caranguejo, a dança de roda. Isso que era aqui. Nós tentamos desenvolver isso há muito tempo. **(VIII -5)** **6.** A escola também fez vários eventos com danças daqui, as típicas daqui. Na verdade, aqui a dança pertencia ao fandango. Como toda a costa daqui, do Rio até o sul do Paraná, é tudo fandango. É fandango. Então, tem um monte de música com instrumento próprio, bem	e audiências públicas travadas para que territórios como Lopes Mendes se mantivessem preservados e se tornassem uma área de proteção ambiental (APA). Segundo as percepções de S8 os caiçaras não preservam suas tradições e não gostam de ser caiçaras. Por conta de tantos estímulos a comunidade deixa de dar importância às tradições e cultura se aliando ainda mais a tecnologia, sendo assim muitos costumes e tradições se perderam. Os turistas trazem drogas e às vezes acabam se envolvendo com as filhas dos caiçaras e elas ficam encantadas pelas pessoas que vêm do continente. Estes pequenos negócios não têm nenhum tipo de controle, então estas famílias acabam correndo riscos desnecessários. S8 questiona a história da Ilha Grande, bem como relatos do tempo do presídio, como a mistura de presos políticos e presos comuns que segundo registros culminou no nascimento do comando vermelho. Entende que existe um certo sadismo nas falas ou melhor na cultura policialesca alimentada pela comunidade. Sempre lutou, derrubou juntamente com outros defensores da Ilha Grande a construção de 19 resorts que estavam sendo impostos por advogados do Governo do estado. A comunidade fica fortalecida quando necessita defender a Ilha Grande e em seus relatos comenta que na última vez que participou lotaram o local da audiência pública e a praça em frente. O jornal ECO foi a voz da comunidade da terra é da nova comunidade de 2000 a 2022 é testemunhou embates e debates da ilha. Tratava de assuntos como: ecologia, cultura, meio ambiente, turismo e participação comunitária, dentre outros. O jornal foi um fórum permanente de discussões para elucidar os fatos, conflitos e empasses da IG. Abraão é terra de

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
daqui, do Rio até o sul do Paraná, é tudo fandango. É fandango. Então, tem um monte de música com instrumento próprio, bem acaipirado. Sadio. Interessante. A poesia tinha expressão. Há o jeito dele, mas tinha uma expressão muito interessante. Não é como hoje, que eu quero repetir mil vezes a mesma coisa, mas você não sabe o que o cara quer dizer no final. Mas era muito interessante. Eu estive há pouco tempo no Vale da Ribeira, onde ele chega no mar. Fui a uma festa ali, onde o show todo foi cultura caiçara e era exatamente esse tipo de dança. Muito show. Ainda preserva. É ponto alto. A comunidade gosta. Agora, isso aqui desapareceu. E nós tentamos muito conservar isso. Depois chegou uma conclusão que o caiçara não gostava de ser caiçara. Chegamos a essa conclusão. Porque eles gostavam muito do urbano e do que eles têm aqui. Gostavam demais. Não sei se é vergonha de ser caiçara. Às vezes, parece que eles têm estímulo até demais, quando eles se interessam. Fora disso, não dão nenhum valor para a cultura, porque nós trabalhamos seis anos para a cultura caiçara, eu e um grupo de pessoas aqui interessadíssimas nisso. E envolvíamos muito pouca gente nisso. E por aí vai. Tudo se começa aqui e, quando se para, não dá continuidade. É óbvio que um cara vai e não vai tocar a vida toda e ele para. Aí não tem continuidade. Eu atribuo muito mais a globalização e a informação muito rápida hoje. Eu tinha uma empregada aqui, que tinha almoçado o mínimo para trabalhar aqui comigo e tal. Vinha quatro vezes por semana. Era o que ela tinha para viver. Um dia ela perdeu o celular. Eu tenho que dar dinheiro para comprar. A mulher ficou perdida sem o celular e semianalfabeta. Você viu quanto isso é contagioso? É. Isso eu sei. Então, passava o dia.	acaipirado. Sadio. Interessante. A poesia tinha expressão. Há o jeito dele, mas tinha uma expressão muito interessante. Não é como hoje, que eu quero repetir mil vezes a mesma coisa, mas você não sabe o que o cara quer dizer no final. **(VIII -6)** **7.** Mas era muito interessante. Eu estive há pouco tempo no Vale da Ribeira, onde ele chega no mar. Fui a uma festa ali, onde o show todo foi cultura caiçara e era exatamente esse tipo de dança. Muito show. Ainda preserva. É o ponto alto. A comunidade gosta. Agora, isso desapareceu. E nós tentamos muito conservar isso. Depois chegou uma conclusão que o caiçara não gostava de ser caiçara. Porque eles gostavam muito do urbano e do que eles têm aqui. Gostavam demais. **(VIII -7)** **8.** Não sei se é vergonha de ser caiçara. Às vezes, parece que eles têm estímulo até demais, quando eles se interessam. Fora disso, não dão nenhum valor para a cultura, porque nós trabalhamos seis anos para a cultura caiçara, eu e um grupo de pessoas aqui interessadíssimas nisso. E envolvíamos muito pouca gente nisso. E por aí vai. Tudo se começa aqui e, quando se para, não dá continuidade. É óbvio que um cara vai e não vai tocar a vida toda e ele para. Aí não tem continuidade. **(VIII -8)** **9.** Eu atribuo muito mais a globalização e a informação muito rápida hoje. Eu tinha uma empregada aqui que vinha quatro vezes por semana. Era o que ela tinha para viver. Um dia ela perdeu o celular. Eu tive que dar dinheiro para comprar. A mulher ficou perdida sem o celular e semianalfabeta. Você viu quanto isso é contagioso? É. Isso eu sei. Então, passava o dia. Eu estava vendo cada besteirol no celular. Então, isso transforma as culturas também. Transforma tudo isso.	ninguém, caiçaras, estrangeiros, baianos e turistas convivem com estas questões de ordem social.

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Eu estava vendo cada besteirol no celular. Então, isso transforma as culturas também. Transforma tudo isso. Porque você tem o mundo em casa, sem saber administrar o mundo. E junto com esse turismo de casa para alugar e suíte é um outro problema sério. Porque turismo promiscuo. O cara vem na casa do sujeito, se hospeda ali. O cara é elegante. Acaba namorando a filha do dono da casa. Ou ensina a usar droga. É um turismo complicado. É muito complicado isso. Porque você tem um quarto, uma casa e está alugando para turismo. Que pessoa que vem para ali? E às vezes o cara é um gentleman. E o que esse cara é por dentro? É complicado. Aí é a menina encantada pelo cara do continente. Sem graça. Namora com o cara. Então, na verdade, é promíscuo. Porque você não sabe que tipo de gente está lidando. O sistema do presídio é que modificava as pessoas. Há muita discussão sobre isso. Eu discuti isso com gente muito importante aqui, o professor Renato também. Ele me aprovou. Não, eu sou testemunho dessa época. Porque nessa época os presos políticos tinham medo do preso comum. E não se misturavam. E o preso comum tirou experiências deles. O preso comum não é idiota, não. Você vai ter idiota também, mas a grande maioria é esperto. Então, ali, nós temos que nos reunir, nos unir, não brigar. É, é. Agora, eu acho que tem muita coisa que, na história de filminhos por aí e tal, que o cara jogou e não é verdade. E pior é que você não tira.	Porque você tem o mundo em casa, sem saber administrar o mundo. **(VIII -9)** **10.** E junto com esse turismo de casa para alugar e suíte é um outro problema sério. Porque turismo promíscuo. O cara vem na casa do sujeito, se hospeda ali. O cara é elegante. Acaba namorando a filha do dono da casa. Ou ensina a usar droga. É um turismo complicado. É muito complicado isso. Porque você tem um quarto, uma casa e está alugando para turismo. Que pessoa que vem para ali? E às vezes o cara é um gentleman. E o que esse cara é por dentro? É complicado. Aí é a menina encantada pelo cara do continente. Sem graça. Namora com o cara. Então, na verdade, é promíscuo. Porque você não sabe que tipo de gente está lidando. **(VIII -10)** **11.** O sistema do presídio é que modificava as pessoas. **(VIII -11)** **12.** Sobre a mistura de presos políticos e presos comuns há muita discussão sobre isso. Eu discuti isso com gente muito importante aqui, o professor Renato também. Ele me aprovou. Não, eu sou testemunho dessa época. Porque nessa época os presos políticos tinham medo do preso comum. E não se misturavam. E o preso comum tirou experiências deles. O preso comum não é idiota, não. Você vai ter idiota também, mas a grande maioria é esperto. Então, ali, nós temos que nos reunir, nos unir, não brigar. **(VIII -12)** **13.** É, é. Agora, eu acho que tem muita coisa que, na história de filminhos por aí e tal, que o cara jogou e não é verdade. E pior é que você não tira. **(VIII -13)** **14.** Então, não tinha como a água do mar chegar lá (Lazareto/água do mar). E outra coisa, isso está aqui, no	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Então, não tinha como chegar lá. E outra coisa, isso está aqui, no século passado, porque nós vivemos ontem esse século passado aqui. Então, você fala que isso é impossível. Agora, eles contam isso como uma grande glória, cheio de água até em cima, para sacrificar o cara e tal. Era o sadismo da cultura policialesca, né? Porque havia uma grande parte de sadismo nesse meio. Primeiro que eu briguei com a APA. A APA Tamoios. Me retirei dela destratando. Fazendo ver que ela tinha um monte de ladrões no meio da APA. Ainda remanescentes da velha firma lá e tal. Comecei a ver o meio ambiente como um troço corrupto. E me afastei. Fui a última reunião na APA. Briguei com ele. Foi muito duro. Outra coisa, a APA tinha um conselho que metade eram advogados, gente especialista trabalhando para pseudo ongs ou organizações dentro do conselho. Mas em benefício próprio. Do outro lado estava eu e mais alguns caras que me apoiavam aí que tinha bastante gente sábia no meio também e os caiçaras E a gente tem que discutir com esse povo top de linha. Inclusive o advogado, um dos advogados lá é top. Então você discutir com essa gente é duro. E eu vou te dar um jornal pra você ver até que ponto nós chegamos depois sobre isso aí. Então eu destratei todo mundo. Me retirei. O ECO sai hoje. A USIG sai. E não quero mais saber de APA porque pra mim a APA tá sendo um mal desnecessário. Nem um mal necessário. E era um conflito a reunião. Normalmente era liderada por um cara incapaz. Ele era levado pra um lado, levado para o outro. Não tinha decisão. Até agora está em conflito. Hoje tá vendo, eles estavam numa reunião online. O mesmo advogado está lá. As mesmas pessoas estão lá. Uma briga danada como daquela época. Então me retirei pra ver se causava um choque. E eu acho que causei um choque. Porque	século passado, porque nós vivemos ontem esse século passado aqui. Então, você fala que isso é impossível. Agora, eles contam isso como uma grande glória, cheio de água até em cima, para sacrificar o cara e tal. Era o sadismo da cultura policialesca, né? Porque havia uma grande parte de sadismo nesse meio. **(VIII - 14)** **15.** Primeiro que eu briguei com a APA - Área de Proteção ambiental. A APA Tamoios. Me retirei dela destratando é fazendo eles verem que tinha um monte de ladrões no meio da APA. Ainda remanescentes da velha firma lá e tal. Comecei a ver o meio ambiente como um troço corrupto. E me afastei. Fui a última reunião na APA. Briguei com eles. Foi muito duro. Outra coisa, a APA tinha um conselho que metade eram advogados, gente especialista trabalhando para pseudo ongs ou organizações dentro do conselho. Mas em benefício próprio. Do outro lado estava eu e mais alguns caras que me apoiavam aí que tinha bastante gente sábia no meio também e os caiçaras E a gente tem que discutir com esse povo top de linha. Inclusive o advogado, um dos advogados lá é top. Então você discutir com essa gente é duro. E eu vou te dar um jornal pra você ver até que ponto nós chegamos depois sobre isso aí. Então eu destratei todo mundo. Me retirei. O ECO sai hoje. A OSIG - Organização para Sustentabilidade da Ilha Grande sai. E não quero mais saber de APA porque pra mim a APA está sendo um mal desnecessário. Nem um mal necessário. E era um conflito a reunião. Normalmente era liderada por um cara incapaz. Ele era levado para um lado, levado para o outro. Não tinha decisão. Até agora está em conflito. Hoje estava vendo, eles estavam numa reunião online. O mesmo advogado está lá. As mesmas pessoas estão lá. Uma briga danada como daquela época. Então me retirei pra ver se causava um choque. E eu acho que causei um choque. Porque hoje o cara da UFRJ acho que do outro lado fez a referência melhor. Nós	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
hoje o cara da UFRJ acho que do outro lado fez a referência melhor. Nós perdemos o Palma pela mesma que estamos discutindo hoje. Falou lá, perdemos o jornal, perdemos a USIG. Então, quer dizer, é por essa razão que me retirei. Me retirei porque não dava. Estava dando murro em ponta de faca. E quando você vai discutir com um advogado de ponta sobre questão de lei, é duro. Porque eu não sou advogado. Entendeu? Outra coisa. Erros do governo. O governo criou um pacto. O cara era dono legal daquilo ali. Não desapropria e fica o cara. Quem não construir não pode. Então o governo, já que desapropriou, paga e manda o cara embora. Não. Fica aquela miscelânea. E não tem como discutir porque a favor da lei, na visão da lei, esse cara é absurdo estar ali construindo. Mas se fosse analisar o direito, ele comprou antes e ninguém pagou mais nada pra tomar a terra dele. Então é muito difícil discutir essas questões. Ainda mais com um advogado no meio. Tem um monte deles que vem pra defender interesses de fora. Mas a lei ambiental, ela até é boa. O problema são as pessoas que trabalham com a lei ambiental. Por exemplo, nós pra derrubar aqui 19 resorts, nós tivemos que derrubar o secretário de Estado, que foi o Correia, que tá preso até hoje. E ele com os auspícios do Garotinho, que é o governo do Estado, e a mulher do Garotinho, que é a superior advogada, era advogada do assunto. Olha a briga que a gente tinha. Mas derrubamos, mas derrubamos com a força da comunidade, inclusive de Angra, porque a audiência pública foi feita lá na Câmara, não cabia todo mundo no espaço da Câmara, então ficou toda a praça cheia	perdemos o Palma pela mesma questão que estamos discutindo hoje. Falou lá, perdemos o jornal, perdemos a OSIG. Então, quer dizer é por essa razão que me retirei. Me retirei porque não dava. Estava dando murro em ponta de faca. E quando você vai discutir com um advogado de ponta sobre a questão da lei, é duro. Porque eu não sou advogado. Entendeu? Outra coisa. Erros do governo. O governo criou um pacto. O cara era dono legal daquilo ali. Não desapropria e fica o cara. Quer não construir não pode. Então o governo, já que desapropriou, paga e manda o cara embora. Não. Fica aquela miscelânea. E não tem como discutir porque a favor da lei, na visão da lei, esse cara é absurdo estar ali construindo. Mas se fosse analisar o direito, ele comprou antes e ninguém pagou mais nada pra tomar a terra dele. Então é muito difícil discutir essas questões. Ainda mais com um advogado no meio. Tem um monte deles que vem pra defender interesses de fora. **(VIII - 15)** **16.** A lei ambiental é até boa. O problema são as pessoas que trabalham com a lei ambiental. Por exemplo, nós pra derrubar aqui 19 resorts, nós tivemos que derrubar o secretário de Estado, que foi o Correia, que tá preso até hoje. E ele com os auspícios do Garotinho, que é o governo do Estado, e a mulher do Garotinho, que é a superior advogada, era advogada do assunto. Olha a briga que a gente teve. **(VIII -16)** **17.** Mas derrubamos com a força da comunidade, inclusive de Angra, porque a audiência pública foi feita lá na Câmara, não cabia todo mundo no espaço da Câmara, então ficou toda a praça cheia de gente. E a gente ocupou, as principais lideranças ocuparam. **(VIII - 17)** **18.** Então, é uma situação muito crítica. Então, tivemos essas brigas todas. Depois vou te dar um jornal para você	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
de gente. E a gente ocupou, as principais lideranças ocuparam. Então, é uma situação muito crítica. Então, tivemos essas brigas todas. Depois vou te dar um jornal para você levar, que é um jornal praticamente sobre assuntos jurídicos. Nós fizemos um jornal com 72 páginas, onde incluímos todos. matéria de jornal, meu editorial, coisas de outras pessoas, todo mundo escreveu, tinha muita gente, sabe, escrevendo, mapa que os caras fizeram, que mostraram na reunião, eu copiei. Depois o cara disse, mas você não podia publicar. Cara, você apresentou na reunião, eu copiei. Público, entendeu? Público. E não conseguiu. Aí, queriam saber quem financiou o jornal, porque já foram 10 mil exemplares, um jornal dessa loucura. Aí, ninguém ficou sabendo quem financiou. Ninguém. Quem financiou, vamos lá juntar um grupinho aqui e pagamos o jornal. Entendeu? Então, depois vou te dar o jornal para você levar. Aquele jornal é um fato histórico muito sério. E, a partir dali, foi patinando. Os resort não saíram. Estão brigando até hoje. Outra coisa, os pontos comuns da Ilha Grande para turismo, são poucos. São 4, 5, 10 pontos aí. Botar 19 resorts aqui, e tem outro fator. O resort, para mim, acaba com o Caiçara, porque não vai empregar o Caiçara. Eu cheguei dizendo, se fizesse resort todo o Abrão vai ser um prostíbulo da Ilha Grande. Mais nada. Porque eles vão matar o Abrão. E vão matar a Ilha Grande toda. Os resorts não seriam nenhum no Abrão. Mas seriam todos os outros pontos interessantes aí e tal. Eram 19 resorts Meu Deus! Que eles chamavam de	levar, que é um jornal praticamente sobre assuntos jurídicos. Nós fizemos um jornal com 72 páginas, onde incluímos todos, matéria de jornal, meu editorial, coisas de outras pessoas, todo mundo escreveu, tinha muita gente, sabe, escrevendo, mapa que os caras fizeram, que mostraram na reunião, eu copiei. Depois o cara disse, mas você não podia publicar. Cara, você apresentou na reunião, eu copiei. Público, entendeu? Público. E não conseguiu. Aí, queriam saber quem financiou o jornal, porque já foram 10 mil exemplares, um jornal dessa loucura. Aí, ninguém ficou sabendo quem financiou. Ninguém. Quem financiou, vamos lá juntar um grupinho aqui e pagamos o jornal. Entendeu? Então, depois vou te dar o jornal para você levar. Aquele jornal é um fato histórico muito sério. E, a partir dali, foi patinando. Os resorts não saíram e estão brigando até hoje. **(VIII -18)** **19.** Os pontos comuns da Ilha Grande para turismo, são poucos. São 4, 5, 10 pontos aí. Botar 19 resorts aqui, e tem outro fator. O resort, para mim, acaba com o Caiçara, porque não vai empregar o Caiçara. **(VIII -19)** **20.** Eu cheguei dizendo, se fizesse resort todo o Abrão vai ser um prostíbulo da Ilha Grande. Mais nada. Porque eles vão matar o Abraão. E vão matar a Ilha Grande toda. Os resorts não seriam nenhum no Abraão. Mas seriam todos os outros pontos interessantes aí e tal. Eram 19 resorts Meu Deus! Que eles chamavam de uma outra coisa, mas eram resorts. Então, nós tivemos uma briga. **(VIII -20)** **21.** Até escrevi no jornal passado sobre isso aí também um pouco. Ou no outro. Eu acho que o patrimônio mundial foi mais político que o resto. Não vejo fazer nada. Nem há interesse da Prefeitura. **(VIII -21)**	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
uma outra coisa, mas eram resorts. Então, nós tivemos uma briga Até escrevi no jornal passado sobre isso aí também um pouco. Ou no outro. Eu acho que o patrimônio mundial foi mais político que o resto. Não vejo fazer nada. Nem há interesse da Prefeitura. Porque, na verdade, o que mais precisamos no Abrão, que eu sempre emprego, é ordenamento. Agora, é terra de ninguém. Cada um faz como quer. Aí, cria uma ladeira com uma construção. Depois, o cara paga uma multa. Depois, vai morar lá dentro. Aí, já virou um problema social. Você não tira mais. Então, você não consegue ter um ordenamento no Abrão. Eu preciso do ordenamento aqui. Porque, senão, será sempre um turismo como está aí. De tudo que é tipo de gente que não traz nenhum benefício para a IG. Eu preciso de um turista que venha aqui. Tem que ter espaço para todo o nível turístico. Do pobre ao rico. Mas, da seguinte maneira, o cara que vem aqui tem que ter um lugar de aluguel legal. Ele tem que comprar uma camiseta. Ele tem que andar de barco. Ele tem que, enfim, comer num restaurante um dia. Senão, você comprar uma coisinha. Senão, você não está com o sistema Atualmente, sim convivem bem e é dominante quem veio de fora. Foram tomando conta do espacinho deles. Mas como os outros também pouco se interessaram por eles mesmos, que eu digo que um dos problemas foi o Caiçara, porque, por exemplo, o cara que tinha um terreno como o meu, ele dividiu num monte de pedacinho e botou uma situação social crítica. Vendeu	**22.** Porque, na verdade, o que mais precisamos no Abraão, que eu sempre emprego, é o ordenamento. Agora, é terra de ninguém. Cada um faz como quer. Aí, cria uma ladeira com uma construção. Depois, o cara paga uma multa. Depois, vai morar lá dentro. Aí, já virou um problema social. Você não tira mais. Então, você não consegue ter um ordenamento no Abraão. Eu preciso do ordenamento aqui. Porque, senão, será sempre um turismo como está aí. De tudo que é tipo de gente que não traz nenhum benefício para a Ilha Grande. Eu preciso de um turista que venha aqui. Tem que ter espaço para todo o nível turístico. Do pobre ao rico. Mas, da seguinte maneira, o cara que vem aqui tem que ter um lugar de aluguel legal. Ele tem que comprar uma camiseta. Ele tem que andar de barco. Ele tem que, enfim, comer num restaurante um dia. Senão, você comprar uma coisinha. Senão, você não está com o sistema. **(VIII -22)** **23.** Atualmente, baianos e caiçaras convivem bem e já é dominante quem veio de fora. Foram tomando conta do espacinho deles. **(VIII -23)** **24.** Mas como os outros também pouco se interessaram por eles mesmos, eu digo que um dos problemas foi o Caiçara, porque, por exemplo, o cara que tinha um terreno como o meu, ele dividiu num monte de pedacinho e botou uma situação social crítica. Vendeu todo um pedacinho. Vendeu um todo. Já queria vender, né? Então, ele contribuiu muito com esse povo que veio de fora, que precisava viver em algum lugar e viver em qualquer condição. Então, isso aí tornou o Abraão isso que está aí. Embora todas essas culturas, essa miscelânea que tem no Abraão, ela no contexto vive em harmonia. Aqui você não vê a briga cultural, não. Você vê a briga comercial, mas cultural, não. **(VIII -24)**	

Quadro 2: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / AMPLIAÇÃO DA CRISE (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
todo um pedacinho. Vendeu um todo. Já queria vender, né? Então, ele contribuiu muito com esse povo que veio de fora, que precisava viver em algum lugar e viver em qualquer condição. Então, isso aí tornou o Abraão isso que está aí. Embora todas essas culturas, essa miscelânea que tem no Abraão, ela no contexto vive em harmonia. Aqui você não vê a briga cultural, não. Você vê a briga comercial, mas cultural, não.		

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Discurso - I **CTBA:** Porque eu acho que a palavra caiçara, acho que remete muito à cultura de fazer rede, de fazer canoa, de pescar, de tudo isso. Sim, é porque as coisas foram modernizando muito. A gente foi se adaptando a esse novo mundo. E aí com os trabalhos agora que a gente tem. Realmente, a gente não seguiu com a tradição igual os índios, por exemplo. Eles mantêm o chefe deles. Eles tentam fazer de uma maneira com que eles sigam a tradição. O que me despertou foi a partir do PEA. Eu comecei a ter uma visão a partir do projeto. Depois do PEA, assim, eu comecei a trabalhar nos 4 anos da primeira fase do PEA. Que aí a gente começou a entender o que que era o PEA. O PEA é um projeto de fortalecimento das comunidades pesqueiras. Então, assim, o que é o fortalecimento dentro disso, né? É a identidade caiçara, é o que que a gente fazia, o porquê que a gente não faz mais. A organização comunitária, que é a força que tem uma associação de moradores. No entanto, a gente não sabia. Quem diria que a gente ia estar aqui hoje, né, Yasmim? E depois a gente começou a ter contato com fóruns, comunidades tradicionais, a CONAC, né. Com os indígenas. Que aí a gente começou a ver como que eles trabalhavam todos unidos. Claro que dentro das comunidades tem as suas diferenças. Tem os seus conflitos. Mas, assim, ali dentro era uma coisa. Quando saía, todo mundo igual, pensando juntos para debater aquele assunto. Vamos buscar a estratégia através daquilo. E eu fiz também um curso de TBC - Turismo de Base Comunitária, né. Então, isso começou a me despertar. Eu fiquei assim... Gente, na minha comunidade dava pra fazer assim, dá para fazer assado.	**Unidade de Significado D – I (Bananal - CT)** **1** Porque eu acho que a palavra caiçara, acho que remete muito à cultura de fazer rede, de fazer canoa, de pescar, de tudo isso. Sim, é porque as coisas foram modernizando muito. A gente foi se adaptando a esse novo mundo. E aí com os trabalhos agora que a gente tem. Realmente, a gente não seguiu com a tradição igual os índios, por exemplo. Eles mantêm o chefe deles. Eles tentam fazer de uma maneira com que eles sigam a tradição. O que me despertou foi a partir do PEA. Eu comecei a ter uma visão a partir do projeto**. (I-1)** **2** Depois do PEA, assim, comecei a trabalhar nos 4 anos da primeira fase do PEA. Que aí a gente começou a entender o que era o PEA. O PEA é um projeto de fortalecimento das comunidades pesqueiras. Então, assim, o que é o fortalecimento dentro disso, né? É a identidade caiçara, é o que que a gente fazia, o porquê que a gente não faz mais. A organização comunitária, que é a força que tem uma associação de moradores. No entanto, a gente não sabia. **(I-2)** **3** Quem diria que a gente ia estar aqui hoje, né, Yasmim? E depois a gente começou a ter contato com fóruns, comunidades tradicionais, a CONAC, né. Com os indígenas. Que aí a gente começou a ver como que eles trabalhavam todos unidos. Claro que dentro das comunidades tem as suas diferenças. Tem os seus conflitos. Mas, assim, ali dentro era uma coisa. Quando saía, todo mundo igual, pensando juntos para debater aquele assunto. Vamos buscar a estratégia através daquilo. E eu fiz também um curso de TBC - Turismo de Base Comunitária, né. Então, isso começou a me despertar. Eu fiquei assim... Gente, na minha	**Discurso Articulado - Sujeito 1 / S-1** **S1** afirma que o caiçara é visto como um fazedor de redes, canoas e pescador. Com a modernidade, os caiçaras foram se adaptando ao novo mundo e agora, com tantas atividades, deixaram de lado seus costumes. A partir da participação de S1 em um projeto, sobre a valorização das raízes caiçaras, ela começou a prestar atenção na importância das tradições. Trabalhou no PEA, cujo objetivo era fortalecer as comunidades pesqueiras, com foco na recuperação da identidade dos caiçaras. Juntamente com a melhor amiga, participou de fóruns, reuniões e outros espaços de discussão sobre o assunto, o que trouxe para elas a visão de que os caiçaras devem se unir, debater, discutir e dialogar sobre assuntos e conflitos velados da comunidade. Elas sabem que as comunidades têm suas diferenças, mas que a união é fundamental. Foi o que ela aprendeu no curso de TBC - Turismo de Base Comunitária, onde participou de um projeto, juntamente com indígenas e quilombolas. Nesse projeto, pediram que elas levassem algo que representasse a comunidade caiçara de Bananal, S1 e sua amiga tiveram dificuldade, pois nada lhes parecia representar a comunidade de Bananal, ou melhor, nada que pudesse ser materializado e foi aí que elas pensaram: Tem a gente, nossas falas e histórias. S8 afirma que a comunidade de Bananal é bem unida, em comparação com as outras comunidades. Foram mantidas brincadeiras tradicionais e momentos juntos e que esta proximidade une bastante os jovens caiçaras. S1 trabalha em uma pousada, que pertence aos japoneses e comenta que, somente um ano depois da tragédia, as pessoas voltaram a se hospedar em Bananal. Ela conta que as pessoas passaram a conhecer Bananal somente pelo

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
E até, assim, também, voltando a esse ponto da cultura, né? Que é o projeto que a gente fez. Que a gente foi pra... A gente foi para um quilombo. Quilombo do Campinho, lá no Paraty. É, então. A gente se reuniu com os indígenas, quilombolas e caiçaras, né? Fizemos o projeto e tal. E aí, eles pediram pra levar algo que representasse a sua comunidade. E a gente ficou assim... O que representa essa nossa comunidade? A gente ficou assim... A gente ficou sem saber. A gente não levou nada. A gente não levou nada. E na hora... E na hora a gente ficou, né? O que a gente poderia ter trago? A areia da praia? Uma rede. A gente ficou assim... Sabe, a gente ficou assim... O que tem aqui pra ser lembrado, assim, da nossa comunidade? Ah, isso aqui, poxa, é lá do Bananal, da cultura deles. Foi daí que eu comecei também, que eu vi. A gente não tem nada para representar. A gente tem, mas não tem como materializar alguma coisa, sabe? Tem a gente, por enquanto. É, tem nossas falas, tem nossas histórias, mas não tem uma coisa materializada assim, sabe? E aqui, a nossa comunidade é bem unida, assim. Ao ver de outras comunidades. A gente se une bastante até. Até, eu digo assim que eu falo. Tipo, a gente que é jovem. Tem gente que não se reúne mais para fazer as coisas. A gente se reúne para bater um pique, para fazer alguma coisa, sabe? Comer, né? Vamos em casa assistir um filme. Uma brincadeira. A gente joga, sabe? É, um pique-pega, ou uma queimada, ou um vôlei, ou um futebol. Sim nossa união se deu por tudo. Acho que a gente, o nosso jeito de viver mesmo, que a gente sempre foi assim, né? A gente sempre gostou. E a gente, o contato com o mundo lá fora, igual, por exemplo a Yasmim morou fora. E eu trabalho lá atualmente, ali naquela pousada. Então, depois daquele momento, aí começou a pegar	comunidade dava pra fazer assim, dá para fazer assado. **(I-3)** **4** E até, assim, também, voltando a esse ponto da cultura, né? Que é o projeto que a gente fez. Que a gente foi pra... A gente foi para um quilombo. Quilombo do Campinho, lá no Paraty. É, então. A gente se reuniu com os indígenas, quilombolas e caiçaras, né? Fizemos o projeto e tal. E aí, eles pediram pra levar algo que representasse a sua comunidade. E a gente ficou assim... O que representa essa nossa comunidade? A gente ficou assim... A gente ficou sem saber. A gente não levou nada. A gente não levou nada. E na hora... E na hora a gente ficou, né? O que a gente poderia ter trago? A areia da praia? Uma rede. A gente ficou assim... Sabe, a gente ficou assim... O que tem aqui pra ser lembrado, assim, da nossa comunidade? Ah, isso aqui, poxa, é lá do Bananal, da cultura deles. Foi daí que eu comecei também, que eu vi que a gente não tem nada para representar. A gente tem, mas não tem como materializar alguma coisa, sabe? Tem a gente, por enquanto. É, tem nossas falas, tem nossas histórias, mas não tem uma coisa materializada assim, sabe? **(I-4)** **5** E aqui, a nossa comunidade é bem unida, assim. Ao ver de outras comunidades. A gente se une bastante até. Até, eu digo assim que eu falo. Tipo, a gente que é jovem. Tem gente que não se reúne mais para fazer as coisas. A gente se reúne para bater um pique, para fazer alguma coisa, sabe? Comer, né? Vamos em casa assistir um filme. Uma brincadeira. A gente joga, sabe? É um pique- pega, ou uma queimada, ou um vôlei, ou um futebol. Sim, nossa união se deu por tudo. Acho que a gente, o nosso jeito de viver mesmo, que a gente sempre foi assim, né? A gente sempre gostou. E a gente, o contato com o mundo lá fora, igual, por exemplo, a Yasmim morou fora. **(I-5)**	desmoronamento da terra e que só falavam da Yumi. Sua mãe foi babá da jovem, porém S1 não tinha convivência. S1 acredita que a comunidade caiçara precisa entender sobre seus direitos e que, se isso acontecer, terá mais força para lutar. S1 afirma que, em Bananal, não existe conflito religioso aparente e que católicos e evangélicos vivem de forma harmônica e se ajudam, quando necessário. S1 acha que nem todos os caiçaras têm mágoa dos japoneses, por conta da posse da terra ou da prosperidade. S1 convive com o noivo de sua amiga, que é japonês, que é filho de japonês com brasileira e também caiçara, que ele é bem flexível e que são bons amigos. S1 comenta sobre os conflitos recorrentes, referentes à carga horária excessiva de trabalho dos moradores de Bananal. Segundo a entrevistada, a associação não colocou o assunto em pauta, pois existe um certo receio de colocar a cara a tapa', até por que as pessoas da comunidade não se envolvem. Como líder da entidade, S1 tem tentado estimular, regenerar e alertar que se trata de uma associação, onde todos devem ter voz e poder. Existe um esforço muito grande para que as pessoas da comunidade participem, que se sintam capazes de opinar. Segundo S1, as pessoas esperam muito dela, mas não querem agir. Só que S1 tenta deixar um pouco na mão deles, para que eles tenham voz. Afirma também que o povo da Ilha Grande não entendeu a importância do Título de Patrimônio que recebeu. Na verdade, não só o povo de Bananal, mas a ilha toda não entendeu ainda. S8 elogia o processo de fortalecimento do povo de Provetá, onde o pastor é respeitado como líder comunitário e todo mundo participa, atendendo plenamente suas convocações.

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
turista de novo. Quase um ano, né? E aí foi muito triste, porque assim Bananal foi conhecido pela tragédia. Precisou acontecer uma coisa dessa para se tornar conhecido. É, só falavam da Yumi. A gente tinha um contato, mas não era amizade. É, a minha mãe que foi baba dela. Eu não cheguei a conviver, não. A gente precisa entender os nossos direitos. O que está ao nosso alcance de fazer. Por que a gente não tem conhecimento muito disso. Mas eu acredito que a partir do momento que a gente tiver um conhecimento de tudo que a gente pode fazer, que a gente pode lutar ou seja ir à luta por isso. Não tem conflito religioso aqui é muito respeitoso. Aqui a gente se respeita igual. A minha tia católica, que mora lá perto de casa, sempre ajuda a gente na igreja também. Ela precisa de ajuda, a gente ajuda. Às vezes, quando a igreja católica precisa de ajuda passa, uma lista do que precisa de alguma coisa para a igreja, a gente ajuda. Porque eu acho que Cristo ensinou isso, né? Amar o nosso próximo, independentemente de ser católico, espírito ou umbanda Sobre os japoneses “eu acho” que nem todos os caiçaras tem magoa, né? De repente por conta da terra, por conta da prosperidade. Tem um amigo, que é o noivo dela, ele é japonês. Só que, assim, ele é bem flexível. A mãe dele é brasileira e o pai dele é filho de japonês. Ele é mestiço e caiçara. Ele nasceu e foi criado aqui. A mãe dele era da Praia de Matariz e conheceu o meu sogro aqui. Sobre a carga horária de trabalho, a gente nunca pensou em colocar isso em pauta na associação. Não, eu acho que a gente nunca pensou. Às vezes a gente se coloca muito à frente de muitas pautas, de muita coisa, de dar muito a cara a tapa. Pelas pessoas que	**6** E eu trabalho lá atualmente, ali naquela pousada. Então, depois daquele momento, aí começou a pegar turista de novo. Quase um ano, né? E aí foi muito triste, porque assim Bananal foi conhecido pela tragédia. Precisou acontecer uma coisa dessa para se tornar conhecido. É, só falavam da Yumi. A gente tinha um contato, mas não era amizade. E a minha mãe que foi babá dela. Eu não cheguei a conviver, não. **(I-6)** **7** A gente precisa entender os nossos direitos. O que está ao nosso alcance de fazer. Porque a gente não tem conhecimento muito disso. Mas eu acredito que a partir do momento que a gente tiver um conhecimento de tudo que a gente pode fazer, que a gente pode lutar ou seja ir à luta por isso. **(I-7)** **8** Não tem conflito religioso aqui é muito respeitoso. Aqui a gente se respeita igual. A minha tia católica, que mora lá perto de casa, sempre ajuda a gente na igreja também. Ela precisa de ajuda, a gente ajuda. Às vezes, quando a igreja católica precisa de ajuda passa uma lista do que precisa de alguma coisa para a igreja, a gente ajuda. Porque eu acho que Cristo ensinou isso, né? Amar o nosso próximo, independentemente de ser católico, espírita ou da umbanda. **(I-8).** **9** Sobre os japoneses “eu acho” que nem todos os caiçaras tem mágoa, né? De repente por conta da terra, por conta da prosperidade. Tem um amigo, que é o noivo dela, ele é japonês. Só que, assim, ele é bem flexível. A mãe dele é brasileira e o pai dele é filho de japonês. Ele é mestiço e caiçara. Ele nasceu e foi criado aqui. A mãe dele era da praia de Matariz e conheceu o meu sogro aqui. **(I-9)** **10** Sobre a carga horária de trabalho, a gente nunca pensou em colocar isso em pauta na associação. Não, eu acho que a gente nunca pensou. Às vezes a gente se	

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
a gente tenta... Agora, atualmente, a gente está tentando envolver a comunidade ao máximo. Porque a gente fala, olha, é uma associação, mas todos são associados. A gente está na frente, mas a gente só está, assim, para liderar e ajudar. Não é que, tipo, a gente vai ter que falar por todo mundo. A comunidade também tem voz, sabe? A comunidade tem poder. Todo mundo, todo morador. Cara, tá te incomodando? Poxa, vamos... Chama a gente para fazer uma assembleia, fazer uma reunião. Vamos botar isso em pauta, vamos conversar. Mas as pessoas esperam muito da gente, que só a gente faça. Só a gente faça. E como tem muita coisa, sabe? A gente tenta também fazer com que eles se sintam capazes de... Sabe? A gente deixa muito um pouco também, tenta deixar um pouco na mão deles, das pessoas, que... Para que eles se sintam capazes, para que eles tenham, sabe? Essa coisa de que, ah, eu tenho voz eu posso. O povo daqui não entende o título de patrimônio que recebeu. Na ilha toda não entenderam ainda. Falando um pouco de Provetá quando ele chama no microfone vai todo mundo participar. Eu presenciei.	coloca muito à frente de muitas pautas, de muita coisa, de dar muito a cara a tapa. Pelas pessoas que a gente tenta... Agora, atualmente, a gente está tentando envolver a comunidade ao máximo. Porque a gente fala, olha, é uma associação, mas todos são associados. A gente está na frente, mas a gente só está, assim, para liderar e ajudar. Não é que, tipo, a gente vai ter que falar por todo mundo. A comunidade também tem voz, sabe? A comunidade tem poder. Todo mundo, todo morador. Cara, tá te incomodando? Poxa, vamos... Chama a gente para fazer uma assembleia, fazer uma reunião. Vamos botar isso em pauta, vamos conversar. Mas as pessoas esperam muito da gente, que só a gente faça. Só a gente faça. E como tem muita coisa, sabe? A gente tenta também fazer com que eles se sintam capazes de... Sabe? A gente deixa muito um pouco também, tenta deixar um pouco na mão deles, das pessoas, que... Para que eles se sintam capazes, para que eles tenham, sabe? Essa coisa de que, ah, eu tenho voz eu posso. **(I-10)** **11** O povo daqui não entende o título de patrimônio que recebeu. Na ilha toda não entendeu ainda. **(I-11)** **12** Falando um pouco de Provetá quando ele chama no microfone vai todo mundo participar. Eu presenciei. **(I-12)**	
Discurso - II **NCBA:** E começaram a vir pra cá. E eu recebia isso aqui na fábrica mesmo, naquela época, entendeu? Pra botar o colchonete no chão. Não tinha nada, banho frio, era gerador, não tinha luz elétrica direto, né? Era gerador, o gerador ligava às 6 horas, 10 horas parava, todo mundo com lanterna, lampião, bem improvisado	**Unidade de Significado D - II (Bananal - NC)** **1** E começaram a vir pra cá. E eu recebia isso aqui na fábrica mesmo, naquela época, entendeu? Pra botar o colchonete no chão. Não tinha nada, banho frio, era gerador, não tinha luz elétrica direto, né? Era gerador, o gerador ligava às 6 horas, 10 horas parava, todo mundo com lanterna, lampião, bem improvisado mesmo. Mulher dormia do lado, homem do outro. Começou assim. **(II-1)**	**Discurso Articulado S 2 - Sujeito 2 / S-2** **S2** conta que os turistas começaram a vir para Bananal e que ele os recebia no espaço na antiga fábrica de sardinha. Não tinha água quente, dormiam em colchões e colchonetes, no chão. Homens dormiam de um lado do galpão e as mulheres do outro. Tinha um gerador, que era desligado às 22 horas. Todo mundo usava lanterna ou lampião, tudo improvisado e foi assim que começou a história do

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
mesmo. Mulher dormia do lado, homem do outro. Começou assim. É, e era só homem que gosta de pescar, né? Era uma coisa disso voltada para turismo. Aqui, comecei, praticamente, com o primeiro, depois do Abrão, com o primeiro, a primeira pousada aqui. Tanto é que comecei em 87 informalmente e eu... Formalmente, legalizado desde 90. Desde 90, praticamente só eu quem tem a legalidade da pousada a partir de 90, acho que é bem pouco, hein? Tirando o Abrão, lógico, né? Poxa, você vê... O turismo aqui... Eu acho que o turismo aqui, em Angra dos Reis, Ilha Grande, tem que ter uma... Uma regra, né? Antigamente quando era fábrica de sardinha. Era o pessoal do morro que vinha pra cá pra trabalhar. Todo mundo conhece todo mundo. Época de... Ano Novo tinha forró na casa de um. Todo mundo ia, dançava quatro, ficava dez de fora e revezava. Era assim que ocorria. A raiz deles mesmo é, eu acho que, depois que globalizou, vamos supor, a internet, luz... O Caiçara era aquele que batalhava aqui. Ele vivia, ele tinha roça. Eles plantavam mandioca, feijão e um monte de coisa. A subsistência mesmo deles era da terra. Você vê que a gente só ia pra Angra dos Reis só na época de Natal pra fazer compra de roupa ou algumas coisinhas assim de guloseima pra poder aproveitar o natal. Todo mundo criava galinha, tinha onça, vivia da caça também, peixe, pescaria, jogava rede, entendeu? Aí chegava à noite assim, todo mundo reunia num botecozinho assim, numa vendinha, tinha umas três ou quatro, ficava jogando sueca, baralho, tomando as pinga deles. E tudo isso aí no escuro, só com lampião a gás ou senão com vela mesmo, né? Jogando	**2** É, e era só homem que gosta de pescar, né? Era uma coisa disso voltada para turismo. Aqui, comecei, praticamente, como o primeiro, depois do Abraão, com o primeiro, a primeira pousada aqui. Tanto é que comecei em 87 informalmente e eu... Formalmente, legalizado desde 90. Desde 90, praticamente só eu quem tem a legalidade da pousada a partir de 90, acho que é bem pouco, hein? Tirando o Abraão, lógico, né? **(II-2)** **3** Poxa, você vê... O turismo aqui... Eu acho que o turismo aqui, em Angra dos Reis, Ilha Grande, tem que ter uma... Uma regra, né? **(II-3)** **4** Antigamente quando era fábrica de sardinha. Era o pessoal do morro que vinha pra cá pra trabalhar. Todo mundo conhece todo mundo. Época de... Ano Novo tinha forró na casa de um. Todo mundo ia, dançava quatro, ficava dez de fora e revezava. Era assim que ocorria**. (II- 4)** **5** A raiz deles mesmo é, eu acho que, depois que globalizou, vamos supor, a internet, luz... O Caiçara era aquele que batalhava aqui. Ele vivia, ele tinha roça. Eles plantavam mandioca, feijão e um monte de coisa. A subsistência mesmo deles era da terra. Você vê que a gente só ia pra Angra dos Reis só na época de Natal pra fazer compra de roupa ou algumas coisinhas assim de guloseima pra poder aproveitar o natal. Todo mundo criava galinha, tinha onça, vivia da caça também, peixe, pescaria, jogava rede, entendeu? Aí chegava à noite assim, todo mundo reunia num botecozinho assim, numa vendinha, tinha umas três ou quatro, ficava jogando sueca, baralho, tomando as pinga deles. E tudo isso aí no escuro, só com lampião a gás ou senão com vela mesmo, né? Jogando conversa fora, andava com aquelas calças remendadas, não tem? Encolhida até aqui assim. Com aquela janelinha, andavam por aí, era normal. **(II-5)**	turismo. A pousada começou, em 1987, de forma informal e só foi legalizada em 1990. S2 afirma que que, em Bananal, praticamente só ele que tem pousada legalizada, excluindo as que funcionam em Abraão e defende que o turismo deve ter regras claras. Conta que, na época das fábricas de sardinha, os caiçaras, que moravam no morro, vinham trabalhar nas fábricas e que, em Bananal, as pessoas se conheciam, participavam das festas, vinham dançar forró, com revezamento nas casas dos moradores e que, quando necessário, dançavam no terreiro, na maior alegria. De acordo com S2, o caiçara vivia na roça e batalhava muito, plantando mandioca, feijão dentre outras coisas para sua subsistência. Foi perdendo a raiz, principalmente depois que globalizou, por conta da luz elétrica e da Internet. O caiçara só ia ao continente para comprar roupa ou algumas guloseimas, no natal. Era criador de galinha, caçava e pescava jogando rede. À noite, se reuniam na vendinha e ficavam jogando sueca e tomando pinga, no escuro ou à luz do lampião, com suas calças surradas e remendadas. No período do corte da banana, apareciam os barcos para comprar e, assim, os caiçaras pagavam o fiado na vendinha. S2 comenta que existem estudos sobre a capacidade de carga da Ilha Grande, porém ele nunca viu de fato.

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
conversa fora, andava com aquelas calças remendadas, não tem? Encolhida até aqui assim. Com aquela janelinha, andavam por aí, era normal. Aí tinha o corte de banana e o pessoal, uma vez por mês aparecia o barco pra comprar banana, então o pessoal saia pra cortar banana três dias antes, aí juntava, jogava no rancho, aí no barco chegava e botava. Tanto é que tem aquela famosa frase, né? Quando ia fiar na venda, ah, eu vou pagar no corte da banana. Era isso, entendeu? Era quando o barco vinha, recolhia, pagava o cara e o cara pagava a vendinha e a pinguinha que ele tomava. Tem um estudo, eu nunca vi, mas não sei, o pessoal fala que está à disposição lá no INEA, não sei. Tem um estudo sobre a capacidade de carga da Ilha Grande, né?	**6** Aí tinha o corte de banana e o pessoal, uma vez por mês aparecia o barco pra comprar banana, então o pessoal saia pra cortar banana três dias antes, aí juntava, jogava no rancho, aí no barco chegava e botava. Tanto é que tem aquela famosa frase, né? Quando ia fiar na venda, ah, eu vou pagar no corte da banana. Era isso, entendeu? Era quando o barco vinha, recolhia, pagava o cara e o cara pagava a vendinha e a pinguinha que ele tomava. **(II- 6)** **7** Tem um estudo, eu nunca vi, mas não sei, o pessoal fala que está à disposição lá no INEA, não sei. Tem um estudo sobre a capacidade de carga da Ilha Grande, né? **(II-7)**	
Discurso - III **CTDR:** Tem pessoas que vêm administrar, que são legais, dão apoio à comunidade. Tem uns que já são mais durões. Aí, aos poucos, quem chega vai vendo como 'são' os esquemas e vai mudando o pensamento. Porque chega com um pensamento e já muda. Quando eles vieram, a gente já estava. A gente tem a nossa história. Eles vão passar por aqui, muitos virão. Eles não vão ficar até o resto da vida. A gente não. A gente vai ficar aqui até quando Deus permitir e nos der saúde.	**Unidade de Significado D - III (Dois Rios - CT)** **1** Tem pessoas que vêm administrar, que são legais, dão apoio à comunidade. Tem uns que já são mais durões. Aí, aos poucos, quem chega vai vendo como 'são' os esquemas e vai mudando o pensamento. Porque chega com um pensamento e já muda. Quando eles vieram, a gente já estava. A gente tem a nossa história. Eles vão passar por aqui, muitos virão. Eles não vão ficar até o resto da vida. A gente não. A gente vai ficar aqui até quando Deus permitir e nos der saúde. **(III -1)**	**Discurso Articulado Sujeito 3 / S-3** **S3** comenta que alguns dos profissionais, que vêm administrar a Ilha Grande são legais, dão apoio à comunidade e que outros são mais durões. De acordo com sua percepção, com o tempo, quem chega vai vendo como 'são' os esquemas e vai mudando o pensamento. S8 acrescenta que, quando os administradores iniciaram o trabalho, a comunidade já estava vivendo sua história que estão apenas de passagem. Quem permanece são os caiçaras, que de acordo com o discurso de S8: vão ficar na Ilha até quando Deus permitir e nos der saúde.

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Discurso - IV **NCDR:** A ideia é preservar o patrimônio histórico, cultural e ambiental. E a gente pega todos esses aspectos, elementos como parte da história, da memória da própria comunidade. E, claro, não faz sentido você fazer isso e ficar fechado. Então a gente faz todo o trabalho que é aberto ao acolhimento dessa visitação e o turismo de qualidade. A visitação é gratuita, pelo menos por enquanto. Foi preciso inovar, a partir da iniciativa pioneira da Myrian Sepúlveda, de criar não apenas um museu tradicional, mas um Ecomuseu, que tivesse esse envolvimento com a comunidade e o território. Com o fim do presídio, houve uma expansão desse turismo, sobretudo no Abraão e a partir das comunidades, praias voltadas para a baía da Ilha Grande. Porém, Dois Rios permaneceu afastada. Tem a ver com a valorização do espaço do Ecomuseu da Ilha Grande, mas também com outras possibilidades de turismo de base comunitária, que a gente tenta implementar em Dois Rios no programa “Juntos por Dois Rios”. A gente tem feito uma consultoria junto a outras comunidades, não só daqui da ilha, mas da baía da Ilha Grande. Agora, isso tudo é muito difícil, porque a forma de visão desse turismo de massa é muito predatória.	**Unidade de Significado D - IV (Dois Rios - NC)** **1** A ideia é preservar o patrimônio histórico, cultural e ambiental. E a gente pega todos esses aspectos, elementos como parte da história, da memória da própria comunidade. E, claro, não faz sentido você fazer isso e ficar fechado. Então a gente faz todo o trabalho que é aberto ao acolhimento dessa visitação e o turismo de qualidade. A visitação é gratuita, pelo menos por enquanto. **(IV-1)** **2** Foi preciso inovar, a partir da iniciativa pioneira da Myrian Sepúlveda, de criar não apenas um museu tradicional, mas um Ecomuseu, que tivesse esse envolvimento com a comunidade e o território. **(IV-2)** **3** Com o fim do presídio, houve uma expansão desse turismo, sobretudo no Abraão e a partir das comunidades, praias voltadas para a baía da Ilha Grande. Porém, Dois Rios permaneceu afastada. **(IV-3)** **4** Tem a ver com a valorização do espaço do Ecomuseu da Ilha Grande, mas também com outras possibilidades de turismo de base comunitária, que a gente tenta implementar em Dois Rios no programa “Juntos por Dois Rios. **(IV-4)** **5** A gente tem feito uma consultoria junto a outras comunidades, não só daqui da ilha, mas da baía da Ilha Grande. Agora, isso tudo é muito difícil, porque a forma de visão desse turismo de massa é muito predatória. **(IV-5)** **6** É diferente desse grupo que você vê nos dias de hoje, que vem caminhando, que normalmente não joga lixo no chão, que tem uma consciência ambiental. **(IV-6)**	**Discurso Articulado Sujeito 4 / S-4** **S4** diz que a ideia é preservar o patrimônio histórico, cultural e ambiental e que os elementos, como parte da história, da memória da própria comunidade são levados em conta. No museu, o trabalho é aberto e acolhedor na visitação, que ainda é gratuita e de qualidade para o turista, ressaltando que foi inovadora e pioneira a iniciativa de Myrian Sepúlveda, de criar não apenas um museu tradicional, mas um Ecomuseu, que tivesse esse envolvimento com a comunidade e o território, afirma S4. Com o fim do presídio, houve uma expansão, sobretudo em Abraão e nas praias voltadas para a baía da Ilha Grande, porém Dois Rios permaneceu afastada. O Ecomuseu tem sido valorizado e têm surgido outras possibilidades de turismo, como a modalidade de base comunitária, em Dois Rios, com o Programa “Juntos por Dois Rios”. S5 conta que eles têm feito uma espécie de consultoria para outras praias, na baía da Ilha Grande, porém encontram dificuldade, por conta do turismo de massa, que S6 considera muito predatório. Segundo S5, o próprio turista tem demonstrado uma maior consciência ambiental, gosta de caminhar e não joga lixo no chão. S4 comenta que a nova comunidade ajuda o turista a se identificar com essa forma de vida, valorizando algo realmente importante e positivo, no conjunto da sociedade. S5 diz que o interesse dele e da instituição que representa é comum ao da comunidade. Não vê diferença no fundamental, que é o bem comum. S5 conta que, quando o Ecomuseu surgiu a partir de 2010, sobretudo a partir de 2015, a universidade passou a atuar em diferentes frentes junto à comunidade, alcançando uma percepção mais positiva. S4 afirma fazer mediação sempre e que, se por um lado, entende que a comunidade deve

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
É diferente desse grupo que você vê nos dias de hoje, que vem caminhando, que normalmente não joga lixo no chão, que tem uma consciência ambiental. Esta nova comunidade ajuda a se identificar com essa forma de vida e a valorizar esta forma de vida como algo realmente importante e positivo no conjunto da sociedade. O nosso interesse aqui é comum ao da comunidade. Não vejo diferença naquilo que é o fundamental, que é o bem comum. Quando o Ecomuseu apareceu especialmente a partir de 2010, sobretudo a partir de 2015, a universidade passou a atuar em diferentes frentes junto à comunidade, alcançando uma percepção mais positiva. Eu sempre faço a mediação e, por um lado, acho que a comunidade tem claro direito de cobrar estas coisas e, segundo, não pode esquecer que até certo é ponto privilegiada". O Ecomuseu Ilha Grande está muito integrado à comunidade e poderia ter mais integração ainda. O que eu mais faço é promover o diálogo com a comunidade. Não adianta nada eu fazer uma ação episódica ou outra se não tiver continuidade e aí você perde um pouco da credibilidade.	**7** Esta nova comunidade ajuda a se identificar com essa forma de vida e a valorizar esta forma de vida como algo realmente importante e positivo no conjunto da sociedade. **(IV-7)** **8** O nosso interesse aqui é comum ao da comunidade. Não vejo diferença naquilo que é o fundamental, que é o bem comum. **(IV-8)** **9** Quando o Ecomuseu apareceu especialmente a partir de 2010, sobretudo a partir de 2015, a universidade passou a atuar em diferentes frentes junto à comunidade, alcançando uma percepção mais positiva. **(IV-9)** **10** Eu sempre faço a mediação e, por um lado, acho que a comunidade tem claro direito de cobrar estas coisas e, segundo, não pode esquecer que até certo é ponto privilegiada. **(IV-10)** **11** O Ecomuseu Ilha Grande está muito integrado à comunidade e poderia ter mais integração ainda. **(IV-11)** **12** O que eu mais faço é promover o diálogo com a comunidade. **(IV-12)** **13** Não adianta nada eu fazer uma ação episódica ou outra se não tiver continuidade e aí você perde um pouco da credibilidade. **(IV-13)** **14** Temos aqui uma missão! Sempre acreditei nisso. E no dia que eu não acreditar, não tenho mais o que fazer aqui. **(IV-14)** **15 [...]** a comunidade do Dois Rios não é uma comunidade qualquer. **(IV-15)** **16** Ela tem essa memória prisional, ela tem esse passado que é muito forte no presente. Isso é bom, é positivo. Mas	cobrar seus direitos, por outro, ressalta que, até certo ponto, é uma comunidade privilegiada. S5 entende que o Ecomuseu está muito integrado à comunidade, só que poderia ter mais integração, pois o que mais faz é promover o diálogo. S5 diz que não adianta realizar uma ação episódica ou outra e que, se não tiver continuidade, pode perder a credibilidade. S4 acredita que tem uma missão é que, no dia que não acreditar, mas nisso, não tem mais o que fazer em Dois Rios. Segundo o entrevistado, Dois Rios não é uma comunidade qualquer e, por sua origem criminal, carrega um passado muito forte. O seu caráter peculiar advém dos conflitos do passado, que dificultam, muitas vezes, a organização e articulação política para a construção de um futuro comum.

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Temos aqui uma missão! Sempre acreditei nisso. E no dia que eu não acreditar, não tenho mais o que fazer aqui. [...] a comunidade do Dois Rios não é uma comunidade qualquer. Ela tem essa memória prisional, ela tem esse passado que é muito forte no presente. Isso é bom, é positivo. Mas tem um caráter peculiar e tem um caráter que, por outras vezes, traz conflitos também do passado que dificultam, muitas vezes, essa organização, essa articulação política para a construção de um futuro comum.	tem um caráter peculiar e tem um caráter que, por outras vezes, traz conflitos também do passado que dificultam, muitas vezes, essa organização, essa articulação política para a construção de um futuro comum. **(IV-16)**	
Discurso - V **CTPR:** Antigamente, a gente não tinha aparelho para pegar o peixe que a gente não via. A gente só matava o que a gente via. Hoje não, hoje a gente pega o que vê e o que a gente não vê, pois o aparelho mostra onde está o peixe. Nós somos uma comunidade muito unida, em Provetá. Temos aqui um projeto de horticultura. Somos pescadores caiçaras e temos uma média de 1500 moradores. Um grupo desse pessoal foi pra Angra, para estudar e trabalhar e as casas estão fechadas. Como agora melhorou, temos telefone e luz, alguns estão voltando. O missionário veio de longe, em uma canoa, junto com a esposa e um filho de poucos meses e foi conquistando os moradores. Até o padre entrou para	**Unidade de Significado D - V (Provetá - CT)** **1** Antigamente, a gente não tinha aparelho para pegar o peixe que a gente não via. A gente só matava o que a gente via. Hoje não, hoje a gente pega o que vê e o que a gente não vê, pois o aparelho mostra onde está o peixe. **(V-1)** **2** Nós somos uma comunidade muito unida, em Provetá. Temos aqui um projeto de horticultura. Somos pescadores caiçaras e temos uma média de 1500 moradores. Um grupo desse pessoal foi pra Angra, para estudar e trabalhar e as casas estão fechadas. Como agora melhorou, temos telefone e luz, alguns estão voltando. **(V- 2)** **3** O missionário veio de longe, em uma canoa, junto com a esposa e um filho de poucos meses e foi conquistando os moradores. Até o padre entrou para a Igreja	**Discurso Articulado Sujeito 5 / S-5** **S5** conta que, antigamente, não tinha tecnologia (aparelho) para pegar (identificar) peixes, que não estavam visíveis e que se pegava ou melhor matava o que era visto. S5 comenta que Provetá é uma comunidade muito unida e que eles têm projetos até de horticultura. São pescadores caiçaras e uma média de 1500 moradores. Parte deste grupo foi para Angra estudar e trabalhar e as suas casas ficaram fechadas. Provetá melhorou, agora já tem telefone e luz e, por isso, S5 afirma que alguns moradores estão voltando. A história de Provetá perpassa pelo missionário, que veio de longe, em uma canoa, junto com a esposa e um filho de poucos meses e foi conquistando os moradores. Até o padre entrou para a Igreja Assembleia de Deus de Provetá e se tornou professor. Em proveta quase todo mundo é parente e gosta de acolher as pessoas.

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Igreja Assembleia de Deus de Provetá e se tornou professor. Aqui todo mundo é parente e gosta de acolher as pessoas.	Assembleia de Deus de Provetá e se tornou professor. **(V-3)** **4** Aqui todo mundo é parente e gosta de acolher as pessoas. **(V-4)**	
Discurso – VI **NCPR:** Pelas histórias que ouvi de antigos moradores, o presídio dava uma sensação de medo, de insegurança muito grande. O fechamento possibilitou um pouco mais de liberdade e o turismo cresceu. Ficaram marcas, principalmente, nas comunidades do Aventureiro e da Parnaioca, onde os moradores foram abandonando as casas e diminuindo a população. Essas comunidades eram rota de fuga dos presos e o medo era constante. Aqui, no Provetá, os presos apareciam um pouco menos, mas nessas comunidades as fugas e prisões eram diárias. Mesmo após a desativação e a implantação da Reserva Biológica houve uma grande luta para manter as duas comunidades. Durante a crise da Petrobrás, vários barcos ficaram parados e os marinheiros perderam os empregos e as mulheres seguraram a onda, vendendo bolos e prestando outros serviços. O desemprego é um sério problema para os maridos, que ficam envergonhados com a situação. Outra questão importante é a linguagem, o vocabulário caiçara, que tentamos inserir nas aulas. Um dos nossos alunos teve a ideia de elaborar um dicionário. Temos um grupo de alunos e professores engajados	**Unidade de Significado D – VI (Provetá - NC)** **1** Pelas histórias que ouvi de antigos moradores, o presídio dava uma sensação de medo e de insegurança muito grande. O fechamento possibilitou um pouco mais de liberdade e o turismo cresceu. **(VI-1)** **2** Ficaram marcas, principalmente, nas comunidades do Aventureiro e da Parnaioca, onde os moradores foram abandonando as casas e diminuindo a população. Essas comunidades eram rota de fuga dos presos e o medo era constante. Aqui, no Provetá, os presos apareciam um pouco menos, mas nessas comunidades as fugas e prisões eram diárias. Mesmo após a desativação e a implantação da Reserva Biológica houve uma grande luta para manter as duas comunidades. **(VI-2)** **3** Durante a crise da Petrobrás, vários barcos ficaram parados e os marinheiros perderam os empregos e as mulheres seguraram a onda, vendendo bolos e prestando outros serviços. O desemprego é um sério problema para os maridos, que ficam envergonhados com a situação. **(VI-3)** **4** Outra questão importante é a linguagem, o vocabulário caiçara, que tentamos inserir nas aulas. Um dos nossos alunos teve a ideia de elaborar um dicionário. Temos um grupo de alunos e professores engajados na pesquisa do vocabulário. Desenvolvemos junto com alguns	**Discurso Articulado Sujeito 6 / S-6** S6 afirma: As histórias que ouvi, de antigos moradores do presídio, passam uma sensação de medo e de insegurança muito grande. O fechamento possibilitou um pouco mais de liberdade e o turismo cresceu. S8 afirma que ficaram marcas, principalmente, nas comunidades do Aventureiro e da Parnaioca, onde os moradores foram abandonando as casas e a população foi diminuindo. As praias faziam parte da rota de fuga dos presos e o medo era constante. Em Provetá, os presos apareciam um pouco menos, mas nas nessas comunidades as fugas e prisões eram diárias. Mesmo após a desativação e a implantação da Reserva Biológica, houve uma grande luta para manter as duas comunidades. S6 conta que durante a crise da Petrobrás, vários barcos ficaram parados e os marinheiros perderam os empregos e as mulheres seguraram a onda, vendendo bolos e prestando outros serviços. O desemprego é um sério problema por aqui, para os maridos, que ficam envergonhados com a situação. Outra questão importante é a linguagem, o vocabulário caiçara, que a escola tentou inserir nas aulas. Um dos alunos teve a ideia de elaborar um dicionário. A escola de Provetá tem um grupo de alunos e professores engajados na pesquisa do vocabulário. Desenvolveram junto com alguns professores um

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
na pesquisa do vocabulário. Desenvolvemos junto com alguns professores um interessante trabalho sobre a cultura caiçara na Ilha Grande.	professores um interessante trabalho sobre a cultura caiçara na Ilha Grande. **(VI-4)**	interessante trabalho sobre a cultura caiçara na Ilha Grande.
Discurso - VII **CTVA:** está branca agora ou é o cinza do cimento? eu acho que deve ser o cinza do cimento. Depois eu vou lá ver, conferir. Fazer igual a São Tomé enquanto eu não botar a mão lá e não ver o branco... Isso não é por conta do turismo. Porque no meu tempo também tinha turismo e acho que era muito mais forte do que hoje. Eu acho que tem decaído um pouco. Então no nosso tempo a gente não deixava, qualquer coisinha a gente ia lá e reclamava, se colocava no nosso lugar e colocava também as pessoas no lugar delas. Então, como já não se tem respeito lá dentro mesmo porque as pessoas de fora vão respeitar. Então fica o dito pelo não dito e as pessoas fazem o que querem. Então a solução foi o quê? Fazer uma cerca e aquilo ali para mim é deprimente. Gente que conhecia a ilha, chegava lá na igreja dava de cara com a situação que estava não tinha mais isso, não tinha mais aquilo: ah, foram lá para o canto, na minha casa. Todo mundo foi pra lá rezar e assim foi, o povo foi, domingo, todo dia Santo, toda novena, toda oração, toda a ladainha o povo estava lá. Tudo, tudo junto! Daí chegou um certo dia que não cabia mais ninguém dentro de casa porque o pessoal tanto ocupava o quarto onde ficava o oratório, como ocupavam o corredor, ocupava a sala, ocupava a varanda, ocupava a parte de fora para assistir pela janela e até que eu tive a ideia de colocar, fazer o segundo altar móvel e colocar na varanda que era para	**Unidade de Significado D – VII (Abraão - CT)** **1** Está branca agora ou é o cinza do cimento? eu acho que deve ser o cinza do cimento. Depois eu vou lá ver, conferir. Fazer igual a São Tomé enquanto eu não botar a mão lá e não ver o branco... **(VII-1)** **2** Isso não é por conta do turismo. Porque no meu tempo também tinha turismo e acho que era muito mais forte do que hoje. Eu acho que tem decaído um pouco. Então no nosso tempo a gente não deixava, qualquer coisinha a gente ia lá e reclamava, se colocava no nosso lugar e colocava também as pessoas no lugar delas. Então, como já não se tem respeito lá dentro mesmo porque as pessoas de fora vão respeitar. Então fica o dito pelo não dito e as pessoas fazem o que querem. Então a solução foi o quê? Fazer uma cerca e aquilo ali para mim é deprimente. **(VII-2)** **3** Gente que conhecia a ilha, chegava lá na igreja dava de cara com a situação que estava não tinha mais isso, não tinha mais aquilo: ah, foram lá para o canto, na minha casa. Todo mundo foi pra lá rezar e assim foi, o povo foi, domingo, todo dia Santo, toda novena, toda oração, toda a ladainha o povo estava lá. Tudo, tudo junto! Daí chegou um certo dia que não cabia mais ninguém dentro de casa porque o pessoal tanto ocupava o quarto onde ficava o oratório, como ocupavam o corredor, ocupava a sala, ocupava a varanda, ocupava a parte de fora para assistir pela janela e até que eu tive a ideia de colocar, fazer o	**Discurso Articulado Sujeito 7 / S-7** S7 coloca em dúvida a cor da igreja - se é branca ou cinza do cimento. Diz ser como São Tomé tem que ver para crer. Argumenta que o turismo foi mais forte na Ilha, em outros tempos. Segundo S7, no seu tempo, as pessoas reclamavam, conheciam seu lugar e lutavam por seus direitos e a comunidade, integrada à igreja, se respeitava. De acordo com S7, como já não se tem respeito lá dentro da igreja, por que as pessoas de fora iriam respeitar. Então fica o dito pelo não dito e as pessoas fazem o que querem. A solução foi o quê? Fazer uma cerca e aquilo ali (na Igreja de São Sebastião) para mim é deprimente. S7 comenta que pessoas que conheciam a ilha, chegavam na igreja e davam de cara com a situação. Diante do constrangimento, começaram a ir rezar na casa de S7. Não tinha dia certo, era domingo, todo dia Santo, novena, oração, ladainha. S7 conta que os frequentadores foram aumentando até que, um dia, não cabia mais ninguém dentro da casa, porque o pessoal tanto ocupava o quarto onde ficava o oratório como o corredor, sala, varanda, o lado de fora para assistir pela janela, até que teve a ideia de fazer o segundo altar móvel e colocar, na varanda para melhor acomodar as pessoas, em um lugar mais fresco e arejado. Por muito tempo, as pessoas iam, participavam e faziam a Festa de São Sebastião. S7 relata que tudo o que acontecia na igreja, o padre dizia que não era para fazer e não queria mais a gente se encontrando na nossa

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
o povo ficar mais acomodado, mais fresco mais arejado e assim foi por muito tempo e as pessoas iam e participavam e fazia Festa de São Sebastião. Tudo o que acontecia na igreja, o padre disse que não era para fazer e não queria mais a gente fazia na nossa Capela e era uma coisa assim que você via o amor do povo, a vontade que as pessoas tinham de sair das suas casas que eram perto da igreja para ir para um lugar muito mais longe. Tinham que andar metade do Abraão inteiro que são pessoas de idade.	segundo altar móvel e colocar na varanda que era para o povo ficar mais acomodado, mais fresco mais arejado e assim foi por muito tempo e as pessoas iam e participavam e fazia Festa de São Sebastião. Tudo o que acontecia na igreja, o padre disse que não era para fazer e não queria mais a gente fazia na nossa Capela e era uma coisa assim que você via o amor do povo, a vontade que as pessoas tinham de sair das suas casas que eram perto da igreja para ir para um lugar muito mais longe. Tinham que andar metade do Abraão inteiro é são pessoas de idade. **(VII-3)**	improvisada capela. Era o amor do povo, a vontade que as pessoas tinham de sair das suas casas, que eram perto da igreja oficial, para irem para um lugar muito mais longe. Tinham que andar metade do Abraão inteiro e, de acordo com S7, eram pessoas de idade. Era aqui, na casa de S7, onde a comunidade se reunia para rezar, enfeitar a rua, fazer procissões, queima de fogos e festas religiosas.
Era aqui nessa casa onde nós nos reuníamos e fazíamos de tudo. Enfeitávamos rua, fazíamos procissão, Queima de Fogos, Festa de São Sebastião festa de São Jorge e aí acabou trocando. Como o padroeiro do meu altar é São Jorge, o povo passou também a celebrar Jorge, o que também não é uma tradição nova, é também uma tradição antiga porque São Jorge era celebrado pelos oficiais que trabalhavam no presídio né. Eles que eram responsáveis pela festa de São Jorge. Tanto é que fizeram um altar só para São Jorge, que era um altar lateral, era um altar à direita de quem entra e à esquerda de quem sai. Então era um altar de São Jorge porque os oficiais realizaram a festa de São Jorge aqui no Abraão.	**4** Era aqui nessa casa onde nós nos reuníamos e fazíamos de tudo. Enfeitávamos rua, fazíamos procissão, Queima de Fogos, Festa de São Sebastião festa de São Jorge e aí acabou trocando. Como o padroeiro do meu altar é São Jorge, o povo passou também a celebrar Jorge, o que também não é uma tradição nova, é também uma tradição antiga porque São Jorge era celebrado pelos oficiais que trabalhavam no presídio né. Eles eram responsáveis pela festa de São Jorge. Tanto é que fizeram um altar só para São Jorge, que era um altar lateral, era um altar à direita de quem entra e à esquerda de quem sai. Então era um altar de São Jorge porque os oficiais realizaram a festa de São Jorge aqui no Abraão. **(VII-4)**	Como o padroeiro do altar de S7 era São Jorge, o povo passou a realizar duas celebrações, em louvor a São Jorge e São Sebastião. De acordo com S7 São Jorge era uma tradição antiga, celebrada pelos oficiais que trabalhavam no presídio. Os oficiais eram responsáveis pela festa de São Jorge e construíram um altar lateral, na igreja, para o santo. S7 critica o abandono de pontos turísticos da Ilha Grande. Sugere que limpem (ele se refere ao Lazareto), que coloquem plantas, flores e transformem em um local organizado, onde os moradores possam contar as histórias. É preciso regenerar o local que foi uma fazenda e, depois, passou a ser um hospital até se transformar no presídio. De acordo com S7, que costuma apresentar a Ilha Grande aos turistas, tem muita história a ser contada. Ele acha, que são tantas histórias, que a Ilha Grande só perde para a Bíblia Sagrada.
Eu levei eles num lugar que sobe, que era uma casa que tinha onde ficavam os médicos né da época, eu mostrei: olha isso aqui era um Jardim, tinha toda uma marcação de pedras assim, tinha uma escada, uma rua que dava direto para a rua de baixo, toda pavimentada. Tá lá aquilo tudo abandonado. Por que não limpa aquilo ali, por que não organiza aquilo ali, limpa, coloca umas plantas, umas flores e faz ali um lugar e conta a história daquilo ali, porque a história para se contar tem.	**5** Eu levei eles num lugar que sobe, que era uma casa que tinha onde ficavam os médicos né da época, eu mostrei: olha isso aqui era um Jardim, tinha toda uma marcação de pedras assim, tinha uma escada, uma rua que dava direto para a rua de baixo, toda pavimentada. Tá lá aquilo tudo abandonado. Por que não limpa aquilo ali, por que não organiza aquilo ali, limpa, coloca umas plantas, umas flores e faz ali um lugar e conta a história daquilo ali, porque a história para se contar tem. **(VII-5)**	

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
É tem muita coisa pra se contar. Aquilo ali começou com uma fazenda, depois de fazenda passou para um hospital e depois de hospital passou a ser o presídio e depois acabaram construíram o lá de cima. Tem muita coisa, muita coisa para se contar se eu botar no papel, acho que só vai perder para a Bíblia Sagrada.	**6** É tem muita coisa pra se contar. Aquilo ali começou com uma fazenda, depois de fazenda passou para um hospital e depois de hospital passou a ser o presídio e depois acabaram construíram o lá de cima. Tem muita coisa, muita coisa para se contar se eu botar no papel, acho que só vai perder para a Bíblia Sagrada. **(VII-6)**	
Discurso - VIII NCVA: Todos os antigos aqui ainda vão lhe falar isso. Agora, tem um certo grupo de antigo, que é o policialesco, que ele gosta de contar barbaridades do presídio. E que, na verdade, não existia. O próprio Graciliano, ele chegou aqui e ficou 18 dias no presídio. Então, os maiores do caso, que não pensam que foi da Ilha Grande, não. É da vida que ele teve nos porões de navios e não sei mais aonde. A Praia de Lopes Mendes era o seguinte. Aquela praia... Acontece que aquela praia foi feita uma inscrição de posse em poucos dias. Então, ali foi o gancho forte de derrubar aquilo. E aí o Banco Safra comprou essa praia. Aí, depois, à custa de muita luta, saiu o Banco Safra e o Bradesco comprou. Aí, depois, mais um período de luta gigantesca. Não foi um momento até com o artista lá. Então, o parque, por força do grande número nosso que estava dentro do parque também, transformou aquela área toda em parque. Então, foi salvo a Lopes Mendes dessa maneira. E a Praia do Sul do Leste só não é um grande episódio hoje porque cinco minutos antes de chegar o pessoal que ia tratar do assunto com o governador do Rio, entrou uma senhora que era uma acadêmica que lutava por isso aí e conseguiu transformar aquilo em área biológica junto com o governador aí. Quando os caras entraram, disseram, não, acabei de transformar	**Unidade de Significado D - VIII (Abraão - NC)** **1** Todos os antigos aqui ainda vão lhe falar isso. Agora, tem um certo grupo de antigo, que é o policialesco, que ele gosta de contar barbaridades do presídio. E que, na verdade, não existia. O próprio Graciliano, ele chegou aqui e ficou 18 dias no presídio. Então, os maiores do caso, que não pensam que foi da Ilha Grande, não. É da vida que ele teve nos porões de navios e não sei mais aonde. **(VIII-1)** **2** A Praia de Lopes Mendes era o seguinte. Aquela praia... Acontece que aquela praia foi feita uma inscrição de posse em poucos dias. Então, ali foi o gancho forte de derrubar aquilo. E aí o Banco Safra comprou essa praia. Aí, depois, à custa de muita luta, saiu o Banco Safra e o Bradesco comprou. Aí, depois, mais um período de luta gigantesca. Não foi um momento até com o artista lá. Então, o parque, por força do grande número nosso que estava dentro do parque também, transformou aquela área toda em parque. Então, foi salvo a Lopes Mendes dessa maneira. E a Praia do Sul do Leste só não é um grande episódio hoje porque cinco minutos antes de chegar o pessoal que ia tratar do assunto com o governador do Rio, entrou uma senhora que era uma acadêmica que lutava por isso aí e conseguiu transformar aquilo em área biológica junto com o governador aí. Quando os caras entraram, disseram, não, acabei de transformar aquilo em área biológica. Também foi salvo.	**Discurso Articulado Sujeito 8 / S-8** Segundo S8, existe um grupo com espírito policialesco, que gosta de exaltar as barbaridades do tempo do presídio. O que, segundo um outro grupo, não existia. De acordo com suas pesquisas, Graciliano Ramos, chegou na Ilha Grande e ficou 18 dias no presídio. S8 afirma que foi feito um documento de posse, em poucos dias, onde o Banco Safra comprou a praia Lopes Mendes. Aí, depois de muita luta, saiu o Safra e o Bradesco comprou. Aí, depois de mais um período de luta gigantesca, e muito envolvimento da comunidade, finalmente a área foi transformada em Parque e Lopes Mendes foi salva. O mesmo aconteceu com a Praia do Sul é a do Leste, porque cinco minutos antes de chegar ao pessoal, que ia tratar do assunto com o governador do Rio, entrou uma senhora que era da academia e que lutava pela preservação e conseguiu transformar aquilo em área biológica, com o aval do governador. S8 relata que, quando os caras entraram, o governador informou que tinha acabado de transformar as praias do sul e do leste em área biológicas e que, portanto, estavam salvas. Sobre as questões da praia do Aventureiro, S8 afirma que foi integrada à área biológica. O governo manteve a decisão, por uma questão social e ficou regulamentada por lei, dentro da reserva biológica. A comunidade brigou muito para transformar

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
aquilo em área biológica. Também foi salvo. A questão do aventureiro ficou dentro da área biológica. Como sempre, o governo faz uma coisa e agora, o que tem dentro, faz-se o quê? Ele não vai tirar por questão social e fica ao seu regulamento da lei porque ele está dentro da área biológica. Não podia estar ali. Então, aventureiro. Então, nós brigamos muito também para transformar em uma área de desenvolvimento sustentável. E transformamos. Fizemos até um TED (termo de execução descentralizada) em que a Neuzeli participou para isso e tal. Em aventureiro nós conseguimos promover o desenvolvimento sustentável. Alguns queriam transformar em APA e aí sim teriam que ir embora e vender. Aquela comunidade ficava isolada e não teve influência do presídio. Eles se preservaram, assim como as praias que estão do lado de fora da baía da ilha grande. Em Bananal tiveram 17 fábricas de sardinha e uma colônia japonesa que soma até hoje na IG. Eles se misturaram com os nativos de forma harmônica, Aqui tem cultura de todo tipo e a menor ficou sendo a Caiçara, na verdade. Alguns japoneses até viram Caiçaras, mas a cultura Caiçara caiu muito ali. Dali pra cá, esse outro pedacinho até o Abrão, aí houve o boom do turismo, que vieram todos pra cá com cultura de todo tipo, inclusive eu com jornal. Então, isso é uma transformação louca. E antes disso aqui, originalmente, uma outra cultura que existia, era a policialesca, que foi a pior de todas, que era Palma, Abrão e Dois Rios. Então, esse triângulo aqui era policialesco, porque era do presídio. Então, é uma cultura de que eu sou a lei. Não é pra mim a lei, não. Esse é o conceito que eles têm até hoje. Então, eu observei dois processos pro cara se dizendo nativo, e ele tinha direitos por isso. E perdeu os dois,	A questão do aventureiro ficou dentro da área biológica. Como sempre, o governo faz uma coisa e agora, o que tem dentro, faz-se o quê? Ele não vai tirar por questão social e fica ao seu regulamento da lei porque ele está dentro da área biológica. Não podia estar ali. Então, aventureiro. Então, nós brigamos muito também para transformar em uma área de desenvolvimento sustentável. E transformamos. Fizemos até um TED (termo de execução descentralizada) em que a Neuzeli participou para isso e tal. **(VIII-2)** **3** Em aventureiro nós conseguimos promover o desenvolvimento sustentável. Alguns queriam transformar em APA e aí sim teriam que ir embora e vender. Aquela comunidade ficava isolada e não teve influência do presídio. Eles se preservaram, assim como as praias que estão do lado de fora da baía da ilha grande. Em Bananal tiveram 17 fábricas de sardinha e uma colônia japonesa que soma até hoje na IG. Eles se misturaram com os nativos de forma harmônica. **(VIII-3)** **4** Aqui tem cultura de todo tipo e a menor ficou sendo a Caiçara, na verdade. Alguns japoneses até viram Caiçaras, mas a cultura Caiçara caiu muito ali. Dali pra cá, esse outro pedacinho até o Abrão, aí houve o boom do turismo, que vieram todos pra cá com cultura de todo tipo, inclusive eu com jornal. Então, isso é uma transformação louca. E antes disso aqui, originalmente, uma outra cultura que existia, era a policialesca, que foi a pior de todas, que era Palma, Abrão e Dois Rios. Então, esse triângulo aqui era policialesco, porque era do presídio. Então, é uma cultura de que eu sou a lei. Não é pra mim a lei, não. Esse é o conceito que eles têm até hoje. Então, eu observei dois processos pro cara se dizendo nativo, e ele tinha direitos por isso. E perdeu os dois, evidentemente. Então, quer dizer, era um conceito que não tiro, é ignorante, isso era natural, porque eles sabiam de ilha grande. Entendeu? Era natural isso aí	Aventureiro em uma área de desenvolvimento sustentável. Foi feito até um TED (termo de execução descentralizada) em que a moradora Neuzeli participou. S8 conta que, em aventureiro, conseguiu- se promover o desenvolvimento sustentável e que alguns queriam transformar em APA - Área de Proteção Ambiental, e que, aí sim. teriam que ir embora e vender. Era uma comunidade isolada, não tinha influência do presídio, onde tudo ficou preservado, assim como as outras praias, que estão do lado de fora da baía da Ilha Grande. S8 relata que, em Bananal, existiram 17 fábricas de sardinha e uma colônia japonesa que vive até hoje na Ilha Grande e que os japoneses se misturaram aos nativos, de forma harmônica. S8 comenta que muitas culturas se misturaram na Ilha e que o que menos tem é caiçara. Segundo seus relatos, alguns japoneses até viraram caiçaras, mas a cultura caiçara caiu muito. De lá pra cá, esse outro pedacinho até o Abraão é que teve o boom do turismo e vieram todos para Vila do Abraão, misturando diversas culturas, inclusive S8 com seu jornal. De acordo com S8, mediante esta transformação louca, o que originalmente existia era a cultura policialesca, que sem dúvida, foi a pior de todas e que teve mais influências nas praias de Palma, Abrão e Dois Rios. Então, era uma cultura de que eu sou a lei, só que esta lei não serve para mim. Esse é um conceito que eles têm até hoje. S8 conta que as pessoas antigas todas idolatram o presídio e que seus filhos, que trabalham em turismo hoje, que deviam ter mudado a cabeça, ainda consideram que a vida era melhor, no tempo do presídio, onde vagabundo não chegava lá. Segundo S8, os moradores ainda dão um valor enorme para o presídio e eles têm as suas razões, porque viviam muito bem, no tempo do presídio, que garantia o sustento de todos e contribuíam com o lazer, promovendo bailes. Havia uma vida social, querendo

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
evidentemente. Então, quer dizer, era um conceito que não tiro, é ignorante, isso era natural, porque eles sabiam de ilha grande. Entendeu? Era natural isso aí também. Eu entendo isso. Mas eles, até hoje, a ilha, o Abrão era dividido a vila e a outra parte de cá. As pessoas antigas todas idolatram o presidio. E os filhos que trabalham em turismo hoje, que deviam ter mudado a cabeça, porque no tempo do presídio o vagabundo não chegava aqui, não sei mais o que. Dão um upgrade enorme para o presídio. Essa é a verdade. Eles têm as suas razões. Porque, na parte humana, eles viviam muito bem no tempo do presídio. Eles sustentavam praticamente eles aqui. Faziam os bailes deles aqui muito grandes e tal. Havia uma vida social querendo imitar o continente, muito interessante. Pra ter uma ideia, logo que eu vim morar aqui, muito tempo depois, ter um ex-policial daqui é uma pessoa boa e tal. Ele fez 50 anos. Ele fez uma festa. Ele foi de smoking na festa aqui. E todo mundo com paletó e gravata. Digo, cara, eu estou em Paris. Onde é que eu estou aqui? É impressionante. Vê quantos estímulos eram estimulados pelo social dos grandes centros da época, né? Porque, na época, o terno era fundamental. Hoje, uma calça rasgada, às vezes, é mais show do que o terno. As festas religiosas ainda têm um grupo que segura bastante. Embora a ilha tenha se transformado praticamente em evangélicos. Tem, inclusive, uma comunidade aqui em Provetá que são até bastante fanáticos. Madama Satã até se corrigiu muito aqui na ilha. Ele ficou um cara notável na comunidade. Ele foi enterrado aqui, morreu aqui.	também. Eu entendo isso. Mas eles, até hoje, a ilha, o Abraão era dividido a vila e a outra parte de cá. **(VIII-4)** **5** As pessoas antigas todas idolatram o presidio. E os filhos que trabalham em turismo hoje, que deviam ter mudado a cabeça, porque no tempo do presídio o vagabundo não chegava aqui, não sei mais o que. Dão um upgrade enorme para o presídio. Essa é a verdade. Eles têm as suas razões. Porque, na parte humana, eles viviam muito bem no tempo do presídio. Eles sustentavam praticamente eles aqui. Faziam os bailes deles aqui muito grandes e tal. Havia uma vida social querendo imitar o continente, muito interessante. Pra ter uma ideia, logo que eu vim morar aqui, muito tempo depois, ter um ex-policial daqui é uma pessoa boa e tal. Ele fez 50 anos. Ele fez uma festa. Ele foi de smoking na festa aqui. E todo mundo com paletó e gravata. Digo, cara, eu estou em Paris. Onde é que eu estou aqui? É impressionante. Vê quantos estímulos eram estimulados pelo social dos grandes centros da época, né? Porque, na época, o terno era fundamental. Hoje, uma calça rasgada, às vezes, é mais show do que o terno. **(VIII-5)** **6** As festas religiosas ainda tem um grupo que seguram bastante. Embora a ilha se transformou praticamente em evangélicos. Tem, inclusive, uma comunidade aqui em Provetá que são até bastante fanáticos. **(VIII-6)** **7** Madama Satã até se corrigiu muito aqui na ilha. Ele ficou um cara notável na comunidade. Ele foi enterrado aqui, morreu aqui. **(VIII-7)** **8** Aqui, o caso do Lazareto. Lazareto nunca foi um hospital. O hospital era aqui na Praia da Bica. Eu digo isso numa palestra. Inclusive, demoliram uma construção interessante da história. Então, o Lazareto era um lugar de quarentena de imigrantes, porque se após 40 dias você não se apresenta a peste. Isso foi uma jogada muito	imitar o continente, muito interessante. Para se ter uma ideia, logo que S8 foi morar na Ilha, foi feita uma festa para um ex-policial, que ia completar 50 anos e que eles consideravam uma pessoa boa e tal. O aniversariante estava de smoking e os outros de paletó e gravata. S8 conta que ficou perplexo e que se sentiu em Paris. S8 conta que as festas religiosas ainda tem um grupo local, que consegue se manter, embora a ilha tenha se transformado praticamente um lugar de evangélicos, ressaltando que há muitos fanáticos, em Provetá. S8 fala, com entusiasmo, que Madama Satã ficou preso e foi enterrado na Ilha Grande, onde se tornou uma pessoa notável, na comunidade. Sobre o Lazareto, S8 contradizendo a história, afirma que nunca foi hospital e que o hospital era na Praia da Bica, onde demoliram uma construção interessante de história. Então, o Lazareto era um lugar de quarentena de imigrantes, porque se após 40 dias, a pessoa não apresentasse a peste, poderia adentrar ao Brasil. S8 considera que esta jogada foi uma estratégia muito inteligente do imperador. Na sua opinião, o imperador pensou, vou aceitar a imigração, mas todo imigrante vai passar por quarentena, antes de seguir para São Paulo. Os que ficaram, foram enterrados no local, onde funciona o campo de futebol. Como a peste não tinha cura, muita gente morreu na Ilha Grande e foram enterrados no local onde fica o campo de futebol. De acordo com S8, não eram celas, mas necrotérios. Segundo ele, na verdade, o Lazareto foi transformado em prisão, que acabou em 1913 e o local, por cerca de 40 anos, se tornou espaço multiuso. Alguns militares foram presos no local e, em 1942, quando vieram os presos de Fernando de Noronha para Ilha, aí sim, o Lazareto foi oficialmente incorporado a Dois Rios e começou a fazer parte do complexo penitenciário. O povo da Ilha não se convence disso e diz que, naquelas celas a maré

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Aqui, o caso do Lazareto. Lazareto nunca foi hospital. O hospital era aqui na Praia da Bica. Eu digo isso numa palestra. Inclusive, demoliram uma construção interessante de história. Então, o Lazareto era um lugar de quarentena de imigrantes, porque se após 40 dias você não se apresenta a peste. Isso foi uma coisa jogada muito inteligente do imperador. Bom, vou aceitar a imigração, mas vai passar 40 dias de quarentena. Depois, então, segue para São Paulo. Quando tiver que seguir, os que sobraram. Aqui, onde é o campo de futebol, era um cemitério. E morreu muita gente aqui, porque vinha com a peste e morria. Não tinha cura. Aquelas celas ali, no tempo do Lazareto, eram necrotérios. Ali não eram celas. Na verdade, ele foi transformado em prisão. Ele acabou em 1913. Então, ali ele foi transformado em prisão, e ele ficou quase 40 anos com multiuso. E alguns militares foram presos ali. Depois, em 1942, quando vieram os presos de Noronha para cá, aí sim foi oficialmente incorporado à Dois Rios, fazia parte do complexo penitenciário daqui. Mas só em 1942, entendeu? Até hoje, você não convence o povo daqui de que naquelas celas a maré subia e maltratavam os caras lá dentro pelo mar. Isso é uma mentira. Aquilo tem 3 metros de altura, acima do nível do mar. O mar chega no máximo ao limite da praia. Nunca chegou água ali. Mas é tudo errado. Isso tudo é errado. É só ir lá medir qualquer um que tenha capacidade de pensar sobre isso aí, vai lá e diz, o mar nunca esteve aqui. E o mar, nos últimos 3 mil anos, consta que subiu 30 centímetros.	inteligente do imperador. Bom, vou aceitar a imigração, mas vai passar 40 dias de quarentena. Depois, então, segue para São Paulo. Quando tiver que seguir, os que sobraram. Aqui, onde é o campo de futebol, era um cemitério. E morreu muita gente aqui, porque vinha com a peste e morria. Não tinha cura. **(VIII-8)** **9** Aquelas celas ali, no tempo do Lazareto, eram necrotérios. Ali não eram celas. Na verdade, ele foi transformado em prisão. Ele acabou em 1913. Então, ali ele foi transformado em prisão, e ele ficou quase 40 anos com multiuso. E alguns militares foram presos ali. Depois, em 1942, quando vieram os presos de Noronha para cá, aí sim foi oficialmente incorporado a Dois Rios, fazia parte do complexo penitenciário daqui. Mas só em 1942, entendeu? Até hoje, você não convence o povo daqui de que naquelas celas a maré subia e maltratavam os caras lá dentro pelo mar. Isso é uma mentira. Aquilo tem 3 metros de altura, acima do nível do mar. O mar chega no máximo ao limite da praia. Nunca chegou água ali. **(VIII-9)** **10** Mas é tudo errado. Isso tudo é errado. É só ir lá medir qualquer um que tenha capacidade de pensar sobre isso aí, vai lá e diz, o mar nunca esteve aqui. E o mar, nos últimos 3 mil anos, consta que subiu 30 centímetros. **(VIII- 10)** **11** Aqui na escola tinha que ter um currículo de cultura caiçara. A diretora é a mesma já tem 15 anos. Precisa ter mudanças e ela fica porque agrada politicamente. **(VIII- 10)**	subia, maltratando os presos, que ficavam lá dentro pelo mar. De acordo com S8, isso é uma mentira porque a construção possui 3 metros de altura, acima do nível do mar. S8 considera que tudo está errado e que o mar chega, no máximo, ao limite da praia e que, portanto, nunca chegou água no local. S8 propõe que a escola deve, em seu currículo, disciplinas sobre a cultura caiçara e critica a presença mesma diretora na Escola da Vila Abraão, há mais de 15 anos. Na sua opinião, a escola precisa regenerar, promover mudanças e parar de ficar apenas agradando os interesses políticos.

Quadro 3: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REGENERAÇÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Aqui na escola tinha que ter um currículo de cultura caiçara. A diretora é a mesma já tem 15 anos. Precisa ter mudanças e ela fica porque agrada politicamente.		

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Discurso - I **CTBA:** Porque Realmente tinha o pessoal na roça. Até hoje tem os locais. Onde era a casa da minha mãe. Que antigamente era bem mais para cima indo para o mirante, era muito longe. Que a nossa casa agora atualmente é bem mais baixa e antes era na mata fechada, indo para o mirante. Tem a antiga igreja do Divino que era dos escravos. Tem uma estrutura lá de pedras. Até uma arvorezinha tem uma escadinha de pedras assim, né. Tem um pé de tangerina com uma pedra que dá para identificar a casa do meu avô que morava com a minha mãe, assim. Aí é demarcado por essas coisas mesmo. Ali era casa de fulano tinha um pé de banana. Fulano tinha um pé de tangerina. Ainda tem a estrutura desta escada de pedra e não só lá em cima. Mas com a gente seguindo para o Bananal Pequeno. Tem cavas de casa. O Ivan, o pessoal do Coco azedo, né. O pessoal do Lício, o tio do Ivan e os mais antigos moravam lá. Para estudar, principalmente, sabe, quem mora aqui, não encontra muito recurso. Muita gente foi embora para conseguir um emprego digno, assim, né? Então, eu no meu caso, assim, eu estudei aqui na ilha desde sempre. Eu fiz o ensino fundamental aqui e fui terminar o ensino fundamental em Araçatiba do 6º ano ao 9º ano. E lá em Araçatiba eu participava do conselho de classe, aí fui para Proveta fazer o ensino médio. Aí no ensino médio, eu já ficava responsável por alguns eventos. Eu falava o nome da classe, eu puxava a turma. Eu sou assim dada. Minha irmã fala que sou dada desde pequena. Aí logo eu terminei a escola e tive uma professora também, a Isabela. Lá no Provetá, a Isabela, ela foi, minha professora. Sofre lá, né? Porque a comunidade lá também é um pouco acomodada. É acomodada um pouquinho também.	**Unidade de Significado D – I** **CTBA:** Realmente tinha o pessoal na roça. Até hoje tem os locais. Onde era a casa da minha mãe. Que antigamente era bem mais para cima indo para o mirante, era muito longe. Que a nossa casa agora atualmente é bem mais baixa e antes era na mata fechada, indo para o mirante. Tem a antiga igreja do Divino que era dos escravos. Tem uma estrutura lá de pedras. Até uma arvorezinha tem uma escadinha de pedras assim, né. Tem um pé de tangerina com uma pedra que dá para identificar a casa do meu avô que morava com a minha mãe, assim. Aí é demarcado por essas coisas mesmo. Ali era casa de fulano tinha um pé de banana. Fulano tinha um pé de tangerina. Ainda tem a estrutura desta escada de pedra e não só lá em cima. Mas com a gente seguindo para o Bananal Pequeno. Tem cavas de casa. O Ivan, o pessoal do Coco azedo, né. O pessoal do Lício, o tio do Ivan e os mais antigos moravam lá. **(I-1)** Para estudar, principalmente, sabe, quem mora aqui, não encontra muito recurso. Muita gente foi embora para conseguir um emprego digno, assim, né? Então, eu no meu caso, assim, eu estudei aqui na ilha desde sempre. Eu fiz o ensino fundamental aqui e fui terminar o ensino fundamental em Araçatiba do 6º ano ao 9º ano. E lá em Araçatiba eu participava do conselho de classe, aí fui para Proveta fazer o ensino médio. Aí no ensino médio, eu já ficava responsável por alguns eventos. Eu falava o nome da classe, eu puxava a turma. Eu sou assim dada. Minha irmã fala que sou dada desde pequena. Aí logo eu terminei a escola e tive uma professora também, a Isabela. Lá no Provetá, a Isabela, ela foi, minha professora. Sofre lá, né? Porque a comunidade lá também é um pouco acomodada. É acomodada um	**Discurso Articulado - Sujeito 1 / S-1** S1 se recorda de como a vida era tranquila, nos locais das roças, a partir da lembrança de onde era a casa de sua mãe. Comenta que, antigamente, a casa era bem mais para cima, indo para o mirante e que era muito longe. Atualmente, a casa está em lugar mais baixo, porque antes era mata fechada, no caminho para o mirante. Ainda tem resquícios de uma escadaria de pedras da igreja, que pertencia aos escravos. S1 acrescenta que um pé de tangerina e uma pedra identificam onde era a casa de seu avô. Estas demarcações trazem lembranças, tanto das casas dos familiares, como de vizinhos, seja no Bananal, Bananal Pequeno ou no Coco Azedo. De acordo com o relato de S1, não existem muitos recursos para quem quer estudar na ilha. Muitos moradores partiram em busca de uma vida melhor e de um emprego mais digno. Ela, particularmente, estudou em Provetá e depois concluiu os estudos em Araçatiba. Sempre foi participativa e líder, com fama de ser muito dada, pois falava em nome da classe e puxava a turma. Quando começou a participar dos espaços de audiências públicas, representando a Ilha Grande, S1 teve a oportunidade de ler uma carta sobre a Educação Caiçara e ficou muito emocionada.

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Obedecem uma religião. Uma tradição. A Isabela é inteligentíssima. Aí a gente começou a participar desses espaços. Teve uma. Como é que fala? Em Paraty? Uma audiência pública, lembrei. Eu fui representar a Ilha Grande a educação caiçara na IG e eu li uma carta e foi muito emocionante. Participei também do fórum e do encontro dos jovens.	pouquinho também. Obedecem uma religião. Uma tradição. A Isabela é inteligentíssima. **(I-2)** Aí a gente começou a participar desses espaços. Teve uma... Como é que fala? Em Paraty? Uma audiência pública, lembrei. Eu fui representar a Ilha Grande a educação caiçara na IG e eu li uma carta e foi muito emocionante. Participei também do fórum e do encontro dos jovens. **(I-3)**	
Discurso - II **NCBA:** É, eu tentei três anos, né? No terceiro ano começou a dar certo. Porque no início veio o jovem. No outro ano, o jovem mais os amigos, é eles gostaram. Então, todo feriadão estava aqui, sempre fazia amigos, sempre estava cheio. E no terceiro ano começou a participar umas famílias, o jovem com o casal, costumava trazer os pais para conhecer. Aí eu pensei, opa, tem que melhorar um pouquinho aqui, né? Aí fui improvisando umas caminhas, uns quartinhos, e foi assim que foi iniciado. Teve o fim do presídio e depois entrou a luz, né? Sem luz também dificultava muito. Hoje é uma comunidade, pô. Tem comunidade que não tem, né? Como Palmas, por exemplo. Proveta mudou muito também, hein? Proveta antigamente era o quê? 99% era tudo evangélico. Hoje eu acho que é meio a meio, né? Entre Japoneses e Caiçaras nunca houve conflito. Uma absorveu um pouquinho da cultura do outro.	**Unidade de Significado D - II (Bananal - NC)** **NCBA:** É, eu tentei três anos, né? No terceiro ano começou a dar certo. Porque no início veio o jovem. No outro ano, o jovem mais os amigos, é eles gostaram. Então, todo feriadão estava aqui, sempre fazia amigos, sempre estava cheio. E no terceiro ano começou a participar umas famílias, o jovem com o casal, costumava trazer os pais para conhecer. Aí eu pensei, opa, tem que melhorar um pouquinho aqui, né? Aí fui improvisando umas caminhas, uns quartinhos, e foi assim que foi iniciado. **(II-1)** Teve o fim do presídio e depois entrou a luz, né? Sem luz também dificultava muito. Hoje é uma comunidade, pô. Tem comunidade que não tem, né? Como Palmas, por exemplo. **(II-2)** Proveta mudou muito também, hein? Proveta antigamente era o quê? 99% era tudo evangélico. Hoje eu acho que é meio a meio, né? **(II-3)** Entre Japoneses e Caiçaras nunca houve conflito. Uma absorveu um pouquinho da cultura do outro. **(II-4)**	**Discurso Articulado S 2 - Sujeito 2 / S-2** S2 tentou fortalecer o Turismo na comunidade do Bananal. Só depois de três anos, as famílias de visitantes começaram a frequentar o Bananal. Precisou fazer melhorias no antigo galpão e foi improvisando camas e até quartos. Só então, conseguiu iniciar o negócio de hospedagem, de forma mais ordenada. Com o final do Presídio Cândido Mendes, veio a energia elétrica e outras facilidades. S2 lamenta que na Ilha Grande ainda existam comunidades sem o benefício. Ele comenta que Provetá sofreu muitas mudanças e que já foi mais evangélica e que hoje está meio a meio. Afirma que não existe conflito entre Japoneses e Caiçaras e que uma cultura foi absorvida pela outra. S2 não crê que existam comunidades 'totalmente raiz', na Ilha, acrescentando que, em Bananal, evangélicos e católicos convivem normalmente, sem o menor conflito. Diz que os turistas respeitam e são mais conscientes em relação a questões ambientais e que vivem integrados ao pessoal da terra, sem problema algum. Em seu ponto de vista, todos vivem de forma integrada e fazendo seu trabalho em empresas familiares. As próprias filhas já estão começando a trabalhar com isso e logo ele vai poder se dedicar a

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Acho que tem bem poucas comunidades que tem ainda a raiz, mas é difícil, cara, difícil. Não tem conflito religioso aqui no Bananal, aqui tem a católica, tem a evangélica aqui. Os turistas respeitam, a maioria respeita. Turista respeita mais do que o próprio pessoal da terra. Estão mais conscientes, eles querem preservar, né? Graças a Deus aqui vivemos integrados. Sem problema algum. Todo mundo fazendo seu trabalho. É trabalho de verdade. Empresa familiar é isso aí, né? É. Eu com a minha esposa. Vamos tentar até o final do ano mais um pouquinho. Minha filha, essa é a minha filha, tem outra, mas essa que tá aqui está morando, ela se formou...Isso, essa aí é vir de Campinas. Então, ela vai começar a trabalhar aqui comigo, eu com a minha esposa, já começou, já... A Roberta já pegou, assim, essa parte de vender, que antes eu que fazia, né? Então, já... começo a fazer as coisas ali por trás, as coisas que eu gosto de fazer, né? Mexer com madeira, fazer umas bobagenzinhas né? Agora tenho que tirar minha esposa da cozinha que por enquanto não está dando. Eu vivi aqui até 9 anos, passei 11 anos em São Paulo e voltei com 20 anos por conta da doença do meu pai tive que voltar para ajudar. Foi difícil me acostumar pois em São Paulo eu costumava sair. Eu trabalhava durante a semana aqui e no final de semana eu ia para Angra dos Reis na casa dos primos e aí jogava uma pelada e me divertia. E depois que eu casei eu me adaptei aqui. Não só aqui, mas a maioria da japonezada com o fim das fábricas de sardinha viraram pousadas. Em Passaterra, Praia Vermelha é Mguariqueçaba todas viraram pousadas e os que venderam voltaram para	Acho que tem bem poucas comunidades que tem ainda a raiz, mas é difícil, cara, difícil. **(II-5)** Não tem conflito religioso aqui no Bananal, aqui tem a católica, tem a evangélica aqui. **(II-6)** Os turistas respeitam, a maioria respeita. Turista respeita mais do que o próprio pessoal da terra. Estão mais conscientes, eles querem preservar, né? **(II-7)** Graças a Deus aqui vivemos integrados. Sem problema algum. Todo mundo fazendo seu trabalho. É trabalho de verdade. Empresa familiar é isso aí, né? É. Eu com a minha esposa. Vamos tentar até o final do ano mais um pouquinho. Minha filha, essa é a minha filha, tem outra, mas essa que tá aqui está morando, ela se formou...Isso, essa aí é vir de Campinas. Então, ela vai começar a trabalhar aqui comigo, eu com a minha esposa, já começou, já... A Roberta já pegou, assim, essa parte de vender, que antes eu que fazia, né? Então, já... começo a fazer as coisas ali por trás, as coisas que eu gosto de fazer, né? Mexer com madeira, fazer umas bobagenzinhas né? **(II-8)** Agora tenho que tirar minha esposa da cozinha que por enquanto não está dando. Eu vivi aqui até 9 anos, passei 11 anos em São Paulo e voltei com 20 anos por conta da doença do meu pai tive que voltar para ajudar. Foi difícil me acostumar pois em São Paulo eu costumava sair. Eu trabalhava durante a semana aqui e no final de semana eu ia para Angra dos Reis na casa dos primos e aí jogava uma pelada e me divertia. E depois que eu casei eu me adaptei aqui. **(II-9)** Não só aqui, mas a maioria da japonezada com o fim das fábricas de sardinha viraram pousadas. Em Passaterra, Praia Vermelha é Mguariqueçaba todas viraram pousadas e os que venderam voltaram para São Paulo. Os que	outros afazeres. S2 precisa tirar sua esposa da cozinha, pois ela já se encontra cansada. Ele viveu em Bananal até os 9 anos, depois passou 11 anos em São Paulo e voltou com 20 anos, para ajudar seu pai, que estava muito doente. Teve dificuldade em se acostumar. Com o tempo, ele se casou e foi se rearranjando e se adaptando ao ritmo de vida local. Em Bananal, as antigas fábricas de sardinha foram adaptadas e viraram pousadas, que pertencem aos japoneses. O movimento era somente no período de férias, em janeiro e nos feriados prolongados. Atualmente, o fluxo de turistas é pequeno. Para quem quer fugir do stress, Bananal é o lugar ideal para um bom descanso. S2 acredita que os filhos estão voltando para a Ilha Grande, porque gostam de Bananal, porém ressalta que, por conta da pandemia, este ano, está muito fraco o movimento de turistas. Sobre a convivência dos japoneses com caiçaras, ele afirma que não tem problemas e que a associação local foi finalmente fundada, com a ajuda da Petrobras e, às vezes, parecem políticos interessados em participar. Ele explica que está na ilha para ganhar dinheiro e, principalmente, para preservar, porque embora tenha nascido na ilha, tem descendência japonesa e não se considera um caiçara. Diz sobreviver hoje e reclama de impostos e taxas abusivas, porém quer continuar morando, conservando e trabalhando. S2 afirma que, quando seu avô comprou estas terras, ninguém queria morar, por conta do presídio e que faz parte da terceira geração da família.

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
São Paulo. Os que ficaram viraram pousadeiros. No início o movimento era só em dezembro, janeiro e fevereiro e feriadões e o restante era paradão. Agora atualmente tem sempre uns gatos pingados. Para quem foge do stress e quer descansar aqui é bom. Não temos o movimento do Abraão. A gente está aqui porque gostamos da IG. Meus filhos estão voltando porque gostam daqui. A pandemia veio e atrapalhou muito e eu estou achando este ano muito fraco. Não temos problemas de convivência. A Associação foi fundada este ano e a Petrobras oferece ajuda e aí fundamos. Já tentamos por anos, mas nunca deu certo. Essas meninas que são filhas de moradores abraçaram a causa e a associação foi fundada. Foi bom né de vez em quando aparece um vereador por aqui. Estou aqui para ganhar dinheiro mas tenho um amor pela Ilha e também para preservar. Nascemos aqui e queremos continuar aqui, sou a terceira geração, tenho filhos que são da quarta geração e um neto da quinta geração. Sou pousadeiro e hoje estou sobrevivendo. Aqui a gente paga muito caro pelo IPTU e outras taxas. Eu tenho isso aqui porque é herdado. Quero continuar morando, conservando e trabalhando. Quando meu avô comprou ninguém queria morar aqui por causa do presídio.	ficaram viraram pousadeiros. No início o movimento era só em dezembro, janeiro e fevereiro e feriadões e o restante era paradão. Agora atualmente tem sempre uns gatos pingados. Para quem foge do stress e quer descansar aqui é bom. Não temos o movimento do Abraão. A gente está aqui porque gostamos da IG. Meus filhos estão voltando porque gostam daqui. A pandemia veio e atrapalhou muito e eu estou achando este ano muito fraco. **(II-10)** Não temos problemas de convivência. A Associação foi fundada este ano e a Petrobras oferece ajuda e aí fundamos. Já tentamos por anos, mas nunca deu certo. Essas meninas que são filhas de moradores abraçaram a causa e a associação foi fundada. Foi bom né de vez em quando aparece um vereador por aqui. Estou aqui para ganhar dinheiro mas tenho um amor pela Ilha e também para preservar. **(II-11)** Nascemos aqui e queremos continuar aqui, sou a terceira geração, tenho filhos que são da quarta geração e um neto da quinta geração. Sou pousadeiro e hoje estou sobrevivendo. Aqui a gente paga muito caro pelo IPTU e outras taxas. Eu tenho isso aqui porque é herdado. Quero continuar morando, conservando e trabalhando. Quando meu avô comprou ninguém queria morar aqui por causa do presídio. **(II -12)**	
Discurso - III **CTDR:** Era tranquilo. A gente teve uma infância boa, normal. Porque antigamente a gente sabia quem era o bandido e quem não era. E a gente também era criado com os filhos dos presos, que tinham bom comportamento e moravam aqui.	**Unidade de Significado D - III (Dois Rios - CT)** **CTDR:** Era tranquilo. A gente teve uma infância boa, normal. Porque antigamente a gente sabia quem era o bandido e quem não era. E a gente também era criado com os filhos dos presos, que tinham bom comportamento e moravam aqui. **(I-3)**	**Discurso Articulado Sujeito 3 / S-3** S3 considera a vida tranquila, em Dois Rios e se sente privilegiada por morar no paraíso. Lembra-se da infância com ternura e ressalta que, mesmo morando do lado de um presídio, se sentia segura, porque sabia diferenciar quem era e quem não era bandido. Na Vila de Dois Rios, tudo funcionava bem

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Tudo aqui funcionava, eram os presos que faziam. O cozinheiro do diretor da cadeia era um preso de nome Júlio e ele foi preso em 1958, oficialmente sua pena terminou em 2014 e ele viveu em Dois Rios até 2018, onde pescava e consertava redes – sua família ainda vive aqui. Os empregos que a UERJ oferece são meio 'selecionados'. Tem que ter uma certa seleção. Não sei como explicar. É como se ele olhasse pra você e falasse: 'você não serve', 'você vai'". Antigamente tinha um forrózinho, tinha umas coisas. Tinha muita diversão e lazer. Eu sou caiçara e nossa comida típica é o peixe com banana. Eu não me incomodo de viver aqui, vivo muito bem. E agradeço a Deus por estar aqui nesse lugar. É um privilégio ter nascido aqui, muito tranquilo. Que por mais que estivéssemos crescidos perto de um presídio, a gente teve uma vida muito boa.	Tudo aqui funcionava, eram os presos que faziam. **(II-2)** O cozinheiro do diretor da cadeia era um preso de nome Júlio e ele foi preso em 1958, oficialmente sua pena terminou em 2014 e ele viveu em Dois Rios até 2018, onde pescava e consertava redes – sua família ainda vive aqui. **(II-3)** Os empregos que a UERJ oferece são meio 'selecionados'. Tem que ter uma certa seleção. Não sei como explicar. É como se ele olhasse pra você e falasse: 'você não serve', 'você vai'". **(II-4)** Antigamente tinha um forrózinho, tinha umas coisas. Tinha muita diversão e lazer. **(II-5)** Eu sou caiçara e nossa comida típica é o peixe com banana. **(II-6)** Eu não me incomodo de viver aqui, vivo muito bem. E agradeço a Deus por estar aqui nesse lugar. É um privilégio ter nascido aqui, muito tranquilo. Que por mais que estivéssemos crescidos perto de um presídio, a gente teve uma vida muito boa. **(II-7)**	e tudo era feito pelos presos e até o cozinheiro do diretor do presídio era um preso de nome Júlio, que foi preso, em 1958, O cozinheiro cumpriu sua pena oficial até 2014 e viveu na ilha até 2018, onde pescava e consertava redes. Sua família ainda vive por lá. S3 comenta que os empregos da UERJ são selecionados e que não compreende os critérios adotados. Recorda-se, com saudosismo, que outrora tinha muita diversão, lazer e até um forrózinho. Tem orgulho de ser caiçara e ressalta que sua comida típica preferida é o peixe com banana.
Discurso - IV **NCDR:** A gente é um Ecomuseu. O Ecomuseu, embora tenha sede em Dois Rios, onde tem o Campus da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), trabalha com o território de toda a Ilha Grande e com suas diferentes comunidades e não apenas daqui de Dois Rios.	**Unidade de Significado D - IV (Dois Rios - NC)** **NCDR:** A gente é um Ecomuseu. **(IV-1)** O Ecomuseu, embora tenha sede em Dois Rios, onde tem o Campus da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), trabalha com o território de toda a Ilha Grande e com suas diferentes comunidades e não apenas daqui de Dois Rios. **(IV-2)**	**Discurso Articulado Sujeito 4 / S-4** Para S4, o Ecomuseu faz parte da ilha e não somente em Dois Rios, onde fica sua sede. O museu serve às diferentes comunidades e turistas. O museu não é tradicional e foi criado, juntamente com o CEADES, que é o Centro de Estudos do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Ilha Grande, com o objetivo de preservar a história do sistema penitenciário e sua memória prisional. Segundo S4, as transformações advindas do turismo começaram

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
E a gente pensa essa forma de organização, por meio de articulação entre a universidade e a comunidade juntamente com a nossa forma de ação neste território. E o público em geral, os turistas, visitantes fazem parte também dessa forma de articulação, desse processo. Mas não é tudo voltado para o turista". Era para criar um centro de pesquisas, que acabou sendo o CEADES, o Centro de Estudo do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Ilha Grande e o Ecomuseu Ilha Grande. Aí é que entra a diferença, porque poderia ter sido um museu tradicional, que preservasse a história do sistema penitenciário, um pouco da memória prisional". O impacto do turismo em si começa de uma forma mais tardia. A Ilha Grande sempre teve movimentação de turistas, mas sempre com muita restrição, por conta da existência do presídio. De alguns anos pra cá o Ecomuseu da Ilha Grande com sua exposição contribuiu com a mudança desta visão e com a valorização da cultura e do modo de ser caiçara. A gente passou a ver uma clara forma de valorização da identidade e as pessoas hoje têm orgulho de serem Caiçaras, E aqueles que não são de nascimento, mas que adotam esses elementos da cultura, que se identificam, passam também a se autodenominar como Caiçara. E hoje nós temos vários exemplos. A Marilda, o Gesiel não nasceu aqui, mas se identificam e adotaram os valores da comunidade tradicional, ou seja, do caiçara.	E a gente pensa essa forma de organização, por meio de articulação entre a universidade e a comunidade juntamente com a nossa forma de ação neste território. E o público em geral, os turistas, visitantes fazem parte também dessa forma de articulação, desse processo. Mas não é tudo voltado para o turista". **(IV-3)** Era para criar um centro de pesquisas, que acabou sendo o CEADES, o Centro de Estudo do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Ilha Grande e o Ecomuseu Ilha Grande. Aí é que entra a diferença, porque poderia ter sido um museu tradicional, que preservasse a história do sistema penitenciário, um pouco da memória prisional". **(IV-4)** O impacto do turismo em si começa de uma forma mais tardia. A Ilha Grande sempre teve movimentação de turistas, mas sempre com muita restrição, por conta da existência do presídio**. (IV-5)** De alguns anos pra cá o Ecomuseu da Ilha Grande com sua exposição contribuiu com a mudança desta visão e com a valorização da cultura e do modo de ser caiçara. **(IV-6)** A gente passou a ver uma clara forma de valorização da identidade e as pessoas hoje têm orgulho de serem Caiçaras. **(IV-6)** E aqueles que não são de nascimento, mas que adotam esses elementos da cultura, que se identificam, passam também a se autodenominar como Caiçara. E hoje nós temos vários exemplos. A Marilda, o Gesiel não nasceu aqui, mas se identificam e adotaram os valores da comunidade tradicional, ou seja, do caiçara. (IV-7) Viviane diretora, museóloga do Ecomuseu e que faz parte da associação problematiza muito isso, quando ela	de uma forma mais tardia. A Ilha Grande sempre teve movimentação de turistas, mas sempre com muita restrição, por conta da existência do presídio. De alguns anos pra cá, o Ecomuseu da Ilha Grande, com sua exposição, contribuiu com a mudança dessa visão, com a valorização da cultura e do modo de ser caiçara. O museu buscou passar a valorização da identidade e as pessoas hoje têm orgulho de serem Caiçaras. A nova comunidade, constituída por aqueles que não nasceram na Ilha, mas que adotam seus elementos culturais, passa a se autodenominar Caiçara. E hoje, nós temos vários exemplos: A Marilda e o Geziel não nasceram aqui, mas se identificaram e adotaram os valores da comunidade tradicional caiçara. A Viviane, diretora e museóloga do Ecomuseu e que faz parte da associação, problematiza muito isso. Quando participa de uma reunião, ela fala em nome da comunidade e não somente como representante do Ecomuseu. Ela não está lá como uma espécie de representação política, para falar em nome da entidade, mas para falar junto com a comunidade. Viviane não se coloca em um patamar superior, representando um interesse, ela está junto com a comunidade, na defesa de interesses comuns. S4 conta que, quando acabou o presídio, a universidade recebeu o termo de cessão dessa área, que era uma gigantesca, que não é apenas a Vila Dois Rios. Essa cidade prisional inclui uma parte do território, que vai desde Parnaioca até Lopes Mendes. Os trabalhadores do presídio tinham transporte, limpeza das ruas, parte da alimentação, emprego e, com o fechamento do presídio, ficaram sem esses benefícios. Três anos depois, a universidade inaugurou o centro de pesquisa e a comunidade voltou a ter a logística de transporte, de limpeza e de

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Viviane diretora, museóloga do Ecomuseu e que faz parte da associação problematiza muito isso, quando ela participa de uma reunião ela fala como representante da comunidade e não como representante do Ecomuseu. Ela não estava lá como uma espécie de representação política para falar em nome da, ou seja, ela estava falando junto com. Viviane não estava em um patamar superior representando um interesse, ela estava junto com a comunidade na defesa de interesses comuns. Quando acabou o presídio, a universidade recebeu o termo de cessão dessa área, que é uma área gigantesca, que não é apenas aqui em Vila Dois Rios. Essa cidade prisional inclui uma parte do território que vai desde Parnaioca até Lopes Mendes. Os moradores que trabalhavam no presídio tinham transporte, limpeza das ruas, tinham parte da alimentação, emprego e ficaram sem esses benefícios. Posteriormente, a universidade inaugurou o centro de pesquisa e a comunidade voltou a ter a logística de transporte, de limpeza e de outros serviços. Mas, o ressentimento ficou meio que enraizado. o que chama a atenção é que isso foi feito especialmente pelo CEADS porque era a única unidade que a UERJ tinha. Apresentamos e construímos os projetos junto com os moradores. Isso contribuiu para uma mudança significativa nesta relação. Resgatamos o Centro de Convivência, lugar de encontro, de festa, de reunião, de tudo e que ficou	participa de uma reunião ela fala como representante da comunidade e não como representante do Ecomuseu. Ela não estava lá como uma espécie de representação política para falar em nome da, ou seja, ela estava falando junto com. **(IV-8)** Viviane não estava em um patamar superior representando um interesse, ela estava junto com a comunidade na defesa de interesses comuns. **(IV-9)** Quando acabou o presídio, a universidade recebeu o termo de cessão dessa área, que é uma área gigantesca, que não é apenas aqui em Vila Dois Rios. Essa cidade prisional inclui uma parte do território que vai desde Parnaioca até Lopes Mendes. **(IV-10)** Os moradores que trabalhavam no presídio tinham transporte, limpeza das ruas, tinham parte da alimentação, emprego e ficaram sem esses benefícios. **(IV-11)** Posteriormente, a universidade inaugurou o centro de pesquisa e a comunidade voltou a ter a logística de transporte, de limpeza e de outros serviços. Mas, o ressentimento ficou meio que enraizado. o que chama a atenção é que isso foi feito especialmente pelo CEADS porque era a única unidade que a UERJ tinha. **(IV-12)** Apresentamos e construímos os projetos junto com os moradores. **(IV-13)** Isso contribuiu para uma mudança significativa nesta relação. **(IV-14)** Resgatamos o Centro de Convivência, lugar de encontro, de festa, de reunião, de tudo e que ficou durante anos	outros serviços. Mas, o ressentimento ficou meio que enraizado. O que chama a atenção são as melhorias foram feitas pelo CEADS, que era a única unidade da UERJ na Ilha. O projeto foi construído junto com os moradores e, no ponto de vista de S4, contribuiu para uma mudança significativa nessa relação. De acordo com S4, o Centro de Convivência foi resgatado, de modo a servir como um lugar de encontro, de reunião e de festa, que ficou durante anos fechado e abandonado e a instituição responsável conseguiu, segundo S4, recuperar o espaço que foi aberto, com o apoio da comunidade. Conta que a comunidade ganhou a sala do artesão, onde Marilda trabalha, um importante espaço para exposição dos trabalhos produzidos pelas pessoas da comunidade e também uma biblioteca comunitária. S4 argumenta que conflitos existem, mas que a instituição trabalha, diretamente com os moradores, na busca de soluções. Alerta que se trata da única comunidade da ilha, que tem uma universidade, sendo também a única que tem uma estrada e, terceiro, é a única que tem serviço de transporte, apesar de precário. Nas outras comunidades todas, ou é barco ou é trilha. E o barco é muito caro. S4 almeja o bom senso, por meio do trabalho, porque senão vira tudo tensão, cobrança e conflito. Comenta que a universidade não impede as pessoas de morarem em Dois Rios, desde que continuem tendo vínculo com o lugar. Tem pessoas que não trabalham para a universidade e continuam tendo direito, porque já possuíam uma história que a universidade reconhece. S4 diz que pelo Ecomuseu já passaram outros dirigentes, só que não tiveram tanta paciência e entrosamento. Talvez os outros não tivessem desprendimento, que é uma forma de

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
durante anos fechado e abandonado e conseguimos recuperar junto com o apoio da comunidade e é aberto. A comunidade ganhou a sala do artesão, que Marilda trabalha, um importante espaço para exposição dos trabalhos produzidos pelas pessoas da comunidade e também uma biblioteca comunitária. Conflitos existem, mas trabalhamos diretamente com os moradores na busca de soluções. Primeiro, é a única na ilha que tem uma universidade. Segundo, é a única que tem uma estrada e, terceiro, é a única que tem serviço de transporte, apesar de precário. Nas outras todas, ou é barco ou é trilha. E o barco, quando é barco, é caro. Se você não é dono do barco, o barco é caro. Então, é esse equilíbrio, esse bom senso que a gente às vezes precisa chamar atenção e trabalhar porque senão vira tudo tensão, cobrança e conflito. A universidade não impede as pessoas de morar, desde que continuem tendo vínculo com o lugar. Tem pessoas que não trabalham para a UERJ e continuam tendo direito, porque já tinham uma história que a universidade reconhece. Por aqui no Ecomuseu já passaram outros, só que não tiveram tanta paciência e entrosamento como eu. Talvez os outros não tiveram desprendimento e uma forma de interação franca, direta e permanente que eu tenho tentado ter. A melhor contribuição que a gente tem tentado dar é a valorização da própria comunidade é o	fechado e abandonado e conseguimos recuperar junto com o apoio da comunidade e é aberto. **(IV-15)** A comunidade ganhou a sala do artesão, que Marilda trabalha, um importante espaço para exposição dos trabalhos produzidos pelas pessoas da comunidade e também uma biblioteca comunitária. **(IV-16)** Conflitos existem, mas trabalhamos diretamente com os moradores na busca de soluções. **(IV-17)** Primeiro, é a única na ilha que tem uma universidade. Segundo, é a única que tem uma estrada e, terceiro, é a única que tem serviço de transporte, apesar de precário. Nas outras todas, ou é barco ou é trilha. E o barco, quando é barco, é caro. Se você não é dono do barco, o barco é caro. **(IV-18)** Então, é esse equilíbrio, esse bom senso que a gente às vezes precisa chamar atenção e trabalhar porque senão vira tudo tensão, cobrança e conflito. **(IV-19)** A universidade não impede as pessoas de morar, desde que continuem tendo vínculo com o lugar. **(IV-20)** Tem pessoas que não trabalham para a UERJ e continuam tendo direito, porque já tinham uma história que a universidade reconhece. **(IV-21)** Por aqui no Ecomuseu já passaram outros, só que não tiveram tanta paciência e entrosamento como eu. Talvez os outros não tiveram desprendimento e uma forma de interação franca, direta e permanente que eu tenho tentado ter. **(IV-22)** A melhor contribuição que a gente tem tentado dar é a valorização da própria comunidade é o reconhecimento	interação franca, direta e permanente, que eu tenho tentado estabelecer. A melhor contribuição que a gente tem tentado dar é a valorização da própria comunidade e o reconhecimento que a comunidade tem que ter dela mesma, enquanto identidade e do próprio valor. S4 reafirma que este objetivo tem sido perseguido por meio do diálogo e formação, com um rearranjo constante. A equipe da instituição é formada, principalmente, por pessoas da própria comunidade. Muitos moradores de Dois Rios trabalham para o Ecomuseu. Não basta ser de Dois Rios é preciso que eles tenham uma formação e consciência do lugar onde estão, do papel que precisam ter e da responsabilidade para com a comunidade. S4 não considera perfeita a relação entre a instituição com a comunidade, onde a convivência envolve um grande esforço, ao longo dos anos, para melhorar a convivência, porque os interesses precisam estar conectados e os limites da universidade respeitados. Dois Rios é uma comunidade prisional, que ocupa uma área de patrimônio histórico, de preservação ambiental, que não é formalmente tombada. Então, de acordo com S4, o principal problema é superar o ranço anterior, construindo uma solução coletiva. A comunidade de Dois Rios tem interesses peculiares e não representa o conjunto das comunidades da Ilha Grande, até porque as demais comunidades têm, em geral, um predomínio que tem a ver com uma tradição, uma história caiçara ou com uma porção mais recente, um pouco na exploração do turismo, sem ligação direta com essa questão prisional. Na Ilha, as pessoas vivem em diversas comunidades, como se existissem diversas ilhas dentro da Ilha Grande.

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
reconhecimento que a comunidade tem que ter dela mesma enquanto identidade e do próprio valor. Este objetivo tem sido perseguido diretamente por meio do diálogo e formação. A nossa equipe é formada principalmente por pessoas da própria comunidade. Moradores daqui e que trabalham para o Ecomuseu, mas não basta ser daqui é preciso que eles tenham uma formação e que tenham consciência do lugar onde estão e do papel que precisam ter e da responsabilidade para com a comunidade porque eles fazem parte desta comunidade juntamente com o Ecomuseu. Eu não acho que é perfeito não, e de fato tem sido um esforço grande e que temos aprofundado ao longo dos anos. Acho que todos os interesses precisam estar conectados e respeitar os limites que nós temos por ser universidade, por ser uma área de patrimônio histórico que não é tombado, mas a gente considera e por ser uma área de preservação ambiental. Então este é o principal problema que a gente ainda não consegue resolver mesmo com todo o diálogo e tem o ranço anterior, como eu falei, e, por isso, precisamos construir tudo isso juntos. A comunidade de Dois Rios é uma comunidade prisional. Então, ela não é uma comunidade simples de trabalhar.	que a comunidade tem que ter dela mesma enquanto identidade e do próprio valor. **(IV-23)** Este objetivo tem sido perseguido diretamente por meio do diálogo e formação**. (IV-24)** A nossa equipe é formada principalmente por pessoas da própria comunidade. Moradores daqui e que trabalham para o Ecomuseu, mas não basta ser daqui é preciso que eles tenham uma formação e que tenham consciência do lugar onde estão e do papel que precisam ter e da responsabilidade para com a comunidade porque eles fazem parte desta comunidade juntamente com o Ecomuseu. **(IV-25)** Eu não acho que é perfeito não, e de fato tem sido um esforço grande e que temos aprofundado ao longo dos anos. **(IV-26)** Acho que todos os interesses precisam estar conectados e respeitar os limites que nós temos por ser universidade, por ser uma área de patrimônio histórico que não é tombado, mas a gente considera e por ser uma área de preservação ambiental. **(IV-27)** Então este é o principal problema que a gente ainda não consegue resolver mesmo com todo o diálogo e tem o ranço anterior, como eu falei, e, por isso, precisamos construir tudo isso juntos. **(IV-28)** A comunidade de Dois Rios é uma comunidade prisional. **(IV-29)** Então, ela não é uma comunidade simples de trabalhar. **(IV-30)**	S4 afirma ter boa entrada em outras comunidades, como em Provetá, onde tem diálogo direto com o pastor. O diálogo com a comunidade acontece, a partir das escolas, com o contato direto com a professora Isabela, que é sensacional e a partir disso, a própria comunidade chama o museu. Aí você vê a comunidade chamar o museu para fazer atividades. S4 percebe que toda esta peculiaridade se dá pelo fato de ter, de forma integrada na ilha, as marcas do sistema prisional, interligando a história e as memória das comunidades.

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
A comunidade de Dois Rios, que tem esse interesse peculiar é singular no conjunto da Ilha Grande.	A comunidade de Dois Rios, que tem esse interesse peculiar é singular no conjunto da Ilha Grande. **(IV-31)**	
Ela (Vila Dois Rios) não representa o conjunto das comunidades da Ilha Grande também. Porque as demais comunidades têm, em geral, um predomínio que tem a ver com uma tradição, uma história caiçara ou com uma porção mais recente, que dá um pouco na exploração do turismo.	Ela (Vila Dois Rios) não representa o conjunto das comunidades da Ilha Grande também. Porque as demais comunidades têm, em geral, um predomínio que tem a ver com uma tradição, uma história caiçara ou com uma porção mais recente, que dá um pouco na exploração do turismo. **(IV-32)**	
Mas as outras comunidades não tem uma ligação direta com essa questão prisional.	Mas as outras comunidades não tem uma ligação direta com essa questão prisional. **(IV-33)**	
Na verdade, eu não lembro agora de onde foi essa expressão, mas é como se aqui a gente não tivesse diversas comunidades, a gente tivesse diversas ilhas.	Na verdade, eu não lembro agora de onde foi essa expressão, mas é como se aqui a gente não tivesse diversas comunidades, a gente tivesse diversas ilhas. **(IV- 34)**	
Hoje na comunidade de Provetá temos tido uma boa recepção e eles têm buscado que a gente faça mais coisas lá. Eu nem tenho tanto diálogo direto com o pastor.	Hoje na comunidade de Provetá temos tido uma boa recepção e eles têm buscado que a gente faça mais coisas lá. Eu nem tenho tanto diálogo direto com o pastor. **(IV-35)**	
O diálogo com a comunidade acontece, a partir das escolas, com o contato com a Isabela que é sensacional.	O diálogo com a comunidade acontece, a partir das escolas, com o contato com a Isabela que é sensacional. **(IV-36)**	
Aí você vê a comunidade chamar o museu para fazer atividades.	Aí você vê a comunidade chamar o museu para fazer atividades. **(IV-37)**	
Acho que tem a ver com a peculiaridade de ter integrado ao sistema prisional, sua história e suas memórias.	Acho que tem a ver com a peculiaridade de ter integrado ao sistema prisional, sua história e suas memórias. **(IV-38)**	

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Discurso - V **CTPR:** Então, por isso que a pesca diminuiu. Aumentou o volume de barcos e de aparelhos. Não damos espaço para o peixe sair, desovar, crescer. Temos a parada, mas a parada não é suficiente. São seis meses sem pescar, mas alguns desobedecem. O pescador profissional tem que dar baixa na carteira de trabalho, no período, para conseguir o Seguro Desemprego, o que prejudica sua aposentadoria. Então, a gente tem essa identidade e praticamente todos os moradores são evangélicos de berço. Minha mãe se orgulha de ter sido a segunda jovem a aceitar Jesus, na comunidade, onde viviam cinco famílias, por influência de um missionário evangélico que veio para orar por um primo, que era católico e estava muito doente. Contam que ele logo melhorou e pediu um mingau de farinha de mandioca batida, típico daqui, muito conhecido por levantar qualquer doente da cama. Sobre o turismo, pensamos no turismo evangélico, onde podemos começar com pouca estrutura. O ambiente é tão bom que tem gente que vem passear e não quer mais ir embora. As pessoas podem ficar com roupas de banho na praia, mas é difícil encontrar um dos moradores (as) com os mesmos trajes, por causa do nosso modo de viver. Não é proibido entrar na praia de biquíni, não é proibido andar na rua de biquíni, só que o povo que vem já sabe que aqui é uma comunidade evangélica e respeita. Se o turismo entrar aqui vai ser de Deus, nós estamos orando para isso. O turismo tem que entrar sim. O	**Unidade de Significado D - V (Provetá - CT)** **CTPR:** Então, por isso que a pesca diminuiu. Aumentou o volume de barcos e de aparelhos. Não damos espaço para o peixe sair, desovar, crescer. Temos a parada, mas a parada não é suficiente. São seis meses sem pescar, mas alguns desobedecem. O pescador profissional tem que dar baixa na carteira de trabalho, no período, para conseguir o Seguro Desemprego, o que prejudica sua aposentadoria. **(V-1)** Então, a gente tem essa identidade e praticamente todos os moradores são evangélicos de berço. Minha mãe se orgulha de ter sido a segunda jovem a aceitar Jesus, na comunidade, onde viviam cinco famílias, por influência de um missionário evangélico que veio para orar por um primo, que era católico e estava muito doente. Contam que ele logo melhorou e pediu um mingau de farinha de mandioca batida, típico daqui, muito conhecido por levantar qualquer doente da cama. **(V-2)** Sobre o turismo, pensamos no turismo evangélico, onde podemos começar com pouca estrutura. O ambiente é tão bom que tem gente que vem passear e não quer mais ir embora. **(V-3)** As pessoas podem ficar com roupas de banho na praia, mas é difícil encontrar um dos moradores (as) com os mesmos trajes, por causa do nosso modo de viver. Não é proibido entrar na praia de biquíni, não é proibido andar na rua de biquíni, só que o povo que vem já sabe que aqui é uma comunidade evangélica e respeita. **(V-4)** Se o turismo entrar aqui vai ser de Deus, nós estamos orando para isso. O turismo tem que entrar sim. O turismo evangélico, concordando com a cultura do lugar, porque somos uma comunidade caiçara e se somos quase todos	**Discurso Articulado Sujeito 5 / S-5** S5 comenta que a pesca diminuiu, por conta do aumento do volume de barcos e equipamentos modernos. Não deixam nem o peixe se desenvolver, desovar, crescer. Existe uma parada que não é suficiente. São seis meses sem pescar, mas alguns desobedecem. O pescador profissional tem que dar baixa na carteira de trabalho, no período, para conseguir o seguro desemprego, o que prejudica sua aposentadoria. Nossa identidade é de pescador e praticamente todos os moradores são evangélicos de berço. A mãe de S5 se orgulha de ter sido a segunda jovem a aceitar Jesus, na comunidade de Provetá, onde viviam cinco famílias, por influência de um missionário evangélico, que veio para orar por um primo, que era católico e estava muito doente. Contam que o doente logo melhorou e pediu um mingau de farinha de mandioca batido, típico da região, muito conhecido por levantar qualquer doente da cama. Sobre o turismo, S5 afirma que a comunidade pensa em desenvolver o turismo evangélico, onde acreditam poder começar com pouca estrutura. Ele considera o ambiente de Provetá tão bom, que tem gente que vem passear e não quer mais ir embora. De acordo com S5, as pessoas podem ficar com roupas de banho na praia, mas é difícil encontrar um dos moradores (as) com os mesmos trajes, por causa do modo de viver. Não é proibido entrar na praia de biquíni, não é proibido andar na rua de biquíni, só que o povo que vem já sabe que aqui é uma comunidade evangélica e respeita. De acordo com S5 a comunidade diz que se o turismo entrar aqui, vai ser de Deus e nós estamos orando para isso. Precisa ser turismo evangélico, concordando com a cultura do

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
turismo evangélico, concordando com a cultura do lugar, porque somos uma comunidade caiçara e se somos quase todos evangélicos, então não cabe outra cultura. Trabalhar com turismo deve ajudar nosso pessoal, que sempre atuou na pesca. Hoje, praticamente todo o trabalho da comunidade é com pesca. Todo tipo de pesca. Nós temos entre pessoas que trabalham nos quiosques, na prefeitura, limpeza, nos postos de saúde, em torno de umas 50 pessoas, nessa região, mas tudo é por causa da pesca. Então, tanto a pesca artesanal, como a profissional e a manutenção de barcos e das redes de pesca, lá na ponte, tudo faz parte do trabalho do pescador. Já até me ofereci para dar aulas, de graça, no colégio, para os nossos jovens sobre a fabricação e manutenção das redes artesanais Além das redes para o trabalho dos pescadores, temos os barquinhos de madeira, que são lindos para oferecer aos turistas. A gente precisa de um espaço para expor o artesanato, inclusive as roupas de nosso curso de costura e a farinha, feita com a mandioca de nossas roças, uma tradição mantida por dois produtores, em Provetá. As roças são antigas. Aqui tem mandioca e muita cana. Quem tem, tem e quem não tem, não pode fazer mais, é proibido. Eu acho um prejuízo para nossa comunidade Caiçara, que vive aqui, nasceu aqui e não pode fazer uma roça. Muita gente quer fazer uma roça para alimentar a família, mas não pode, porque a multa é pesada. Outro caminho para o turismo pode ser investir na culinária, em nossa comunidade. As irmãs são cozinheiras de mão cheia, muito dedicadas no preparo de peixes e de outras comidas típicas, como o mingau	evangélicos, então não cabe outra cultura. Trabalhar com turismo deve ajudar nosso pessoal, que sempre atuou na pesca. **(V-5)** Hoje, praticamente todo o trabalho da comunidade é com pesca. Todo tipo de pesca. Nós temos entre pessoas que trabalham nos quiosques, na prefeitura, limpeza, nos postos de saúde, em torno de umas 50 pessoas, nessa região, mas tudo é por causa da pesca. **(V-6)** Então, tanto a pesca artesanal, como a profissional e a manutenção de barcos e das redes de pesca, lá na ponte, tudo faz parte do trabalho do pescador. Já até me ofereci para dar aulas, de graça, no colégio, para os nossos jovens sobre a fabricação e manutenção das redes artesanais **(V-7)** Além das redes para o trabalho dos pescadores, temos os barquinhos de madeira, que são lindos para oferecer aos turistas. A gente precisa de um espaço para expor o artesanato, inclusive as roupas de nosso curso de costura e a farinha, feita com a mandioca de nossas roças, uma tradição mantida por dois produtores, em Provetá. As roças são antigas. Aqui tem mandioca e muita cana. Quem tem, tem e quem não tem, não pode fazer mais, é proibido. Eu acho um prejuízo para nossa comunidade Caiçara, que vive aqui, nasceu aqui e não pode fazer uma roça. Muita gente quer fazer uma roça para alimentar a família, mas não pode, porque a multa é pesada. **(V-8)** Outro caminho para o turismo pode ser investir na culinária, em nossa comunidade. As irmãs são cozinheiras de mão cheia, muito dedicadas no preparo de peixes e de outras comidas típicas, como o mingau de farinha, o peixe com banana e a paçoca de banana, feita com purê de banana-nanica verde, que aqui chamamos	lugar, porque trata-se de uma comunidade caiçara e evangélica, então não cabe outra cultura. S5 acha que trabalhar com turismo deve ajudar o pessoal, que sempre atuou na pesca. Na atualidade, tem em torno de 50 pessoas da comunidade em outras atividades, principalmente ligadas à prefeitura. O trabalho do pescador não se resume à pesca. Ele cuida da manutenção do barco e recuperação das redes. S5 já se ofereceu para ensinar os jovens da comunidade sobre fabricação e manutenção de redes artesanais. Ele conta que, além das redes para o trabalho dos pescadores, tem o artesanato, com os barquinhos de madeira, que são lindos para oferecer aos turistas. A comunidade precisa de um espaço para expor o artesanato, inclusive as roupas do curso de costura e a farinha, feita com a mandioca das roças, uma tradição mantida por dois produtores, em Provetá. S5 afirma que tem mandioca e muita cana e que quem já tem roça, tem e quem não tem, não pode fazer novas plantações, que é proibido. Considera um prejuízo para comunidade Caiçara, que nasceu e vive em Provetá e não pode ter uma roça. A roça é para subsistência, ou seja, alimentar a família, mas não pode. S5 acha que um outro caminho para o turismo de Provetá pode ser investir na culinária, produzida pela comunidade. Afirma que as irmãs são cozinheiras de mão cheia, muito dedicadas no preparo de peixes e de outras comidas típicas, como o mingau de farinha, peixe com banana e a paçoca de banana, feita com purê de banana-nanica verde, que aqui chamamos de banana maranhão, cozida e amassada, misturada com bacon ou carne seca. A praia de Provetá, segundo S5, é linda, limpa, segura e bem organizada

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
de farinha, o peixe com banana e a paçoca de banana, feita com purê de banana-nanica verde, que aqui chamamos de banana maranhão, cozida e amassada, misturada com bacon ou carne seca. Temos a praia, que é linda, limpa, segura e bem organizada, uma cachoeira e três pousadas: uma próxima à igreja, a pousada do Cristiano e a Pousada do Canto, que é da Dona Áurea. Eu falo isso na igreja: meus irmãos não joguem lixo no caminho, não joguem garrafa pet, garrafas de cerveja Todo turista que vem, ele vem olhando a nossa comunidade, ele vem olhando para o lado e não quer saber se você é bonito ou é feio, ele quer saber se a terra está limpa. O turista vai observar o valor dos nossos atrativos pela limpeza do caminho, pela gentileza e pela qualidade do atendimento e dos serviços. O Ministério da Assembleia de Deus de Provetá nasceu aqui, pertence à nossa sede e se espalhou para vários lugares. Aqui é a sede, aqui é o ponto principal de todo o ministério, de todas as nossas igrejas. Temos igrejas no Peru, na Paraíba, no estado de São Paulo e no estado de Minas Gerais, mas Provetá é a central. Sempre me doei para esta comunidade. Falou em fazer o bem pra comunidade, estou sempre junto e trabalho por amor. De dois anos para cá eu recebi uma proposta do meu pastor presidente para mudar de profissão, que é uma mudança drástica, pois eu sempre trabalhei com o grupo de homens e continuei trabalhando com pessoas e eu tive que abandonar a pesca que eu amava. Já tem dois anos e quatro meses que estou dedicado a igreja. Meu pai foi o pastor	de banana maranhão, cozida e amassada, misturada com bacon ou carne seca. **(V-9)** Temos a praia, que é linda, limpa, segura e bem organizada, uma cachoeira e três pousadas: uma próxima à igreja, a pousada do Cristiano e a Pousada do Canto, que é da Dona Áurea. **(V-10)** Eu falo isso na igreja: meus irmãos não joguem lixo no caminho, não joguem garrafa pet, garrafas de cerveja **(V- 11)** Todo turista que vem, ele vem olhando a nossa comunidade, ele vem olhando para o lado e não quer saber se você é bonito ou é feio, ele quer saber se a terra está limpa. O turista vai observar o valor dos nossos atrativos pela limpeza do caminho, pela gentileza e pela qualidade do atendimento e dos serviços. **(V-12)** O Ministério da Assembleia de Deus de Provetá nasceu aqui, pertence à nossa sede e se espalhou para vários lugares. Aqui é a sede, aqui é o ponto principal de todo o ministério, de todas as nossas igrejas. Temos igrejas no Peru, na Paraíba, no estado de São Paulo e no estado de Minas Gerais, mas Provetá é a central. **(V-13)** Sempre me doei para esta comunidade. Falou em fazer o bem pra comunidade, estou sempre junto e trabalho por amor. De dois anos para cá eu recebi uma proposta do meu pastor presidente para mudar de profissão, que é uma mudança drástica, pois eu sempre trabalhei com o grupo de homens e continuei trabalhando com pessoas e eu tive que abandonar a pesca que eu amava. Já tem dois anos e quatro meses que estou dedicado à igreja. Meu pai foi o pastor presidente mais falado aqui pelo respeito que	e tem uma cachoeira e três pousadas, sendo uma próxima à igreja, a pousada do Cristiano e a Pousada do Canto, que é da Dona Áurea. Na oportunidade, durante suas falas, na igreja, S5 pede aos fiéis que não joguem lixo no caminho, não joguem garrafa pet ou garrafas de cerveja. A limpeza das trilhas, aliada ao ato de bem receber, que faz parte das tradições da comunidade, podem originar o turismo ideal (belo e limpo), com valorização dos atrativos locais e geração de oportunidades para os moradores. S5 afirma que o Ministério da Assembleia de Deus de Provetá nasceu na Ilha Grande e se espalhou para vários lugares. A sede fica em Provetá, que é o ponto principal de todo o ministério, de todas as igrejas. O Ministério tem igrejas espalhadas no Peru, na Paraíba, no estado de São Paulo e no estado de Minas Gerais, mas Provetá é a central. S5 comenta que sempre se doou para a comunidade, que sempre buscou fazer o bem e que está sempre junto com a comunidade, trabalhando por amor. De dois anos para cá, ele recebeu uma proposta do pastor presidente para mudar de profissão e se dedicar totalmente à igreja. É uma mudança drástica, pois sempre trabalhou com o grupo de homens e continua trabalhando com pessoas e teve que abandonar a pesca, que tanto amava. O pai de S5 foi o pastor presidente mais conhecido e respeitado de Proveta.

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
presidente mais falado aqui pelo respeito que ele tinha e eu tenho isso no meu sangue e no meu coração.	ele tinha e eu tenho isso no meu sangue e no meu coração. **(V-14)**	
Discurso – VI **NCPR:** Ouvi muitas histórias sobre o presídio. Meu padrasto trabalhou lá. Quando conheceu minha mãe, ele trabalhava na Polícia Militar, no Cândido Mendes. Logo ele percebeu que não tinha afinidade com a área policial, largou a PM, entrou para o Corpo de Bombeiros e virou salva-vidas. Há 30 anos, Provetá era apenas uma vila de pescadores, tendo a pesca como maior fonte de renda, tanto que continua como a maior vila de pescadores da Ilha Grande. As pessoas vivem bem. É uma comunidade pacata, tranquila e com valores evangélicos. É uma praia linda, mas o turista acha a coisa mais estranha do mundo. Há moradores que não têm esse pensamento, sendo da igreja ou não sendo da igreja. Só que elas são engolidas pelo senso comum, que reina aqui. Temos um programa de passeios com os alunos, onde visitamos as comunidades do Abraão, de Dois Rios e o Ceads, que é da UERJ. Também trabalhamos a valorização da cultura caiçara, trazendo os saberes tradicionais para dentro da escola, buscando um link com as teorias científicas, para que os jovens não esqueçam a importância de sua própria cultura. Um dos resultados foi a Mostra Culinária Caiçara, onde a comunidade escolar trouxe café de cana, peixe com banana, paçoca de banana verde e mingau de farinha.	**Unidade de Significado D – VI (Provetá - NC)** **NCPR:** Ouvi muitas histórias sobre o presídio. Meu padrasto trabalhou lá. Quando conheceu minha mãe, ele trabalhava na Polícia Militar, no Cândido Mendes. Logo ele percebeu que não tinha afinidade com a área policial, largou a PM, entrou para o Corpo de Bombeiros e virou salva-vidas. **(VI-1)** Há 30 anos, Provetá era apenas uma vila de pescadores, tendo a pesca como maior fonte de renda, tanto que continua como a maior vila de pescadores da Ilha Grande. As pessoas vivem bem. É uma comunidade pacata, tranquila e com valores evangélicos. **(VI-2)** É uma praia linda, mas o turista acha a coisa mais estranha do mundo. Há moradores que não têm esse pensamento, sendo da igreja ou não sendo da igreja. Só que elas são engolidas pelo senso comum, que reina aqui. **(VI-3)** Temos um programa de passeios com os alunos, onde visitamos as comunidades do Abraão, de Dois Rios e o Ceads, que é da UERJ. Também trabalhamos a valorização da cultura caiçara, trazendo os saberes tradicionais para dentro da escola, buscando um link com as teorias científicas, para que os jovens não esqueçam a importância de sua própria cultura. **(VI-4)** Um dos resultados foi a Mostra Culinária Caiçara, onde a comunidade escolar trouxe café de cana, peixe com banana, paçoca de banana verde e mingau de farinha. Entrevistamos moradores antigos, fizemos vídeos e	**Discurso Articulado Sujeito 6 / S-6** S6 conta que ouviu muitas histórias sobre o presídio, que Seu padrasto trabalhou lá. Quando conheceu a mãe de S6, ele trabalhava na Polícia Militar, no Cândido Mendes. Logo percebeu que não tinha afinidade com a área policial, largou a PM, entrou para o Corpo de Bombeiros e virou salva-vidas. S6 diz que, há 30 anos, Provetá era apenas uma vila de pescadores, tendo a pesca como maior fonte de renda, tanto que ainda continua sendo a maior vila de pescadores da Ilha Grande, onde as pessoas vivem bem e de forma pacata, tranquila e principalmente preservando seus valores evangélicos. S6 diz que se trata de uma praia linda, só que o turista estranha um pouco, por conta do comportamento dos moradores, que são engolidos pelo senso comum que é o que reina em Provetá, independentemente de ser ou não evangélico. A escola local possui um programa de passeios com os alunos, onde visitam as comunidades do Abraão, de Dois Rios e o Ceads, que é da UERJ. Também trabalham a valorização da cultura caiçara, trazendo os saberes tradicionais para dentro da escola, buscando um link com as teorias científicas, para que os jovens não esqueçam a importância de sua própria cultura. S6 conta que, recentemente, um dos resultados apresentados foi a Mostra Culinária Caiçara, onde a comunidade escolar trouxe café de cana, peixe com banana, paçoca de banana verde e mingau de farinha. Foram entrevistados moradores antigos, foram feitos vídeos e realizaram um concurso de

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Entrevistamos moradores antigos, fizemos vídeos e realizamos um concurso de fotografias da praia e também um trabalho sobre os cartazes caiçaras. Conseguimos espaço no Jornal O Eco. Criamos o projeto Voz Ativa, onde realizamos entrevistas com os moradores. Percebemos que nossas lendas estão atreladas à história do presídio, geralmente retratando fugas A gente participa de um projeto de Educação Ambiental, desenvolvido pela Petrobras, que visa o fortalecimento da comunidade, em atendimento aos anseios dos moradores. No ano passado, conseguimos o título de Escola do Campo, concedido pelo MEC. Uma luta antiga, que abriu espaço para conquistarmos uma PPP diferenciada, contemplando a cultura caiçara. Pensamos trabalhar matemática, no processo de confecção das redes de pesca; Biologia, na identificação dos cardumes, com o Barco da Escola; Geografia: passar no costão para ver as formas das rochas e Português, com o vocabulário Caiçara. A proposta é Valorizar as riquezas do que chamam de Marretório, o território do mar. Como sou de fora e naturalmente excluída, estranhei quando fui convidada para fazer parte da Associação de Moradores. Tenho poucos amigos em Provetá, mesmo morando aqui, há 7 anos. Por mais que eu não concorde com algumas coisas, e que, às vezes, eu seja mais agressivo, na hora de defender alguns ideais, tento manter sempre uma política de colaboração. Meu desejo é que entendam	realizamos um concurso de fotografias da praia e também um trabalho sobre os cartazes caiçaras. Conseguimos espaço no Jornal O Eco. **(VI-5)** Criamos o projeto Voz Ativa, onde realizamos entrevistas com os moradores. Percebemos que nossas lendas estão atreladas à história do presídio, geralmente retratando fugas **(VI-6)** A gente participa de um projeto de Educação Ambiental, desenvolvido pela Petrobras, que visa o fortalecimento da comunidade, em atendimento aos anseios dos moradores. No ano passado, conseguimos o título de Escola do Campo, concedido pelo MEC. **(VI-7)** Uma luta antiga, que abriu espaço para conquistarmos uma PPP diferenciada, contemplando a cultura caiçara. **(VI-8)** Pensamos trabalhar matemática, no processo de confecção das redes de pesca; Biologia, na identificação dos cardumes, com o Barco da Escola; Geografia: passar no costão para ver as formas das rochas e Português, com o vocabulário Caiçara. A proposta é Valorizar as riquezas do que chamam de Marretório, o território do mar. **(VI-9)** Como sou de fora e naturalmente excluída, estranhei quando fui convidada para fazer parte da Associação de Moradores. Tenho poucos amigos em Provetá, mesmo morando aqui, há 7 anos. **(VI-10)** Por mais que eu não concorde com algumas coisas, e que, às vezes, eu seja mais agressivo, na hora de defender alguns ideais, tento manter sempre uma política de colaboração. Meu desejo é que entendam meu	fotografias da praia e também um trabalho com cartazes caiçaras e, desta forma, conseguiu-se espaço no Jornal O Eco. S6 conta que os rearranjos foram acontecendo aos poucos e que foi criado o projeto Voz Ativa, onde foram realizadas entrevistas com os moradores, relembrando lendas, que estão atreladas à história do presídio, geralmente retratando fugas. A comunidade também participa de um projeto de Educação Ambiental, desenvolvido pela Petrobras, que visa o fortalecimento da comunidade, em atendimento aos anseios dos moradores. No ano passado, foi conquistado o título de Escola do Campo, concedido pelo MEC. S6 comenta que se trata de uma luta antiga, que abriu espaço para conquistarem uma PPP - Parceria Pública Privada diferenciada, que contemplasse a cultura caiçara. A escola sempre pensa em novas propostas pedagógicas e a ideia é trabalhar matemática, no processo de confecção das redes de pesca; Biologia, na identificação dos cardumes, com o Barco da Escola; Geografia: passar no costão para ver as formas das rochas e Português, com o vocabulário Caiçara. A proposta da escola é valorizar as riquezas que a comunidade chama de maretório, ou seja, o território do mar. Como S6 é de fora, e, portanto, naturalmente excluída, estranhou quando foi convidada para fazer parte da Associação de Moradores, afirmando ter poucos amigos em Provetá, mesmo morando na vila há 7 anos. S6 confessa que por mais que não concorde com algumas coisas, e que, às vezes, seja mais agressiva, na hora de defender alguns ideais, tenta manter sempre uma política de colaboração. O seu desejo é que entendam seu compromisso de

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
meu compromisso de trabalhar para melhorar a comunidade, lutar junto com eles por direitos.	compromisso de trabalhar para melhorar a comunidade, lutar junto com eles por direitos**. (VI-11)**	trabalhar para melhorar a comunidade e sua luta junto com os moradores por direitos.
Discurso - VII **CTVA:** Olha, me vejo como um guardião da história da cultura da Ilha Grande, porque é um tesouro que eu recebi do pessoal nosso, da nossa ilha e se existe um tesouro enterrado na Ilha Grande o tesouro é esse: é a cultura, a história, a musicalidade, são as danças, o povo daqui, a cultura que se tem aqui esse é o tesouro da ilha. Então, eu como criança nascida na Ilha Grande tive uma infância tranquila, maravilhosa que pude aproveitar o máximo da natureza, das praias e pessoas daqui. Tive uma formação muito boa tanto da minha família quanto das famílias ao redor né, conheço desde criança a cultura a história, sempre estive no meio dos mais velhos, sempre tive curiosidade de saber como era, como é, o que acontece, como funcionava a natureza, as coisas da vida da Ilha Grande, do meu território e isso foi sempre o que muito me interessou desde criança. Conforme o tempo foi passando, eu como a maioria das crianças da Ilha Grande nós fomos criados dentro de famílias católicas né, então frequentávamos a igreja de São Sebastião né, participávamos de tudo o que acontecia em questão de festa, de missa, de batizado, de procissão, tudo a gente estava no meio e eu também não podia estar fora disso. Minha família é católica, eu sempre fui incentivado a participar e conforme o tempo foi passando eu fui me engajando nesse meio, eu fui crescendo ali então eu comecei também a movimentar, fiz a catequese, a primeira	**Unidade de Significado D – VII (Abraão - CT)** **CTVA:** Olha, me vejo como um guardião da história da cultura da Ilha Grande, porque é um tesouro que eu recebi do pessoal nosso, da nossa ilha e se existe um tesouro enterrado na Ilha Grande o tesouro é esse: é a cultura, a história, a musicalidade, são as danças, o povo daqui, a cultura que se tem aqui esse é o tesouro da ilha. **(VII-1)** Então, eu como criança nascida na Ilha Grande tive uma infância tranquila, maravilhosa e pude aproveitar o máximo da natureza, das praias e pessoas daqui. Tive uma formação muito boa tanto da minha família quanto das famílias ao redor né, conheço desde criança a cultura a história, sempre estive no meio dos mais velhos, sempre tive curiosidade de saber como era, como é, o que acontece, como funcionava a natureza, as coisas da vida da Ilha Grande, do meu território e isso foi sempre o que muito me interessou desde criança. **(VII-2)** Conforme o tempo foi passando, eu como a maioria das crianças da Ilha Grande nós fomos criados dentro de famílias católicas né, então frequentamos a igreja de São Sebastião né, participamos de tudo o que acontecia em questão de festa, de missa, de batizado, de procissão, tudo a gente estava no meio e eu também não podia estar fora disso. Minha família é católica, eu sempre fui incentivado a participar e conforme o tempo foi passando eu fui me engajando nesse meio, eu fui crescendo ali então eu comecei também a movimentar, fiz a catequese, a primeira comunhão, essas coisas todas e fui cada vez	**Discurso Articulado Sujeito 7 / S-7** S7 se vê como um guardião da história e da cultura da Ilha Grande. É um tesouro que eu recebi do pessoal nosso, da nossa ilha e se existe um tesouro enterrado na Ilha Grande, o tesouro é esse: é a cultura, a história, a musicalidade, as danças, o povo daqui. A cultura que se tem aqui é o tesouro da ilha. S7 comenta que, como criança nascida na Ilha Grande, teve uma infância tranquila, maravilhosa e que pode aproveitar o máximo da natureza, das praias e pessoas. Teve ótima formação, advinda da sua própria família e também das famílias ao seu redor. Afirma conhecer, desde criança, a cultura, a história e que sempre viveu no meio dos mais velhos, que sempre teve curiosidade de saber como era, como acontecia, como funcionava a natureza, as coisas da vida, da Ilha Grande, do seu território. Conforme o tempo foi passando, S7 como a maioria das crianças da Ilha Grande, foi criado em famílias católicas, frequentando a igreja de São Sebastião e, sobretudo, participando das celebrações e festividades, sempre presente nas missas, batizados e procissões. A família sempre o incentivou a participar e, conforme o tempo foi passando, foi se engajando, fez catequese e primeira comunhão. Até chegar ao ponto de sair em volta da Ilha Grande, ajudando também as outras comunidades e outras igrejas. E como o tempo foi passando, as pessoas ficaram idosas e foram falecendo e as tradições ficaram na cabeça de S7, que refletia sobre quem daria continuidade. Foi o amor de S7 pela Ilha Grande, pelas coisas do lugar que o colocaram neste

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
comunhão, essas coisas todas e fui cada vez mais adentrando naquele meio participando ativamente disso. Até chegar ao ponto de sair em volta da Ilha Grande ajudando também as outras comunidades, as outras igrejas a manter isso. E como o tempo foi passando, claro, é natural as pessoas que mantinham a cultura de antes estarem falecendo, foram morrendo e aquilo ficou na minha cabeça: quando não tiver mais ninguém dessa turma o que vai ser disso tudo? Porque é uma coisa que eu gosto, isso eu pensava lá atrás. Tanto o meu amor pela Ilha Grande, pelas coisas daqui me colocaram no meu lugar, mas também o povo me colocou aqui e quanto mais eu ia fazendo as coisas, mais eu ia realizando esses projetos que poderiam ter se acabado há muito tempo e não se acabaram, as pessoas foram incentivando para que o mantivesse isso para que continue. Faz, porque está bem feito! Faz, porque nós precisamos disso. Muitos me ajudaram nisso, me ajudaram a fazer coisas que eu não sabia que sabia fazer. Então a vida foi me colocando nesse lugar. Eu não quero que isso acabe. Isso é o meu mundo, é meu universo. Eu não me vejo fora disso. Eu não me vejo sem fazer uma festa junina, sem fazer um forró, sem fazer a folia de reis. Eu fico imaginando se eu tiver que para 1 ano, nossa! Vai ser uma eternidade, se eu ficar um ano sem fazer isso. Isso aconteceu né no caso. Sobre a festa junina e a realização do casamento é uma coisa que enche a minha alma, nem é o coração porque o coração é pouco. Enche todo o ser. Principalmente esse evento do casamento porque já faziam alguns anos que essa brincadeira de casamento antes da quadrilha não acontecia. Fazia	mais adentrando naquele meio participando ativamente disso. **(VII-3)** Até chegar ao ponto de sair em volta da Ilha Grande ajudando também as outras comunidades, as outras igrejas a manter isso. E como o tempo foi passando, claro, é natural as pessoas que mantinham a cultura de antes estarem falecendo, foram morrendo e aquilo ficou na minha cabeça: quando não tiver mais ninguém dessa turma o que vai ser disso tudo? Porque é uma coisa que eu gosto, isso eu pensava lá atrás. **(VII-4)** Tanto o meu amor pela Ilha Grande, pelas coisas daqui me colocaram no meu lugar, mas também o povo me colocou aqui e quanto mais eu ia fazendo as coisas, mais eu ia realizando esses projetos que poderiam ter se acabado há muito tempo e não se acabaram, as pessoas foram incentivando para que o mantivesse isso para que continue. **(VII-5)** Faz, porque está bem feito! Faz, porque nós precisamos disso. Muitos me ajudaram nisso, me ajudaram a fazer coisas que eu não sabia que sabia fazer. Então a vida foi me colocando nesse lugar. Eu não quero que isso acabe. Isso é o meu mundo, é meu universo. Eu não me vejo fora disso. Eu não me vejo sem fazer uma festa junina, sem fazer um forró, sem fazer a folia de reis. Eu fico imaginando se eu tiver que para 1 ano, nossa! Vai ser uma eternidade, se eu ficar um ano sem fazer isso. Isso aconteceu né no caso. **(VI-6)** Sobre a festa junina e a realização do casamento é uma coisa que enche a minha alma, nem é o coração porque o coração é pouco. Enche todo o ser. Principalmente esse evento do casamento porque já faziam alguns anos que essa brincadeira de casamento antes da quadrilha não acontecia. Fazia acho que 5 ou 6 anos que não se fazia isso e quando tiveram a ideia de realizar de novo o	lugar de guardião. Conquistou o povo da Ilha e quanto mais ele se dedicava, realizava os projetos importantes para a comunidade, conquistando melhorias para todos. Muitos o ajudaram, em seu propósito de fazer coisas que não sabia que sabia fazer. Então a vida foi colocando S7 nesse lugar. S7 não quer que isso acabe. Isso é o universo dele. Ele não se vê sem estar organizando uma festa junina, um forró ou uma Folia de Reis. S7 conta sobre a festa junina e a realização do casamento caipira é uma coisa que enche sua alma e coração ou, como ele mesmo diz, enche todo o seu ser. Ele sentiu muita falta da tradicional brincadeira, que ficou fora das festividades por muitos anos. Há cerca de 6 anos, quando a tradição voltou a fazer parte dos festejos, S7 foi um dos participantes mais animado, representando o padre. Deram a ideia e ele disse vamos! Ele topou em nome da tradição, história e cultura da Ilha Grande. S7 possui lembranças de como ficavam de 3 a 4 dias preparando a festa e que todo mundo já sabia o que fazer. Hoje precisa ensaiar, antigamente não precisava, cada um sabia o seu papel e ele se lembra do pessoal preparando esse casamento e preparando um carro para levar a noiva até a igreja e as pessoas, assim. muito risonhas, empolgadas. Ah, vamos pendurar tal coisa no carro da noiva, vamos pendurar um cacho de banana, vamos pendurar uma chaleira velha, vamos pendurar uma roupa velha, para simbolizar que isso é o presente da noiva e aquele carro todo enfeitado de tralha e o pessoal cantando. Era uma farra, uma brincadeira muito divertida e segundo relato de S7, quando ele fazia essas coisas, voltavam as lembranças, se enchia de felicidade e considera que não tem nada no mundo que pague isso. De acordo com S7, estão tirando a cor anterior da igreja, estão fazendo uma reforma porque disseram que na torre

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
acho que 5 ou 6 anos que não se fazia isso e quando tiveram a ideia de realizar de novo o casamento, eu fiquei muito feliz. Claro, me colocaram no meio logo como padre né. Deram a ideia e eu falei vamos! Eu topo se é para manter viva a tradição, a história e a cultura da Ilha Grande eu topo qualquer parada. Eu tô aí! Não me interessa se eu vou ter tempo, eu vou arranjar um tempo para fazer e eu fiquei muito feliz de fazer porque eu lembrei dos casamentos que eu vi antigamente quando eu era criança e eram outras pessoas que faziam e era uma coisa assim muito engraçada, muito divertida, tinha toda uma atmosfera que se criava, uma atmosfera divertida. Eu lembro de cenas assim de criança, ficavam preparando uma festa três a quatro dias antes e todo mundo já sabia o que tinha que fazer. Era uma coisa assim que não precisava de ensaio. Hoje a gente precisa ensaiar, antigamente não precisava, cada um sabia o seu papel e eu lembro do pessoal preparando esse casamento e preparando um carro para levar a noiva até a igreja e as pessoas assim muito risonhas, empolgadas. Ah, vamos pendurar tal coisa no carro da noiva, vamos pendurar um cacho de banana, vamos pendurar uma chaleira velha, vamos pendurar uma roupa velha para simbolizar que isso é o presente da noiva e aquele carro todo enfeitado de tralha e o pessoal cantando. Era uma farra, é uma brincadeira muito divertida e eu quando faço essas coisas, eu volto totalmente lá atrás isso me enche totalmente de uma tal forma que não tem nada no mundo que pague isso. Eles estão tirando a cor anterior, estão fazendo uma reforma porque disseram que na torre da igreja havia uma rachadura, o que eu não acredito, porque aquela torre foi muito bem construída. Foi construída pelos presos. Aquela torre demorou uns 5 anos para ficar pronta, porque ela não ficava pronta de jeito nenhum.	casamento, eu fiquei muito feliz. Claro, me colocaram no meio logo como padre né. Deram a ideia e eu falei vamos! Eu topo se é para manter viva a tradição, a história e a cultura da Ilha Grande eu topo qualquer parada. Eu tô aí! Não me interessa se eu vou ter tempo, eu vou arranjar um tempo para fazer e eu fiquei muito feliz de fazer porque eu lembrei dos casamentos que eu vi antigamente quando eu era criança e eram outras pessoas que faziam e era uma coisa assim muito engraçada, muito divertida, tinha toda uma atmosfera que se criava, uma atmosfera divertida. **(VI-7)** Eu lembro de cenas assim de criança, ficavam preparando uma festa três a quatro dias antes e todo mundo já sabia o que tinha que fazer. Era uma coisa assim que não precisava de ensaio. Hoje a gente precisa ensaiar, antigamente não precisava, cada um sabia o seu papel e eu lembro do pessoal preparando esse casamento e preparando um carro para levar a noiva até a igreja e as pessoas assim muito risonhas, empolgadas. Ah, vamos pendurar tal coisa no carro da noiva, vamos pendurar um cacho de banana, vamos pendurar uma chaleira velha, vamos pendurar uma roupa velha para simbolizar que isso é o presente da noiva e aquele carro todo enfeitado de tralha e o pessoal cantando. Era uma farra, é uma brincadeira muito divertida e eu quando faço essas coisas, eu volto totalmente lá atrás isso me enche totalmente de uma tal forma que não tem nada no mundo que pague isso. **(VI-8)** Eles estão tirando a cor anterior, estão fazendo uma reforma porque disseram que na torre da igreja havia uma rachadura, o que eu não acredito, porque aquela torre foi muito bem construída. Foi construída pelos presos. Aquela torre demorou uns 5 anos para ficar pronta, porque ela não ficava pronta de jeito nenhum. Às vezes ela pendia para um lado, para outro, até que conseguiram de maneira certa e edificaram a torre bem-feita. A igreja é toda feita	da igreja havia uma rachadura, o que ele não acredita, porque aquela torre foi muito bem construída. Foi construída pelos presos. A torre demorou uns 5 anos para ficar pronta, porque ela não ficava pronta de jeito nenhum, até que de tanto persistirem deu certo. igreja é toda feita de tijolo dobrado e são tijolos fabricados na Ilha Grande. Nada veio de fora, foi tudo fabricado no presídio, na Olaria que tinha ali, acima do campo de futebol, onde antigamente era o cemitério da Vila. S7 comenta que, se pintarem a igreja novamente de sua cor original, o branco, até voltará a frequentar a missa. O rearranjo foi feito, mas S7 acredita que o novo padre faz parte da mesma turma, que afastou muitos fiéis da igreja. S7 não frequenta mais, perdeu a vontade, porque a igreja sofreu modificações significativas, como a colocação da grade. Ele conta que estava trabalhando, na época, ali na pizzaria da praça, como sanfoneiro e os turistas tinham costume de dançar no pátio da igreja, porque é um lugar bom. Até porque, segundo seu relato, o pátio também foi feito para isso, para as festas. Só que, durante a madrugada, o que já não tinha nada a ver com seu trabalho, o pessoal que bebia na praça deixava latinhas de cerveja na porta da igreja e muitos também acabam urinando na porta da igreja, aliás nas duas portas: na frente e na lateral, mas isso acontecia porque, infelizmente, o respeito não existe mais, nem dentro da igreja e, como S7 trabalhou ali, afirma que no seu tempo, isso não acontecia. S7 conta que sua mãe era empregada doméstica e que seu pai veio do Rio de Janeiro e que ele estudou na casa de pessoas que trabalhavam no presídio, frequentava e sempre contavam que, no dia de São Jorge, os oficiais, tanto vinham do Rio de Janeiro, como de Angra, todos com roupa de gala para a Vila. Metade da procissão era a cavalo, com a banda de

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Às vezes ela pendia para um lado, para outro, até que conseguiram de maneira certa e edificaram a torre bem-feita. A igreja é toda feita de tijolo dobrado né. Tijolos feitos, fabricados aqui na Ilha Grande. Nada veio de fora, foi tudo fabricado no presídio, na Olaria que tinha que era ali em cima do campo de futebol, onde antigamente era o cemitério da Vila. Então aquilo tudo foi construído muito bem feito, então eu não acredito que tenha rachadura naquilo ali. Mas até agora de todos esses anos, o melhor serviço que eles fizeram foi esse de reformar pelo menos a fachada da igreja. Se voltar o branco, eu acho que eu até volto. Vou até lá assistir uma missa. Agora botaram outro padre, mas é todo mundo da mesma turma. Parei de frequentar. Sinto muita falta do que era antigamente. O de agora eu não tenho vontade nenhuma. Ah, nossa que vontade de ir lá na igreja, eu não tenho. Não tenho porque eu vou entrar lá e não vou ver nada do que era, não vou ver o meu povo, não vou ver minha gente, não vou ouvir os meus cantos que eu aprendi desde criança a cantar, que os antigos cantavam. Não tem mais nada! A grade foi a seguinte: a grade, eu estava trabalhando na época ali na pizzaria da praça. Eu sou sanfoneiro e fazia um forró ali. Então o pessoal tinha costume de dançar ali naquele pátio da igreja, porque é um lugar bom. Até porque o pátio da igreja também foi feito para isso, para as festas. Só que durante a madrugada, o que já não tinha nada a ver com o meu trabalho, o pessoal que bebia na praça deixava latinhas de cerveja na porta da igreja muitos também acabavam urinando na porta da igreja, nas duas portas: na frente e na	de tijolo dobrado né. Tijolos feitos, fabricados aqui na Ilha Grande. Nada veio de fora, foi tudo fabricado no presídio, na Olaria que tinha que era ali em cima do campo de futebol, onde antigamente era o cemitério da Vila. Então aquilo tudo foi construído muito bem feito, então eu não acredito que tenha rachadura naquilo ali. Mas até agora de todos esses anos, o melhor serviço que eles fizeram foi esse de reformar pelo menos a fachada da igreja. **(VII- 9)** Se voltar o branco, eu acho que eu até volto. Vou até lá assistir uma missa. **(VII-10)** Agora botaram outro padre, mas é todo mundo da mesma turma. **(VII-11)** Parei de frequentar. Sinto muita falta do que era antigamente. O de agora eu não tenho vontade nenhuma. Ah, nossa que vontade de ir lá na igreja, eu não tenho. Não tenho porque eu vou entrar lá e não vou ver nada do que era, não vou ver o meu povo, não vou ver minha gente, não vou ouvir os meus cantos que eu aprendi desde criança a cantar, que os antigos cantavam. Não tem mais nada! **(VII-12)** A grade foi a seguinte: a grade, eu estava trabalhando na época ali na pizzaria da praça. Eu sou sanfoneiro e fazia um forró ali. Então o pessoal tinha costume de dançar ali naquele pátio da igreja, porque é um lugar bom. Até porque o pátio da igreja também foi feito para isso, para as festas. Só que durante a madrugada, o que já não tinha nada a ver com o meu trabalho, o pessoal que bebia na praça deixava latinhas de cerveja na porta da igreja muitos também acabavam urinando na porta da igreja, nas duas portas: na frente e na lateral, mas isso acontece porque infelizmente o respeito já não parte mais de dentro da	Mangaratiba tocando. Tanto a banda de Mangaratiba, como a banda do presídio, a banda da Polícia Militar, traziam até um parque de diversão para as crianças, com roda gigante e carrossel. Oficiais e também os presos de boa conduta desciam para assistir à missa de São Jorge, no dia 23 de abril, com queima de fogos. S7 pretende retomar as novenas e orações nas casas dos doentes, porque as pessoas sentem falta. As igrejas evangélicas aumentaram, na ilha Grande, porque a igreja católica está em conflito e abriu espaço. Como o padre não se interessou em se aproximar das ovelhas, a igreja católica foi perdendo terreno. De acordo com S7, a Praia das Palmas pertence à igreja de São Benedito e também está largada às traças. S7 esteve lá, ano passado, fazendo um evento de forró. Como os padres abandonaram estas comunidades, S7 acaba ocupando estes espaços. Antes ele ia todo sábado a pé ou de carona, em uma embarcação. Lamenta não poder ir mais, com tanta frequência, pois também precisa cumprir seus próprios compromissos. S7 se considera feliz, mesmo rodeado de tantos conflitos, neste território que considera um Paraíso. Na sua concepção, é um outro mundo, é um universo todo diferente. Sobre Dois Rios e a administração da UERJ, S7 faz severas críticas. Afirma que a única coisa que eles mantiveram foi um carro, que sobe e desce para o pessoal da Vila, como se aquela gente tivesse que agradecer a eles, de joelhos por isso. Afinal, é um dever deles, já que tomam conta. S7 acha que lá deveriam existir locais para que a comunidade possa trabalhar, como pousadas e restaurantes e que a instituição responsável deve arrumar as luzes, cuidar e pintar as casas. Derrubaram o presídio e o

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
lateral, mas isso acontece porque infelizmente o respeito já não parte mais de dentro da igreja e eu trabalhei ali e posso dizer aqui no meu tempo isso não acontecia. A minha mãe era empregada doméstica e meu pai veio do Rio de Janeiro, mas eu estudei na casa de pessoas que trabalhavam no presídio, frequentava e sempre contavam que no dia de São Jorge os oficiais tanto vinham do Rio de Janeiro, como de Angra, vinham todos com roupa de gala para a Vila. Metade da procissão era a cavalo. Banda de Mangaratiba para tocar. Tanto a banda de Mangaratiba, como a banda do presídio também, a banda da polícia militar, eles faziam até um parque de diversão para as crianças com roda, com aquelas coisas de parquinho de diversão que eu esqueci o nome. Carrossel essas coisas todas eles faziam para a comunidade e eles eram responsáveis pela procissão de São Jorge, todos de traje de gala e todos saíam na procissão. Oficiais e também os presos de boa conduta desciam para assistir à missa de São Jorge no dia 23 de abril e faziam queima de fogos, faziam tudo de São Jorge e eu peguei essa devoção tanto deles, como minha também particular né. Agora a gente estava pretendendo começar antes do Natal né, mas está difícil toda essa situação ainda de doença, essas coisas todas. Talvez a gente comece a partir de janeiro em diante, aos poucos realizando as novenas, as orações nas casas dos doentes, dos idosos e aos poucos a gente vai retomando essa nossa comunidade porque tem muita gente que sente falta, muita gente que quer frequentar. Gente de dentro e de fora, que passa e pergunta Olha sobre igrejas evangélicas, aumentou bastante, porque se eles veem uma igreja que está em conflito	igreja e eu trabalhei ali e posso dizer aqui no meu tempo isso não acontecia. **(VII-13)** A minha mãe era empregada doméstica e meu pai veio do Rio de Janeiro, mas eu estudei na casa de pessoas que trabalhavam no presídio, frequentava e sempre contavam que no dia de São Jorge os oficiais tanto vinham do Rio de Janeiro, como de Angra, que vinham todos com roupa de gala para a Vila. Metade da procissão era a cavalo. Banda de Mangaratiba para tocar. Tanto a banda de Mangaratiba, como a banda do presídio também, a banda da polícia militar, eles faziam até um parque de diversão para as crianças com roda, com aquelas coisas de parquinho de diversão que eu esqueci o nome. Carrossel essas coisas todas eles faziam para a comunidade e eles eram responsáveis pela procissão de São Jorge, todos de traje de gala e todos saiam na procissão. Oficiais e também os presos de boa conduta desciam para assistir à missa de São Jorge no dia 23 de abril e faziam queima de fogos, faziam tudo de São Jorge e eu peguei essa devoção tanto deles, como minha também particular né. **(VII-14)** Agora a gente estava pretendendo começar antes do Natal né, mas está difícil toda essa situação ainda de doença, essas coisas todas. Talvez a gente comece a partir de janeiro em diante, aos poucos realizando as novenas, as orações nas casas dos doentes, dos idosos e aos poucos a gente vai retomando essa nossa comunidade porque tem muita gente que sente falta, muita gente que quer frequentar. Gente de dentro e de fora, que passa e pergunta. **(VII-15)** Olha sobre igrejas evangélicas, aumentou bastante, porque se eles veem uma igreja que está em conflito vamos dizer assim, isso não ajuda em nada né, mas cresceu muito o número de pessoas hoje que moram na ilha né e isso partindo de lá de dentro da própria igreja foi	restante, que ficou de pé, a natureza acabou de finalizar. Muitos turistas têm curiosidade de saber a história e S7 sempre se prontifica a mostrar e explicar.

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
vamos dizer assim, isso não ajuda em nada né, mas cresceu muito o número de pessoas hoje que moram na ilha né e isso partindo de lá de dentro da própria igreja foi uma coisa que não é exemplar, mas por outro lado, o dever dele como padre, como sacerdote que é o que eu aprendi tanto na catequese, como com outros padres, é que o padre, ele tem o dever de procurar suas ovelhas e o rebanho não estava distante, está na mesma Vila no mesmo lugar e ficou no mesmo lugar durante anos. Praia das Palmas está ali, a igreja de São Benedito também está largada às traças. Eu estive lá ano passado fazendo um evento de forró e uma das senhoras de lá falou: que há quanto tempo você não vem aqui rezar um terço com a gente! Eu não posso mais, eu trabalho. Não, mas você tem que vir assim mesmo porque o padre aqui também não vem, só vem uma vez no ano e olhe lá! E eu ia todo sábado eu ia a pé. Tinha um senhor que era dono de embarcação e disse: quando você quiser ir para Palmas você não precisa ir a pé você tem o meu barco o meu barco leva você e traz você. Quando ele vai para o passeio, ele leva você e quando ele voltar ele traz você de novo. Mas eu daria um jeito por que eu amo tanto que eu iria. Se eu tivesse hoje em dia com toda a correria da minha vida, fazer forró de um lado e do outro, trabalhar e correr atrás das minhas coisas eu iria. Se tivesse que ir a pé, se não tivesse carro, como não tinha carro muitas vezes para eu ir pra Dois Rios eu ia a pé e voltava a pé. Ia no domingo, às vezes 2, 3 vezes no mês à Dois Rios. Todo sábado eu ia à Palmas para rezar com o pessoal de lá. Cheguei a ir em Lopes Mendes ainda quando ainda tinha família, pouquinhas	uma coisa que não é exemplar, mas por outro lado, o dever dele como padre, como sacerdote que é o que eu aprendi tanto na catequese, como com outros padres, é que o padre, ele tem o dever de procurar suas ovelhas e o rebanho não estava distante, está na mesma Vila no mesmo lugar e ficou no mesmo lugar durante anos. **(VII-16)** Praia das Palmas está ali, a igreja de São Benedito também está largada às traças. Eu estive lá ano passado fazendo um evento de forró e uma das senhoras de lá falou: que há quanto tempo você não vem aqui rezar um terço com a gente! Eu não posso mais, eu trabalho. Não, mas você tem que vir assim mesmo porque o padre aqui também não vem, só vem uma vez no ano e olhe lá! **(VII- 17)** E eu ia todo sábado eu ia a pé. Tinha um senhor que era dono de embarcação e disse: quando você quiser ir para Palmas você não precisa ir a pé você tem o meu barco o meu barco leva você e traz você. Quando ele vai para o passeio, ele leva você e quando ele voltar ele traz você de novo. **(VII-18)** Mas eu daria um jeito porque eu amo tanto que eu iria. Se eu tivesse hoje em dia com toda a correria da minha vida, fazer forró de um lado e do outro, trabalhar e correr atrás das minhas coisas eu iria. Se tivesse que ir a pé, se não tivesse carro, como não tinha carro muitas vezes para eu ir pra Dois Rios eu ia a pé e voltava a pé. Ia no domingo, às vezes 2, 3 vezes no mês à Dois Rios. Todo sábado eu ia à Palmas para rezar com o pessoal de lá. Cheguei a ir em Lopes Mendes ainda quando ainda tinha família, pouquinhas famílias morando lá. Eram 5 pessoas só que queriam, mas eu ia. **(VII-19)** Com todos esses conflitos, com toda essa baderna que está por aí, toda essa tristeza que eu vejo aí nessa igreja,	

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
famílias morando lá. Eram 5 pessoas só que queriam, mas eu ia. Com todos esses conflitos, com toda essa baderna que está por aí, toda essa tristeza que eu vejo aí nessa igreja, eu sou feliz. Isso aqui é um paraíso, um universo paralelo, não faz parte do Brasil, não faz parte de Angra dos Reis, não faz parte do mundo. Ilha Grande é outra coisa. É outro mundo, é um universo todo diferente principalmente quando a gente está ligada à história. Uma tristeza de vida! Não se faz nada. Como dizia a minha avó: não se faz nada, nada se faz. Só serve para ficar ali. O que acrescenta na vida? Nada, eu não vejo nada. A única coisa que eles mantiveram foi um carro que sobe e desce para o pessoal da Vila, como se a gente tivesse que agradecer a eles de joelhos por isso. É um dever deles, obrigação deles se eles tomaram conta, eles têm que fazer. Agora, tomar conta é fazer alguma coisa. Porque não coloca, não se faz lá coisa para o povo trabalhar, tem muita coisa para se fazer gente. Porque o povo só pensa em ganhar dinheiro, ganhar dinheiro, tanto dinheiro, vai todo mundo morrer. Vai ficar tudo para trás, você vai levar o quê, nada! Sem nada você veio ao mundo, sem nada você sai dele, fica tudo para trás só para os outros brigarem e criarem contento. Então porque não vai lá cria lá uma pousada, um restaurante, hotéis. É um lugar tão bonito, que as pessoas gostam tanto de lá. Manda arrumar aquelas luzes, manda pintar aquelas casas de novo, dá trabalho para o povo de lá. Tem o que se fazer, tem! Não tem é quem queira fazer que é um lugar que dá	eu sou feliz. Isso aqui é um paraíso, um universo paralelo, não faz parte do Brasil, não faz parte de Angra dos Reis, não faz parte do mundo. Ilha Grande é outra coisa. **(VII- 20)** É outro mundo, é um universo todo diferente principalmente quando a gente está ligada à história. **(VII- 21)** Uma tristeza de vida! Não se faz nada. Como dizia a minha avó: não se faz nada, nada se faz. Só serve para ficar ali. O que acrescenta na vida? Nada, eu não vejo nada. A única coisa que eles mantiveram foi um carro que sobe e desce para o pessoal da Vila, como se a gente tivesse que agradecer a eles de joelhos por isso. É um dever deles, obrigação deles se eles tomaram conta, eles têm que fazer. Agora, tomar conta é fazer alguma coisa. **(VII -22)** Porque não coloca, não se faz lá coisa para o povo trabalhar, tem muita coisa para se fazer gente. Porque o povo só pensa em ganhar dinheiro, ganhar dinheiro, tanto dinheiro, vai todo mundo morrer. Vai ficar tudo para trás, você vai levar o quê, nada! Sem nada você veio ao mundo, sem nada você sai dele, fica tudo para trás só para os outros brigarem e criarem contento. Então porque não vai lá cria lá uma pousada, um restaurante, hotéis. É um lugar tão bonito, que as pessoas gostam tanto de lá. Manda arrumar aquelas luzes, manda pintar aquelas casas de novo, dá trabalho para o povo de lá. Tem o que se fazer, tem! Não tem é quem queira fazer que é um lugar que dá para se ganhar muita coisa e ganhar dinheiro também com isso. **(VII / 23)** O Presídio daqui derrubaram e o que ficou em pé a natureza terminou de derrubar. Agora, é um lugar também bonito. Por que não limpa o pouco que se restou, limpar aquele lugar. Eu, de vez em quando encontro com	

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
para se ganhar muita coisa e ganhar dinheiro também com isso. O Presidio daqui derrubaram e o que ficou em pé a natureza terminou de derrubar. Agora, é um lugar também bonito. Por que não limpa o pouco que se restou, limpar aquele lugar. Eu, de vez em quando encontro com pessoas que perguntam: moço, você mora aqui? Eu já levei um grupo de São Paulo uma vez lá para conhecer a praia Preta, conhecer o que foi aquilo ali. Eles queriam conhecer e eu mostrei lugares assim... eles já tinham passado por lá. Aí eu levei eles na praia Preta. Eles falaram: nós já fomos por lá. Não, mas vocês vão conhecer a praia Preta pelo que ela era e a história dela. Outra coisa!! Eu levei eles em lugares que eles passaram assim ó!	pessoas que perguntam: moço, você mora aqui? Eu já levei um grupo de São Paulo uma vez lá para conhecer a praia Preta, conhecer o que foi aquilo ali. Eles queriam conhecer e eu mostrei lugares assim... eles já tinham passado por lá. Aí eu levei eles na praia Preta. Eles falaram: nós já fomos por lá. Não, mas vocês vão conhecer a praia Preta pelo que ela era e a história dela. Outra coisa!! Eu levei eles em lugares que eles passaram assim ó! **(VII /24)**	
Discurso - VIII **NCVA:** Mas o presídio daqui eu tenho que admitir, que foi um exemplo de presídio em relação aos de hoje. Porque aqui, veja, durante o dia, o cara trabalhava aqui, nos serviços gerais, o preso. Ou então, do outro lado, trabalhava na lavoura. Era agricultura isso, né? E durante a noite, o cara era recolhido. Os presos complicados, que eram de uma perversidade meio exagerada, então esses caras talvez fossem até botados numa cela, etc. Mas, de forma geral, o preso, e o que tinha bom comportamento, ele vinha até as festas da comunidade aqui, porque eles tinham uma banda de presidiários que tocavam nas festas aqui. Graciliano ficou aqui 18 dias. Inclusive, me consta aqui, que ele chegou aqui embriagado e tomou outro porre e foi embora. Isso me contaram gente que é história viva. Porque não faz muito tempo isso. Então,	**Unidade de Significado D - VIII (Abraão - NC)** **NCVA:** Mas o presídio daqui eu tenho que admitir, que foi um exemplo de presídio em relação aos de hoje. Porque aqui, veja, durante o dia, o cara trabalhava aqui, nos serviços gerais, o preso. Ou então, do outro lado, trabalhava na lavoura. Era agricultura isso, né? E durante a noite, o cara era recolhido. Os presos complicados, que eram de uma perversidade meio exagerada, então esses caras talvez fossem até botados numa cela, etc. Mas, de forma geral, o preso, e o que tinha bom comportamento, ele vinha até as festas da comunidade aqui, porque eles tinham uma banda de presidiários que tocavam nas festas aqui. **(VIII -1)** Graciliano ficou aqui 18 dias. Inclusive, me consta aqui, que ele chegou aqui embriagado e tomou outro porre e foi embora. Isso me contaram gente que é história viva. Porque não faz muito tempo isso. Então, na verdade, ele	**Discurso Articulado Sujeito 8 / S-8** S8 diz que o presídio da Ilha Grande foi um exemplo. Os presos trabalhavam em serviços gerais ou na lavoura, durante o dia e eram recolhidos à noite. Relata que somente os presos complicados eram colocados em celas. De forma geral, o preso que apresentava bom comportamento, participava até das festas da comunidade. Contrariando a muitas teorias, S8 afirma, veementemente, que o escritor Graciliano Ramos foi um preso comum, que ficou na Ilha apenas 18 dias e que chegou embriagado e tomou outro porre, quando foi embora. Não sofreu maus tratos na Ilha, pois sua passagem foi meteórica. Conta que os presos acabavam se casando na Ilha e por isso não queriam ser soltos, pois tinham muitas regalias. Na concepção de S8, o presídio educava os que lá cumpriam suas penas e ao longo de suas investigações concluiu que o

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
na verdade, ele foi um preso comum. No próprio filme, se você olhar, não tem nada de maus tratos com ele na Ilha Grande. Tinha algumas promiscuidades lá que ele não gostava e tal. Eu vi o filme também. Não vi nada de mais contra ele. Só que como ele escreveu as memórias do cárcere relatando a vida dele, que foi muito, muito complicada em outras partes. Aqui na Ilha, não. Foi uma passagem muito curta. Não me consta nada que ele foi maltratado aqui, não. Foi um preso comum. Então, voltando à coisa do presídio. O presídio educava. E eu conheci muitos presos que ficaram na Ilha. Inclusive, gente com nível superior que casou com gente daqui. Morreu há pouco tempo. Até o marido da Neuzeli foi preso. E muitos deles choraram quando foram embora, porque eles não queriam ir embora daqui. Eles não queriam sair do presídio. Porque aqui eles trabalhavam fora. Eles tomavam sol o dia inteiro. Eles tinham certas regalias. Quando o cara era bom, ele tinha muitas regalias. Não me assustei só porque eu sabia que havia esse vínculo com a polícia. E a polícia tinha também esse lado social um pouco exacerbado, como todo militar, né? Então, aí... E eu acho que ele era descendente de policial também, ou era policial, não sei. Mas é... Eu não condeno nada disso. Eu estou só falando como é que passou isso. Porque, talvez, se eu fosse como eles aqui, assim, seria eu mesmo. Seria produto desse meio, né? E para eles era bom. E agora Provetá está tendo problemas de tudo que é tipo, porque está começando a entrar droga, um monte de coisa e tal. Então, tem problema de tudo que é tipo lá. É verdade. Aqui também tem uma igreja católica e tem, acho que, cinco evangélicas. Mas elas vivem mais ou menos em harmonia aqui. Não tem grande problema, porque aqui, localmente no mundo, se	foi um preso comum. No próprio filme, se você olhar, não tem nada de maus tratos com ele na Ilha Grande. Tinha algumas promiscuidades lá que ele não gostava e tal. Eu vi o filme também. Não vi nada de mais contra ele. Só que como ele escreveu as memórias do cárcere relatando a vida dele, que foi muito, muito complicada em outras partes. Aqui na Ilha, não. Foi uma passagem muito curta. Não me consta nada que ele foi maltratado aqui, não. Foi um preso comum. Então, voltando à coisa do presídio. O presídio educava. E eu conheci muitos presos que ficaram na Ilha. Inclusive, gente com nível superior que casou com gente daqui. Morreu há pouco tempo. Até o marido da Neuzeli foi preso. E muitos deles choraram quando foram embora, porque eles não queriam ir embora daqui. Eles não queriam sair do presídio. Porque aqui eles trabalhavam fora. Eles tomavam sol o dia inteiro. Eles tinham certas regalias. Quando o cara era bom, ele tinha muitas regalias. **(VIII-2)** Não me assustei só porque eu sabia que havia esse vínculo com a polícia. E a polícia tinha também esse lado social um pouco exacerbado, como todo militar, né? Então, aí... E eu acho que ele era descendente de policial também, ou era policial, não sei. Mas é... Eu não condeno nada disso. Eu estou só falando como é que passou isso. Porque, talvez, se eu fosse como eles aqui, assim, seria eu mesmo. Seria produto desse meio, né? E para eles era bom. **(VIII-3)** E agora Provetá está tendo problemas de tudo que é tipo, porque está começando a entrar droga, um monte de coisa e tal. Então, tem problema de tudo que é tipo lá. É verdade. Aqui também tem uma igreja católica e tem, acho que, cinco evangélicas. Mas elas vivem mais ou menos em harmonia aqui. Não tem grande problema, porque aqui, localmente no mundo, se discute o mesmo	presídio funcionava bem na Ilha Grande. Ele afirma ter conhecido muitos presos que ficaram na Ilha e inclusive se casaram com gente de nível superior, e que uma dessas pessoas morreu há pouco tempo. Outros presos choravam quando cumpriam a pena, pois não queriam sair da ilha e nem do presídio. S8 afirma que Provetá, que é uma comunidade praticamente toda evangélica, está tendo problemas com drogas. Em Abraão, católicos e evangélicos vivem em completa harmonia. S8 acha que na Ilha Grande não tem mais uma identidade cultural, que se tornou multicultural, devido à mistura de caiçaras com a nova comunidade. O caiçara precisa abraçar suas causas e, se não faz isso, não são os de fora que vão fazer. Para S8, os jovens de hoje não se preocupam com a cultura caiçara e valorizar esta cultura local, em seu pensamento, seria um grande atrativo turístico. Outrora, no cais, os caiçaras promoviam danças de roda, para receber turistas e hoje, somente a capoeira é preservada. A capoeira se enraizou, na Ilha, na época do presídio, porque era proibida, no Rio de Janeiro. Inclusive, muitos eram aprisionados, na Ilha, por praticar o esporte. S8 tem opiniões controversas em relação ao que se apresenta, nos livros e artigos, sobre a História da Ilha Grande. Diz que o comando vermelho é invenção de políticos e que os presos políticos jamais se misturaram com os presos comuns, porque tinham medo. Na concepção de S8, muitas histórias foram inventadas e aumentadas, de modo a potencializar os acontecimentos. S8 se retirou de cena, por estar cansado e por considerar que já contribuiu o suficiente. Faz dois anos que o S8 se retirou completamente. Primeiro, porque na visão da comunidade, quando um cara era bem-sucedido, e S8 era bem-sucedido, era chamado para tudo. Ele trabalhava tanto, com

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
discute o mesmo Deus em sítios diferentes. Já viu? É verdade. É muito sério. Eu diria que não tem identidade cultural, mas não. Então, pelo que me parece, eu digo que a ilha é multicultural. Já há muito tempo. Multicultural. Não vejo o quê? Porque se o Caiçara não abraçar essa ideia, o cara de fora já não abraça mais. Porque havia um grupo enorme de fora abraçando essa ideia. Só que esse grupo de fora já estão todos velhos. Largaram porque tem que largar para o jovem também. E o jovem de hoje não está voltado para a cultura caiçara, não. Mas nem um pouquinho. Então, eu não vejo o que seria possível disso. Isso seria um grande atrativo turístico. Nós fazíamos dança de roda no cais para o turista naquela época. Era o que eles queriam ver. Porque a música americana, não sei mais o que... Samba, ele vai ver no Rio. Axé, não sei o quê, ele vai ver na Bahia. Aqui ele quer ver. Que cultura que tem aqui? E a dança de roda, a gente fazia no cais e tal. Uma coisa que se mantém na ilha é a capoeira. E a capoeira tem uma origem muito forte aqui porque os primeiros presos do presídio vieram por causa da capoeira que era proibida no Rio. Jogavam a capoeira lá e vinham para cá presos. Porque aqui se vende uma imagem negativa do presídio. Eu fui tirar a minha imagem negativa quando fui estudar no presídio. Quando fui estudar o presídio, escutei um e escutei outro. Cara, o presídio tinha seus barbarismos naturais. Mas, de forma geral, era uma forma de educar interessante. Só falta trabalhar fora durante o dia, todo preso trabalhava. E só era preso lá para não sair. Era um cara que era perigoso. Enfim, sei lá. Problemas que não podia estar. Mas os outros não, vinham aqui e trabalhavam durante o dia.	Deus em sírios diferentes. Já viu? É verdade. É muito sério. **(VIII-4)** Eu diria que não tem identidade cultural, mas não. Então, pelo que me parece, eu digo que a ilha é multicultural. Já há muito tempo. Multicultural. Não vejo o quê? Porque se o Caiçara não abraçar essa ideia, o cara de fora já não abraça mais. Porque havia um grupo enorme de fora abraçando essa ideia. Só que esse grupo de fora já estão todos velhos. Largaram porque tem que largar para o jovem também. E o jovem de hoje não está voltado para a cultura caiçara, não. Mas nem um pouquinho. Então, eu não vejo o que seria possível disso. Isso seria um grande atrativo turístico. Nós fazíamos dança de roda no cais para o turista naquela época. Era o que eles queriam ver. Porque a música americana, não sei mais o que... Samba, ele vai ver no Rio. Axé, não sei o quê, ele vai ver na Bahia. Aqui ele quer ver. Que cultura que tem aqui? E a dança de roda, a gente fazia no cais e tal. Uma coisa que se mantém na ilha é a capoeira. E a capoeira tem uma origem muito forte aqui porque os primeiros presos do presídio vieram por causa da capoeira que era proibida no Rio. Jogavam a capoeira lá e vinham para cá presos. **(VIII-5)** Porque aqui se vende uma imagem negativa do presídio. Eu fui tirar a minha imagem negativa quando fui estudar no presídio. Quando fui estudar o presídio, escutei um e escutei outro. Cara, o presídio tinha seus barbarismos naturais. Mas, de forma geral, era uma forma de educar interessante. Só falta trabalhar fora durante o dia, todo preso trabalhava. E só era preso lá para não sair. Era um cara que era perigoso. Enfim, sei lá. Problemas que não podia estar. Mas os outros não, vinham aqui e trabalhavam durante o dia. **(VIII-6)** Um monte deles (presidiários) casaram aqui. Aqui tem muita gente que é filha de preso. Até esse... O Julião,	bons resultados, que não conseguia substituto para seu cargo, na associação. Conforme seus relatos, hoje os projetos, especialmente os voltados para a sustentabilidade, estão andando, com o esforço de pessoas bem intencionadas, mas pouco experientes. S8 foi presidente da Associação dos Meios de Hospedagem da Ilha Grande e presidente da USIG, que era a Organização para a Sustentabilidade da Ilha Grande. E por várias vezes, foi eleito presidente ou vice-presidente, porque ninguém tinha interesse em assumir nada. As pessoas que têm algum interesse são acadêmicas e sem experiência na gestão de uma associação, ou seja, não tem começo, meio e fim. Esteve dentro da USIG, durante seis anos, fez castração de animais, auxiliado por uma equipe de São Paulo, que apoiava a iniciativa. Ele relata: Então, vinham uma vez por mês e a Associação virava um centro cirúrgico, com castração de dezenas de animais. Uma equipe que trabalhava voluntariamente, com a entidade pagando apenas os custos do transporte e dos medicamentos. Não cobravam nada, por serem bem-sucedidos, tendo o propósito de fazer o bem para a sociedade, o que S8 considera muito louvável. Uma equipe familiar, formada por um veterinário e suas filhas, também veterinárias. E nós atendemos aqui cerca de mil e cento e poucos animais, não tivemos um óbito sequer e as cirurgias correram super bem, afirma S8. Por onde passa, S8 recebe o carinho da comunidade e as pessoas se referem a ele como seu Palma. Até os drogados o cumprimentam, dizendo: oi, seu Palma. Então, S8 tem um ótimo relacionamento com a comunidade e eles o reconhecem e respeitam. No começo, S8 se sentiu um intruso, por não ter nascido na Ilha. Instituiu um jornal e montou um meio de hospedagem. A comunidade acreditava que S8 queria ser vereador, que se instalou para ocupar o

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Um monte deles (presidiários) casaram aqui. Aqui tem muita gente que é filha de preso. Até esse... O Julião, que morreu aqui na ilha, casou com a Nelzely. O Julião era preso político. E era um cara importante, ele era um cara biólogo, um cara muito conhecido do assunto e tal. Eu ainda convivi com ele uns tempos aqui. E já estava velhinho. Morreu. Mas ele ficou aqui por opção de vida. Entendeu? Então, seria ruim o presídio? Não. Outra coisa que tem um erro enorme aqui nas histórias. O Comando Vermelho não foi feito porque os políticos inventaram, não. Nunca misturou os presos porque o preso político tinha medo do preso comum. Porque o preso político não é um criminoso. Ele tem outra ideia só. Todos eles que eu conheci, preso político aqui, todos ficavam separados. Acontece o seguinte. A ideia é que o preso político ensinou os outros como se organizava o Comando Vermelho. Não é verdade. O preso comum começou a observar. Eles trabalhavam em conjunto, estudavam. Todos tinham a mesma ideologia. Então, era fácil tratar entre eles. Então, faziam um grupinho, tratavam. O preso comum, que estava lá fora, não estava aí. Aí, começaram a chegar à conclusão de que se a gente se organizar, a gente pode fazer uma força. Então, eles se organizaram, se espelhando neles, mas o preso político não tinha nenhum contato com eles e eles tinham medo do preso comum. Tinham medo. Porque não é criminoso. O cara não é malandro, não é nada. Ele só tem outra ideologia, o preso político. A não ser um que o outro, mas a grande maioria do preso político é de ideologia diferente, é só isso. No mundo inteiro, isso. Não é um bandido, não é nada. Então, há uma diferença enorme nisso aí. Então, na verdade, eu acho que, eu tenho certeza, e eu tenho muita gente adepta disso, gente estudiosa aqui também, que diz, o Comando Vermelho	que morreu aqui na ilha, casou com a Nelzely. O Julião era preso político. E era um cara importante, ele era um cara biólogo, um cara muito conhecido do assunto e tal. Eu ainda convivi com ele uns tempos aqui. E já estava velhinho. Morreu. Mas ele ficou aqui por opção de vida. Entendeu? Então, seria ruim o presídio? Não. Outra coisa que tem um erro enorme aqui nas histórias. O Comando Vermelho não foi feito porque os políticos inventaram, não. **(VIII-7)** Nunca misturou os presos porque o preso político tinha medo do preso comum. Porque o preso político não é um criminoso. Ele tem outra ideia só. **(VIII-8)** Todos eles que eu conheci, preso político aqui, todos ficavam separados. Acontece o seguinte. A ideia é que o preso político ensinou os outros como se organizava o Comando Vermelho. Não é verdade. O preso comum começou a observar. Eles trabalhavam em conjunto, estudavam. Todos tinham a mesma ideologia. Então, era fácil tratar entre eles. Então, faziam um grupinho, tratavam. O preso comum, que estava lá fora, não estava aí. Aí, começaram a chegar à conclusão de que se a gente se organizar, a gente pode fazer uma força. Então, eles se organizaram, se espelhando neles, mas o preso político não tinha nenhum contato com eles e eles tinham medo do preso comum. Tinham medo. Porque não é criminoso. O cara não é malandro, não é nada. Ele só tem outra ideologia, o preso político. A não ser um que o outro, mas a grande maioria do preso político é de ideologia diferente, é só isso. No mundo inteiro, isso. Não é um bandido, não é nada. Então, há uma diferença enorme nisso aí. Então, na verdade, eu acho que, eu tenho certeza, e eu tenho muita gente adepta disso, gente estudiosa aqui também, que diz, o Comando Vermelho foi inventado pelo preso comum, se espelhando no preso. Mas o outro não ensinou nada. Os outros não sabiam nem o que fazer nesse sentido, porque não eram	espaço político dos caiçaras. S8 afirma que nunca gostou de política, embora entenda que seja algo necessário. Ele encontrou muitas barreiras, principalmente no jornal. Por sorte, o professor Renato Luiz, que é nativo da Ilha, uma pessoa muito culta, o ajudou quando viu o primeiro jornal e pediu para escrever. Renato trabalhou junto ao S8 por 18 anos. Por se tratar de um historiador por vocação, Renato contribuiu muito, retratando fatos envolvendo o presídio. Fizeram diversas descobertas, inclusive por que o Farol da Ilha tem o nome de Castelhanos, por que a praia com o nome de Lopes Mendes e, também, por que a ilha de Jorge Grego tem esse nome. S8 comenta que, até onde ele teve envolvimento, havia resistência aos imigrantes, por conta de várias ideologias para proteger a Ilha Grande. Em seu entendimento, por conta dos rearranjos, com intuito de sobrevivência, cresceu o número de day use, com pessoas que passam o dia na Ilha Grande, trazendo um monte de coisa de fora, Não compram nada, deixando o lixo, ao ir embora. Entende que tem que ter ordenamento para isso e que não pode ser assim. Segundo ele, não existe estudo de capacidade de carga, nem estudo da quantidade de pousadas que a ilha pode suportar. Falta um plano de manejo ou um plano diretor, que possa dar este direcionamento para os empresários que querem investir. Um comerciante vai matando o outro comercialmente e eles vão se reacomodando. Considera um erro os empresários abrindo novos negócios a partir do critério frágeis como o de que fulano ou ciclano montou uma “pizzaria” e está dando certo. Sem ordenamento, nada funciona direito, de acordo com o S8. Ele comenta que, praticamente, houve uma invasão de gente da Bahia na Ilha e que eles têm outra cultura, tomaram conta do campo de futebol, o que era uma coisa comum daqui. Esta atividade em comum fez com que os de fora se

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
foi inventado pelo preso comum, se espelhando no preso. Mas o outro não ensinou nada. Os outros não sabiam nem o que fazer nesse sentido, porque não eram malandros. A não ser um que o outro, por exemplo. E do lado de cá, não. Aqui tem até aquele cara que fugiu do helicóptero - o escadinha E hoje tem uma história interessante dos mais malfeitores. E você não muda isso. Não sei se você foi no Lazareto. Ainda tem o resto das celas antigas ali. Fazem dois anos que me retirei completamente. Primeiro, porque aqui quando um cara é bem-sucedido, e eu era bem-sucedido. Era chamado para tudo. Então, quando o cara fica sempre o mesmo cara, no meu caso vira palmismo. Seria palmismo. Então, está errado. Eu não conseguia substituir nem passar o cargo da associação. Eu tinha uma associação de sustentabilidade muito interessante. Consegui passar agora, dois anos atrás, e eu me retirei de tudo porque eu cansei. E aí, está andando aí, mas com gente muito inexperiente, com gente bem-intencionada. Bom, eu fui presidente do meio da hospedagem durante três períodos, na associação da minha hospedagem. Eu fui presidente da USIG, que era a Organização para a Sustentabilidade da Ilha Grande. E isso eu fui várias vezes presidente, porque eu tinha que me lançar como vice, porque ninguém assume, ninguém mais quer nada com associação. Agora tem uma menina daqui que está envolvida, mas eu vejo muito pouca experiência. Mesmo o pessoal aí que é acadêmico, não tem experiência de associação, porque é uma coisa que vai mais ou menos, não tem começo, meio e fim e tal. Tem muito boa intenção, mas eu vejo muita dificuldade. E dentro da USIG aqui, durante seis anos aqui também, eu fiz castração de	malandros. A não ser um que o outro, por exemplo. E do lado de cá, não. Aqui tem até aquele cara que fugiu do helicóptero - o escadinha **(VIII -9)** E hoje tem uma história interessante dos mais malfeitores. E você não muda isso. Não sei se você foi no Lazareto. Ainda tem o resto das celas antigas ali. **(VIII-10)** Fazem dois anos que me retirei completamente. Primeiro, porque aqui quando um cara é bem-sucedido, e eu era bem-sucedido. Era chamado para tudo. Então, quando o cara fica sempre o mesmo cara, no meu caso vira palmismo. Seria palmismo. Então, está errado. Eu não conseguia substituir nem passar o cargo da associação. Eu tinha uma associação de sustentabilidade muito interessante. Consegui passar agora, dois anos atrás, e eu me retirei de tudo porque eu cansei. E aí, está andando aí, mas com gente muito inexperiente, com gente bem-intencionada. **(VIII-11)** Bom, eu fui presidente do meio da hospedagem durante três períodos, na associação da minha hospedagem. Eu fui presidente da USIG, que era a Organização para a Sustentabilidade da Ilha Grande. E isso eu fui várias vezes presidente, porque eu tinha que me lançar como vice, porque ninguém assume, ninguém mais quer nada com associação. Agora tem uma menina daqui que está envolvida, mas eu vejo muito pouca experiência. Mesmo o pessoal aí que é acadêmico, não tem experiência de associação, porque é uma coisa que vai mais ou menos, não tem começo, meio e fim e tal. Tem muito boa intenção, mas eu vejo muita dificuldade. E dentro da USIG aqui, durante seis anos aqui também, eu fiz castração de animais aqui, com a equipe de São Paulo que me apoiava. Então, vinham uma vez por mês e aqui virava um centro cirúrgico. Castrava cerca de 50 animais no fim de semana. Depois que eu deixei de fazer, essa última ainda foi em novembro do ano passado, eu ainda	aproximassem da comunidade, em uma simbiose perfeita, e, portanto, positiva. Segundo S8 os baianos vêm atrás de uma condição melhor de vida, o que o Abraão oferece, por conta da quantidade de empregos. É uma importante mão de obra, gente que pega no pesado, porque os argentinos e outros estrangeiros acabam ficando com a parte administrativa e de gestão das pousadas. Segundo S8, o Caiçara não é animado e não gosta de patrão. O Caiçara nunca teve patrão. O Caiçara sempre viveu de uma pesquinha, alguma coisinha de mandioca, no fundo do quintal e vida saudável, enfim ele era dono de tudo. O perfil do caiçara de hoje piorou. De acordo com o S8, o objetivo do jovem do Abraão é ter um táxi-boate. Ele considera que, na visão do caiçara, é lúdico dirigir, cheio de gente, menininha a bordo e tal. Ele cria uma fantasia profissional, porque além disso, a marinha ajudou grande parte deles a tirarem a carteira. Então, eles veem nisso aí a solução de tudo. Existem outras atividades, na Ilha, como por exemplo a produção de algas. Trata-se de um negócio super rentável, só que os caiçaras não se interessam. Então, acho até que sabem que mexer com produção de alga dá lucro, mas dá trabalho, precisa trabalhar. S8 ressalta que a brigada mirim, tem um esforço muito grande nesse sentido, até para fixar o caiçara na Ilha, para ele não ir para o grande centro. Então, aqui a Brigada faz um trabalho muito bem feito, que é patrocinado pelo Carlvim, e funciona bem. Mas quando o jovem acaba seu tempo na Brigada Mirim, ele acaba optando por pilotar taxi-boat. S8 não vê futuro nesta atividade profissional e afirma, também, que as igrejas não convivem mal. Durante o natal ecológico, ele chegou a colocar o padre e o pastor no mesmo palco, embora tenham ranços naturais. Os nativos que, se tornam evangélicos, são fanáticos e até o pessoal que jogava dama parou, porque na igreja consideram

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
animais aqui, com a equipe de São Paulo que me apoiava. Então, vinham uma vez por mês e aqui virava um centro cirúrgico. Castrava cerca de 50 animais no fim de semana. Depois que eu deixei de fazer, essa última ainda foi em novembro do ano passado, eu ainda fui aqui fazer, uma outra ONG que fizeram aqui está fazendo. Então, estivemos juntos aqui, passei mais ou menos o que se fazia, a equipe de São Paulo continuava apoiando. Era uma equipe que trabalhava voluntariamente, mas era só pagar os custos de São Paulo para cá e o medicamento. Eles não compravam nada, porque disseram que ele foi muito bem sucedido com esse tipo de medicina. Então, ele queria dar alguma coisa para a sociedade, isso é muito louvável. Então, ele vinha com as filhas também, que eram veterinárias, um grupo de família. E nós estamos aqui mil e cento e poucos animais, não tivemos um óbito decorrendo da cirurgia. Entendeu? Não, perfeito. O cara é muito capaz, não precisava de nada especial. Agora, estão continuando, eles já estão continuando. Não sei em que pé está, porque Da comunidade eu recebo muito carinho, porque onde eu vou para a rua, eu sou seu Palma, se eu vejo que você entra ali para pegar um sol na praça ali, aí todo mundo fala, oi. Você sente que o pessoal gosta, eu sinto que o pessoal gosta de mim, me trata muito bem. Às vezes, chego mais tarde, que eu vou para a praia jantar aí, volto mais tarde lá, é, à noite, às vezes, às vezes, tomando uma caipirinha a mais. Até os drogados, oi, seu Palma, oi, oi, oi. Então, eu estou muito bem na comunidade em termos de relacionamento. Eles reconhecem isso. No começo, sim. No começo, eu era intruso, eu era de fora. Vim aqui, botei um jornal e fui logo para o centro do meio da hospedagem. Imagina você, esse pessoal acreditava que eu vinha aqui para ser vereador, tomar	fui aqui fazer, uma outra ONG que fizeram aqui está fazendo. Então, estivemos juntos aqui, passei mais ou menos o que se fazia, a equipe de São Paulo continuava apoiando. Era uma equipe que trabalhava voluntariamente, mas era só pagar os custos de São Paulo para cá e o medicamento. Eles não cobravam nada, porque disseram que ele foi muito bem sucedido com esse tipo de medicina. Então, ele queria dar alguma coisa para a sociedade, isso é muito louvável. Então, ele vinha com as filhas também, que eram veterinárias, um grupo de família. E nós estamos aqui mil e cento e poucos animais, não tivemos um óbito decorrendo da cirurgia. Entendeu? Não, perfeito. O cara é muito capaz, não precisava de nada especial. Agora, estão continuando, eles já estão continuando. Não sei em que pé está, porque **(VIII-12)** Da comunidade eu recebo muito carinho, porque onde eu vou para a rua, eu sou seu Palma, se eu vejo que você entra ali para pegar um sol na praça ali, aí todo mundo fala, oi. Você sente que o pessoal gosta, eu sinto que o pessoal gosta de mim, me trata muito bem. Às vezes, chego mais tarde, que eu vou para a praia jantar aí, volto mais tarde lá, é, à noite, às vezes, às vezes, tomando uma caipirinha a mais. Até os drogados, oi, seu Palma, oi, oi, oi. Então, eu estou muito bem na comunidade em termos de relacionamento. Eles reconhecem isso. **(VIII-13)** No começo, sim. No começo, eu era intruso, eu era de fora. Vim aqui, botei um jornal e fui logo para o centro com um meio de hospedagem. Imagina você, esse pessoal acreditava que eu vinha aqui para ser vereador, tomar o espaço deles de político. Eu nunca gostei de política. Política, para mim, é uma coisa necessária, mas que não gosto dela nem um pouquinho. Então, no início, o que eu tive de contra aqui foi uma loucura, inclusive com o jornal. Por sorte também, o professor Renato Luiz, que é nativo daqui, é um cara bastante culto, que agora está aí, já	uma contravenção. Por outro lado, tiram as pessoas de drogas e buscam harmonia em famílias e casamentos desajustados. Depois de muita briga, a Ilha conseguiu uma secretaria. O secretário é um japonês, o Kazzu do Bananal. Segundo S8, é um cara é legal, que ajuda na preservação ambiental e cultural. Em Bananal, segundo S8, eles têm festas culturais até hoje e vivem mesclados com os nativos. E lá você vai encontrar a Amanda Hadama, Pesquisadora em Arte e Cultura, que luta pela ilha e sua preservação ambiental e cultural. Já Kazuu, o administrador, tem uma cultura marinha muito interessante e cultiva o peixe bijupirá. O Secretário e S8 são aliados, mas o jornalista luta, com muita dificuldade e fica limitado por conta do prefeito, que não gosta da forma como ele escreve. Sempre fez críticas políticas, embora considere o prefeito uma boa pessoa e um bom político. S8 sente que todos na Ilha estão integrados e que os conflitos são mais entre os próprios baianos, do que entre os nativos. S8 afirma que a Ilha Grande ainda é um dos melhores lugares do mundo. Ressalta que não existe outra ilha no mundo intacta e tão preservada. A Ilha Grande tem uma energia que segura as pessoas. Significa tudo para o jornalista e ex-representante comunitário, que elogia a qualidade de vida, na Ilha Grande, que considera um lugar de encantamentos.

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
o espaço deles de político. Eu nunca gostei de política. Política, para mim, é uma coisa necessária, mas que não gosto dela nem um pouquinho. Então, no início, o que eu tive de contra aqui foi uma loucura, inclusive com o jornal. Por sorte também, o professor Renato Luiz, que é nativo daqui, é um cara bastante culto, que agora está aí, já muito velhinho, muito ruim, cheio de problemas de doença e tal. Mas ele me ajudou muito, porque quando ele viu o primeiro jornal na comunidade, disse, eu quero escrever neste jornal. Digo, olha, é tudo o que eu preciso. Então, ele ficou comigo durante uns 18 anos no jornal. E foi com ele que eu tirei um monte de dúvidas, sobre os presos e essa coisa toda, porque ele é um historiador, na verdade. Ele é formado em estatística, mas é um historiador por vocação. Entendi. E com isso nós descobrimos por que lá se chama Castelhanos, por que chama Lopes Mendes, por que a ilha de Jorge Grego se chama Jorge Grego e não é... Bom, até então, sim, temos resistência. Não sei hoje. Porque hoje tá tão diversificado que já não sei mais como é que tá hoje. Na época, sim. E que na época você reunia várias ideologias a favor da Ilha Grande. Hoje a Ilha Grande também começa a ter assuntos ideológicos, começa a pesar, isso é uma desgraça. A ideologia seria para construir, não para destruir um ou outro, né? O grande número é de *day use*. Vem para passar um dia na Ilha Grande. Traz um monte de coisa de fora. Deixa o lixo aqui e vai embora. E tem que ter um organizamento [sic] para isso. Não pode ser assim. Outra coisa. Aqui cabe quanto? Cabe 100 pousadas. Então, vai ter 100 posadas. Só vai ter nova pousada no dia que fizer um outro plano de manejo. Um outro plano diretor que possa permitir. Por enquanto, vai ser 100 pousadas. Cabe quanto? Uma farmácia. Então,	muito velhinho, muito ruim, cheio de problemas de doença e tal. Mas ele me ajudou muito, porque quando ele viu o primeiro jornal na comunidade, disse, eu quero escrever neste jornal. Digo, olha, é tudo o que eu preciso. Então, ele ficou comigo durante uns 18 anos no jornal. E foi com ele que eu tirei um monte de dúvidas, sobre os presos e essa coisa toda, porque ele é um historiador, na verdade. Ele é formado em estatística, mas é um historiador por vocação. Entendi. E com isso nós descobrimos por que lá se chama Castelhanos, por que chama Lopes Mendes, por que a ilha de Jorge Grego se chama Jorge Grego e não é…**(VIII-14)** Bom, até então, sim, temos resistência. Não sei hoje. Porque hoje tá tão diversificado que já não sei mais como é que tá hoje. Na época, sim. E que na época você reunia várias ideologias a favor da Ilha Grande. Hoje a Ilha Grande também começa a ter assuntos ideológicos, começa a pesar, isso é uma desgraça. A ideologia seria para construir, não para destruir um ou outro, né? **(VIII-15)** O grande número é de day use. Vem para passar um dia na Ilha Grande. Traz um monte de coisa de fora. Deixa o lixo aqui e vai embora. E tem que ter um organizamento [sic] para isso. Não pode ser assim. Outra coisa. Aqui cabe quanto? Cabe 100 pousadas. Então, vai ter 100 posadas. Só vai ter nova pousada no dia que fizer um outro plano de manejo. Um outro plano diretor que possa permitir. Por enquanto, vai ser 100 pousadas. Cabe quanto? Uma farmácia. Então, é uma farmácia. Cabe 5 pizzarias. Acabou. Porque, senão, aqui... Um mata o outro comercialmente. Uma pizzaria dá certo. Os outros fazem 10 pizzarias. Porque, ah, deu certo. Aí morrem todos eles. Então, se tivesse ordenamento, não acontece isso. **(VIII-16)** Sem ordenamento, nada funciona. Você vai nas coisas mais primitivas do homem. Eles tinham ordenamento	

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
é uma farmácia. Cabe 5 pizzarias. Acabou. Porque, senão, aqui... Um mata o outro comercialmente. Uma pizzaria dá certo. Os outros fazem 10 pizzarias. Porque, ah, deu certo. Aí morrem todos eles. Então, se tivesse ordenamento, não acontece isso. Sem ordenamento, nada funciona. Você vai nas coisas mais primitivas do homem. Eles tinham ordenamento para fazer as coisas. Como é que nós, aqui no século XXI, não temos isso na Ilha Grande um paraíso desse? Tanto é que você vê, tem praticamente uma invasão de gente da Bahia aqui, que é outra cultura, mas diferente, tomaram conta do campo de futebol, gostam do futebol, que era uma coisa comum daqui. Então, virou uma certa simbiose, que é até positiva Então, eles os baianos vêm atrás de uma condição melhor de vida, o Abraão oferece, eles vêm mesmo, entendeu? E vou lhe dizer, se tirar o baiano daqui o nordestino que está aqui dentro, a parte de mão de obra pesada, acaba no Abraão. E se você tirar os argentinos daqui a parte de administração de pousada, mais intelectual, também vai para o fundo do poço. Porque está tudo num monte de gente. Porque a maior parte das argentinas que estão aqui, elas vêm com nível superior, bem feito. Sabem trabalhar. Já tive secretário aqui várias vezes na Argentina, trabalham muito bem e têm gosto de fazer o serviço andar. Então, nesse ponto, bem. O Caiçara não é animado e o Caiçara não gosta de patrão. O Caiçara nunca teve patrão. O Caiçara sempre viveu de uma pesquinha, alguma coisinha de mandioca no fundo, a vida é saudável. Mas na vida, aquele era dono de tudo. A produção era dele,	para fazer as coisas. Como é que nós, aqui no século XXI, não temos isso na Ilha Grande um paraíso desse? **(VIII-17)** Tanto é que você vê, tem praticamente uma invasão de gente da Bahia aqui, que é outra cultura, mas diferente, tomaram conta do campo de futebol, gostam do futebol, que era uma coisa comum daqui. Então, virou uma certa simbiose, que é até positiva **(VIII-18)** Então, eles os baianos vêm atrás de uma condição melhor de vida, o Abraão oferece, eles vêm mesmo, entendeu? E vou lhe dizer, se tirar o baiano daqui o nordestino que está aqui dentro, a parte de mão de obra pesada, acaba no Abraão. E se você tirar os argentinos daqui a parte de administração de pousada, mais intelectual, também vai para o fundo do poço. Porque está tudo num monte de gente. Porque a maior parte das argentinas que estão aqui, elas vêm com nível superior, bem feito. Sabem trabalhar. Já tive secretário aqui várias vezes na Argentina, trabalham muito bem e têm gosto de fazer o serviço andar. Então, nesse ponto, bem. **(VIII-19)** O Caiçara não é animado e o Caiçara não gosta de patrão. O Caiçara nunca teve patrão. O Caiçara sempre viveu de uma pesquinha, alguma coisinha de mandioca no fundo, a vida é saudável. Mas na vida, aquele era dono de tudo. A produção era dele, acabou. Essa é a cultura do Caiçara. Ou então era empregado público. **(VIII-20)** O perfil do caiçara hoje piorou. Piorou pelo seguinte. O que é o objetivo do jovem do Abraão? É ter um táxi-boate. É isso aí um táxi-bote. Então, esse é o objetivo do jovem. Por quê? É lúdico dirigir, cheio de gente, menininha a bordo e tal, vai lá. Então, cria para eles uma coisa muito lúdica, profissional. E dá um bom empreguinho também, todo esse transporte público, toda a marinha ajudou aqui para tirar a carteira desse pessoal e tal. Então, eles veem	

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
acabou. Essa é a cultura do Caiçara. Ou então era empregado público. O perfil do caiçara hoje piorou. Piorou pelo seguinte. O que é o objetivo do jovem do Abraão? É ter um táxi-boate. É isso aí um táxi-bote. Então, esse é o objetivo do jovem. Por quê? É lúdico dirigir, cheio de gente, menininha a bordo e tal, vai lá. Então, cria para eles uma coisa muito lúdica, profissional. E dá um bom empreguinho também, todo esse transporte público, toda a marinha ajudou aqui para tirar a carteira desse pessoal e tal. Então, eles veem nisso aí a solução de tudo. Então, está por aí o negócio. Por exemplo, aqui tem um produto interessantíssimo na ilha, que é a produção de algas. Foi fantástico isso aí. O Brasil importa esse produto de algas, 98%. Então, acho que mexer com alga dá lucro, mas dá trabalho, precisa trabalhar. É igual a agricultura no mar, né? A agricultura é dura. Na agricultura, se não trabalhar, não tem nada. Que bom. E aí? Então, veja, o jovem de hoje está voltado para uma profissão o mais lúdica possível, mas se tiver que trabalhar, dar duro, complica muito. Aqui tem muita coisa com trabalho para produzir. A brigada mirim, tem um esforço muito grande nesse sentido, até para fixar o cara aqui, para ele não ir para o grande centro e aumentar o cinturão de miséria em todos os grandes centros. Então, aqui ela faz um trabalho muito bem feito, que é patrocinado pelo Carlvim, e funciona bem. Mas quando o cara acaba o período de Brigada Mirim dele, que tem um período escolar aí ele vai dirigir taxi- bote, não tem nem dúvida. Então, não vejo futuro nisso. As igrejas não convivem mal. Durante o natal ecológico cheguei a colocar o padre e o pastor no palco. Eles têm ranços naturais mais não vivem mal entre elas. Agora	nisso aí a solução de tudo. Então, está por aí o negócio. Por exemplo, aqui tem um produto interessantíssimo na ilha, que é a produção de algas. Foi fantástico isso aí. O Brasil importa esse produto de algas, 98%. **(VIII-21)** Então, acho que mexer com alga dá lucro, mas dá trabalho, precisa trabalhar. É igual a agricultura no mar, né? A agricultura é dura. Na agricultura, se não trabalhar, não tem nada. Que bom. E aí? Então, veja, o jovem de hoje está voltado para uma profissão o mais lúdica possível, mas se tiver que trabalhar, dar duro, complica muito. Aqui tem muita coisa com trabalho para produzir. A brigada mirim, tem um esforço muito grande nesse sentido, até para fixar o cara aqui, para ele não ir para o grande centro e aumentar o cinturão de miséria em todos os grandes centros. Então, aqui ela faz um trabalho muito bem feito, que é patrocinado pelo Carlvim, e funciona bem. Mas quando o cara acaba o período de Brigada Mirim dele, que tem um período escolar aí ele vai dirigir taxi-bote, não tem nem dúvida. Então, não vejo futuro nisso. **(VIII-22)** As igrejas não convivem mal. Durante o natal ecológico cheguei a colocar o padre e o pastor no palco. Eles têm ranços naturais mais não vivem mal entre elas. Agora os nativos que se transformaram em evangélicos são fanáticos aqui, um exemplo até o pessoal que jogava dama parou porque na igreja consideram uma contravenção. Por outro lado, tiram as pessoas de drogas, casamentos desajustados e de forma geral não faz não faz mal. **(VIII-23)** Aqui nós conseguimos fazer uma secretaria da Ilha Grande foi uma briga nossa. Era melhor ser um cara de fora mesmo, porque os daqui querem somente ocupar espaço. O secretário é um japonês o Cazzu do Bananal. O cara é legal e ele ajuda na preservação ambiental e da cultura. Eles têm festas lá até hoje da cultura deles e se	

Quadro 4: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / REARRANJO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
os nativos que se transformaram em evangélicos são fanáticos aqui, um exemplo até o pessoal que jogava dama parou porque na igreja consideram uma contravenção. Por outro lado, tiram as pessoas de drogas, casamentos desajustados e de forma geral não faz não faz mal. Aqui nós conseguimos fazer uma secretaria da Ilha Grande foi uma briga nossa. Era melhor ser um cara de fora mesmo, porque os daqui querem somente ocupar espaço. O secretário é um japonês o Cazzu do Bananal. O cara é legal e ele ajuda na preservação ambiental e da cultura. Eles têm festas lá até hoje da cultura deles e se mesclaram lá com os nativos. E lá você vai encontrar a Amanda Hadama e ela é misturada mais conserva o japonês no topo. Kazuu tem uma cultura marinha muito interessante, cultiva o peixe bijupira. Eu sou um tremendo aliado dele e ele meu. Ele luta com muita dificuldade e fica na rédea do prefeito. O prefeito é igual o Maluf e eu bati muito nele e bato até hoje. Lógico que ele não gosta da forma como eu escrevo. Mas é uma pessoa boa e é um político público. Sinto que todos estão integrados e os conflitos são até mais entre eles mesmos – os baianos - do que como os nativos. Houve mortes aí e principalmente passionais. A Ilha Grande é um dos melhores lugares do mundo ainda. Não existe outra ilha no mundo intacta como aqui. Aqui ainda é bastante bom. A Ilha Grande tem uma energia que segura as pessoas. Significa tudo para mim. Aqui eu tenho sempre uma atividade. Em relação a qualidade de vida é dez. Aqui tem encanto.	mesclaram lá com os nativos. E lá você vai encontrar a Amanda Hadama e ela é misturada mais conserva o japonês no topo. Kazuu tem uma cultura marinha muito interessante, cultiva o peixe bijupira. Eu sou um tremendo aliado dele e ele meu. Ele luta com muita dificuldade e fica na rédea do prefeito. O prefeito é igual o Maluf e eu bati muito nele e bato até hoje. Lógico que ele não gosta da forma como eu escrevo. Mas é uma pessoa boa e é um político público. **(VIII-24)** Sinto que todos estão integrados e os conflitos são até mais entre eles mesmos – os baianos - do que com os nativos. Houve mortes aí e principalmente passionais. **(VIII-25)** A Ilha Grande é um dos melhores lugares do mundo ainda. Não existe outra ilha no mundo intacta como aqui. Aqui ainda é bastante bom. A Ilha Grande tem uma energia que segura as pessoas. Significa tudo para mim. Aqui eu tenho sempre uma atividade. Em relação a qualidade de vida é dez. Aqui tem encanto. **(VIII-26)**	

Quadro 5: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CISÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Discurso - I **CTBA:** Eu recebo... Eu sou contratada, terceirizada por esse projeto. Por isso que eu sou educadora mobilizadora do PEA - Projeto de Educação Ambiental. É da Petrobras que repassa para empresa/fundação que ganhou a licitação. E além disso, a gente participa também do fórum de comunidades tradicionais. Que fortalece quilombolas, indígenas e caiçaras. E aí, de vez em quando tem. Onde na pandemia, né. Teve uns projetinhos em que a gente participou. Para fortalecer mesmo a cultura local. E é bem legal, assim. Essa questão parou na gente. Veio se definhando, definhando. A gente acordou. Vamos dizer assim, a gente acordou. Como assim, gente! A gente é caiçara. A gente diz para todo mundo que a gente é caiçara. Gente, eu sou caiçara. Eu amo esse lugar. Eu amo aqui. Sabe! Essa aqui é minha terra, Eu amo. Mas eu acho que é falta de diálogo. Eu sinto que é falta de diálogo. Às vezes, a gente não tem... Sentar e explicar muitas coisas. Às vezes, no mesmo jeito, no mesmo âmbito. De, às vezes, não ter o conhecimento de saber o que eu posso ou não posso. E pessoas que também, por outro lado, também faltam conhecimento de saber que eu posso. Eu acho que tudo se resolve no diálogo. Senão, a gente vai para a justiça. Que é o jeito da vida, né? (risos) As pessoas estão sofrendo. É, a gente sente assim, né? Não, mas isso é real, entendeu? Não, mas é real isso, porque a falta de recurso já te diminui bastante. Sabe? Por exemplo, pra você ter um estudo em Angra, beleza, posso ter um estudo em Angra, mas eu preciso ter uma casa pra ficar. Sabe? Ficar em casa de parente é complicado. É por isso que a mãe da	**Unidade de Significado D – I (Bananal - CT)** **1** Eu sou contratada, terceirizada por esse projeto. Por isso que eu sou educadora mobilizadora do PEA - Projeto de Educação Ambiental. É da Petrobras que repassa para empresa/fundação que ganhou a licitação. E além disso, a gente participa também do fórum de comunidades tradicionais. Que fortalece quilombolas, indígenas e caiçaras. E aí, de vez em quando tem. Na pandemia teve uns projetinhos em que a gente participou. Para fortalecer mesmo a cultura local. E é bem legal, assim. **(I -1)** **2** Essa questão parou na gente (do ser caiçara e se reconhecer caiçara). Veio se definhando, definhando. A gente acordou. Vamos dizer assim, a gente acordou. Como assim, gente! A gente é caiçara. A gente diz para todo mundo que a gente é caiçara. Gente, eu sou caiçara. Eu amo esse lugar. Eu amo aqui. Sabe! Essa aqui é minha terra, Eu amo. **(I-2)** **3** Sinto que é falta de diálogo. Às vezes, a gente não tem... Sentar e explicar muitas coisas. Às vezes, do mesmo jeito, no mesmo âmbito. De, às vezes, não ter o conhecimento de saber o que eu posso ou não posso. E pessoas que também, por outro lado, também faltam conhecimento de saber que eu posso. Eu acho que tudo se resolve no diálogo. Senão, a gente vai para a justiça. Que é o jeito da vida, né? (risos). **(I - 3)** **4** Pessoas estão sofrendo. É, a gente sente assim, né? Não, mas isso é real, entendeu? Não, mas é real isso, porque a falta de recurso já te diminui bastante. Sabe? Por exemplo, pra você ter um estudo em Angra, beleza, posso ter um estudo em Angra, mas eu preciso ter uma casa pra ficar. Sabe? Ficar em casa de parente é complicado. É por isso que a mãe da Yasmim, hoje em	**Discurso Articulado - Sujeito 1 / S-1** S1 afirma que, depois de participar de um projeto, que tem como objetivo fortalecer quilombolas, indígenas e caiçaras, acordou e passou a se reconhecer como caiçara e que, a partir daí, começou a declarar seu amor por Bananal e, consequentemente, pela Ilha Grande. A entrevistada sente falta de diálogo e pensa que, às vezes, a melhor forma de resolver os conflitos seria procurar a justiça e assim lutar por seus direitos. Segundo ela, as pessoas estão sofrendo porque na Ilha Grande não tem facilidades e oportunidades de ampliação dos estudos e que estudar no continente fica muito difícil para os filhos dos moradores. Ela acredita que a distância, além de promover a separação entre pais e filhos, aumenta as dificuldades financeiras, pois nem sempre as famílias têm recursos para financiar moradia e estadia para os jovens.

Quadro 5: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CISÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Yasmim, hoje em dia, faz esse sacrificiozinho de pagar um aluguel lá. A casa está lá, e a família dela paga praticamente à toa. Mas no caso quando precisam, eles têm. Entendeu? E muita gente não tem esse recurso de poder pagar um aluguel. E como é que faz? Aí pensa, pô, eu quero estudar. Só que eu não consigo ir. Aí tem pessoas que já tiveram filho, sabe? Aí o filho é daqui o pai é daqui. Como é que eu vou pra lá? A gente já se separou. Aí tem a situação... É muito difícil, sabe? Ou se acomodou mesmo, literalmente. Por exemplo, o irmão dela, o Daniel, é um menino assim, ele é jovem, pescador, tem carteira de marinheiro é artesão. Artesão, ele faz tanta coisa. Ele planta. Ele tem muita cabeça. Só que é uma pessoa acomodada, estagnada. Uma pessoa assim que acha que não consegue. Fica ali estagnado, parado. Ele não vai em busca de uma coisa em prol dele, sabe? Aí a gente... Pra ele crescer, pra ele... Aí tudo, assim... Por exemplo, aí meio que tudo... Por exemplo, igual eu falo. Gente, hoje já é quarta-feira. Olha o quanto tempo já passou, já está em julho. Então, assim, se pra gente que ainda faz alguma coisa passa tão rápido... Imagina para quem tá parado vendo o tempo passar. Como que fica a cabeça dos jovens? Que aí ocupou a cabeça, às vezes, com drogas, com álcool. Ou, assim, coisas fúteis que passam assim... É, até mesmo celular. É, celular. É igual que a gente conversa. Poxa, a gente é jovem, mas a gente ainda bate um pique, igual a gente falou, né? A gente se reúne, faz alguma coisa, se junta e tal. Tá sempre ativo aqui no bananal. As pessoas sempre veem a gente fazendo alguma coisa junto. Envolve a comunidade, às vezes, pra fazer. Aí as crianças, a nova geração que vai vir depois da gente, as crianças, sabe? Até mesmo o cunhado da Yasmim. Ele ainda tá no meio da gente assim, tem 12 anos, né? Ele fica no meio da gente assim. Só que ele ainda é muito preso ao celular, hoje em dia, né? E as crianças são muito	dia, faz esse sacrificiozinho de pagar um aluguel lá. A casa está lá, e a família dela paga praticamente à toa. Mas no caso quando precisam, eles têm. Entendeu? E muita gente não tem esse recurso de poder pagar um aluguel. E como é que faz? Aí pensa, pô, eu quero estudar. Só que eu não consigo ir. Aí tem pessoas que já tiveram filho, sabe? Aí o filho é daqui o pai é daqui. Como é que eu vou pra lá? Então a gente se separa. Aí tem a situação... É muito difícil, sabe? ou se acomoda mesmo, literalmente. Por exemplo, o irmão dela, o Daniel, é um menino assim, ele é jovem, pescador, tem carteira de marinheiro e artesão, ele faz tanta coisa. Ele planta. Ele tem muita cabeça. Só que é uma pessoa acomodada, estagnada. Uma pessoa assim que acha que não consegue. Fica ali estagnado, parado. Ele não vai em busca de uma coisa em prol dele, sabe? Aí a gente... Pra ele crescer, pra ele... Aí tudo, assim... Por exemplo, aí meio que tudo... Por exemplo, igual eu falo. Gente, hoje já é quarta-feira. Olha o quanto tempo já passou, já está em julho. Então, assim, se pra gente que ainda faz alguma coisa passa tão rápido... Imagina para quem tá parado vendo o tempo passar. Como que fica a cabeça dos jovens? Que aí ocupou a cabeça, às vezes, com drogas, com álcool. Ou, assim, coisas fúteis que passam assim... É, até mesmo celular. É, celular. É igual que a gente conversa. Poxa, a gente é jovem, mas a gente ainda bate um pique, igual a gente falou, né? A gente se reúne, faz alguma coisa, se junta e tal. Tá sempre ativo aqui no bananal. As pessoas sempre veem a gente fazendo alguma coisa junto. Envolve a comunidade, às vezes, pra fazer. Aí as crianças, a nova geração que vai vir depois da gente, as crianças, sabe? Até mesmo o cunhado da Yasmim. Ele ainda tá no meio da gente assim, tem 12 anos, né? Ele fica no meio da gente assim. Só que ele ainda é muito preso ao celular, hoje em dia, né? E as crianças são muito assim. A gente vê, a gente tá lá. Dois amigos, tá lá, vem jogar videogame, não sei o quê. Não são ativos mais como a gente era, de subir em	

Quadro 5: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CISÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
assim. A gente vê, a gente tá lá. Dois amigos, tá lá, vem jogar videogame, não sei o quê. Não são ativos mais como a gente era, de subir em árvore, brincar. Que a gente fazia muito isso, sabe? roubar fruta. (risos).	árvore, brincar. Que a gente fazia muito isso, sabe? roubar fruta. (risos). **(I - 4)**	
Discurso - II **NCBA:** Aqui é uma das praias onde praticamente só tem pessoas que moravam aqui mesmo, os caiçara próprios, ou filhos de caiçara. Hoje está tudo modificado. Tem quem fala que é Caiçara, porque mora aqui, né? É filho de Caiçara, é descendente, tem descendência de caiçara, Mas o Caiçara, aquele caiçara não existe mais	**Unidade de Significado D - II (Bananal - NC)** **1** Aqui é uma das praias onde praticamente só tem pessoas que moravam aqui mesmo, os caiçara próprios, ou filhos de caiçara. **(II -1)** **2** Hoje está tudo modificado. Tem quem fala que é Caiçara, porque mora aqui, né? É filho de Caiçara, é descendente, tem descendência de caiçara, mas o Caiçara, aquele caiçara não existe mais. **(II - 2)**	**Discurso Articulado S 2 - Sujeito 2 / S-2** S2 comenta que, na praia de Bananal, praticamente todo mundo é caiçara ou descendente de caiçara. Na sua compreensão, o caiçara tradicional já não existe mais.
Discurso - III **CTDR:** Muitos moradores já morreram. Tem poucas pessoas daquela época do presídio. São muito poucos. Muitos tiveram que sair por causa do trabalho, para estudar mais, ter uma profissão melhor e trabalhar também.	**Unidade de Significado D - III (Dois Rios - CT)** **1** Tem poucas pessoas ou moradores daquela época do presídio. Muitos já morreram ou tiveram que sair por causa do trabalho, para estudar mais, ter uma profissão melhor e trabalhar também. **(III - 1)**	**Discurso Articulado Sujeito 3 / S-3** S3 afirma que, praticamente, não existem mais moradores do tempo do Presídio Cândido Mendes e que muitos morreram ou tiveram que ir embora, em busca de oportunidades de trabalho e estudo.
Discurso - IV **NCDR:** Somente a partir da criação do Ecomuseu é que você passa a ter um crescimento no turismo. Sua forma de organização foi um atrativo poderoso, que fez com que as pessoas quisessem, buscassem conhecer mais a Vila Dois Rios, a comunidade, a sua história, além da praia em si. Conhecer o museu, conhecer as ruínas do museu, conhecer o Museu do Cárcere, foi um apelo significativo.	**Unidade de Significado D - IV (Dois Rios - NC)** **1** Somente a partir da criação do Ecomuseu é que você passa a ter um crescimento na atividade do turismo. Sua forma de organização foi um atrativo poderoso, que fez com que as pessoas quisessem, buscassem conhecer mais a Vila Dois Rios, a comunidade, a sua história, além da praia em si. Conhecer o museu, conhecer as ruínas do museu, conhecer o Museu do Cárcere, foi um apelo significativo. **(IV-1)**	**Discurso Articulado Sujeito 4 / S-4** S4 argumenta que o crescimento do turismo se dá somente a partir da criação do Ecomuseu. É que os turistas buscam conhecer a história da Ilha e não somente suas praias. S4 reforça, em sua fala, que o museu foi muito significativo para o turismo e que o segmento de turismo cultural é o que mais faz a diferença, por conta do estilo de pensamento deste turista, que não tem como prioridade o consumo pelo

Quadro 5: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CISÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Esse tipo de turismo que interessa. Estes turistas normalmente não é que não gastam dinheiro, eles até gastam, mas tem outro tipo de preocupação e de consumo. Que não é só lembrancinha, que não é só passeio de barco, que não é só chegar, ver, tirar foto e ir embora. Esse sim. Esse quer conversar, esse quer conhecer, esse quer estar junto. Uma coisa interessante é que parte das pessoas que vêm para a ilha e que passam a trabalhar e morar na ilha, com o tempo, passam a se identificar também com a cultura Caiçara. Mas tinha uma alternativa que era a subsistência com a pesca. Depois que perdeu isso. […] as pessoas misturam essas questões todas e não se dão conta de que não é culpa da universidade, são regras. […] o problema é que, durante um tempo, a própria universidade não deixou essas regras claras, essas coisas de forma, talvez, mais transparente. Por outro lado, algumas pessoas também ficaram mal- acostumadas, na época do presídio, com aquilo que é um espírito provedor, que tudo era dado, tudo era resolvido pelo presídio". O principal problema são as expectativas que a comunidade tem e seus interesses que muitas vezes não são tão comunitários e são muitas vezes individuais".	**2** Esse tipo de turismo que interessa. Estes turistas normalmente não é que não gastam dinheiro, eles até gastam, mas tem outro tipo de preocupação e de consumo. **(IV-2)** **3** Que não é só lembrancinha, que não é só passeio de barco, que não é só chegar, ver, tirar foto e ir embora. Esse sim. Esse quer conversar, esse quer conhecer, esse quer estar junto. **(IV-3)** **4** Uma coisa interessante é que parte das pessoas que vêm para a ilha e que passam a trabalhar e morar na ilha, com o tempo, passam a se identificar também com a cultura Caiçara. **(IV - 4)** **5** Tinham a pesca como subsistência. Depois se perdeu isso. **(IV-5)** **6** […] Pessoas misturam essas questões todas e não se dão conta de que não é culpa da universidade, são as regras. **(IV-6)** **7** […] o problema é que, durante um tempo, a própria universidade não deixou essas regras claras, essas coisas deveriam ser mais transparentes. **(IV-7)** **8** Por outro lado, algumas pessoas também ficaram mal- acostumadas, na época do presídio, com aquilo que é um espírito provedor, que tudo era dado, tudo era resolvido pelo presídio. **(IV-8)** **9** O principal problema são as expectativas que a comunidade tem e seus interesses que muitas vezes não são tão comunitários e são muitas vezes individuais. **(IV - 9)**	consumo. Outro ponto observado por S 4, é que parte das pessoas que vêm para a ilha e que passam a trabalhar e morar na ilha, com o tempo, se identificam também com a cultura Caiçara. Antes, a comunidade tinha a pesca como subsistência e, depois, se perdeu isso por conta de tantos controles oficiais. Um outro ponto levantado por S4 é que a UERJ não deixou claras as regras do jogo e a comunidade tem dificuldade de aceitar as condições estabelecidas, alegando falta de transparência. Por outro lado, a comunidade ficou mal-acostumada, na época do presídio, porque o instituto do presídio era o provedor e o responsável por qualquer intempérie envolvendo a comunidade carcerária e a comunidade de Dois Rios, em geral. A comunidade tem muitas expectativas e também tem seus próprios interesses, que muitas vezes não são coletivos, mas individuais. S4 entende que os interesses são legítimos, porém com objetivos comerciais, focados em ter mais turistas, vender mais comida, trabalhar com transporte, taxi boat dentre outras atividades. S4 fica aborrecido porque as atividades propostas pelo Ecomuseu não são bem recebidas pela comunidade de Dois Rios, que se nega a participar.

Quadro 5: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CISÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
São interesses legítimos, mas são comerciais focados em ter mais turistas, vender mais comida, trabalhar com transporte, taxi boat. Eu fico chateado às vezes porque quando fazemos atividades aqui em Dois Rios não temos a mesma receptividade e participação.	**10** São interesses legítimos, mas são comerciais focados em ter mais turistas, vender mais comida, trabalhar com transporte, taxi boat. **(IV - 10)** **11** Eu fico chateado quando fazemos atividades aqui em Dois Rios não temos a mesma receptividade e participação. **(IV - 11)**	
Discurso - V **CTPR:** Eu só quero ser pastor agora. Eu estou mudando minha história embora eu tenha nascido no berço evangélico. Nos meus 18 anos, por conta de amigos, eu saí e depois voltei e casei. Eu fiz um propósito com Deus de terminar meus últimos dias doando minha vida a comunidade de Provetá. O que me faz feliz é a pesca e a igreja.	**Unidade de Significado D - V (Provetá - CT)** **1** Só quero ser pastor agora. Eu estou mudando minha história embora eu tenha nascido no berço evangélico. Nos meus 18 anos, por conta de amigos, eu saí e depois voltei e casei. Eu fiz um propósito com Deus de terminar meus últimos dias doando minha vida a comunidade de Provetá. O que me faz feliz é a pesca e a igreja. **(V- I)**	**Discurso Articulado Sujeito 5 / S-5** S5 pretende ser pastor somente, afirma estar mudando o rumo da sua história. Conta que aos 18 anos abandonou os preceitos evangélicos, por causa da influência de amigos, mas que voltou, se casou e pretende passar o resto dos dias, se dedicando à comunidade de Provetá, onde se considera feliz por estar próximo dos pescadores e da Igreja Evangélica Assembleia de Deus Ministério de Provetá.
Discurso – VI **NCPR:** Estou pensando em me mudar, talvez para Aventureiro. Já conheci algumas praias de viver de morar. Eu sei a diferença entre uma e outra. Morei em Araçatiba por três anos e conheci muitas comunidades visitando os estudantes. Só que, em determinadas circunstâncias, a gente precisa entrar em combate. Não dá para sempre fazer a política de boa vizinhança Mas eu quero acreditar que vamos conseguir uma escola diferente e uma comunidade mais aberta a mudanças.	**Unidade de Significado D – VI (Provetá - NC)** **1** Estou pensando em me mudar, talvez para Aventureiro. Já conheci algumas praias de viver e morar. Eu sei a diferença entre uma e outra. Morei em Araçatiba por três anos e conheci muitas comunidades visitando os estudantes. **(VI - 1)** **2** Em determinadas circunstâncias, a gente precisa entrar em combate. Não dá para sempre fazer política de boa vizinhança. Mas eu quero acreditar que vamos conseguir uma escola diferente e uma comunidade mais aberta a mudanças. **(VI - 2)**	**Discurso Articulado Sujeito 6 / S-6** S 6 pretende se mudar de praia (bairros para quem mora na Ilha Grande), pois conhece as diferenças. Sabe que por conta de todos os conflitos, uma vez ou outra, terá que deixar de lado a política de boa vizinhança e protagonizar embates, de modo a promover enfrentamentos, em busca das mudanças que acredita serem possíveis, a partir das ações da escola, na vida da comunidade estudantil.

Quadro 5: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CISÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Discurso - VII **CTVA:** Infelizmente como eu disse, a maioria era idoso e a maioria já faleceu. Muitos também mudaram de lugar, de cidade, muitos foram morar fora da Ilha Grande. De um grupo de 80, ele aumentou, foi para 150, 200 pessoas. Era muita gente! As pessoas iam sabendo do que ia acontecendo, iam escolhendo o seu lado, nós queremos ficar do lado de sempre, que sempre funcionou. O Pessoal foi mudando, outros foram falecendo, até que chegou o período da pandemia e nós tivemos de fato que parar de funcionar e ainda não voltamos até porque de toda a maioria, temos 5 que ainda restam, são idosos e disseram que enquanto a igreja estiver do jeito que está eles não vão. Olha só, o turismo era para trazer muito mais coisas boas do que tem, mas acontece que quando o presídio acabou o povo daqui ficou muito desgostoso e não se via sem o presídio, pois era o presídio que fazia muita coisa pela vila: manutenção, ajudava na escola, posto de saúde tudo era por conta deles né. O diretor do presídio que organizava todas essas coisas. Então muita gente ficou desgostosa e quem trabalhava no presídio tiveram realmente que ir embora para outros lugares, eles eram mandados. Aí foram vendendo, trocando o terreno e o turismo foi tomando conta sem uma direção, sem um norte né, foi crescendo assim e foi tomando um rumo meio desesperado. Tem muita coisa boa porque gera emprego, faz o lugar crescer. Tem esse fluxo muito bom de pessoas vindo conhecer a Ilha Grande porque é um lugar bonito é um lugar muito bom, mas é uma coisa assim que também como eu costumo dizer: antes do presídio nós tínhamos muito mais coisa do que hoje com o turismo não temos mais nada porque olha só, no tempo do presídio nós	**Unidade de Significado D – VII (Abraão - CT)** **1** A maioria dos idosos já faleceu, infelizmente. Muitos também mudaram de lugar, de cidade, muitos foram morar fora da Ilha Grande. De um grupo de 80, ele aumentou, foi para 150, 200 pessoas. Era muita gente! As pessoas iam sabendo do que ia acontecendo, iam escolhendo o seu lado, nós queremos ficar do lado de sempre, que sempre funcionou. O Pessoal foi mudando, outros foram falecendo, até que chegou o período da pandemia e nós tivemos de fato que parar de funcionar e ainda não voltamos até porque de toda a maioria, temos 5 que ainda restam, são idosos e disseram que enquanto a igreja estiver do jeito que está eles não vão. **(VII-1)** **2** O turismo era para trazer muito mais coisas boas do que tem, mas acontece que quando o presídio acabou o povo daqui ficou muito desgostoso e não se via sem o presídio, pois era o presídio que fazia muita coisa pela vila: manutenção, ajudava na escola, posto de saúde tudo era por conta deles né. O diretor do presídio que organizava todas essas coisas. Então muita gente ficou desgostosa e quem trabalhava no presídio tiveram realmente que ir embora para outros lugares, eles foram mandados. Aí foram vendendo, trocando o terreno e o turismo foi tomando conta sem uma direção, sem um norte né, foi crescendo assim e foi tomando um rumo meio desesperado. Tem muita coisa boa porque gera emprego, faz o lugar crescer. **(VII-2)** **3** Tem esse fluxo muito bom de pessoas vindo conhecer a Ilha Grande porque é um lugar bonito é um lugar muito bom, mas é uma coisa assim que também como eu costumo dizer: antes do presídio nós tínhamos muito mais coisa do que hoje com o turismo não temos mais nada porque olha só, no tempo do presídio nós tínhamos, vou dizer assim coisas do nosso dia a dia: nós tínhamos	**Discurso Articulado Sujeito 7 / S-7** S7 conta que com o passamento dos idosos e o fato de muitos terem se mudado da Ilha Grande, por conta de diversos motivos como desavenças com o novo padre ou mesmo pela pandemia, os que ficaram preferiram estar do lado de quem sempre funcionou. Os moradores da Vila do Abraão afirmam que enquanto a igreja estiver da forma como está, com intolerância, não voltam a fazer parte. O turismo poderia ter trazido coisas melhores, porém o povo da Ilha Grande, que sempre foi super dependente do presídio, ficou desgostoso quando ele acabou, pois ele além de ser provedor, cuidava da manutenção da Vila do Abraão, ajudava na escola, posto de saúde, tudo era por conta deles. Com o encerramento das atividades, quem trabalhava no presídio teve que ir embora. Outros foram vendendo casas, trocando o terreno e o turismo foi tomando conta e crescendo de forma desordenada. S7 reconhece que a atividade turística tem seu lado bom, pois gera emprego, faz o lugar crescer e se desenvolver. Embora tenhamos um bom fluxo de pessoas circulando pela ilha, antes no tempo do presídio, tínhamos muito mais coisa do que hoje com o turismo. No tempo do presídio, nós tínhamos cinema, dois clubes para fazer festas, cassino, duas farmácias, três açougues, correio, cartório e a energia elétrica era produzida aqui, na Ilha, em Dois Rios. Constata-se, segundo S7, que o turismo cresceu e nós não temos mais nada disso, pois atividades relevantes para a comunidade deixaram de existir. Nada disso existe mais, muito pelo contrário, só diminui. A Ilha Grande já teve agência bancária e, hoje, nem correio temos. A nova comunidade, que veio trabalhar com o turismo, não se interessa pelo

Quadro 5: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CISÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
tínhamos, vou dizer assim coisas do nosso dia a dia: nós tínhamos cinema, nós tínhamos 2 clubes para fazer festas, nós tínhamos cassino, nós tínhamos 2 farmácias, nós tínhamos 3 açougues, tínhamos correio, tínhamos cartório, nós tínhamos até a nossa energia era feita aqui, era por conta nossa. Existe uma usina aqui que é lá em Dois Rios. Então aí o turismo cresceu e nós não temos mais nada disso. Nada disso existe mais, muito pelo contrário, só diminui. Hoje em dia nem correio a gente tem. Ah, nós chegamos a ter banco aqui na Ilha Grande né, então fez-se um turismo, cresceu aí pra caramba desordenadamente também, mas perdeu-se muita coisa. Então o que que acontece, foi muita gente embora como eu já disse e essas pessoas que vieram novas para Ilha Grande para trabalhar com o turismo, elas não se interessaram por nada disso e pelo contrário elas acham que falar de presídio, falar dessas coisas todas repele o turista. Muito pelo contrário, a história tem que ser contada por quem viveu, por quem conheceu, então não custava nada você aprender um pouco aqui, um pouco ali, como eu fiz quando era criança. Muita coisa que eu falo hoje, às vezes eu falo de coisas que aconteceram há 80 anos atrás como se eu estivesse lá eu não estava lá, mas eu escutei muito bem uma pessoa que estava lá e contou para mim todos os detalhes. Então as pessoas não aproveitaram nada disso, muito pelo contrário quiseram criar coisas novas em cima da Ilha Grande. Nomes novos para poder achar que isso chama atenção. Então não se aproveita nada da Ilha Grande, do seu original, do seu histórico. Hoje em dia infelizmente não se lida mais com a memória da Ilha Grande.	cinema, nós tínhamos 2 clubes para fazer festas, nós tínhamos cassino, nós tínhamos 2 farmácias, nós tínhamos 3 açougues, tínhamos correio, tínhamos cartório, nós tínhamos até a nossa energia era feita aqui, era por conta nossa. Existe uma usina aqui que é lá em Dois Rios. Então aí o turismo cresceu e nós não temos mais nada disso. Nada disso existe mais, muito pelo contrário, só diminui. Hoje em dia nem correio a gente tem. Ah, nós chegamos a ter banco aqui na Ilha Grande né, então fez-se um turismo, cresceu aí pra caramba desordenadamente, mas perdeu-se muita coisa. **(VII-3)** **4** Muita gente foi embora como eu já disse e essas pessoas que vieram novas para Ilha Grande para trabalhar com o turismo, não se interessaram por nada disso e pelo contrário elas acham que falar de presídio, falar dessas coisas todas repele o turista. Muito pelo contrário, a história tem que ser contada por quem viveu, por quem conheceu, então não custava nada você aprender um pouco aqui, um pouco ali, como eu fiz quando era criança. Muita coisa que eu falo hoje, às vezes eu falo de coisas que aconteceram há 80 anos atrás como se eu estivesse lá eu não estava lá, mas eu escutei muito bem de uma pessoa que estava lá e contou para mim todos os detalhes. Então as pessoas não aproveitaram nada disso, muito pelo contrário quiseram criar coisas novas em cima da Ilha Grande. Nomes novos para poder achar que isso chama atenção. Então não se aproveita nada da Ilha Grande, do seu original, do seu histórico. **(VII- 4)** **5** Na atualidade infelizmente não se lida mais com a memória da Ilha Grande. **(VII-5)** **6** Para mim a igreja já acabou. Esse período assim, essa briga toda, essa guerra que eu fazia, isso acabou na hora que destruiu os altares da igreja, porque eu sou um estudioso católico. A minha vida inteira foi dedicada a	passado, história e muito menos pela memória da Ilha e muitos acham que falar de presídio é repelir o turista. De acordo com S7, muito pelo contrário, a história tem que ser contada por quem viveu, por quem conheceu. Considerando este aspecto, não custava nada, de acordo com S7, a nova comunidade aprender como ele fez quando era criança. Ele relata acontecimentos de 80 anos atrás, como se estivesse lá, revivendo a história. Na visão dele, as pessoas não aproveitaram nada disso, muito pelo contrário, querem criar coisas novas, em cima da Ilha Grande. Não sabem se fartar do que a Ilha Grande tem e, principalmente, do seu histórico. Não conseguem lidar e muito menos dar o crédito aos elementos culturais e memórias da Ilha. Para S7, a igreja acabou, a partir do momento que altares foram destruídos. A vida inteira de S7 foi dedicada a estudar o catolicismo. Ele ama tudo que está relacionado à religião e afirma que, a partir do momento que destruíram os altares da igreja, destruíram ali, de dentro daquele lugar, a presença de Deus, porque Deus se encontra no altar, no sacrário. Segundo ele, se você destrói o altar, destrói o sacrário para os católicos e atitudes como essa põe uma sociedade em ruínas, exatamente o que aconteceu no Abraão. A partir do momento que o altar foi destruído, uma leva de coisas ruins aconteceram, coisas que a gente nunca imaginou, aconteceram nesse lugar. A violência só aumentou, a descrença, a falta de respeito, a falta de amor só aumentou. O principal ponto de referência, que era o altar, foi destruído por qualquer coisa. S 7 afirma que os baianos que vêm morar em Abraão, para trabalhar, não o incomodam. Ele tem problema

Quadro 5: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CISÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
Falando bem a verdade, para mim a igreja já acabou. Esse período assim, essa briga toda, essa guerra que eu fazia, isso acabou na hora que destruiu os altares da igreja, porque eu sou um estudioso católico. A minha vida inteira é dedicada a estudar a minha religião. Eu só posso amar aquilo que eu conheço, então dentro da nossa religião, a partir do momento que se destrói os altares da igreja, de uma igreja, você destrói ali de dentro daquele lugar a presença de Deus, porque Deus se encontra no altar, no sacrário lá dentro. Então se você destrói o altar, destrói o sacrário para nós católicos, Deus não se encontra ali, porque quando se vai construir uma sociedade, já dizia o grande frei Damião de Bozano, a primeira pedra que se ergue é o altar de Deus. E se você destrói o altar de Deus, você quebra toda a sociedade. Você põe uma sociedade toda em ruínas, exatamente o que aconteceu aqui no Abraão. A partir do momento que esse altar foi destruído, uma leva de coisas ruins assim aconteceram, coisas que a gente nunca imaginou aconteceu nesse lugar. A violência só aumentou, a descrença, a falta de respeito, a falta de amor só aumentou, porque o principal ponto de referência que era o altar, foi destruído por qualquer coisa. Os baianos que vêm morar aqui não me incomodam - eu não tenho problema nenhum com quem vem de fora morar aqui. Eu tenho problema com quem é de fora, vem morar aqui e não tem amor por essa terra, não valoriza esse lugar. Muita gente vem pra cá, mora aqui, trabalha aqui, se faz aqui e não gosta daqui, fala mal daqui, cospe no prato que come e como é que a gente vai fazer isso?! Se eu for para Angra dos Reis, ou para São Paulo, Rio de Janeiro trabalhar e construir a minha vida em qualquer lugar que seja, eu tenho que agradecer por esses lugares, eu não posso: ah, isso aqui não presta, é um fim de mundo! Então o que está fazendo aqui? A porta da rua é serventia da casa, pode	estudar a minha religião. Eu só posso amar aquilo que eu conheço, então dentro da nossa religião, a partir do momento que se destruiu os altares da igreja, de uma igreja, você destrói ali de dentro daquele lugar a presença de Deus, porque Deus se encontra no altar, no sacrário lá dentro. Então se você destrói o altar, destrói o sacrário para nós católicos, Deus não se encontra ali, porque quando se vai construir uma sociedade, já dizia o grande frei Damião de Bozano, a primeira pedra que se ergue é o altar de Deus. E se você destrói o altar de Deus, você quebra toda a sociedade. Você põe uma sociedade toda em ruínas, exatamente o que aconteceu aqui no Abraão. A partir do momento que esse altar foi destruído, uma leva de coisas ruins assim aconteceram, coisas que a gente nunca imaginou aconteceu nesse lugar. A violência só aumentou, a descrença, a falta de respeito, a falta de amor só aumentou, porque o principal ponto de referência que era o altar, foi destruído por qualquer coisa. **(VII-6)** **7** Os baianos que vêm morar aqui não me incomodam - eu não tenho problema nenhum com quem vem de fora morar aqui. Tenho problemas com quem é de fora, vem morar aqui e não tem amor por essa terra, não valoriza esse lugar. Muita gente vem pra cá, mora aqui, trabalha aqui, se faz aqui e não gosta daqui, fala mal daqui, cospe no prato que come e como é que a gente vai fazer isso? Se eu for para Angra dos Reis, ou para São Paulo, Rio de Janeiro trabalhar e construir a minha vida em qualquer lugar que seja, eu tenho que agradecer por esses lugares, eu não posso: ah, isso aqui não presta, é um fim de mundo! Então o que está fazendo aqui? A porta da rua é serventia da casa, pode ir, não está fazendo falta nenhuma. A falta que faz aqui é gente que venha para cá fazer a diferença, acrescentar, dividir, a gente já tem o suficiente. **(VII-7)** **8** Nunca vou deixar de fazer o que acredito - isso nunca, nunca! Até porque me causa tristeza não fazer. Eu preciso	com quem é de fora, vem morar na ilha e não tem amor pela terra, não valoriza esse lugar. Comenta que muita gente vem pra Ilha, mora, trabalha, se faz na IG e não gosta do lugar, fala mal, ou seja, cospe no prato que comeu. S 7 super exaltado durante sua entrevista diz: Então o que está fazendo aqui? A porta da rua é serventia da casa, pode ir, não está fazendo falta nenhuma. A falta que faz aqui é de gente que venha para cá fazer a diferença, acrescentar, pra dividir, a gente já tem o suficiente. S7 sempre vai fazer o que acredita e não consegue se apartar das festividades da igreja. De forma revoltada, afirma que o turismo acabou com a festa das 3 bocas, porque as pessoas que trabalham com turismo se aproveitaram de uma festa, que era totalmente de graça, feita pelo povo daqui para poder ganhar dinheiro, vender pacote e o turista vinha. Segundo ele, a culpa não é do turista, o turista é um cego no tiroteio, mas quem é o dono, quem faz o negócio acontecer, vendia o que era de graça e o turista coitado, ia lá pegar comida de graça, inocente e acabou com a festa. S7 comenta que era tudo de graça, era tudo doado, tudo dado com a maior boa vontade e em grande quantidade. A comida que se fazia para 10 dias de festa. S7 se lembra das primeiras festas das 3 bocas e era uma coisa assim de outro mundo, era uma panela de quentão imensa, uma panela de cachorro- quente enorme, canjica e não era panela pequena, era panela grande e eram panelas que foram até usadas no presídio, que ficaram para trás, após o fechamento do presídio e as pessoas distribuíram, deram aos presos. S7 se lembra dos senhores da vila reunidos fazendo o quentão. Eles preparando quentão que se fazia durante o dia inteiro, eles conversando: essa panela

Quadro 5: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CISÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
ir, não está fazendo falta nenhuma. A falta que faz aqui é gente que venha para cá fazer a diferença, acrescentar, dividir, a gente já tem o suficiente. Nunca vou deixar de fazer o que acredito - isso nunca, nunca! Até porque me causa tristeza não fazer. Eu preciso fazer, é uma coisa que eu não me vejo sem fazer, por exemplo, vai chegar agora janeiro, Festa de São Sebastião padroeiro da Vila do Abraão. Eu nasci e cresci vendo essa festa acontecer. Eu consigo ficar sem fazer? não consigo! Eu vou ter que fazer alguma coisa. O turismo acabou com a festa das 3 bocas, porque eles se aproveitaram de uma festa que era totalmente de graça, feita pelo povo daqui para poder ganhar dinheiro, vender pacote e o turista vinha. A culpa não é do turista, o turista é um cego no tiroteio, mas quem é o dono, quem faz o negócio acontecer, vendia o que era de graça e o turista coitado, ia lá pegar comida de graça, inocente e acabou a festa. Era tudo dado de graça, era tudo doado, tudo dado assim a balde. Comida que se fazia para 10 dias de festa. Eu lembro das primeiras festas das 3 bocas e era uma coisa assim de outro mundo, era uma panela de quentão imensa, uma panela de cachorro-quente enorme, canjica e não era panela pequena, era panela grande e eram panelas que foram até usadas no presídio, que ficaram assim pra trás e as pessoas distribuíram, deram aos presos que trabalhavam bem né, que era chamado preso de boa conduta. Material que eram deles assim, que eles compraram com meio deles, eles deram para o pessoal da Vila sabe, para as senhoras que ajudavam eles também que onde eles trabalhavam até nas casas e eles deixaram muito essas coisas para trás. Então eu lembro de senhores assim reunidos fazendo o quentão, eu lembro disso. Eles fazendo, preparando quentão que se fazia	fazer, é uma coisa que eu não me vejo sem fazer, por exemplo, vai chegar agora janeiro, Festa de São Sebastião padroeiro da Vila do Abraão. Eu nasci e cresci vendo essa festa acontecer. Eu consigo ficar sem fazer? não consigo! Eu vou ter que fazer alguma coisa. **(VII-8)** **9** O turismo acabou com a festa das 3 bocas, porque eles se aproveitaram de uma festa que era totalmente de graça, feita pelo povo daqui para poder ganhar dinheiro, vender pacote e o turista vinha. A culpa não é do turista, o turista é um cego no tiroteio, mas quem é o dono, quem faz o negócio acontecer, vendia o que era de graça e o turista coitado, ia lá pegar comida de graça, inocente e acabou a festa. Era tudo dado de graça, era tudo doado, tudo dado assim a balde. Comida que se fazia para 10 dias de festa. Eu lembro das primeiras festas das 3 bocas e era uma coisa assim de outro mundo, era uma panela de quentão imensa, uma panela de cachorro-quente enorme, canjica e não era panela pequena, era panela grande e eram panelas que foram até usadas no presídio, que ficaram assim pra trás e as pessoas distribuíram, deram aos presos que trabalhavam bem né, que era chamado preso de boa conduta. **(VII-9)** **10** Material que era deles assim, que eles compraram com meio deles, eles deram para o pessoal da Vila sabe, para as senhoras que ajudavam eles também que onde eles trabalhavam até nas casas e eles deixaram muito essas coisas para trás. Então eu lembro de senhores assim reunidos fazendo o quentão, eu lembro disso. Eles preparando quentão que se fazia durante o dia inteiro, eles conversando: essa panela aqui foi o fulano lá do presídio que deu. Você lembra que ele fugiu uma vez e quem pegou ele foi o fulano e ali já se contava histórias em torno daquela panela ali, coisa nossa. **(VII-10)** **11** Já dizia Noel Rosa: coisa nossa, muito nossa. Então é muita história. Eu mesmo tenho guardado lá em casa o	aqui foi o fulano lá do presídio que deu. Você lembra que ele fugiu uma vez e quem pegou ele foi o fulano e ali já se contava histórias em torno daquela panela. S7 conta que tem talheres do presídio, que ganhou do bisavô. Comenta ainda que quem conheceu Dois Rios e vê hoje, se depara com um filme de terror. O local segundo S7 era lindo, incrível mesmo, parecia um lugar de cenário de filme, de tão bonito. Outro dia levou seu amigo, um ex-policial, que por lá trabalhou e ficou 30 anos sem visitar o lugar. Afirmou que seu amigo chorou e comentou que não tinha mais nada do lugar em que ele trabalhou. Infelizmente, quem se responsabilizou por ficar cuidando, não conseguiu manter a ordem e ainda ficam tentando expulsar o povo, que mora lá desde o tempo do presídio.

Quadro 5: Fenômeno situado / Entrevistas — **Categoria de análise:** DRAMA SOCIAL / CISÃO (TURNER, 1996)

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
durante o dia inteiro, eles conversando: essa panela aqui foi o fulano lá do presídio que deu. Você lembra que ele fugiu uma vez e quem pegou ele foi o fulano e ali já se contava histórias em torno daquela panela ali, coisa nossa. Já dizia Noel Rosa: coisa nossa, muito nossa. Então é muita história. Eu mesmo tenho guardado lá em casa o que o meu bisavô me deu, alguns talheres e eram usados no presídio, que ficou que eles distribuíram. Quem viu aquela colônia a gente chama de colônia né, quem viu aquela colônia e vê hoje, pelo amor de Deus aquilo é um filme de terror! Um lugar daquele que era lindo, era incrível aquele lugar, parecia um lugar de cenário de filme de tão bonito que aquilo era. Vai lá hoje! Eu mesmo fui com um amigo meu que foi policial no presídio lá, fazia não sei quantos anos que ele não ia, mais de 20 e poucos anos quase 30 anos quando ele deixou de trabalhar ele voltou lá comigo, ele chorou. Falou: eu não estou no lugar onde eu trabalhei, isso aqui não é Dois Rios, isso aqui é outro lugar. Porque está acabado, o lugar está acabado. Como é que você fala que você pega para cuidar assim desse jeito. Isso aí qualquer um faz. Ficam tentando expulsar o povo de lá de Dois Rios. agora eu digo: pra quê? o que se ganha com isso?	que o meu bisavô me deu, alguns talheres e eram usados no presídio, que ficou que eles distribuíram**. (VII-11)** **12** Quem viu aquela colônia e vê hoje, pelo amor de Deus aquilo é um filme de terror! Um lugar daquele que era lindo, era incrível aquele lugar, parecia um lugar de cenário de filme de tão bonito que aquilo era. Vai lá hoje! Eu mesmo fui com um amigo meu que foi policial no presídio lá, fazia não sei quantos anos que ele não ia, mais de 20 e poucos anos, quase 30 anos quando ele deixou de trabalhar ele voltou lá comigo, ele chorou. Falou: eu não estou no lugar onde eu trabalhei, isso aqui não é Dois Rios, isso aqui é outro lugar. Porque está acabado, o lugar está acabado. Como é que você fala que você pega para cuidar assim desse jeito? Isso aí qualquer um faz. **(VII-12)** **13** Ficam tentando expulsar o povo de lá de Dois Rios. agora eu digo: pra quê? o que se ganha com isso? **(VII-13)**	
Discurso - VIII **NCVA:** E isso que agora já tem uns grupinhos lá querendo ser católicos, já tem um barzinho que vende cachaça lá no final da praia. Tem. Mas ali, a questão de uns seis ou sete anos atrás, tinha uma moça que escrevia lá de Proveta, que era do Tribunal de Contas, que podia ceder para Proveta para apoio social. Então, ela escrevia três páginas no jornal todo mês. E	**Unidade de Significado D - VIII (Abraão - NC)** **1** É isso que agora já tem uns grupinhos lá querendo ser católicos (refere-se a Provetá), já tem um barzinho que vende cachaça lá no final da praia (refere-se a Provetá). Tem. Mas ali, a questão de uns seis ou sete anos atrás, tinha uma moça que escrevia lá de Proveta, que era do Tribunal de Contas, que foi cedida a Proveta para apoio social. Então, ela escrevia três páginas no jornal todo	**Discurso Articulado Sujeito 8 / S-8** S 8 fala da crise em Provetá, por conta de drogas que entram em Provetá, por meio da escola. Outro ponto é que tem pessoas querendo ser católicas, na comunidade evangélica tradicional, tem até um barzinho, que vende cachaça, lá no final da praia. Acrescenta que teve uma colaboradora do jornal, que vivia ali e por isso está bem informado sobre as crises

Discursos	Unidade de Significado	Discursos Articulados
escreveu isso durante o ano. Uma pessoa muito interessante. Então, através dela, fiquei sabendo também o seguinte. Começou a entrar a droga nessa época. E aí entrou através da escola. Coisa louca isso, através da escola. Porque na escola, basta ter um professor pelo lado errado, depois estraga toda a parte da escola, entendeu? O jornal o ECO ainda vive como o pequeno jornal, os outros jornais morreram quase todos depois do advento da internet. Os pequenos jornais morreram. O Eco pretende encerrar suas atividades em breve. A minha melhor contribuição para a comunidade é o jornal onde todos podem participar. Eu tive que sair um pouco porque não podia ser a mesma pessoa à frente das coisas. Outros tem que entrar para substituir. Tem muita gente contra o Adriano da capoeira por exemplo e é por inveja. Eu estou com 84 anos, eu vim para não me envolver mais, eu fiz muito. A população de forma geral eu sinto que me quer bem. Eu deixei um legado por meio do jornal. Preservar a natureza, respeitar a vida e garantir o espaço das gerações futuras. Esta frase do meu pai resume tudo o que fiz por aqui.	mês. E escreveu durante o ano. Uma pessoa muito interessante. Então, através dela, fiquei sabendo também o seguinte. Começou a entrar a droga nessa época. E aí entrou através da escola. Coisa louca isso, através da escola. Porque na escola, basta ter um professor pelo lado errado, depois estraga toda a parte da escola, entendeu? **(VIII-1)** **2** O jornal o ECO ainda vive como o pequeno jornal, os outros jornais morreram quase todos depois do advento da internet. O Eco pretende encerrar suas atividades em breve. **(VIII-2)** **3** A minha melhor contribuição para a comunidade é o jornal onde todos podem participar. Eu tive que sair um pouco porque não podia ser a mesma pessoa à frente das coisas. Outros tem que entrar para substituir. Tem muita gente contra o Adriano da capoeira por exemplo e é por inveja. Eu estou com 84 anos, eu não quero me envolver mais, eu fiz muito. A população de forma geral eu sinto que me quer bem. Eu deixei um legado por meio do jornal. Preservar a natureza, respeitar a vida e garantir o espaço das gerações futuras. Esta frase do meu pai resume tudo o que fiz por aqui. **(VIII-3)**	desta praia. S 8 comenta que o jornal o ECO ainda vive, como um pequeno jornal e que os outros jornais morreram quase todos depois do advento da internet e que o jornal o Eco pretende encerrar suas atividades em breve. S8 afirma que a sua melhor contribuição para a comunidade da Ilha Grande foi o jornal, onde todos puderam, podem e devem participar. Argumenta, ainda, que teve que sair um pouco das discussões e militâncias, em prol da preservação da Ilha Grande, porque não podia mais ser a mesma pessoa à frente das coisas. Segundo S8, outros tem que entrar para substituí-lo. Afirma já ter feito muito, estar cansado e sem vontade de se envolver mais, já que alcançou seus 84 anos. A população respeita e quer muito bem a S8. Ele deixa um legado por meio do jornal. E como disse em sua entrevista, Seu lema é Preservar a natureza, respeitar a vida e garantir o espaço das gerações futuras. Frase esta que aprendeu com seu pai.